



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SUE ELLEN LORENTI HIGA

**FAMÍLIAS QUE PARTICIPAM DE BIBLIOTECA.
A MEDIAÇÃO AFETIVA NA CONSTITUIÇÃO DO
SUJEITO LEITOR.**

**CAMPINAS
2015**

SUE ELLEN LORENTI HIGA

**“FAMÍLIAS QUE PARTICIPAM DE BIBLIOTECA.
A MEDIAÇÃO AFETIVA NA CONSTITUIÇÃO DO
SUJEITO LEITOR”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

Orientador: Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA SUE ELLEN LORENTI HIGAO, E ORIENTADA PELO PROFESSOR DR. SÉRGIO ANTÔNIO DA SILVA LEITE.

**CAMPINAS
2015**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

H533f Higa, Sue Ellen Lorenti, 1985-
Famílias que participam de biblioteca. A mediação afetiva na constituição do sujeito leitor / Sue Ellen Lorenti Higa. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Sérgio Antônio da Silva Leite.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Leitura. 2. Família. 3. Mediação. 4. Afetividade. 5. Bibliotecas. I. Leite, Sérgio Antônio da Silva, 1946-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Families engaged in library. Affective mediation in the upbringing of reader individual

Palavras-chave em inglês:

Reading

Family

Mediation

Affectivity

Libraries

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Sérgio Antônio da Silva Leite [Orientador]

Elvira Cristina Martins Tassoni

Heloísa Andreia de Matos Lins

Cláudia Nascimento Ometto

Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Data de defesa: 03-12-2015

Programa de Pós-Graduação: Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**FAMÍLIAS QUE PARTICIPAM DE BIBLIOTECA.
A MEDIAÇÃO AFETIVA NA CONSTITUIÇÃO DO
SUJEITO LEITOR.**

AUTORA: SUE ELLEN LORENTI HIGA

ORIENTADOR: PROF. DR. SÉRGIO ANTÔNIO DA SILVA LEITE

COMISSÃO JULGADORA:

Elvira Cristina Martins Tassoni

Heloísa Andreia de Matos Lins

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

2015

Dedico este trabalho

À minha mãe, por ter realizado as leituras afetivas que marcaram minha infância, introduzindo-me com alegria no universo da leitura. Pela parceria, pelo incentivo, pela generosidade e pelo imenso amor...

Ao meu pai, por sempre lutar e me fazer acreditar na importância da educação. Pela dedicação, pelo exemplo de determinação e por ter possibilitado condições para que chegasse até aqui...

Agradecimentos

Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade
(Raul Seixas, Prelúdio)

Ao professor doutor Sérgio Antônio da Silva Leite, meu orientador, que, atuando como excelente mediador, sempre foi um exemplo de pesquisador comprometido e dedicado, inspirando-me. Agradeço pelo acolhimento, pelas leituras atentas, pelas intervenções necessárias e pelo carinho.

À professora doutora Elvira Cristina Tassoni pela participação no Exame de Qualificação e Defesa. Grata por tornar estes momentos especiais. Grata pelas leituras cuidadosas, pelas contribuições teóricas, pelo incentivo, pela inspiração, pelo carinho e gentileza.

À professora doutora Heloísa Andreia de Matos Lins pelas aulas maravilhosas, pelas trocas, pela mediação afetiva e contribuições apresentadas na defesa. Grata pelas palavras sempre generosas e por fazer parte deste momento de grande alegria.

À professora doutora Lilian Martin Lopes da Silva, pelo acolhimento no grupo ALLE, pela leitura atenta, pelo carinho e pelas valiosas contribuições apresentadas no Exame de Qualificação, bem como nas aulas e outros momentos em que pudemos dialogar.

Às professoras doutoras Cláudia Nascimento Ometto, Ilsa do Carmo Vieira Goulart e Norma Sandra de Almeida Ferreira, pela leitura deste trabalho e pela disponibilidade.

Aos funcionários da Biblioteca Nelson Foot, por respeitarem o meu trabalho, acolhendo-me com generosidade. Agradeço o empenho de todos que se disponibilizaram a contribuir com a pesquisa, em várias situações e em diversas etapas.

Aos sujeitos participantes da pesquisa, que me receberam com disponibilidade, dedicando boa parte de seu tempo e atenção, enquanto estavam na biblioteca, para partilharem comigo suas histórias e suas práticas.

Aos Funcionários da Biblioteca da Faculdade de Educação e da Secretaria de Pós-Graduação, pelo atendimento sempre cordial e solícito.

A todos os docentes e discentes do grupo ALLE, pela amizade, pelo diálogo e mediações imprescindíveis.

Às minhas queridas amigas, pela escuta, risadas, alegrias compartilhadas, pelos diálogos e auxílio em todos os momentos.

À minha família, pelo amor, apoio, incentivo e pela valorização do meu trabalho. Grata por sonhar comigo e sempre desejar o meu sucesso.

Ao meu marido Rafael, por tantos anos de companheirismo, respeito e amor. Grata pelo suporte técnico, pela paciência nas fases mais difíceis e pelo amor de sempre.

Aos meus afilhados que me inspiram e ao meu sobrinho Eduardo que acaba de chegar ao mundo para nos trazer tantas alegrias. Quero ler muitas outras histórias para vocês e com vocês! Quero sempre ouvi-los também...

*Na vida de cada leitor existiu, quando criança, um adulto que o
introduziu no mundo dos livros.
(Marisa Lajolo)*

RESUMO

A presente pesquisa nasce do diálogo com outros estudos já realizados pelo Grupo do Afeto, com o desejo de ampliar o debate sobre aspectos relevantes em relação à constituição do leitor. Ao longo de dois anos, acompanhou-se um grupo de famílias que frequentam, com entusiasmo, uma biblioteca pública municipal do interior do Estado de São Paulo, identificando as práticas destes sujeitos, descrevendo e analisando a mediação dos adultos no processo de aproximação da criança com a leitura. Buscou-se compreender como as referidas famílias envolveram-se com a leitura e as ações que desenvolvem com a intenção de criar vínculos afetivos positivos entre a criança e os livros. Da mesma forma objetivou-se descrever e analisar a importância desta biblioteca para os sujeitos pesquisados, supondo que, para os entrevistados, a instituição representa muito mais do que um local para empréstimo de livros. Visando a tais objetivos, a pesquisa adotou a metodologia qualitativa. Para construção dos dados, foram realizadas observações das práticas das famílias na biblioteca, bem como entrevistas semi-estruturadas. Após a seleção dos sujeitos participantes, utilizou-se o procedimento de entrevistas recorrentes para 10 entrevistados. A pesquisa está, teoricamente, embasada na abordagem da psicologia histórico-cultural, apoiando-se em Vygotsky e Wallon, que compreendem o desenvolvimento humano em uma perspectiva monista, além de autores como Certeau, Chartier, Bakhtin, que fornecem subsídios teóricos em relação às concepções de leitura. Os resultados da pesquisa indicam que a constituição do leitor é um processo complexo, multifacetado, atravessado por muitos acontecimentos, mediado por inúmeras experiências de leitura, marcado pelas trajetórias de vida dos sujeitos e por seus impactos subjetivos. Deste modo, a mediação dos pais e funcionários da biblioteca, o livre acesso aos livros, as leituras frequentes e a participação constante na biblioteca contribuem para aproximação afetiva das crianças com a leitura.

Palavras-Chave: leitura; família; mediação; afetividade; biblioteca.

ABSTRACT

The present research arises from the dialogue with other studies already carried out by the Group of Affection, with the desire to broaden the debate on important issues related to the process of becoming a reader. Over two years, we accompanied a group of families who attend, with enthusiasm, a municipal public library in the State of São Paulo, identifying the practices of these people, describing and analyzing the mediation of adults in the process of approximation of the child with reading. We sought to understand how these families were involved with reading and the actions they develop in order to create positive emotional bonds between the child and the books. We sought to describe and analyze the importance of this library to the subjects surveyed, assuming that, for the respondents, the institution represents much more than a place to borrow books. Aimed at these goals, the research went for the qualitative methodology. For the construction of data, it was observed the practices of the families in the library and semi-structured interviews were accomplished. After the selection of the participants, 10 respondents were submitted to the procedure of repeating interviews. The research is, theoretically, based on cultural-historical psychology approach, drawing on Vygotsky and Wallon, who understand human development in a monist perspective, plus authors like Certeau, Chartier, Bakhtin, that provide subsidies in relation to theoretical reading conceptions. The analysis results indicate that becoming a reader is a complex, multi-faceted process, crossed by many events, mediated by countless reading experiences, marked by the life history of the subject and its subjective impact. In this way, the mediation of parents and the library staff, the free access to books, the frequent reading and continuous participation in the library contribute to an affective approximation of children to books.

Keywords: reading; family; mediation; affectivity; library

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A LEITURA	18
2. A CONSTITUIÇÃO DO LEITOR	27
2.1 A constituição humana na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky	27
2.2 A afetividade e as contribuições de Vygotsky	32
2.3 A afetividade e as contribuições de Wallon	39
2.4 A constituição do sujeito leitor e a mediação afetiva	44
3. A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA COMO MEDIADORA NA CONSTITUIÇÃO DO LEITOR	54
4. MÉTODO	64
4.1 A pesquisa qualitativa – Fundamentação teórica	64
4.2 O <i>locus</i> da pesquisa: a biblioteca pública municipal prof. Nelson Foot	67
4.3 A seleção dos sujeitos	101
4.3.1 Sujeitos que se declaram leitores de livros	104
4.3.2 Sujeitos que não se consideram leitores de livros	108
4.4 Procedimentos de Construção e de Análise de Dados	110
4.4.1 Observação com registro em diário de campo	110
4.4.2 Entrevistas	115
5. RESULTADOS	120
Núcleo 1 - Práticas para incentivo à leitura	121
Núcleo 2 – Histórias de como os adultos se tornaram leitores e mediadores de leitura	139
Núcleo 3 - Histórias de adultos que se tornaram mediadores de leitura para as crianças, apesar de assumirem o distanciamento com os livros.	146
Núcleo 4 - Importância da biblioteca para as famílias	154
6. DISCUSSÃO	174
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	206

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	211
9. ANEXOS _____	225
Anexo I- Questões norteadoras para entrevista _____	225
AnexoII- Termo de Autorização Institucional _____	226
Anexo III- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido _____	227
Anexo IV- Modelo de Folder Mensal Impresso _____	229
Anexo V- Eventos realizados no ano de 2014 (Extraído do site da biblioteca) _____	231
Anexo VI – Amostra de artigos extraídos da Hemeroteca _____	236
Anexo VII- Núcleos e subnúcleos _____	249
Núcleo 1- Práticas para incentivo à leitura _____	249
Núcleo 2- Histórias de como os adultos se tornaram leitores e mediadores de leitura _	271
Núcleo 3- Histórias de adultos que se tornaram mediadores de leitura para as crianças, apesar de assumirem o distanciamento com os livros. _____	285
Núcleo 4- Importância da biblioteca para as famílias _____	291

INTRODUÇÃO

Diversas pesquisas envolvendo a temática da leitura vêm sendo realizadas no país, abrangendo muitas facetas deste processo: a leitura imbricada no processo de alfabetização, as propostas didáticas de leitura, as preferências de leitura dos sujeitos, os suportes textuais e os seus diversos modos de ler, as trajetórias de leituras dos leitores, o processo de constituição dos leitores, entre outras múltiplas questões. Os estudos que abordam o tema são inúmeros e cada vez mais crescentes, visto à sua relevância em uma sociedade grafocêntrica como a nossa, cujo domínio da leitura e escrita é fundamental.

Segundo Silva, Ferreira e Scorsi (2009),

Atualmente, entre nós, existe uma espécie de valorização generalizada da prática de ler. Uma convicção disseminada de que a leitura é uma prática importante, que deve ser buscada e cultivada por todos nós (p. 51).

Na mesma direção, Larrosa (2013), evidencia a tradição e valorização do escrito em nossa cultura:

(...) nossa cultura constituiu-se também privilegiando a leitura. Toda a tradição pedagógica humanística (aquela que se expressa nos conceitos de *Paideia*, *Humanitas*, *Bildung*) implica que a educação, no que tem de mais nobre, pode ser pensada como uma relação “formativa e humanizante” com **os livros canônicos que constituem o depósito espiritual de uma comunidade humana**: o conceito primário de uma cultura literária, humanística, implica que **o conhecimento do melhor que se escreveu e pensou amplia e depura os recursos do espírito humano**. (...) Todavia, a literatura é também, para os humanistas, moralmente ambígua. O que acontece é que essa ambiguidade não se resolvia mediante a expulsão do livro, mas sim que o problema era o da seleção dos (bons) textos e o da tutela pedagógica que garantisse a (boa) leitura. (...) De uma maneira sempre complexa, sempre ambivalente, **como se os livros tivessem o segredo da salvação e da condenação da alma** (Larrosa, 2013, p. 12, destaques da autora).

Observa-se que, de fato, ao longo de séculos, criou-se uma forte representação em torno dos livros e da leitura associada ao conhecimento, de modo que dominar a escrita e saber ler tornou-se condição essencial para o pleno exercício da cidadania. Vale ressaltar que, ao longo deste texto, o conceito de representação refere-se ao utilizado por Chartier (2002). Para este autor, em diferentes lugares e momentos, a realidade social é construída, pensada, dada a ler, de acordo com as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social. Estas representações do mundo social não são neutras e expressam os interesses dos grupos que as forjam. Segundo Chartier (2002),

As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas

práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras (p. 270).

Assim, o autor defende que em cada sociedade há um repertório de representações comuns, significadas pelos sujeitos. Por exemplo: atualmente, a representação que se tem sobre as práticas de leitura e sobre os leitores está associada ao conhecimento, ao crescimento pessoal nos seus diversos aspectos, de modo que, nas diversas instâncias da sociedade, ecoam vozes em defesa da leitura, do prazer de ler, do “hábito”, do gosto pela leitura...

Neste contexto, propagou-se a ideia da experiência da leitura como formadora e, segundo Larrosa (2013), a visão tradicional atribuiu à formação a capacidade de “dar forma e desenvolver um conjunto de disposições preexistentes” ou a “conformidade em relação a um modelo ideal do que é ‘ser humano’ que foi fixado e assegurado de antemão” (Larrosa, 2013, p. 12).

Ao repensar o conceito de formação em relação à leitura, ou “da leitura como experiência de formação e de transformação”, Larrosa (2013) rompe com o normativo e o prescritivo, e pressupõe que a formação é como um devir plural e criativo.

(...) creio que uma prática da leitura como acontecimento da pluralidade e da diferença, como aventura rumo ao desconhecido e como produção infinita de sentido poderia contribuir para esse pensamento sobre a formação. (...) Desse ponto de vista, a educação literária já não é nem conservação do passado, como queriam os tradicionalistas, nem fabricação do futuro, como queriam os progressistas, nem mesmo formação do humano no Homem, como queriam os velhos humanistas de todos os matizes. (...) Sua única virtude é a sua infinita capacidade para a interrupção, para o desvio, para a ‘desrealização’ do real e do dado (inclusive do real e do dado de alguém) e para a abertura ao desconhecido. A iniciação à leitura aparece assim, como o início de um movimento excêntrico, no qual o sujeito leitor abre-se à sua própria metamorfose (Larrosa, 2013, p. 12-13).

Portanto, para o autor, a experiência da leitura vai além do proposto pela visão tradicional, pois propicia a abertura, o rompimento, a mudança, a pluralidade... Nesta concepção, “Ler não é o instrumento ou o acesso à homogeneidade do saber, mas o movimento da pluralidade do aprender” (Larrosa, 2013, p. 144).

Deste modo, a leitura é vista como crucial para o homem, um ser social extremamente dependente da aprendizagem para o seu processo de desenvolvimento. Como “movimento da pluralidade do aprender”, a leitura deve ser concebida como algo além da decodificação do código escrito. Sobre isso, Paulo Freire (2001), há décadas, alertava-nos:

(...) uma compreensão crítica ao ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquele (Freire, 2001, p. 11).

Também para Silva (1987), a leitura envolve muito mais que o mecanismo de decodificar.

A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes. (...) O ato de ler, como tematizado neste trabalho, sempre envolve apreensão, apropriação e transformação de significados, a partir de um documento escrito. Leitura sem compreensão e sem recriação do significado é pseudoleitura, é um empreendimento meramente ôntico (Silva, 1987, p. 96).

Para ambos os autores citados, assim como outros tantos que com eles dialogam, a escrita e leitura são instrumentos políticos essenciais para conscientização ou politização dos brasileiros. Para Silva (2001)

Se concebermos o processo de leitura como um instrumento civilizatório de reflexão e compreensão da realidade e, por isso mesmo, de inserção do homem na história e no seu tempo através da análise crítica dos registros ou documentos veiculados pela escrita, as funções sociais da leitura estão amarradas ao processo de conscientização ou politização dos brasileiros e aos seus movimentos de luta por uma sociedade diferente da atual (Silva, 2001, p.17).

Entretanto, embora socialmente seja atribuída uma grande relevância ao ato de ler e exista uma representação que privilegia e valoriza o leitor, há ainda uma considerável parcela da população que reconhece e diz que lê pouco e que não tem afinidade com a leitura, preferindo outras formas de acessar o conhecimento e garantir o lazer. Nesta pesquisa, alguns dos entrevistados relataram que odeiam ler livros, outros relataram não gostar de ler jornal e uma das mães verbalizou que não gosta de ler sequer as bulas dos remédios que utiliza. Mas se a leitura é algo tão importante nesta sociedade, marcada pelos escritos, por que muitos daqueles que tiveram a possibilidade de apreender a tecnologia de escrever e ler, ainda afirmam, sem nenhum constrangimento, que pouco leem e até mesmo que detestam ler, ao passo que outros se formam leitores assíduos e comprometidos com a leitura?

Diante desta constatação, indaga-se: o que será determinante para esta diferença entre os sujeitos? O que determina a relação dos sujeitos com a leitura? Quais as trajetórias de leitura percorridas pelos leitores de sucesso? Pode-se mudar a qualidade da relação do sujeito com a leitura? Como? Quem são, de fato, estes mediadores que marcam as trajetórias de leitura dos sujeitos? O que fazem e como fazem para criar uma relação afetiva positiva entre os leitores e os livros?

O Grupo ALLE- Alfabetização, Leitura e Escrita- da Faculdade de Educação da UNICAMP, vêm se dedicando a pesquisar a leitura nas suas diferentes facetas. O grupo desenvolve importantes pesquisas sobre o “Estado da Arte”, investiga o pólo de produção e o

pólo de recepção do escrito, os locais de leituras (bibliotecas, locadoras de livros, gabinetes de leitura, espaços culturais), as trajetórias de leitura dos leitores, os mediadores de leitura, as práticas escolares e não escolares de leitura, as políticas públicas voltadas à promoção da leitura, as memórias da ALB (Ferreira, 1994; Silva, 1994; Klebis, 2006; Platzer, 2009; Takamatsu, 2011; Tozzi, 2011; Rocheti, 2012; Aliaga, 2013; Goulart, 2014 entre outros).

Dentro do ALLE, desde o final de década de 90, Leite (2006) vem coordenando um grupo de pesquisadores que focaliza a afetividade nas práticas pedagógicas. Este subgrupo, denominado carinhosamente como “Grupo do Afeto”, vem desenvolvendo pesquisas sobre os impactos da mediação afetiva nas práticas de ensino (Tassoni, 2000; Tagliaferro, 2003; Colombo, 2007; Tassoni, 2008; Guimarães, 2008; Amaral, 2012; Rolindo, 2013), sobre a importância da afetividade na educação de jovens e adultos (Barros, 2011; Gazoli, 2013) bem como sua importância no processo de avaliação do aluno (Kager, 2004). Além dessas e de outras pesquisas realizadas pelo grupo, o trabalho de Grotta (2000) inaugurou, no grupo, as pesquisas que visavam compreender os impactos da afetividade para a constituição do leitor. A partir de então, outras pesquisas buscaram entender a relação Mediação-Afeto-Leitura (Souza, 2005; Silva, 2005; Higa, 2007).

Entende-se que o processo de constituição do leitor é bastante complexo, sendo importante a ampliação das investigações na área, para melhor compreensão deste fenômeno. Contudo, os trabalhos do grupo convergem para a mesma direção quando defendem que a dimensão afetiva está presente e é um dos elementos cruciais para a aproximação do sujeito com a leitura.

Portanto, de acordo com Silva, Ferreira e Scorsi (2009),

(...) gostar mais ou menos de ler, ou simplesmente, recusar-se a fazê-lo, assim como preferir este ou aquele, são coisas que mudam no tempo, variam de pessoa para pessoa e que, ainda, não conhecemos suficientemente. Essas atitudes não são sempre previsíveis, dadas, ou inerentes a essa ou aquela faixa etária, ao gênero masculino ou feminino, ou a esta ou aquela série escolar. Por isso precisam ser percebidas sem angústia ou conflito (Silva, Ferreira e Scorsi, 2009, p. 51).

Neste sentido, as autoras salientam que, no desafio para formar leitores, apenas a disponibilidade de livros não garante o êxito do processo. Para elas:

Um dos desafios que vem sendo colocado nos cursos de formação continuada de professores, agentes de leitura etc., caminha no sentido de buscar inseri-los em experiências de compartilhamento de leituras, de entusiasmo por esta atividade de produção de significados para os textos, de diálogos entre os textos, evidenciando, enfim, que, na prática de ler, há também um componente afetivo e coletivo que não deve ser ignorado. (...) Há que se investir na mediação da leitura (Silva, Ferreira e Scorsi, 2009, p. 52).

Concordando com as autoras, que evidenciam a importância da escuta dos itinerários de vida e de leituras dos “leitores de carne e osso” (idem, p. 53), igualmente defende-se a presença do componente afetivo, bem como da relevância da qualidade da mediação da leitura como condição importante para a constituição do leitor.

Assim, a presente pesquisa nasce do diálogo com as pesquisas já realizadas pelo Grupo do Afeto e com o desejo de ampliar o debate sobre aspectos relevantes em relação à constituição do leitor. Em contato com contadoras de histórias, que pareciam realizar uma mediação afetivamente positiva entre as crianças e a leitura, a pesquisadora teve a oportunidade de conhecer a nova biblioteca do município de Jundiá. Encantada com a arquitetura da biblioteca, seus muitos espaços de interação livro/revistas/jornais-leitores-outros leitores, as atividades dinâmicas para promoção da leitura e a participação constante de algumas famílias na instituição, a pesquisadora interessou-se em investigar algumas das famílias que participam desta biblioteca.

Assim, ao olhar para um grupo de famílias que frequentam com entusiasmo uma biblioteca pública municipal, **a presente pesquisa buscou identificar as práticas destes sujeitos, descrevendo e analisando a mediação dos adultos no processo de aproximação das crianças com as práticas de leitura. Buscou-se compreender como as referidas famílias se envolveram com a leitura e as ações que desenvolvem com a intenção de criar vínculos afetivos positivos entre a criança e os livros. Tentou-se analisar, também, a importância desta biblioteca para os sujeitos pesquisados, supondo que, para os entrevistados, a instituição representa muito mais do que um local para empréstimo de livros.**

Visando tais objetivos, a pesquisa adotou a metodologia qualitativa. Para construção dos dados, foram realizadas observações das práticas das famílias na biblioteca, bem como entrevistas semi-estruturadas. Após a seleção dos sujeitos participantes, utilizou-se o procedimento de entrevistas recorrentes para 10 entrevistados.

No primeiro capítulo, “A Leitura”, apresenta-se brevemente a perspectiva teórica que embasa a concepção de leitura assumida nesta pesquisa e que dialoga com autores como Smolka, 1989; Chartier, 2002; Bakhtin, 2003; Certeau, 2009; Goulemot, 2009 e Larrosa, 2013. No segundo capítulo, que está subdividido em três subcapítulos, apresentam-se os fundamentos teóricos referentes à constituição do leitor. No primeiro subcapítulo, “A constituição humana na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky” situa-se brevemente o desenvolvimento humano a partir da perspectiva da psicologia histórico-cultural. Na sequência, debruça-se sobre a importância da afetividade neste processo, primeiro com as

contribuições de Vygotsky e, posteriormente, com o aporte teórico de Wallon. Finalmente, na última seção, refere-se às contribuições da afetividade para a constituição do leitor, apresentando algumas pesquisas já realizadas na área. No terceiro capítulo apresenta-se a importância da biblioteca como mediadora no processo de constituição do leitor.

O quarto capítulo refere-se ao método da pesquisa, inicialmente com a explicitação da fundamentação teórica da metodologia qualitativa. Na sequência, apresenta-se a biblioteca investigada, os critérios utilizados para seleção dos sujeitos, uma breve apresentação de alguns dos sujeitos da pesquisa e, finalmente, os procedimentos de construção e análise dos dados.

No quinto capítulo, expõem-se os resultados, organizados por Núcleos Temáticos e Subnúcleos. Cada núcleo, com seus respectivos subnúcleos, são descritos e a eles são incorporados trechos das entrevistas ou observações que visa permitir ao leitor compreender a realidade observada em toda sua diversidade e complexidade.

O sexto capítulo apresenta a discussão dos dados a partir da base teórica assumida, dialogando com os objetivos propostos pela pesquisa. Na sequência as considerações finais destacam os conhecimentos construídos a respeito da importância da mediação familiar, escolar e da biblioteca pública no processo de constituição do leitor.

1. A LEITURA

A gente lê porque sim, por ler. Embora leiamos para isto ou para aquilo outro, embora vivamos inventando motivos, utilidades ou obrigações, ler é sem por quê. Algum dia se começou, e depois se continua. Como a vida (...).
(Larrosa, 2003, p.79)

(...) um livro existe sem leitor? Ele pode existir como objeto, mas sem o leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual.
(Chartier, 1999, p. 154)

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica que se organiza em diversos âmbitos por meio da escrita: os documentos pessoais que atestam oficialmente nossa existência, as leis, as propagandas, as placas de trânsito, o cardápio do restaurante, o receituário médico, as embalagens de produtos do supermercado e os destinos de viagens expressos nos letreiros dos transportes públicos exemplificam, entre tantos outros, como os inúmeros setores de nossa vida cotidiana estão regidos pelo indispensável código escrito. Para Certeau (2009), apesar de a leitura ser apenas um aspecto parcial do consumo, ela é fundamental, visto que, nesta sociedade, o binômio produção-consumo poderia ser substituído pelo binômio escrita-leitura.

Assim, a escrita que fora criada para atender aos interesses de registro e contabilidade, tornou-se indispensável para o homem, desde o momento que transformou a palavra em pedra, criando-se assim uma “testemunha imortal” (Fischer, 2006). Desde então, utilizamos cada vez mais da tecnologia criada, de modo que seu domínio se faz necessário para comunicar, dialogar, organizar, registrar, difundir e impor, além de outras funções. Neste cenário, inevitavelmente a cultura letrada institui-se.

A adoção e uso de uma tecnologia, tal como a escrita, por um grande número de pessoas não é explicável apenas por forças institucionais ou materiais. As motivações específicas para aprender a ler ou escrever devem, em vez disto, ser vistas em termos da estrutura de significados que definia a cultura popular do século dezoito em diante. As pessoas não se alfabetizavam por esta ou aquela razão particular, mas por que se sentiam mais e mais tocadas em todas as áreas de suas vidas pelo poder da comunicação que apenas a palavra escrita torna possível. Havia, portanto, uma motivação para aprender a ler e escrever; estas habilidades permitiam que homens e mulheres funcionassem mais efetivamente em uma variedade de contextos sociais (Laqueur, 1967^a, p. 255, apud Cook-Gumperz, p. 36, 1991).

Portanto, o domínio da leitura e escrita foi se impondo como necessário para atuação do sujeito em diversos contextos sociais, pois a sociedade organizou-se tendo como um dos pilares a escrita e, conseqüentemente, a leitura. Segundo Smolka (1989),

O fato é que a linguagem escrita constitui, hoje, um aspecto de *habitus* (Bourdieu, 1982) da nossa sociedade, na medida em que integra, articula e produz um conjunto de práticas sociais, e de tal maneira que quem lê, lê até mesmo “sem querer” (Smolka, 1989, p. 25).

Isso demonstra que o domínio da leitura e da escrita não é mais uma opção e sim uma condição para o pleno exercício da cidadania com autonomia, visto que, no contexto atual, elas são ferramentas elementares para que o sujeito possa operar na sociedade de forma crítica e reflexiva. Segundo Zilberman (2009),

Compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca. (...) O fato revela o vínculo íntimo e umbilical que toda a ação de ler estabelece não somente com o mundo dos objetos, mas principalmente com a linguagem. Emergindo esta da interação entre o ser humano e a realidade, sua existência não pode ser compreendida sem o ato de leitura, uma vez que ele está no bojo de um tal intercâmbio. (...) Caracterizando a experiência fundamental da realidade, a leitura pode ser qualificada como a mediadora entre cada ser humano e seu presente (Zilberman, 2009, p. 30-33).

Na mesma direção, Silva (2012), compartilha sua visão:

Sincera e honestamente, acredito que o exercício da leitura da palavra tem muito a ver com a conscientização e elevação do homem brasileiro, em que pese a tradição oral da nossa sociedade e a forte influência, mais recente, de outras linguagens para a circulação da cultura. E dou o seguinte testemunho: os meus discernimentos históricos mais profundos, as direções mais críticas da minha práxis não surgiram somente daquilo que ouvi ou vi, mas principalmente daquilo que li (Silva, 2012, p. 18).

A leitura, portanto, figura em nossa sociedade como uma prática humana desejável, transformadora, reflexiva, criativa e mediadora e em diversos contextos e discursos ecoam inúmeras vozes em defesa de seu prestígio. Segundo Zilberman (2009), a “escrita e leitura alcançam um estatuto diferenciado, que as coloca acima das demais maneiras de interlocução entre os indivíduos e o meio social, representando seu domínio um dos instrumentos de distinção entre as pessoas, diferenciadas entre alfabetizadas ou não alfabetizadas, letradas ou iletradas, a partícula negativa recaindo sobre a privação das habilidades de ler e de escrever” (p. 23). Isto porque, atrelada à valorização da leitura, tornou-se dominante a ideologia de que a leitura é essencial para a emancipação intelectual do indivíduo e, diante da preponderância da linguagem escrita, o analfabeto e o não-leitor passaram a ser estigmatizados como “sujeitos menores”, exercendo-se muitas vezes sobre eles, uma ação de violência simbólica (Ratto, 2001).

Mas, se a importância da leitura e da escrita em nossa sociedade foi estabelecida com consenso e tornou-se prioridade nas instituições de ensino, por que razão muitos sujeitos que tiveram a oportunidade de aprender o código escrito, predominantemente por meio da instituição escolar, resistem à leitura e dizem “Não gosto de ler!”, ao passo que outros se

deliciam com esta prática? Afinal, o que acontece para que alguns sujeitos e não outros se constituam leitores? Somos mesmo um país de poucos leitores e de pouco interesse pelos livros e biblioteca, como apontam as pesquisas realizadas pelo instituto Pró-livro- Retratos de leitura no Brasil? Neste cenário de efervescência das questões sobre escrita e leitura surgem inúmeras concepções sobre o tema, abraçado por diversas áreas do conhecimento, tais como linguística, psicologia, educação e com elas diferentes paradigmas instituem-se.

Segundo Smolka (1998), nas décadas de 70 e 80 a teoria cognitivista teve uma grande preocupação com o “sujeito leitor” e, em contraposição e complementação às teorias anteriores, que restringiam a leitura às habilidades motoras e perceptivas, passaram a definir a leitura como “um processo ativo- de decodificação, de busca e extração de informações de um texto, reconstrução de sentido, de compreensão (...)” (p. 24). Deste modo, a leitura, que em alguns momentos foi compreendida como mera decodificação do código escrito, vai assumindo contornos diferentes dos iniciais que preconizavam a memorização, a recitação e a mera reprodução. Posteriormente, uma nova ênfase começou a ser dada para a leitura, sob a perspectiva do processo de interlocução; assim, a leitura passa a ser compreendida como uma prática humana e, como tal, assume-se que ela é criadora, produtora, inventiva, dialógica e datada (Certeau, 2009; Chartier, 2002; Bakhtin, 2003; Smolka, 1989; Fiorin, 2009), sendo esta a concepção de leitura assumida neste trabalho.

Segundo Smolka (1989), a leitura deve ser compreendida como *atividade* humana e como tal, é:

um processo dinâmico que integra às características sócio-interativas e individuais-cognitivas das condutas humanas, e que se configura nas/pelas diversas formas da interação social-material e mental. (...) Ou seja: a atividade humana só ocorre e tem sentido na concretude das relações interindividuais e cotidianas. (...) Falo da atividade da leitura como forma de linguagem, originária na dinâmica das interações humanas- portanto, de natureza dialógica- que, em processo de emergência e transformação no curso da História, marca os indivíduos (em termos cerebrais mas não genéticos) e configura as relações sociais. Falo da leitura não como um mero “hábito” adquirido mas como atividade inter e intrapsicológico, no sentido de que os processos e os efeitos desta atividade de linguagem transformam os indivíduos enquanto mediam a experiência humana. (...) Falo, portanto, da leitura como mediação, como memória e prática social (Smolka, 1989, p. 27 e 28).

Neste sentido, a leitura alcança uma dimensão ainda mais importante, pois é linguagem e, como tal, dialoga, media, transforma e constitui os sujeitos durante sua atividade. E, vale ressaltar que, assim como toda prática cultural, a leitura tem uma historicidade e passou por modificações ao longo do percurso histórico. Segundo Cavallo e Chartier (1998), “(...) a leitura não é uma invariante antropológica sem historicidade. Os homens e as mulheres do Ocidente não leram sempre do mesmo modo. Vários modelos

governaram suas práticas, várias “revoluções da leitura” modificaram seus gestos e seus hábitos” (p. 39). Assume-se, deste modo, que não é possível uma compreensão abstrata sobre o que é leitura, sendo, portanto, necessário o processo de imersão em dado contexto de modo a olhar para as materialidades dos textos e seus usos pelos leitores, para a compreensão das práticas de leitura. Para os autores acima citados,

É preciso observar, também, que a leitura é sempre uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos. Longe de uma abordagem fenomenológica que apaga as modalidades concretas da leitura, considerada como um invariante antropológico, é preciso identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores, as tradições de leitura, as maneiras de ler (...) A leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é uso do corpo, inscrição dentro de um espaço, relação consigo mesma ou com os outros (Cavallo e Chartier, 1998, p.6-8).

Destarte, ao olhar para as maneiras de ler, para as comunidades leitoras, para os sujeitos reais (datados e contextualizados), encontra-se na História que, a princípio, muitos escritos não tinham como destino principal os leitores e sua efetiva leitura, mas assumiam como prioridade a conservação e a memória. Posteriormente é que os materiais começam a ser produzidos para o uso, e suas leituras foram predominantemente oralizadas. Liam-se intensivamente poucas obras, decoravam-se muitas delas, que em sua grande maioria era religiosa. Segundo Cavallo e Chartier (1998), é no período helenista, sobretudo com Dionísio Trácio, que surgem manuais de retórica e tratados gramáticas com detalhados preceitos sobre a expressividade da voz no ato de ler, demonstrando a excessiva preocupação com a “interpretação vocal e gestual”, com o objetivo de expressar o gênero literário e a intenção do autor, da forma mais fiel possível. Deste movimento, instaura-se a preocupação dos antigos com a busca de uma metodologia hermenêutica, que fosse capaz de decifrar os indícios presente no texto, objetivando-se uma “leitura correta” (Cavallo e Chartier, p.16). Após os anos de 1750, uma nova maneira de ler se impõe largamente: a leitura silenciosa, individual, íntima, extensiva e laicizada (Chartier, 2011).

Certeau (2009), ao diferenciar a leitura oralizada da leitura silenciosa, defende que a leitura passou a ser “uma obra da vista. Ela não é mais acompanhada, como antigamente, pelo ruído de uma articulação vocal nem pelo movimento de uma mastigação muscular. Ler sem pronunciar em voz alta ou a meia-voz é uma experiência “moderna”, desconhecida durante milênios. Antigamente, o leitor interiorizava o texto: fazia da própria voz o corpo do outro, era o seu ator. Hoje o texto não impõe mais o seu ritmo ao assunto, não se manifesta mais pela voz do leitor. Esse recuo do corpo, condição de sua autonomia, é um distanciar-se do texto. É para o leitor o seu *habeas corpus*”. (p.247). Por isso que, para Cavallo e Chartier (1998), a leitura silenciosa representa uma revolução que precede a revolução do suporte textual.

Entretanto, apesar de a leitura silenciosa libertar o leitor em alguns aspectos, os impressos em si demonstram, com maior ou menor sutileza, o desejo de controlar o leitor.

No interior dos territórios assim propostos a seus percursos, os leitores se apoderam dos livros (ou dos outros objetos impressos), dão-lhes um sentido, envolvem-nos com suas expectativas. Essa apropriação não se faz sem regras nem sem limites. Algumas provêm das estratégias usadas pelo próprio texto, que deseja produzir efeitos, ditar uma postura, obrigar o leitor. As armadilhas que lhe são preparadas e nas quais ele deve cair, sem nem mesmo dar-se conta, estão na proporção da inventividade rebelde que sempre se supõe existir nele (Cavallo e Chartier, 1998, p.38).

Deste modo, é na tensão entre “disciplina” e “invenção” (Chartier, 2004), entre as “estratégias” e as “táticas” dos sujeitos, que a leitura se configura. Faz-se necessário, portanto, observar atentamente os textos escritos, as notas dos autores, as recomendações de leitura, os inventários e demais registros e, principalmente, olhar para as práticas concretas de leitura e as relatadas, para que se possa tecer o fenômeno da leitura. Com isso, nota-se que as diversas práticas vão se constituindo frente às transformações históricas e que também interferem nas concepções que se têm dos leitores, que no percurso histórico, foram alcançando diferentes status. Em determinados momentos, os leitores foram considerados como a partícula passiva, que simplesmente deveriam decodificar o escrito e as intenções do autor, pressupondo-se a possibilidade de uma leitura autorizada e correta. Entretanto, Chartier, Certeau, Goulemot e Bakhtin, entre outros, vão contrariar esta concepção do leitor passivo e da “leitura autorizada”.

Para Cavallo e Chartier (1998), há uma distinção crucial entre a escrita e a leitura, sendo a primeira marcada pelo caráter conservador e durável, ao passo que as leituras são plurais, efêmeras e inventivas. Deste modo, defendem que a leitura não está inscrita no texto e que esta apenas existe devido à significação do leitor. Chartier (2004), ao entender a leitura como prática cultural, dirá que

(...) essas práticas são criadoras de usos ou de representações que não são absolutamente redutíveis às vontades dos produtores de discursos e de normas. Portanto, o ato da leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto (...) (Chartier, 2004, p. 13).

Nesta direção, o autor garante ao leitor uma posição interativa, pois ele é produtor de sentidos e faz parte da tensa relação entre “disciplina” e “invenção”, o que possibilita usos plurais e apropriações singulares de um mesmo material (Chartier, 2004). Assim, ele alerta para a necessidade de reunir duas perspectivas que com frequência são isoladas: o estudo do modo como os textos e os suportes impressos organizam a leitura e a leitura efetiva dos

leitores, que são expressas nas confissões individuais ou reconstruídas das comunidades de leitores (Chartier, 1996).

Em consonância, para Certeau (2009), apesar de a leitura ser uma peregrinação por um sistema imposto, não deixa de ser criativa, visto que é uma “operação de caça furtiva”, pois este leitor utiliza-se de “táticas” e operações singulares em seu consumo, sendo, portanto inventivo e astucioso. Assim, o autor defende que

(...) os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los. A escritura acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido (Certeau, 2009, p. 245).

Neste sentido, embora escrita e leitura sejam operações diferentes e autores e leitores assumam papéis distintos, nenhum dos pólos pode ser qualificado como passivo, conformado, como se tentou um dia qualificar, atribuindo ao segundo uma função menor. Um está em função do outro, visto que “(...) o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente na relação à exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de astúcias entre duas espécies de “expectativa” combinadas: a que organiza um espaço legível (uma literalidade) e a que organiza uma *démarche* necessária para a *efetuação* da obra (uma leitura)” (Certeau, 2009, p. 242).

De forma semelhante, Goulemot (2009) defenderá que ler não é encontrar passivamente o sentido desejado pelo autor do texto, haja vista sua natureza polissêmica. Assim, o autor definirá que

Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural (...). Ler é, portanto, constituir e não reconstruir um sentido. A leitura é uma revelação pontual de uma *polissemia* do texto literário (Goulemot, 2009, p. 108).

O referido autor diz ainda que o sentido constitui-se para além do sentido das palavras do texto, misturando-se com a “biblioteca vivida” pelo indivíduo, de modo que, ao ler, o sujeito está no processo de “fazer-se ler e dar-se a ler” (p. 116), e a cada leitura modificar-se-á o que foi lido.

Também, para Larrosa (2013), a leitura não é simplesmente a apropriação do dito. Para o autor, ler é

(...) recolher-se na intimidade daquilo que dá o que dizer ao dito. E demorar-se nisso. Entrar num texto é morar e demorar-se no dito do dito. Por isso, ler é trazer o dito à proximidade do que fica por dizer, trazer o pensado à proximidade do que fica por pensar, trazer o respondido à proximidade do que fica por perguntar. O que dá dizer, ao texto, é algo que se diz de muitas maneiras. Por isso, o dito do texto reativa o dizer, os dizeres. Então, o recolher-se àquilo que dá o que dizer, ao texto, o encarregar-se disso, o responsabilizar-se por isso, é colocar-se nos caminhos que ele abre. Por isso, na lição, a ação de ler extravasa o texto e abre para o infinito. Por isso, reiterar a leitura é reitinerar o texto, encaminhá-lo e encaminhar-se com ele para o infinito dos caminhos que o texto abre. (...) Ler não é o instrumento ou o acesso à homogeneidade do saber, mas o movimento da pluralidade do aprender (Larrosa, 2013, p. 142-144)

Assim, o autor pressupõe que a leitura demanda a escuta do texto, a escuta de si mesmo e a escuta do silêncio dos outros com quem se encontra lendo, de modo que “A qualidade da sua leitura dependerá da qualidade dessas três escutas. Porque o professor empresta sua voz ao texto, e essa voz que ele empresta é também sua própria voz, e essa voz, agora definitivamente dupla, ressoa como uma voz comum nos silêncios que a devolvem ao mesmo tempo comunicada, multiplicada e transformada” (Larrosa, 2013, p. 141).

Nota-se que os autores acima citados convergem para a mesma tese: a de que o sentido não é algo pronto, dependente de decifração e de antemão dado ao leitor - ao contrário, é uma produção.

Esta também é uma das premissas da teoria bakhtiniana, que defende que um texto não existe em si mesmo. Ao tratar o texto como *enunciado* (Bakhtin, 2003, p. 308), o autor defenderá que por de trás de cada texto estará o sistema da linguagem e esse é, para o autor, resultante de um complexo físico-psíquico-fisiológico na esfera da relação social organizada (Bakhtin, 2004). Bakhtin defenderá que o social é vital para a linguagem, pois é na interação com o outro que ela se efetiva, entendendo-se que toda enunciação (unidade real e não convencional), está carregada de ecos e ressonâncias de outros enunciados e é direcionada a um auditório social específico que o aguarda em posição responsiva. Por isso, o autor define o enunciado como um elo na cadeia da comunicação discursiva inseparável dos elos precedentes e subsequentes. Defende então que:

A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). A palavra é um drama do qual participam três personagens (não é um dueto, mas um trio) (Bakhtin, 2003, p. 328).

Concomitantemente, entende-se que cada texto é único, singular, individual e dialógico, criado para um “outro”, a partir de diversos enunciados heterogêneos. “Até o discurso direto do autor é cheio de palavras conscientizadas dos outros” (idem, p. 321).

Bakhtin é enfático ao dizer que “a situação social mais imediata” e “o meio social mais amplo” são determinantes para a estrutura da enunciação (Bakhtin, 2004, p. 113), dado que sua compreensão dependerá do intercâmbio entre os sujeitos, pois o autor defenderá que as palavras em si não trazem significantes e significados imbricados. “A palavra quer ser ouvida, entendida, respondida e mais uma vez responder à resposta e assim *ad infinitum*” (Bakhtin, 2003, p. 334). Portanto, as palavras são móveis, vivas, carregadas de sentidos e valores ideológicos, de modo que uma mesma palavra, em diversificados contextos com diferentes auditórios sociais, pode modificar-se em maior ou menor grau, pois a língua só existe na situação discursiva e, por isso, a enunciação é a substância da língua e o sentido só é possível quando enraizado na vida cotidiana. Deste modo, não é a junção das palavras, a relação das formas que garante a compreensão, pois o sentido é constituído no contexto e na relação com o outro, sendo a linguagem dialógica. Por isso, o autor anuncia:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (Bakhtin, 2004, p. 95).

Nesta relação dialógica, com muitas vozes, ecos e ressonâncias, impera a polissemia. Brandão (2005) dirá que a leitura, concebida dentro da visão de linguagem polifônica, marcada pelo signo e não pelo sinal, se caracterizará como uma atividade de co-enunciação e de atribuição de sentido.

(...) fala e a escrita inserem-se enquanto práticas efetivas, num quadro comunicacional que privilegia a multiplicidade, a diversidade, a diferença, a alteridade ou, para usar os termos de Bakhtin, a polifonia, o dialogismo, a heteroglossia em que o um e o outro, isto é, falante/ouvinte, escritor/leitor se constituem enquanto sujeitos do discurso. (...) É o movimento da leitura, o trabalho de elaboração de sentidos feito pelo leitor que dá concretude ao texto. Em graus diferentes de complexidade, um texto é sempre lacunar, reticente. Apresenta “vazios” – implícitos, pressupostos, subentendidos que se constituem em espaços disponíveis para a entrada do outro, isto é, e em espaços disponíveis a serem preenchidos pelo leitor (Brandão, 2005, p. 286).

Assim, autores e leitores são todos interativos. Ao escrever, o autor considera o seu leitor e este, no ato da leitura, assume uma posição responsiva, colocando-se no diálogo com o outro: o elo está formado. Por isso, cada leitura é nova, porque a cada momento dialoga-se com outros sujeitos, outros conhecimentos, outros contextos. Portanto, Bakhtin defende que, apesar de um texto poder ser mecanicamente reproduzido, por exemplo, copiado, isso não ocorre durante a reprodução do texto pelo sujeito, pois “(a retomada dele, a repetição da leitura, uma nova execução, uma citação) é um acontecimento novo e singular na vida do texto, o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva. (...) O acontecimento da vida

do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve *na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos*” (Bakhtin, 2003, p. 311).

Diante de tudo, as reflexões de Klebis (2006), acerca do fenômeno da leitura, mostram-se pertinentes:

A leitura envolve, obviamente, processos cognitivos tais como entender, interpretar, inferir, relacionar, depreender; exige raciocínio lógico, contextualização, visão crítica. Todavia, a leitura tem também implicações subjetivas que escapam a tudo isso, e é, em parte, em virtude dessas implicações, que a leitura não pode ser entendida somente como uma técnica, o que nos levaria à idéia de métodos pré-fabricados através dos quais aprenderíamos as formas mais corretas e eficientes de se ler. Também não é possível entendermos a leitura apenas como um conjunto de habilidades que requerem treinamento específico para o desenvolvimento da competência de leitura. Tampouco podemos entender a leitura estritamente como um hábito a cultivar, o que conduziria ao entendimento da leitura enquanto um gesto meramente autômato, equivalente ao hábito de lavar as mãos antes das refeições, ou de barbear-se pela manhã. A leitura é um fenômeno complexo, cujo caráter múltiplo abrange, portanto, a técnica, a habilidade, o hábito, o gosto e difusos aspectos culturais, históricos, ergonômicos, cognitivos, objetivos, subjetivos, muitas vezes simultâneos e indistintos no gesto de ler (Klebis, 2006, p. 18).

Entende-se, portanto, que os sentidos atribuídos às leituras podem ser múltiplos, que a relação com o livro, com o material escrito é diversificada e resultante de uma série de fatores, não apenas intelectual ou econômico, como se buscou legitimar. Pautando-se por estes princípios, compreende-se que, para estudar a mediação da leitura no processo de constituição da criança leitora, faz-se necessário olhar para as práticas concretas de mediação, as práticas efetivas de leitura, nos ambientes reais de interlocução, tendo em vista os sujeitos “ordinários” (Certeau, 2009). Mas antes de conhecê-los, faz-se necessário expor a visão de constituição humana que orienta esta pesquisa, apresentada no próximo capítulo.

2. A CONSTITUIÇÃO DO LEITOR

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se "ler livros" geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida (...) Do mundo da leitura a leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de saber e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola.

(Marisa Lajolo)

A partir da perspectiva teórica adotada, acredita-se que o sujeito não nasce leitor, mas constitui-se enquanto tal ao longo de suas experiências de vida. Neste capítulo, será apresentado o embasamento teórico acerca do processo de constituição do leitor, assumido pela presente pesquisa. No primeiro subcapítulo pretende-se brevemente situar o desenvolvimento humano a partir da perspectiva da psicologia histórico-cultural de Vygotsky. Na sequência, debruça-se sobre a importância da afetividade neste processo, primeiro com as contribuições de Vygotsky e posteriormente com o aporte teórico de Wallon. Finalmente, a última seção refere-se às contribuições da afetividade para a constituição do leitor, apresentando algumas pesquisas já realizadas na área.

2.1 A constituição humana na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky

Ao apresentar Vygotsky no livro “Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem”, Luria concedeu ao autor o estatuto de gênio e a ele atribuiu uma série de elogios em relação ao seu modo de relacionar-se com o conhecimento e produzir ciência. De fato, Vygotsky foi um autor ímpar e responsável por contribuições que revolucionaram o modo de pensar o desenvolvimento humano. Um estudioso de Marx, Vygotsky defendia que as relações que o homem mantém com o mundo exterior eram de fundamental importância para a compreensão do seu comportamento consciente, mas que, no entanto, o homem não seria apenas um produto deste ambiente, sendo ele um agente ativo na criação do meio (Luria, 2006).

Com o objetivo de descobrir a origem das atividades psicológicas humanas- as funções superiores - Vygotsky notou que as teorias existentes na época não forneciam bases sólidas e necessárias, o que o levou a criar um novo modo de estudo. Segundo Luria (2006)

Vigotskii gostava de chamar este modo de estudo de psicologia “cultural”, “histórica” ou “instrumental”. Cada termo reflete um traço diferente da nova maneira de estudar a psicologia proposta por ele. Cada qual destaca fontes diferentes do mecanismo geral pelo qual a sociedade e a história social moldam a estrutura

daquelas formas de atividade que distinguem o homem dos animais (Luria, 2006, p. 26).

O aspecto cultural da teoria faz referência aos “meios socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza os tipos de tarefas que a criança em crescimento enfrenta” (Luria, 2006, p. 26). Para o autor, a cultura é um elemento crucial, pois é por meio dela que os sujeitos interagem, criam, imitam, aprendem e desenvolvem-se. Assim, o sócio-cultural nesta perspectiva é imprescindível, visto que, para Vygotsky (2007), “Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual (...) A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto quantitativo da psicologia animal para a psicologia humana” (p. 57-58). Portanto, para o autor, não há desenvolvimento sem cultura, sem internalização, sem a convivência com o outro.

A dimensão histórica está diretamente relacionada à cultural, pois o autor defende que a organização cultural dos homens, bem como os instrumentos por eles criados, tem uma historicidade que deve ser considerada.

Os instrumentos que o homem usa para dominar seu ambiente e seu próprio comportamento não surgiram plenamente desenvolvidos da cabeça de Deus. Foram inventados e aperfeiçoados ao longo da história social do homem (Luria, 2006, p. 26).

Neste sentido, sua teoria busca analisar a história dos indivíduos, da espécie, dos fenômenos, considerando que estão em constante processo de constituição, movimento e mudanças. Vygotsky (2007) diz: “Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético. (...) ‘é somente em movimento que um corpo mostra o que é’” (p. 68).

Finalmente, a faceta instrumental está relacionada ao fato de que, para Vygotsky, todas as funções psicológicas superiores são mediadas, diferentemente daquelas que são produtos de reflexos básicos do processo estímulo-resposta. A mediação, portanto, será um conceito importantíssimo, pois o autor assume que:

O uso de meios artificiais - a transição para a atividade mediada - muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica (Vygotsky, 2007, p. 56).

Ao assumir que todas as funções psicológicas superiores são mediadas, ele enfatiza a importância de duas espécies de mediadores essenciais para o desenvolvimento humano: o instrumento e o signo. Segundo Vygotsky (2007), o instrumento é aquele se interpõe entre o sujeito e o ambiente, orientado externamente, e que necessariamente provoca mudanças nos objetos. Diferentemente, o signo age como instrumento da atividade psicológica e “não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado *internamente*” (Vygotsky, 2007, p. 55).

Portanto, a capacidade de operar com instrumentos e signos, inerentes à espécie humana, é responsável por um salto qualitativo no desenvolvimento e Vygotsky atribui um estatuto privilegiado à linguagem, signo de excelência, sistema simbólico que se faz presente em todas as sociedades. O autor afirma que o pensamento e a palavra não estão conectados desde o princípio, mas que em determinado momento inicia-se uma conexão entre ambos e este processo evolui ao longo do desenvolvimento. Assim, defende que:

(...) o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem (Vygotsky, 2007, p. 11-12).

Deste modo, é nítida a mudança no desenvolvimento da criança após o aprendizado da fala. Com o desenvolvimento da linguagem, a criança aprende a controlar o ambiente, a planejar ações e a providenciar instrumentos auxiliares para realização de tarefas mais complexas, superando atitudes impulsivas. De acordo com Vygotsky, a aquisição da linguagem afeta também a percepção, as operações sensório-motoras, a atenção, a memória, entre outras funções. Neste sentido, a linguagem possibilita a ampliação da capacidade humana, extrapolando sua atuação para muito além da predisposição biológica. Com o advento da linguagem escrita, por exemplo, o homem pode escrever seus compromissos e lembretes em uma agenda e o uso desta linguagem modifica seu modo de operar no mundo, representando um salto qualitativo da memória “natural” para a memória mediada. Portanto, segundo Smolka (1988), “(...) a palavra transforma e redimensiona a ação humana” (p. 65). Assim, a palavra atinge uma importância vital na obra de Vygotsky, de modo que o autor defenderá que é por meio dela que o pensamento passa a existir, sendo crucial não apenas para o seu desenvolvimento, mas também para a evolução da consciência humana (Vygotsky, 2005).

Diante das bases acima expostas, de seu novo “modo de estudo de psicologia ‘cultural’, ‘histórica’ ou ‘instrumental’” (Luria, 2006), Vygotsky pressupõe que, para estudar

o comportamento e o funcionamento mental humano, faz-se necessário considerar quatro planos genéticos de desenvolvimento: o plano da filogênese, da ontogênese, da sociogênese e da microgênese (Oliveira e Rego, 2003). A filogênese refere-se à história da espécie humana, que define as possibilidades e limites do homem. Por exemplo, o homem, na sua história, foi caracterizado como um ser diferenciado dos demais por operar com instrumentos e signo de forma diferenciada. Caracteriza-se também como uma espécie que dispõe de plasticidade cerebral, podendo modificar seus comportamentos ao longo da vida.

O plano da ontogênese diz respeito ao processo de constituição do ser, fazendo referência ao desenvolvimento do indivíduo da espécie. Neste plano a interferência do ambiente já pode ser observada. Na sociogênese o destaque é para a história do meio cultural. Segundo Vygotsky (2007), não há como compreender um ser sem analisar a cultura na qual se insere. Finalmente, o plano microgenético será responsável por explicar os aspectos mais específicos de cada indivíduo, sendo marcado pela subjetividade.

Assim, segundo Oliveira e Rego (2003),

(...) o sujeito postulado pela psicologia histórico-cultural é produto do desenvolvimento de processos físicos e mentais, cognitivos e afetivos, internos (constituídos na história anterior do sujeito) e externos (referentes às situações sociais de desenvolvimento em que o sujeito está envolvido) Oliveira e Rego (2003, p. 19).

Isto posto, ao buscar compreender o desenvolvimento humano de modo integrado, considerando todas estas dimensões, Vygotsky reconhece a existência de uma matriz biológica, mas evidencia a importância da história, da cultura e da sociedade para a constituição do homem que não nasce psicologicamente determinado e pronto, mas constitui-se a partir de complexas relações sociais.

Podem-se distinguir, dentro de um processo geral de desenvolvimento, duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto à sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, e de origem sociocultural. *A história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento dessas duas linhas* (Vygotsky, 2007, p. 42).

Deste modo, ao nascer, o homem apresenta funções psicológicas mais elementares, sendo que suas relações com o mundo ocorrem de forma direta. Entretanto, por meio da inserção na cultura e das relações mediadas, os comportamentos superiores, conscientes e mais complexos, vão se tornando predominante sendo que este avanço qualitativo realiza-se em função da capacidade humana de aprender.

A aprendizagem é outro conceito fundamental de sua teoria. Vygotsky (2006) empenhou-se em estudar as teorias mais importantes de sua época, referentes à aprendizagem

e ao desenvolvimento, organizando-as em três categorias. A primeira delas pressupõe que aprendizagem e desenvolvimento são processos independentes. Para essas teorias, a aprendizagem é paralela e exterior ao desenvolvimento da criança, não o modificando em nada. Os estudos de Piaget caminham nessa direção, ao abordar o desenvolvimento do pensamento de forma independente do processo de aprendizagem. Neste caso, o desenvolvimento deve preceder a aprendizagem, que só ocorre após o processo de maturação.

A segunda categoria, elencada pelo autor russo, referem-se às teorias que consideram que aprendizagem é desenvolvimento, como se fossem simultâneos e sincronizados e idênticos, o que para ele também representa um erro. O terceiro grupo é aquele que tenta conciliar os extremos das primeiras categorias, ampliando o papel da aprendizagem no desenvolvimento da criança. Entretanto, Vygotsky opta por abandonar estas três abordagens para criar a sua teoria, defendendo que aprendizado e desenvolvimento são processos distintos, porém inter-relacionados, desde o nascimento do indivíduo e salienta que:

A aprendizagem não se limita a seguir o rastro do desenvolvimento ou a mover-se passo a passo junto com ele. Ela pode mover-se adiante do desenvolvimento, puxando-o para mais longe e provocando novas formações (Vygotsky, 1987, p. 198 apud Newman e Holzman, 2002, p.76).

Portanto, o autor defende que a aprendizagem traciona o desenvolvimento, sendo fundamental para o sujeito a capacidade humana de aprender e depreende a existência de dois níveis de desenvolvimentos distintos: o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O primeiro, considerado como Nível de Desenvolvimento Efetivo da criança (Vygotsky, 2006) ou Nível de Desenvolvimento Real (Vygotsky, 2007), revela as funções que as crianças já podem realizar sozinhas, sendo que os testes aplicados em crianças para verificação da idade mental só conseguem avaliar este nível de desenvolvimento. O segundo nível, que denominou de Nível de Desenvolvimento Potencial, corresponde ao que a criança é capaz de fazer com auxílio, apesar de não o fazer com independência. Para o autor, considerar também o nível de desenvolvimento potencial é fundamental para se conhecer, de fato, o estado do desenvolvimento mental da criança, pois, para ele: “O que a criança pode fazer hoje com auxílio dos adultos poderá fazê-lo amanhã por si só” (Vygotsky, 2006, p. 113). Neste momento, Vygotsky defenderá a importância da imitação, pois ela potencializa a capacidade de atuação da criança, de modo que, guiada pelo adulto, pode ampliar suas atividades (Vygotsky, 2006).

A distância entre o desenvolvimento efetivo e o desenvolvimento potencial da criança é o que denominou de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Segundo o autor, é nesta

zona que os educadores devem atuar, intervindo para que a criança, com o auxílio do adulto, tenha condições de aprender e desenvolver-se. Segundo Newman e Holzman (2002),

(...) uma das consequências, para o desenvolvimento, da aprendizagem conduzindo o desenvolvimento na ZDP é que a criança se torna capaz (como o adulto) de se envolver em atividade desenvolvimental volitivamente e com consciência, em vez de só espontaneamente. (...) A volição e a autoconsciência são vistas tipicamente como tendo uma relação crucial com a motivação. Como educadores e pais, somos constantemente lembrados (repreendidos) de que as crianças precisam ser motivadas para que aprendam. No entanto, segundo Vygotsky (e concordamos), as crianças precisam aprender para ser motivadas (Newman e Holzman, 2002, p. 77)

Com isso, Vygotsky afirmará que o “bom aprendizado” é aquele que se antecipa ao desenvolvimento, agindo na Zona de Desenvolvimento Proximal do sujeito. Conclui, portanto, que

(...) a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente (Vygotsky, 2006, p. 115).

Evidencia-se que, para esta abordagem, a aprendizagem é fundamental para o ser humano, pois é a responsável por guiar, conduzir, avançar seu desenvolvimento; este, por sua vez, ocorre do plano interpessoal para o plano intrapessoal, ou seja, as atividades que se dão primeiro no plano social, na interface com os outros, são transformadas em atividades internas, devido à atuação da mediação e da internalização, que corresponde à reconstrução interna de uma operação que era externa ao indivíduo. Diante do exposto, nota-se a importância do outro, da cultura, dos processos de operação com signos, da internalização e da mediação- marcada também por componentes afetivos- para a constituição do sujeito, segundo a teoria proposta por Vygotsky.

2.2 A afetividade e as contribuições de Vygotsky

Durante muitos séculos predominou no pensamento filosófico ocidental uma visão dualista de homem, que fragmentava o seu funcionamento psicológico em duas dimensões: razão e emoção, sendo a primeira a faceta considerada mais importante.

Segundo Leite (2006),

(...) além do dualismo razão/emoção, durante séculos o pensamento dominante sempre caracterizou a razão como a dimensão mais importante, sendo a emoção, em vários momentos históricos, considerada o elemento desagregador da racionalidade, responsável pelas reações inadequadas do ser humano. É possível reconhecer que, até o século XX, predominou a interpretação de que a razão deve dominar e controlar a emoção (...) (Leite, 2006, p. 16-17).

Neste contexto, os estudos sobre a dimensão afetiva do ser humano foram silenciados ou colocados em segundo plano por muitos anos. Entretanto, autores como Vygotsky e Wallon foram importantes para romper com a visão dominante, pois se empenharam em estudar o homem a partir de uma concepção monista, superando o dualismo que o cindia em corpo/mente, matéria/espírito, afeto/cognição.

Na década de 1930, Vygotsky dedicou alguns anos de estudos para as teorias populares de sua época acerca das emoções. Seus textos sobre a emoção não foram publicados durante sua vida, mesmo com os esforços da irmã e de Luria. Apenas no final da década de 1960 foram publicados dois curtos textos dos manuscritos e, finalmente, cinquenta anos após sua morte, o manuscrito foi integralmente publicado, intitulado “A teoria das emoções. Uma investigação histórico-psicológica” (Van Der Veer e Valsiner, 1996).

Para Vygotsky (1998), vários aspectos contribuíram para que as emoções estivessem em segundo plano, sendo considerada “a ovelha negra entre os demais capítulos que integravam a psicologia da época” (p. 79). Entre eles, a teoria de Darwin que, em seu trabalho “A origem dos movimentos expressivos do homem”, considerava que as emoções do homem e as suas reações afetivas eram de origem animal, puramente biológica. Esta concepção foi adotada pela psicologia inglesa, que estava dominada pelo pensamento escolástico e impregnada das tradições religiosas, dando fôlego a inúmeros estudiosos que pensaram a emoção predominantemente a partir das reações instintivas dos animais (Vygotsky, 1998, p. 80).

Para estas teorias, as emoções são “restos rudimentares de reações animais”, de modo que os movimentos expressivos só poderiam ser compreendidos retrospectivamente, após sua manifestação. Assim, para Vygotsky (1998), essas teorias pareciam definir que a curva da evolução das emoções tendia para baixo, pois com o desenvolvimento humano elas perderiam suas forças. Segundo ele:

Disto se depreende, como se sabe, o famoso prognóstico de que o homem do futuro será um homem carente de emoções, que deverá alcançar, de fato, o final lógico e perder os últimos elos que restam da reação que teve um certo sentido na etapa primitiva de sua existência (Vygotsky, 1998, p. 81).

Discordando destas concepções, Vygotsky, em seu manuscrito, investigou as teorias das emoções existentes, estudando principalmente as teorias de James e Lange e de Dèscartes, apontando os problemas destas formulações. Para Dèscartes, em “As paixões da alma”, todas as sensações estavam vinculadas aos nervos e a emoção representaria uma percepção passiva das mudanças corporais. No pensamento cartesiano, o homem deveria controlar suas emoções

por meio da razão, de modo que as emoções primitivas originais poderiam desaparecer ou manter-se nos indivíduos, e, neste caso, deveria ficar sobre o controle da alma. Assim, para Dèscartes, James e Lange, as emoções eram imutáveis, nunca se desenvolveriam em emoções superiores (Van Der Veer e Valsiner, 1996).

James até reconheceu a diferenciação e existência de dois tipos de emoções, que nomeou como emoções “padrão”, aquelas que se expressavam corporalmente, e as emoções “cerebrais” intelectuais, aquelas sem correlatos corporais, mas sugeria que estas deveriam ser nomeadas por “julgamentos” ou “cognições” (Van Der Veer e Valsiner, 1996, p. 382). Com isso, James separou as emoções da consciência e pensou as emoções apenas como reflexos dos processos orgânicos.

Segundo o ponto de vista de James, basta reprimir a manifestação externa da emoção para que esta desapareça e vice-versa: basta provocar em si mesmo a manifestação de uma determinada emoção para que esta apareça depois da manifestação (Vygostky, 1998, p.83).

Ao tratar as emoções de modo simplista, puramente como reflexos automáticos do organismo, James acoplou as emoções aos órgãos internos, aos momentos vegetativos, viscerais e humorais. Era clara a cisão entre emoção e consciência. Na análise de Vygotsky (1998):

Isso significa que as emoções eram consideradas de modo isolado, separadas do conjunto global, de todo o resto da vida psíquica do homem, e a teoria de James e Langue proporcionou a justificação anátomo-fisiológica dessa idéia do estado dentro do estado. O próprio James sublinha isso claramente. Dizia que, enquanto o cérebro é o órgão do pensamento humano, o das emoções são os órgãos vegetativos internos (Vygotsky, 1998, p. 86).

Dèscartes também reconhecia a possibilidade das “emoções internas”, mas estas seriam produzidas apenas na alma. Sobre isso, Van Der Veer e Valsiner afirma, (1996)

É difícil para um dualista imaginar a qualidade das emoções mudando aos poucos, à medida que o conhecimento conceitual e os processos da criança se desenvolvem. Os processos corporais jamais podem se desenvolver em emoções superiores, porque emoções superiores pertencem ao domínio da alma (1996, p. 382).

Vygotsky (1998) critica duramente esta abordagem que separava as emoções que o homem havia herdado dos animais (inferiores e puramente orgânicas), das emoções que surgiram ao longo do desenvolvimento histórico (superiores, puramente espiritual); defende que estas concepções excluem “a possibilidade de estudar de forma adequada o que constitui as particularidades específicas das emoções do homem” (Vygotsky, 1998, p. 82). Para o autor, era um grande equívoco das pesquisas dominantes a defesa de que havia um retrocesso das emoções ao longo do desenvolvimento, pois “em vez de esclarecer como se enriquecem as

emoções na infância, mostrava, pelo contrário, como se reprimem, se debilitam, se eliminam as descargas emocionais imediatas, próprias da infância precoce” (Idem, p. 82).

Assim, concluiu que a base conceitual da psicologia estava inadequada, ao não compreender a verdadeira ligação entre os pensamentos, os sentimentos e a atividade do corpo. Ele constatou que as concepções eram dualistas e insatisfatórias e, para romper com o dualismo, inspirou-se em Espinoza, filósofo holandês, que o fascinou ao considerar o homem como ser monista, afastando-se também das abordagens deterministas.

Em contato com todos estes autores, Vygotsky busca desenvolver sua própria teoria sobre as emoções e defende que pensamento e afeto são duas dimensões essenciais e inseparáveis. Embora os seus trabalhos mais explorados e difundidos sejam aqueles que enfocam a natureza cognitiva, o autor criticava a postura da psicologia tradicional de fragmentar os aspectos intelectuais dos aspectos afetivos e volitivos. Para o autor:

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo (...) (Vygotsky, 1993, p. 25).

Nota-se que, para Vygotsky, as duas dimensões, afetiva e cognitiva, estão imbricadas, havendo claro processo evolutivo, podendo-se observar o refinamento da vida emocional ao longo do desenvolvimento humano, com nítida distinção entre a emoção expressa pelo adulto em relação à expressa pela criança. Sua tese é a de que as emoções, manifestadas inicialmente nos bebês, são heranças biológicas e instintivas que se desenvolvem ao longo da vida, por meio das relações com o outro, das interações sócio-históricas que possibilitam a internalização de emoções e sentimentos e, assim, atingem um nível mais complexo: a afetividade. Apesar da distinção qualitativa entre as emoções primitivas e os processos superiores, o autor é enfático ao expor que emoções mais instintivas como o medo, a raiva, a alegria, não são menos importante, pois são responsáveis pela auto conservação do indivíduo e salienta que “os processos inferiores não deixam de existir, mas são “suplantados” (ver Hegel); ou seja, eles continuam presentes e irão reemergir quando os processos superiores, por uma razão ou outra, estiverem impossibilitados de funcionar” (Van Der Veer e Valsiner, 1996, p. 386).

Neste processo evolutivo das emoções, o sujeito aprende a regular seus impulsos emocionais na interação com os outros e com o desempenho também da razão, avançando qualitativamente suas emoções. Sobre isso, Oliveira e Rego (2003) alertam:

(...) a razão tem efetivamente, para Vygotsky, o papel de controle dos impulsos emocionais no homem cultural adulto, relacionando à auto-regulação do comportamento. Mas esse papel não deve ser confundido com a idéia de uma razão repressora, capaz de anular ou extinguir afetos. Ao contrário, com o desenvolvimento, a razão está a serviço da vida afetiva, na medida em que é um instrumento de elaboração e refinamento dos sentimentos (Oliveira e Rego, 2003, p. 22).

Destarte, Vygotsky defende que, no desenvolvimento psíquico humano, emoção e razão estão amalgamados e para ele não há dúvidas em relação à existência de um processo de “evolução sentimental” (Vygotsky, apud van der Veer e Valsiner, 1991, p. 385). Assim, Vygotsky diz:

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceitos nos é imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. (...) nossos afetos atuam em um complicado sistema com nossos conceitos (...) este sentimento é histórico, que de fato se altera em meios ideológicos e psicológicos distintos. (...) Conseqüentemente, as emoções complexas aparecem somente historicamente e são a combinação de relações que surgem como consequência da vida histórica, combinação que tem lugar no transcurso do processo evolutivo das emoções (Vygotsky, 1991, apud Oliveira e Rego, 2003, p. 22).

Conclui-se, portanto, que afeto e cognição interagem e estão em constante processo de desenvolvimento, de modo que os sentimentos são aprendidos e significados ao longo da vida, descartando hipóteses inatistas para explicar as características emocionais dos sujeitos. Assim, o homem é um ser que “aprende, por meio do legado de sua cultura e da interação com os outros humanos, a agir, a pensar, a falar e também a sentir” (Oliveira e Rego, 2003, p. 23) e por isso, acredita-se que os sujeitos não nascem gostando de música, matemática, leitura... Os sujeitos aprendem e dão sentidos diversos, de acordo com suas histórias de mediação e constituição. E, neste processo de aprendizado e constituição da vida psíquica, a linguagem assume uma função vital: é responsável não apenas pelo avanço no desenvolvimento cognitivo, como exposto anteriormente, bem como pelo desenvolvimento da dimensão afetiva. É por meio da linguagem que os homens são capazes de definir seus sentimentos, organizá-los, de modo que se tornam capazes de expressar seus pensamentos e também suas emoções (Oliveira e Rego, 2003).

Para Vygotsky (2005), “O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir” (p. 156). É também por meio da linguagem que os homens interagem na cultura, nomeando e significando os objetos, em dado contexto sócio-histórico, modificando suas percepções. Uma cadeira, por exemplo, poderia ser percebida apenas como a combinação de uma placa de madeira, sobreposta de outra placa vertical (o encosto) e quatro apoios inferiores. Mas, muito além, ela pode ser descrita como linda, desajeitada, macia, dura, confortável, anatômica, moderna, antiga ou de estimação e a seu

respeito poder-se-á evocar inúmeras características e adjetivos de acordo com cada sujeito que ela observar e dela usufruir. Isso porque “o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado” (Vygotsky, 2007, p. 24).

Com isso, o autor traz para o debate a importância da significação, do sentido e da subjetividade. O significado refere-se ao núcleo estável de compreensão da palavra, que resultou dos processos sócio-históricos de seu desenvolvimento. Ele representa uma generalização e é compartilhado socialmente pelos usuários da mesma língua, sendo, portanto, indispensável. De acordo com Newman e Holzman (2002), para a efetivação da comunicação, da interação social, pressupõe-se esta generalização e o desenvolvimento do significado verbal. Assim, exemplificam que a dificuldade de expressão da criança pequena, em fase de aprendizado da língua, não é a falta de palavras ou sons, mas a ausência da generalização ou conceito particular. Nesta direção, defendem que “(...) somente por meio da criação de significado (atividade revolucionária) é que as crianças se tornam capazes de criar linguagem e de se tornar usuários maduros da língua e, com isso, de se engajar plenamente no comportamento social” (Newman e Holzman, 2002, p. 155).

Isso porque Vygotsky (2005) é enfático ao afirmar que a palavra isolada e sem significado é um som vazio, sendo crucial o seu significado, que é socialmente constituído. Nota-se, portanto, que este autor aproxima-se em muitos aspectos da concepção de linguagem que assume Bakhtin, brevemente exposta no capítulo anterior. Para ambos, a palavra e os enunciados proferidos pelos sujeitos não podem ser compreendidos sozinhos, fora de seu contexto social. A significação não está na palavra, visto que é produzida na interação com seus interlocutores. De acordo com Bakhtin (2003),

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. (...) O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza, etc.). Contudo, alguma coisa é sempre criada a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.). Todo o dado se transforma em criado (Bakhtin, 2003, p. 297 e 326).

Na mesma direção, Vygotsky diz:

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da palavra, seu componente indispensável. (...) do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização

ou um conceito. E como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento (Vygotsky, 2005, p. 150).

Denota-se, portanto, a importância do significado da palavra que, segundo Oliveira (1992), além de pertencer ao domínio cognitivo, faz referência também aos aspectos afetivos, pois as zonas de sentido das palavras são compostas de dois componentes: o significado propriamente dito e o sentido. O sentido, diferentemente do significado, que é mais estável, carrega as marcas afetivas experimentadas pelos sujeitos que estão vinculadas ao termo. Vygotsky (2005), inspirado em Paulhan diz que:

(...) o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual (Vygotsky, 2005, p. 181).

Deste modo, segundo Vygotsky (2005), para uma compreensão da fala do outro, não basta entender suas palavras, mas também compreender o seu pensamento, além de sua motivação. Isto porque, segundo ele,

O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva, que traz em si a resposta ao último “por que” de nossa análise do pensamento. Uma compreensão plena e verdadeira do pensamento de outrem só é possível quando entendemos sua base afetivo-volitiva (Vygotsky, 2005, p. 187).

Portanto, o afetivo está imbricado com o cognitivo na perspectiva de Vygotsky, ambos atuando um sobre o outro, sendo expressos também por meio da linguagem. Diferentemente das teorias anteriores, as emoções não são reprimidas, mas fazem parte do desenvolvimento humano. Nesta teoria, o sujeito se constitui integralmente na e pela cultura, na relação com o outro e seu desenvolvimento, tanto cognitivo como afetivo, ocorre do plano interpessoal para o intrapessoal, de modo que “(...) é necessário investigar a história singular dos sujeitos para que se possa de fato construir uma compreensão aprofundada de seus processos de desenvolvimento. O primordial no entendimento da formação do sujeito é que sua individuação se inicia nas experiências propiciadas pela cultura” (Oliveira e Rego, 2003, p. 32).

Diante do exposto, observam-se as contribuições de Vygotsky para o avanço no modo de compreender o desenvolvimento humano, que ocorre de maneira integrada, considerando os aspectos biológicos, sociais, culturais e históricos, estreitando todos eles em busca de uma visão mais completa do ser humano.

2.3 A afetividade e as contribuições de Wallon

Henri Wallon foi outro autor que também preconizava a importância de estudar o homem a partir de uma visão holística. O francês, contemporâneo de Vygotsky, teve mais tempo de vida para a elaboração de sua teoria sobre o desenvolvimento humano, a qual contemplava a importância da dimensão afetiva, defendendo que afeto e cognição não poderiam ser dimensões dissociadas, bem como os fatores orgânicos e sociais, pois a interação entre esses fatores eram determinantes pela constituição da pessoa.

Assim como Vygotsky, valeu-se do materialismo dialético para compreender o desenvolvimento humano em seu movimento de formação e transformação. Segundo Zazzo (1995), Wallon contribui para os estudos da psicologia por ser inovador, por ultrapassar as teorias vigentes, que olhavam a criança como redução do adulto.

(...) Wallon surge, mais que nenhum outro, como um inovador, como um criador da Psicologia, porque as suas contribuições científicas não são apenas uma pedra a mais, um novo tijolo para o edifício comum, na medida em que provocam neste edifício uma reorganização, ou melhor, a abertura de perspectivas insuspeitas. (...) Assim, Wallon vai repensar estas oposições e ultrapassá-las, procurando ao mesmo tempo as contradições reais e como podem estas contradições ser um motor da evolução da criança. O seu método consiste em estudar as condições materiais do desenvolvimento da criança, condições tanto orgânicas como sociais e em ver como se edifica, através destas condições, um novo plano de realidade que é o psiquismo, a personalidade (Zazzo, 1995, p. 10-13).

Wallon buscou elaborar um método de pesquisa que contemplasse o desenvolvimento do ser, em suas diversas fases, a partir de uma perspectiva de constituição humana que integra, que complementa, que é recíproca e multifacetada. Para o autor, o desenvolvimento da criança não é o simples resultado da soma de progressos unilaterais; ao contrário, apresenta oscilações e se caracteriza pelas alternâncias funcionais. Portanto, Wallon defende em sua teoria que o desenvolvimento é consequência do processo de contínua interação dialética entre as funções cognitiva, emocional e motora, que vão gerar, em cada momento, a função pessoa.

Segundo Tassoni e Leite (2013)

Em cada fase do desenvolvimento os aspectos afetivos e cognitivos estão em constante entrelaçamento. (...) em cada fase, um *campo funcional* exerce uma dominância maior sobre os outros. Quando a afetividade prepondera sobre a dimensão cognitiva, o indivíduo está voltado para a construção do seu eu e, por isso, o movimento é para o interior da pessoa (movimento centrípeto). Quando a cognição prepondera, o movimento é para o exterior (força centrífuga), para o conhecimento do mundo, das coisas. A dimensão motora não assume preponderância em fase alguma, mas exerce um papel fundamental na evolução da pessoa. Neste processo, os campos funcionais beneficiam-se dos avanços do outro que está dominando e evoluem também (Tassoni e Leite, 2013, p. 264).

Assim, organizou o desenvolvimento em cinco estágios, relacionando-os às idades das crianças de sua época. Esses estágios, criados com base nas concepções do materialismo-dialético, são marcados por transições de conflitos e oposições, que não se dão linearmente, mas caracterizam-se pela predominância alternada da dimensão afetiva coma dimensão cognitiva. São eles: estágio 1- Impulsivo (0 a 3 meses) Emocional (3 meses a 1 ano); estágio 2- Sensório-motor (1ano e 18 meses) Projetivo (3 anos); estágio 3- Personalismo (3 a 6 anos); estágio 4- Categorical (6 a 11 anos); estágio 5- Adolescência (a partir de 11 anos).

O primeiro estágio, marcado pelo movimento centrípeto, com o predomínio da dimensão afetiva, inicia-se com as reações impulsivas, resultantes das tensões tanto de origem orgânicas quanto de origens externas. Posteriormente, ainda no primeiro estágio, a criança começa a transformar as descargas motoras em meio de expressão, de modo que o bebê começa a se relacionar com o meio. De acordo com Duarte e Gulassa (2003),

A intensidade dessas trocas criam um verdadeiro campo emocional, no qual gestos, atitudes, vocalizações e mímicas adquirem nuança cada vez mais diversificada de dor, tristeza, alegria, cólera. (...) É a linguagem primitiva constituída de emotividade pura. É a primeira forma de sociabilidade (2003, p. 25).

Com isso, o bebê é capaz de afetar o outro, de modo que a emoção é um instrumento de comunicação da espécie humana indispensável.

O estágio sensório-motor e projetivo caracteriza-se pela exploração concreta do espaço físico pelo bebê, que aprende a manipular, agarrar, andar, apontar, representar e etc. Neste período, predominam o movimento centrífugo e a atividade cognitiva. Neste estágio, as crianças encantam-se com os objetos, com o movimento do corpo e aguçam suas sensibilidades, passando a organizar seus gestos, de modo que suas atividades passam a ser, a cada momento, mais voluntárias e planejadas (Costa, 2003). Ao aprender a andar e, principalmente, a falar, a criança adquire maior independência, ampliando suas possibilidades de exploração do espaço e modificando o seu ambiente. Neste período

a criança desenvolve uma inteligência prática, também chamada inteligência das situações. (...) Podemos dizer que a linguagem é um fator decisivo para o desenvolvimento psíquico da criança, pois permitirá outra forma de exploração do mundo (...) Dessa forma, o andar e a linguagem darão oportunidades à criança de ingressar em um novo mundo, o dos símbolos (Costa, 2003, p. 33).

O estágio do Personalismo, voltado para a construção da personalidade, é centrípeto e com predominância afetiva. Neste momento, a criança, a partir da sua consciência corporal, passa a diferenciar-se do outro e, em fases distintas, primeiro opõe-se ao outro, confrontando e recusando-o. Posteriormente, passa a seduzi-lo e, nesta “idade da graça”, busca ser admirado e agradar o outro e, por último, imita-o, necessitando do seu modelo para enriquecer a construção de sua pessoa (Bastos e Dér, 2003).

No penúltimo estágio, o Categorical, a dimensão intelectual é a que prevalece. Neste momento, a capacidade de atenção da criança amplia-se e ela é capaz de denominar corretamente os objetos e de separá-los, compreendendo a independência destes e sua própria existência. É também capaz de planejar mentalmente e prever etapas e a inteligência passa a ser discursiva (Amaral, 2003).

O último estágio, da Puberdade e da Adolescência, caracteriza-se pelo movimento centrípeto, em cujo estágio a criança vivencia inúmeras transformações corporais acompanhadas de transformações psíquicas, ganhando centralidade a construção da pessoa e sua identidade. Segundo Dér e Ferrari (2003),

A tomada de consciência temporal de si transforma profundamente a inteligência e a pessoa do jovem e torna-o acessível a certos raciocínios de moralidade, a certos modos de conhecimento que o induzem a buscar as leis que fazem as coisas existir. Isto significa que o jovem torna-se apto a ultrapassar o mundo concreto das coisas e a entrar no mundo abstrato das leis. Para construir a noção de lei, é preciso que as categorias do pensamento tenham sido definidas de forma clara e objetiva no estágio categoria (Dér e Ferrari, 2003, p. 68).

Nota-se, portanto, que as conquistas dos estágios anteriores são importantes para os seguintes e que o desenvolvimento psicológico pressupõe afeto e cognição que alternam a predominância em cada etapa, de modo que a pessoa, na teoria walloniana, é resultante da integração destes domínios funcionais que se influenciam mutuamente.

O domínio motor é importante, pois, segundo Wallon (1995), é uma das formas do homem atuar sobre o meio e, portanto, “Através do movimento, o acto insere-se no instante presente” (p. 147). É a partir do movimento que o bebê inicia sua relação com o mundo, sendo este domínio responsável pelo movimento do indivíduo que pode ser subdividido em duas facetas: o movimento com a finalidade expressiva, responsável pela função postural e tônica e o movimento propriamente dito ou instrumental, com a finalidade de atuação direta sobre o meio físico. Segundo Galvão (1995), os movimentos com finalidade expressiva são fundamentais para a sobrevivência do bebê, pois sua expressão corporal é capaz de desencadear no adulto as reações necessárias para solucionar suas demandas em prol da manutenção de sua vida. Como não fala, não anda e não é capaz de autogovernar-se, é por meio das reações posturais, tônicas e expressivas que o bebê se comunicará, de modo que essas variações tônicas estão a serviço da expressão das emoções. Assim,

As funções de expressão precedem de longe as de realização. Preludiando a linguagem propriamente dita, elas são as primeiras a pôr sua marca no homem, animal essencialmente social (Wallon, 2007, p. 41).

Por isso, o contágio emocional é demasiadamente importante neste estágio, pois o choro de fome, de dor, de incômodo da criança é que ativará a preocupação do adulto. Sob esta perspectiva, a teoria walloniana muda radicalmente o estatuto da emoção, que durante

muitos séculos foi vista como menor, como desagregadora, marcada por reações incoerentes e tumultuadas. Em sua obra, ao contrário, a manifestação da emoção é vital, ressaltando que, em um determinado período da vida do indivíduo, é responsável pela sua sobrevivência. Posteriormente, quando a criança aprende a se auto-locomover, será através de seus movimentos que ampliará as formas de exploração da realidade. Nota-se, portanto, que o domínio motor está intrinsecamente ligado ao domínio afetivo, este que, segundo Almeida (1999), assume importância capital na obra walloniana, pois é responsável por estabelecer a ligação entre a vida orgânica e a vida psíquica.

Vale ressaltar que Wallon, assim como Vygotsky, defende que, ao longo do desenvolvimento humano, as emoções evoluem:

Entre a emoção e a actividade intelectual existe a mesma evolução (...) Este período inicial, defensivo e negativo, só se poderá modificar com o aparecimento e o progresso das representações mentais que fornecerão aos seus devaneios motivos e temas mais ou menos inactuais. A paixão pode ser viva e profunda na criança. Mas com ela surge o poder de tornar a emoção silenciosa (Wallon, 1995, p. 143-145).

Dessa maneira, sua teoria propõe um processo de desenvolvimento das emoções (marcadas por características biológicas e acompanhadas por alterações orgânicas) para os sentimentos e paixões (formas mais elaboradas de manifestação do afeto). Para Wallon (1995), a redução da emoção é comum nos adultos por meio do controle ou “tradução intelectual dos seus motivos ou circunstâncias” (p. 144). Devido a esta preponderância do intelecto no domínio da afetividade, o autor explica a razão pela qual surgiram “teorias intelectualistas das emoções”, criticando-as a seguir.

O erro foi não terem notado a redução simultânea do aparelho verdadeiramente emocional, de terem assimilado emoção e sentimentos ou paixão, quando se opera daquela para estes uma transferência funcional que, na criança, está na dependência da idade. Mas os mais emotivos não se tornam necessariamente os mais sentimentais ou os mais apaixonados, longe disso. Trata-se, com efeito, de tipos diferentes, que dizem respeito a um diferente equilíbrio entre as actividades psíquicas (Wallon, 1995, p. 144).

Assim, entende-se que emoção e afeto operam diferentemente. Segundo Tassoni (2013)

As emoções são manifestações de estados subjetivos, acompanhadas de componentes orgânicos. Os sentimentos surgem relacionados aos elementos simbólicos, à possibilidade de representação, como por exemplo, lembrar-se de alguém e sentir saudades. A paixão, por sua vez, refere-se ao aparecimento do autocontrole necessário para se dominar certa situação. Implica em perceber a situação e agir de forma a atender as necessidades afetivas pessoais (Tassoni, 2013, p. 525).

Portanto, nota-se que Wallon, tal como Vygotsky, assume que a dimensão afetiva é marcada por um processo de desenvolvimento e, sendo assim, apresenta mudanças

qualitativas ao longo da evolução, marcadas também pelo domínio cognitivo. Este domínio funcional refere-se às funções intelectuais que possibilitam o conhecimento, a compreensão e a explicação do mundo e seus fenômenos, de modo a possibilitar formas de intervenção mobilizadas pelo pensamento, em constante interação com os outros domínios.

O último campo funcional, descrito por Wallon, é a pessoa e refere-se ao:

(...) conceito empregado por Wallon para definir e nomear o domínio funcional resultante da integração dos três primeiros: ato motor, afetivo e conhecimento. Pessoa é o todo diante do qual cada um dos outros domínios deve ser visto, pois para Wallon, cada parte deve ser considerada diante do todo do qual é parte constitutiva, sob pena de, ao contrário, perder seu significado essencial. Assim, a pessoa é um conceito abstrato, genérico, que refere ao que há de comum entre os homens, opondo-se ao conceito de indivíduo, como homem particular, concreto (Prandini, 2004, p. 30).

Tendo em vista esta perspectiva de integração, entende-se que todas as facetas do homem estão intrinsecamente relacionadas, de modo que as mudanças afetivas impactam no cognitivo e vice-versa, assim como as conquistas motoras repercutem nos outros domínios, sendo o inverso também verdadeiro. A constituição da sua pessoa será resultante da integração destes aspectos e só poderá ser investigada em seu ambiente natural, considerando-se o seu meio histórico-cultural, de modo que a compreensão do desenvolvimento da criança deveria abarcar diversas facetas, inclusive a dimensão social.

Nunca pude dissociar o biológico do social, não porque os julgue redutíveis um ao outro, mas porque me parecem tão estritamente complementares desde o nascimento, que é impossível encarar a vida psíquica sem ser sob forma das suas reações recíprocas (Wallon, 1998, p. 14, apud Prandini, 2004, p.27).

Portanto, Wallon via a clara necessidade de estudar as pessoas sempre tendo como referência o seu grupo. Logo, para Wallon, o papel do outro é também fundamental quando discorre sobre a internalização, a mediação, o desenvolvimento e a aprendizagem. Mahoney (2003), ao debruçar-se sobre a teoria de Wallon, diz que: “A presença do outro garantirá não só a sobrevivência física, mas também a sobrevivência cultural pela transmissão de valores, instrumentos, técnicas, crenças, idéias e afetos predominantes na cultura” (Mahoney, 2003, p.15). E pode-se assumir que esse outro com quem convive e o meio em que convivem nunca são neutros. Segundo Wallon

Os meios onde a criança vive e os que ambiciona são o molde que dá cunho à sua pessoa. Não se trata de um cunho passivamente suportado. O meio de que depende começa certamente por dirigir suas condutas, e o hábito precede a escolha, mas a escolha pode impor-se, quer para resolver discordâncias, quer por comparação de seus próprios meios com outros (Wallon, 1975, apud Amaral, 2003, p. 53).

Consequentemente, novamente como Vygotsky, Wallon atribuía uma importância crucial ao social e ao papel da aprendizagem. Para ele “O regime de vida é guiado por

condições que o meio social pode transformar. A relação entre essas condições e o desenvolvimento psíquico é um de seus fatores essenciais” (Wallon, 2007, p. 25). Isso porque, segundo o autor, apesar da espécie humana estar dotada de um equipamento psicobiológico superior e mais complexo se comparado a outras espécies, é o mais dependente do outro para a satisfação de seus desejos ao nascer e dependente incontestavelmente da aprendizagem, visto que há “uma relação inversa entre a riqueza do equipamento e do acabamento de suas partes. Quanto maior o número de possibilidades, maior sua indeterminação. Também, quanto maior a indeterminação, maior a margem de progresso” (Wallon, 2007, p. 40).

Esta visão liberta o homem, porque olha para o sujeito não como alguém que nasceu com “dons inatos”, “geneticamente predisposto a” e “determinado para”; ao contrário, concebe o homem como um ser histórico-culturalmente situado, em constante processo de formação e que se constitui integralmente, não apenas cognitivamente. Esta perspectiva possibilita pensar que o sujeito se (trans)forma a cada momento e que seu desenvolvimento psicológico avança cognitivamente e afetivamente, sendo possível mudanças a todo momento. Assim sendo, a teoria exposta mostra-se coerente com a visão de constituição do leitor e do mediador de leitura assumida na presente pesquisa, como se pode observar a seguir.

2.4 A constituição do sujeito leitor e a mediação afetiva

Antes do surgimento de teorias que valorizavam os contextos culturais na formação do indivíduo, circulava uma visão determinista de desenvolvimento humano: defendia-se que alguns indivíduos nascem geneticamente diferenciados para o sucesso em determinadas atividades, ao contrário de outros que se apresentavam inaptos ou poucos exitosos para o desempenho das mesmas tarefas. Desconsideravam-se a sociogênese e, principalmente, a microgênese dos indivíduos, recorrendo-se apenas às explicações inatistas e deterministas para corroborar as diferenças individuais; assim, a dificuldade na alfabetização e leitura, por exemplo, quando existia, era inerente ao sujeito e de sua exclusiva responsabilidade.

Entretanto, a inserção da Teoria Histórico-Cultural na psicologia, ao postular a formação do indivíduo para além de sua maturação biológica, destacando a importância da internalização dos signos histórico e culturalmente produzidos, através da mediação, contribui para por fim na tese de que o indivíduo nasce geneticamente pronto e dotado de dons. Também com as contribuições da História Cultural, de Certeau e Chartier, vai se consolidando a visão de que não se nasce leitor, mas constitui-se enquanto tal, em diversos momentos da vida, em uma constante “caçada furtiva”.

Segundo Bresson (2011), diferentemente da linguagem oral, a escrita e a leitura prescindem de ensino, visto que não são apreendidas apenas no contato com os inúmeros escritos e com as leituras. Por se tratar de um fenômeno cultural e pouco natural, o autor defende a importância do ensino para se ter o acesso à leitura. Hébrard (2011), ao relatar o exemplo do autodidatismo de Valentin Jamerey-Duval, menciona que, para a sociologia das práticas culturais, a leitura foi compreendida como uma arte muito mais herdada que apreendida e, assim sendo, tem enraizamento nos grupos sociais que praticam a cultura dominante. Nesta perspectiva a leitura é associada a um processo de confirmação cultural, muito mais que um motor instrumental para a mobilidade social. Deste modo, para Hébrard (2011), a análise do caso de Jamerey-Duval é de grande relevância, pois “(...) o autodidata testemunha não somente a possibilidade de aprender a ler, no sentido mais pleno do termo, mas também a necessidade de contar essa aprendizagem para dar-lhe a sua verdadeira dimensão, a de uma vitória contra a inércia das posições culturais, e, desse modo, torná-la irrevogável. (...) A análise dessa fala que vem fora de hora é uma via bastante obrigatória se quisermos tentar explicar uma aprendizagem da leitura que não seja a simples atualização de um capital herdado” (p.39). Assim sendo, o autor que inicia seu texto com a pergunta “Pode-se aprender a ler?” finaliza-o com a afirmativa de que sim, a leitura foi aprendida e não herdada.

Klebis (2006), no entanto, afirma que muito se tem dito sobre a formação do leitor, mas pouco se fala sobre o que vem a ser propriamente esta concepção de formação. Inspirado em Larrosa, ele assume que “o processo de formação remete mais à ideia de uma ‘aventura’, isto é, um lançar-se no desconhecido, no não-sabido, e um voltar-se para si mesmo, na construção de uma relação subjetiva com o conhecimento e na busca de sua própria ‘forma” (Klebis, 2006, p.34). Para Larrosa (2013),

(...) na formação, a questão não é aprender algo. A questão não é que, a princípio, não saibamos algo e, no final, já o saibamos. Não se trata de uma relação exterior com aquilo que se aprende, na qual o aprender deixa o sujeito imodificado. Aí se trata mais de se construir de determinada maneira. De uma experiência em que alguém, a princípio, era de uma maneira, ou não era nada, pura indeterminação, e, ao final, converteu-se em outra coisa. Trata-se de uma relação interior com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito. Na formação humanística, como na experiência estética, a relação com a matéria de estudo é de tal natureza que, nela, alguém se volta para si mesmo, alguém é levado para si mesmo. E isso não é feito por imitação, mas por algo assim como por ressonância. Porque se alguém lê, escuta ou olha com o coração aberto, aquilo que lê, escuta ou olha ressoa nele; ressoa no silêncio que é ele, e assim o silêncio penetrado pela forma se faz fecundo, e assim alguém vai sendo levado à sua própria forma. (...) E é até mesmo possível, inclusive, que sejamos capazes de reconhecer, na história íntima dos encontros que fizeram nossa própria vida, alguém que, sem exigir imitação e sem intimidar, mas suave e lentamente, nos conduziu até nossa própria maneira de ser: alguém, em suma, a quem poderíamos chamar de professor (Larrosa, 2013, p. 52)

Embasada pela perspectiva Histórico-Cultural e compartilhando destas reflexões de Larrosa, a presente pesquisa pensa na formação por este viés e, deste modo, entende que é na interação com o outro e com os inúmeros “professores” (não apenas os docentes escolares, mas os inúmeros outros “professores” da vida), que as trajetórias singulares de leitura dos sujeitos são marcadas sendo fundamental, também, além das mediações diversas, a convivência com os materiais escritos para o processo de formação/constituição do leitor.

Neste cenário, busca-se compreender cada vez mais os percursos trilhados pelo leitor, suas práticas de leitura, seus modos e locais de ler, o material textual, os pólos de produção e recepção do escrito, entre outras questões ligadas à leitura. Com isso, as pesquisas sobre a temática no Brasil ampliam-se de forma significativa ano após ano, como indicam as pesquisas de Ferreira (1999 e 2003), Martins (2005), Penido (2010) e Aliaga (2013). Estas pesquisadoras inventariaram, descreveram e analisaram as produções acadêmicas, principalmente os resumos de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, em diferentes períodos, e constataram o crescente interesse dos pesquisadores dos programas de pós-graduação em Educação, Psicologia, Letras, Linguística, Biblioteconomia e Comunicações pela temática da leitura.

Ferreira (1999), pioneira na pesquisa de Estado da Arte em leitura no Brasil, focou o período de 1980 a 1995, encontrando 189 pesquisas, das quais 156 eram de mestrado e 33 referentes ao doutorado. Neste estudo, a autora apresenta um quadro que demonstra o crescimento das pesquisas ao longo de quatro períodos, sendo que de 1965 a 1979, tem-se um registro de 22 pesquisas na área, ao passo que de 1980 a 1985, o número dobra para 44 registros. Posteriormente, de 1986 a 1990, ela encontra 69 trabalhos e, finalmente, de 1991 a 1995, este número aumenta para 76 ocorrências de pesquisas com a temática da leitura. Segundo a autora, é possível assumir que as pesquisas sobre leitura aumentaram à medida que os programas de pós-graduação foram fortalecidos, além da visibilidade que alcançaram os debates acerca da leitura nos eventos e revistas sobre o tema e a criação de associações como ALB- Associação de Leitura do Brasil, por exemplo, e o Congresso de Leitura do Brasil – COLE.

O período de 1996 a 2000 foi investigado por Martins (2005) e demonstra um crescimento ainda maior. A autora encontrou 141 pesquisas de mestrado, 38 teses de doutorado e 02 livre-docência, contabilizando um total de 181 trabalhos envolvendo o tema leitura. Em seguida, Penido (2010) foi responsável por estudar o período de 2000 a 2005, identificando um crescimento explosivo no número de pesquisas. Neste curto período de

tempo, a autora encontrou 528 dissertações e 114 teses que contabilizaram um expressivo número de 642 pesquisas. A autora, em consonância com as considerações de Ferreira (1999), acerca da efervescência do tema que se faz presente constantemente na pauta de discussão dos eventos sobre educação, acredita que o aumento das pesquisas é também o reflexo da elevação do número de instituições de nível superior no Brasil, além do crescimento de cursos de pós-graduação que ocorre no país. Ressalta ainda que “A preocupação com a formação de leitores não está restrita ao discurso produzido dentro das academias. No Brasil, tal preocupação ecoa nos discursos das políticas públicas em diferentes ações e programas oficiais de incentivo à leitura” e menciona algumas políticas públicas para promoção da leitura e acesso ao livro, tais como o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), o Programa de Alfabetização e Leitura (Proale), o Programa Fome de Livro entre outros (2010, p. 49).

Análogo aos trabalhos acima citados, a dissertação de Aliaga (2013) buscou investigar, dentre os trabalhos que envolviam a temática da leitura, os que elencassem a biblioteca como prioridade, recortando o período de 2000 a 2010. Inicialmente, encontrou 3.059 trabalhos, mas, após uma leitura intensa e cuidados, notou que a grande maioria deles não se inseria na temática de interesse, visto que o termo biblioteca é muito abrangente. Ao selecionar as pesquisas de acordo com seus objetivos, formou um conjunto de 103 resumos de teses e dissertações defendidas no Brasil, durante a década, que envolviam a temática da biblioteca em sua interface com a leitura. Entre os trabalhos encontrados, aqueles que focaram a biblioteca escolar foram o tema mais recorrente. Posteriormente, figuram os trabalhos relativos às bibliotecas públicas. Um outro agrupamento foi criado para “a biblioteca/ coleção de livros” e outro para as “bibliotecas de características singulares”, tais como as comunitárias, de associações, as indígenas, as hospitalares, as ramais e as itinerantes.

Neste panorama de incandescência em torno dos estudos da leitura, os estudiosos demonstram, entre outros interesses, a preocupação em: Como olhar para as práticas de leitura e para os leitores? Como garantir o gosto pela leitura? O que vivenciaram leitores de sucesso? Quais as práticas para aproximar sujeitos da leitura? O que torna um texto inesquecível? Como efetivamente se constituem os leitores? Na tentativa de responder alguns dos questionamentos acerca da constituição do leitor, enfatizando as diferentes facetas relacionadas à leitura, diversos estudos vêm sendo realizados nas últimas décadas e alguns deles, que estão na interface com esta pesquisa, são apresentados a seguir.

Campos (2011), em sua pesquisa, sobre os livros preferidos e inesquecíveis dos leitores, entrevistou seis sujeitos e, no processo de análise dessas entrevistas, considerou

relevante três elementos: os motivos revelados pelos sujeitos para a realização da leitura (conhecimento histórico, lazer e ajuda pessoal), a relação entre a leitura e o tempo enfatizada pelos entrevistados e, por último, a questão dos mediadores de leitura. Sobre esse aspecto, os dados de sua pesquisa revelam que a mediação dos familiares, vizinhos e professores foram importantes para que os sujeitos ampliassem suas leituras. Sendo assim, a autora afirma:

A mediação possibilita que as pessoas conheçam as obras, se sintam interessadas por elas e se a oportunidade existir a leitura será feita. É necessário estar disponível ao outro para uma indicação, proporcionar um espaço para a leitura, conhecer e gostar de ler para que as sugestões sejam coerentes e que despertem o interesse nos sujeitos. (...) O mediador dá vida à obra ao compartilhar os rastros da sua leitura, os sentimentos que a obra lhe despertou, conferindo sentido ao livro e a sua produção. Se o livro permanecer parado nas prateleiras, a sua função, o porquê dele ter sido escrito não terá mais sentido (Campos, 2011, p. 54).

Hernandes (2012) analisou três situações envolvendo a mediação entre o professor, o livro e a criança: concluiu em seu trabalho que a qualidade da mediação é fundamental para a relação construída entre a leitura e o potencial leitor. Neste cenário, em que a mediação para as práticas de leitura aparece como fundamental, visto que se compreende que as relações do homem com o mundo são todas mediadas, é reforçado o discurso da importância do professor mediador, uma vez que, nesta sociedade, se entende que a escola é uma instituição privilegiada para promoção da leitura. Segundo Silva (2009), a escola é a principal agência responsável pelo ensino do registro verbal da cultura, de modo que, atualmente, a leitura está intrinsecamente relacionada à escolarização. Assim sendo, Silva (2012) ressalta a importância do professor enquanto um leitor crítico e defende que este, comprometido com o processo de formação do leitor, deve ser um exemplo:

Os educadores, nesse contexto, têm por lema o ditado “faça como eu faço”, ou seja, são pessoas que exalam amor e entusiasmo pela leitura; conhecem as características do processo de leitura a fim de caminhar a prática pedagógica; selecionam texto potencialmente significativos para os seus alunos, apontando outras fontes particulares de que dispõem os assuntos estudados, incentivando o uso da biblioteca (...) (Silva, 2012, p. 81).

Recai, portanto, um olhar atento ao professor e um discurso dominante sobre a sua importância para a formação do leitor ecoa fortemente. A última pesquisa realizada pelo instituto Pró-livro - Retratos de leitura no Brasil 2012 endossa esta tese ao revelar que a família, principalmente a figura materna, que em outros momentos foi destacada como a principal mediadora no processo de constituição do leitor, perdeu seu posto para o professor. Os resultados da pesquisa indicam que, além de os professores terem assumido a liderança entre os principais mediadores de leitura, houve um considerável e lamentável acréscimo nos

números de respostas dos entrevistados que relatam nunca observarem os seus familiares lendo¹.

Assim, figuram neste cenário muitos trabalhos preocupados com a formação e mediação dos professores leitores. Alves e Ribeiro (2012), em suas pesquisas, apresentaram os resultados do curso de formação continuada “Mediadores de Leitura”, realizado na Universidade Federal de Campina Grande, em parceria com o MEC/Plataforma Freire. Essa formação foi oferecida aos professores do ensino fundamental de escolas públicas de 17 municípios dos Estados da Paraíba, pois, segundo as autoras, havia a necessidade de formação docente continuada para o ensino da leitura, em decorrência da constatação de que a abordagem escolar da leitura tem enfatizado meramente as habilidades de decodificação da escrita, o que prejudica a formação do leitor. Para as autoras:

Longe de ser uma atividade prazerosa de construção de sentidos, a leitura no ambiente escolar tem se limitado à recuperação de elementos explícitos na superfície textual, prestando-se à avaliação escolar pura e simples. Como consequência, a escola com suas práticas desmotivadoras e pouco significativas de leitura, ao invés de se constituir como *locus* do desenvolvimento de leitores com atitudes crítico-reflexivas perante um texto, tem apenas contribuído para o afastamento do aluno da atividade de ler, dentro e fora da sala de aula (Alves e Ribeiro, 2012, p. 98).

Portanto, o curso “Mediadores de Leitura” tinha o objetivo de fazer com que o professor refletisse sobre a sua própria prática e que, durante o período de formação, ele pudesse repensar as metodologias de ensino de leitura em prol da formação de leitores proficientes. Para alcançar este objetivo, a primeira etapa do curso foi destinada para o embasamento teórico acerca das concepções e estratégias de leitura. Em um segundo momento, priorizou-se um trabalho com os gêneros textuais/discursivos e a literatura infantil e, finalmente, destinou-se uma parte do curso para elaboração de projetos de leitura visando à aplicação em sala de aula. Os resultados apontaram para o redirecionamento de concepções e estratégias de leituras e, portanto, mudanças nas práticas pedagógicas dos docentes participantes.

Preocupando-se também com a importância da formação do professor leitor, com o objetivo de torná-lo um bom mediador da leitura, o artigo de Baptista, Cândido e Caligiorne

¹ A pesquisa Retratos de Leitura no Brasil considerou leitor o sujeito que leu, inteiro ou partes, pelo menos um livro nos últimos três meses. Em relação a estes dados específicos, não está claro se os entrevistados nunca observam seus familiares lendo livros ou também outros suportes textuais (jornais, revistas, histórias em quadrinhos, receitas entre outros).

(2012) expõe o projeto “Tertúlia Literária: quem lê também tem muito a dizer”, desenvolvido por professores e alunos do Grupo de pesquisa em letramento literário do CEALE (Centro de alfabetização, leitura e escrita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais). Esse projeto foi desenvolvido desde 2009 e resultou de uma parceria entre a faculdade e as prefeituras das cidades que compõem a rede metropolitana de Belo Horizonte. Seu objetivo foi contribuir para a formação do professor como leitor da literatura, estimulando a leitura de textos literários, oferecendo aos professores participantes um espaço de leitura, fruição, análise e discussão de obras literárias, intensificando-se assim a relação do sujeito leitor com o universo literário e o prazer pelo ato de ler. Para as autoras:

O papel da mediação é real e necessário no ambiente escolar, sendo o professor um profissional estratégico que informa, induz, alerta, inicia o jovem leitor na prática da leitura. Para exercer esse papel de mediador de maneira adequada é necessário que ele possua bagagem suficiente para oferecer alternativas ao seu iniciante (...)
Para que a relação entre as crianças e textos literários seja mediatizada de forma competente e adequada, os professores devem ser, eles mesmos, leitores proficientes e, sobretudo participantes ativos da cultura letrada (Baptista, Cândido e Caligiorno , 2012, p. 293 e 297).

Partindo-se destes pressupostos, os participantes eram encorajados a ler uma obra a cada mês e, no final deste período, reuniam-se para troca de experiências, discussões e ampliações das leituras realizadas. Havia encontros virtuais e presenciais. Nestes, fazia-se presente um leitor convidado, indicado como alguém mais experiente – autor, livreiro, professor ou alguém que possuísse alguma relação mais aguçada com as obras. Ao longo dos três anos de realização do projeto Tertúlia literária, as pesquisadoras puderam observar que os professores participantes incluíram novos vocabulários e repertórios de leitura em seu cotidiano, além de reconstruírem a sua relação com a leitura e com os livros. Assim, estes projetos, como outros tantos que visam ao estreitamento dos sujeitos com o ato de ler, esbarram na questão da resignificação da relação do leitor com a leitura, relações estas que não se reduzem às dimensões cognitivas e intelectuais, havendo claramente a presença da dimensão afetiva.

Em consonância com os estudos acima expostos, Lima e Azevedo (2011) também defendem a necessidade de o professor ser um leitor, consciente de que na escola representa um modelo de leitor para o aluno. Elas investigaram uma escola reconhecida por apresentar um diferenciado trabalho pedagógico relacionado ao ato de ler e buscaram apontar as estratégias favoráveis à formação do aluno leitor no espaço escolar. Identificaram que as leituras diárias realizadas pelos professores, bem como a variedade de livros escolhidos e a relação destes professores com a leitura, foram importantes para o sucesso do processo. As

autoras ressaltam que as atividades de leituras eram previamente planejadas, havendo um trabalho com intencionalidade por parte dos professores, de modo que a preparação das leituras tornava o momento de ler histórias mais interessantes e atraentes; as autoras acreditam que o professor só age deste modo quando entende realmente o valor, o prestígio e a necessidade de ler para seus alunos.

Portanto, as pesquisas indicam, cada vez mais, que a qualidade da mediação é decisiva para o processo de aprendizado e constituição do sujeito. Para Leite (2011)

A constituição do sujeito leitor é um processo socialmente construído, determinado basicamente pela história de mediações sociais vivenciadas pelo sujeito, incluindo desde o ambiente familiar, passando pelas diversas situações sociais, até, obviamente, a escola. E mais: essa história de mediação é determinante para o desenvolvimento das habilidades e das condições pessoais envolvidas no ato de ler, incluindo as de natureza motivacional. (...) Portanto, razão e afeto estão intimamente relacionados quando se trata da constituição do leitor, assim como em todo o desenvolvimento humano, considerado aqui como o processo de apropriação, pelo indivíduo, dos elementos e dos conteúdos culturais (Leite, 2011, p. 42).

Ao reconhecer o papel fundamental da mediação na constituição humana, o “Grupo do Afeto”², desde os anos finais da década de 90, além de olhar para a importância da mediação afetiva nas diversas práticas pedagógicas, vem buscando realizar estudos para compreender o impacto da afetividade no processo de constituição do sujeito leitor. Embasado pela teoria Histórico-Cultural, que enfatiza o papel das interações sociais e a mediação do outro, o grupo está convencido de que a afetividade é crucial para a relação do sujeito com o objeto de conhecimento, no caso, a leitura, de modo que, segundo Leite (2012),

Quando se fala em leitor de livros, está se referindo a um sujeito que deve ter tido **uma história de mediação afetivamente positiva** com relação a essas práticas de leitura; sem isso, o hábito não se instala e a leitura, se ocorrer, será por mera necessidade (...) (LEITE, 2012, p.80, grifos da pesquisadora).

Um dos primeiros trabalhos do “Grupo do Afeto” foi o de Grotta (2000), que analisou as histórias de quatro sujeitos adultos considerados leitores autônomos, buscando compreender o processo de constituição destes leitores, a partir dos depoimentos sobre suas trajetórias de leitura desde a infância até a vida adulta. Os resultados indicaram que estes sujeitos sempre tiveram contato com o material escrito, mesmo antes da alfabetização, tendo sido marcados por experiências de leituras significativas ao longo de suas vidas, envolvendo a mediação da família e dos professores na escola. Os depoimentos apontam diversos

² O Grupo do Afeto é um sub-grupo do grupo de pesquisa ALLE- Alfabetização Leitura Escrita, da Faculdade de Educação da UNICAMP, coordenado pelo professor doutor Sérgio Antônio da Silva Leite.

significados atribuídos à leitura em diferentes contextos para os sujeitos (como instrumento político, prática terapêutica, lazer, acesso ao conhecimento científico, trocas afetivas com os pares, entre outros) e as lembranças das práticas e mediações concretas estão carregadas de afeto. Segundo a autora,

(...) foi a interação com o “outro”, seja este uma pessoa concreta ou um autor, que possibilitou o acesso dos sujeitos ao universo da leitura, bem como a internalização de significados à atividade de ler. Como apontam os dados, foram outros leitores que, na interação social e por meio da linguagem, tornam possíveis tanto o acesso quanto a apropriação do universo simbólico e semiótico da escrita pelos sujeitos e impregnaram a prática de leitura dos mesmos de significados afetivos, culturais, sociais, políticos...(Grotta, 2000, p. 195).

Cinco anos após a publicação do trabalho de Grotta, Souza (2005), também integrante do Grupo do afeto, contribui com sua pesquisa que enfocou a mediação afetiva da família para a constituição do leitor. A autora resgatou depoimentos de quatro leitores assíduos, todos eles adolescentes, que trouxeram as experiências de leitura vivenciadas no ambiente familiar e identificou, nestes relatos, os aspectos que contribuíram para a relação afetiva positiva estabelecida entre os sujeitos com a leitura. Seus dados revelaram que, além do contato, desde a infância, com os materiais de leitura, a qualidade da mediação sujeito-objeto foi decisiva para o estabelecimento da relação positiva. Nessa pesquisa, a autora encontrou que a mediação da família foi decisiva para o processo de constituição do leitor, pois foi a responsável por organizar e mediar os primeiros momentos de leitura do sujeito, fazendo-o de forma positivamente afetiva, atenciosa entre outras características que, segundo os sujeitos investigados, facilitaram o sucesso da relação com a leitura.

No mesmo período, Silva (2005) procurou investigar as marcas da leitura escolar e seus significados na trajetória de leitura dos alunos. Entrevistou sete estudantes de 1ª e 8ª série, buscando reconstruir as suas experiências de leitura. A partir dos dados, a autora relata que alguns livros tornaram-se marcantes na vida destes sujeitos devido à realização de projetos pedagógicos que valorizam os livros em um contexto de atividades lúdicas. Apesar da clareza de que as condições de produção da leitura e constituição do leitor não se encerram no ambiente escolar, os dados indicam que a escola é decisiva e de grande influência na constituição do leitor.

Higa (2007), também na escola, realizou um estudo onde priorizou a mediação pedagógica de duas professoras, com as mesmas crianças, em anos subsequentes. No primeiro ano, observou as práticas pedagógicas da professora H. que era uma leitora assídua e realizava um trabalho de leitura bastante interativo com sua turma. Ela lia diariamente, desenvolvia projetos lúdicos com os livros, realizava contações de histórias diferenciadas, possibilitava o

acesso aos livros na sala de aula e na ausência de biblioteca escolar, organizou uma biblioteca circulante e promoveu, por conta própria, os empréstimos dos livros de seu acervo pessoal junto com o acervo da escola. A professora C. do ano seguinte, diferentemente, pouco lia e não destinava tempo da rotina para apreciação dos livros. Não organizou empréstimos de livros e raramente oferecia livros para as crianças na sala de aula, exceto para o treino da fluência de leitura. Durante as observações das aulas e ao entrevistar as crianças e suas famílias, a autora constatou que as práticas de leitura em sala de aula (se diários ou esporádicos), os modos de ler das professoras (com entusiasmo, entonação de vozes, uso de recursos visuais e organização do ambiente), o acesso aos livros no contexto escolar e a possibilidade de empréstimo, além da percepção que a criança tinha sobre a relação da professora com a leitura (se gostava de ler ou se o fazia por obrigação) foram fundamentais para determinar os movimentos de aproximação/afastamento entre as crianças e a leitura. Concluiu-se com esta pesquisa que se faz necessário na escola um projeto político pedagógico coletivo que valorize a formação do sujeito leitor, de modo que as práticas que envolvam a leitura não ocorram de modo isolado, a critério de cada professora, pois se sabe que o processo de constituição do sujeito-leitor é longo e gradativo, devendo-se superar a lógica “taylorista-fordista” (Heloani, 2003). Evidenciou-se também, com este trabalho, a importância da família no processo de constituição do leitor, pois, as famílias que estavam intimamente envolvidas com a leitura, e que dispunham de livros e gibis, continuaram no ambiente familiar, o incentivo à leitura. No entanto, outras crianças e seus familiares, relataram que, por não terem mais acesso aos livros emprestados da escola, e por não terem condições de adquiri-los, diminuíram a frequência da leitura, se comparado com o primeiro ano, quando a primeira professora disponibilizava os materiais de leitura.

Diante do exposto, não há mais como ignorar a importância da mediação afetiva, bem como a importância da parceria escola-família-biblioteca para a promoção da leitura e a constituição do leitor. Evidencia-se, neste panorama, a importância de manter e ampliar as investigações na área, analisando as práticas bem sucedidas em relação à leitura e as trajetórias dos leitores reais, com a finalidade de compreender as condições concretas que favoreceram a sua aproximação com a leitura de modo satisfatório. No próximo capítulo, pretende-se olhar para a biblioteca como lugar privilegiado e importante mediador que contribui para a formação do leitor.

3. A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA COMO MEDIADORA NA CONSTITUIÇÃO DO LEITOR

Se existe um lugar propício aos desvios e aos encontros inesperados, é a biblioteca. (...) Ali, podemos experimentar uma relação com o livro que não se funda somente nas perspectivas utilitaristas da instrução, e nos abandonar a esses tempos de devaneio em que não se deve prestar contas a ninguém, nos quais se forja o sujeito e que, tanto quanto os aprendizados, ajudam a crescer e a viver (...) a biblioteca deveria ser um espaço cultural mais do que um complemento didático, para dar lugar a percursos singulares, a achados imprevistos (em particular no caso de quem não pode ter acesso a uma biblioteca familiar) (Petit, 2009, p. 273 e 274).

Entre os diversos mediadores atualmente considerados importantes para a aproximação do sujeito com o material escrito, um deles, sem dúvida, é a biblioteca, embora esta relação de mediação e proximidade entre o leitor e o escrito seja recente na história da instituição. No início, a biblioteca foi criada em resposta à necessidade do homem de armazenar adequadamente o conhecimento produzido e acumulado por meio do escrito, tanto que a palavra biblioteca, de origem grega (βιβλίον, *biblion* - "livro", e θήκη *thēke* - "depósito"), significa "caixa ou depósito para guardar livros" (Cunha, 1997; Takamatsu, 2011; Klebis, 2011). De fato, o significado da palavra poderia ser literal, visto que por longos anos que seguiram desde a sua origem, a biblioteca tinha como função predominante apenas a reunião e o armazenamento dos textos, que com o passar do tempo modificaram seus suportes. As primeiras bibliotecas foram minerais, pois abrigavam placas de argila com as escrituras. Em seguida, tornaram-se também vegetais e animais, com a introdução dos rolos de papiro e pergaminho (Martins, 2002). Somente mais tarde elas abrigariam os livros, tal como conhecemos na atualidade e, posteriormente, com o avanço da tecnologia na área da informática, surgem as bibliotecas digitais.

Portanto, independentemente dos suportes textuais, a biblioteca surge com o objetivo de preservar o escrito. Para Chartier (1999), um dos temores da cultura escrita, sem dúvida, é a perda do texto escrito; por isso, sempre houve a preocupação com a preservação dos textos ameaçados, a cópia dos livros mais preciosos, a impressão dos manuscritos e a edificação de grandes bibliotecas. Segundo o autor, "Desde Alexandria, o sonho da biblioteca universal excita as imaginações ocidentais" (Chartier, 1999, p. 117), pois se desejava reunir e preservar os escritos a todo preço.

De acordo com Klebis (2011), a mais antiga biblioteca foi formada no século VII a. C. em Nínive, pois os assírios interessavam-se pela preservação de documentos, relatórios e arquivos, que eram escritos nas placas de argila. Na antiguidade, a biblioteca de Pérgamo também foi importante e reunia eruditos e literatos que buscavam competir com Alexandria e,

segundo Battles (2003), foi responsável pela introdução do pergaminho, diminuindo assim a dependência da importação dos papiros egípcios. No entanto, a biblioteca de Alexandria foi considerada a mais famosa e importante da Antiguidade, pois reunia um acervo com mais de setecentos mil volumes, empilhados e precariamente organizados por meio de etiquetas com os nomes dos autores e dos títulos. Ela existiu até 642 d.C., quando foi totalmente destruída em decorrência de mais um incêndio devastador.

Segundo Martins (2002), o espaço arquitetônico dessas bibliotecas da Antiguidade era construído de tal maneira que se permitia um rigoroso controle e impossibilitava a saída do acervo e, apesar da sua importância, essas bibliotecas não tinham um caráter público e mais escondiam que difundiam as obras, de modo que, neste templo guardião, as práticas em seu interior eram bastante limitadas e seu público ainda mais restrito.

Já na Idade Média, as bibliotecas começam a definhar com o declínio de Roma, mas o livro não perde seu prestígio. Segundo Cavallo e Chartier (1998)

Entre os príncipes e os nobres os livros são quase sempre de entretenimento e de devoção, mas sua função transcende a simples leitura. (...) Os livros são também ornamento, sinal de cortesia, de civilização, de vida refinada; são ainda enfeites, sinais de riqueza e de fasto refletidos no conjunto da casa a indicar de modo ostentatório a opulência, por meio de encadernações recobertas de peles valiosas, de tecidos finos, de metais preciosos. São objetos que evocam, estabelecem, celebram o esplendor do príncipe e de sua corte (Cavallo e Chartier, 1998, p.24).

Assim, ao longo da humanidade, a representação em torno do livro e da biblioteca associou-se ao conhecimento, à riqueza (financeira e/ou intelectual) e ao poder. Darnton (2011) relembra que, antes da imprensa e da produção massiva, o livro era feito à mão, com diferenças sensíveis entre as diversas páginas, nas quais os artesãos deixavam suas marcas da individualidade. Os materiais para o escrito podiam ser opulentos, as capas variadas e importava-se tanto com o material, quanto com o seu conteúdo, pois, segundo o autor, “degustava o livro como se degusta o vinho” (p. 150).

Segundo Battles (2003), na Idade Média, três tipos de bibliotecas estavam presentes: as monásticas, as particulares e as universitárias, sendo que estas últimas foram fundamentais para um novo modo de organizar os materiais escritos e ampliar o acervo. De acordo com Cavallo e Chartier (1998), é nesse período, a partir do século XIII, que surgem as bibliotecas que deixam de enfatizar o acúmulo e a conservação dos livros, caracterizando-se em espaços que valorizam a leitura. Com a crescente participação e práticas de leitura em seu interior, as bibliotecas reorganizaram-se. Segundo Saenger (1998), no século XII os cubículos para estudo eram divididos por paredes de pedras que possibilitavam a leitura em voz alta pelos monges, sem que um deles atrapalhasse os demais. No final do século XIII, a arquitetura é

modificada, bem como os mobiliários das bibliotecas, que são instalados em salões que passam a dispor de escrivaninhas, estantes de leituras e bancos que aproximam os leitores. Os livros de referência, neste período, são acorrentados à estante, disponível apenas para leitura no local.

Conforme o autor,

Foi nessas bibliotecas com correntes do final do século XIII que a necessidade de silêncio para o leitor veio a ser explicitada pela primeira vez. Nas bibliotecas da fase final da Antiguidade e nas dos mosteiros do início da Idade Média, em que os usuários liam em voz alta, o som de cada leitor funcionava como barreira fisiológica, ou seja, atrapalhava leitores vizinhos. Quando os leitores começam a ler visualmente, o barulho tornou-se perturbador. Mesmo a leitura em voz baixa incomodava a concentração dos outros leitores, tornando difícil o estudo na biblioteca medieval (Saenger, 1998, p. 161).

Portanto, a leitura silenciosa passa a ser valorizada doravante e a biblioteca alcança outra dimensão, não apenas a de guardiã dos livros. Entretanto, embora pública, a biblioteca permanecia atrelada quase que exclusivamente à elite. Neste momento, as normas são intensificadas, difundindo a ideia de um comportamento que deve ser regulado e controlado, instaurando-se a obrigatoriedade do silêncio nas bibliotecas (Chartier, 1999). Mais tarde, as bibliotecas começam a apresentar um grande crescimento de seus acervos, após a impressão dos livros em larga escala. Para Chartier (1999), esta multiplicação dos livros se deu primeiro em função da invenção de Gutenberg; posteriormente, no século XIX, pela industrialização da atividade gráfica e, por fim, no século XX, pelo aumento das tiragens dos livros de bolso. De acordo com o pesquisador, a superprodução do livro acabou por difundir “a ideia de que livros demais é algo que pode ser perigoso ou inútil para a constituição do próprio saber, que supõe escolhas e triagens” (Chartier, 1999, p. 127).

Assim, com esta expansão, tornou-se necessário o aperfeiçoamento das técnicas de catalogação do acervo, bem como projetos mais sofisticados em relação ao funcionamento das bibliotecas, para possibilitar maior independência ao leitor e facilitar o acesso aos materiais (Klebis, 2011). Do mesmo modo, a presença dos mediadores que atuam na biblioteca passa a ser considerada crucial.

As bibliotecas vão se tornando mais abertas ao público e, portanto, a instituição, que inicialmente era destinada para poucos, preocupada em ser o porto seguro dos escritos, escondendo-os e preservando-os a todo custo, vai se reestruturar e assumir lentamente uma nova identidade, ao se abrir para os leitores diversos, não apenas aos “eruditos” de outrora.

Nesta direção, além da atuação da biblioteca como instituição responsável pela organização e representação da informação para a conservação e preservação da memória, a biblioteca passa a atuar também sob outros dois paradigmas: o da difusão cultural,

preconizando o acesso e o uso da informação e o da apropriação cultural, enfatizando a importância da atuação dos sujeitos como protagonistas sociais e culturais na apropriação dos conteúdos e construção de conhecimento por meio de mediações e da dialogia (Perrotti e Pieruccini, 2007).

Na atualidade, portanto, o discurso que ecoa em torno do que vem a ser uma “boa e desejável biblioteca” é aquele que a defende como instituição que preserva e promove a disseminação das obras e dos conhecimentos acumulados, além de ser atraente aos leitores, possibilitando sua atuação como protagonista no processo de produção do conhecimento.

Em 1994, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), publicou o Manifesto sobre Bibliotecas Públicas, relacionadas à informação, literacia e educação, recomendando as seguintes “missões-chave” para a biblioteca pública

- Criar e fortalecer hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
- Apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis;
- Oferecer possibilidades de um criativo desenvolvimento pessoal;
- Estimular a imaginação e criatividade das crianças e jovens;
- Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
- Facilitar o acesso às diferentes formas de expressão cultural das manifestações artísticas;
- Fomentar o diálogo intercultural e, em especial, a diversidade cultural;
- Apoiar a tradição oral;
- Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação à comunidade;
- Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;
- Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
- Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários.

Nota-se, portanto, um movimento mundial em torno da valorização das bibliotecas públicas, preconizando-se sua interação constante com os usuários. De acordo com Machado, Júnior e Achilles (2014),

“Em se tratando de uma instituição social a Biblioteca Pública é o resultado de determinados processos sócio-históricos e assume diversas funções, conforme o contexto no qual está inserida: memória; preservação e fomento da cultura; organização e disponibilização dos registros do conhecimento; acesso e produção de conhecimento; difusão da informação à comunidade; dentre outros. São entendidas como instituições sociais, porque servem a propósitos sociais, tais como: educação, cultura, lazer, informação, entre outros” (p.116).

Entretanto, Perrotti e Pieruccini (2007) reconhecem que, no percurso histórico das bibliotecas, existiu um hiato entre estas instituições e a sociedade, cisão esta que contribuiu para a precária situação das bibliotecas em nosso país. Neste sentido, defendem ser “fundamental a criação de uma relação ativa, interessada e permanente com o conhecimento,

destinada a ultrapassar o período restrito e obrigatório de frequência aos bancos escolares” (Pieruccini e Perrotti, 2012, p.23).

Assim, os autores contribuem, e muito, para uma nova visão em relação às bibliotecas, principalmente as bibliotecas escolares, promovendo projetos pioneiros que visam transformá-las em “Estação de conhecimento”. Como instância privilegiada ao desenvolvimento sistemático das *aprendizagens informacionais*, a “Estação de conhecimento” funde informação e formação em um novo dispositivo que permite a apropriação do conhecimento pela criança (Pieruccini e Perrotti, 2012). Portanto, tem como ponto de partida a crítica à monologia e, para além da conservação cultural, preconiza a difusão cultural e a produção de conhecimento. Nesta perspectiva, a biblioteca assume o compromisso de oferecer um espaço dinâmico, aglutinador e orientador. Um espaço de recepção e de produção e, neste processo, os sujeitos são compreendidos como protagonistas, produtores de cultura e não meros consumidores

Para isso, Perrotti (2006) afirma ser imprescindível trabalhar na perspectiva de criação de redes, pois nenhuma biblioteca consegue oferecer, com profundidade, materiais de diversas áreas, de modo que a parceria e integração entre diferentes instituições (diversas bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, centros culturais, livrarias entre outras) seria profícua e desejável. Preconiza também que as bibliotecas ofereçam diversidade de recursos informacionais, que vão desde o papel até o equipamento eletrônico, bem como o planejamento dos ambientes de acordo com o público que recebe, prevendo, por exemplo, mobiliário que possibilite autonomia dos participantes.

Para o autor, indubitavelmente as instituições responsáveis pela promoção da leitura são de grande relevância, pois “Entre exigências diversas, o estabelecimento de vínculos efetivos entre leitura e sociedade pressupõe instituições e mediadores capazes de viabilizar a relação do leitor com o texto. Sem um quadro institucional que funcione adequadamente, parece difícil a criação e sustentação de vínculos entre sociedade e leitura” (Perrotti, 1990, p. 63).

Todavia, critica que sejam as únicas demasiadamente responsabilizadas ou evidenciadas no processo de constituição do leitor, pois, apesar da importância das instituições, o autor é enfático ao afirmar que a formação do leitor na atualidade exige bem mais que a existência de escolas e bibliotecas em pleno funcionamento. Para Perrotti (1990), a privatização da infância e seu confinamento em creches, escolas e outras instituições, somados à perda constante de espaços onde tradicionalmente se produzia cultura, tais como

quintais, ruas, calçadas, parques, praças entre outros, são fatores que devem ser considerados quando se discute a relação do sujeito com a leitura e a cultura.

Nos novos tempos, estão em jogo não apenas questões de infra-estrutura que afetam a leitura. Está em jogo sobretudo o lugar reservado à infância na sociedade. É aqui que os problemas mais difíceis se colocam, já que dizem respeito ao estar-no-mundo de crianças e jovens de nossa época. E, como se sabe, nossas relações com os objetos culturais são construídas em consonância com esse modo de estar (Perrotti, 1990, p. 17)

Deste modo, salienta que não basta ater-se a críticas em relação aos aspectos funcionais da escola, da biblioteca e de outras instituições promotoras da leitura, havendo necessidade de avançar para questões que dizem respeito à natureza da própria cultura e de suas instituições. Para o autor, é preciso rever os fundamentos que constituem a base da promoção da leitura, visto que as crianças e jovens cada vez mais estão vivendo reclusos em instituições encerradas em si mesmas, “que insistem em manter-se de costas para o jogo social vivo” (p. 19), oferecendo-lhes poucas oportunidades de participação efetiva na cultura.

De acordo com Perrotti (1990), o estrangulamento da vida pública na infância dificulta a experiência direta da multiplicidade e da liberdade e, neste sentido, sem questionar as condições culturais a que estão submetidas e sem relacionar estas situações à promoção da leitura, torna-se difícil a compreensão das “pontes entre leitura e cultura”. Assim, argumenta que “sem a descoberta dessas pontes parece que não se conseguirá sustentar e aguçar o interesse de crianças e jovens pelos livros, pois, no fundo, estes são memória, documentos onde a humanidade, através dos séculos, vem registrando e projetando suas lutas, medos, sonhos e esperanças- sua cultura” (p. 99).

Sem dúvida, a leitura é um dos meios de relação do homem com o mundo, porém, se estiver presa a contextos privatizantes, corre o risco de esgotar-se num uso utilitário:

ao invés de se vincular ao *mundo*, lugar da liberdade e da cultura, a leitura corre o sério risco de se esgotar num uso utilitário, ligado à esfera da produção, da necessidade, das *coisas* da vida. Sendo assim, acaba sendo proposta para a infância não em função de seus interesses abrangentes, seus desejos mais profundos e vibrantes, como por exemplo a apropriação, a compreensão, a participação do e no *mundo*, mas em função de interesses imediatistas, pragmáticos, produtivos incrustados nas instituições especializadas e por elas definidos; interesses, de resto, que obviamente não conseguem tocar fundo crianças e jovens, sobretudo porque desvinculados daqueles mais abrangentes e fortemente motivadores- os do *mundo*. (...) Colocada à margem do processo cultural vivo, protegida dos conflitos inevitáveis da vida social, a infância encontra todo o tipo de dificuldades para descobrir as imensas possibilidades do ato de ler (Perrotti, 1990, p.94-95).

Portanto, o autor defende que novos caminhos devam ser trilhados para que a leitura seja um ato verdadeiramente cultural, não um mero *hábito* destinado a fins imediatistas e pragmáticos. Indica que os primeiros esforços devem ser em direção à dessacralização da leitura e da superação das concepções salvacionistas do ato de ler. Sugere também o

rompimento com o confinamento sócio-político-cultural, imposto pelo modelo burguês, recomendando a presença de projetos educativos e culturais que contemplem as expressões culturais da infância em toda a sua diversidade. Para isso, do mesmo modo, preconiza que os “muros imaginários” (p. 101) que isolam as instituições e espaços especializados sejam derrubados, resgatando-se a infância e a diversidade dos espaços públicos.

Assim, a biblioteca pública pode ser uma instituição de grande valia para contribuir com o rompimento do confinamento cultural anunciado por Perrotti (1990). Nesta direção, almeja-se que ela represente espaços de convivência, de leitura, de estudo, de produção, de práticas diversas. Espera-se que seja um espaço privilegiado, que valoriza as produções dos sujeitos que dela participam. Passa-se a pensar na biblioteca como um espaço privilegiado para o leitor e, deste modo, os livros são libertados de suas correntes, preconizando-se o seu acesso a todos, até mesmo às crianças bem pequenas, ainda não alfabetizadas. Estima-se que o leitor seja livre, embora algumas regras de conduta neste espaço e com estes materiais sejam-lhe impostas: defende-se que o sujeito possa manusear, cheirar, folhear, escolher e ler os livros sem restrições, de modo que coabite com eles neste espaço rico, cheio de possibilidades.

Entretanto, para Machado (2010), apesar dos discursos que tornam consenso a importância da biblioteca pública, muito pouco se fez, na prática, até os dias atuais, para apoiar efetivamente esta instituição. Também destaca que o caráter elitista e conservador das políticas públicas para bibliotecas levaram a uniformização de propostas, enquadrando-as em formatos genéricos. Assim, constata que:

O impacto de políticas de estilo uniformizador, centralizador e tecnocrático para bibliotecas foi evidenciado no primeiro Censo Nacional de Bibliotecas Públicas Municipais, realizado no período de setembro a novembro de 2009 e publicado em 2010. Em sua maioria, as bibliotecas públicas brasileiras não possuem recursos suficientes para se manter, para atualizar seus acervos, investir em tecnologia e muito menos na formação e qualificação de suas equipes, prescindindo muitas vezes do próprio profissional formado (Machado, 2010, p. 95).

Em consonância, a última pesquisa realizada pelo instituto Pró-livro- Retratos de leitura no Brasil 2012- indica que mesmo com a democratização das bibliotecas, 75% dos entrevistados assumem que nunca frequentam uma biblioteca. Quando indagados sobre os motivos que os fariam a mudar de ideia e passar a frequentar a instituição, apenas 20% dos entrevistados dizem que frequentariam se houvesse livros novos; 13%, livros mais interessantes e 11%, se oferecessem atividades culturais. No entanto, 33% dos entrevistados dizem que nada os faria frequentar uma biblioteca. A parcela minoritária dos sujeitos entrevistados, que declaram frequentar a biblioteca, é basicamente representada por

estudantes (70%) e estes consideram as bibliotecas bem cuidadas, afirmam ser bem atendidos e gostarem muito da biblioteca que frequentam (Failla, 2012, p. 319). Para Zoara Failla (2012),

Se a biblioteca é vista como lugar para estudar, é preciso mudar sua cara para mostrar que pode ser um equipamento cultural voltado para toda a comunidade. Isso somente será possível se ela for transformada de fato, passando a oferecer atividades convidativas à população local. (...) Esse novo modelo exige não somente acervos, mas **pessoas capacitadas para serem mediadoras de leitura** e, também, abertas a identificar e organizar eventos, exposições, narração de histórias e outras atividades ligadas a autores e obras do seu acervo. Outra mudança fundamental: estar aberta em finais de semana e em horários que possibilitem a visita de todos os moradores da comunidade (Failla, 2012, p.49. destaque da pesquisadora).

Nota-se que a biblioteca não parece ser atraente para uma grande parcela da população entrevistada pela pesquisa acima citada e que parece estar sucateada, pois os sujeitos desejam livros novos, títulos interessantes, atividades culturais, internet no local, melhor disposição dos livros, ambiente agradável, bons bibliotecários, entre outras reivindicações (Failla, 2012, p. 318). Compreende-se que, além da democratização do acesso aos livros e da estrutura física das bibliotecas, o bibliotecário e os outros agentes que nelas atuam como mediadores passam a ser considerados fundamentais para aproximarem o leitor das obras diversas. Portanto, segundo Battles (2003), ao longo da evolução da história das bibliotecas, modificou-se também a função do bibliotecário.

Em séculos anteriores, o bibliotecário tivera toda a vida determinada por sua relação com os livros- um número relativamente pequeno de livros, organizados segundo regras rígidas e utilizados por leitores que, em sua maioria, já tinham familiaridade com eles. O bibliotecário tinha, acima de tudo, que custodiar a coleção. Contava os livros, ia buscá-los, para depois devolvê-los às estantes. Mas com a difusão do papel impresso e sua crescente utilização pelo público leitor, a relação do bibliotecário com os leitores começou a suplantá-la que ele mantinha com os livros sob sua guarda. A imagem que definia o bibliotecário mudou. Em lugar de simplesmente custodiar, ele passou a prestar assistência (Battles, 2003, p. 123).

Assim, pressupõe-se que os profissionais da biblioteca abracem outras causas, não se restringindo apenas à organização do acervo. Eles passam a ser considerados essenciais para a manutenção da vida da instituição. Arena (2011), ao refletir sobre bibliotecas escolares, diz:

Não bastam espaços, livros, materiais videográficos e documentos guardados para caracterizar a existência de uma biblioteca na escola. Não são os objetos físicos que dão a ela existência e vida. Não é somente com eles que se pode confirmar a existência de biblioteca na escola; mas é com as relações entre alunos, livros, bibliotecários, professores de biblioteca e professores de sala de aula que se pode conquistar o estatuto de lugar dos livros ou de biblioteca. (...) Somente com livros mudos e sonolentos no escuro silencioso dos espaços eventualmente abertos a leitura não nasce, porque quem a faz nascer e existir são seus leitores com a mediação dos educadores de biblioteca (Arena, 2011, p. 13 e 14).

O mesmo vale para as bibliotecas públicas: neste contexto, a importância dos mediadores é ressaltada, pois, muitas vezes, apenas o acesso ao livro não basta. Para muitos usuários de bibliotecas, são os mediadores que farão com que diversos livros saiam das prateleiras e sejam escolhidos e depois “devorados” pelos leitores. São os mediadores também responsáveis pelas sugestões de leituras impensadas que vão incentivar o novo, mudar direções e apresentar o desconhecido. Petit (2008), em sua pesquisa com jovens leitores franceses, buscou compreender como alguns deles, a maioria imigrantes, se apropriavam das bibliotecas públicas e quais as contribuições destas na luta contra o processo de marginalização e exclusão destes sujeitos.

A autora encontrou que a biblioteca para esses jovens foi importante por estar associada ao acesso ao saber; por possibilitar a apropriação correta da língua por meio das leituras; para a construção de si próprio com a contribuição do material lido; por oferecer um lugar adequado aos estudos e pelas relações criadas com os “outros”. Assim, Petit (2008) afirma que o leitor é transformado e “trabalhado por sua leitura” (p.28) e, para exemplificar, cita o depoimento de um de seus entrevistados, que diz:

Quando eu era criança, às **vezes o bibliotecário parava seu trabalho e contava histórias para nós. Isso me tocou muito, a sensação, a emoção que senti naquele instante, permaneceu.** É algo parecido com um encontro. Ninguém me disse: faça isso, faça aquilo [...]. Mas, me mostraram alguma coisa, fizeram-me entrar em um mundo. Abriam-me uma porta, uma possibilidade, uma alternativa entre milhares, talvez (...) (Petit, 2008, p. 30, destaque da pesquisadora).

O sujeito entrevistado prossegue seu relato tecendo lindas reflexões sobre a importância da biblioteca e dos mediadores de leitura e, neste trecho, nota-se a o papel crucial do bibliotecário para sua história de vida. Outros jovens leitores compartilham deste pensamento:

A biblioteca foi uma descoberta extraordinária, pois modificou a minha vida (...) Foi ali que eu realmente li, devorei, **recebi conselho dos bibliotecários. Logo de início as trocas foram agradáveis. Ia à biblioteca para ler, para buscar meus livros, para escolhê-los e também pelo contato com os bibliotecários que era muito importante.** Não quero dizer que ficava atrás deles esperando que me acolhessem, mas muitas vezes me sugeriam leituras e quando eu devolvia os livros, me diziam: ‘Ah. Já leu este, vou te recomendar um outro’ (Petit, 2008, p. 152, destaque da pesquisadora).

A bibliotecária conhecia meus gostos. No começo eu estava ligado nisto, mas ela sentia que este não era o meu interesse principal, e eu não sabia. **Então ela me aconselhava outros livros.** Eu me disse: ‘Nossa, isto não tem nada a ver com o que eu queria, mas me agrada mesmo assim’. E cada vez ela mudava, e sempre eu gostava” (Petit, 2008, p. 163, destaque da pesquisadora).

Nestes excertos, assim como outros tantos que permeiam o livro, nota-se que a interação entre os sujeitos e os bibliotecários foi marcante e decisiva para a relação do sujeito com a leitura e algumas obras. Portanto, para a autora, a leitura é uma “história de encontros”, pois quando as crianças não têm pais leitores que os encorajam a ler, podem se deparar com outros encontros e outros “iniciadores aos livros”, tais como os avós, irmãos mais velhos, professores, vizinhos, os empregadores de seus pais entre outros tantos. Petit (2008) entende que:

(...) compreendemos que o iniciador ao livro desempenha um papel-chave: quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso. (...) O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial (p. 148 e 154).

Deste modo, se o mediador é vital para as bibliotecas e se sua função elementar é “construir pontes” entre os livros e os leitores, ele necessita de boa formação, de conhecimento sobre as obras e sobre os leitores para o sucesso desta aproximação, ciente de sua importância no interior da biblioteca. Diante de tudo, se o objetivo atual da biblioteca é, além de preservar adequadamente a produção escrita, conquistar leitores e com eles compartilhar os inúmeros saberes acumulados pela humanidade, criando condições para seu protagonismo na construção de conhecimentos, entende-se que a instituição deve: oferecer espaços para que os leitores vivam e convivam com o outro e com os escritos, possibilitar a aproximação das obras, o manuseio sem restrições, a leitura, o estudo, o diálogo, as reflexões individuais e/ou coletivas e os empréstimos dos materiais. Para isso, a biblioteca deve conscientizar-se da sua importância enquanto mediadora no processo de constituição do leitor, criando redes com outras instituições também importantes para a promoção da leitura e assim cuidar para que as interações que ocorram entre os leitores e os livros, os leitores e outros leitores e os leitores e os funcionários de biblioteca ocorram de forma positiva, de modo que a cada visita à biblioteca o leitor renove seu desejo de retornar e ler mais e mais.

4. MÉTODO

A procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humana de atividade psicológica. Nesse caso, o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo (Vygostky, 2007).

4.1 A pesquisa qualitativa – Fundamentação teórica

De acordo com os objetivos propostos – identificar as práticas das famílias que participam da biblioteca, descrevendo e analisando a mediação das mesmas no processo de aproximação da criança com as práticas de leitura, bem como compreender como as referidas famílias se envolveram com a leitura- optou-se, neste estudo, pela metodologia da pesquisa qualitativa, considerando as contribuições de autores como Bodgan e Biklen (1982), Ludke e André (1986), Ezpeleta e Rockwell (1989).

Segundo Bodgan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa traz cinco características fundamentais: a fonte direta dos dados é o ambiente natural, sendo o investigador um instrumento principal; há um trabalho minucioso de descrição; o interesse é por todo o processo e não apenas pelo resultado; a análise dos dados é indutiva; há preocupação com a perspectiva dos participantes. Essas características estiveram presentes ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pois se acreditou que, para analisar e compreender as histórias dos sujeitos em relação às suas práticas de leituras e o modo como desenvolvem a mediação, seria imprescindível que a coleta de dados ocorresse em ambiente natural. Neste caso, observou-se a interação dos adultos e das crianças na biblioteca, através de um contato direto e prolongado com os participantes.

Esse contato direto foi importante para aproximação dos sujeitos com a pesquisadora e, conseqüentemente, para melhor qualidade dos dados construídos. Nas conversas iniciais com os sujeitos, muitos demonstraram timidez e dificuldade para falar. Eles verbalizavam pouco e quase não entravam em detalhes sobre suas práticas com as crianças. Entretanto, com o passar do tempo, à medida que pesquisadora e pesquisados foram se encontrando, participando de contações de histórias, oficinas, lançamentos e seleções de livros, a pesquisadora pôde se aproximar cada vez mais dos sujeitos, observando-os em diversificadas situações na biblioteca, compartilhando algumas vivências com eles e, portanto, deixou de ser um completo “estranho” aos sujeitos, a quem se dirigia. Isso foi importante para que, em conversas posteriores, os participantes demonstrassem menos timidez para falar e para que todos, sujeitos e pesquisadora, tivessem experiências vividas em comum na biblioteca para conversar. Sobretudo, esses cuidados foram importantes também para auxiliar na formulação

de perguntas e para incentivar os sujeitos a falarem sobre determinadas questões que não abordavam espontaneamente, mas que foram observadas pela pesquisadora. Muitas dessas observações foram consideradas cruciais para o estudo e por isso buscou-se extrair dos próprios sujeitos o motivo pelo qual se utilizavam de determinadas práticas com as crianças em relação à leitura. Assim, o que era observado, muitas vezes era exposto aos sujeitos, com a finalidade de disparar a conversa sobre o tema até então não abordado ou pouco comentado por eles, mas fundamental para a compreensão dessas relações estudadas. Notou-se que, através desta estratégia, os sujeitos pareciam mais encorajados a falarem e com isso os relatos ficaram mais ricos e detalhados.

A observação constante também foi importante procedimento para que a pesquisadora pudesse presenciar algumas práticas que os sujeitos mencionavam. Nas entrevistas, os sujeitos relatavam o que faziam, com a intenção de promover o incentivo à leitura para as crianças; muitas dessas práticas que os sujeitos relatavam acontecer em casa, ambiente a que não se teve acesso, puderam ser vistas pela pesquisadora no espaço da biblioteca, possibilitando uma melhor compreensão sobre o que diziam. Para Bodgan e Biklen (1982),

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência (Bodgan e Biklen, 1982, p. 48).

Além disso, este procedimento de observação foi fundamental para se ter acesso ao “não dito”. Por exemplo, quando a pesquisadora perguntou para um dos sujeitos se ele realizava a leitura para a criança em casa e como isso ocorria, ele respondeu inicialmente:

Eu leio à noite, antes de dormir. A gente escolhe um livro e eu conto a história e depois a gente dorme (Trecho de entrevista com mãe Carla).

Mas quando a pesquisadora viu essa mãe lendo um livro na biblioteca, escolhido pela filha, que o pegou na prateleira enquanto brincava no grande tapete, observou uma série de aspectos importantes para a pesquisa, referentes à leitura compartilhada entre elas:

A mãe sentou-se no chão, ao lado da filha, que em um determinado momento foi para seu colo. Ela lia inventando uma voz para cada personagem do livro e conversava com a criança, chamando a sua atenção para as ilustrações ou fatos da história, de acordo com o que parecia considerar interessante. Elas riam juntas, demonstravam vivenciar um momento de grande afetividade. Mãe e filha interagiam e a menina demonstrava gostar do livro e daquela situação. Ao terminar a leitura ela guardou o livro e procurou por outro, para que tudo se repetisse novamente. A mãe demonstrava paciência com as escolhas da criança, ajudava-a também a encontrar um livro interessante. Ambas pareciam muito envolvidas com o momento vivenciado (Trecho de observação registrado no diário de campo).

Assim, ressaltou-se a importância de coletar os dados sobre a leitura e a mediação dos adultos no espaço da biblioteca, possibilitando que a pesquisadora efetivamente se

aproximasse da perspectiva dos sujeitos. Para isso, foram importantes a observação e a descrição detalhada, com o cuidado de se considerar tudo que era observado. As anotações em diário de campo foram fundamentais para elucidar questões, para embasar alguns relatos e práticas e para reforçar ou rever concepções. Segundo Von Simson (1998)

Através da observação participante pudemos então perceber as diversas maneiras pelas quais não somente relatos orais nos transmitem mensagens importantes para a pesquisa. Também atitudes, fatos e comportamentos paralelos são utilizados pelos informantes para fazer chegar aos pesquisadores suas visões de mundo e de si mesmos. O importante é estar alerta e saber captar essas mensagens incorporando-as ao processo de análise dos relatos orais (Von Simson, 1998, p. 1308).

A metodologia escolhida mostrou-se também coerente com a perspectiva teórica sobre a constituição humana aqui assumida, apresentada anteriormente. Assume-se que o ser humano só pode ser compreendido historicamente, constituindo-se na/pela cultura, através de um intenso e contínuo processo de relações interpessoais vivenciadas em seu meio ambiente. Assim, justifica-se a escolha pela metodologia qualitativa para a realização dessa pesquisa.

Dentre as inúmeras possibilidades de metodologias das pesquisas qualitativas, a perspectiva da História Oral contribuiu para este estudo, visto que, além de observar as práticas de leitura e os modos de ser e estar das famílias na biblioteca, objetivava-se compreender como os adultos se envolveram com as práticas de leitura e por qual razão estavam incentivando as crianças a se aproximarem dos livros, participando desse ambiente. Buscava-se compreender as histórias dos sujeitos relacionadas à leitura, ouvindo suas vozes, de modo a valorizar suas memórias e com eles tecer a compreensão dos motivos de seus modos de agir na biblioteca com as crianças em situações concretas.

Com isso, utilizou-se da História Oral Temática, expressa por Meihy (1998), como modalidade da História Oral que busca detalhes da vida do narrador relacionados ao tema de interesse do pesquisador. Nesse caso, o autor destaca a importância do uso de um roteiro para identificação de detalhes sobre o objeto de pesquisa. Destarte, a coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semi-estruturadas, nas quais os sujeitos deram depoimentos que possibilitaram tecer suas histórias relacionadas à sua constituição enquanto leitores e também mediadores de leitura. Entrevistas recorrentes também foram utilizadas para alguns sujeitos, como se verá adiante.

Segundo Queiroz (1991), o depoimento diferencia-se da história de vida, pois a coleta dos dados é dirigida pelo pesquisador, com maior ou menor sutileza, mas é ele, de fato, quem conduz a entrevista, dando maior atenção e ênfase aos acontecimentos que lhe interessam e repercutem em seu trabalho. Neste caso, não se está preocupado em reconstituir a História de

vida dos sujeitos de modo global, respeitando todas as suas etapas cronológicas e acontecimentos diversos trazidos pelos sujeitos. Diferentemente, busca-se compreender a sua história em relação a um determinado aspecto específico, neste caso a leitura. Assim, a coleta de dados ocorreu de forma mais dirigida, pois a pesquisadora insistiu em questões que considerava centrais para seu objetivo, direcionou sua atenção para determinados dizeres, incentivando a fala dos sujeitos sobre seu foco de interesse. No entanto, é importante ressaltar que os sujeitos puderam falar livremente sobre tudo que desejaram expor.

4.2 O locus da pesquisa: a biblioteca pública municipal prof. Nelson Foot

*** Breve histórico e evolução**

Com o intuito de compreender como a biblioteca pública de Jundiaí alcançou suas atuais dimensões, desenvolvendo inúmeras atividades voltadas à população com o objetivo de “participar ativamente do processo da educação, cultura e informação em Jundiaí, permitindo o livre acesso à leitura, aos seus munícipes e moradores da região³”, cativando leitores, tentou-se resgatar, ainda que de forma breve, a história e algumas memórias do processo de constituição desta biblioteca. Na ausência de um trabalho mais sistematizado sobre o histórico da instituição, Leila Casote, a atual diretora da biblioteca, solicitou a colaboração da bibliotecária Vera Miranda Barros, que trabalha na instituição há 13 anos, e da colaboradora Clayde Marins Santos, que conta com 25 anos de trabalho na Nelson Foot, para contribuir com a presente pesquisa. Gentilmente, ambas redigiram um sucinto texto que situava momentos relevantes da história da instituição. A partir deste texto, a pesquisadora entrou em contato com datas e fatos marcantes da história da biblioteca e, posteriormente, com o objetivo de complementar os dados, marcou uma conversa com a bibliotecária Vera.

Neste encontro, com mais de 3 horas de duração, conversou-se sobre aspectos diversos da história da biblioteca, sendo possível compreender um pouco mais a dinâmica da instituição ao longo dos anos. Nessa entrevista a pesquisadora também foi informada sobre a existência de registros referentes à biblioteca que estavam preservados na hemeroteca. Deste modo, para ampliar a visão sobre o processo de constituição da instituição e suas práticas, tentando com isso enriquecer o presente trabalho, a pesquisadora passou a consultar a hemeroteca.

³ Objetivo exposto na página da biblioteca, disponível em: <http://www.jundiai.sp.gov.br/educacao/complexo-argos/biblioteca-publica-municipal-prof-nelson-foot/>

Durante o manuseio do material disponibilizado, a pesquisadora encontrou poucas cópias de documentos oficiais e muitos artigos de jornais diversificados, entre eles Jornal de Jundiaí, Jornal da Cidade, Jornal do Interior, Jornal Ponto Final e Folha de São Paulo. Ao analisar este material, pôde-se inferir que a biblioteca, desde sua inauguração, parece sempre ter sido uma instituição importante para a cidade, destacada pela mídia impressa em seus diversos movimentos tais como: pedido e agradecimento referentes à doação de livros; informes à população sobre mudanças de horários de atendimento; notificação de reformas e mudanças de endereço; disponibilização da agenda cultural da biblioteca; propagandas sobre a importância de frequentar a biblioteca da cidade; informações de seu acervo e estrutura física; cobertura dos eventos ocorridos na instituição entre outros temas de reportagens.

Infelizmente, a hemeroteca não está digitalizada e os recortes das reportagens estão agrupados em diversos livros encadernados, guardados em um armário próximo à sala das bibliotecárias. Para ter acesso aos livros, é preciso pedir para um dos funcionários a retirada, sendo que o material pode ser consultado por todos. Podem ser realizadas cópias dos materiais, com limite de 20 páginas por dia.

Deste modo, a pesquisadora conseguiu copiar alguns documentos e recebeu autorização para fotografá-los. Estes documentos estão disponíveis no Anexo VI, de modo a ilustrar, para o leitor, alguns dos percursos traçados pela instituição. O primeiro recorte de jornal encontrado na hemeroteca sobre a biblioteca data de 31 de outubro de 1971, quando o jornal noticiou que Jundiaí teria a sua primeira biblioteca pública, solicitando a colaboração de decoradores jundiaenses.

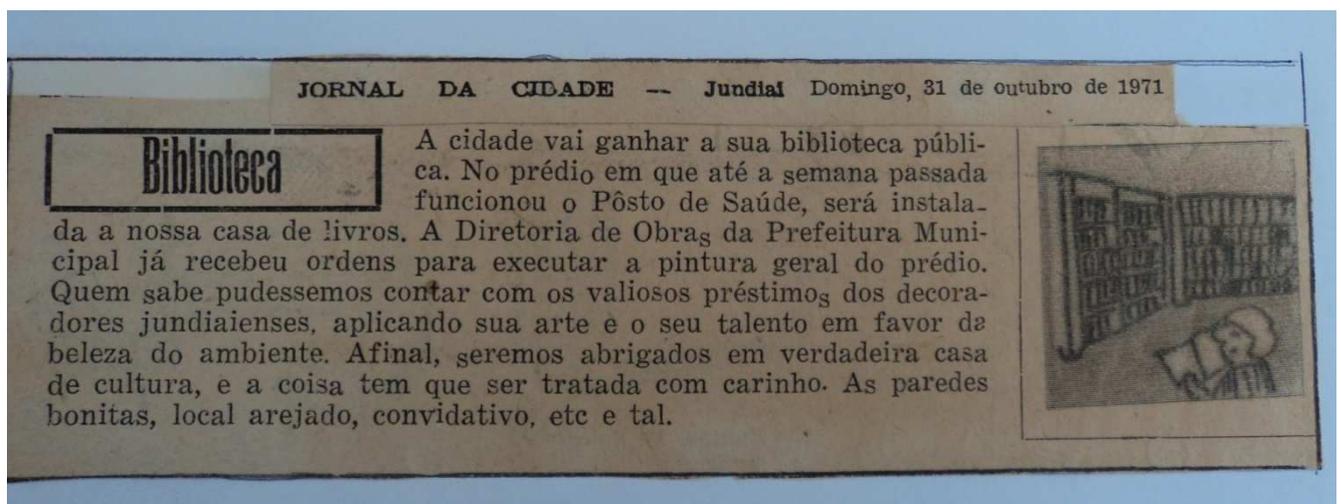


Figura 1- Reportagem extraída da Hemeroteca . Jornal da Cidade, 31 de outubro de 1971

Neste recorte, assim como em outros, é possível observar o apelo do jornal, para que se tratasse a biblioteca com carinho e, ao analisar outros documentos, infere-se que a biblioteca foi aguardada com muita ansiedade pela população jundiائية.

Entretanto, de acordo com o documento “Caracterização da biblioteca”, da Coordenadoria de Cultura e Turismo (Disponível no Anexo VI), a Câmara Municipal de Jundiá já havia aprovado, em 11 de dezembro de 1969, a lei nº 1.656, que criava a biblioteca pública. Todavia, segundo o documento, a lei não foi executada de imediato, pois, em 20 de outubro de 1970, a lei municipal nº 1.749 modificou a anterior, criando a “Sala de Leitura para Universitários”. Esta Sala foi instalada em 1971 na Rua Barão de Jundiá, nº 1.033, e seu acervo era específico para atender os estudantes universitários das faculdades de Medicina, Direito, Pedagogia, Administração de Empresas, Economia e Escola Técnica de Enfermagem.

Contudo, segundo o documento, “devido à grande afluência de estudantes de todos os níveis e de cidadãos de todas as classes sociais, a Sala de Leitura para Universitários tornou-se insuficiente e, foi transformada em Biblioteca Pública Municipal”. Neste documento, informa-se que a biblioteca foi inaugurada no dia 18 de dezembro de 1971, na Praça dos Andradas, onde antes funcionava um posto de saúde. Em outros documentos indica-se que a inauguração ocorreu nas datas de 16 ou 17 de dezembro. Ao manusear os jornais, acredita-se que a data correta de sua inauguração foi 16 de dezembro de 1971, pois em 17 de dezembro já se noticiava a inauguração da instituição pública em diversas reportagens com fotos da solenidade.

Desde 18 de setembro de 1970, a Prefeitura havia firmado convênio com o Instituto Nacional do Livro – INL, sob o registro nº 12.467, ficando o INL com a incumbência de enviar periodicamente doação de obras à biblioteca. Por outro lado, a Prefeitura Municipal deveria destinar, anualmente, ao menos dez salários mínimos para comprar livros. Entretanto, doações de empresas e de pessoas físicas foram importantes para a formação do acervo e os jornais pediram com frequência a contribuição da população, noticiando, em diversos momentos, o recebimento de doações em livros ou em dinheiro para a biblioteca. Assim, a grande maioria dos primeiros recortes localizados fazia referência às doações, cujos pedidos pareciam surtir efeitos, pois não foram poucas as doações de livros e em pecúnia para a biblioteca.

Infere-se que os jornais também desempenharam um papel muito importante na divulgação da nova instituição para a população. Eles realizavam amplas reportagens sobre a biblioteca, realizavam convites para participação dos cidadãos jundiائية à instituição, informavam os horários de atendimento e traziam informações do acervo disponível. Em 11

de janeiro de 1972, o Jornal da Cidade publica a matéria: “Você já foi à Biblioteca pública Municipal? –Não? – Então, vá” (Disponível no Anexo VI). Nesta reportagem, além de localizar a biblioteca, foram oferecidas informações aos leitores sobre o que era possível encontrar na biblioteca, alguns problemas existentes e fotografias do local. Durante décadas, muitas outras reportagens foram importantes para a divulgação das atividades da biblioteca, com a finalidade de atrair os leitores jundiaenses e cidadãos de municípios vizinhos. Mas nem sempre os jornais elogiavam e enalteciam a instituição. Muitas vezes eles foram críticos, apontando os problemas encontrados na biblioteca e expressos pelos usuários.

Um dos primeiros problemas que a biblioteca apresentou foi a ausência de bibliotecária e funcionários para atender a demanda. Os jornais clamavam por melhor atendimento e no dia 21 de setembro de 1972 noticiaram a chegada da primeira bibliotecária da instituição, Tereza Cristina Ferreira Dória, admitida por meio de concurso público. Com sua chegada à biblioteca, iniciou-se a implantação de processos técnicos, a ampliação do acervo e a realização de atividades para os usuários. A equipe parecia motivada para desenvolver atividades para a população e os jornais elogiavam a atuação dos funcionários.

Em setembro de 1973 os jornais noticiaram a mudança da biblioteca e do museu, que saíram da Praça dos Andradas para ocuparem um imóvel alugado da Fepasa, na Rua Rangel Pestana. Esta mudança foi vista como positiva, pois o espaço anterior não comportava adequadamente as obras da biblioteca e, principalmente, as do museu. Após as reportagens sobre as mudanças, os jornais enfatizaram algumas datas comemorativas, tais como a semana do bibliotecário, semana do livro e semana da biblioteca. Estas datas receberam destaques nos jornais em diversos anos.

Ao ler as reportagens, foi possível compreender alguns modos de operar da biblioteca. Ao ler diversos recortes de 1974, foi possível saber que, neste período, a biblioteca funcionava com horário estendido durante a semana, permanecendo aberta até às 22 horas e aos sábados funcionava das 08 horas às 11 horas e das 13h às 17 horas. Naquele momento, o acervo contava com 5 mil volumes e atendia diariamente cerca de 50 pessoas, tendo capacidade para 70 pessoas.

Em abril daquele ano, para comemorar o Dia do Livro Infantil, a biblioteca recebeu crianças, bem como fez doações de livros infantis para centros que atendiam esta faixa etária. Segundo reportagem, a administração municipal viabilizou o transporte dos funcionários e das obras para as instituições, permitindo que a biblioteca se aproximasse das crianças, o que demonstrava a preocupação da instituição em incentivar o acesso ao livro em diversos contextos, principalmente nas periferias, de acordo com os jornais. Em julho, comemorando-

se um ano da mudança da biblioteca para este endereço, noticiou-se o registro de 12.200 usuários. Naquele ano, vários alunos visitaram a biblioteca com suas escolas. Em outubro, o jornal informou que, em um único dia, 200 escolares visitaram a biblioteca para conhecer suas dependências e o museu situado ao lado.

No dia 17 de março de 1974, em comemoração à Semana da Biblioteca, a reportagem “Existe coisa melhor?” foi dedicada ao Sr. Vicente de Paula Krettis, 83 anos, frequentador assíduo da instituição. Com o hábito de visitar o local diariamente, para realizar a leitura de jornais e livros, ele dizia na reportagem: “Eu não sou daqui, mas o maior presente que a Prefeitura deu aos jundiaenses foi essa Biblioteca. Considero-a uma jóia de grande valor. (...) Além de tudo que posso ler e aprender, conto com o carinho, a educação e o respeito dos funcionários daqui. Existe coisa melhor?” (Disponível no Anexo VI).

Em dezembro de 1975, quando o Sr. Vicente completou 85 anos de idade, a biblioteca o recebeu com uma festa surpresa e o Jornal da Cidade voltou a homenageá-lo. Pode-se inferir, com estas reportagens, que desde a sua formação, a biblioteca parecia estar preocupada em estabelecer um bom relacionamento com seus usuários que, desde aqueles momentos, relatavam sentir-se bem acolhidos pela biblioteca.

Em janeiro de 1975, o jornal fez um convite à população para conhecer os novos livros infantis e divulgou um concurso de desenho. Naquele mesmo ano, o jornal alertou os cidadãos sobre a pesquisa popular que estava sendo realizada pela biblioteca municipal, que visava melhorar seus serviços em diversos aspectos. Nota-se que a instituição estava preocupada em ouvir seus usuários, autoavaliando-se para possíveis melhorias. Em novembro daquele ano, o jornal publicou uma pequena nota dedicada a explicitar a qualidade do atendimento dos funcionários da biblioteca que, segundo o autor, era eficiente e cortês.

Em 1975, os jornais indicaram o crescimento da área destinada aos usuários da biblioteca, que passou a ocupar 360m², com disponibilidade para 135 lugares, contra os modestos 25m², com 30 lugares, disponíveis de 1972 até agosto de 1973.

Na reportagem “Conheça a nossa biblioteca municipal”, de 1977, novamente convidava-se a população para visitar a instituição e, naquele momento, aparecia, pela primeira vez, a ideia e o desejo do projeto “biblioteca ambulante”. Nas férias de julho de 1978, uma nota avisava que a biblioteca estaria aberta nas férias, convidando os alunos para reforço nos estudos, bem como indicando algumas obras e autores para leitura fruição. Falava-se também das fábulas para as crianças, demonstrando a preocupação com a formação do “bom hábito de ler” entre esta faixa etária. Muitas reportagens realizadas com a

bibliotecária Cristina enfatizavam esta importância de formar o gosto pela leitura desde a infância.

Um importante acontecimento para a biblioteca ocorreu em outubro de 1978, mês das crianças, quando se inaugurou a biblioteca infantil. Neste dia, no auditório da biblioteca, foi exibido o filme “O gordo e o magro” para os presentes. No mês seguinte, os jornais noticiaram uma das primeiras atividades diferenciadas promovidas por esta seção da biblioteca: a confecção de cartões de natal com as crianças. Os materiais foram cedidos pela biblioteca e a oficina ocorreu sob responsabilidade da bibliotecária Cristina, que parecia muito engajada para a promoção dos eventos, sendo muito entrevistada pelos jornais da época.

Em julho de 1979, uma nova mudança. A biblioteca e o museu passaram a ocupar o prédio onde funcionou o Primeiro Grupo Escolar construído no interior do Estado de São Paulo, datado de 1896, o Siqueira de Moraes. A inauguração ocorreu em 31 de julho de 1979. Neste novo centro cultural da cidade, situado na Rua Barão de Jundiaí, as cinco salas da parte inferior do prédio foram destinadas à biblioteca, sendo que uma delas era para a administração e uma outra para a cozinha. As salas superiores foram ocupadas pelo museu. Apesar da reforma realizada, com construção de banheiros e área de isolamento nos fundos, os jornais noticiaram que nem tudo foi reformado. Assim, ao longo do período em que a biblioteca ocupou este espaço, o prédio precisou passar por constante manutenção, devido à presença de cupins, a necessidade de troca de assoalho, corrimão, telhado, tubulações, etc., de modo que muitas vezes a biblioteca precisou fechar suas portas para a população, atendendo-a de modo improvisado em outros locais.

Portanto, antes mesmo da inauguração deste Centro Cultural, o Jornal da Cidade criticava a instalação da biblioteca e do museu neste prédio, pois oferecia um espaço irrisório para ambas instituições. Isso porque, devido à pequena área destinada ao museu, quase metade de suas peças ficou guardada em um depósito à espera de local apropriado.

Em setembro de 1979, Moema Correa escreveu na coluna “Travessão”, do Jornal de Jundiaí, uma forte crítica ao formato da biblioteca municipal da cidade. Segundo a autora, “Decididamente, Jundiaí é uma cidade que não favorece o cultivo do hábito da leitura e do amor aos livros”. Na opinião de Moema, a biblioteca assemelhava-se mais a uma biblioteca didática, com livros em sua maioria voltados para os estudantes, professores e pesquisadores. Um outro ponto de descontentamento referia-se à não circulação dos livros, que deveriam ser consultados e lidos apenas no local. Duas alternativas possíveis para os leitores, indicadas por ela, seriam a biblioteca do SESI que, no entanto, era muito pequena, e o Gabinete de Leitura Rui Barbosa. Entretanto, ressaltava que este não era acessível a todos, pois para dele usufruir,

dever-se-ia ser sócio e pagar uma mensalidade. Assim, com esta reportagem, a pesquisadora pôde compreender alguns indícios das práticas da instituição, como a não circulação dos livros e a necessidade de consulta no local, que indica e explica o elevado número de pessoas que permaneciam na biblioteca para leitura e estudo, lotando-a com frequência. Em 1981, por exemplo, uma reportagem criticava a falta de estrutura da biblioteca para atender o alto número de estudantes que frequentavam o local. Segundo o jornal, mais de 200 usuários ficaram sem mesas e cadeiras para realizar suas pesquisas em um sábado. Pouco tempo depois, contraditoriamente, a manchete do Jornal da Cidade é “Biblioteca pública: pouco visitada, pouco cuidada”. Neste texto, criticava-se o fato de a biblioteca ser pouco utilizada pelos leitores, sendo massivamente ocupada por estudantes. Entretanto, com os diversos relatos, entende-se que a estrutura da biblioteca naquela época parecia ser realmente mais voltada aos estudantes, que aos demais leitores, seja pela característica do acervo, ou pela impossibilidade de empréstimo de livros.

Todavia, mesmo com inúmeras críticas em relação à não circulação do acervo, a instituição permaneceu operando nestes moldes até 1983. Antes disso, para facilitar o trabalho dos alunos, que permaneciam por longas horas copiando informações para seus trabalhos de pesquisas, instalou-se em 1980 uma máquina copiadora.

Segundo o Jornal da Cidade, em reportagem de maio de 1983, a bibliotecária Cristina mostrava-se preocupada com a imagem da biblioteca municipal como “grande biblioteca escolar” e acreditava que isso ocorria, pois “as pessoas não têm o hábito da leitura de lazer”. Deste modo, a matéria noticiava os planos da biblioteca para movimentar o setor infantil, entendendo-se a importância de “educar a criança desde cedo para a leitura”.

Esta preocupação com a constituição da criança leitora apareceu por diversas vezes nas reportagens reunidas na hemeroteca. Em sua crônica “Há um tesouro em Jundiáí. Vamos procurá-lo?”, Américo Motta referia-se à biblioteca pública como um tesouro dos jundiaenses, contradizendo a opinião de muitos que defendem que a cultura é privilégio da elite. Segundo o cronista, a biblioteca pública da cidade oferecia gratuitamente obras de reconhecido valor cultural e contava com “as gentilezas daqueles anjos”, referindo-se às bibliotecárias e demais atendentes da instituição. Assim, para Motta, “Aí está porque não concordo com os meus amigos que alegam ser a cultura um privilégio dos ricos e lhes **afirmo insistentemente que se dialogarmos com nossos filhos e ao lado do carinho lhe ensinarmos o caminho certo, teremos em nossa família jundiaense sábios e gênios, sem despender fortunas**, bastando para isso que desenterrem esse tesouro que o Município possui

e que está à espera de todos nós, ricos ou pobres” (Destaque da pesquisadora. Reportagem disponível no Anexo VI).

Em outras inúmeras reportagens, é possível ler depoimentos de funcionários da biblioteca, apontando para a concepção da importância da qualidade da mediação, do incentivo para a leitura e do interesse por frequentar bibliotecas desde a tenra idade.

Em 1982, o museu ganhou nova sede e, tempo depois, a biblioteca passou a ocupar o restante das salas daquela edificação. Em 8 de julho de 1983, o Jornal de Jundiá trouxe dados sobre a biblioteca infantil: “Aproximadamente 2000 volumes da literatura infantil mundial estão dispostos na sala da biblioteca infantil, em um acervo que foge ao habitual conjunto de histórias da carochinha. Temos procurado incrementar a parte infantil com novidades surgidas aqui no Brasil, como Ruth Rocha, Almeida e toda a nova safra da literatura infantil brasileira disse Cristina Dória. O movimento na biblioteca infantil é menor que o da geral, aumentando um pouco nestas férias, quando pais levam seus filhos para conhecer o CJC (Centro Jundiense de Cultura) e deixam-nos aproveitar a biblioteca” (Disponível no anexo VI). Nota-se que, há mais de 30 anos, a biblioteca infantil buscava oferecer uma diversidade de acervo para seu público e, assim como nos dias de hoje, a abertura e os eventos que a biblioteca promove no período de férias são importantes para fomentar a participação das pessoas na instituição.

Finalmente, em dezembro de 1983, depois de tantas críticas e expectativas, começou a funcionar a seção circulante da biblioteca municipal. Naquele momento marcante para a história da instituição, além das autoridades e dos funcionários da biblioteca, estiveram presentes a escritora jundiense Mariazinha Congioglio, Douglas Tufano, escritor e presidente da Associação Municipal de Literatura, Adelino Brandão, conhecido escritor, advogado e representante da Academia Jundiense de Letras e Artes de Jundiá e Ruth Rocha, que marcou presença, autografando vários livros durante o evento. Os jornais indicaram com satisfação esta conquista para os leitores de Jundiá, trazendo o regulamento e as informações necessárias para associar-se a biblioteca. Naquele período, apenas maiores de 14 anos poderiam ter carteirinhas para empréstimo de obras e, de acordo com os jornais, inicialmente apenas os livros de literatura seriam emprestados. Após o período de adaptação, tendo-se analisado os resultados, cogitava-se a possibilidade de empréstimo dos livros de matemática, física e biologia.

Uma semana após o início dos empréstimos, os jornais noticiavam que a biblioteca circulante despertava o interesse da população e anunciava a encomenda de novas obras pela biblioteca, entre elas os clássicos, modernos e *best sellers*.

Outra “reportagem denúncia”, como a do Jornal de Jundiaí de 17 de setembro de 1983, foi importante para a compreensão dos modos de operar da biblioteca e das práticas possíveis dos sujeitos, em diversas fases da instituição. De acordo com a reportagem “O estudo escolar, inviável na biblioteca”, um estudante das Faculdades Franciscanas foi proibido de entrar na instituição com seus materiais de estudo, mesmo tendo se comprometido a deixar suas canetas na portaria, para evitar danos às obras. Segundo a biblioteca, o seu regulamento não permitia a entrada de pessoas com materiais escolares na sala de leitura. Isso porque, em outras ocasiões, devido à deficiência de funcionários e fiscalização, muitos livros desapareceram ou foram danificados pelos estudantes, de modo que a biblioteca optou por assim regulamentar o uso de seu espaço pelos usuários. Assim, os estudantes e demais usuários poderiam entrar apenas com lápis e folhas soltas, algo bem diferente do que ocorre atualmente, pois as pessoas têm liberdade para carregar seus próprios materiais para estudo no local, podendo transitar com eles pelas diversas áreas da instituição.

No dia 10 de Abril de 1984, o Jornal de Jundiaí noticia a visita de crianças da Educação Infantil à biblioteca, através do projeto intitulado “Hora do conto”, uma parceria entre a Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Turismo em colaboração com a biblioteca. O livro lido nesta primeira experiência foi “Pintinho cabeçudo” e, além de apreciar a leitura, as crianças puderam desenvolver atividades de linguagem oral e artes plásticas, bem como manusear outros livros do acervo. Anteriormente, a biblioteca recebia estudantes de diversas escolas, porém, todos alunos do ensino fundamental ou médio.

Em 18 de maio de 1984, o Jornal de Jundiaí publica uma pequena nota, trazendo ao conhecimento público que o vereador Antônio Fernandes Pinazza encaminhou ao prefeito a solicitação para nomear a Biblioteca Municipal com o nome do professor Nelson Foot, destacado intelectual de Jundiaí que, além de outros méritos, foi reconhecido por sua atuação na direção do SENAI e no Conselho Administrativo do Colégio Vasco Antônio Venchiarutti. A solicitação foi atendida e, em 16 de novembro de 1984, com o decreto municipal 7.638, a biblioteca passou a se chamar Biblioteca Municipal Prof. Nelson Foot.

No mesmo ano, a Biblioteca promoveu o primeiro Concurso de Redação Escolar, cuja premiação foi realizada no seu auditório. O tema foi “O livro que mais gostei”, com a participação de mais de 800 alunos e 30 escolas.

Em 20 de Dezembro de 1984, o Jornal de Jundiaí noticiou o teatro de marionetes e fantoches do circo “Bem-me-quer”, presente na biblioteca para diversão das crianças. Sempre muito ativa, a biblioteca parecia buscar oferecer atividades diversas para atrair os leitores. Dias depois, o Jornal de Jundiaí publicou a matéria “Em 85, nova vida para as bibliotecas

municipais. Todas as bibliotecas do Estado passarão a ter uma nova diretriz, passando a ser verdadeiros centros de convivência, segundo decreto do governo Montoro.” De acordo com a reportagem, previa-se a implantação do programa estadual dos CINCs- Centro de Informação e Convivência- com o objetivo de popularizar a biblioteca, inserindo em seus espaços atividades como cinema, teatro, áreas de criação e convivência. A diretora da biblioteca, Teresa Cristina Dória, participou do encontro e disse ao jornal:

A intenção é alterar a imagem de uma biblioteca séria (no sentido de formalidade) para um centro que realmente difunde cultura e convivência”. Neste momento, a bibliotecária evidenciava que a Biblioteca Nelson Foot já havia iniciado alterações, com a implantação da biblioteca circulante e a efetivação do programa “Hora do Conto”. Para ela, resgatar a arte de contar estórias foi importante, em uma era de grande apelo das televisões e jogos eletrônicos, de modo a estimular a dramatização e recriação por parte das crianças participantes. Finalizou com o seguinte depoimento: “Com isso, eles passaram a sentir que a estória estava ali, palpável, mesmo sem saber ler o livro. E conheceram a biblioteca, formando uma imagem agradável e estimulante dessa instituição. E, mais importante: com vontade de voltar (Reportagem do Jornal de Jundiaí: Em 85, nova vida para as bibliotecas municipais. Disponível no Anexo VI).

Observa-se que o Estado buscava modificar o perfil das bibliotecas e, de fato, em 23 de agosto de 1985, o decreto N. 23.835, realizado pelo governador Franco Montoro, autoriza a celebração de convênios com municípios para desenvolvimento do Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo. A biblioteca, antes disso, parecia empenhada em possibilitar um espaço atraente e de convivência aos seus usuários.

Em abril de 1985, divulgou-se que o projeto “Hora do Conto”, que no ano anterior atendeu mais de mil crianças, pretendia acolher quatro mil crianças no ano corrente, principalmente as crianças da periferia de Jundiaí. De acordo com o escritor e presidente da Comissão Municipal de Literatura, o projeto buscava promover a sensibilização das crianças da pré-escola, em fase de alfabetização, para a importância do livro. Em nota, anunciava-se que, para comemorar a Semana de Monteiro Lobato, a biblioteca promoveria uma palestra para professores, estudantes e todos os interessados da comunidade, onde estaria presente o escritor Pedro Bandeira, mais uma personalidade importante que a biblioteca recebeu. Decidiu-se, também, que naquele mês, em homenagem a Monteiro Lobato, seriam lidas apenas histórias deste autor no projeto “Hora do conto”.

Outro marco importante para a biblioteca ocorreu em agosto de 1985, quando, finalmente, foi inaugurada a biblioteca infantil circulante, com mais de 3 mil volumes que poderiam ser emprestados pelos sócios. Em uma das salas da biblioteca, o novo espaço foi decorado com desenhos da “Turma da Mônica” e desenhos com temas ecológicos. As crianças deveriam visitá-la na companhia de um adulto responsável e a idade limite para

utilizá-la era de 14 anos. Atualmente não há restrição de uso da biblioteca infantil para outras faixas etárias; nota-se, com frequência, que adultos e idosos também gostam de permanecer no espaço da biblioteca infantil.

No ano seguinte, a biblioteca precisou passar novamente por reformas e ficou provisoriamente instalada na Casa da Cultura. Em 1987, os jornais anunciam que na biblioteca o gosto pela leitura se constitui brincando. De acordo com a reportagem, é possível notar a preocupação da instituição em atrair as crianças para este espaço da biblioteca, garantindo o brincar e o lúdico, tão importante para esta faixa etária. É possível compreender que, no período, a biblioteca já havia inserido brinquedos e livros para manuseio das crianças no espaço de leitura destinado a elas.

Em Junho de 1987, o auditório da biblioteca ganhou um vídeo cassete e uma televisão de 26". A partir de então, passou-se a oferecer, principalmente nas férias, filmes e pipocas para as crianças. Nota-se que, a partir de 1987, os jornais da região, em diversas reportagens, dão destaque para a biblioteca como instituição que promove o estudo, o lazer e a cultura. Em 1989, com o objetivo de proporcionar o lazer ao público infanto-juvenil, o projeto "Jundiaí em Férias" conseguiu reunir em um mês, nas férias de janeiro, 2420 pessoas na biblioteca. Assim, a biblioteca parecia cada vez mais preocupada em tornar-se uma referência também para o lazer das famílias, um espaço cultural de convivência.

A biblioteca manteve, nos anos seguintes, projetos para acolher a população infanto-juvenil, aparecendo com frequência na mídia impressa. Em 1996, anuncia-se nova reforma no prédio da biblioteca, que mais uma vez foi instalada na Casa da Cultura. Durante a reforma, parte do acervo foi levada para a sede da Guarda Municipal de Jundiaí, para permanecer em segurança até o fim da restauração do prédio. Depreende-se, com isso, o valor estimado deste acervo para a população da cidade.

A reinauguração da biblioteca ocorreu no início de março de 1998, contando com novos equipamentos e mobiliários. De acordo com os jornais, nos três primeiros dias, 50 pessoas se associaram. Ao ler as reportagens daquele ano, observa-se que a idade mínima para associar-se caiu de 14 para 7 anos de idade, quando a criança com sua certidão de nascimento e comprovante de residência poderia ter o seu cadastro efetivado.

No mesmo ano, a gerência da biblioteca municipal voltou a ser de responsabilidade da Secretaria de Educação. De acordo com os jornais, a mudança justificava-se porque mais de 90% dos frequentadores da biblioteca era representado por estudantes e a Secretaria de Educação teria mais verbas para investir na biblioteca.

Em fevereiro de 1999, a biblioteca foi reaberta com a conquista da informatização. O acervo passou a ficar disponível para consulta na WEB, garantindo agilidade na consulta dos livros. Assim, cada sala da instituição possuía um computador e funcionário para as buscas e também passou a oferecer uma sala de multimídias para os usuários que tinham acesso aos computadores e à internet. O espaço infantil também foi reformulado com mobiliário adequado à faixa etária, segundo noticiários.

Em 2000, o decreto municipal 17.801 regulamentou o uso da biblioteca por parte dos associados. De acordo com a regulamentação, estabeleceu-se que, em caso de perda das carteirinhas, os usuários deveriam pagar uma multa no valor de R\$1,00; o mesmo valor também seria cobrado, por dia, em caso de atraso na devolução dos livros emprestados.

Em novembro do mesmo ano, os jornais noticiam que a Biblioteca Nelson Foot era referência na região. Segundo as reportagens, entre 400 a 600 pessoas passavam por dia na instituição diariamente e, no período, o seu acervo contava com 34.531 livros.

No ano seguinte, o Jornal da Cidade destaca alguns jovens leitores da biblioteca na reportagem “Um prazer ao seu alcance – A leitura é um hábito cada vez mais comum entre os adolescentes, que estão descobrindo uma maneira saudável e bem divertida de passar o tempo”. Neste texto, inicialmente, falava-se sobre a rivalidade tecnologia X livros, destacando-se o valor dos livros. Na sequência, cinco jovens leitores, usuários da biblioteca, falaram de suas preferências de leitura e suas práticas na biblioteca. De acordo com a matéria, estes jovens liam poesias, livros diversificados para trabalhos escolares, biografias e revistas com fotos dos ídolos juvenis. Utilizavam também a biblioteca para estudar, acessar a internet e pediam ajuda para as funcionárias para encontrar alguns materiais específicos.

Entretanto, se a biblioteca era boa para os jundiaenses em 2001, para os sócios de outras cidades da região ela passou a apresentar motivos para queixas. Isto porque, naquele ano, decidiu-se que os residentes de outras cidades não mais poderiam fazer empréstimos de livros, gerando enorme descontentamento das pessoas, que recorriam aos jornais para manifestar a indignação.

Em 2001, foi criado o projeto “Jundiaí, a cidade que mais lê no Brasil”, que instalou estantes com as mais diversas publicações em agências bancárias, repartições públicas, agências comerciais, postos de saúde, pontos de ônibus, entre outros locais. Parecia haver um grande desejo de transformar a cidade em uma referência em termos de leitura.

Em maio de 2003, a biblioteca realizou pela primeira vez uma gincana cultural, com perguntas e respostas. Os vencedores da gincana receberam livros durante a premiação. De acordo com noticiários, em duas semanas a biblioteca recebeu 2 mil novos visitantes, um

aumento de 30% que, provavelmente, indica a repercussão do evento realizado. Nesta mesma reportagem foi esclarecido que a biblioteca era mantida com 1% do orçamento destinado à Educação, na época equivalente a 840 mil reais. Esta verba, além de outras prioridades, atendia aos projetos da biblioteca, tais como: “Biblioteca móvel” (Biblioteca adaptada em um ônibus, ativa desde 1994), “Despertando para a Leitura”, “Jundiáí, a cidade que mais lê no Brasil” e o “Viajando com a Leitura”.

De acordo com o jornal,

Todos (os projetos) têm um mesmo objetivo: despertar em adultos e crianças o gosto pela leitura. A criança, segundo Maria Eneida (diretora da biblioteca), é um agente multiplicador de ações. E, ao conhecer a biblioteca, seja para uma pesquisa escolar ou em visita monitorada para participar de algum dos projetos, ela se encanta e volta. “Só que ela volta e traz com ela o pai, a mãe, um irmão...Essa criança quer dividir com a família o que viu e o que aprendeu”, justifica (Disponível no Anexo VI).

Assim como em outros momentos, esta concepção da direção da biblioteca, sobre a importância de formação da criança leitora, parece fundamentar o envolvimento da biblioteca com os projetos para movimentar o setor infantil da biblioteca.

Posteriormente a esta reportagem, outra, sem data especificada, anuncia que os jundiaienses gostam de pesquisar, visto que os números de consultas registrados pela biblioteca superam as consultas da Biblioteca Mário de Andrade.

Em 2005, muitos acontecimentos continuam sendo noticiados pela imprensa. O primeiro de destaque foi a formação do grupo “Amigos da biblioteca”, cujo objetivo era reunir funcionários da biblioteca, membros da Academia Jundiائية de Letras e demais amantes da literatura. Os encontros ocorriam mensalmente e foram sempre divulgados pela mídia. Outro destaque do ano foi a doação de parte do acervo de Adelino Brandão, historiador, folclorista e um dos maiores estudiosos da obra “Os sertões” de Euclides da Cunha. A doação à biblioteca foi realizada por sua viúva e, entre os materiais doados, a instituição recebeu revistas antigas, recortes de jornais, textos, prêmios e fotografias.

Meses depois, em pequena nota, os jornais noticiavam a programação de férias na biblioteca, com o projeto “Hora do Conto”. Naquele período, a contadora Milva Morelli, que mantém um vínculo com a biblioteca até os dias atuais, já encantava o público com seus modos de contar histórias.



Figura 2- Reportagem extraída da Hemeroteca. Jornal da Cidade, 23 de Julho de 2005

Esta não foi a única nota encontrada no qual seu trabalho é valorizado pelos jornais da época. Também em 2005, foi amplamente divulgada a primeira Olimpíada de Redação, agora não apenas para estudantes, mas para toda a população jundiense, com premiação em dinheiro para os primeiros colocados. Esta Olimpíada vigora até os dias atuais, com ampla divulgação. No mesmo ano, devido à necessidade de mais reformas no centenário prédio que abrigava a biblioteca na R. Barão de Jundiá, a biblioteca foi transferida para o Complexo Argos.

O Complexo leva o nome da antiga tecelagem Argos Industrial S/A, uma das maiores indústrias têxteis de Jundiá, que funcionou neste espaço, no período de 1913 a 1984. A área foi adquirida pela Prefeitura em 1989 e revitalizada a partir de 1991, transformando-se no polo educacional do município. Além da própria Secretaria de Educação, ele acolhe o Centro de Capacitação e Formação Permanente do Magistério “Prof. Paulo Freire”, Centro de Informática, Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos “Prof. Dr. André Franco Montoro”, Centro Municipal de Língua Antonio Houaiss e Espaço Pedagógico. Ocupam a mesma área, a TV Educativa de Jundiá e o CRIJU – Centro de Referência ao Idoso de Jundiá e a Biblioteca Pública Municipal Prof. Nelson Foot.

Naquele momento, a biblioteca foi instalada na Sala Cecília Meireles, acima da TV Educativa de Jundiá. Nesta ampla sala, a biblioteca deixou de ser segmentada, como era anteriormente, o que possibilitou a disposição diferentes dos livros, independente dos setores. Logo após esta mudança, um novo sistema informatizado foi implantado em 2006, mais ágil e amigável, ampliando os serviços oferecidos aos usuários pela internet.

Em 15 de fevereiro de 2006, o Jornal de Jundiá noticia que a reunião dos “Amigos da biblioteca”, denominada pelos participantes de “Café Literário”, realizaria a sua 12ª edição.

Em Julho do mesmo ano, criticava-se o imprevisto da biblioteca, que contava com apenas uma bibliotecária. De acordo com a reportagem, a UNESCO orientava que, para cada 8 mil volumes do acervo, seria necessária a presença de uma bibliotecária. Entretanto, na biblioteca Nelson Foot, havia uma única bibliotecária para os mais de 42 mil itens da biblioteca.

No período em que a biblioteca ocupou a sala Cecília Meireles, manteve a tradição de oferecer diversas atividades para a população, além de seus serviços essenciais. Vários voluntários realizaram contação de história e ofereceram oficinas diversificadas. Uma das pessoas responsáveis pela contação de histórias era a professora Jurema Ruivo, que representava a Dona Benta, personagem do Sítio do Picapau Amarelo.



Figura 3- Contadora de história Jurema Ruivo. (Fotos extraídas do site <http://ojundiense.com.br/lazer/dona-benta-encanta-as-criancas-com-suas-historias-na-biblioteca-nelson-foot>/Dona Benta encanta as crianças com suas histórias na Biblioteca Nelson Foot)

Segundo relatos de usuários, funcionários da biblioteca e reportagens, ela utilizava fantoches para as contações e tinha um modo atraente de contar as histórias. As sessões de cinema com pipoca para as crianças também se mantiveram, bem como as visitas monitoradas das escolas. Havia um espaço com tapete, mesas, cadeiras e sofás de tamanhos próprios para as crianças, além dos livros e brinquedos, como se observa nesta outra fotografia encontrada na internet.



Figura 4- Atividade após contação de história realizada no dia 11 de Dezembro de 2010. Foto de Renata Tuffano, extraída do arquivo pessoal da fotógrafa, após sua autorização. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/renatabatata/sets/72157625614301725>

A foto acima retrata uma oficina após a leitura da história “Érica e os Girassóis”, realizada em 11 de dezembro de 2010. A avó e a neta, que naquele momento participavam do evento oferecido, são frequentadoras da instituição até os dias atuais e sujeitos da presente pesquisa. Provavelmente, se houvesse uma sistematização das fotos dos diversos eventos oferecidos pela biblioteca, outros sujeitos que participam deste estudo poderiam ser encontrados, pois muitos deles participaram da biblioteca no período. A partir desta foto, é possível verificar a disposição dos livros, dos mobiliários e entender o porquê que os sujeitos desta pesquisa, que frequentaram a biblioteca em diversas cedes, afirmam que a atual estrutura da instituição é a melhor de todas já oferecidas.

Após as inúmeras mudanças desde sua fundação, a biblioteca novamente transferiu-se em virtude da necessidade de garantir maior acessibilidade e ampliar seus espaços, visando oferecer à população um lugar dinâmico, vivo e mais acolhedor. Assim, em 22 de setembro de 2012, foi inaugurada a nova biblioteca, ainda dentro do Complexo Argos, em local mais amplo (2.600m²), com iluminação natural e vários espaços para acolher as pessoas, como se observará a seguir.

Em 2013, a biblioteca passou a integrar a Diretoria de Fomento à Leitura e Literatura, subordinada à Secretaria de Educação, ficando estruturada em três divisões: Administrativa, Técnica e Atendimento. No biênio 2013/2014, a Biblioteca participou ativamente das atividades oferecidas pelo Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SisEB), oferecendo capacitação para a equipe, oficinas e ações culturais para usuários e profissionais de bibliotecas da região, além de desenvolver ações e projetos próprios como a criação da Gibiteca, do projeto de leitura “Trouxeste a chave?”, que atendeu 4.285 crianças ao longo do ano, e a realização da 9ª edição da Olimpíada de Redação, além de 228 ações culturais: cinema, contação de história, exposições lançamento de livros, etc. A biblioteca foi selecionada pelo edital “Modernização de bibliotecas” do Governo do Estado de São Paulo, com o projeto “Espaço Jovem”, que prevê a revitalização do acervo juvenil (livros, ebooks, dvds) e do espaço de convivência.

Em 2014, o projeto “Trouxeste a chave” atendeu 5.273 crianças, sendo também foi ampliado para o público idoso, primeiramente com frequentadores do CRIJU (Centro de Referência ao Idoso de Jundiaí), que foram recebidos para ouvir histórias e contar suas próprias experiências. Em maio do mesmo ano, foi inaugurada a Gibiteca Gedeone Malagola, ampliando-se o acervo. A 10ª Olimpíada de Redação ocorreu com mais de 2500 inscritos e no ano, a biblioteca ofereceu 125 eventos para a população (cinema, contação de histórias, cursos, exposições, lançamento de livros, oficinas, palestras, entre outros), contando com a participação de 6.100 pessoas.

Assim, observa-se que a biblioteca municipal de Jundiaí vem se constituindo, ao longo de muitos anos, como uma biblioteca diferenciada por seu envolvimento com a população, sua dedicação aos usuários e sua preocupação com a formação do leitor. Soma-se a esta dedicação, a importância do poder público, que parece ter abraçado o projeto de uma biblioteca pública e de qualidade para a população. Nota-se que os diversos projetos implementados pareciam engajados em atrair as pessoas para dentro da biblioteca e estas, segundo estatísticas, parecem ter respondido positivamente às iniciativas. A seguir, o leitor poderá conhecer a atual estrutura da biblioteca.

*** A atual estrutura física, o funcionamento da biblioteca e a perspectiva da pesquisadora**

Conforme exposto anteriormente, depois de muitas mudanças e movimentos em busca de um local adequado para a sua sede, a biblioteca atualmente ocupa um prédio que passou por reforma e planejamento arquitetônico, oferecendo aos seus usuários um local mais amplo e com melhor infra-estrutura. O prédio está localizado próximo à região central de Jundiaí,

sendo acessível para quem usa o transporte público, pois está perto de um dos terminais de ônibus da cidade, havendo pontos de ônibus municipal e intermunicipal em frente ao Complexo, bem como a estação de trem que se situa a menos de um quilômetro da biblioteca.

A integração da biblioteca neste Complexo parece ser positiva, pois a pesquisadora observou que, além dos usuários comuns, que vão exclusivamente à biblioteca, muitos dos sujeitos que a frequentam são os que participam dos cursos oferecidos pelas outras instituições que ocupam o mesmo Complexo. Portanto, aproximar a biblioteca desses centros, onde são oferecidos cursos e serviços diversos à população, parece contribuir, facilitar e incentivar a frequência regular à biblioteca por muitos sujeitos que, participando das outras instituições, aproveitam para realizar empréstimos constantes, além de visitar o local para leituras de livros, revistas, jornais. Isso pôde ser comprovado por duas mães e uma tia que participaram da pesquisa. As mães Eliana⁴ e Lúcia levavam os filhos mais novos ao “Espaço Pedagógico”, para atendimento no Núcleo de Apoio à Aprendizagem. Os atendimentos ocorrem duas vezes na semana e estas famílias habituaram-se a visitar a biblioteca antes dos atendimentos ou na saída dos mesmos, sempre emprestando livros e realizando leituras no local. A mãe Eliana frequentemente deixa a filha mais velha na biblioteca para brincar e ler, enquanto acompanha o filho caçula nas sessões. A tia Marta também passou a frequentar a biblioteca com mais assiduidade, emprestando livros para os sobrinhos, depois que um deles foi matriculado no curso de informática oferecido no complexo.

Para todas as famílias, passar pela biblioteca é importante, pois o local é agradável e sentem-se acolhidos. A tia Luzia, por exemplo, passou a frequentar o espaço quase que diariamente, no período em que estava desempregada. Ela levava as sobrinhas na escola que ficava naquela região e para não ter de voltar para casa, gastando mais uma condução, preferia ler na biblioteca, usar o computador e a internet do local, aproveitando dos diversos recursos e dos espaços, enquanto aguardava as sobrinhas. Assim, ao ver que a biblioteca oferecia um espaço atraente para as crianças e alguns eventos para elas, passou a trazer as sobrinhas para a instituição, no contra turno da escola em alguns dias da semana. Estes são apenas alguns dos muitos usuários que aumentaram sua frequência de participação, devido à proximidade da biblioteca a outros locais de compromissos dos sujeitos, ressaltando-se que estas visitas se mantiveram porque todos relatam que foram bem acolhidos naquele ambiente sempre convidativo.

⁴ Vale ressaltar que se garantiu a todos os sujeitos da pesquisa o sigilo quanto à sua identificação e, em virtude deste fato, todos os nomes que aparecem no decorrer deste trabalho são nomes fictícios.

A instituição atende os moradores das cidades de Jundiaí, Campo Limpo Paulista, Várzea Paulista, Cajamar, Franco da Rocha, Itupeva, entre outras cidades da região e, para se associar, basta apresentar um documento de identidade e comprovante de residência. Todos os cidadãos jundiaenses e das cidades vizinhas que se associam podem realizar empréstimo de livros, diferentemente de outros momentos da história da biblioteca, quando o empréstimo era autorizado apenas para sócios residentes em Jundiaí. Entretanto, para participar dos eventos oferecidos e utilizar os espaços da biblioteca, não há necessidade de ser associado. De fato, muitas das pessoas que participaram dos eventos, com quem a pesquisadora teve a oportunidade de conversar, não eram sócias.

Os associados têm direito a empréstimos de dois livros por vez, bem como DVD, podendo ficar quinze dias com o material e renovar por mais quinze, também por meio da internet. A renovação on-line é realizada rapidamente no site da prefeitura, na página da biblioteca, bastando ter o código da carteirinha para efetuar a operação.

A biblioteca mantém a sua tradição de oferecer mensalmente uma programação diversificada aos seus usuários. Com um espaço ampliado, organiza com grande frequência exposições de fotos, trabalhos, obras de arte, entre outros; em seus espaços, promove palestras, lançamentos de livros, contações de histórias e apresenta grupos teatrais e musicais. Observa-se um dinamismo em sua programação e o apoio frequente de voluntários para a realização desses eventos. As contações que acontecem de sábado, por exemplo, são, na maioria das vezes, realizadas por professoras voluntárias que trabalham na rede municipal de Jundiaí. Poucas vezes as contadoras da biblioteca realizaram este trabalho aos sábados e nos últimos meses; notou-se um esforço das próprias servidoras da biblioteca para a realização das contações. Algumas das funcionárias que ficavam atrás do balcão de atendimento, ou eram responsáveis pela organização da biblioteca, passaram a envolver-se com a contação de história aos sábados e também no período de férias escolar. Conversando com algumas delas, descobriu-se que algumas servidoras estão participando de um curso de contação de história, o que parece motivá-las ainda mais para desempenharem as atividades de contação na biblioteca.

A biblioteca desenvolve também o projeto “Trouxeste a chave?”, coordenado pela professora Joyce Surian. Com ele, alunos de escolas municipais e privadas, bem como demais segmentos sociais, realizam visitas monitoradas à biblioteca, conhecendo seus espaços, o acervo e, após um lanche servido para as crianças, apreciam uma contação de história e

podem fazer o livre manuseio dos livros. Segundo o balancete da biblioteca de 2014⁵, naquele ano foram realizadas 170 visitas com a presença de 5.273 alunos. A pesquisadora presenciou algumas destas visitas, podendo observar o envolvimento das crianças que escutavam com atenção a história do prédio, antiga fábrica de tecelagem. As crianças são informadas do processo de catalogação dos materiais, aprendendo sobre a importância de manter os livros organizados em suas “casas”, são orientadas para manusear os livros com cuidado e, por último, encantam-se com a história contada e o livre manuseio. Na maioria das vezes, são apenas os alunos e os professores que participam deste momento, entretanto, em alguns sábados, pôde-se observar a visita monitorada com crianças e seus familiares.

A divulgação dos eventos da biblioteca continua sendo realizada pelos jornais da cidade, mas não com tanta frequência como antigamente, quando os jornais noticiavam cada movimento da instituição. Atualmente, a maior divulgação é realizada pela internet. A programação da biblioteca fica disponível na página eletrônica da prefeitura municipal de Jundiaí e nas redes sócias, através do “Facebook” da biblioteca, além de ser enviada por e-mail mensalmente aos usuários cadastrados. Além disso, ela distribui folders mensais para divulgar os eventos que ocorrerão em seu espaço e, nesse mesmo impresso, dá sugestões de leitura ou indica as novas aquisições de materiais da instituição. Em uma das abas do folder apresenta fotos dos eventos que ocorreram no mês anterior⁶. É um material muito organizado e disponível em grande quantidade e em variados locais da biblioteca para os usuários. A biblioteca também tem se tornado cada vez mais ativa na divulgação dos eventos nas redes sociais. No Facebook, além de emitir o folder com a programação no início do mês, ela compartilha novamente a programação e um novo convite-lembrete, próximo à data do evento. Em seguida, publica as fotos das atividades desenvolvidas.

O horário de atendimento aos usuários, de segunda-feira à sexta-feira, vai das 08:00h às 18:00h, entretanto em algumas situações ocorrem eventos noturnos após esse horário. Mantém a tradição de abrir aos sábados, quando funciona das 08:00h às 12:00h. O atendimento aos sábados amplia a possibilidade de participação da população, pois, para muitas famílias que trabalham, a participação só é possível neste dia. Segundo alguns funcionários da instituição, há uma previsão de novo horário de atendimento para a população

⁵ O Relatório Anual de 2014 está disponível em: <http://www.jundiai.sp.gov.br/educacao/wp-content/uploads/sites/10/2015/02/Relatorio-Anual-2014.pdf>. Visualização em 20 de julho de 2015.

⁶ No anexo IV deste trabalho é possível visualizar um modelo do folder impresso da instituição que foi digitalizado. No anexo V disponibiliza-se a programação dos eventos realizados ao longo do ano de 2014 (Extraído do site da prefeitura municipal de Jundiaí).

durante a semana, fazendo-se uma escola de horário até as 21horas, o que ampliaria as condições de participação dos trabalhadores.

A biblioteca também participa eventualmente de atividades fora de sua sede, como apresentação de livros, contações de história em praças e parques da cidade. Esta iniciativa não é nova, pois em outros momentos a instituição promovia eventos como estes, que são importantes para contribuir com a divulgação da existência da biblioteca pública às diversas regiões da cidade. Na foto abaixo, por exemplo, a biblioteca promoveu uma contação de história em um dos parques da cidade, atraindo pessoas que não estavam no parque inicialmente com o propósito de ouvir histórias, mas que se surpreenderam e puderam se encantar com a prática.



Figura 5- Contadora de história Joyce Surian, em evento no parque. Foto extraída do Facebook da biblioteca.

A equipe é formada por uma diretora, uma supervisora, três bibliotecárias, dois agentes operacionais, um assessor municipal, onze assistentes de administração, um assistente de gestão, um professor com carga suplementar, uma cozinheira, uma voluntária, dois auxiliares de limpeza e dois estagiários. De acordo com o relatório anual anteriormente citado,

A equipe faz um rodízio de posições de forma que todos conheçam os procedimentos e os princípios de um atendimento de excelência, respeitando a diversidade de público e de ações da Biblioteca, com acompanhamento bimestral em reuniões da direção com os servidores (Relatório Anual 2014 BNF).

De fato, a pesquisadora pôde notar que nem sempre eram as mesmas funcionárias que atendiam ao espaço jovem, embora notasse que algumas pareciam ter maior afinidade com o determinado público. Algumas das funcionárias pareciam identificar-se mais com o público

infantil que outras, demonstrando mais conhecimento sobre as obras, fazendo recomendações de leituras de acordo com o perfil das crianças. Entretanto, durante as idas à biblioteca, observou-se que todos os funcionários pareceram ser muito prestativos com o público em geral e, nos depoimentos dos sujeitos, eles confirmaram o fato de sempre sentirem-se bem recebidos no local.

O espaço físico da biblioteca é amplo e ela está organizada por setores. Logo na entrada há um balcão de atendimento com três computadores que são utilizados, além de outras funções, para realização de empréstimos e devoluções dos livros, bem como cadastros de novos associados. Segundo levantamento da biblioteca, em 2014 foram realizados 48.553 empréstimos a sócios cadastrados. Dos 40.723 sócios, estima-se que 47% encontra-se na faixa etária de 26 a 59 anos (adulto), seguida de 23%, na faixa dos 18 a 25 anos (adulto jovem). As crianças também podem ter suas próprias carteirinhas, atualmente sem restrições de idade. A família de Carla, por exemplo, possui quatro carteirinhas, sendo duas dos adultos e duas das crianças (4 anos e 1 ano de idade). As famílias que participam do setor infantil costumam pegar o número máximo de livros permitido, por isso, até mesmo os não leitores de suas famílias têm carteirinhas, pois elas são importantes para aumentar a quantidade de livros emprestados para as crianças. Esta é uma prática relatada por várias famílias.

Ainda de acordo com o relatório, o acervo total atual da biblioteca é de 47.845 itens entre livros (96%), folhetos, partituras, livros em Braille, livros falados, dvds e cds. Os periódicos encadernados formam uma coleção de 551 volumes (Manchete, Realidade, Imprensa Oficial). Os estudos sobre Jundiaí e região e a produção literária dos escritores formam uma coleção especial. Obras de valor histórico e/ou literário com data de publicação anterior a 1950, e edições especiais (baixa tiragem, edição artística, etc.) compõem o acervo de raros e especiais. Completam o acervo 28 assinaturas de revistas, 30 assinaturas de gibis e 7 assinaturas de jornais, com tempo de arquivamento pré-determinado, totalizando 64 assinaturas. A Hemeroteca reúne 5.762 artigos de jornais sobre Jundiaí, desde 1972, com atualização diária. A Hemeroteca Prof. Adelino Brandão sobre folclore é uma coleção fechada cobrindo o período de 1950 a 2004, com 4.800 artigos.

A instituição está organizada da seguinte forma: muito próximo à entrada da biblioteca, à sua direita, encontram-se alguns sofás, puffs e as mesas com cadeiras para estudo. Nestas mesas as pessoas geralmente lêem ou usam seus computadores pessoais. Algumas mesas estão próximas às tomadas, possibilitando o carregamento de baterias. Observou-se um total de 52 mesas com cadeiras para estudo/leitura individual espalhadas por esta área da

biblioteca. Estão disponíveis também nove mesas redondas, cada uma com quatro cadeiras, que compõem o mesmo espaço.



Figura 6- Mesas de estudo. Foto da pesquisadora.

No outro canto deste espaço, a biblioteca disponibiliza oito computadores com internet para seus usuários, além de oferecer internet sem fio para todos que frequentam o espaço com seus próprios computadores, tablets e smartphones. Há computadores espalhados pela biblioteca que funcionam exclusivamente como terminais de consultas do acervo.

Adentrando mais pelo lado direito da biblioteca, tem-se acesso ao acervo geral. Este acervo é multidisciplinar, atendendo às demandas de leitura, informação, lazer e memória dos munícipes de Jundiaí e Região e pode ser manuseado por todos, sem restrições. O acervo geral, com ênfase em literatura nacional e internacional, compõe-se também de livros de ficção e não ficção (filosofia, psicologia, história, religião, educação, história, biografias, entre outros), e material multimídia (áudio livros, cds, dvds e cd rom).



Figura 7- Acervo (Fotos extraídas do site da prefeitura municipal de Jundiaí)

Além das prateleiras convencionais, há expositores de livros que dão destaques para algumas obras.

No final deste setor, ao lado da área restrita da administração, a biblioteca oferece aos usuários a “sala de estudos”. Esta sala é separada por portas de vidro, onde se encontram duas

mesas grandes com quatro cadeiras, em cada uma. Parecem ser propícias para reuniões grupais, de modo que a conversa não atrapalhe os demais usuários, bem como para estudos mais reservados.



Figura 8- Sala de estudos. Foto extraída do site da prefeitura municipal de Jundiaí.

Para conforto de seus frequentadores são disponibilizados em toda a biblioteca 9 sofás de 3 lugares, 13 sofás individuais e mais de 50 puffs que estão espalhados por todos os espaços (próximo ao acervo geral e espaço jovem). São confortáveis e muito utilizados pelos leitores que frequentam o local.

Retornando-se para a entrada da biblioteca, do lado esquerdo do balcão de atendimento, há um grande painel de alvenaria, onde são afixados informativos, convites para os eventos e notícias de interesse público.



Figura 9- Painel informativo. Foto da pesquisadora.

Também deste lado, próximo à entrada, estão disponíveis mesas e cadeiras onde são servidos os lanches para as escolas e outras instituições que fazem as visitas monitoradas. Neste local, encontra-se o Acervo Braille.



Figura 10- Acervo Braille. Foto da pesquisadora.



Figura 11- Área para alimentação. Fotos da pesquisadora.

Seguindo pelo lado esquerdo da instituição, encontra-se a área de periódicos que é composta por assinaturas de jornais e revistas. As revistas que a pesquisadora viu disponíveis no balcão foram: Aventuras na História, Boa forma, Caras, Cláudia, Cosmopolitan, Educação, Exame, Hype, Máxima, Mundo Estranho, NationalGeographic, Nova escola, Placar,

Problemas brasileiros, Quatro rodas, Superinteressante, Veja, Viagem, Vida e saúde e Você S/A. Os jornais: Bom dia, Jornal de concursos e empregos, Jornal de Jundiaí, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.



Figura 12- Jornais e Revistas. Foto da pesquisadora.

As pessoas podem manusear estes materiais sem restrições. Há alguns que gostam de fazer as palavras cruzadas dos jornais. Ao longo de dois anos observou-se que alguns senhores parecem frequentar diariamente a biblioteca para realizar a leitura do jornal, assim como o Sr. Vicente de Paula, homenageado por sua assiduidade na década de 70. O local dispõe de sofás para os leitores, mas também são comuns as leituras mais apressadas realizadas em pé junto ao balcão.

Em frente, localiza-se o anfiteatro com capacidade para 89 pessoas sentadas. É um espaço confortável, com cadeiras estofadas, iluminação e acústica apropriada para eventos diversos. Algumas contações de história já ocorreram neste local, bem como teatro de sombras, lançamento de livros e o cine pipoca, que a biblioteca oferece em todas as férias.



Figura 13- Anfiteatro. Foto extraída do site da prefeitura municipal de Jundiáí.

O Espaço Jovem compõe a mesma ala. Ele reúne os acervos infanto-juvenil e juvenil; a Gibiteca “Gedeone Malagola”; as cinco mesas próprias para o jogo de xadrez e o grande Tapete Vermelho, onde geralmente ocorrem as oficinas, brincadeiras e contações de histórias. Neste ambiente recentemente foram instalados murais de vidros para exposição de trabalhos, obras e reportagens. Os sanitários estão localizados no fundo deste setor, próximos à copa dos funcionários, à sala para trabalhos manuais e à administração.



Figura 14- Espaço para Xadrez. Foto extraída do site da prefeitura municipal de Jundiáí.

Inaugurada em 2014, a gibiteca tem feito sucesso entre as crianças e principalmente os adolescentes. As paredes desta área foram pintadas com temas de super-heróis; móveis com ilustração dos famosos personagens dos quadrinhos foram pendurados no teto, conferindo um charme especial à gibiteca. Além dos móveis convencionais que abrigam os gibis, as revistas e os livros deste setor, há também os expositores. Os livros e gibis ficam dispostos em prateleiras mais baixas, sendo acessíveis também para as crianças pequenas.



Figura 15- Gibiteca. Foto extraída do site da prefeitura municipal de Jundiá.

A biblioteca infantil também foi projetada pensando-se no manuseio das crianças pequenas, pois os livros ficam em uma altura acessível para elas. Isso dificulta o manuseio dos adultos, que muitas vezes a pesquisadora viu ajoelhados, agachados ou sentados no chão em busca de obras. Entretanto, observa-se que há sempre um puff e uma cadeira pequena que a instituição parece ter o cuidado de disponibilizar para que o adulto (usuários ou servidores da biblioteca) possa utilizar para ajudar a criança na escolha dos livros ou organização do acervo. Entretanto, mesmo assim, alguns adultos preferem ajoelhar-se ou sentar no chão. De acordo com as famílias que frequentaram a biblioteca em outros espaços, esta, sem dúvida, é a melhor estrutura que a biblioteca já ofereceu para o público e, em especial, fazem referência ao setor infantil, foco desta pesquisa.



Figura 17 - Biblioteca Infantil. Foto extraída do site da prefeitura de Jundiaí.



Figura 16- Biblioteca infantil. Foto da pesquisadora.

Além dos confortáveis sofás e puffs que há no local, a grande atração deste setor da biblioteca é o espaço que possui um grande tapete vermelho com brinquedos e livros para as crianças (onde geralmente ocorrem as contações).



Figura 18- Grande tapete para brincar e ouvir histórias. Foto extraída do Facebook da biblioteca.

Este tapete está rodeado de nichos, onde são colocados livros nas partes superiores e brinquedos nas partes inferiores. Alguns brinquedos maiores, como a bancada da mini cozinha, a máquina de lavar roupa, a bancada de ferramentas, por exemplo, ficam soltos no próprio tapete. Desde quando a pesquisadora começou a observar a biblioteca, notou-se um aumento de brinquedos, que foram adquiridos por doações. Estão disponíveis, entre os brinquedos, os quebra-cabeças de papel cartonado e de madeira, jogos de madeira de encaixe, peças de plástico para encaixe (de variados formatos), fantoches, carrinhos de ferro, pista de carrinho, carrinhos de plástico, fantasias, sapatilhas de fantasia, dominó, frutas e alimentos de plástico, pratos, talheres, xícaras e panelinhas entre outros.

Estes brinquedos são muito apreciados pelas crianças que brincam sozinhas, com os familiares ou com outras crianças que não conheciam e passaram a ter amizade pelos encontros constantes na biblioteca. Observa-se que, na maioria das vezes, as crianças buscam pelos brinquedos quando chegam ao local. Brincam, conversam, manuseiam mais de um brinquedo, exploram o ambiente e, entre um brinquedo e outro, deparam-se com os livros, deixando os brinquedos de lado.



Figura 19- Crianças interagindo no tapete. Foto extraída do facebook da biblioteca.

Neste momento, elas buscam explorar os livros, algumas vezes sozinhas, outras vezes levando-os aos adultos, pedindo a leitura. Estes adultos às vezes atendem prontamente aos pedidos. Alguns se descalçam, sentam-se no tapete, colocam as crianças no colo, entre as pernas... Outros adultos lêem, mas permanecem nos puffs. Há crianças que se valem da leitura de adultos desconhecidos, pois seus pais as deixam brincando para a realização de suas próprias leituras, geralmente os jornais e as revistas. Os modos de lidar com os livros, com as crianças são diversos, mas notou-se que nenhuma criança e nenhum adulto passam por este espaço sem pegar e manusear ao menos um livro. Eles querem ver, ler, apertar seus botões, girar suas engrenagens, sentir as suas texturas, apreciar suas ilustrações...

Os livros dispostos neste local são variados. Há livros de plástico (comumente chamados de “livros de banho”), livros sonoros (aperta-se o botão para reproduzir o som dos animais, dos veículos, etc), livros interativos com abas e engrenagens, livros cartonados com formato de personagens entre outros. Há também livros com fantoches incorporados. Estes livros mais diferenciados não podem sair da biblioteca para empréstimo e sempre permanecem no local. Outros livros diversos dividem o mesmo ambiente e são frequentemente modificados. Estes livros de literatura infantil que ficam junto com os “livros brinquedos” geralmente podem ser emprestados e saem com frequência da biblioteca. Além dos livros que ficam disponíveis nestes nichos, há as estantes expositoras que ficam ao lado do tapete. Geralmente as famílias e as crianças escolhem livros deste local para o empréstimo, antes de percorrer o acervo infantil. Ao longo do período de observação, a pesquisadora notou que esses livros são cuidadosamente trocados com regularidade e, no setor infantil, isso é muito importante, pois estes livros são bastante procurados pelos usuários.



Figura 20- Expositores de livros do setor infantil. Fotos da pesquisadora.

Observou-se também que, próximo às datas comemorativas, como dia das mães, dia do índio, natal entre outras datas, os livros relacionados à temática foram evidenciados nos expositores e foram criados outros espaços para divulgação dos mesmos. Nestes detalhes,

nota-se o cuidado dos funcionários da biblioteca, sempre atentos aos movimentos de seus usuários.

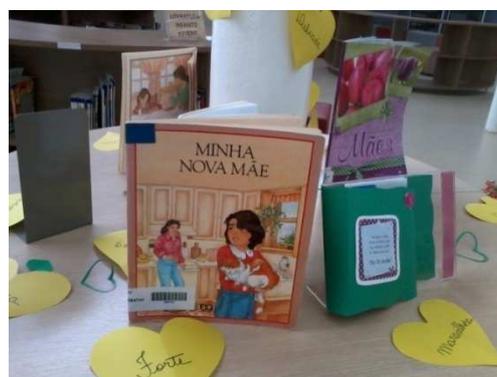


Figura 21- Organização de livros em homenagem às mães. Foto da pesquisadora.



Figura 22- Livros e brinquedos disponíveis para livre acesso. Foto da pesquisadora.

Esta sensibilidade das pessoas que trabalham na biblioteca parece ter sido sempre fundamental para que a instituição se destacasse, conquistando o apreço da população jundiáense. O modo de acolher e dialogar com os seus usuários e a postura interativa que a biblioteca assumiu, fez com que se constituísse como uma importante instituição mediadora no processo de formação dos estudantes, dos leitores de jornais, dos leitores de livros, das crianças ainda não leitoras que puderam “ler” com os ouvidos e os olhos de outros, das famílias que puderam aprender com os pares, vivenciando momentos de aprendizado e também de lazer com suas crianças neste rico espaço de convivência.

Pode-se dizer que a pesquisadora sempre foi bem acolhida pela direção da biblioteca, pelas contadoras de história e todos os funcionários que nela trabalham. Eles contribuíram com indicações de familiares que seriam interessantes para a pesquisa, auxiliaram a pesquisadora a buscar livros no acervo, foram colaborativas com informações importantes para a pesquisa e estabeleceu-se um vínculo afetivo com alguns deles. Sentiu-se à vontade no local e mostrou-se disponível também para auxiliar quando necessário. Em alguns eventos, auxiliou a distribuir materiais das oficinas, fotografou com a máquina da instituição, cujas fotos seriam postadas na página virtual da biblioteca. Em um dos meses em que faltavam contadores de história e voluntários, a pesquisadora foi solicitada para fazer uma contação de história, que foi realizada nas férias de Julho. Desse modo, houve um clima amistoso e de parceria no decorrer da pesquisa.

4.3 A seleção dos sujeitos

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, utilizaram-se os seguintes critérios para a escolha dos sujeitos:

- Pessoas que participam, juntamente com crianças, do setor infantil da Biblioteca Municipal para empréstimo de livros e/ou participação em eventos oferecidos pela biblioteca para as crianças, tais como contação de histórias e oficinas.
- Pessoas que se disponham a narrar suas histórias de relação com a leitura e que possibilitem compreender como se tornaram mediadoras de leitura para crianças.

Em busca desses sujeitos, a pesquisadora permanecia no setor infantil da biblioteca, durante o período da manhã, inicialmente três vezes por semana, e também aos sábados para observar a movimentação da mesma. Quando observava uma situação de manuseio de livros, empréstimos, leitura compartilhada dos livros ou participação nos eventos promovidos pela biblioteca, tais como as contações de história, apresentava-se para os adultos pedindo sua participação na pesquisa. Como a pesquisadora não conseguia frequentar a biblioteca no

período da tarde, pediu a colaboração de alguns funcionários da instituição para indicação de sujeitos que frequentavam a biblioteca nesse período, deixando uma folha com uma explicação sucinta da pesquisa e o pedido de preenchimento de nome e telefone desses usuários para contato posterior da pesquisadora.

Durante um período de 10 meses, a pesquisadora conseguiu conversar com mais de 50 pessoas e realizou entrevista inicial com 33 delas, sendo que algumas se disponibilizaram para conversar logo nesse primeiro contato. Nesses casos, era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁷ e explicados os objetivos gerais da pesquisa. Outros, no entanto, preferiram retornar para a biblioteca em outro dia, para uma entrevista com horário marcado. Todos os sujeitos foram entrevistados na biblioteca.

O quadro a seguir indica os nomes fictícios dos adultos entrevistados. Os sujeitos estão elencados de acordo com os usos que fazem da biblioteca com suas crianças.

Sujeitos adultos que participam da biblioteca com as crianças exclusivamente para a realização de empréstimo de livros.	Sujeitos adultos que frequentam a biblioteca apenas para aproveitar dos recursos da biblioteca no local e apreciar/ participar dos eventos promovidos	Sujeitos adultos que frequentam a biblioteca com as crianças para participação em eventos e realização de empréstimos de livros.
Alice	Antônio	Amélia
Ana Luiza	Andréia	Carla
Carmen	Débora	Clara
Cida	Angélica	Clóvis
Eliana	Daiane	Fabiana
Lúcia	Marcela	Karen
Rafaela		Luzia
Rita		Marisa
Simone		Marta
Vera		Nathália
Zilma		Roberta
		Sonia
		Susana
		Tatiana
		Valdete
		Viviane

⁷ Esta pesquisa foi aprovada pelo CEP da UNICAMP (CAAE: 23787113.0.0000.5404. Número do parecer de aprovação: 574.498) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue aos sujeitos e por eles assinado seguiu as recomendações do Comitê de Ética. Os documentos estão presentes nos anexos II e III do trabalho.

Dos 33 sujeitos entrevistados, 2 são pais, 26 são mães, 3 são avós e 2 são tias. Quatorze sujeitos têm o Ensino Médio e dezanove possuem o Ensino Superior, sendo que desses, nove são professores.

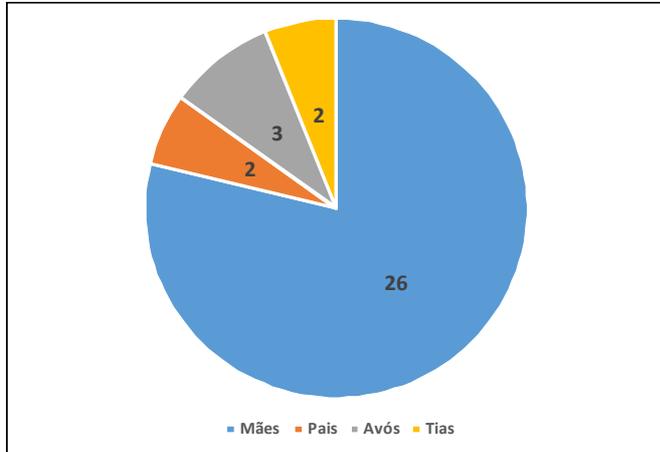


Gráfico 1- Adultos que participam da biblioteca com as crianças

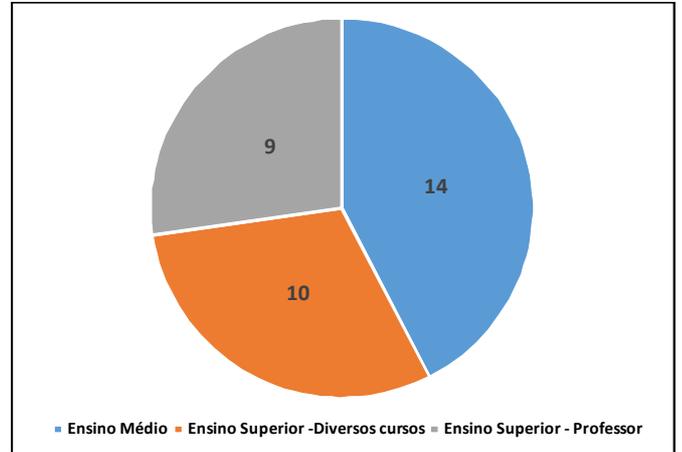


Gráfico 2- Nível de escolaridade dos adultos

Conforme exposto, onze sujeitos entrevistados frequentam a biblioteca com suas crianças exclusivamente para o empréstimo de livros, dezesseis utilizam-na para empréstimo de livros e também participam dos eventos proporcionados, tais como contação de histórias, oficinas e lançamentos de livros. Outras seis famílias vão para a biblioteca apenas para participação dos eventos e uso dos espaços oferecidos para as crianças (brinquedos, xadrez, oficinas de artes), sem realizar empréstimo de livros.

Em relação às práticas de leitura, 24 adultos declaram que lêem livros e 9 assumem que dificilmente lêem e que não têm interesse e o gosto desenvolvido para a leitura de livros, embora leiam jornais e revistas.

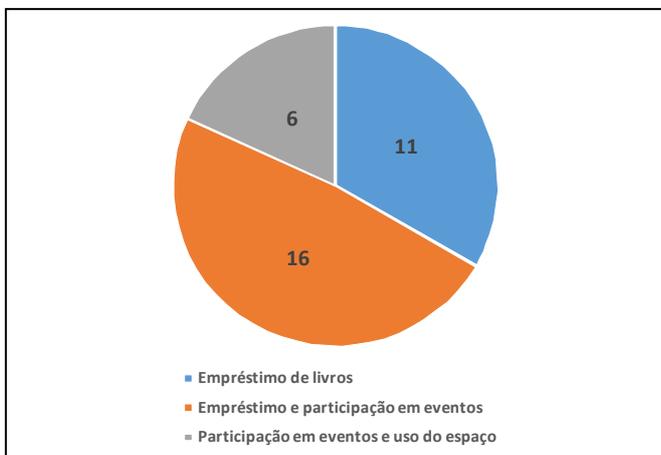


Gráfico 3- Práticas das famílias na biblioteca

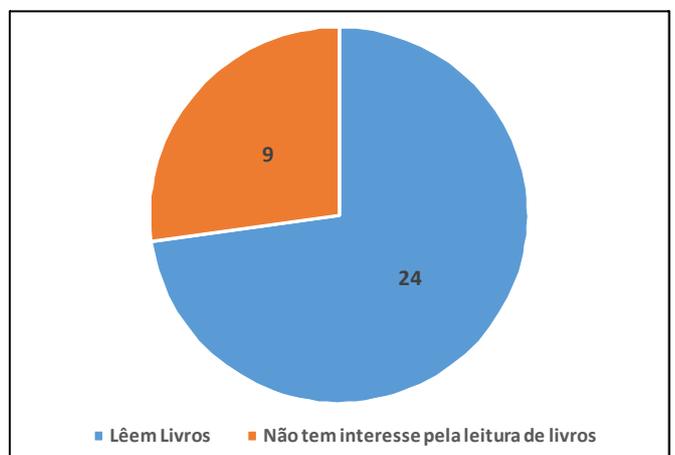


Gráfico 4- Práticas de leitura dos adultos

Apesar das singularidades de cada sujeito, muitas histórias relacionadas à constituição do leitor e os motivos que os levaram a se tornarem mediadores de livros, parecem se cruzar e em muitos momentos se assemelham. Diante das escutas e das repetidas leituras dos materiais coletados, notou-se que, entre esses adultos entrevistados, foi possível identificar dois grupos distintos em relação à leitura:

- 1- adultos que se consideram leitores de livros e que, em sua história de vida, tiveram uma relação afetiva positiva com o livro, relatando a mediação exercida principalmente pelos pais e professores, e
- 2- adultos que não se consideram leitores de livros, todos eles com nenhuma ou muito poucas lembranças da presença de mediadores marcantes de leitura.

Desse modo, a pesquisadora selecionou alguns sujeitos de cada grupo, para que pudesse aprofundar o nível de análise e alcançar uma visão mais clara sobre as práticas de mediação desses sujeitos relacionados ao ato de ler e suas histórias de formação enquanto leitores. Para isto, os sujeitos não foram escolhidos aleatoriamente, mas selecionados de acordo com os seguintes critérios: por demonstrarem, na entrevista inicial, maior envolvimento com a pesquisa, relatando com riqueza de detalhes suas experiências; por serem sujeitos que apresentavam uma alta frequência de visitas à biblioteca, sendo observados em vários momentos pela pesquisadora; por terem apresentado, em seus relatos, histórias marcantes e que se destacavam, mas que, ao mesmo tempo, representavam em muitas situações todo o grupo ouvido.

4.3.1 Sujeitos que se declaram leitores de livros

*** Leitores que tiveram mediação da família**

Carla

Carla tem 27 anos e é casada, mãe de duas meninas. Uma delas tem três anos e a outra tem 8 meses e já frequenta a biblioteca com os pais. Ela é formada em Administração, porém atualmente não trabalha. Nasceu em São Paulo onde morou até 2013. Há dois anos está morando em Jundiaí e desde então passou a frequentar a biblioteca da cidade. Segundo Carla, ela sempre frequentou bibliotecas em sua vida e, ao mudar-se, teve a iniciativa de procurar via internet uma biblioteca pública na região. Foi assim que chegou até a biblioteca Nelson Foot.

Ela conta que sempre gostou de ler e que isso começou desde a infância, quando ela pegava inúmeros livros na escola e lia com seu pai, que é marceneiro. Em seu depoimento, a lembrança do pai leitor é muito forte. Conta que ele gostava muito de ler e que ambos faziam trocas de livros. Ela demonstra admiração pelo seu pai que até hoje é um leitor de livros. Conta que ele comprava livros do “Círculo Viajante” e que, apesar de ter pouco estudo, visto que estudou até a sexta-série, ele é um autodidata, pois em sua visão, ele aprende muito através das leituras que realiza. Ele atualmente não frequenta biblioteca, mas adquire livros, ganha outros da filha e também lê pelo computador.

Carla diz gostar de variados tipos de livros, mas tem preferência pelos livros policiais. Ultimamente, leu a coleção de Laura Ingalls Wilder e seus dois livros preferidos que marcaram sua vida foram: *Meu pé de Laranja Lima*⁸ e *O pequeno príncipe*⁹. Para ela, ler é importante e prazeroso e por isso estimula as suas filhas, desde bebê, frequentando com elas lugares como biblioteca, bienal do livro, livrarias. Ela e a família vão para a biblioteca tanto para as contações de história quanto para a realização dos empréstimos e habituaram-se a utilizar o espaço do grande tapete para interagir entre eles, brincando e contando várias histórias, quando não há eventos no local.

Amélia

Amélia tem 68 anos e é avó de Douglas, 07 anos. Tem o Ensino Médio completo. Atualmente não trabalha, mas foi auxiliar administrativo e voluntária em uma instituição de educação não-formal, em Santos, onde morava. Também é artesã e já trabalhou em uma livraria. Atualmente, ela mora com o neto que perdeu sua mãe aos 2 anos de idade, participando ativamente de sua educação junto com o pai. A avó frequenta a biblioteca de uma a duas vezes na semana. Ela gosta muito de ler e se considera “viciada em livros”, fazendo doações de muitos de seus livros para a biblioteca.

Segundo ela, seu interesse pela leitura iniciou-se na infância, pois a leitura era muito comum em sua casa. Seus pais liam bastante e para ela a leitura foi algo que aconteceu “automaticamente”, prática que tem passado de geração em geração, pois todos os seus netos também gostam muito de ler. Para ela, a importância do exemplo é fundamental. Segundo Amélia, as crianças copiam as atitudes dos adultos e, ao vê-los lendo, a criança também tem o interesse para a leitura. Durante a entrevista, ela menciona muitas recordações afetivas relacionadas às brincadeiras, leituras e contações de história que o pai realizava.

⁸ VASCONCELOS, José Mauro de. *O meu pé de laranja lima*. 2. ed. São Paulo, SP: Melhoramentos, 2008.

⁹ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*: com aquarelas do autor. 48. ed. Rio de Janeiro, RJ: Agir, 2006.

Amélia revela ter lido uma variedade de autores e livros, entre eles as coleções completas de Monteiro Lobato, Machado de Assis e Graciliano Ramos. Relata ter lido também “O Inferno”¹⁰ de Dante, os livros de Harry Potter¹¹, Rick Riordan¹² e a trilogia da Boudica¹³, entre tantos outros, como os livros Espíritas, relacionados à sua religião.

Diz ela que seu neto ama ler, e já tem seus autores preferidos, que são Ziraldo e Tatiana Belink. Avó e neto são muito conhecidos na biblioteca e ambos participam das contações de histórias, lançamento de livros, além de realizarem empréstimos com grande assiduidade. Ela auxilia o neto na escolha dos livros, demonstrando ser criteriosa ao fazê-lo.

***Leitores que tiveram mediação dos professores**

Eliana

Eliana tem 45 anos, é casada e mãe de três filhos. A filha mais velha tem 17 anos, a outra tem 9 e o filho caçula tem 7 anos. Ela tem o Ensino Médio completo e atualmente trabalha em um restaurante, mas durante os encontros iniciais ela estava desempregada. Frequenta a biblioteca há mais de 10 anos, desde quando ela ainda situava-se em outros prédios. Ela sempre frequentou com os filhos com a finalidade de incentivá-los a gostarem dos livros. Conta que, em sua infância, não se recorda dos pais lendo ou contando histórias para ela, mas que sua paixão pelos livros começou quando ela estava na escola e foi incentivada por uma professora. Essa professora presenteou-a com alguns livros, que possui até hoje e que lhe são inesquecíveis. Para Eliana, sem dúvida, o papel dos professores é crucial na formação do leitor.

Desde que a biblioteca mudou-se para o Complexo Argos, ela frequenta o espaço duas vezes por semana. Ela leva o filho mais novo ao Núcleo de Aprendizagem e aproveita para visitar a biblioteca e fazer empréstimo de livros. Durante o tempo que está na biblioteca, ela faz a leitura de jornais e revistas e seleciona livros para sua leitura em casa. A filha de 9 anos já tem autonomia para escolher os próprios livros e adora coleções. O mais novo está em fase de aprendizagem da leitura e escrita. Ela diz que se sente muito à vontade na biblioteca e tem

¹⁰ DANTE ALIGHIERI. *A divina comédia: o inferno*. São Paulo, SP; Brasília, DF: GRD: INL, 1976

¹¹ ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2000.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a câmara secreta*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2000.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2003

¹² RIORDAN, Rick. *A maldição do Titã*. Tradução de Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

¹³ SCOTT, M. *Cão – Série Boudica*. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2011.

SCOTT, M. *Águia – Série Boudica*. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2011.

SCOTT, M. *Touro – Série Boudica*. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2011.

amizade com as funcionárias, demonstrando uma relação afetiva com uma delas, que a auxilia na indicação de livros para os filhos. Para Eliana, as funcionárias da biblioteca são fundamentais, pois conhecem os gostos de seus filhos e se antecipam, indicando livros que ela mesma não conhece. Isso faz com que eles se sintam especiais na biblioteca e estimulados a quererem retornar, conta Eliana.

Nathália

Nathália é casada, tem 27 anos e uma filha de 6 anos. Atualmente faz faculdade. Ela participa de biblioteca desde os 14 anos de idade e, para ela, a atual biblioteca ficou muito mais atraente e interessante para o público. A primeira experiência que teve com a biblioteca foi para a realização de um trabalho escolar. Desde então, passou a frequentar a biblioteca. Conta que sua aproximação com os livros se deu por intermédio de professores da escola, pois em sua casa não se praticava a leitura de jornais e livros. Não se recorda dos pais lendo para ela e diz que essa é uma das razões pela qual realiza leituras diárias para a filha: quer proporcionar à menina o que não teve na infância e considera relevante. Gosta de ler autores como Júlio Emílio Braz, Pedro Bandeira e Luis Fernando Veríssimo. Diz que, ao ler uma obra de um autor que gosta, sente-se atraída a ler todos os livros por ele publicados e que este tem sido o seu critério de seleção de livros. Gosta de ler com a filha antes de dormir, apontando a escrita das palavras e revezando a leitura, com o intuito de ajudar no processo de alfabetização e letramento da menina. Participar da biblioteca para ela é importante pois, além da variedade de livros, é um espaço importante para socialização das crianças.

Marisa

Marisa tem 60 anos e é professora aposentada de Língua Portuguesa. Ela participa da biblioteca municipal de Jundiá há muitos anos, frequentando-a geralmente com os netos. Gosta muito de ler para as crianças, incentivando a leitura em casa e na biblioteca. A avó conta que teve uma infância humilde, mas seus pais valorizavam e incentivavam a educação. Traz várias memórias de leitura, uma delas a leitura compartilhada que realizou com a família do livro “Meu pé de laranja lima”. Segundo a avó, ela tinha mais ou menos 10 anos quando pegou este livro na escola. Ao ler a obra comentou com a família sobre a leitura que estava realizando, despertando a curiosidade seu pai que pediu para que continuasse lendo em voz alta para toda a família. Ele dizia que não podia ler sozinho, pois não enxergava bem sem óculos. No entanto, Marisa sabia que esta era uma forma que o pai encontrou para incentivar a

leitura da filha. Assim relembra com muito afeto que todos se reuniam na sala e, deitados em um tapete, aquecidos por um cobertor, compartilhavam a leitura daquela história emocionante. Recorda que em algumas passagens da obra paravam para chorar, devido aos sentimentos evocados com a leitura.

Marisa relatou que também gostava muito de ler gibis, leitura que preocupava o pai. Lembra que depois mergulhou na leitura de best-sellers e menciona que durante boa parte de sua vida teve aversão pelos clássicos da literatura brasileira. Segundo ela, a leitura prazerosa destas obras ocorreu apenas depois que realizou um curso de especialização na Unicamp, quando recebeu mediações de professores inspiradores que possibilitaram a ressignificação das obras. Com carinho, rememora as aulas de uma professora que falava dos livros com entusiasmo, fazendo com que se interessasse pelas obras comentadas. Recordou-se também das suas aulas e de situações onde percebeu sua importância como mediadora de leitura para os próprios alunos. Segundo ela, sempre estimulava a leitura de livros e jornais por seus alunos e organizava trabalhos e momentos para que dialogassem sobre as leituras. Também é uma mediadora de leitura no ambiente familiar, principalmente com os netos que em alguns momentos dormem em sua residência e compartilham de leituras com ela. Além das leituras realizadas na casa da avó, ela ainda costuma trazê-los para participar das contações de história da biblioteca e outros eventos destinado ao público infantil.

4.3.2 *Sujeitos que não se consideram leitores de livros*

Karen

Karen tem 32 anos, é casada e mãe de Kelly, de 06 anos. Atualmente, ela está cursando o ensino superior e trabalha na área de Recursos Humanos. Frequenta a biblioteca há dois anos, tanto para empréstimo de livros, quanto para participar de contações de histórias. Karen diz em entrevista: “Eu mesmo, sou uma negação na leitura, mas eu sempre incentivei ela”. A mãe diz ter muita dificuldade para realizar a leitura de um livro e que nunca teve incentivo dos pais na infância e não se lembrar de um incentivo positivo na escola e, por isso, tenta incentivar a filha a gostar dos livros. Ela conta que estimula a filha para a leitura desde quando era bem pequena, quando frequentava creche e observava as práticas das professoras. A partir de então, ela percebeu a importância de ler os livros diariamente e faz isso com a filha sempre antes de dormir. Atualmente, a menina tem uma pequena biblioteca com os

livros que foram sendo adquiridos. Para a mãe, participar com a filha da biblioteca e, principalmente, das contações de história é muito importante, pois ela aprende novas formas de ler e contar histórias de modo mais atraente, incentivando-a também a contar histórias para sua filha, sobrinhos e o grupo de crianças por quem é responsável na igreja que frequenta.

Vera

Vera é casada e mãe de uma menina de 10 anos e um menino de 2 anos. Ela tem o Ensino Médio completo. Vera vai com assiduidade para a biblioteca para fazer empréstimo de livros para os filhos, principalmente para a Mariana que, segundo ela, é apaixonada pela leitura. Ela relata que não tem o “hábito” de ler livros e que está tentando aprender a gostar de ler com seu marido e suas cunhadas, que moram com ela.

Segundo Vera, as cunhadas representam um papel fundamental na mediação de leitura para ela e, principalmente, para os filhos. Ela relata não ter lembranças afetivamente positivas em relação à leitura de livros e que o incentivo começou depois de se casar e ver a família do marido lendo. A primeira vez que veio para a biblioteca foi com a cunhada e, desde então, não parou de frequentar, para ter acesso a livros que não tinha condição financeira de comprar para a filha, que muito lê. Atualmente, ela vai para a biblioteca todas as semanas, para fazer a troca dos livros para a filha. Para Vera, ler para as crianças sempre foi importante para que eles se acostumassem com os livros e com eles estabelecessem uma relação afetiva positiva, diferente da relação que ela teve ao longo de sua vida.

Viviane

Viviane tem 34 anos, é casada e mãe de uma menina de 6 anos. É formada em letras e já atuou como professora da educação básica, mas atualmente não trabalha. Participa com assiduidade das contações de história e faz empréstimo de livros semanalmente, há um ano. Conheceu a biblioteca ao procurar pela internet eventos educativos para participar com a família e, após a primeira visita, relata ter se encantado com o ambiente da instituição e, desde então, acha importante vir para a biblioteca com a filha e o marido. Conta que frequentava biblioteca apenas na época de graduação, quando ia para o local para fazer trabalhos, não havendo tempo para o que denominou de “leitura lazer”. Reconhece que tem dificuldades até os dias atuais para ler livros, embora leia muito jornais e revistas. Valéria diz que, na sua infância, não se lembra de ter tido contato com os livros e que sua recordação de leitura era com as revistas que o pai adquiria, sendo que ele fez a assinatura de uma revista para ela na adolescência. Sua recordação mais marcante de leitura com livros foi na faculdade, quando

relembra que teve um professor de Latim que contava histórias de cor. Atualmente, faz questão de ler diariamente para a filha, incentivando-a com a aquisição de livros, visitas à biblioteca, livrarias e sessões de livros dos hiper-mercados. Para ela é importante participar das contações e observar a alegria nos olhos da filha diante de uma boa história. Segundo Viviane, a leitura aproxima a filha dos pais e é um momento de carinho entre eles, além de abrir portas para ela no futuro profissional.

Antônio

Antônio é engenheiro e pai de Maria Eugênia, 7 anos e com ela frequenta a biblioteca desde que a menina tem 4 anos de idade. Atualmente, os dois vão para a instituição, nos finais de semana em que está com a filha, pois os pais da menina são separados. Eles estão habituados a participar das contações, aproveitar a interação com outras crianças para brincar e fazer a leitura de alguns livros no local, mas não emprestam livros para levar para casa, pois, segundo o pai, esse empréstimo de livros já é feito pela escola.

Apesar de ler jornais, revistas e materiais de trabalho, o pai conta que raramente lê livros e que isso nunca foi uma prática desde a infância. Conta que ler Machado de Assis para o Vestibular foi um martírio e que o único livro que leu com prazer, e realmente foi inesquecível, foi “Capitães de Areia¹⁴”, livro lido após o incentivo de uma professora. Assim, para ele, o incentivo à leitura deve ser feito de modo a respeitar o interesse da criança e de modo que não seja uma obrigação, mas represente uma atividade prazerosa. Por isso, tenta fazer das visitas à biblioteca e das leituras com a filha, um momento de interação tranquilo entre os dois, de modo que ela se identifique com o ambiente e com os livros de forma positiva.

4.4 Procedimentos de Construção e de Análise de Dados

4.4.1 *Observação com registro em diário de campo*

Eu sei, mas não devia

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo

¹⁴ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.

se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude (...) (Marina Colasanti, 1996).

Entre os cinco sentidos que proporcionam nosso relacionamento com o ambiente, a visão assume um estatuto privilegiado quando se pensa na construção do conhecimento. Segundo Chauí (1988),

(...) somente a audição (referida à linguagem) rivaliza com a visão no léxico do conhecimento. Os demais, ou estão ausentes ou operam como metáforas da visão. Falamos em captar uma ideia ou em agarrá-la. (...) Falamos em beber ideias ou opiniões nesta ou naquela fonte, em tocar neste ou naquele ponto. Em português, dizemos que algo “tem (ou não tem) cheiro de verdade” e, para manifestar suspeita, que uma ideia “não cheira bem” (p.37).

Assim, embora metáforas façam referências aos outros sentidos, a visão sobrepõe-se aos demais, de modo que no cotidiano, quando se deseja assegurar a veracidade de algo, as expressões utilizadas insinuam a importância do olhar: “é evidente”, “sem sombra de dúvida”, “é claro”, “é nítido” (Chauí, 1988). Deste modo, a visão aparece atrelada ao conhecimento e para alguns está estritamente ligada ao pensamento. Como exemplo desta tese, que defende a supremacia da visão, se buscarmos a origem etimológica da palavra teoria, oriundo do grego *θεωρία*, compreendemos que ela está associada ao conhecimento proveniente da observação, sendo gerado pela descrição, contemplação e exame. Portanto, de acordo com a raiz do vocábulo, para se teorizar é preciso observar. Entretanto, embora não se possa fazer uma correspondência simplista entre a visão e o pensar, para Chauí (1988), a “filosofia da visão” ensina a filosofia

Que ver não é pensar e pensar não é ver, mas que sem a visão não podemos pensar, que o pensamento nasce da sublimação do sensível no corpo glorioso da palavra que configura campos de sentido a que damos o nome de ideias (...). Ensina que, assim como o visível é atapetado pelo forro do invisível, também o pensado é habitado pelo impensado. (...) O olhar ensina um pensar generoso que, entrando em si, sai de si pelo pensamento de outrem que o apanha e o prossegue. O olhar, identidade do sair e do entrar em si, é a definição mesma do espírito (p. 60-61).

Deste modo, compreendendo-se a importância deste sentido para a construção do conhecimento, adotou-se a observação de situações na biblioteca, com registro em diário de campo, como um dos procedimentos para construção dos dados. Segundo Ludke e André (1986),

A observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado (...). A experiência direta é sem dúvida, o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno (p. 26).

As autoras salientam que o contato direto com o objeto de estudo permite que o observador aproxime-se mais das perspectivas dos sujeitos, sendo possível apreender suas visões de mundo e significados que atribuem à realidade que vivenciam. Portanto, com o objetivo de olhar para os sujeitos que participam do setor infantil da biblioteca, compreendendo como os adultos e as crianças se relacionam, como interagem com os livros, o que fazem no espaço da biblioteca, como são recebidos pela instituição, entre outras questões, a pesquisadora frequentou este espaço em diversas situações para observação da dinâmica dos sujeitos pesquisados, situados em um espaço e um tempo.

Para Certeau (1985),

“(...) é o presente que constitui a história. Sem o tempo, o objeto linguístico é átono, não tem nenhuma significação. (...) E justamente a questão do agora, que é a presença no mundo de um modo relacional ou circunstancial, torna-se o organizador das práticas cotidianas” (p. 15).

Neste sentido, além de ouvir os depoimentos dos sujeitos, considerou-se importante observar o que os sujeitos faziam em relação aos livros e a leitura naquele instante presente, nas condições concretas propiciadas pela biblioteca. Não se podia ter acesso às práticas de leitura relatadas pelos sujeitos, que ocorriam na intimidade de seus lares, mas podia-se ter acesso a algumas delas e a alguns indícios ao observar as vivências destes participantes dentro desta instituição. Por isso que, com o objetivo de olhar para o processo de mediação adulto-criança, a pesquisadora escolheu o “Espaço Jovem” para observação, por ser um espaço organizado que favorece a interação entre as crianças e as famílias e por concentrar a maior quantidade do público alvo da pesquisa. Esta opção se deu também, devido à impossibilidade de olhar para todas as áreas da biblioteca, haja vista a sua dimensão e organização. Deste modo, a pesquisadora permanecia apenas ao lado esquerdo da biblioteca.

Inicialmente as observações ocorreram durante três vezes na semana e aos sábados, passando posteriormente para idas apenas aos sábados, quando geralmente são oferecidos eventos diferenciados pela instituição. Houve participação também nos períodos de férias escolares, quando a biblioteca ofereceu programação diferenciada. No geral, a pesquisadora sentava-se no sofá próximo aos livros do acervo de literatura infantil, onde podia olhar tanto os sujeitos que faziam seleção e empréstimo de livros, quanto os que brincavam e exploravam os livros, presentes nas prateleiras do Tapete Vermelho e nos expositores de livros que ficavam ao seu lado.

Em alguns momentos, a pesquisadora sentava-se nos puffs, bem próximo ao tapete e às famílias, principalmente durante as situações de contação de história e nas ocasiões em que

os adultos e as crianças interagiam com o livro. Tinha total liberdade para transitar por todas as áreas de livre acesso aos demais usuários que frequentam o local e, conforme a necessidade, afastava-se ou aproximava-se dos sujeitos que pretendia pesquisar ou que já estavam fazendo parte da pesquisa. Tentava ser discreta, para não inibir os participantes.

Desde as primeiras visitas à biblioteca, muitas anotações em diário de campo foram geradas; no entanto, o olhar e a própria descrição dos eventos registrados avançaram qualitativamente com as experiências e as leituras que ampararam teoricamente este método de investigação no decorrer da pesquisa. Em alguns sábados, por exemplo, logo no início da pesquisa, quando se buscavam sujeitos interessados em participar do estudo, a ansiedade da pesquisadora em tentar observar toda a situação e os sujeitos presentes, buscando com eles estabelecer contato, dificultou um olhar mais apurado sobre suas práticas, de modo que os registros careceram de algumas informações, que naquele momento não foram observados ou talvez não pareceram dignos de notas. Portanto, os primeiros relatos demonstram que no início a pesquisadora via, mas de fato não olhava, de acordo com a distinção proposta por Cardoso (1988).

Este autor alerta para a distinção dos conceitos *ver* e *olhar*, que, para ele não transitam em uma mesma escala. De um modo geral, o ver conotaria ao vidente um “olho dócil”, uma passividade e discrição. Diferentemente, o sujeito que olha é ativo, investigativo, questionador, munido de intenções. Assim, defende que entre o ver e o olhar há um salto qualitativo.

“Na verdade, entre o ver e o olhar é a própria configuração do mundo que se transforma. (...) A visão – a simples visão-, ainda que modestamente ciente de seus limites e alcance circunscrito, supõe um mundo pleno, inteiro e maciço, e crê no seu acabamento e totalidade. (...) Já o universo do olhar tem outra consistência. O olhar não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. (...) E o impulso inquiridor do olho nasce justamente desta descontinuidade, deste inacabamento do mundo: o logro das aparências, a magia das perspectivas, a opacidade das sombras, os enigmas das falhas, enfim, as vacilações das significações, ou as resistências que encontra a articulação plena da sua totalidade. Por isso o olhar não acumula e não abarca, mas procura; não deriva sobre uma superfície plana, mas escava, fixa e fura, mirando as frestas deste mundo instável e deslizante que instiga e provoca a cada instante sua empresa de inspeção e interrogação. (...) O olhar pensa; é a visão feita interrogação (p. 349)

Neste sentido, houve um esforço da pesquisadora para descortinar as janelas, olhar para fora, lembrar-se da amplidão, desacostumar o olhar, como aponta Colasanti na poesia que introduz este subcapítulo. Certeau (2011) foi outro autor que trouxe contribuições importantes acerca do olhar. Em sua pesquisa, enfatizava a necessidade de “aprender a olhar” e “Aceitar como dignas de interesse, de análise e de registro aquelas práticas ordinárias

consideradas insignificantes. Aprender a olhar esses modos de fazer fugidios e modestos, que muitas vezes são o único lugar de inventividade possível do sujeito (...)” (p. 217). Neste sentido, compreendeu-se a relevância de uma observação cuidadosa e assim, gradativamente, buscou-se apurar olhar, pois se fazia necessário observar, questionar, perguntar, buscar compreender o porquê daquelas práticas, daquelas ações, das escolhas realizadas, dos modos de operar, da organização do espaço, do material disponibilizado...

Deste modo, após a leitura de alguns dos registros em diário de campo, sentiu-se a necessidade de retornar à instituição, observando-a com mais atenção. No diário de campo foram anotadas as cenas observadas, as pessoas presentes, teciam-se comentários sobre a frequência com que se encontrava com aqueles sujeitos na instituição, o modo como interagiam as crianças e os adultos, os materiais consultados, a demonstração do envolvimento afetivo da situação, a organização do espaço físico, o modo como os funcionários da biblioteca acolhiam estes sujeitos, entre outros apontamentos. Esses registros eram realizados no momento da observação, quando havia a possibilidade de anotar. Na maioria das vezes os escritos à mão eram elaborados em um caderno pequeno e discreto. Em algumas situações, quando a pesquisadora estava no sofá com o notebook, fazia o registro imediato no computador, digitando-o com mais agilidade. Entretanto, quando estava com o notebook não dispunha da mesma mobilidade que os sujeitos, permanecendo em um local fixo, sem maior aproximação com estes quando transitavam para outras áreas.

Em algumas situações como, por exemplo, quando a pesquisadora conversava de modo descontraído com os sujeitos, esperava-se um momento posterior mais oportuno para o registro. O mesmo acontecia em algumas oficinas e contações de história, quando a pesquisadora auxiliava ou participava do evento como os demais sujeitos. Nestes casos, tentava-se anotar no diário de campo o mais breve possível, com o objetivo de lembrar com maior riqueza de detalhes o observado e as informações proferidas pelos sujeitos. Quando possível, tentava-se anotar ao menos algumas “palavras-chave” para facilitar a descrição posterior.

Durante este processo ativo, inquieto e questionador de olhar para os sujeitos e as situações vivenciadas, buscou-se problematizar o observado, o oculto e o insinuado. Muitas notas com comentários e uma “pré-análise” vieram à tona e foram registrados, para contribuir posteriormente com a análise e, sem dúvida, a base teórica foi importante para guiar este olhar e estas perguntas. Segundo Cardoso (1988),

No universo do olhar, no entanto deparamos outra forma de articulação. Nele, vidente e visível misturam-se e confundem-se em cada modulação do mundo, em

cada nó da sua tecelagem, mostram-se imbricados em cada ponto de sua indecisa extensão. (...) A operação de “aproximar” ou “focalizar” que se observa no movimento do olhar, ao invés de “ampliar” e precisar o alcance da visão, permite, na verdade, saltar do espaço das significações estabelecidas e mergulhar no mundo temporal do sentido (p. 349-350).

Portanto, ciente de sua posição neste processo participativo de observação, buscou-se aproximar das perspectivas dos sujeitos, na tentativa de recuperar o que estava nitidamente visível e exposto aos olhos de todos que frequentavam aquele espaço, bem como os gestos contidos, apenas insinuados, porém não explícitos. Pretendeu-se “mergulhar no mundo temporal do sentido” destes sujeitos, evidenciando suas práticas situadas e concretas, explícitas ou contidas em grandes ou pequenos gestos encarnados.

4.4.2 Entrevistas

Eu gosto de delicadeza.
Seja nos gestos, nas palavras, nas ações, no jeito de olhar, no dia-a-dia e até no que
não é dito com palavras, mas fica no ar...

Manuel Bandeira

Além da observação, a entrevista foi um procedimento adotado para construção de dados de modo a conhecer melhor os sujeitos e suas histórias em relação à leitura. Após observar os adultos e crianças que participavam da biblioteca em diversificadas situações, a pesquisadora aproximava-se dos adultos apresentando-se e convidando-os a participarem da pesquisa. Explicavam-se seus objetivos gerais, entregava-se o Termo de Consentimento Livre Esclarecido aos sujeitos e pedia-se para fazer a gravação do áudio da entrevista. Todos aceitaram as gravações que foram realizadas com o telefone celular ou com um mini gravador de voz, que ficavam no sofá, nos puffs e até mesmo no chão, sobre o tapete, onde as famílias estavam, sem que houvesse a movimentação do aparelho durante a entrevista.

As entrevistas ocorreram após um período de observação e, muitas delas, após as contações de histórias promovidas pela biblioteca. Neste caso, quando as entrevistas eram realizadas imediatamente após a contação, geralmente as crianças permaneciam no tapete, lendo ou manuseando os livros, brincando e interagindo entre elas, enquanto os adultos conversavam com a pesquisadora. Em várias entrevistas, as crianças faziam interrupções, mostrando um livro ou brinquedo para o adulto, pedindo auxílio para resolver algum conflito que surgiu, convidando o adulto para uma brincadeira. Houve a tentativa de inserir

depoimentos de algumas crianças durante a entrevista perguntando para elas, por exemplo, se gostavam de vir à biblioteca, se gostaram da contação de história, entre outros questionamentos. No entanto, as crianças respondiam as perguntas da pesquisadora apenas com o balançar da cabeça ou respostas muito curtas, provavelmente por vergonha, por desconhecer e não ter um vínculo estabelecido com a pesquisadora.

As entrevistas eram realizadas com apenas uma família por vez. Sendo assim, em um sábado, quando havia muitas famílias presentes, não se conseguia conversar com todos e, por isso, pedia-se o contato para posterior conversa com as demais famílias. Nem todas as famílias foram entrevistadas: algumas por impossibilidade das famílias e outras por falta de tempo hábil da pesquisadora para comprometer-se com um número muito elevado de sujeitos na pesquisa.

Optou-se pelo estilo de entrevista semi-estruturada (Ludke e Andre, 1986), em que a pesquisadora tinha um roteiro com algumas questões norteadoras, consideradas fundamentais para disparar a conversa e o envolvimento dos sujeitos com o assunto de interesse. Todavia, apesar de haver um roteiro (Anexo I), o sujeito tinha liberdade para falar de outras questões, bem como a pesquisadora para fazer adaptações.

Em entrevista com a mãe Andréia, por exemplo, ela trouxe várias outras memórias de sua vida profissional e as mudanças após o nascimento dos filhos, apresentando suas concepções sobre a educação das crianças e assuntos diversos. Em determinado momento da entrevista ela disse:

Andréia- Acho que eu to falando até um pouco mais da minha história e fugindo do seu foco.

Pesquisadora- Não, não. Imagina! Está sendo ótimo!

(...) Andréia- É que tudo isso, e que de repente eu até fugi aí do tema da leitura, mas tudo isso é assim um todo. Nada acontece, ninguém pega um livro se não tem tudo isso! Sabe? É uma filosofia de vida né (Trecho de entrevista com Andréia).

Assim, buscou-se criar uma situação em que os sujeitos se sentissem à vontade para falar sobre tudo que desejassem, embora o objetivo principal fosse estimular que verbalizassem sobre a leitura. Compreendeu-se a entrevista na perspectiva da interação, pois, de acordo com Hessel Silveira (2002), a entrevista é uma arena de significados, cujas falas do entrevistado e entrevistador são situadas em um determinado tempo e espaço, sendo dirigida para alguém. Um evento discursivo complexo que se forja não apenas pela interação entrevistador/entrevistado, mas também pelas imagens, representações e expectativas postas no momento de sua realização, bem como sua análise.

Assim, parte-se do pressuposto de que o que é dito pelo entrevistado não pode ser considerado como a expressão fiel da prática realizada, pois ao relatar uma prática, o sujeito

evidencia alguns fatores e não outros, omite ou enaltece, matiza, suaviza... De acordo com Certeau (2009), o relato não exprime uma prática.

“A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares-comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis” (...) Existe com certeza um conteúdo do relato, mas pertence, ele também, à arte de fazer um golpe (...) O discurso produz então efeitos, não objetos. É narração, não descrição. É uma *arte* do dizer. (Certeau, 2009, p. 49 e p. 142)

Nesse sentido, dar voz ao sujeito e ouvi-los, considerar todos os relatos, as observações, as entonações de voz, as expressões corporais e o contexto da entrevista foi fundamental, por se tratarem de elementos importantes para se compreenderem os dizeres e as práticas dos sujeitos.

Segundo Ludke (1986)

(...) na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. (...) Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. (...) Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado (Ludke, 1986, p. 33-34).

Evidente que a qualidade das entrevistas foi diversificada. Alguns sujeitos, logo na primeira conversa, falavam de suas histórias sem dificuldade, receio ou timidez, ao passo que outros praticamente respondiam o necessário, demonstrando certo desconforto que só foi modificado com o passar do tempo e com as relações de confiança estabelecidas.

Após as áudio-gravações das entrevistas serem concluídas, a pesquisadora fazia a transcrição das mesmas, buscando realizar essa tarefa na mesma semana da gravação ou adiando a tarefa o menor tempo possível, para que pudesse se lembrar com mais detalhes das reações dos sujeitos, gestos e outras marcas não expressas no áudio. Entretanto, infelizmente houve morosidade para a transcrição de algumas entrevistas, principalmente as últimas. Buscou-se manter os enunciados dos sujeitos da forma mais fidedigna possível, não dando importância para correções gramáticas. Cada sujeito recebeu, por e-mail ou impresso, uma cópia da transcrição da sua entrevista.

Em posse das primeiras entrevistas transcritas, a pesquisadora iniciou os procedimentos de análise, que possibilitaram aprimorar a construção de dados que ocorreu posteriormente, pois, para alguns sujeitos, a pesquisadora utilizou-se do procedimento de entrevista recorrente (Leite e Colombo, 2006). Este procedimento ocorre através de um processo interativo entre pesquisador e sujeito, que se encontram em mais de uma ocasião para a construção do conhecimento sobre um tema, de maneira partilhada e planejada. Nesse caso, é imprescindível que a construção e a análise dos dados ocorram de forma simultânea,

para que, nas entrevistas subsequentes, o sujeito possa se apoiar em seus próprios relatos para esclarecer dúvidas, modificar ou acrescentar informações que consideram importantes e assim enriquecer o trabalho. As entrevistas ocorrem quantas vezes forem necessárias e é considerada encerrada no momento em que o sujeito e o pesquisador julguem esgotadas as possibilidades de contribuição. Entretanto, é importante ressaltar que a decisão de realizar mais de uma entrevista com alguns sujeitos não ocorreu com o intuito de “extrair as verdades” do entrevistado e “retirar o indesejável invólucro de papel pardo da circunstância” (Silveira, 2002, p. 124). Contudo, desejou-se, com estas novas entrevistas, ampliar o diálogo com os entrevistados, vislumbrando a possibilidade de construção de conhecimento sobre o tema em parceria entrevistador e entrevistados por meio do “jogo interlocutivo”.

Nesta pesquisa, dez sujeitos foram convidados para nova entrevista. Eles aceitaram prontamente a nova solicitação, pois, ao assinar o TCLE, já estavam cientes de que poderiam ser convidados a novos encontros. As entrevistas foram áudio-gravadas, como ocorreu no primeiro momento, porém, nessa etapa, a pesquisadora lia os trechos da primeira entrevista transcrita ou trechos do diário de campo sobre observações de sua família na biblioteca e pedia para o sujeito verbalizar mais sobre o tema. Os sujeitos esclareciam as questões apoiados nos seus depoimentos iniciais e em suas práticas de leitura e interação observadas e geralmente traziam outros elementos importantes, enriquecendo os dados.

Portanto, a pesquisadora iniciou o processo de análise dos dados ainda durante o período de coleta, logo após a realização das primeiras observações e conclusão das entrevistas iniciais com alguns sujeitos, realizando uma pré-organização dos materiais para uma análise mais específica e detalhada posteriormente.

Segundo Ludke e Andre (1986)

É preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas que procure ir mais a fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente ‘silenciados’(p. 48).

Assim, objetivando-se considerar todos os materiais coletados sem perder nenhum conteúdo, a pesquisadora criou uma pasta de arquivos para cada sujeito, onde reuniu as gravações em áudio das entrevistas concedidas e as suas transcrições, as fotos dos sujeitos que participaram de eventos na biblioteca, os relatos de diário de campo sobre as observações realizadas dos adultos e das crianças na biblioteca e as impressões da pesquisadora sobre o observado.

A partir deste momento, realizaram-se inúmeras leituras “flutuantes” do material obtido, buscando uma forma de organizá-lo. Para Aguiar e Ozella (2006), as leituras

“flutuantes” são importantes para que se possa familiarizar e apropriar-se do material, permitindo ao pesquisador o destaque e a organização de pré-indicadores para a construção de futuros núcleos para análise.

Dessa maneira, a pesquisadora lia as entrevistas e os registros das observações grifando os trechos que considerava mais importante e sinalizava as palavras-chaves relacionadas às histórias de formação dos sujeitos enquanto leitores, aos modos como realizavam as leituras, aos modos específicos de mediação, entre outras características consideradas relevantes, de acordo com os objetivos e à luz da perspectiva teórica assumida na pesquisa.

Durante as leituras e o levantamento de alguns indicadores, a pesquisadora notou que alguns dos temas eram recorrentes nas falas dos diferentes sujeitos. Assim, decidiu organizar os seus enunciados a partir de núcleos temáticos. Esses núcleos foram criados a partir da reunião de temas pela frequência com que apareciam e também pela importância atribuída pelos sujeitos sobre determinados conteúdos em seus depoimentos, além da carga emocional (Aguar e Ozella, 2006).

Segundo os autores:

Os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelem as suas determinações constitutivas (Aguar e Ozella, 2006, p. 231).

Com esse objetivo, a pesquisadora releu os trechos destacados das entrevistas e diário de campo dos diversos sujeitos e organizou o material seguindo critérios de aproximação temática, criando-se ao todo 4 núcleos e 12 subnúcleos temáticos que serão apresentados no próximo capítulo.

5. RESULTADOS

“(...) espero tornar sensíveis aquele fragmento da voz, aquele movimento às vezes rude, áspero, aquele frêmito de uma emoção, de uma lembrança. Textura de vozes vivas e verdadeiras que dá densidade a palavras tão comuns” (Certeau, 2011, p. 226).

Conforme explicitado no final do capítulo anterior, o processo de análise resultou em um conjunto de quatro Núcleos Temáticos e doze subnúcleos que estão apresentados no Quadro 2. Na sequência, os mesmos serão apresentados com amostras dos principais dados que os constituem¹⁵.

<p>1- Práticas para incentivo à leitura</p> <p>1.1 <u>Ler para e com as crianças</u></p> <p>1.2 <u>Ouvir a leitura ou o reconto realizado pela criança</u></p> <p>1.3 <u>Conversar sobre os livros e suas histórias após a leitura</u></p> <p>1.4 <u>Possibilitar o acesso aos livros e o seu manuseio</u></p> <p>2- Histórias de como os adultos se tornaram leitores e mediadores de leitura</p> <p>2.1 <u>Mediação da família</u></p> <p>2.2 <u>Mediação dos professores</u></p> <p>3- Histórias de adultos que se tornaram mediadores de leitura para as crianças, apesar de assumirem o distanciamento com os livros.</p> <p>3.1 <u>Fazer a diferença</u></p> <p>3.2 <u>Impactos da escola</u></p> <p>3.3 <u>A importância do outro</u></p> <p>4- Importância da biblioteca para as famílias</p> <p>4.1 <u>Ampliação do repertório de leitura</u></p> <p>4.2 <u>Ambiente favorável para a constituição do leitor</u></p> <p>4.3 <u>Atividades diferenciadas</u></p>
--

Quadro2: Núcleos e Subnúcleos Temáticos

¹⁵ Todos os relatos apresentados foram extraídos do Anexo VII. Neste anexo é possível acessar outros trechos das entrevistas transcritas.

Núcleo 1 - Práticas para incentivo à leitura

No presente núcleo são apresentados alguns trechos das entrevistas relacionados às práticas de incentivo à leitura que os sujeitos relatam realizar no cotidiano com as crianças, bem como excertos do diário de campo da pesquisadora que descreve as ações concretas, observadas no interior da biblioteca, dos familiares com suas crianças. Os excertos indicam que frequentar ambientes de leitura, ler para e com as crianças, ouvir e conversar sobre os livros e garantir o seu acesso e manuseio são as principais práticas de incentivo à leitura, realizadas pelas famílias.

***1.1- Ler para e com as crianças**

Este subnúcleo reúne trechos das entrevistas e dos relatos de observação que manifestam as práticas de leitura dos adultos para e com as crianças. Segundo os adultos, a leitura para as crianças sempre foi realizada no cotidiano familiar, desde quando elas eram bem pequenas, como se pode observar no relato abaixo.

Ah, assim...Desde bebezinha que eu leio pra ela né. Colocava ela no carrinho sentadinha e ficava lendo as historinhas para ela. Então ela gosta muito de poesia, (som inaudível) porque tem rima, então ela ficava dando risada, desde neném. Aí depois, quando ela já tinha mais coordenação pra segurar o livrinho, eu fui deixando ela segurar e folhear e falava pra ela que não podia rasgar, que tinha que tomar cuidado e ela foi começando a gostar. Então tudo que é livro que tem em casa, ela pega e gosta de dar uma olhadinha. Aí se ela vê, por exemplo, um gibi, alguma historinha que ela acha legal o desenho, ela pede pra gente ler pra ela e assim vai...

(Carla)

Esta mãe foi entrevistada pela primeira vez quando estava gestante da segunda filha e, nesse período, frequentava semanalmente, aos sábados, a biblioteca com a filha Estela e o marido. Parou de visitar a biblioteca no último mês da gestação e retornou quando a bebê recém nascida havia completado um mês de vida. Observou-se que a família utilizava parte do tempo que permanecia no local para selecionar os livros que levariam para casa e o restante do tempo dedicava-se a brincar com a filha e ler para ela. A família sentava-se no tapete e ali permanecia por cerca de uma hora, praticamente todos os sábados. Descreve-se abaixo um dos episódios observados.

Pai, mãe e filha chegaram à biblioteca. Enquanto mãe e filha foram para o tapete, o pai foi à procura de livros no outro setor da biblioteca. Mãe e filha começaram a ver os livros. A menina escolheu um livro e ambas sentaram no tapete. A filha sentou-se entre as pernas da mãe que começou a ler para a pequena. Ela lia calmamente, sua voz era muito suave. Ela mostrava as figuras com o dedo indicador e ressaltava algum detalhe que parecia chamar sua atenção. A filha também interrompia a mãe em alguns momentos: Mãe olha a boca dele! (Parecia apontar para o lobo). Quando o lobo apareceu, a mãe que estava falando com a voz suave, fez uma voz

diferenciada, como se quisera imitar um lobo nervoso. A filha observava atentamente. Ambas pareciam divertir-se naquele momento. Depois que a história terminou, a mãe pediu para que a filha guardasse o livro. Ela olhou mais alguns livros e em seguida começou a explorar os brinquedos.

(Notas de diário de campo, 5 de outubro de 2013)

Nota-se que a filha, logo ao chegar, procurou por um livro, pedindo que sua mãe fizesse a leitura, antes mesmo de querer brincar com os brinquedos oferecidos. Mãe e filha estavam completamente envolvidas por uma situação de leitura que parecia bastante habitual para ambas. Em outro sábado, o pai da criança assume também essa prática de ler para a filha, como no excerto abaixo, também destacado do diário de campo.

Eu e a mãe conversávamos sobre um evento de que participamos em outro momento aqui na biblioteca; Estela e o pai brincavam sentados no tapete. Entre um brinquedo e outro que Estela pegava, ela decidiu começar a manusear os livros. Pegou alguns e mostrou para o pai. O pai segurou o livro do alfabeto. Em cada folha desse livro tinha uma letra do alfabeto bem grande no meio da página e vários desenhos nas bordas, com imagens de coisas que começavam com a letra anunciada. O pai mostrava as páginas e falava: Olha filha, que letra é essa? E ela respondia: É a letra O! E eles iam juntos apontando para os objetos e dizendo os nomes das coisas: óculos, ovo... Cada vez que ela acertava a letra o pai fazia elogios e eles riam juntos dos desenhos e das situações. Ester e o pai interagiram com esse livro por um longo tempo e a filha demonstrava interesse pelo material. Ela reconhecia várias das letras e, quando não sabia, ele a auxiliava, mostrando os objetos que apareciam, fazendo e reforçando o som das letras iniciais. Quando terminaram, ela disse que queria levar aquele livro para casa e eles o separaram.

(Diário de campo, 26 de outubro de 2013, sábado)

Assim, além do depoimento dado, no qual a mãe revela que incentiva a filha a ler, fazendo-lhe leituras e permitindo o manuseio dos livros desde quando a pequena ainda estava no carrinho de bebê, por diversas vezes foi possível observar a interação pais-filha-livro na biblioteca. Em outra ocasião em que a pesquisadora novamente se encontrou com a família de Carla na biblioteca, agora com a filha menor tendo completado um ano e cinco meses, observou-se que a família, além de manter as visitas à instituição, ainda mantinha a prática de emprestar os livros, bem como as leituras dos livros no interior da biblioteca, entre uma brincadeira e outra com as crianças.

Cheguei à biblioteca por volta de 08h50m da sexta-feira, 17 de julho de 2015. No local apenas alguns senhores lendo jornais e revistas. Todos sentados nos sofás. A funcionária Melissa estava no Tapete Vermelho organizando os brinquedos, jogos e livros. Notei que de ontem para hoje novos livros haviam sido disponibilizados nos nichos. Fotografei o local, como de costume, bem como o expositor de livros. Ali fiquei por mais algum tempo com meu notebook. (...) Por volta de 09h30ma família de Carla chega à biblioteca. Eu ainda estava sentada no tapete com meu notebook, organizando o material da pesquisa. Cumprimento a família e imediatamente em seguida as meninas vão brincar. Pegam os brinquedos e começam o faz-de-conta. Casinha, cabeleireira, quebra-cabeça, jogos de encaixe. “Secam” o cabelo da mãe e fazem “chapinha” com os brinquedos. Até os meus cabelos são cuidados pelas meninas, enquanto converso com a mãe. Eu e a mãe conversávamos e o pai procurava por um livro nas prateleiras. Carla contou-me as novidades. Diz que a filha está gostando muito de frequentar a escola e que toda semana traz um livro para casa e

isso tem sido muito importante para elas, pois é mais uma opção de livro. Diz que a filha caçula também já gosta dos livros, embora algumas vezes acabe rasgando durante o manuseio, o que é natural para uma criança para a idade dela (ela tem apenas 1 ano e 5 meses). A mãe então me mostra um vídeo que gravou no celular com a filha caçula lendo um gibi. A menina segura o gibi com as duas mãos e balbucia uma série de sons, como se estivesse lendo. Diz que também tem uma gravação da Estela, quando ela tinha maios ou menos a mesma idade e também fingia ler.

Enquanto as meninas continuam brincando, agora com o pai, a mãe me conta que participa de uma rede social para leitores chamada Skoob. Neste site ela comenta sobre os livros lidos, lê os comentários de outros leitores e conhece muitas obras por meio desta rede social. Revela-me que sua meta de leitura para este ano é de 100 livros e que até o momento leu 40. Mostra em seu celular a lista dos livros lidos e os livros pretendidos. Em seguida, apresenta-me um aplicativo de celular que tem em seu aparelho para fazer download e a leitura de livros. Brinco com ela: “Mas você é viciada mesmo, hein!”. Ela ri, concordando. Após mexer neste aplicativo, ela pede ao marido que procure no outro setor três livros da Agatha Christie, que estão na sua lista de livros para serem lidos em 2015. O marido então vai em busca das obras. Durante nossa conversa, entre um brinquedo e outro, Estela pega um livro e pede para a mãe ler. “Mamãe, lê este aqui!” O livro escolhido é o livro do Cocoricó. A mãe, que está sentada no tapete com as crianças, pega o livro e começa a leitura. Sua voz tem entonações diferentes para cada personagem. A filha parece muito atenta, pouco pisca. Em um momento da história dá uma gargalhada. Diverte-se. Quando termina, ela deixa o livro no tapete e pega um outro brinquedo. Segundos depois é a vez da pequena. Ela pega o livro da “Miudinha”, senta-se no puff e ali finge ler a história.

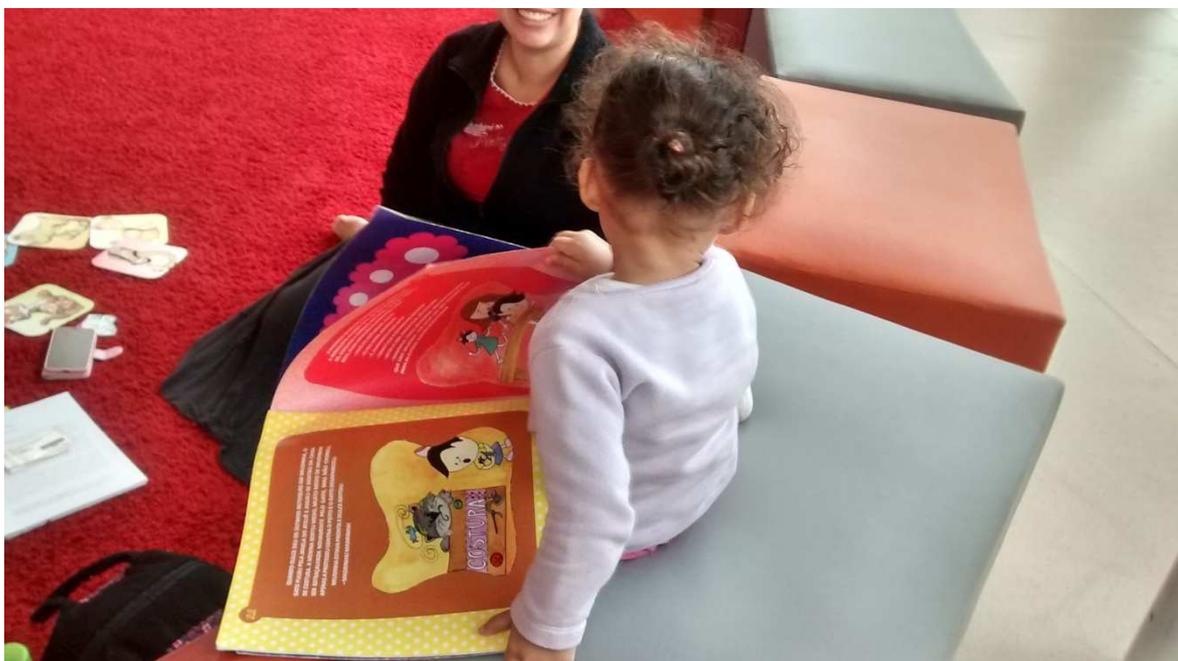


Figura 23- Jéssica "lendo". Foto da pesquisadora.

mãe diz que irá ler para ela, mas ela larga o livro e pega um brinquedo. Estela então traz dois outros livros: a “Pequena Sereia” e a “Dora Aventureira”. A mãe disse que irá ler só o da “Pequena Sereia”, pois o da Dora é igual ao que tem em casa. Estela está calçada com os sapatos de cinderela da biblioteca, e com uma boneca e um super herói na mão, que em seguida, os colocam sentados ao seu lado, para juntos ouvirem a história.



Figura 24- Carla lendo para Estela e os bonecos. Foto da pesquisadora.

Segundo a mãe, em casa Estela gosta de colocar as bonecas sentadas para ouvirem a história que ela própria inventa. A mãe pega o livro da “A Pequena Sereia” e começa a ler. Sua voz é calma e suave. Estou sentada no tapete bem próxima de Estela, ouço e vejo de muito perto e assim percebo que a leitura do livro é feita integralmente. Não há cortes, não há supressão de palavras, parágrafos e a menina está atenta. Parece bastante habituada com a leitura. Quando termina pede que a mãe leia o outro. Embora a mãe explique que é o mesmo que já tem em casa, ela acaba cedendo e realiza a leitura deste também, tamanha a insistência de Estela. Neste momento a caçula aproxima-se e a mãe diz: “Venha aqui Jéssica que a mamãe vai ler este da Dora!” A mãe pega a menina e coloca em seu colo. A leitura é realizada para as duas crianças e para mim, que estou ao lado. A mãe conta a história de modo que me faz ter a sensação de estar assistindo ao DVD da Dora, pois imita a voz da personagem com muita convicção. As crianças estão atentas. A mãe faz perguntas e o livro é interativo. Ele tem algumas abas que devem ser puxadas pelas crianças, para se descobrir as respostas feitas pela personagem. No início as crianças mexiam nas abas antes que ela tivesse lido as perguntas. A mãe intervém, com muita paciência e diz: “Calma! Vocês não estão esperando eu terminar de ler! Tem que prestar atenção no que eu estou lendo primeiro, depois abre”.



Figura 25- Leitura entre mãe e filhas com orientação. Foto da pesquisadora.

Ela prossegue a leitura. Estela muda o modo de se comportar diante do livro com abas, atendendo à orientação da mãe. Apenas após o questionamento e o fim da leitura, ela puxa a aba. A Jéssica, ainda quer puxar as abas a qualquer momento. Mãe e filhas estão juntas, unidas por um livro e um momento afetivo. Quando a história termina, o livro é devolvido à prateleira e novos brinquedos são pegos. Minutos depois o pai retorna com os livros da mãe. A mãe olha no relógio. São 11h20m e ela alerta o pai de que a Estela tem aula após o almoço. Eles começam a escolher os livros que levarão para ler para as filhas em casa. Neste momento Estela diz que ela própria irá escolher o livro. Ela seleciona o livro da “Bela Adormecida” e o da Dora, que a mãe acabara de ler. O pai pede que escolha outro, pois aquele ela já tem em casa e estão cansados de ler. O pai ajuda ela a escolher um outro livro e retira do acervo “A princesa está chegando!”. A menina fica empolgada: “Eu gosto de história de princesa!” Pegam também “Tatugo Timbó” e “Brincadeira na feira”. As crianças calçam os sapatos e a família vai para o balcão realizar o empréstimo. Saem da biblioteca por volta de 11h30m.

(Trecho de diário de campo, 17 de Julho de 2015, sexta-feira)

Com mais este encontro, é possível dizer que Carla e suas filhas gostam muito dos livros e a leitura entre os familiares ocorre sempre em clima afetivo, havendo interesse por parte das crianças, que pedem a leitura de vários livros, interrompendo até mesmo o momento da brincadeira. É interessante observar que Estela insere seus bonecos para apreciar as leituras. Em todas as situações, a filha mais velha demonstrava interesse pelas histórias e concentração, pois havia outras crianças que brincavam no tapete, adultos que circulavam pelo espaço, além da presença de inúmeros materiais presentes no local. Entretanto, durante as leituras, nada fazia com que ela se dispersasse ou diminuísse o seu envolvimento com a história. Nota-se, também, que os pais estão sempre disponíveis para ler para as meninas, quando solicitados, além de serem cautelosos na ajuda da seleção dos livros emprestados.

Em consonância, outras famílias relatam sobre as práticas de leituras para as crianças desde quando eram bem pequenas.

(...) Ele era pequenininho, a gente já ia nas, como é que chama, nas livrarias pra comprar e ele ficava lendo. Eu tenho fotografias lindas dele lendo no carrinho (sorriso). (...) Desde pequenininho nós lemos pra ele toda noite. Inventamos muito. E ele tem bastante livros e mesmo assim ele vem buscar aqui.

(Amélia)

As famílias demonstram que mediavam o acesso das crianças aos livros na primeira infância. Investiam em livros de pano, livros-brinquedos e livros de banho, como relata Andréia abaixo.

Sue Ellen, a leitura entrou no banho. Com os livrinhos de banheira. Eu sempre sou muito curiosa, aonde eu vou eu exploro, eu vou ver o que tem. Eu não lembro de ter ganho, eu comprei os livrinhos! Mas eu me lembro que o André tinha um interesse muito grande pelos livrinhos na banheira, principalmente o André. Quando a Juliana nasceu, eu já tinha dois bebês, eu também fiz isso, mas daí o irmão que já falava, já ajudava a irmã. E outra coisa: “Ah, presente de criança não é livro!”

É engano de adulto! Se você dá um livro pra criança, tanto que hoje os livros viraram brinquedos. A questão do tato... Os livros são maravilhosos. As cores. O material que é usado. É pra chamar mesmo a atenção da criança né. Tem com pelúcia, tem com laminado, tem com tudo. Mas é um paradigma dos adultos, o que eu ouço muito das minhas irmãs, que também são da área: “Não, tem que ser brinquedo”. É lógico que você aprende com os brinquedos, mas os livros são brinquedos.

(Andréia)

Nota-se que, para a mãe, a aquisição dos livros sempre foi importante, visto que em diversos momentos de sua entrevista ela relata que presenteia os filhos com livros, gosta de ter os próprios livros, que vão para a biblioteca familiar. Ela relembra dos primeiros livros adquiridos para o filho, que eram os livros de banho. Demonstra em toda a entrevista a fascinação que tem pelos livros infantis e, no decorrer da conversa, defende que, além de adquirir os livros e presentear os filhos, acredita ser fundamental ler com a criança e estar junto dela no momento da leitura.

(...) Mas participe com sua criança. Não dê o livro, mas sente com ela pra ler. É uma delícia ler com ela, ler para ela. (...) É uma delícia livro infantil e assim... hoje tem uma gama enorme de livros!

Por que que eu vou ler o livro se eu posso ir pro quintal, me sujar... o livro é só um papel! As crianças não nascem sabendo que no livro tem o conhecimento. Então se você não sentar... Você tem que fazer daquilo algo prazeroso. Estar junto da criança, porque a criança como você pode ver, como os cães, como os animais eles não querem ficar preso no canil, eles querem ficar junto de você. Se você está no quintal eles ficam, se você está na cozinha eles ficam. Onde tem gente eles vão ficar. Os nossos filhos também. Então quando você senta, essa ligação, esse vínculo afetivo é fortalecido. Ele sabe que a mãe está presente, ele não...naquele momento ele não entende, mas ele internaliza o carinho daquela presença. A emoção que está sendo passada pra ele. Porque é lógico, se ele não conhece o livro, como que ele vai pegar o livro se tem outras coisas pra ele fazer, inclusive mexer. O livro é...Eu falei hoje tem livros que oferecem ... mas se o livro é o papel, ele não tem esse conhecimento que nós temos de ali ter informação. Pra ele é papel e não vai interagir e não é nada. Mas se a mãe está junto, então a voz de quem vai contar a história...não importa se você vai sentar no tapete, no quintal, na areia, no chão... São momentos como esses que realmente ficam gravados. É... Eu acredito que é a emoção. A gente atinge o outro através das emoções. Você pode ver o ser humano quando cutuca o outro, quer deixar o outro bravo, ele vai falar alguma coisa que... A criança ela é ser humano. Ela só tem menos tempo de vida e menos aprendizado. Eu acredito nesse sentido da leitura, por isso que você tem que incluir a leitura em momentos prazerosos e não: Vá ler! (Fala em tom rude). Inclusive porque ele sempre quer fazer aquilo que é bom e que ele não é mandado. Quando você manda, “porque que eu vou?”

(Andréia)

Para a mãe Andréia, que é psicóloga, a mediação do adulto parece ser fundamental, tanto que no primeiro encontro da pesquisadora com ela e seus filhos, ela estava sentada no tapete com a Juliana e o André fazendo a leitura em voz alta de um livro, apesar de os dois já serem alfabetizados. Eles aguardavam o horário para a realização de uma oficina de Origami que aconteceria na biblioteca, quando juntos compartilhavam de uma leitura. Andréia diz acreditar que, se os adultos não sentarem com as crianças pequenas para apresentar os livros, para ler com elas, aproximando-as dos livros, elas dificilmente se interessarão pelo material,

que aos seus olhos pode ser visto apenas como papel. Para a mãe, se a criança se sentir solitária e obrigada, dificilmente terá interesse pela leitura. Ao contrário, para ela, a leitura deve estar inserida em momentos prazerosos, onde vínculos afetivos são fortalecidos e as crianças são marcadas positivamente.

A leitura, geralmente à noite e antes de dormir, foi bastante citada pelos entrevistados como prática comum. Sobre esse momento, algumas das mães dizem:

A leitura antes de dormir eu acho assim que é um carinho pra falar a verdade. Parece que é um momento que a gente fica junto mesmo.

(Viviane)

Pesquisadora- E como que é esse momento. O clima em que se dá essa contação, se você pudesse me descrever?

Roberta- Muito gratificante (ressalta a palavra muito). O vínculo entre a criança e a mãe é bem bacana, é um momento de prazer e de constante carinho também, porque ou a gente ta deitado na cama, ou ela ta no meu colo e passa uma energia muito boa entre a criança e eu né, e os pais né. Ou eu sozinha com ela, ou o pai, ou os três também. Tem momentos que, depende da situação, eu acho que a leitura não pode ser uma coisa programada, uma receitinha. Tem que tá no clima, tem que tá naquele ambiente de momento. Aproveitar aquele momento e... E usufruir. (risos)

(Roberta)

A mãe Sônia, que é professora de educação infantil, em consonância com os relatos acima, fala da importância da leitura e do contexto afetivo dessa atividade:

Pesquisadora- Você estava me falando que a noite vocês tem o hábito...

Sônia- Nós temos o hábito de leitura em casa.

P- E ai cada um pega um livro?

So- Cada um pega o livro, normalmente elas gostam que eu leia para elas né, porque assim, eu acredito que assim, é um momento gostoso da gente ficar junto... Eu participei de um curso esses dias aqui e achei muito bacana que ele falava em termos não só da leitura, da afetividade que esse contato da leitura traz, do pai, da família. A gente faz às vezes isso involuntariamente. A gente não tem esse contexto todo, mas é verdade mesmo. Porque no momento que eu sento na cama pra contar história, elas querem um colo, elas querem ficar perto, elas querem ficar junto. Ou a gente né... Sentar no meio das pernas da gente. Então assim, esse aconchego, esse afeto né, que propicia um encanto. A magia mesmo ali né, do momento da leitura né. Então porque às vezes a gente pensa enquanto professor, a gente pensa só naquele foco pedagógico. Da criança saber ler, de incentivar a ler, então assim, essa afetividade também é muito bacana né, porque cria tudo uma magia ali né, muito bacana né.

P- Sim, é verdade.

So- E que nem assim, meu marido não é da área da educação e normalmente eu estímulo também. Ele lê para as crianças, ele né... Se aproximar das crianças, porque normalmente os pais trabalham mais que as mães né, eles tão muito mais ausentes de casa do que as mães né, então normalmente ele vem junto, é que hoje ele tá trabalhando também e não deu. Mas normalmente ele tá aqui presente. Então assim, ele leva os livros, me ajuda a ler os livros... Então isso é muito bacana, muito gostoso (...) porque assim, chega de final de semana é o momento da família. É o momento da família, de nós estarmos juntos com a família, a família presente, né. E tanto no contexto educacional, na biblioteca, participando de uma atividade pedagógica como teve agora, então você vê que tudo vai se juntando, né.

P- Aha.

So- Eu gosto muito disso, né. Isso é felicidade, né, eu falo!

(Sônia)

Nos relatos acima, é possível constatar que as mães utilizam palavras como carinho, energia, prazer, aconchego, encanto, gostoso, magia, vínculo, usufruir, felicidade, quando descrevem o momento da leitura antes de dormir. Nota-se que, para as mães, ler é importante não apenas para ensinar a leitura, o código escrito e cumprir um ritual. Ao contrário, essa prática é percebida como momento importante entre os familiares e permeada de afeto, sendo sempre solicitada pelas crianças, que se habituem às histórias antes de dormir.

E daí então a Estela, desde pequenininha, a gente tem um monte de livrinho em casa, né. Pra criança, aqueles livrinhos de banho, tudo. Então ela, desde pequenininha, ela gosta que a gente lê pra ela. Ela, até pra dormir, ela pega um livrinho e quer ficar lá folheando. Ela não dorme sem ler alguma coisa. É assim já. (risos). Do jeitinho dela (...)

P- E esse momento da leitura, você me descreveria como? Como que marca pra vocês esse momento de estar junto, lendo o livro?

Ca- Ah eu acho que assim... é um vínculo a mais que a gente cria com ela, né. Porque ela vê que a gente gosta e ela participa e ela aprende. Ela vê que tem coisas novas pra ela aprender pelos livros, né. Não só brinquedos e desenhos que ela possa assistir.

(Carla)

A mãe de Lídia e de Luana também relata que a filha mais nova, que ainda não lê sozinha, não consegue dormir sem a leitura de uma história e que, quando ela está na faculdade, essa leitura é realizada geralmente pela irmã.

Pesquisadora- E tem alguma rotina de leitura da família?

Lúcia- Assim, de modo geral a Luana (caçula) ou eu leio pra ela uma história todo dia antes dela dormir, ou a Lídia (primogênita), quando eu não estou, que eu chego tarde em casa da faculdade. Então quando eu não estou, a Lídia conta pra ela. Ela já fala: "Lili, conta história pra mim?" (Imita o tom de voz amoroso da filha). E aí a Lili vai lá e conta uma história e coloca ela pra dormir. Quando eu não tô é sempre ela. E o pai dela, quando nem a Lídia pode, nem eu, ele conta histórias assim. Ele inventa as historinhas e conta pra ela, porque senão ela não dorme. Então ela já criou o hábito de ter alguma coisa, uma historinha. (...) Tanto que ela fala: "Eu não consigo dormir se você não contar história pra mim" (Imita tom choroso da filha e sorri após a fala).

(Lúcia)

Assim, ao longo das entrevistas, percebeu-se que a leitura para as crianças antes de dormir é relatado como momento importante da rotina familiar. É o momento que os pais relatam de estar com os filhos sem outras preocupações do dia-a-dia e a possibilidade que têm para, juntos, se divertir, sentir, ensinar e aprender. Geralmente, são as crianças que pedem a leitura, ela nunca aparece como imposição e obrigação. Entretanto, a leitura não fica restrita ao horário noturno. Para outras famílias, ela é importante após o despertar, quando a família se reúne, por exemplo, no café da manhã de domingo:

O Pequeno Príncipe é maravilhoso! Você pode ler em todos os momentos da sua vida ele. Cada momento você vai interpretando de uma forma. (...) No café da

manhã de domingo, eu lia um capítulo. Ou no café ou no almoço, até terminarmos “O pequeno príncipe”. Pra mim eu leio, pro meu marido e pras duas crianças.

P- Que legal!

Andréia- No momento do café de domingo (...)

(Andréia)

Durante a leitura, os pais relatam que tentam tornar a história mais atraente, por meio das diferentes entonações de vozes para alguns personagens, como disse a mãe Nathália e os pais da pequena Estela:

Pesquisadora- E se você pudesse me descrever, como que é o momento da leitura, como vocês se sentem, como você me descreveria?

Nathália- Eu acho que é um momento divertido né, porque eu procuro ler assim... da forma que seria assim... que ela tivesse vendo um desenho. Então com as entonações, com a acentuação... Então ela acaba rindo e a gente se diverte bastante. É bem legal!

(Nathália)

Marcos (pai)- Eu vejo que ela pede pra ... às vezes ela pede pra que eu leia pra ela, aí a gente lê. Às vezes a gente faz umas brincadeirinhas com a voz né.

P- Ah. Legal.

Carla (esposa do Márcio)- Às vezes ela mesma já até faz alguma coisa. O livro é uma história sobre bruxinha né, aí ela já sabe os sons dos bichinhos, então ela acompanha também a história. É bem interessante. Que ela gosta bastante mesmo.

(Entrevista com Carla e Marcos)

Os sujeitos que acompanham a fase de alfabetização das crianças relatam a importância de, além de ler para as crianças, ler com elas, incentivando-as a lerem trechos do texto com o apoio do adulto.

Agora ela tá começando a ler sozinha, aí eu vou deixar ela ler sozinha. Eu vou estar junto, mas vou deixar ela ler (...). Eu fico junto, porque tem letrinhas, tipo LH, BR, essas coisinhas assim que ela ainda não pegou direito né, então a gente lê junto pra poder auxiliar mesmo!

Pesquisadora- E quando ela não lia, como que você fazia?

Nathália- A gente lia pra ela, ela do lado e eu vou com o dedo apontando as palavras, pra ela ir sabendo né, onde que tá lendo, que parte que tá a história.

(Nathália)

Para Nathália, sempre foi importante situar o texto durante a leitura com a filha; agora que a criança está conseguindo ler sozinha, acha importante não mais ler todos os livros que leva da biblioteca para casa, como antes fazia. Atualmente, a mãe diz que procura estimular que a leitura seja realizada pela própria filha, mas sempre a acompanhando, para auxiliar. Outro pai que demonstrou tal preocupação foi Antônio:

Pesquisadora- Entendi. E como que o senhor faz a seleção do livro?

An- Agora, na fase dela, frases curtas né e que eu vejo que tenha algum tipo de mensagem.

P- Entendi.

An- Mas, assim, as frases muito curtas porque agora, antes não tinha tanto, mas agora tenho preocupação que ela leia alguma coisinha também.

P- Ah sim.

An- Então não só eu leio, mas que ela também troque. Então o que eu faço é uma brincadeirinha do tipo: Eu leio uma frase e você lê outra. E assim a gente vai trabalhando pra que ela consiga chegar ao final do livro e termine a leitura.

P- Sim. Sim.

An- Basicamente é isso que eu faço. (...) A minha filha é um pouco preguiçosa. Então assim, briga, briga, briga, briga aí depois de 20 minutos de briga ela resolve ler né. Então tem um pouco de perfil da criança também é... Pra se soltar, vamos dizer assim né. O engraçado é que depois da briga, depois que se solta, ela fica atraída e termina de ler o livro. Mas tem uma inércia que tem que ser quebrada.

(Antônio)

Como se observa no relato acima, o pai também tem a preocupação de ler com a filha, revezando a leitura com ela, de modo que consiga ler o livro até o final. Esse estímulo do pai parece ser fundamental, pois, segundo ele, sua filha ainda tem dificuldade para pegar um livro sozinha para ler. Com sua ajuda, a filha inicia a leitura e depois consegue prosseguir-la com interesse, o que evidencia a importância da mediação do pai para a leitura dos livros.

Neste subnúcleo, pode-se dizer, portanto, que os sujeitos estão interessados em inserir e manter as práticas de leitura no ambiente familiar, realizando-as em clima afetivo, contribuindo para constituir o interesse das crianças pelos livros. As leituras ocorrem de improviso, ao longo do dia, mas percebe-se que ela também tem um lugar planejado, garantido e específico dentro da rotina familiar. Visualiza-se a preocupação dos familiares em relação ao incentivo para a leitura autônoma da criança, sendo que essas não estão sozinhas nesse processo, mas em constante supervisão dos adultos.

***1.2 – Ouvir a leitura ou o reconto realizado pela criança**

Neste subnúcleo os relatos e as observações indicam que, além de ler para e com as crianças, os familiares disponibilizam-se para ouvir as crianças que estão aprendendo a ler, ou até mesmo as pequeninas que ainda não estão alfabetizadas, mas que gostam de fazer o reconto das histórias lidas.

Pesquisadora- E você falou que em casa você tem livrinhos. Você faz a leitura? Como é que é esse momento em casa?

Débora- Ah, elas sentam, elas deixam eu ler uma vez e depois cada uma pega o livro e conta a história do jeito delas. Aí depois elas ficam com o livro, elas contam. Sentam todas as bonecas assim em volta e conta para as bonecas e fica lá olhando um monte de vez o livro. (risos). (...) Elas sempre querem contar a história para mim do jeitinho delas e elas brincam muito com os livros entre elas.

(Débora)

Para a mãe Débora, é importante ouvir as histórias que as gêmeas recontam. Nota-se que, apesar de não serem alfabetizadas, gostam de fazer a pseudo leitura do livro para a mãe, para as bonecas com quem brincam e entre elas. Para a mãe, nessa atividade há uma

atmosfera agradável e o faz-de-conta está presente. Entre outros adultos, a mãe Vera diz que estimula e gosta de ouvir o filho que conta histórias, à sua maneira:

E ele, mesmo sendo pequenininho, não sabe ler, mas ele adora! E ele conta a historinha do Lobo Mau pra gente, do jeitinho dele né. Mas ele conta a historinha do Lobo Mau, João e Maria. (...) E ele também, porque como ele gosta, ele procura do jeitinho dele falar o que ele entende. Que nem nas historinhas a gente acha até engraçadinho, porque ele começa contar: tem três “poquinhos” (imita a fala do filho e sorri). Aí ele vai falando né, do jeitinho dele. A gente percebe como ele gosta dos livros e a gente vai ouvindo, prestando atenção. É... vai incentivando.

(Vera)

Nos dois fragmentos acima expostos, pode-se inferir que as mães prestigiam a atividade da criança, que assume a posição do leitor ou contador de histórias. Além da leitura ou contação de história das crianças para os adultos, também foi citada pelos sujeitos a leitura entre os irmãos, destacando-se como uma prática bastante corriqueira, principalmente quando um dos irmãos já é alfabetizado e tem o domínio da leitura.

F- (...) A princípio eu lia bastante. Agora como ela lê, ela lê pra gente e ela gosta de ler... Deixo todos os livros ao alcance dela e ela vai naturalmente. Ela gosta muito. Ela vai pegando, lendo... Ela lê pra pequena, ela lê pra mim. Ela fica com a irmã lendo e lendo. Elas gostam demais das histórias, dos livros. E eu fico junto, ajudo em alguma coisa quando é preciso.

(Fabiana)

Fabiana, no relato acima, afirma colocar-se na posição de ouvinte das histórias, auxiliando quando necessário. A mãe Ana Luiza também fala dessa dinâmica em sua família.

Elas gostam mesmo! Então eu procuro sempre tá alimentando esse...essa leitura delas aí.

Pesquisadora- Entendi.

Ana- Eu leio pra de dez, quando ela vai dormir, antes dela dormir eu leio uma história. Ela gosta de ouvir e eu leio mais pra incentivar elas mesmo. Ela também lê pra mim. Ela gosta muito de ler e a mais velha lê pra ela. Elas têm isso, sabe. (...) E eu acho bonito isso nelas, então eu incentivo mesmo (...) Em casa ela fala: “Mãe escuta aqui ó. Deixa eu ler pra você”. Aí ela lê as partes que ela achou mais interessante do livro, ela conta o que ela está lendo pra me mostrar. E eu tenho que prestar atenção, pra ela ver que eu estou me importando né. Ou ela pede: “Mãe conta uma história pra eu dormir?” Aí eu leio alguma coisa. Eu acho que isso é importante, pra elas verem que eu também estou com elas, que essa hora é nossa e a gente curte junto.

(Ana Luiza)

Neste fragmento, observa-se que tanto a mãe lê para as filhas, como também se dispõe a ouvi-las. Para a mãe, ouvir as filhas que querem ler ou comentar sobre o que foi lido é importante, pois é um momento de aproximação.

Em diversas visitas à biblioteca, a pesquisadora observou situações de crianças lendo ou contando histórias de memória (dos livros clássicos já conhecidos) ou inventando histórias a partir das ilustrações dos livros aparentemente não conhecidos. O trecho abaixo, extraído do diário de campo, exemplifica a prática:

Neste sábado, a biblioteca oferecerá uma contação de história: “ O menino que aprendeu a ver” (Ruth Rocha). Várias das famílias que já entrevistei estão novamente aqui. Como de costume, algumas crianças estão brincando antes do horário da contação e têm outras que estão vendo os livros. Alguns adultos permanecem juntos das crianças no tapete, estão brincando com as crianças e manuseando os livros. Outros adultos deixaram as crianças livres no tapete e foram escolher os livros para empréstimo nas prateleiras da biblioteca infantil. Há ainda os que estão sentados no sofá de frente ao grande tapete. Esses estão lendo revistas e jornais, na sua maioria. A Viviane estava lendo a nova programação impressa da biblioteca, que pegou na entrada enquanto a filha brincava. A menina pegou em uma das prateleiras o livro da Branca de Neve. É um livro cartonado, com folhas bem grossas e o seu formato representa o rosto da princesa. Ela saiu do tapete, onde estava sentada, e sentou-se no puff ao lado da mãe. Disse-lhe que iria ler aquele livro para ela. A mãe guardou o folder que estava lendo na bolsa e se voltou para a filha que começou a ler. A leitura era pausada. Algumas palavras eram lidas com dificuldade e depois repetidas com fluência. (Por exemplo: A ma-dras-ta. A madrasta). A mãe ajudava a ler as palavras que ela demonstrava dificuldade de leitura, mas também não antecipava todas as palavras. Demonstrava paciência para ouvi-la. A mãe auxiliava relendo alguns trechos, tornando mais compreensível a leitura. Elas estavam envolvidas nessa atividade. A filha comentava as ilustrações. Juntas leram o livro todo.

(Diário de campo, 05 de abril de 2014)

Nesta passagem, extraída do diário de campo, pode-se reconhecer um entre tantos momentos de interação das famílias, no qual a criança quis assumir o papel de leitora autônoma, recorrendo ao adulto apenas em algumas situações para auxílio e dele recebendo apoio e incentivo. Outro trecho extraído do diário de campo demonstra mais um momento afetivo de leitura entre mãe e filha, como se observa a seguir.

Neste sábado a biblioteca preparou a contação da história “A tartaruga e a fruta amarela”, com as contadoras de histórias “oficiais” (Joyce e Débora que trabalham na biblioteca e são remuneradas para isso). Chego por volta de 08h50m e a biblioteca está bastante movimentada. Encontro com a mãe Roberta que me explica que os pais da escola onde trabalha foram convidados para conhecer a biblioteca e participar da contação, por isso o público maior. Às 9horas as contadoras chegam e fazem um tour de apresentação de todos os espaços da biblioteca com os pais e as crianças. Elas apresentam a instituição do mesmo modo que apresentam para as crianças das escolas que participam do projeto “Trouxeste a chave?”, conforme já presenciei. Depois de apresentar a biblioteca elas convidam os pais para fazerem a carteirinha e ficarem à vontade no Tapete Vermelho, sugerindo que eles brinquem e leiam com as crianças, antes que a contação de história comece (às 10 horas).

Observo que Tatiana também está com a filha. Havíamos combinado na semana anterior a entrevista para hoje. (...) A contação, como sempre, foi um sucesso. As crianças divertiram-se, e os pais também. Alguns adultos preferiram manter-se sentados nos puffs, outros ficaram de pé, mas uma quantidade considerável sentou-se no tapete com as crianças. Após a contação vi que Isadora, filha Tatiana foi comentar com a mãe que achou a história

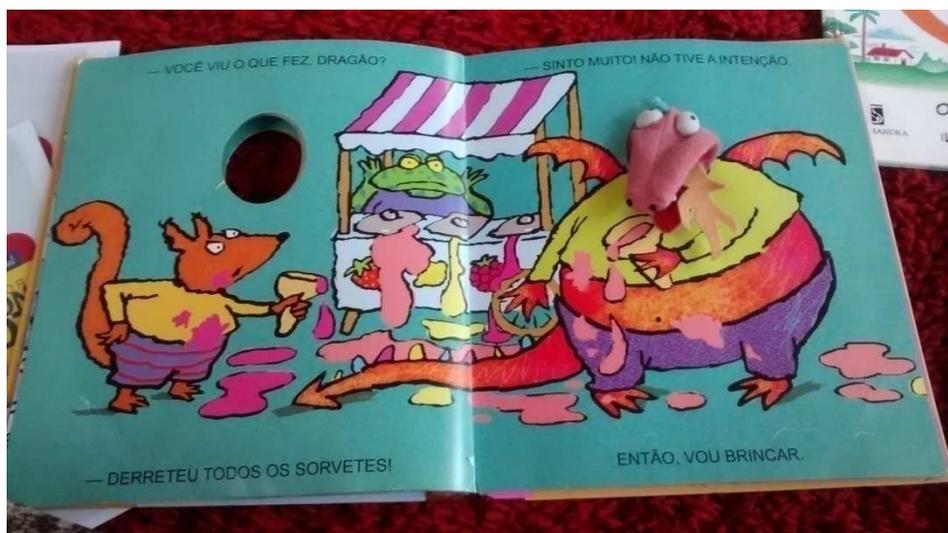


Figura 26- Livro lido. Foto da pesquisadora.

engraçada. Disse que gostou da música que a velhinha cantava para não esquecer o nome da fruta. A mãe concordou, comentando que a voz da bruxa era também muito engraçada. Logo depois pedi para realizar a entrevista com Tatiana, enquanto sua filha permanecia no tapete com os colegas da escola. (...) Quando terminamos a entrevista, a mãe pegou um gibi da Turma da Mônica para ler. Estava concentrada realizando sua leitura quando a filha veio até a sua poltrona, dizendo: “Mãe, olha esta história que engraçada. Este dragão é um desastre. Olha, vou ler pra você!”. A menina então se sentou ao lado da mãe e começou a ler o livro “Não faça isso dragão”. A mãe fechou a revistinha que lia, mantendo-a fechada no colo. Isadora leu o título e colocou o dedo no fantoche que havia anexado ao livro. Ela começou a leitura, mexendo a cabeça do dragão, conforme suas falas. A mãe prestava atenção em sua leitura. Às vezes corrigia algumas palavras e comentava: “Mas coitado dele, tão desastrado, né filha!”. A menina lia com empolgação, rindo da própria leitura. Quando terminou a leitura, a mãe disse: “Você tinha razão, este livro é legal!”

(Diário de Campo de campo, 09/08/2014, Sábado)

Neste relato, nota-se também que a mãe demonstrou-se disponível para ouvir a filha, comentando sua leitura e interagindo a todo o momento com a menina, que parecia muito feliz ao realizar aquela atividade com a mãe. Portanto, neste subnúcleo, evidencia-se que, além de gostar e pedir a leitura dos adultos, as crianças também gostam de recontar as histórias, de ler os livros e de ter a companhia desses adultos durante essa atividade. Estes, por sua vez, mostram-se disponíveis para ouvir as crianças e ajudam nessa prática, marcando-a de modo positivo.

***1.3- Conversar sobre os livros e suas histórias após a leitura**

Este subnúcleo aponta os relatos nos quais os sujeitos mencionam destinar tempo e situações para promover conversas com as crianças sobre os livros. Esse momento é considerado importante, pois permite a troca do conhecimento apreendido, o compartilhar das emoções sentidas com a leitura dos livros e auxilia na divulgação das obras, incentivando futuras leituras.

Ele lê e depois vem contar para mim.

P- E o que vocês sentem nesse momento?

Alice- Ah, eu gosto muito. Ele conta o livro, ele dá detalhes. Eu gosto do jeito que ele conta. Quando ele termina de ler o livro ele já quer vir, sei lá, dividir comigo o que ele leu, é gosto isso. Parece que a gente se sente mais unido. A gente conversa e é gostoso. Sempre ele tá com um livro e outro e ele sempre tá me contando das histórias. (...) Tem livro que ele gosta muito, aí ele fala: Mãe, que legal. Como que tiveram essa idéia e tal. Tem livro que ele já não gosta muito, daí ele fala, que não gostou daquele livro, que ia falar pra professora dele que não gostou. Mas aí eu falo que não é todo livro que a gente lê que vai gostar né. (...) Essas conversas acontecem assim durante o dia. Não tem hora certa, mas quando ele começa a falar dos livros dele, eu paro e presto atenção sim. Eu vou conversando com ele mesmo que eu estou fazendo alguma outra coisa.

(Alice)

Assim como Alice, outros adultos relatam conversar com as crianças sobre as leituras realizadas. Esse tempo garantido para a conversa muitas vezes ocorre em ocasiões bastante diversas. Para muitas famílias não há dia e horário fixo, pois as conversas ocorrem espontaneamente, à medida que as leituras vão sendo realizadas. Isso ocorre também com a família de Andréia, porém, eles incluíram, em sua rotina semanal, momentos em que se predefiniu a socialização dos livros:

Pesquisadora- Como é que você sabe das histórias também? (lidas pelos filhos)

And- Então, porque assim, muitas vezes a gente faz no café da manhã a leitura e nós já fizemos assim, em casa mesmo, várias oficinas. Cada um tem o seu livro e cada um tem que contar sobre o seu livro. Então do livro do pai, porque meu marido também. Cada um tem que ler um livro, se juntar e contar.

P- Nossa, que legal.

And- Eu me interessou. Eu adoro ler livro infantil e principalmente a Juliana vem e ela é uma contadora de histórias excelente.

P- Sério?

And- Ela tem uma habilidade social muito boa e essa parte verbal também. O André, como menino, é mais tímido. Então é lógico que ele se fecha muito mais no mundo eletrônico. Mas você tem que fazer um trabalho pra essa timidez. (...) Então cada um tinha que ler e contar. E às vezes contavam metade do livro, largava pela metade. Eu falava: que delícia! Então eu pego o livro e depois eu vou ler o livro também. Então eu me interessou!

P- Que legal. E acontece também de você contar do seu livro e eles quererem ir atrás?

And- Geralmente os livros que eu coloquei, que eu leio, para eles a idade ainda não permite. Esse do Bert Hellinger sobre psicoterapia...

P- Mas aí você socializa também ou não? A socialização é mais entre eles?

And- Não, é todo mundo da casa. Tanto que esse, do Walcyr Carrasco, é... A Juliana foi ao shopping com a tia, a tia deu o livro de presente e falou: vamos escolher um pra mamãe. E ela escolheu este. Porque vem um cachorro. Ela adora cachorro.

P- Então esse livro na verdade não foi você que comprou?

And- Não. Ela que me deu. E depois eu não sabia se a tia tinha dado pra mim ou pra ela, mas eu me apropriei, li e aí no café da manhã eu passei a história para eles.

P- Que legal!

(Andréia)

Nessa família, todos têm o hábito da leitura e determinaram que nos cafés da manhã de domingo, quando a família está reunida, cada pessoa socializa o livro que está lendo. Aproveitam esse momento também para realizar leituras coletivas, realizadas em voz alta por uma das pessoas da família, como a leitura do livro “O Pequeno Príncipe”, que citou em outro momento. A leitura desse livro foi dividida por capítulos e realizada em vários domingos. Neste movimento de leitura e socialização da família, todos ficam inteirados sobre a leitura do outro e, para a mãe, isso é importante para o desenvolvimento da expressão oral e contribui para vencer a timidez. Conversar sobre os livros, estar junto com a família nos momentos de leitura parece ser fundamental para essa família.

Neste trecho do diário de campo, é possível observar a interação mãe-filha após a leitura de um livro na biblioteca.

Chego à biblioteca por volta de 09h30m. O setor infantil está tranquilo. Não há ninguém em busca de livros, apenas Simone e sua filha estão sentadas no tapete, com alguns brinquedos em volta e alguns livros. Simone está lendo o livro de Chapeuzinho Vermelho. Ela faz a voz do lobo, conferindo-lhe um ar de muito maldoso. A Chapeuzinho tem voz doce e suave e Vitória ri, todas as vezes que a mãe fala como se fosse a personagem. Quando termina a história, Vitória diz: “Eu tenho medo de lobo! Não pode falar com o lobo, né mamãe!” A mãe responde: “Não mesmo. Mas este lobo é de mentira. Só da historinha. Mas você viu que tem que obedecer a mamãe. A Chapeuzinho não quis ir por outro caminho, não obedeceu a mamãe, tá vendo o que foi acontecer”. Vitória diz: “É né, mas eu obedeço”. A mãe ri e diz: “Obedece!” A mãe levanta-se e diz que vai guardar o livro. A menina então diz que vai pegar um outro livro. Ela então pega o livro “Gire e Aprenda com os números”. Sentada ao lado da mãe, vai apontando com o dedo indicador os animais marinhos que estão ilustrados na página. A mãe pergunta: “Quantos tubarões aqui filha?” A menina responde: “Um só”. Ela gira a engrenagem para encontrar o número. Quando o número um aparece a mãe diz para parar, porque aquele era o número 1. Depois pergunta quantos golfinhos há na cena... E assim prosseguem até o livro terminar. Vitória diz para a mãe que gostou do livro. Elas permanecem manuseando outros livros e outros brinquedos.

(Diário de campo, 16 de setembro de 2013, segunda-feira)

Neste episódio é possível perceber que a mãe não apenas lê a história para a filha, como está disposta a ouvi-la e dialogar com a menina sobre seus sentimentos em relação à história lida. As crianças gostam de comentar sobre os livros, as ilustrações, perguntam e tem curiosidades, de modo que o diálogo com o outro sempre é positivo. Compreende-se, portanto, que conversar com as crianças sobre os livros lidos parece ser uma estratégia que aproxima os familiares e incentiva a leitura das diversas obras.

***1.4- Possibilitar o acesso aos livros e o seu manuseio**

Possibilitar o acesso aos livros e o seu livre manuseio foram as práticas destacadas por todos os sujeitos, como crucial para incentivar a criança a gostar de ler. As famílias relataram possibilitar o acesso aos livros tanto em casa, bem como ao frequentar, com as crianças, a biblioteca, a livraria, o supermercado e as feiras de livros. Além do acesso, nota-se, neste subnúcleo, que as famílias possibilitaram o livre manuseio dos materiais desde quando as crianças eram pequenas.

Ah, eu acho que é o ambiente que facilita né. Porque a gente sempre deixou disponível os livros ali, o menino a gente incentivava mais, agora ela não, ela sempre gostou. Acho que por ela ser mais nova e observar ele, então ela já ia lá pegar. Então o ambiente da casa favorece né.

Pesquisadora- Mas como que é o ambiente que a senhora está me falando, que incentivou principalmente ele, que foi o primeiro? Em que sentido? A senhora tinha livros?

Angélica- Sim. Tenho! Bastante livrinhos aí eles lêem quando eles querem. Então eu ia disponibilizando uma caixinha com os livrinhos para eles, e aí eu deixava à vontade.

P- E essa caixinha fica guardada?

A- Fica na sala. Fica na sala. Agora eu montei uma mais bonitinha, feita com aqueles de viveiro de madeira, que você segura pela alça e eles levam onde eles

quiserem. Aí vira e mexe eu vejo eles mexendo...(som inaudível) Os colegas vêm também. (...)

E ainda tem a avó que é professora, tem bastante livro! Tem tio. Então de acesso assim na família eles estão bem! Tem bastante. E eu deixo eles manusearem os livros, sempre deixei (...)

(Angélica)

Para a mãe Angélica, que é professora e tem outros parentes professores, o ambiente no qual as crianças estão inseridos é importante e por isso, segundo ela, sempre deixou os livros acessíveis para as crianças e possibilitou o manuseio dos mesmos. Os livros foram organizados em uma caixa e depois em um caixote com alças, de modo que as crianças podem levá-los para onde desejam. Outra organização do acervo da família, com materiais reutilizados, foi exposta por Vera:

(...) A gente fez uma estante de caixote, então ali tem todos os livros, tem gibis. Tudo separadinho assim. Aí eles pegam, vão pro banheiro.

P- Em que lugar da casa fica?

V- Sempre na sala... a gente tem uma sala que ... que só tem guarda-roupa. Então ali a gente colocou.

P- Então ali ficam das crianças e dos adultos juntos?

V- É. Juntos com os guarda-roupas.

(Vera)

É possível observar que os livros na casa de Vera receberam um local próprio e uma organização. Os livros ficam acessíveis para todas as pessoas da casa. A família de Andréia também organizou uma biblioteca particular, em sua residência, com os livros da família.

E eu tenho muitos livros em casa, porque a gente pode estar adquirindo pra gente. É lógico que eu tô falando pra você...O meu marido além de médico veterinário, ele é advogado. E ele fez o direito quando as crianças eram pequenas. Elas também viram o pai lendo. No direito se lê muito. Então eu tenho uma biblioteca de Direito, porque no Direito você tem que ter em casa: Direito penal, Direito civil, criminal... trocentos livros, então nós valorizamos isso. E na parte da medicina veterinária são mais os cursos, especialização de aperfeiçoamento. E na minha área da psicologia eu tenho que ter também. Então a gente pode adquirir os livros, é lógico que não todos, porque ... Então eu tenho a minha biblioteca, mas é tudo junto. A de direito, de medicina veterinária, de psicologia e das crianças. Então a gente coloca pra eles: Olha, nós vamos comprar, porque são escolhas, nós não vamos comprar esse brinquedo. Nós vamos comprar todos os livros que foram pedidos na escola. Então a gente adquire.

(Andréia)

Marcela investiu em um mobiliário para a organização dos livros das filhas. Esses livros ficavam todos ao alcance de Helen, filha mais velha que tem 5 anos de idade. No entanto, com a chegada das filhas gêmeas, a mãe acrescentou uma nova prateleira para colocar os livros que exigem mais cuidado no manuseio.

M- Os livros ficam ao alcance. Agora, com as bebês, eu tirei os livros que têm as páginas mais delicadas da estante da sala e fiz uma prateleira em cima da cama dela (apontando para a filha mais velha).

De fora a fora da cama. Na parte de cima, na parede, tem uma prateleira. Ali ficam os livros mais cheios de “frufu”. (risos)

Aqueles livros ela manuseia a hora que ela quiser em cima da cama dela, sabendo que não pode deixar na beirada porque a bebê puxa. Então ela tem acesso livre.

(Marcela)

Em todos os depoimentos as famílias entrevistadas relataram que possuem livros em casa, em quantidades variadas e organizados de formas diversas, como exemplificado acima. Observa-se que alguns dos acervos são mais modestos que outros, mas todos são acessíveis para as crianças, sobretudo porque as famílias permitem o livre manuseio, sem o receio de que o livro será danificado pelas crianças. Infere-se que as famílias acreditam ser importante o contato com o livro, mesmo quando as crianças são muito pequenas.

Elas têm livros em casa. A Helen tem uma bibliotequinha de mais de cem livros. As nenéns já têm os seus livros, são livros de plástico, livros de pano, tem alguns de papel, porque estou ensinando elas a não comer. Mas isso demora um tempinho.

P- E desde quando você começou a adquirir esses livros para as meninas?

M- A Helen tem livros desde antes dela nascer. E assim, os livros mais velhos da Helen de papel estão com as nenéns, que eles já são livros rasgados, então pra treinar delas não rasgarem, não comerem, eles são ideais. Tem alguns livros assim, de papel, que eu comprei para as nenéns, mas são livros que tem sons, barulhos, são livros mais atrativos e baratos, porque se elas destruírem não é um...

P- Não tem tanto problema...

M- Dá pra substituir.

(Marcela)

Para Marcela, a aquisição de livros e a garantia do manuseio deles pelas crianças sempre foram importantes, desde o nascimento das meninas. A mãe demonstra o cuidado em separar os livros mais novos e os de materiais mais sensíveis para uso supervisionado ou para uso livre apenas da filha mais velha. Para as pequenas, ela compra livros de pano, plástico ou papéis mais reforçados. Entretanto, está inserindo os livros de papéis mais sensíveis, oferecendo os livros mais antigos nesse primeiro contato. Diversas famílias referiram-se a esse processo de ensinar as crianças a cuidarem dos livros, de modo que todos disseram não enfrentar problemas com a preservação dos livros pessoais e da biblioteca, sendo as crianças bastante cautelosas com os mesmos.

Além de ter acesso ao livro em casa, na escola e na biblioteca, algumas famílias costumam manusear ou adquirir livros, revistas e gibis nas bancas de jornal e hipermercados, junto com as crianças.

A gente costuma comprar bastante gibizinho, que a gente frequenta uma banca pra comprar jornal e acaba trazendo gibizinho pra ela. Às vezes até no mercado acaba... Interessante até que a gente vai no mercado com ela, de vez de ela escolher um doce, escolher uma guloseima, ela escolhe um gibi, um livrinho.

(Viviane)

Então assim, quando a gente vai num mercado assim, que nem o Extra supermercado a gente vai na parte de livro eu já falo: Ai meu Deus! Se não tem dinheiro: Vamos passar rápido! Porque ela quer todos os livros. Ela quer levar todos, ela quer tudo. "Nossa esse é muito legal mãe!" (Imita voz entusiasmada da filha).

(Karen)

Essas famílias também oferecem acesso ao livro, através da compra ou apenas pela apreciação no local, quando vão às livrarias.

É engraçado porque quando vamos no shopping elas querem entrar na livraria, aí tem aquele espaço lá e elas ficam vendo tudo, abrindo tudo. Elas acham que é igual aqui na biblioteca. Achei engraçado. Agora tenho que explicar, falar que lá é só pra comprar, que é diferente daqui.

(Débora)

Mas eu sou apaixonada por livro infantil, então entrar em uma livraria... A gente vai direto pra seção infantil e eu não sei quem que aproveita mais. (risos). Se é ela, ou se sou eu. Diversas vezes a gente passeou pelo shopping e a Helen, agora um pouco menos, mas um pouquinho mais nova, ao invés dela pedir para ir ao parquinho, que é do lado da Leitura, Livraria Leitura, ela queria ir na livraria primeiro.

P- Nossa!

M- Eu achava isso um barato!

P- Que legal!

M- Eu me realizava, porque lá você tem né o espaço pra eles manipularem os livros.

(Marcela)

Além dos depoimentos das famílias que falam do acesso aos livros em casa e em outros ambientes frequentados pelas crianças, foi possível observar, em diversas ocasiões, que as famílias sempre permitiram o manuseio livre das crianças na biblioteca. Algumas vezes os adultos faziam muitas recomendações às crianças, no sentido de não colocarem o livro na boca, para manusearem com cuidado, evitando que se rasgassem ou amassassem os livros. No entanto, em nenhum momento as famílias impediram o manuseio dos livros pelas crianças, como se observa a seguir.

A mãe Marcela veio para a biblioteca com as duas bebês (gêmeas), a filha Helen e a sua mãe. Elas assistiam à contação de história juntas. Entretanto, a história de hoje era “João e Maria”. Uma história longa e que foi contada sem nenhum recurso visual ou sonoro e parecia não chamar a atenção das bebês, que ficaram atraídas pelos brinquedos. No entanto, durante a história, o acordo que se faz entre as contadoras e as famílias é não pegar os brinquedos, para não desviar a atenção de outras crianças. Assim, percebendo a agitação das pequenas, Marcela pegou as bebês com a mãe para dar uma volta pelo espaço, acalmando as crianças. Helen continuou muito atenta à história. Quando a atividade terminou, as crianças estavam livres para brincar, ver os livros e interagir. Neste momento, Helen brincou com alguns brinquedos, como a máquina de lavar roupa, colocando algumas fantasias no brinquedo. Depois ela vê um livro que chama a sua atenção. A bebê quer pegar o livro, no entanto, sem tanto cuidado. Marcela diz: Vamos pegar um outro tipo de livro pra você, porque este é perigoso rasgar. Este a mamãe tem que ver junto. A mãe então pega um livro cartonado, para que a bebê possa manusear, sem risco de estragá-lo.

(Diário de campo, 20 de setembro de 2014, sábado)

O mesmo aconteceu com Jéssica, a filha de Carla, que com um ano e cinco meses ainda rasga livros se não for orientada e observada. Em uma ocasião, enquanto a mãe conversava com a pesquisadora, observou-se que a filha manuseava um livro com páginas mais delicadas. Neste momento, a mãe fez uma intervenção e pediu que a filha pegasse outro

livro, de material mais resistente. Pegou este livro de sua mão, manuseando-o cuidadosamente junto com a menina. Após terem visto este livro juntas, entregou-lhe um outro livro cartonado para que a menina pudesse manusear sozinha e livremente.

Entretanto, a pesquisadora observou em todas as visitas à biblioteca que as crianças maiores eram livres para manusear os livros. Elas pareciam estar habituadas a escolher as obras, olhar, ler e devolver nos locais adequados. As famílias também incentivavam este manuseio, pois na hora de selecionar os materiais para empréstimos, muitas vezes encorajavam as próprias crianças a fazerem a escolha, o que exigia um contato aproximado com o acervo da biblioteca.

Diante dos dados, observa-se que essas famílias estão empenhadas em oferecer às crianças o acesso aos livros em diversos contextos, desempenhando o papel de sujeitos facilitadores do acesso e manuseio desse material. Portanto, de acordo com todos os dados deste núcleo temático, é possível dizer que as diversas práticas em relação à leitura, realizadas pelas famílias, parecem ser fundamentais para a aproximação das crianças com o universo da leitura, sendo que a qualidade da mediação dos adultos é um diferencial que marca positivamente essas práticas. Assim, a pesquisadora buscou compreender: como estes adultos perceberam a importância destas práticas? Como se constituíram mediadores e de que maneira envolveram-se com a leitura em suas próprias vidas? Estes aspectos serão abordados nos dois próximos núcleos que seguem.

Núcleo 2 – Histórias de como os adultos se tornaram leitores e mediadores de leitura

Este núcleo reúne relatos dos sujeitos que se consideram leitores de livros, apresentando excertos dos depoimentos sobre as histórias de como se envolveram com a leitura e como se tornaram mediadores ao longo de suas vidas. Durante as entrevistas eles relembram os livros marcantes, as práticas que envolviam a leitura na infância e adolescência e mencionam as pessoas que consideram relevantes em suas trajetórias de aproximação com a leitura.

A qualidade da mediação que tiveram foi percebida como importante para os vínculos afetivos que estabeleceram com os livros, inspirando-os na mediação que realizam com as suas crianças. Para eles, ser um mediador de leituras para as crianças pequenas é considerado um processo “natural”, visto que não lhes exigiu esforços, uma vez que já haviam desenvolvido a familiaridade com as práticas de leitura e o gosto pelos livros, além de sempre

terem tido acesso aos livros e costume de frequentar ambientes como bibliotecas, antes mesmo do nascimento das crianças. Nos depoimentos, é possível identificar que a família e os professores são os mediadores que mais marcaram a trajetória de leitura dos adultos.

***2.1 Mediação da família**

Neste subnúcleo concentram-se os relatos dos sujeitos que dão ênfase à importância da família em sua história de constituição enquanto leitores de livros. Emergem as memórias das práticas de leitura na infância e o envolvimento afetivo com os familiares e os livros. Os adultos demonstram uma relação afetiva em relação ao ato de ler, desde a infância e a adolescência, que se mantém na vida adulta, estendendo-se também para as suas crianças.

Carla- Então, é... Eu gosto muito de ler né. (...) Meu pai sempre leu muito e eu gostava muito que ele contava história pra mim. E eu comecei a ler também porque meu pai sempre lia. Então, desde pequena, quando eu estava na escola, eu ia na biblioteca da escola. Eu pegava uns sete livros, mais ou menos, e aí eu pegava e ia com meu pai e a gente ia trocando os livros e lia em uma semana, duas semanas os sete livros.

Pesquisadora- Nossa!

C- Nós dois íamos. A gente trocava. “Aí eu li esse, agora lê esse!” Aí depois a gente comentava um pouco sobre cada um.

Pesquisadora- Que legal.

C- A gente sempre leu muito. (...) Meu pai estudou até a sexta-série só. E muita coisa que ele aprendeu, que ele faz, ele aprendeu lendo. Ele foi um autoconhecimento. Ele é autodidata. (...) Ele pegava muitos livros né, na época... muito tempo atrás do Círculo Viajante....

(...) E daí então a Estela (filha), desde pequenininha, a gente tem um monte de livrinho em casa né. Pra criança, aqueles livrinhos de banho, tudo. Então ela, desde pequenininha, ela gosta que a gente lê pra ela. Ela, até prá dormir, ela pega um livrinho e quer ficar lá folheando. Ela não dorme sem ler alguma coisa. É assim já. (risos). Do jeitinho dela.

(Depoimento de Carla)

Observa-se, no depoimento acima, que a mãe que frequenta com assiduidade a biblioteca com sua filhas pequenas - a mais velha com 3 anos e a outra recém-nascida - é frequentadora de bibliotecas desde a infância. Carla traz lembranças afetivas dos momentos em que seu pai lia para ela e dos empréstimos que fazia, objetivando a troca dos livros com ele e relembra das conversas que aconteciam após a leitura. Não apenas neste trecho da entrevista, bem como em diversos outros e até mesmo em conversas informais, a mãe relata que o incentivo que teve do pai para aproximação da leitura foi importante para que desenvolvesse o gosto pela leitura. A aquisição de livros, prática comum desde a infância, é mantida até os dias atuais, pois a família, além de frequentar a biblioteca para participar dos eventos, faz empréstimo de livros para leitura em casa, adquire livros em livrarias e nas Bienais do Livro de São Paulo. Assim, para a mãe, o interesse da filha pelos livros é visto

como “natural”, uma vez que desde pequena os livros infantis lhe são ofertados e a leitura faz parte de sua vida desde o nascimento.

Entre outros relatos, o trecho extraído da entrevista com a Sra. Amélia, também uma sócia assídua da biblioteca - com o seu neto de 6 anos - demonstra a importância que o exemplo familiar teve para a sua constituição enquanto leitora apaixonada pelos livros.

Pesquisadora - E a senhora sempre gostou de ler?

Am- É. É uma questão de exemplo. Como eu falei pra ela, meu pai lia bem. Minha mãe também lia. Então a minha irmã lê bastante. Então é uma questão de exemplo. Eu acho que leitura é uma questão de exemplo!

P- Ah sei.

Am- Você vê seus pais lendo, se você tem uma família que lê, você automaticamente ...você acaba lendo. Os meus netos mais velhos lêem, meu filho também lê bastante.

P- Entendi. Então a senhora acha que isso foi passando de geração em geração?

Am- Vai. Através do exemplo (...) A Elis Regina diz muito na música dela. A gente faz exatamente o que os nossos pais faziam. Você pode até brigar, mas você volta pro teu... Pra aquela tua diretriz. A menos que você tenha tanta raiva que você vá ao contrário.

P- É, é verdade!

Am- Mas quando você tem um lar, que a pessoa lê... e a pessoa curte. Como te falei: a minha primeira lembrança foi nós três (irmãos), com meu pai desenhando em uma lousa de ardósia. Contando história e fazendo bichinho. E desenhava. Ele desenhava muito bem. Então a gente tinha toda uma vivência que aí partimos pra ler.

(Depoimento de Amélia)

A avó relata suas lembranças com o pai que lia para ela e para os irmãos, inventava histórias e com eles brincava de adivinhação, ao desenhar na pequena lousa de ardósia. As lembranças são trazidas pela avó com um largo sorriso no rosto ao relatá-las, relembrando do afeto vivenciado pela família nos momentos da leitura e contação de histórias. Na sequência, a avó emociona-se ao falar do primeiro livro que ganhou, o qual motivou o aprendizado da leitura, visto que queria ser autônoma para ler suas próprias histórias.

Coisa que mais eu lembro também: o primeiro livro que eu tive na mão! A gente foi no circo do Piolim e eles estavam dando livrinhos. Nossa eu tinha loucura por aquele livro.

P- Foi o primeiro livro?

Am- Foi meu primeiro livro! Nossa! A minha irmã ganhou um, eu ganhei outro. Eu lia ele direto. Foi aí que eu aprendi a ler pra puxar aquilo que eu queria ler o livro, não queria escutar o livro.

P- Ahã. Que lindo!

Am- Devia ter uns quatro, cinco anos que eu ganhei esse livro. Foi uma campanha que eles deram livrinhos de história. Eram bem articulados, coloridos. Nossa! Se eu puxar eu sou capaz de lembrar da história!

P- risos.

Am- É muito bom! Tem que ser o exemplo. Tem que ser!

(Amélia)

Ao rememorar os momentos afetivos vividos com a família e com o seu primeiro livro, fala das outras aquisições. Segundo ela, os livros sempre estiveram presentes em seu lar.

Am- Meu pai me incentivou muito em criança comprando bons livros, na época quando era criança. Eu tenho 68 anos. Meu pai comprava as Edições Maravilhosas que era uma coisa linda. Todos os grandes clássicos desenhado a bico de pena.

P- Ah!

Am- Eu tenho muita pena de ter sumido. Foi com umidade...

P- Nossa, que pena. E seus pais tinham condições financeiras na época?

Am- Meu pai era chofer de praça, minha mãe era do lar. Mas todos gostavam de ler. Meu pai era filho de português que também gostava de ler. Uma família de portugueses, então a gente já vem com a leitura...

P- E ele comprava esses livros ou ganhava?

Am- Não. Meu pai comprava. Meu pai comprava não muitos livros, mas comprava essa, essas edições que eram muito caras.

P- Entendi.

Am- Elas eram muito caras, eram maravilhosas. Pena que não sobrou nenhuma.

A pequenina, Pinduca... Quando eu era pequena a gente juntava os primos todos uma vez por semana na varanda da minha tia. A gente comprava bastante revista tudo e lia sem restrição. Eu lia desde X9, que era uma coisa de adulto, de crime, até... Todos os livros. Marvel... Então é um vício. (...) Tirando pornografia eu leio tudo (risos).

P- (Risos)

Am- É verdade. Gosto muito de biografia. Gosto de temas épicos. Já li toda coleção de Monteiro Lobato, tinha e doe já. Já li todo Machado de Assis. Li... olha... li coleções... Eu tinha Graciliano Ramos e li a coleção inteira (...)

(Amélia)

É evidente a paixão de Amélia pelos livros, expressa durante toda a sua entrevista, sentimento que se iniciou na infância quando, segundo ela, teve acesso aos diversificados livros comprados pelos pais, emprestados dos primos e de uma vizinha que também lia e sempre lhe emprestava os livros. Para ela, isso foi decisivo para se tornar uma ávida leitora e, hoje, ser reconhecida como tal por todos os funcionários da biblioteca, devido à sua constante presença em busca dos livros. Sua intensa prática de leitura e paixão por frequentar espaços de leitura fez com que seus filhos e netos sempre a acompanhassem. Em sua entrevista, segue dizendo:

Am- E o Douglas (neto de Amélia) ele já vinha aqui (na biblioteca) grávido (risos). Ele tem bastante livros.

P- É?

Am- Tem. A mãe comprava.

(...) Ele era pequenininho a gente já ia nas, como é que chama, nas livrarias pra comprar e ele ficava lendo. Eu tenho fotografias lindas dele lendo no carrinho (sorriso).

P- Entendi.

Am- Muito bom!

(Amélia)

Nota-se, novamente, que a introdução da criança no mundo dos livros ocorreu cedo, visto que as práticas de leituras eram corriqueiras nas famílias. Nas conversas com Amélia, ela demonstra acreditar que o exemplo que teve de seus familiares foi importante para a

relação construída com a leitura e, por isso, quer oferecer aos netos vivências positivas com os livros nas livrarias, na biblioteca e em casa.

Nesse subnúcleo, portanto, pôde-se observar a importância que as famílias tiveram para a constituição dos adultos leitores, pois se evidencia que os familiares foram modelos marcantes de mediadores de leitura que sempre garantiram acesso aos livros, leram com os filhos e com eles compartilharam os livros lidos. Essas práticas de incentivo ao ato de ler e estar com os livros, apareceu, nos relatos desses sujeitos, impregnadas de lembranças e sentimentos positivos e pode-se inferir que foram decisivas para o estabelecimento de vínculos afetivos com a leitura dos livros para esse grupo. As trajetórias pessoais dos adultos relacionadas com a leitura parecem refletir nos modos como se tornaram mediadores de leitura para as crianças pequenas.

***2.2- Mediação dos professores**

Este subnúcleo desvela as contribuições da mediação dos professores para a aproximação afetiva dos familiares com a leitura. Segundo os sujeitos desta categoria, os professores foram os seus principais mediadores de leitura, responsáveis por garantir experiências significativas de leitura nas escolas.

No seu relato, Eliana diz que, em casa, seus pais não tinham “hábitos” de leitura e nem condições de incentivá-los a ler, pois eram pouco escolarizados e trabalhavam demais. Ela relembra que sua trajetória de aproximação com a leitura começou na escola, onde teve professores que a marcaram.

Pesquisadora- Entendi. Então se você tivesse que analisar na sua história de vida quem foram as pessoas que incentivaram você pra ler, quem você...

E- Ah, os meus professores.

P- Seus professores?

E- Eu tinha uma professora de Português que era muito boa, de História. E eu sempre gostei de História também. História da Grécia, História Romana. Então, até fui presenteada por alguns professores com livros que eu até tenho. Apartheid mesmo é um livro que eu mais gosto e que eu tenho desde quando tava na quinta série... faz tempo hein. Mas é muito gostoso. Eu acho legal. (...) Eu tinha a professora Sueli. A gente tinha, a gente lia História e eu gostava muito dessas coisas de Apartheid, Revolução Francesa. Então o livro didático só, em si, não traz muita coisa assim né. Então, pra você saber mais detalhe, você tem que ler o livro né. Aí foi quando ela me deu esse livro do Apartheid, Nelson Mandela, assunto que eu gostei da História. Daí que eu comecei a ir mesmo à biblioteca, comecei a saber sobre Martin Luther King que também é muito, muito importante e auxilia você também a se entender, porque...porque são histórias que aconteceu com eles lá atrás que muitas das vezes cabe pra nós no dia-a-dia de hoje né.

(Eliana)

Para ela, seus professores foram as pessoas que contribuíram para a sua aproximação com os livros. Eles incentivavam a leitura de diversos livros, extrapolando o livro didático,

comentavam sobre os livros relacionados aos conteúdos trabalhados e presenteavam Eliana com alguns deles. Os livros que ganhou desses professores ela guardou até os dias atuais e quando relembra dos mesmos, suas falas estão carregadas de afeto. Para ela, era nítida a preocupação dos docentes com a aprendizagem dos alunos em sua época escolar.

A gente vai pra escola, os professores... Na minha época, os professores se preocupavam muito com os alunos, queriam que a gente aprendesse né. Então teve aquela coisa de incentivo de professor e é uma coisa que eu sempre gostei de Português né. Eu sempre gostei, então acabei tomando gosto mesmo e eu sempre quis passar para os meus filhos, que eu acho importante né. Que é uma forma deles descobrirem mundos diferentes né.

(Eliana)

Evidencia-se, em sua entrevista, que a mediação de seus professores parece ter sido decisiva para os laços afetivos estabelecidos com a leitura. Para ela, eles estavam preocupados em fomentar o interesse pela leitura, de modo que ela sentia vontade de ler as obras citadas pelos docentes e, concomitante às leituras escolares, passou também a ler livros como “Sabrina”, “Pollyanna” que adquiria nas bancas de jornal, com o dinheiro que ganhava da mãe. Percebendo a importância de seus professores para sua trajetória de constituição enquanto leitora, ela expressa desejo de igualmente incentivar os seus filhos para a leitura.

Daí eu... sabe... Eu queria que meus filhos sentissem a mesma emoção que eu né. Porque se você lê o livro, depende da forma como ele tá escrito... Você entra realmente na história, como se você tivesse lá, vivenciando cada momento né. Quando você realmente consegue encontrar um autor que consegue te levar ao mundo do livro é muito gostoso. E eu quero que eles também tenham esse amor, né. Ter cuidado também, né.

(Eliana)

Nota-se, em suas falas e em algumas de suas práticas no espaço da biblioteca, a preocupação de Eliana em ser o modelo de leitura que não teve dos pais, mas encontrou em seus professores. Assim, para essa mãe, estar com os filhos na biblioteca, emprestar livros, valorizar as leituras que as escolas enviam para casa e ler para os filhos é importante e, por isso, são práticas que realiza semanalmente.

Assim como Eliana, a avó Marisa, que frequenta a biblioteca com os netos, traz em suas memórias a importância que os professores tiveram em sua vida para a sua aproximação afetiva com a leitura.

Pra você ter uma idéia, com ela (professora que ministrou o curso) eu vivi dois momentos assim que me marcaram muito. Primeiro essa questão da poesia. Como eu falei, eu não tinha sensibilidade pra sentir poesia e pra trabalhar com poesia e com ela as coisas se abriram de uma forma!

Pra você ter uma idéia de como ela agia: a cada módulo a gente tinha que apresentar um trabalho de conclusão dos módulos. Daí na dela eu fiquei pensando... tinha uns parâmetros que você tinha que analisar, uma poesia dentro das situações que ela

tinha discutido e aí eu falei: Ai, o que que eu vou fazer meu Deus? Estava ouvindo lá: “Olá, como vai? Eu vou indo, e você tudo bem?” Aí eu falei: Puxa, tá aí! Arrisquei e fiz tudo que eu senti em relação à poesia dessa música, entendeu? Eu tirei A com ela e com observações do lado, a lápis: Gostei muito! Interrogação, tipo: O que você quis dizer?...

Olha está nos meus arquivos que é uma coisa assim... demais!

Outra coisa: ela dava aula assim e de repente ela falava “Sabe gente, eu lembrei de uma coisa. Tem um livro assim, assim, assim”...acabou que aquilo chamava nossa atenção...Eu lembro que um dia ela falou assim: “Sabe Incidente em Antares, olha é um livro que me chamou tanta atenção sabe! Aqueles defuntos eles não morreram, quer dizer, eles estavam mortos, eles não ressuscitaram. E a cena que me marcou deles descendo daquela ladeira para reivindicar seus direitos” (fala imitando a professora)... isso é uma coisa que eu não esqueço nunca. Daí sai correndo e fui pegar o livro e devorei o livro assim, com aquela sede, aquela coisa. Demais, demais. Fantástico!

(Marisa)

Nesse trecho da entrevista, a avó, que é professora de língua portuguesa, relembra a importância que teve a professora do curso de especialização, realizado na UNICAMP, para sua aproximação com a poesia. Para ela, o modo de a professora conduzir a disciplina, de apresentar as obras literárias, contribuiu para que ela mudasse sua relação com os livros. Admirava o modo de ministrar a disciplina da professora, a interlocução que tinha com a mesma e o encantamento que a docente tinha pelas obras que lia e comentava com a turma. A seguir, ela continua com suas recordações a respeito da importância da mediação dessa mesma professora.

Marisa- Outra coisa. Vidas Secas. Eu tinha lido na faculdade, achava horroroso. Que coisa... Eu era professora de literatura e eu não tinha paixão pelas obras, nossas obras. Eu não conseguia! Com ela... e antes um pouco eu já tinha mudado meu perfil sobre isso, mas com ela, ela falou...

Pesquisadora- Com a Suzi? (está se referindo a Suzi Frankl Sperber, professora do IEL UNICAMP)

M- Com a Suzi, ela falou: Vocês vão ler o Vidas Secas e ver o que vocês sentirem. Então eu fui lendo e falei: Gente, o que que é isso? Que é isso? Eu me arrepiava a cada, a cada movimento do livro. E o que me chamava a atenção é que eu tinha vontade de falar: Fabiano, fala homem! Desengasga!

Eu sentia reações na garganta, de vontade de falar pro Fabiano: Fala! A segura que eles passam, claro, contagia! Mas pra mim isso marcou, marcou. Então aí fomos fazer a discussão do livro e ela foi questionando e as pessoas foram colocando o que chamava a atenção e todo mundo: a segura e isso e aquilo e eu lá quietinha. Aí eu também levantei a mão, daí eu falei: “Olha tudo bem. A segura pegou bastante, mas eu não consegui. Eu tive vontade de bater nas costas do Fabiano pra ele falar, fazer ele falar!”

Ela abriu um sorriso deste tamanho e falou: Pra mim também! (risos). (Ela faz a expressão que a professora teria feito no episódio narrado)

Sabe, assim...

Nossa, são momentos tão raros! (...) Eu já tô naquela fase de velha, de você ficar lembrando assim. Que gostoso, que bom ter essas coisas pra lembrar (Marisa).

Neste trecho, observa-se novamente a importância que essa professora teve para o incentivo à leitura de livros, bem como para mudar a relação da avó com algumas obras já lidas. A avó assume, em seu relato, que não tinha paixão pelas obras e que isso se modificou ao longo do tempo após as diferentes mediações vivenciadas, mas, sem dúvida, a professora acima citada foi decisiva para esse processo. Atualmente, ela gosta de ler diferentes livros e tenta fazer com que seus netos também desenvolvam um relacionamento positivo com os materiais. Por isso, além de ler para eles quando estão em sua casa, ela tem a preocupação de levá-los para a biblioteca, com a intenção de oferecer vivências positivas com os livros, como nos momentos das contações de história.

Portanto, os dois subnúcleos apresentados, neste Núcleo Temático, revelam histórias de sujeitos que atualmente relacionam-se positivamente com os livros. São leitores que iniciaram o processo de aproximação com os livros na infância ou na vida adulta, com a contribuição dos pais e seus professores. São sujeitos que tiveram histórias positivas e que se apropriaram da leitura de modo exitoso e, do mesmo modo, tentam aproximar suas crianças desse universo. Como eles mantêm uma relação afetiva com os livros, são frequentadores de biblioteca antes mesmo do nascimento das crianças e com elas passaram a frequentar ambientes onde o livro é valorizado, juntos vivenciando práticas de leitura que já experimentaram no passado. Para essas famílias, o processo de mediação parece ocorrer de forma tranquila, como se fosse algo “natural”, visto que as práticas de leitura e os momentos de estar com os livros fazem parte da história dos sujeitos e de suas rotinas diárias.

Núcleo 3 - Histórias de adultos que se tornaram mediadores de leitura para as crianças, apesar de assumirem o distanciamento com os livros.

Tem mais presença em mim o que me falta.

(Manoel de Barros)

Este núcleo traz relatos dos sujeitos que revelam os motivos pelos quais se tornaram mediadores de leitura para as crianças, incentivando-as a se aproximarem das práticas de leituras de forma afetiva e positiva. Todavia, diferentemente do Núcleo anterior, os sujeitos que compõem esse grupo não se consideram leitores de livros e declaram não terem desenvolvido o interesse pela leitura de livros no seu dia-a-dia. Vale ressaltar, no entanto, que estes sujeitos consideram-se leitores de outros suportes de textos como revistas, jornais, gibis e outros materiais.

Apesar de não terem desenvolvido, em suas histórias de vida, uma aproximação positiva com os livros, eles passaram a mediar afetivamente a relação das crianças com o universo da leitura. Segundo os depoimentos dos sujeitos, eles decidiram incentivar a leitura de livros principalmente com o objetivo de que tal prática seja um diferencial na vida das crianças, proporcionando experiências que não tiveram em suas vidas. Além do desejo de oferecer esse diferencial, o incentivo das escolas das crianças e a interação com o outro foram determinantes para que os adultos se constituíssem enquanto mediadores de leitura.

***3.1- Fazer a diferença**

Este subnúcleo reúne depoimentos dos familiares que relatam não terem tido na infância/adolescência experiências significativas envolvendo a leitura. São pessoas que não se recordam de leituras no ambiente familiar, bem como de leituras marcantes na vida escolar. Os sujeitos deste subnúcleo relatam que raramente lêem livros e, em alguns casos, confessam odiar ler livros. Entretanto, eles relatam gostar de ler os livros para as crianças e frequentam a biblioteca com assiduidade, para empréstimo dos materiais. Indagados pela pesquisadora sobre como começou a relação de incentivo à leitura com as crianças, os sujeitos foram unânimes ao verbalizar sobre o desejo de oferecer para a criança uma experiência de vida diferenciada da sua.

Evidenciou-se que, para estes adultos, frequentar a biblioteca com as crianças, incentivar o empréstimo de livros e a participação na contação de histórias é fundamental para oferecer o que eles próprios não tiveram; sentem que isto poderia ter mudado suas histórias em relação à leitura. O depoimento da mãe Karen exemplifica este pensamento.

K- Eu mesmo sou uma negação na leitura, mas eu sempre incentivei ela. Não sei por que eu incentivei ela! Assim, as coisas que eu não gosto de fazer (ri), eu gosto que ela faça. (...) Pra mim pegar um livro hoje, livro grande pra ler, ahh você pode ter certeza que vai demorar um ano inteiro pra mim ler. Eu tô lendo um livro, que agora eu voltei a estudar: “O monge e o executivo”. Eu tô na página 50 ainda, mas já faz uma semana que eu tô lendo ele. Imagina, 50! (risos). Até eu terminar de ler pra fazer um trabalho ainda, é complicado.

(...) Então assim, como eu vi que seria importante, eu vi que ela sempre gostou, primeiro livro dela foi com um ano e meio. E ela sempre... Até hoje ela tem aquele livro. (...) E ela sempre gostou, mesmo não sabendo ler. (...) Então assim eu gosto muito, é muito cativante assim e eu vejo que ela tem desenvolvido muito nessa parte assim. Na escola mesmo, nossa! Ela adora livros. A professora sempre falou: Nossa, Karen, sua filha ama livro!

(Depoimento Karen)

A mãe declara ser uma negação para a leitura e diz que tenta fazer a diferença para a sua filha, incentivando-a desde pequena a se relacionar de modo diferenciado com a leitura.

Em outros trechos da entrevista, diz tentar oferecer para a filha experiências que ela própria não teve na infância, com o objetivo de criar uma relação diferente entre a filha e os livros. Foi por isso que, desde quando a filha era bem pequena, começou a adquirir livros, contar histórias para ela e estimulá-la com os livros que recebia da creche e da escola.

Mas a minha mãe ela não incentivava, acho que porque na época também... Eu já tenho 31 anos né. Minha mãe teve 7 filhos. Então assim, teve uma.... a gente não morava na cidade né... era mais distante né. Tipo roça, assim, né. E a gente não tinha essa... esse incentivo. Nossa brincadeira era mais mesmo no mato, nas árvores. Essa era a brincadeira nossa. Agora minha filha, como a gente já... ela nasceu praticamente na cidade né, na cultura, então isso fica mais fácil pra ela.

(Karen)

Karen relata não se lembrar de ter sido marcada pela leitura de um livro, seja no ambiente familiar ou no escolar. Não se recorda de professores que fizessem o trabalho de incentivo à leitura de livros, como os empréstimos que atualmente sua filha recebe da escola. Segundo ela, talvez essas sejam as razões que contribuíram para a sua dificuldade para ler livros.

Apesar de dizer que não gosta de ler livros, ela demonstra paixão pelos livros de literatura infantil que lê para a filha e para as crianças da igreja. Frequentemente, a pesquisadora deparou-se com a mãe lendo para a filha na biblioteca, assim como observou ambas escolhendo, entusiasmadas, os livros que levariam para casa. Karen utiliza a sua carteirinha de sócia para emprestar os livros de literatura infantil, além dos livros que pega na carteirinha da filha; da mesma forma, demonstra prazer ao sentar-se no tapete com a filha e os sobrinhos para ouvir uma contação de história.

Outra mãe que também frequenta a biblioteca com as suas crianças e fala da ausência de incentivo e motivação para a leitura de livros em sua vida é Vera.

Pesquisadora- E na sua história, na sua infância, na sua juventude, você lembra é... desse contato com a leitura?

V- Não. Não tive. Não tive porque meus pais nunca me incentivou assim. O incentivo era na escola, prá escola, prá estudar tudo, mas prá ler não. Eu não tive. Isso eu falo que eu não tive mesmo. Eu acho que é por isso que eu não tenho e eu procuro fazer pros meus filhos, porque como eu não tive na minha infância eu procuro fazer o que eu queria prá mim na infância, eu procuro fazer pra eles agora.

(Vera)

Observa-se no relato de Vera o desejo de oferecer aos filhos o que desejaria ter, ela mesma, vivenciado na infância. Em consonância com os relatos acima, o depoimento de Marta, tia que frequenta a biblioteca com os sobrinhos, demonstra a dificuldade que ela tem para a leitura e o desejo de incentivar uma relação diferenciada para o sobrinho.

Marta- Ai eu venho na biblioteca já faz tempinho, mas eu sou aquela pessoa que não tenho o hábito de ler. Sabe quando você quer se forçar a ler. Então eu tô sempre pegando um livro, pego um outro. Sempre tô renovando. (...) eu não tenho condição de dar presente caro, essas coisas. O que eu posso dar é trazer eles (sobrinhos) prá ver livro né, pra tentar... Porque eu acho que vai ser bom pro futuro deles também, né.

Pesquisadora- Com certeza.

M- Porque eu sei né, porque igual à gente na minha casa, minha mãe super simples. Minha mãe não sabia ler nem escrever. Meu pai também não. Então a gente não teve esse hábito de ler e eu sei da dificuldade de hoje, né. Porque aí você não sabe conversar direito, você não sabe escrever direito. Na escola você não vai tão bem né. E o meu sobrinho mais velho, de 12 anos, ele é super tímido, então eu tento emprestar... sabe tem uns livrinhos que eu achei super interessante que é de... como que fala... De terapia sabe?! Prá ajudar na timidez, essas coisas.

Então eu tento procurar alguma coisa, fazer ele ler coisa assim, porque ele é super tímido. Então se ele não melhorar o intelectual dele, né, pra ele vai ser difícil depois quando ele ... Porque eu sei prá gente, né... Pra mim, pros meus irmãos... Prá trabalho, prá tudo né. Então é por isso que eu fico tentando sabe, incentivar eles a lerem. Aí o menorzinho gosta sabe, ele lê rapidinho. O outro já não tem...

Mas ai eu falo: Ó Mário, lê esse que é legal. Aí ele lê, mas sempre eu tô vigiando se ele leu ou não né. Mas eu sempre tô atrás.

P- Você reconhece a importância... Mesmo não tendo o hábito...

M- Isso, exatamente! Mas eu tenho...é engraçado. Sabe quando você quer ter aquele hábito de pegar um livro e ler. Eu não consigo, mas eu sempre tô com um livro. Se você olhar lá meu nome, tem uns “trocentos”. Mas eu sempre leio, só que eu não consigo ler o livro inteiro. Mas eu sempre fico pensando: com o tempo, quem sabe aquilo vai se tornar, pra mim né... No caso, acho que pra eles vai ser mais fácil né, mas pra mim de repente pegar um livro e ler inteiro, achar interessante. Porque eu não tenho esse hábito sabe?!

(Marta)

Nos relatos da tia, é possível perceber a importância que ela atribui à leitura e como almeja ser uma leitora, embora assuma a dificuldade. Sempre de posse de um ou mais livros, ela tenta realizar a leitura do livro que, para ela, parece estar ligado à representação de prestígio social, nível mais elevado de educação. Ela acredita que a leitura oferece melhores condições de aprendizagem, de trabalho e de comunicação para um sujeito. Ao lembrar da sua infância, em outros trechos da entrevista, fala das suas dificuldades e, principalmente, das dificuldades dos seus irmãos, que tiveram poucas condições de estudo e que não foram incentivados para constituírem-se como leitores.

Por isso, a tia diz que sempre busca oferecer livros aos sobrinhos, levá-los à biblioteca e aos cursos oferecidos no Complexo Argos. Ao incentivá-los para a leitura, faz alusão a uma forma de presentear-los, pois acredita que, mediando a relação das crianças com os livros, está contribuindo para fazer a diferença em suas vidas, na tentativa de que tenham mais sucesso no futuro.

***3.2- Impactos da escola**

Além do desejo de tentar fazer a diferença na vida das crianças em relação à leitura, os sujeitos deste Núcleo Temático destacaram a escola como grande impulsionadora que

contribuíram para que se tornassem mediadores de leitura. Assim, o presente subnúcleo demonstra como a escola foi importante para introduzir, na vida das famílias, as práticas de leituras e incentivar a aproximação com os livros.

Pesquisadora- E porque que você começou a frequentar a biblioteca aqui?

Karen- Porque que eu comecei? Então, por causa disso aí. (Referindo-se a querer incentivar que a filha goste de ler, por perceber a importância da leitura). Além do incentivo da escola, da creche, que falava assim: “Ai leva o filho né!”. Eles sempre incentivam mesmo né, bastante. Aí desde... Ela entrou a creche com um ano e meio.

P- É municipal?

K- Municipal! Muito boa! (...) Agora ela está na escolinha lá e a escolinha incentiva também. Desde a creche mesmo, quando ela era bem pequeninha eles incentivavam muito: "Ai leva pra ver isso, ver aquilo". E a gente achava bonitinho também, né. Porque a historinha, as professoras contando é muito bonitinho. Você também faz esse tipo de contação?

P- Sim.

K- Nossa é muito legal, é muito divertido ver.

P- E eles convidavam os pais pra participar?

K- Convidavam os pais sim, sim! Na agenda colocavam lá: “Vai ter! Leva seu filho que é muito bom”. Então assim, acho que quando eu chegava sempre tinha um monte de criança que era da classe dela. Entendeu?

(Karen)

Karen, em diversos momentos da entrevista, aponta a importância da creche e da escola como mediadoras da leitura. Ambas instituições ofereciam livros para empréstimo às crianças, bem como momentos de leitura para os alunos e, por vezes, para os familiares. As instituições educativas incentivavam a participação das famílias na biblioteca, enviando recados na agenda de comunicados das crianças, com impressos da programação da biblioteca. Karen relata que várias vezes foi à biblioteca para prestigiar os eventos e viu outras crianças da escola da filha, o que indica que a propaganda da escola atingia outras famílias.

De forma semelhante, a mãe Vera fala do incentivo à leitura, feito pela escola da filha e a creche do seu filho, bem como da participação dos pais em alguns desses momentos no relato abaixo.

Então eu acho que a Mariana e os meus filhos a gente pegou né, esse costume e vem vindo, vem vindo e eu leio para eles. Ele (aponta para o filho de dois anos) também vai na creche. Na creche tem dia de leitura, tem a biblioteca que eles vão lá, eles pegam os livrinhos, as professoras faz é... todo mês tem os dias de leitura. Então ela vai pro parque com eles, onde é assim tudo gramado...árvores... Aí eles ficam lá debaixo, escolhe o livro que eles querem. Eles ficam folheando. Os pais que querem ir lá pra ajudar eles a ler, ler pros filhos, podem.

Pesquisadora- Olha!

Vera- Então é tudo incentivo, né. (...) Hoje em dia, que nem antigamente não tinha, mas hoje em dia até a escola dá um livro por semana pra criança ler, quando vai pra casa. Que nem a Mariana, todo mês, toda segunda-feira ela pega um livro diferente pra trazer pra casa né. Na minha época já não tinha isso.

P- E o que você acha dessa prática da escola?

V- Ai eu acho muito boa, eu acho muito boa porque eles incentivam mesmo e eu acho que é por aí. Desde a creche. Da creche até a escola. Eu acho que tem que incentivar mesmo!

(Vera)

No depoimento de Vera, nota-se que as instituições educativas foram ressaltadas como importantes para oferecer momentos de leitura e de acesso aos livros. Ela conta que, na sua época, isso não acontecia e que acha fundamental esse incentivo. Em outra circunstância, ela diz que, quando as crianças chegam com os livros em casa, sentem-se motivadas, querem ler com urgência e faz com que a família se una em torno dos livros. Esses livros que são enviados pelas escolas são fundamentais para garantir a leitura antes de dormir, por exemplo.

Portanto, observa-se, nos relatos acima e em outras falas dos sujeitos, que as escolas e as creches representaram um papel fundamental para os pais não leitores de livros atentarem para a importância de se estimular a leitura. Ao proporcionarem atividades de leitura que envolvem crianças e adultos, bem como os empréstimos de livros para as crianças, as instituições contribuem para uma situação de leitura no ambiente familiar, com livros diferenciados que, muitas vezes, a família não teria acesso. Esses elementos parecem contribuir significativamente para o processo de mediação de leitura e formação das crianças leitoras.

*** 3.3- A importância do outro**

A colaboração de familiares, amigos e outros sujeitos para a aproximação dos adultos e suas crianças com o universo da leitura é abordada neste subnúcleo. De acordo com os sujeitos que compõem esta categoria, pessoas próximas, consideradas leitores de sucesso, contribuíram para o reconhecimento sobre a importância de mediar a leitura para as crianças pequenas.

A mãe Vera verbaliza sobre a importância da família do marido no seu processo de aproximação com os livros, que contribuiu para que também se tornasse mediadora de leitura desse suporte para suas crianças.

Vera- Meu marido gosta de ler. Eu não! Falo que por mim mesmo eu leio mais assim... jornal, revista. Ler livro eu já não leio. Mas revista, jornal essas coisas eu leio. Mas é... a leitura já vem da parte delas mesmo (referindo-se às cunhadas), que elas gostam muito de ler (...) Depois de agora, de casada, que a gente mora com minhas cunhadas juntos né. A gente somos em 8 em casa, então elas lêem, elas até fala pra mim: "Esse livro é muito bom!" Eu até tento lê, só que com ele pequeno, ele suga a gente. E quando eu vou ler é geralmente à noite.

Pesquisadora- Entendi. (...) E a primeira vez que você veio pra biblioteca, você lembra por que você veio, decidiu fazer a sua carteirinha?

V- A primeira vez eu vim com a minha cunhada. Que ela veio aqui pra... A Mariana queria um livro, daí ela falou: Ó vamos na biblioteca que a gente faz uma carteirinha. Aí eu lembro até hoje. Acho que veio eu, a Mariana, veio ela e meu sobrinho. Veio os quatro, não tinha o Bruno ainda.

(Vera)

No relato acima, é possível notar que a mãe, que pouco tinha proximidade com a leitura de livros, foi incentivada pelo marido e pelas cunhadas que moram com ela. Foi a mesma cunhada que apresentou a biblioteca para a mãe e, a partir de então, a família de Vera começou a frequentar a instituição para empréstimo dos livros semanalmente.

A convivência de Vera com as cunhadas leitoras parece ter contribuído também para os modos de se relacionar com os livros, quando está com as crianças. Segundo a mãe, o seu filho caçula tem apego por uma das tias, que é professora e trabalha em uma creche. Vera conta que, com frequência, ele chama a tia, conduzindo-a pelo braço pra que leiam juntos no sofá. Ao contar sobre a interação deles durante a leitura, a mãe diz achar bonita a relação do filho com a tia e, após falar sobre uma série de modos de ler adotados pela tia com a criança, a pesquisadora questiona:

Pesquisadora- (...). E você vendo ela contar história para ele, desse jeito, usando algum objeto e tal, isso fez com que você também mudasse o seu jeito de contar história?

Vera- Ah, muda né. Porque daí a gente vê que é o jeito que eles gostam, né. Com objetos, né, com desenhos, né. Contando a história. Até nas partes quando ele vai fazer as necessidades dele eu tenho que estar lá no banheiro e ele fala: “mãe conta a história do João e Maria. Mãe conta a historinha do João”. Ele gosta até que eu invente a história. Aí eu sento lá e fico contando pra ele “Ah era uma vez o Joãozinho...”

(Vera)

A mãe relata que, ao olhar os modos de leitura e contação da tia com seu filho, apropriou-se de alguns recursos para interagir com os filhos e os livros “do jeito que eles gostam”. Infere-se daí, portanto, indícios sobre a importância dos outros leitores que se relacionam com a família.

A mãe Ana Luiza, que também assume a dificuldade para a leitura, verbaliza sobre a importância da sua irmã, no processo de aproximação da filha com os livros.

“Ana- Eu mesmo não tenho o hábito de pegar um livro e ler. Só se for por escola mesmo. (...) Mas a minha filha, nossa! Ela lê livros bem grossos assim sabe? (mostra a espessura com os dedos da mão, indicando um livro de muitas páginas). Esquece dela! Ela entra no quarto dela lá e assim fica lá lendo, lendo. Você vai procurar ela e ela tá lá. Nossa eu acho que a Ana Carolina até dormiu e tá nada. Tá lá.

Pesquisadora- E desde quando que ela tem esse interesse?

A- Ela desde pequena. Desde pequena. Ela gosta mesmo de ler. Aí acho que a Ana Carla (filha mais nova) via né, ela com a cara nos livros, aí a Ana Carla também pegou esse gosto.

P- Olha!

A- E eu fico contente porque eu e o pai dela já não é pra leitura. Mas a minha irmã é assim: igualzinha à minha menina de 15. Ela é advogada então ela assim... ela lê muito, muito, muito.

P- Entendi. E ela tem proximidade com essa tia?

A- Vixi. Todos os dias elas se falam por telefone, quando ela não vai lá. É madrinha dela! E ela sempre via a madrinha dela lendo. Final de semana a gente tá sempre junto e então ela via sempre a minha irmã estudando pra se formar né.

P- Ahã

A- E a minha irmã também no dia-a-dia lendo os livros, agora daqueles de Vampiros, como é que é? Crepúsculo...

P- Sei.

A-Aí ela também se interessou e...

(Ana Luiza)

Ana Luiza diz surpreender-se com a quantidade de livros lidos pela filha e o interesse que ela tem pela leitura, visto que nem ela e nem o marido gostam de ler. Ao dizer isso, lembra que a filha assemelha-se à sua irmã, que reconhece como leitora privilegiada, e diz acreditar que a proximidade da tia com a menina foi importante para auxiliar no desenvolvimento do interesse pela leitura. A colega de escola de uma das filhas também foi lembrada pela mãe, como responsável por incentivar a leitura de obras e o contato com a biblioteca. No decorrer da entrevista, ela relembra quando começou a frequentar a biblioteca com as filhas.

(...) A Ana Carolina ela ... Ela falava. A Ana Carolina sempre foi gostoso de contar história. Ai ela falava pra mim: Mãe a minha amiga foi na biblioteca, você me leva? Você me leva? Aí eu falei: Ai qualquer dia a gente vai. Aí entrou as férias, ai eu peguei e trouxe ela. E ela ficou por ai, lendo um livro, lendo outro e ela foi pegando gosto. Aí a outra foi crescendo também, foi gostando também.

(Ana Luiza)

Outros sujeitos, de forma semelhante, reconhecem em suas entrevistas que foram os colegas de escola que comentaram sobre a instituição, despertando o interesse nas crianças que pediram a visita à biblioteca para a família.

Pesquisadora - E como você ficou conhecendo a biblioteca?

Alice- Na verdade o Vitor queria ir à biblioteca e ficou me pedindo. Falou que tinha uns amigos que tinha vindo, falou que era super legal e ele ficou pedindo. Nós então fomos no prédio antigo, onde ficava a biblioteca no tempo que eu frequentava. Era lá em cima, em frente à Câmara. Aí o moço falou para mim que fazia sete anos que a biblioteca tinha mudado de lugar!!! Eu não sabia, porque fazia muito tempo que eu não ia para a biblioteca. (...) Ele que pediu e eu procuro fazer de tudo que ele me pede e que eu acho que vai ser bom para ele. Essa questão do esporte, da leitura. Eu sempre incentivei. E ele estuda em escola particular, tem biblioteca na escola dele, mas ele falou que não queria aqueles livros. Ele queria alguma coisa diferente, pediu para conhecer a biblioteca e então nós viemos, porque aqui tem muitos livros e ele gosta muito de ler e não tem como ficar sempre comprando, comprando. Então aqui ele vem, pega, devolve, troca. É ótimo.

(Alice)

Observa-se que os comentários dos amigos sobre a biblioteca contribuíram para o interesse das crianças em querer conhecer o local e, posteriormente, associar-se a ele. É interessante observar que, apesar desses adultos não estarem habituados a frequentar a biblioteca, foram prontamente solícitos a atender ao pedido da criança, por reconhecerem a importância da leitura, tornando-se sócio da biblioteca posteriormente.

Assim, neste núcleo temático, é possível inferir que, apesar de os sujeitos não terem tido modelos marcantes de leitores e mediadores em suas histórias de vida, eles estão

interessados em ser os mediadores de leitura de livros para as crianças porque almejam contribuir para uma relação estreita e positiva entre os filhos, sobrinhos e netos com a leitura. Em suas falas, demonstram ter uma percepção sobre a importância da leitura, de modo que a valorizam e, de um modo ou outro, faz com que desejem instaurar as práticas de leituras na vida das crianças. Nesse processo de constituírem-se como mediadores de leitura, além do desejo pessoal de proporcionar uma experiência diferente em relação à leitura, reconhecem que foram fundamentais, para contribuir com esse desenvolvimento, os amigos, os familiares e as instituições educativas. Os livros apresentados, as maneiras de ler observadas no outro, a instauração de uma rotina de leitura foram fatores preciosos para orientar esses adultos.

Núcleo 4 - Importância da biblioteca para as famílias

Este núcleo reúne as verbalizações sobre a importância da biblioteca para as famílias. Os enunciados revelam as razões iniciais que fizeram com que as famílias iniciassem uma relação positiva com a biblioteca, bem como os motivos pelos quais consideraram importante manter a frequência ao longo do tempo. Para elas, a biblioteca contribui para constituição dos adultos e das crianças como leitores, oferece ampliação de repertório de leitura e possibilita vivências afetivas ao oferecerem atividades diversificadas para as famílias, além de ser um espaço confortável e aconchegante para a leitura, como se observa nos subnúcleos a seguir.

***4.1 Ampliação do repertório de leitura**

Este subnúcleo traz enunciados dos sujeitos que indicam a importância de participar da biblioteca para ter acesso a um diversificado acervo de leitura. Os sujeitos frequentadores da biblioteca demonstram-se encantados com a variedade de livros apresentados ao público adulto e infantil, além dos gibis, revistas e jornais.

Para muitos deles, é difícil a aquisição constante de livros, por motivos econômicos e, por isso, a frequência à biblioteca é fundamental para proporcionar às crianças materiais diversificados.

Lúcia- Assim. A minha filha mais velha ela é viciada em livro. Viciada em tudo que é livro. Então (risos) acabou é... ela desde pequeninha ela aprendeu a ler muito rápido. E ela gosta de ler! Ler é a paixão dela. Então ela ama. E... assim, ficar comprando sempre não dá. Compra e depois fica lá. Compra fica lá. Não dá. Então falei assim: Ah Lídia, vamos procurar uma biblioteca. Como tô lá perto todo dia, a gente vê e procura pra Luana alguma coisa também pra ela.

(Lúcia)

Porque aqui tem livros que eu não posso comprar, né. Então aqui tem muito livro que eu não posso comprar, então aqui ela tem muito mais variedade, né. Pra ela escolher o livro que ela quer ler.

(Vera)

Outras famílias, que relatam também gostar de comprar os livros, diz que a falta de espaço para armazená-los e a facilidade em emprestá-los fizeram com que mantivessem sua frequência à biblioteca.

Em janeiro que fiz a carteirinha porque não tinha antes. Eu comprava livro como eu falei pra você. E eu gosto de comprar livro, só que como também a prateleira tá cheia também, é bom dar um tempo! Porque depois tem que comprar mais prateleira (risos). E o quarto também não vai suportar né. E agora recentemente eu descobri que ela tá com alergia, ela tem alergia de poeira, então além de colocar os livros, eu tenho que tá sempre limpando, então melhor reduzir um pouco a quantidade. (risos).

(Karen)

Karen, que começou a participar da biblioteca para participar dos eventos, atualmente visita a instituição não apenas nesses momentos, mas principalmente para realizar o empréstimo dos livros. O primeiro contato que a pesquisadora teve com a família foi em uma terça-feira chuvosa, na qual imaginava que não encontraria sócios no local. Entretanto, nesse dia, pais e filha estavam à procura de livros para empréstimo. Com as três carteirinhas da família, Karen consegue levar seis livros e permanecer com eles por uma semana, ou até mesmo por quinze dias, quando não consegue trocá-los antes. Desse modo, ela consegue manter uma rotina de leitura com a filha em casa, oferecendo livros novos, sem a necessidade de continuar adquirindo os materiais, que já não tem como armazenar.

Para a mãe de Helen, frequentar a biblioteca é importante para auxiliar a introduzir outros estilos de livros para as crianças, pois, segundo ela, as crianças acabam preferindo sempre as mesmas histórias, quando estão lendo em casa.

Criança tem muito apego, né, elas querem sempre a mesma história. Então às vezes eu compro um livro diferente pra ela se interessar por uma história diferente. Então é esse também o intuito de vir aqui. Como tem muitos livros diferentes, ela vai variar um pouco de histórias. Não ficar sempre nas mesmas. E em casa, ela tem muitos livros das princesas da Disney que ela adora, então toda vez que vai na livraria ela quer um, aí a tia traz, o tio traz. Aqui você pode olhar nas prateleiras (aponta para o espaço em volta), acho que não tem nenhum da Disney. Então tirar um pouco, descolar dessa... Ela tem outros livros que não são da Disney, mas ela tem a preferência, que é uma coisa da idade, pelas princesas.

P- Aha.

M- Aqui não tem! Tenho certeza de que na biblioteca deve ter, mas o que está exposto não é da Disney. Então apresentar pra ela um universo que vai muito além do que ela conhece, do que vem mastigado pela mídia!

(Marcela)

Apesar de Marcela não levar os livros para casa, nota-se, no relato apresentado, o interesse da mãe em apresentar livros diversificados para as crianças, quando está na biblioteca. Segundo ela, os livros expostos no setor infantil da biblioteca não são apenas os

livros que a mídia veicula. Para a mãe, é importante o exercício de apresentar histórias diversificadas, que vão além das histórias dos contos de fadas e dos personagens já conhecidos. Em outro momento da entrevista, a mãe diz que a filha de cinco anos, de tanto ouvir os contos, quer ser uma princesa, quer morar em um castelo e o faz-de-conta geralmente é com essa temática. Assim, a mãe diz que está buscando ampliar o repertório de leitura da criança: no dia da entrevista, a mãe estava à procura do livro “A galinha roxa e quadrada”, do autor Elvio Santiago, justamente para apresentar para a filha um outro estilo de livro. O interesse por este livro específico surgiu após uma conversa que tiveram em casa, durante a semana sobre a representação por meio do desenho.

Considerou-se, também, que a liberdade que os sujeitos têm para o manuseio do acervo, sem restrições, bem como a orientação dos funcionários, contribuem para que as famílias se deparem com outros livros, não esperados, que diversificam e ampliam suas leituras.

Próximo às 9h Rita chega à biblioteca com o filho. Eles vão diretamente para o acervo de livros infantis. Ambos percorrem as prateleiras, bastante atentos. A mãe olha de um lado das prateleiras, o filho do outro. A mãe encontra o livro “Oliver Twist” e diz: “Este aqui é legal pra você! Você vai gostar de ler!” O filho pergunta: “Por que mãe? Como você sabe que eu vou gostar?” A mãe responde: “Porque quando eu era pequena eu li este e adorei, acho que você vai gostar!” A mãe separa o livro, o menino folheia. Eles conversam em um clima afetivo e decidem que vão levar aquele. Agora juntos passam a olhar diversos livros das prateleiras. A mãe diz então: “Vai escolhendo outro que eu vou perguntar pra moça se tem aquele de poesia”. Ela então vai em direção à funcionária da biblioteca e pergunta: “Aqui não tem poesia de Vinicius de Moraes pra criança? Não tem nada de poesia pra idade dele?” A funcionária Melissa vai até a prateleira em busca das obras. Pega um livro ilustrado da música “Aquarela” e diz para a mãe que aquele é legal. A mãe diz conhecer a música. Depois de entregar-lhe este livro, Melissa prontifica-se a fazer uma busca no computador para ver se há os livros de poesia de Vinicius de Moraes, conforme pedido. Ela encontra o livro “A arca de Noé” e diz para a mãe que existem outros do Vinicius de Moraes disponíveis no outro setor, mas que não são infantis. A funcionária Melissa também apresenta o nicho com outros livros de poesia para crianças. Neste local há outros inúmeros livros de poesia de diversificados autores. A mãe começa a apreciar os livros. Além do livro de Vinicius, ela escolhe o livro “O jogo da fantasia”, de Elias José. A mãe continua olhando o acervo. O filho também parece bastante à vontade na biblioteca para escolher os livros. Olha gibis, olha os livros do expositor e os das prateleiras. A mãe deixa-o livre para escolher. Neste momento, enquanto ela folheia os livros que já pré-selecionou, interrompo pedindo a entrevista. Depois da entrevista peço para fotografar os livros escolhidos por ela e pelo filho no dia de hoje.

(Diário de Campo, 27 de junho de 2015, Sábado)

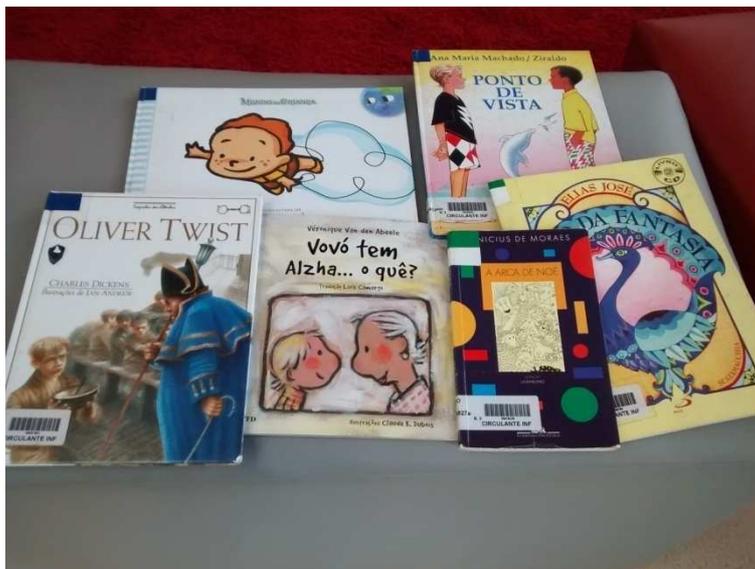


Figura 27-Livros emprestados por Rita (Foto da pesquisadora)

Ao conversar com a mãe, a pesquisadora pergunta o motivo pelo qual ela estava em busca de um livro de poesia de Vinícius de Moraes. Questiona se é uma exigência da escola, um trabalho, por exemplo. Rita revela então que nunca leu poesias para o filho e que sentiu o desejo de apresentar e começar a ler este gênero com o filho. Disse que na infância lembra-se de ter lido Vinícius e que por isso buscou por ele. Entretanto, com a mediação da funcionária que lhe apresenta outras obras de poesia, nota-se que a mãe motivou-se para escolher outro autor, Elias José, ampliando seu repertório.

Portanto, ao longo do subnúcleo, percebe-se que uma das principais motivações para a frequência das famílias à biblioteca é a oportunidade de ter acesso ao seu amplo e variado acervo. Esses livros assumem uma dinâmica diferenciada de acordo com cada família, pois algumas preferem explorá-los no próprio ambiente da biblioteca, outras, no entanto, fazem a opção por levá-los emprestados, para leitura no ambiente familiar. Outras famílias lêem na biblioteca e, a pedido da criança, emprestam o mesmo livro, para uma nova leitura em casa. A facilidade para o empréstimo das obras e a possibilidade de visualizá-los sem restrições, são consideradas como fatores importantes para manter o interesse das crianças leitoras e das crianças em processo de constituição.

***4.2 Ambiente favorável para a constituição do leitor**

Neste subnúcleo os sujeitos mencionam a importância de estar com as crianças na biblioteca que, segundo eles, oferece um ambiente favorável para os leitores, por ser aconchegante para a leitura e estimulante para a familiarização das crianças com os livros. Além de valorizar os espaços destinados aos leitores e aos livros, revistas, jornais e gibis,

frequentar a biblioteca tornou-se importante para as famílias devido à interação das suas crianças com as demais crianças, leitores e funcionários da instituição.

Em todos os depoimentos, as famílias foram unânimes ao definirem a biblioteca como um espaço atraente e confortável para o leitor. Pode-se observar esse reconhecimento no depoimento de Eliana, que frequenta a biblioteca semanalmente, com seus dois filhos.

Porque aqui é um espaço tão confortável, né. Tão gostoso, você se sente bem. É bem confortável. Não tem como descrever assim, a sensação de estar aqui, folhear um livro. Em casa não, você pára pra atender o telefone, pára pra fazer um serviço. Aqui não, é um momento que você tira pra você, né.

(Eliana)

Outros sujeitos entrevistados, assim como Eliana, falaram da importância desse espaço confortável para o leitor, que possibilita uma leitura tranquila. Além disso, o tempo de permanência na biblioteca torna-se exclusivo para atividades de leitura e interação com as crianças. Marcela também valoriza os ambientes criados na biblioteca, principalmente o espaço destinado para as crianças.

É um espaço maravilhoso. Amplo, iluminado, ele é muito confortável. Não vou dizer que ele é acolhedor, porque ele tem essa amplitude e a amplitude e o acolhimento eles brigam um pouco, mas é um espaço confortável. Um espaço confortável principalmente pras crianças. Esse nicho que eles fizeram aqui ficou muito agradável.

(Marcela)

A mãe Débora, fala da estrutura diferenciada dessa biblioteca, em comparação com outras que já frequentou:

Pesquisadora- E o que você achou desse espaço da biblioteca?

Débora- Bem legal. Pelo menos eu venho de uma outra cidade e a biblioteca lá era completamente diferente da daqui. (risos)

P- Como? Em que sentido?

D- Aquela coisa mais tradicional né. As prateleiras com livros, umas mesas e só, né... Não tinha nada de brinquedo, coisa assim pra incentivá-los a ter o hábito. Aqui elas vêm, elas pegam o livro, elas brincam quando cansam dos livros. Aí volta e pega os livros de novo. É muito gostoso.

(Débora)

Assim como Débora, outros familiares falaram da importância dos brinquedos e livros-brinquedos no ambiente criado para as contações de histórias e outros eventos destinados às crianças. Durante as idas a campo, a pesquisadora pode observar o movimento descrito pela mãe acima, pois as crianças ora brincavam, ora liam, ora pediam a leitura do adulto e isso ocorria de forma tranquila, organizada, onde diferentes famílias interagiam em harmonia, por vezes estabelecendo laços de amizades. Os livros-brinquedos eram especialmente importantes para os bebês, pois muitas famílias que levavam os filhos mais

velhos para as contações de história, empréstimo dos livros, levavam os bebês para o tapete e lá eles exploravam esses materiais mais adequados à sua faixa etária.

Os expositores de livros também foram apontados pelos sujeitos, e observados pela pesquisadora, como elementos favoráveis do ambiente para a aproximação dos leitores com os livros. Os registros, a seguir, indicam o cuidado da instituição com os livros expostos.

Chego à biblioteca para mais uma observação e tentativa de novas entrevistas. Observo que a senhora Amélia está novamente na biblioteca com o neto Douglas. Ela está lendo sentada em um puff e seu neto brinca com os brinquedos disponíveis no tapete. Observo o expositor de livros que apresenta livros diferentes dos que visualizei no sábado, quando a biblioteca fez atividades referentes ao dia das crianças. Há alguns que se mantiveram, entre eles os livros dos escritores jundiaenses, mas novos livros foram incorporados ao expositor.

(Diário de Campo, 14 de outubro de 2013, segunda-feira)

Em minhas últimas visitas à biblioteca venho buscando olhar com mais cuidado para os livros oferecidos no expositor de livros e nos nichos do Tapete Vermelho. Noto que alguns livros permanecem enquanto outros saem e também são incorporados, como se observa nestas três fotografias que registram o expositor em um período de menos de um mês. Até hoje não sei como estes livros vão para os expositores. Eles são escolhidos por quem? Há alguma determinação? Há um prazo para troca? Há uma formalização sobre? Sei que muitos destes livros sugeridos são emprestados pelos sujeitos, pois presenciei inúmeras situações nas quais as crianças e os próprios adultos recorrem ao expositor para selecionar os livros que serão levados para casa. Certa vez, a tia Marta disse-me que preferia escolher os livros que estavam ali, porque acreditava que deveriam ser bons, pois a biblioteca certamente indicaria os bons. Para a mãe Karen estes livros expostos são importantes para que sua filha possa escolher alguns livros, visto que manusear os demais livros do acervo nem sempre era recomendado por todos os funcionários, pois as crianças pequenas poderiam bagunçar o acervo, modificando os livros de sua ordem convencional. Assim, a mãe buscava por livros nas prateleiras do acervo, enquanto a filha fazia o mesmo com os livros do expositor e dos nichos disponíveis no tapete. Hoje, quando cheguei e vi a funcionária Melissa organizando os brinquedos e os livros deste espaço, perguntei para ela como escolhe os livros que coloca no tapete e no expositor. Ela disse-me que escolhe os livros mais conservados para expor, os mais novos e que gosta de por livros de poesia. Outra funcionária disse que sempre tenta colocar livros diferentes e também os mais resistentes. Ainda não perguntei com qual frequência trocam-se estes livros, mas suspeito que eles sejam repostos naturalmente, à medida que vão saindo pelos empréstimos das famílias. (Diário de Campo, 17 de julho de 2015, sexta-feira)



Figura 28- Expositor no dia 27 de junho de 2015 (Sábado na abertura da biblioteca). Foto da pesquisadora

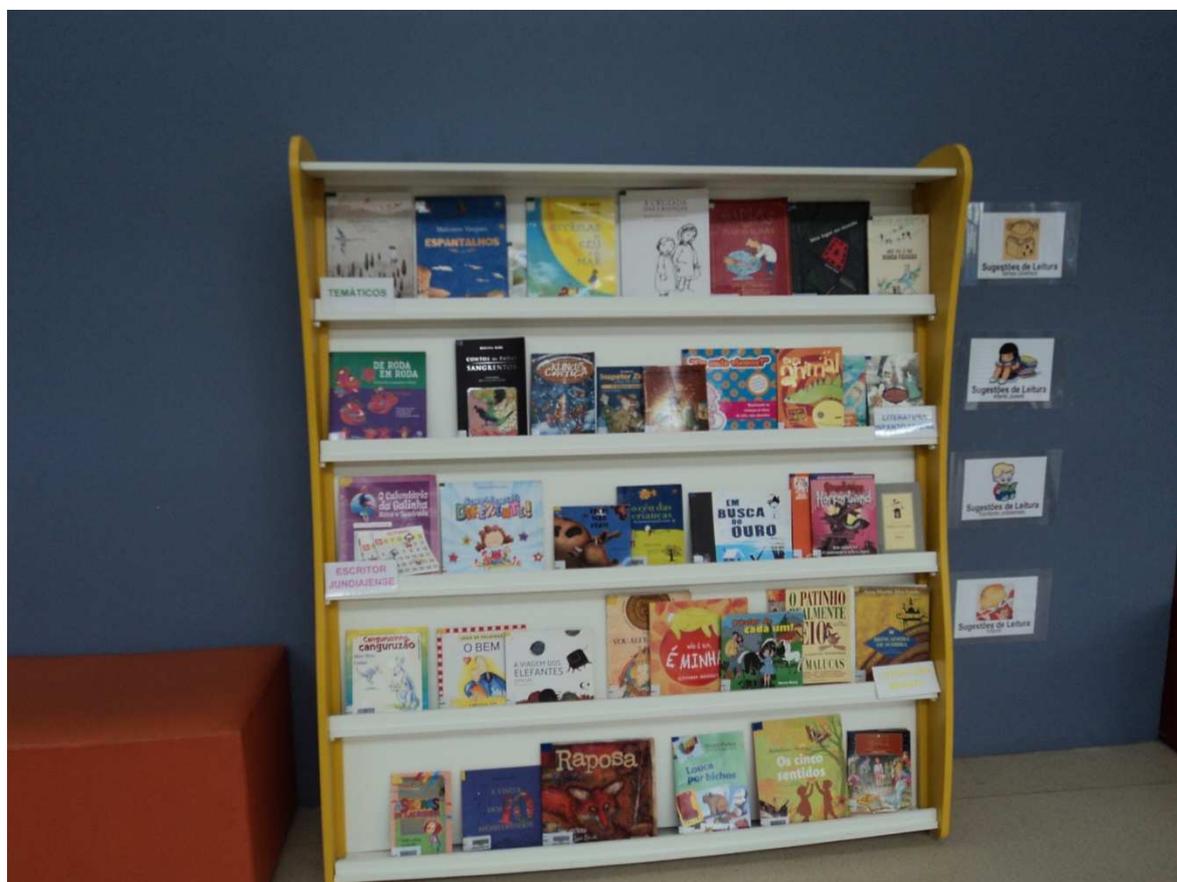


Figura 29- Expositor no dia 17 de julho de 2015. Foto da pesquisadora.



Figura 30-Expositor de livros no dia 04 de julho de 2015. Foto da pesquisadora.

Além da estrutura física da biblioteca, dos livros e brinquedos presentes, considerados como importantes para compor esse ambiente favorável para a leitura, os sujeitos relatam perceber a importância de frequentar a instituição, pois o local possibilita a interação com o outro.

Eu acho importante pra ela conhecer o espaço, pra ela se sociabilizar, porque tem outras crianças aqui também, tem jogos! Pra ela conhecer mesmo os livros e pra ela pegar gosto pela leitura, que eu acho que é fundamental!

(Nathália)

Eu acho esse ambiente muito gostoso e acaba estimulando né. Ela vê os outros lendo, ela vê a quantidade de livros e é gostoso né.

(Fabiana)

De fato, essa interação eu-outro era visível no grande tapete vermelho da biblioteca. As crianças, que por vezes acabavam de se conhecer, brincavam juntas, as mais velhas liam histórias para as mais novas e familiares que liam para suas crianças atraíam a atenção da criança que brincava ao lado. O tempo dos participantes e sua atenção pareciam ser destinados exclusivamente para a leitura e as brincadeiras. As famílias demonstravam sentir-se à vontade no local, as crianças tiravam os calçados para brincar no tapete, alguns adultos faziam o mesmo. Eles percorriam os espaços sem restrições, manuseavam os brinquedos e livros com autonomia.

Os trechos a seguir, extraídos do diário de campo, demonstram a relevância desta interação.

A mãe Andréia e seus dois filhos estão sentados no tapete. Os filhos de Andréia são alfabetizados e leitores fluentes, mas ela é quem lê para os dois. Uma leitura calma, com entonação de voz, comentando-se o que vai sendo lido. Uma outra criança menor, de 4 ou 5 anos observa atentamente o que acontece entre aquela família. Para por alguns instantes para apreciar a história também. Depois, a criança com seu próprio livrinho nas mãos vai em direção à sua mãe, pedindo a leitura. Ela, que estava sentada mexendo em seu celular, começa a ler para a criança. Depois voltam a brincar. Andréia também termina a leitura para os filhos e oferece o livro que acabara de ler à mãe desta criança, que há minutos a observava. Ela diz para a mãe que é uma história muito bacana, caso queira ler também. A mãe olha o livro, folheia suas páginas e deixa-o de lado por algum instante. No entanto, apesar da aparente indiferença, quando saem do tapete, observo que ela carrega consigo, além de outros livros, o livro sugerido por Andréia. (Diário de campo, 12 de abril de 2014, sábado)

Neste episódio, é possível notar que a leitura de Andréia despertou o interesse de outra criança, não apenas os seus filhos. Este menino, olhando para o que acontecia no tapete entre uma família, contagiou-se e também pediu a leitura de sua mãe, que não estava envolvida na situação até então, mas que se dispôs a ler para ele também. Além disso, a sugestão de um livro dada por Andréia para esta mãe, que a princípio parece não ter se importado muito, foi aceita posteriormente, motivando o seu empréstimo. É possível inferir, com este episódio e muitos outros, que a interação entre os sujeitos neste ambiente é rica e formativa. As crianças aprendem com os adultos de suas famílias, com outros adultos, entre as próprias crianças e os adultos também aprendem entre eles e com as crianças.

Outra situação observada demonstra a interação entre os adultos e as crianças presentes.

José brinca com sua filha Sofia. A menina aparenta ter 4 anos de idade. Aproximam-se deles o neto do Sr. Clóvis, Marcelo, e sua filha Ana que já estavam brincando no tapete. O senhor Clóvis, como de costume, está lendo o jornal no sofá e não participa das brincadeiras. As crianças não se conheciam antes, mas começam a brincar juntas. Sofia, oferece um telefone de brinquedo à Josee ele aceita participar deste faz-de-conta, fingindo falar ao telefone com as crianças.

Pai-“Alô, aqui quem tá falando é o careca!” As crianças dão risadas.

Filha-(Risada) “Oi careca, você tá bom?”.

Eles dialogam na brincadeira e assim ficam por mais algum tempo. Logo afastam estes brinquedos e pegam a caixa com os blocos. José senta-se no tapete, descalçando seus tênis. Sentado no chão, muito próximo das crianças, ele brinca com as peças de encaixe, formando com elas um trem. Ali eles brincam por mais um tempo e depois manuseiam outros e outros brinquedos. Quando o pai percebe que as crianças estão brincando entre elas e a filha parece enturmada com as duas outras crianças, ele diz: “Espera aqui que o pai vai pegar um negócio”. Ele calça seus sapatos e vai em direção aos jornais e revistas. Olha, manuseia algumas revistas e depois vai para o balcão de atendimento. Não o acompanhei e não consigo saber o que ele foi fazer. Minutos depois ele retorna com um folheto. Em seguida retorna

para o setor de revistas e jornais. Novamente, após olhar diversas delas, ele pega uma revista National Geographic. Volta ao Tapete Vermelho, mas desta vez senta-se no puff para ler a revista. No entanto, mal começa a folhear a revista e a filha novamente traz brinquedos para mostrar ao pai. Ela vê que ele está lendo a revista, olha e sai para brincar com Ana. José então parece concentrado para ler as reportagens. As meninas continuam brincando de casinha. No entanto, alguns minutos depois a filha retorna com uma frigideirinha e um telefone. Pede para o pai comer a “comidinha” que havia feito e entrega-lhe novamente o telefone. O pai, com paciência, deixa a revista no puff ao lado e atende a solicitação da menina. Em seguida volta a ler. Novamente a filha pede para que ele brinque, trazendo agora uma xícara e um pires na mão. Então o pai desiste de sua leitura, fecha a revista, retira novamente os sapatos e volta a brincar com as crianças. Depois de aproximadamente 10 minutos de brincadeira, entre brinquedos e livros, a menina escolhe o livro “Escola pra cachorro”, levando-o para o pai, pedindo a leitura. As duas outras crianças também largam seus brinquedos. O pai então pergunta para a filha, para a Ana e o Marcelo: Vocês querem que o tio leia a história?

Eles todos dizem que sim e atentos compartilham daquela história. Noto que ele não está lendo palavra por palavra. Parece encurtar a história e parece pautar-se pelas ilustrações para contar (confirmando isso após, quando pego o livro para ver). As crianças acham divertido, dão risada. Ele faz sons diferentes para os personagens, dá vida ao cachorro, faz barulhos com a boca imitando os latidos. As crianças ficam observando tudo com atenção e sorriso no rosto. Em seguida o Marcelo pega outro livro e lhe entrega. O livro escolhido é do “Peter Rabbit”. A Sofia diz que é o livro da “Chapeuzinho vermelho”. Ele diz que é o livro do coelho e não da Chapeuzinho. O pai conta a história do mesmo modo, inventando-a pelas ilustrações. Agora é Ana quem traz um livro e pede que leia. Ela escolheu “O monstinho medonhento”. Ele diz: “Ah história de monstro é legal. Vamos sentar no chão! Nossa, a história do monstro”. Neste momento Sofia está dispersando e busca um brinquedo. O pai então chama a filha para sentar-se no seu colo. Ela aceita e senta-se aconchegada no colo do pai. Ele vai contando a história, pelo visto à sua maneira novamente. Ele é atencioso com as crianças. Mostra as figuras e vai perguntando coisas para que as crianças interajam com o livro:

Pai- “Que cor é o monstro Marcelo?”

Marcelo- O monstro é verde! Olha que feio! (Da risada)

O pai vai descrevendo: “O monstro é um ser horroroso: ele tem cabelos vermelhos, ele é verde e narigudo, dentuço”. As crianças riem. De repente o pai diz que na história há um menino que se chama Marcelo. Ele dá risada e presta atenção. Quando termina a história a Ana diz: “Agora de novo!”

O pai então diz: “Agora o tio vai ler um pouquinho e vocês vão brincar, pode ser?”

Eles então vão em direção aos brinquedos e por mais algum tempo o pai consegue folhear e ler a revista.

(Trecho do diário de campo, 04 de junho de 2015, sábado)

Neste trecho, observa-se que as crianças que vieram com o senhor Clóvis, que estava lendo o jornal no sofá e depois foi utilizar o computador com internet da biblioteca, passaram a interagir com o pai José e a filha Sofia, compartilhando de brincadeiras e leituras. Todos escolheram seus livros para serem contados por José e quando Sofia já não queria mais ouvir uma história, mas as demais crianças ainda queriam a atenção de José, Sofia foi colocada no

colo do pai e pode apreciar mais uma história com as crianças, em clima afetivo, descontraído e divertido.

Para Sônia, mãe e professora, que frequenta a biblioteca com assiduidade, esse contexto é importante para o desenvolvimento das crianças, como se observa no relato abaixo.

Eu acredito assim que a criança desde pequena tem que tá envolvida nesse contexto, né, pra que ela aprenda, né. Então assim, se elas não vierem, a gente não incentivar, eles não vão ter esse conhecimento. Então eu acredito assim. (...) Porque eu acredito assim que é uma educação. A gente não educa criança? Tudo é um hábito, é uma educação. Então leitura, cultura, também é uma educação, né. Então eu acho que isso também faz parte, da família, né, oferecer aos filhos.(...) Eu acredito nisso, né, e elas são assim super habituadas. Sempre vêm. Quinzenalmente nós estamos aqui, se não for semanalmente, né. Então já é um hábito... (Sônia)

Do mesmo modo que Sônia está preocupada em contextualizar as filhas no ambiente da biblioteca, acreditando na importância de ensinar práticas de leitura para as crianças, o pai Antônio considera importante trazer a filha semanalmente ou quinzenalmente para o espaço, para que ela se identifique positivamente com a biblioteca.

A vida é meia corrida, sabe?! Assim, quando eu dedico pra vim pra biblioteca é pra ler um livrinho, pra ela ter uma interação com as crianças.

P- Entendi.

An- Pra escutar a contação de história que tem final de semana aqui.

P- Sim.

An- Então é assim: o momento da biblioteca! (...) Pra mim assim, ela tem que identificar o local que ela se sinta bem pra ler, brincar. Isso de uma maneira mais calma né. E que ela saiba que tenha livros, que ela possa ter o momento dela de uma maneira diferente. Sem ser aquela coisa, aquela agitação né. Com crianças e tudo o mais. Então eu trago ela sábado de manhã, né. E aí no sábado de manhã ela vem, desenha, pinta, conversa com os amiguinhos. Eu pego um livrinho, leio pra ela, bem simplesinho, né, nada que force. E aí eu pego e vou com ela pra algum outro canto.

(Antônio)

Os relatos sugerem que, para as famílias, participar da biblioteca é fundamental, pois se trata de um momento reservado exclusivamente para a finalidade da interação com a leitura, manuseio dos livros e brinquedos. Segundo elas, esse contexto pode contribuir para desenvolver o gosto e as práticas da leitura nas crianças, visto que se sentem acolhidas por esse ambiente, que além de oferecer acesso à grande quantidade de livros, possibilita o contato afetivo com o outro.

Além do afeto que os sujeitos estabelecem com os demais frequentadores, foi ressaltado como importante, por alguns entrevistados, os vínculos criados com os funcionários da biblioteca. Segundo alguns familiares, a mediação desses funcionários tem sido crucial para o processo de constituição das crianças leitoras e, até mesmo, dos adultos, pois atuam de modo a contribuir para a divulgação do acervo da instituição.

E é gostoso, porque daí tem as pessoas que te ajudam. Às vezes você quer ler alguma coisa, mas não sabe nem o que é. Mas de repente você comenta com a

bibliotecária e ela vem te ajudar: “Olha a gente tem esse”. Porque elas sabem, né. Às vezes a gente vê só aqueles volumes, né, que são muitos. Mas como é o trabalho delas, elas já conhecem mais ou menos. E é até bom que a gente ta sempre aqui, então ela já sabe mais ou menos a leitura que a gente gosta mais, indicam uma coisa ou outra. Isso é importante também, né.

(Eliana)

Para a mãe Eliana, alguns funcionários parecem atentos aos gostos de seus frequentadores, oferecendo sugestões oportunas de leituras. Na sequência da entrevista, a mãe refere-se a uma das funcionárias que, apesar de ser considerada bibliotecária, não tem essa formação, é atenciosa com ela e com os filhos, indicando obras que se adequam à faixa etária e ao desenvolvimento deles.

Tem essa bibliotecária que é uma gracinha!

Pesquisadora- A Beatriz?

E- Isso. Ela que tá sempre... Ela que mostrou pra Manuela um livro...Que a Manuela já passou daquela fase de ver quadrinho. E eu não tinha percebido isso, né. Porque eu como mãe me falta algumas coisas que outras pessoas, que tão próxima, tem que me ajudar também, né (risos). Tem não, né, é que às vezes tenho sorte e me ajudam. Aí ela já mostrou para a Manuela um livro diferente. Ele já não tem mais tanto quadrinho, já é mais sabe ... aquela história. E eu não tinha percebido que a Manuela tem essa facilidade sabe, de guardar, de montar as coisas. Que pra mim ela é criança, né. Só que não, ela já tá naquela fase que ela gosta de um livro um pouco maior, de umas histórias mais inteiras, sem ter... a fantasia né

P- Sem ter tantas ilustrações...

E- Isso. Eu achei legal. Essa foi a primeira vez que ela leu e ela já quer ler a sequência. E as bibliotecárias elas se preocupam em falar: olha, tem gente olhando os espaços da biblioteca. Agora vai servir o lanche pras outras escolas. Quer dizer... são coisas assim que ajudam a gente, né. Elas falam: Oh, tem que ficar quietinho porque senão vai atrapalhar o amigo. São coisas que não é só a gente como mãe que tá cobrando. O brinquedinho lá no espaço. Porque tem dia que eles não querem ler. Querem mesmo aproveitar o espaço. Daí vão lá, brincam. Aí ela fala: Olha tem que arrumar. Eu falo: Igual em casa. Brinca, mas depois tem que ajeitar tudo no lugar. São coisas que é legal. Que eles também têm que aprender a se organizar, né. Eu acho importante.

(Eliana)

Nota-se que a mãe parece satisfeita com a mediação da funcionária que a auxilia na educação das crianças em relação ao uso do espaço coletivo da biblioteca, intervém na seleção dos livros e atenta para os diversos estilos de livros que poderiam agradar a criança. Para a mãe, a atenção recebida é um diferencial e, segundo ela, é notório o afeto da funcionária pelo trabalho que desempenha na instituição e pela sua família, pois segue dizendo:

P- Entendi. E você falou que a Beatriz é uma graça, né. Por que você...

E- Porque assim, eu acho que é diferente quando você faz uma coisa que você gosta. Você se entrega realmente. E ela se preocupa. Porque quando eu venho só ela fala: “Cadê minha amiguinha?” Sabe?!.

Eu falo pra Manuela e a Manuela fica toda toda. “Ai mãe eu vou semana que vem”.

Aí ela vem, ela atende a Manuela bem, com carinho. A Manuela chega e a primeira coisa que ela faz é ir abraçar ela, dar um beijinho nela. “E aí, você separou alguma coisa pra mim?”

Daí geralmente ela já tem alguma coisa em mente. Daí ela já oferece um livro. Igual agora ela já tá separando a sequência. Tá vendo! (mostra os livros que a funcionária havia acabado de separar e entregar durante a entrevista).

P- Que legal. Entendi.

E- Então ela tá sempre se antecipando, né. E quem não gosta de se sentir querido, né? A Manuela fala: “Poxa mãe, ela pensou em mim né mãe”, porque ela separou o livrinho pra mim. Então ela já faz toda uma diferença, né.

Porque eu gosto que ela leia, mas tem que ser prazeroso, né. Eu vejo isso nela hoje. Que ela realmente tem prazer em vir, escolher um livro. Ai ela comenta com a professora. A professora às vezes dá idéia pra ela. (...)

P- Entendi. Então você acha que ela é bem atenciosa aqui.

E- Muito (Enfatiza a palavra durante a pronuncia). Muito. Até meu filho que é danado ele fala: A amiguinha da Má ela também “me gosta”. Ele fala! Só tem sete aninhos. “Ela também me gosta. Ela separou esse!”(imitando o filho). Tá vendo. E é importante, porque assim, antes era só eu, porque o pai dele não tem esse hábito de ler. (...) Agora quando tem outra pessoa, fica mais gostoso também, né. Porque é um trabalho. Eu acredito. E é importante.

(Eliana)

A partir desses relatos, infere-se que esta funcionária que orienta Eliana e as crianças, fazendo com que se sintam acolhidos, representa mais um aspecto importante para essa relação positiva da família com a biblioteca. Assim como Eliana, Marta demonstra um afeto pela mesma funcionária.

P- E a senhora falou agora da Beatriz, né. Como se sente aqui na biblioteca quando vem, encontra com a Beatriz?

M- Nossa, eu adoro! Nossa ela é um amor, porque ela dá bastante dica de livrinho. Que teve uns livrinhos que ela mostrou que eles adoraram! Eu levei pra eles, nossa eles adoraram! (...) Mas nossa eu adoro a Beatriz. Porque ela é...Ai sei lá. Ela tem um jeito assim sabe?... Acho que você vai conversando com ela, ela fala: Ah não, você tem que incentivar mesmo, pega uns livrinhos de piadinha, umas coisas pequenininhas que aí ele vai gostando e nisso ele vai aumentando, né. É isso que eu vou fazendo. Mas eu adoro vir aqui, nossa!

(Marta)

Neste trecho, é possível observar o afeto da tia Marta pela funcionária, que considera “um amor”. Segundo Marta, Beatriz tem sido importante referência no momento de selecionar livros para os empréstimos que faz para o sobrinho. Segundo a tia, são os livros que a funcionária indica que conquistam os meninos e, como um deles tem dificuldades para a leitura, a funcionária demonstra a preocupação em indicar livros mais curtos e de assuntos que possam interessar os garotos. Em seguida, ela relata que o modo de ser tratada, nesse setor da biblioteca, faz com que sinta vontade de permanecer e voltar nesse espaço.

P- Você se sente como, estando aqui na biblioteca?

M- Ai, não sei te explicar, mas nossa eu adoro! Nossa e eu gostava...Antes eu vinha sozinha e vinha lá naquela parte. (Indica o setor dos adultos). Mas eu tô gostando tanto, não sei se por causa da Beatriz também, né, faz a diferença, né. Ela vem, conversa, você fica tão à vontade que nossa, parece que você se sente em casa e quer vir. Aí você acaba querendo ler livro só infantil né, você não quer nem ir mais lá na outra parte. Nossa, mas eu adoro.

P- Que bom.

M- Eu acho que faz bem a diferença também a pessoa que conversa, explica, né. Ainda mais que ela é professora, ela sabe mais do que eu, né. Então ela fala: Ah não, você pega tal livro, ah pega esse. Aí ela deu umas dicas bem legal, porque eles adoraram.

(Marta)

Assim, mais que a organização do espaço, realizada pelos funcionários da biblioteca, enfatizou-se por diversos sujeitos a importância da mediação direta dos funcionários com as famílias. Além dos depoimentos, que indicam a gratidão dos participantes da pesquisa pelos funcionários que orientam, acolhem, estimulam a leitura das crianças e dos adultos, os relatos extraídos do diário de campo evidenciam a importância da interação funcionários e família.

A mãe Eliana e seus dois filhos já estavam na biblioteca quando cheguei por volta de 09h30m. O setor infantil estava vazio. Só estavam eles e a funcionária Beatriz, com quem as crianças e a mãe conversavam com certa intimidade. Manuela contava para a funcionária que adorou aquele livro que ela emprestou. Gabava-se por ter lido o livro sozinha em três dias! Depois que conversaram, a filha Manuela e Eliana foram percorrer as prateleiras dos livros, enquanto a funcionária se encarregava da tarefa de organizar os brinquedos e livros que ficam no grande tapete. A mãe parecia escolher livros para o filho mais novo, que brincava no tapete. Entre um brinquedo e outro, ele deparou-se com o livro “O gato de botas”, folheando-o. Voltou a brincar. A mãe agachava-se, procurava, pegava um livro, folheava e devolvia. Repetia esta operação por diversas vezes, até que separou alguns livros. A filha Manuela também procurava por livros. A mãe, em suas mãos, segurava livros escolhidos por ela no setor dos adultos. Ela também segurava algumas revistas. Disse para a filha: Porque você não escolhe este? Pega este aqui, e apontava para um dos livros da prateleira, mas não consegui ler o nome. A filha dizia: Mas não, eu quero aquele outro, aquele da sequência. Continuou olhando mais livros. A mãe, com paciência, procurava por outros livros. Eliane falou para a filha Manuela perguntar para Beatriz onde poderia encontrar o livro que ela queria. Manuela pediu para Beatriz, que então passou a ajudá-la na localização dos livros. Ela mostrou um livro para Manuela, dizendo: “Tenho certeza de que você vai gostar deste aqui! As meninas adoram”. O livro era “O clube das irmãs”. Manuela começou a folhear o livro e disse: Tá, eu vou ver se eu gosto. Ela sentou-se no tapete e foi ler perto do irmão. Beatriz garantiu à menina que logo traria a sequência do livro da Juddy que ela buscava. Quando a mãe sentou-se no sofá para ler as revistas que segurava, deixei que ela folheasse algumas páginas e neste momento interrompi, apresentando-me e pedindo uma entrevista.(...) Conversamos por mais de 40 minutos. Durante a entrevista a funcionária levou para a mãe e para Manuela os livros encontrados da Coleção da Judy Moody, pois a Manuela havia lido o primeiro por indicação da Beatriz e por ter gostado procurava os demais. Manuela ficou muito contente que foi abraçar a funcionária. A mãe ficou muito agradecida, dizendo-me que a funcionária está sempre reservando livros e o jornal jotinha para os filhos, demonstrando seu carinho. Disse também que a funcionária é responsável por incentivar a leitura de vários livros diferentes e isso foi observado hoje.

(Diário de campo, 10 de setembro de 2013, terça-feira)

Para esta família, a mediação de Beatriz é fundamental, pois ela orienta a escolha de livros, é carinhosa e faz com que eles sintam-se acolhidos na biblioteca, desejando sempre o retorno. A partir de sua indicação, Manuela leu toda a coleção de JuddyMoody em um curto período de tempo, assim como “O clube das irmãs”, sugerido neste episódio. Outros livros separados pela funcionária também foram lidos por Manuela e seu irmão.

Neste sentido, observa-se que, além do espaço físico definido como confortável, atraente, acolhedor e estimulador, considerado propício para a interação eu-outro-livros, a biblioteca se faz imprescindível porque é um ambiente que possibilita o contato dos familiares com outros mediadores de leitura que nela atuam e os orientam, inspirando adultos e crianças.

***4.3 Atividades diferenciadas**

Neste subnúcleo os sujeitos mencionam a importância de frequentar a biblioteca para ser ter acesso às atividades diferenciadas que ela oferece, tais como as contações de história, os lançamentos de livros e as oficinas que são destinadas às crianças e aos adultos acompanhantes. São momentos que, segundo os sujeitos, além de proporcionar lazer para os adultos e às crianças, contribuem como espaço de formação, incentivando uma relação diferenciada com os livros e os modos de ler e contar histórias de forma mais atrativa.

Muitos dos sujeitos, que atualmente são frequentadores da biblioteca, relatam ter conhecido a instituição porque procuravam um teatro ou outra forma de entretenimento para a família e, ao serem informados das contações, vieram para prestigiar a atividade. No entanto, ao conhecerem a instituição, encantaram-se e decidiram se associar, passando a visitar o local não apenas para os eventos, mas também para realizar empréstimo dos livros. Isso ocorreu com várias famílias e os depoimentos de Antônio e Viviane, exemplificam abaixo.

A primeira vez que vim pra biblioteca eu me lembro que foi um convite para um teatrinho. O que eles fazem com uma certa frequência, teatros. Fazia mais no outro prédio. Mas aí vinha um grupo cantar, ou fazer alguma encenação e era os momentos que eu colocava a Maria Eugênia dentro da biblioteca também (...) Aí encontramos um livrinho que ela se interessou, pediu pra ler e eu li pra ela. E aí daí com essa frequência de pelo menos a cada 15 dias eu tô aqui, né, e dando esse espaço pra ela. (...) O espaço é muito gostoso, né! Embora desde a outra, mas aqui ficou muito agradável.

(Antônio)

P- E como que você ficou sabendo das contações e dessa biblioteca que faz três meses que você participa?

V- Pela internet. É... eu procuro os teatrinhos que tem no Polytheama, né (Teatro Municipal da cidade), então através dessas programações eu vi contação de história e a primeira vez que eu vim na biblioteca foi procurando uma contação de história e eu nem sabia que tinha todo esse espaço aqui. Quando eu conheci, a gente amou e acabou frequentando. (...) A cada quinze dias, que é a data do vencimento do livrinho eu venho. Aí eu trago ela e acabo vindo também pra participar das contações de história.

P- E o que você tá achando desse momento de contação de história?

V- Nossa, excelente. Ele acabou virando o passeio da família.

Meu marido vem junto, e a gente se programa: Ah esse fim de semana a gente vai pra biblioteca. (...) Ah é muito gostoso. Eu acho que eu como mãe fico mais observando a carinha dela. Quando ela participa, quando ela responde alguma coisa que a contadora faz e eu fico feliz com isso, que ela se interessa, que ela tá participando. Eu trago mesmo pensando nela.

(Viviane)

Os relatos extraídos do diário de campo indicam a dimensão dos eventos.

Neste sábado a turma da Jujubalândia apresentou-se na biblioteca. Fizeram um teatro com fantoches, brincadeiras com as crianças presentes, cantaram músicas e

contaram histórias. As contadoras de histórias usavam roupas/fantasia coloridas. Eram muito animadas e divertiam as crianças. Algumas das famílias que já entrevistei, e que vem para a biblioteca independente da oferta ou não dos eventos, vieram prestigiar a atividade (Família da Viviane, Angélica, Débora e Fabiana). Outras pessoas que estavam ali eu não conhecia e ao conversar com algumas delas, descobri que estavam visitando a biblioteca pela primeira vez. Noto que em dias de atividades diferenciadas o público da biblioteca infantil é muito superior se comparado aos demais dias.

(Diário de campo, 15 de março de 2014, sábado)

Assim como observei em outras contações de histórias, oficinas e demais atividades diferenciadas, nestes eventos a biblioteca recebe um público muito acima do normal. Este público mais que duplica no período de férias escolares, provavelmente por dois fatores: primeiro a maior disponibilidade das famílias para estar com as crianças em eventos diversos de férias e segundo porque, neste período, além da divulgação habitual, o jornal impresso da cidade dá mais ênfase aos eventos da biblioteca, bem como os programas de televisão (TV Tem e a TVE) que com suas reportagens contribuem para divulgar as atividades da instituição. No dia de hoje a TV Tem (afiliada da rede Globo) fez uma reportagem na biblioteca durante a atividade “Brincadeiras musicais” com a professora Eliane Lucenti. (...)

Antes de começar a programação, as famílias brincavam com as crianças no tapete, exploravam os ambientes da biblioteca e liam. Quando deu o horário indicado para a realização da atividade a professora e contadora de histórias Débora, que trabalha na instituição, pediu para que as crianças e as famílias organizassem o espaço para a realização da brincadeira. Assim, rapidamente todos colaboraram para guardar os livros e os brinquedos, cada qual em seu lugar. As funcionárias orientaram os locais corretos, ressaltando: “Livros em cima e brinquedos em baixo, não vamos misturar!” Quando tudo estava arrumado, a Débora agradeceu a participação da Eliane e pediu para as crianças respeitarem as orientações da mesma, solicitando a colaboração dos pais. Salientou que as pessoas que ainda não são sócias da biblioteca poderiam ficar sócias com um documento e comprovante de endereço. Assim, a professora Eliane pôde começar as suas atividades. Ela fez brincadeiras com as crianças envolvendo ritmo, dança e instrumentos musicais convencionais, bem como instrumentos musicais confeccionados com materiais reaproveitados (embalagens pet diversas, rolo de papelão de guardanapo de papel, rolinho de papel higiênico, elástico entre outros). As crianças ficaram muito envolvidas durante as brincadeiras coordenadas pela professora. Ouviram-na com atenção, participaram sempre que solicitadas e o clima da atividade estava muito agradável. Quando terminou, as famílias permaneceram no local. Apenas algumas foram embora de imediato. A grande maioria continuou brincando com as crianças. Algumas mães que estavam em grupo, e tem vindo participar de todas as atividades de férias promovidas, deixaram as crianças no tapete e foram para o balcão de atendimento para fazer suas carteirinhas. Outras famílias já sócias da biblioteca, aproveitaram para escolher novos livros para empréstimo. Outras, no entanto, permaneciam brincando no local.

(Diário de campo, 07 de julho de 2015, terça-feira- Período de férias escolar das crianças do município)



Figura 31- Oficina do dia 07 de julho de 2015. Foto do facebook da biblioteca.

Pode-se inferir que, para muitos que não conheciam a biblioteca, os eventos que ela oferece são o grande chamariz que atrai o público para a instituição. Contações de história, teatros, apresentações musicais, esses eventos foram cruciais para a inserção das famílias na biblioteca. Todavia, após esses primeiros contatos, os sujeitos dizem que se sentiram estimulados a frequentar o espaço, não restringindo as visitas apenas às datas em que são oferecidos os eventos para as crianças. No entanto, muitos tentam coincidir os dias de empréstimo de livros com as datas de contações de história.

Ao longo de mais de um ano de acompanhamento da biblioteca, notou-se que a programação mensal é bastante variada e que, ao menos uma vez no mês, é oferecida uma contação de história para o público infantil, aos sábados. Geralmente são contadores voluntários que se apresentam e, em algumas ocasiões, os próprios funcionários da biblioteca. Em alguns meses, no entanto, ocorreram duas ou três contações de história nos finais de semana e no período de férias escolares. Além das contações de sábado, a biblioteca oferece uma programação especial com contações durante os dias da semana.

As famílias prestigiam as contações, que para elas são visivelmente planejadas, envolvendo recursos que tornam as histórias mais atraentes e lúdicas.

(...) Eu acho que o diferencial da minha contação de história pra minha filha e de trazer ela aqui, é que aqui envolve música, tem um algo mais na contação, né. Tão sempre preparando alguma coisa diferente, uma musiquinha, uma dobradura, um fantoche. Tem outros recursos. Acho que o diferencial são os recursos que as pessoas utilizam aqui pra deixar a história mais viva, mais atraente.

(Viviane)

Para Marcela, que é formada em Artes, o modo de conduzir a história das contadoras é importante, pois aguça os sentidos das crianças e oferece experiências novas que poderão ser marcantes.

Geralmente o que te tira do seu cotidiano é o que passa pelos seus sentidos, pela sua expressão corporal. Então eu acho o máximo a monitora, depois... Bom primeiro que durante a historinha mexeu com música. Todos os gestos que elas faziam, pedir pras crianças cantarem durante a música e até o encerramento que ela fez, que acho que era uma atividade mais pra descontrair as crianças, mas funciona como esse link com o corpo, com a expressão corporal que ajuda a memorizar, a trazer essa experiência da história, de novo, trazer esse momento da história como uma experiência, daí sim essa experiência gravada na memória.

P- Aha. Faz todo o sentido pra criança né.

M- Eu acho que sim. E a idade das crianças varia muito. Então a maneira como você usa esse envolvimento dos outros sentidos ele é muito significativo, principalmente para as crianças mais novas. Elas não têm a memória como a gente tem: linear, cronológica, embora a nossa memória não seja tão linear assim, mas a memória delas é muito movimentada, então eu acho muito importante para fixar.

(Marcela)

Na mesma direção, Angélica fala sobre o interesse das suas crianças em vir para a biblioteca especialmente para assistir às contações.

P- E porque a senhora passou a frequentar a biblioteca com eles?

Ang- Então, é porque aqui eles montaram esse espaço que é mais lúdico, né, então acaba tendo o atrativo, porque a criança...Só o livro a gente já tem em casa, tem bastante, né. Na escola eles também têm acesso. Então esse espaço mais lúdico pra criança já estimula bem pra criatividade, pra oralidade. (...) Mas pra faixa etária deles ainda, o interesse deles mesmo é ver a história, a prática. Então que nem hoje tá tendo o teatro! Tem histórias que eles vêm aqui e já tão acostumados a ler, eles vêm na prática. Ano passado teve uma história muito legal aí que eles já conheciam a história inteirinha e quando viu aqui, dá outra qualidade pra história!

(Angélica)

Para a mãe, o grande atrativo são as contações de história. Como é professora, e vem de uma família de professores, relata já possuir uma quantidade grande de livros, e que o que mais motiva as crianças para a frequência na biblioteca é a encenação das histórias lidas, pois gostam de ver as contadoras que representam com vozes, fantoches e outros objetos, as histórias lidas nos livros. Segundo ela, isso marca as crianças e seus filhos sempre pedem para voltar, por isso a família se esforça para participar de todos os eventos. Outra mãe que vê a importância de oferecer para as crianças essas atividades diferenciadas que envolvem o livro é Sônia.

P- E vocês vêm para participar das contações e dos eventos, como hoje, ou apenas para emprestar livros também?

So- Pelos dois momentos. Pelos dois momentos, porque assim... Eu acredito assim que a criança tem que fazer não só a leitura assim do suporte, do livro em si. Isso é bacana, é muito bom, mas assim que nem a ponte que ela fez de contar uma história (aponta para as contadoras que estão no tapete), isso favorece a criança a ter curiosidade em fazer uma leitura, né. Então eu acho assim muito bacana esse incentivo. Que nem assim, alguns pais talvez tragam mais pelo movimento aí acabam levando os livros, mas acho que uma coisa completa a outra, né.

(Sônia)

Portanto, para Sônia, além de levar os livros para leitura em casa, assistir à contação de história na biblioteca é importante, por se tratar de uma outra prática, também estimuladora. Segundo ela, muitas vezes suas filhas procuram pelos livros que foram usados na contação de história, para empréstimo. Isso tudo parece ser fruto da curiosidade aguçada durante a contação. A mãe acredita que, ao participar desses eventos, as famílias vão se sentindo motivadas a buscarem os livros.

Os próprios adultos dizem gostar de assistir às contações de história. Eles afirmam que aprendem com as contadoras a dar entonações durante as leituras, fazer alguns gestos e isso repercute no modo como vão ler depois para as crianças em casa.

P- E observando as contadoras de história, mudou alguma coisa na sua forma de contar história pra sua filha?

An- Ah sim. A entonação, o jeito. Ah você se identifica com algumas, né. E sem dúvida você traz isso pro teu jeito de falar. Inclusive a Maria Eugênia essa semana fez uma... um questionamento que eu achei muito engraçado, porque eu tava, nós estávamos estudando geografia juntos essa semana e eu tava falando, estudando como se fosse falando uma historinha. Aí ela falou: Pai isso aqui não é uma história! Isso aqui é geografia, né. (...) Eu acho que assim não é só a entonação, mas tem todo um contexto, né.

(Antônio)

Segundo Antônio, a identificação com os modos de ler e contar uma história faz com que traga para suas práticas as referências apreendidas. Ele exemplificou que, ao estudar com a filha, fala sobre o assunto como se contasse uma história. Para ele, que frequentemente participa das contações com Maria Eugênia, sempre se aprende com as contadoras a que assistem. A mãe Karen, que em outro momento declara ser uma negação na leitura, demonstra em seu relato o interesse que tem pelas contações de histórias assistidas com a filha.

P- Mas o que você acha desse momento da contação?

K- Super interessante! (Fala enfatizando a palavra super)

Nossa! Muitas crianças ficam assim sabe (ela arregala os olhos, como se estivesse representando uma criança atenta durante a contação de história). Assim eu acho que aí vai da professora também, né, porque as crianças, você tem que domar as crianças, né, porque tem criança bagunceira, aquelas crianças que você tem que pegar a atenção delas né. Tem que pegar a atenção delas. Então eu via às vezes que tinha professora que pegava, conseguia pegar a atenção. Fazendo alguma coisa assim diferente, trazendo a criança pra participar da história. (...) Eu não sei se era pelo tom de voz dela, porque acho que ela tem que fazer né: "Aí criancada, então era uma vez" (Ela fala com uma voz mais animada, empolgante e ri depois). Mas eu gostei. Todas histórias que eu venho assistir eu fico, eu fico mais vidrada que a minha filha. Minha filha fica assim, fica assim prestando atenção (imita a filha com olhos vidrados e ri). E eu fico assim: Nossa que lindo! (Demonstra empolgação e ri).

P- Fica maravilhada!

K- Muito mais criança do que ela (a mãe ri novamente).

P- E participar das contações mudou alguma coisa pra você na sua forma de contar história?

K- Sim, sim. Quando eu vi a professora contando a história eu falei: "Ai quero contar desse jeito!" Eu quero fazer igualzinho! (A mãe ri) Tanto que eu participo de cuidar das crianças na igreja, né, quando eu vou contar história eu quero fazer da mesma forma! E eu percebendo que eles ficam prestando atenção em mim. Eu falo: "Gente, agora eu vou contar uma história!" (Imita o tom de voz que ela usa com as crianças, falando baixo, como se fosse contar um segredo, para aguçar a curiosidade). E as crianças faz assim ó (arregala os olhos). Eles olham pra minha cara e falam: nossa! Eles não me chamam de louca, isso que é engraçado (a mãe ri).

(Karen)

Em seu depoimento, Karen demonstra o quanto parece gostar da contação e fala da importância dos recursos e dramatizações da contadora para conseguir envolver as crianças. Ela diz que, na igreja, tenta contar as histórias como as contadoras a que assiste e surpreende-se com a atenção despendida pelas crianças, que se envolvem com sua atuação. Quando Karen lê para sua filha na biblioteca, a pesquisadora observou que ela, assim como as contadoras, atribui diferentes vozes para os personagens, fala alto, fala baixo, de acordo com

as passagens da história. A leitura é dinâmica, apresenta nuances, é envolvente para quem assiste.

Diante dos dados deste subnúcleo temático, observa-se que, ao oferecer atividades diferenciadas para as crianças, a biblioteca atrai frequentemente as famílias para seu espaço. Muitas famílias relatam ter acesso aos livros da biblioteca escolar dos filhos e que não precisariam recorrer ao acervo da biblioteca municipal. Mas, ali estando para os eventos, acabam por se interessar por algum outro livro. As famílias geralmente tentam se programar para renovar e buscar novos livros nos dias em que coincidem com os eventos. Observa-se também que, durante essas atividades diferenciadas, os sujeitos adultos apreendem novas formas de lidar com o texto, com o livro e o modo de mediá-lo.

Assim, é possível inferir, a partir dos dados deste último Núcleo Temático, que a biblioteca tem sido uma importante instituição para o processo de constituição dessas crianças como leitoras. Pelo exemplo de leitor, pela convivência profícua com o próximo, pelo ambiente acolhedor e estimulador, pelo acervo oferecido, pelas vivências possibilitadas, de um modo ou outro, a biblioteca parece estar contribuindo para marcar positivamente a relação da criança e sua família com a leitura.

6. DISCUSSÃO

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.
(Walter Benjamin)

A presente pesquisa nasceu da inquietude e do diálogo com outros estudos realizados buscando compreender as práticas efetivas que contribuem para o processo de constituição de um sujeito leitor. Assumiu-se, desde o princípio deste trabalho, que ninguém nasce geneticamente predisposto a gostar de ler; ao contrário, trata-se de um processo socialmente constituído a partir das experiências compartilhadas, vivenciadas e significadas inter e intrasubjetivamente, ao longo das trajetórias de leitura de cada indivíduo. Ao considerar esta perspectiva, defende-se que a diferença entre ser um leitor autônomo e assíduo, amante da literatura, ou, diferentemente, um sujeito com pouco interesse pelo ato de ler, está diretamente relacionada à qualidade da mediação das atividades concretamente vivenciadas de leitura, bem como aos impactos subjetivos emergentes, cognitivos e afetivos produzidos nos sujeitos, por essas práticas, ao longo de suas vidas.

Sendo assim, embora se tenha consciência de que o processo específico de constituição do leitor não possa ser generalizado, em virtude de sua singularidade e complexidade, e a certeza de que, o que é positivo para um sujeito, não garante imediato sucesso para outro, hajam vistas as características sócio-interativas e individuais-cognitivas deste processo (Smolka, 1989), acredita-se que descrever e analisar as práticas concretas, que viabilizam o sucesso na aproximação entre alguns sujeitos e a prática de leitura, pode contribuir e trazer elementos que possibilitem compreender aspectos relevantes do processo e, assim, ampliar as discussões neste campo do conhecimento.

Neste sentido, buscou-se considerar a leitura como é praticada por sujeitos que frequentam com entusiasmo uma biblioteca pública municipal, focando suas operações concretas. Ao olhar para a mediação dos adultos com as crianças e suas aproximações com os livros e a leitura, tentou-se registrar os modos como essas famílias interagem, como se relacionavam com os livros e com o ambiente da biblioteca, além de considerar seus depoimentos acerca de suas práticas fora desta instituição. Também se almejou entender como as famílias se envolveram com esta biblioteca, investigando a relevância desta instituição para as mesmas, bem como seus possíveis impactos para a constituição dos leitores. Para tal, foi

crucial olhar para os dados produzidos a partir da perspectiva teórica assumida, amparando-se em Vygotsky e Wallon para a compreensão do desenvolvimento humano em uma perspectiva monista, e em autores como Certeau, Chartier, Bakhtin, que fornecem subsídios teóricos em relação às concepções de leitura.

Ao observar as práticas das famílias na biblioteca por mais de dois anos e ao entrevistá-las, evidenciou-se que todas elas valorizam extremamente a leitura, que em seus depoimentos aparece associada ao lúdico, ao encantamento, ao prazer, ao conhecimento, à possibilidade de crescimento pessoal/profissional e à capacidade de, através dela, aprender e acumular bagagem cultural para expressar-se melhor, tanto na escrita de textos quanto por meio da linguagem oral.

Evidentemente, esta representação da leitura como atividade humana privilegiada, esboçada pelas famílias, são ressonâncias/ecos de outros enunciados que circulam em nossa sociedade em defesa da importância do ato de ler. Para Bakhtin (2003), essas ressonâncias se dão porque um enunciado nunca é construído no vazio, sendo sempre responsivo e marcado por outros tantos enunciados da cadeia dialógica. Segundo o autor, “É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de uma dada esfera da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2003, p. 297).

Também é importante considerar que os discursos dos sujeitos estão permeados pelas imagens que têm do interlocutor, aquele a quem se dirigem, sendo a entrevista uma construção, uma interação, uma negociação cultural que ocorre em um espaço e um tempo socialmente situado. De acordo com Hessel Silveira (2002), a entrevista é um evento discursivo complexo, que se forja não apenas pela interação entrevistador/entrevistado, mas também pelas imagens, representações e expectativas postas no momento de sua realização, bem como sua análise.

Deste modo, é necessário considerar que, neste caso, os adultos falavam de suas práticas de leituras com as crianças para uma professora, mestrande de uma instituição educacional reconhecida e pesquisadora da leitura. Assim, pressupõe-se que suas falas estavam planejadas, pensadas e organizadas para responder da melhor forma possível aquilo que se esperava de uma família que zela pela educação de suas crianças. Para Bakhtin,

“(…) a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados (...). A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao

locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc) (Bakhtin, 2004, p. 112).

Nesta perspectiva, compreende-se que o que foi dito, durante as entrevistas, foi construído diante de uma “avaliação social”, em consideração ao interlocutor, sendo, portanto, o destinatário do discurso parte do próprio movimento de elaboração deste enunciado. Diante disso, seria um equívoco fazer a análise do discurso dos entrevistados sem levar em consideração o contexto e a relação de produção das entrevistas.

Portanto, é importante considerar que estes adultos são letrados, que vivem em uma sociedade grafocêntrica e que reconhecem a importância do escrito em suas atividades cotidianas. Eles têm filhos/sobrinhos/netos matriculados em escolas regulares e delas recebem, também, a mediação dos professores para a leitura. São pessoas que moram em uma cidade que, há pouco mais de uma década, mobilizou a população com o projeto “Jundiaí, a cidade que mais lê no Brasil”. São sujeitos que participam ativamente de uma biblioteca pública municipal, por diversas razões, e nela estão quando falam da leitura.

Conforme citado, estes adultos acreditam indubitavelmente no poder da leitura, associando-a a uma condição fundamental para a ascensão social: supõem que, ao ler, suas crianças ampliarão o vocabulário, desenvolvendo e apropriando-se da linguagem culta, de modo que terão maior probabilidade de produzir textos melhores, contribuindo, deste modo, com o seu processo de escolarização e, conseqüentemente, impactando nas suas condições futuras de vida. Por isso, buscam estimular que as crianças se apropriem com entusiasmo da escrita e da leitura. Isto pode ser observado no relato de Marta, como exposto abaixo, além de ter sido verbalizado por outros sujeitos.

Eu não tenho condição de dar presente caro, essas coisas. O que eu posso dar é trazer eles (sobrinhos) prá ver livro né, pra tentar... Porque eu acho que vai ser bom pro futuro deles também, né. (...) Porque eu sei né, porque igual à gente na minha casa, minha mãe super simples. Minha mãe não sabia ler nem escrever. Meu pai também não. Então a gente não teve esse hábito de ler e eu sei da dificuldade de hoje, né. Porque aí você não sabe conversar direito, você não sabe escrever direito. Na escola você não vai tão bem né (Marta).

Nota-se, no depoimento desta tia, a relevância que hoje ela atribui à leitura, principalmente por ela própria não ter vivenciado este contato afetivo com os livros. Para a tia, incentivar a criança a gostar de ler é presenteá-la e contribuir para seu sucesso escolar e profissional. Neste sentido, é possível detectar nos enunciados destas famílias a polifonia, o diálogo com outras vozes que circulam há décadas, legitimando o ato de ler, já bastante difundida, pois se acredita que

(...) ficar excluído da escrita é ficar excluído do mundo. Muitas pessoas que não têm acesso à escrita ou não conhecem bem seus usos, sentem-se indignadas. (...) Ao compartilhar a leitura, ao contrário, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal (Petit, 2008, p. 43).

Para outros, além do conhecimento proporcionado, a leitura é uma atividade ímpar que possibilita experiências estéticas e lúdicas, sendo fonte de prazer e encantamento. Para eles, a leitura possibilita a fuga da realidade, a inspiração para resolução de conflitos pessoais, a restauração. De acordo com Petit (2008),

Os livros, e em particular os de ficção, nos abrem as portas para um outro espaço, para uma outra maneira de pertencer ao mundo. Os escritores nos presenteiam com uma geografia, uma história, uma paisagem onde retomamos o fôlego (Petit, 2008, p. 79).

Para a mãe Rafaela, ler tem justamente este poder restaurador, que, segundo ela, sempre contribuiu para o enfrentamento de dificuldades de sua própria vida. Ao ler um livro, a mãe relata sentir-se acompanhada, deixando suas fragilidades para embarcar em aventuras com sentimentos novos, perspectivas diferentes, que amenizam o sofrimento e inspiram ações. Outros familiares apontaram o mesmo sentido encontrado na leitura, recorrendo à metáfora da viagem, comumente utilizada para expressar a magia da atividade leitora. Pelo prazer que estes adultos sentem quando “viajam” com as leituras proporcionadas pelos livros lidos, desejam que suas crianças também construam vínculos afetivos com os mesmos, para que tenham semelhante incursão neste universo. Para José (2007),

O livro infantil, que é oferecido para a criança ler, ou é lido para ela, caso não esteja alfabetizada ainda, é um pequeno brinquedo capaz de despertar o interesse pelas coisas sensíveis, criativas e inteligentes e belas. Através das histórias fictícias e da poesia, fazemos uma viagem de sonho e puro encantamento. Aprendemos sem traumas, a lidar com problemas diários. Conhecemos melhor a realidade que nos cerca. Crianças e jovens que não tiveram o seu imaginário desenvolvido, aquecido pela leitura literária, pela dramatização, pelo poder de encantamento da música e das artes plásticas, serão pessimistas, endurecidas, incapazes de sorrir e de ser feliz (José, 2007, p. 29).

Neste panorama, o livro proporciona conhecimento, diversão, encantamento, poder restaurador e poder transformador. As razões para ler são muitas e ninguém ousa colocar em dúvida a relevância desta atividade. Porém, o que se preconiza, cada vez mais, é que não basta ler, mas envolver-se com a leitura significativamente, praticando-a com prazer, pois, a leitura não é uma prática neutra, visto que carrega valores, habilidades, sentimentos e é mobilizada

por representações. As pessoas produzem sentidos sobre suas práticas de leituras e estes devem ser associados ao prazer, para que se instaure o sucesso neste processo.

Geraldi (2004), por exemplo, defende a necessidade do resgate da “leitura-fruição do texto”, o ler por prazer. Para o autor, exigir atividades que materializem a leitura realizada pelos sujeitos, tais como fichas de leituras, trabalhos, resumos, provas, etc. é um equívoco da lógica capitalista que se acostumou a apenas valorizar os produtos concretos de uma atividade. Deste modo, ressalta a urgente necessidade de promover o “ler por ler, gratuitamente” e argumenta:

É obvio que essa gratuidade tem boa paga: a informação disponível, como o saber, frequentemente gera outras vantagens... Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio – o prazer- me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de “incentivo à leitura” (Geraldi, 2004, p. 98).

Portanto, cada vez mais tem sido considerado como relevante, para o sucesso na aproximação dos sujeitos com a leitura e a escrita, a qualidade dos processos de mediação durante o processo interativo de aquisição e relacionamento com estas atividades. Os dados do Grupo do Afeto mostram claramente esta relação. A pesquisa de Grotta (2000), ao investigar as trajetórias de leituras de sujeitos reconhecidos socialmente pelo seu interesse literário, considerou que os modos como os sujeitos foram inseridos no universo da leitura foram fundamentais para estabelecimento de vínculos afetivos entre os leitores e a literatura. Seus dados revelam que estes leitores ouviram muitas histórias durante a infância, sempre lidas ou contadas por pessoas queridas, enfatizando que o contexto envolvido durante as narrativas cativavam os sujeitos mais do que o próprio conteúdo, em algumas ocasiões. Estes sujeitos verbalizaram também sobre o acesso que tiveram aos materiais de leitura, desde a infância, assim como sobre os modelos admiráveis de leitores, que os inspiravam. Para eles, além da família, a escola e a faculdade, foram igualmente importantes para incentivar e manter o prazer pelo ato de ler.

Ao compreender a importância da instituição escolar para o processo de constituição do leitor, a pesquisa de Silva (2005) focou as experiências de leitura de alunos do Ensino Fundamental. Em consonância, os dados indicam que a qualidade da mediação dos professores foi primordial para contribuir para a interação dos sujeitos com os materiais de leitura; destacam que projetos literários e outras atividades, que permitiram o envolvimento afetivo dos sujeitos com a leitura, foram marcantes e decisivos para os sentidos construídos em torno do ato de ler.

Na mesma direção, Souza (2005) enfatizou o papel da mediação para a leitura no ambiente familiar. Ao investigar sujeitos reconhecidos pelo envolvimento afetivo com a leitura, compreendeu que a família foi extremamente importante para estes participantes, pois organizou e mediou com sucesso suas primeiras situações de leitura. De acordo com a autora,

Durante todo o processo de formação, pudemos identificar conteúdos afetivos, como carinho, atenção, proximidade física, respeito, aconchego, prazer, os quais, segundo relato dos sujeitos, foram os fatores facilitadores pelo sucesso da relação deles com a leitura.

As sensações e os sentimentos, envolvidos nas experiências de leitura organizadas pelas famílias, participaram do processo de significação elaborada pelos sujeitos, em relação às experiências que viveram (Souza, 2006, p. 251).

Portanto, as pesquisas do Grupo do Afeto consolidam a tese de que afeto e cognição são fundamentais para a constituição do sujeito leitor, sendo decisiva a qualidade da mediação durante o processo de ensino-aprendizagem. Acredita-se que os diversos modos de envolvimento afetivo com o ato de ler, impactam nas zonas de sentido dos sujeitos e na constituição de suas subjetividades.

Estes trabalhos ancoram-se na perspectiva Histórico-Cultural que contribui incrivelmente para esta discussão, dado que, para esta abordagem teórica, a mediação é um conceito central, pois se acredita que, exceto as funções elementares, todas as outras relações do sujeito com o mundo são sempre mediadas. Para Vygotsky (2007),

(...) a estrutura de operações com signos requer um elo intermediário entre o estímulo e a resposta. Esse elo intermediário é um estímulo de segunda ordem (signo), colocado no interior da operação, em que preenche uma função especial; ele cria uma nova relação entre S e R. O termo “colocado” indica que **o indivíduo deve estar ativamente engajado no estabelecimento desse elo**. Esse signo possui, também, a característica importante de ação reversa (isto é, ele age sobre o indivíduo e não sobre o ambiente) (Vygotsky, 2007, p. 33. Destaques da pesquisadora).

Portanto, Vygotsky considera que as atividades superiores que os Homens desempenham sempre são mediadas, pressupondo o engajamento dos indivíduos. No caso da leitura, depreende-se que, para ler, o indivíduo necessariamente é mediado por outros sujeitos ou elementos para a efetivação desta atividade, pois se acredita que “o indivíduo não tem instrumentos endógenos para percorrer, sozinho, o caminho do pleno desenvolvimento” (Oliveira, 1995, p.12). Deste modo, entende-se que, para que haja desenvolvimento, o sujeito deve estar em contato com objetos de conhecimento, imerso em ambientes facilitadores de aprendizagem, em contato com sujeitos mais experientes que possam atuar como mediadores, destacando-se, portanto, o papel do outro e das interações, pois, neste paradigma, considera-se que o sujeito não é um ser passivo e nem ativo, mas interativo.

Isto posto, outro conceito capital desta teoria é o conceito de internalização, pois, para Vygotsky, o sujeito constitui-se histórica e socialmente em dada cultura, de modo que o que ocorre entre os sujeitos intersubjetivamente é posteriormente internalizado, tornando-se intrasubjetivo. Assim, de acordo com Oliveira (1995),

A trajetória do desenvolvimento humano se dá, portanto, “de fora para dentro”, por meio da internalização de processos interpsicológicos. As metas e os processos de desenvolvimento do indivíduo humano, o qual jamais existe enquanto tal fora de um grupo cultural específico, são sempre definidos culturalmente. Um ser humano que passe toda sua vida no interior de um grupo cultural ágrafo, por exemplo, jamais será alfabetizado. Mesmo possuindo todo o aparato físico da espécie que possibilita a seus membros o aprendizado da leitura e da escrita, esse indivíduo nunca aprenderá a ler e a escrever se não participar de situações e práticas sociais que propiciem esse aprendizado. Esse é um exemplo claro de um processo de desenvolvimento que não ocorre se não houver situações de aprendizado que o provoquem (Oliveira, 1995, p. 11).

Portanto, evidencia-se que, necessariamente, o desenvolvimento pressupõe aprendizagem e é nas interações sócio-culturais que elas acontecem. Assim, a criança se desenvolverá para a leitura ao ver os sujeitos que a cercam em atividades de leitura, se participar de ambientes que promovem esta atividade, se tiver contato com livros e vivenciar experiências com a leitura de livros. Segundo Oliveira e Rego (2003), “O primordial no entendimento da formação do sujeito é que sua individuação se inicia nas experiências propiciadas pela cultura” (p. 32). Por isso, a qualidade da mediação e o modo como os sujeitos praticam a atividade é fundamental para a relação que se estabelece com determinados sujeitos e os objetos do conhecimento.

Ao compreender o Homem e uma perspectiva monista, postula-se que afeto e cognição são dimensões inseparáveis e igualmente fundamentais para este processo. De acordo do Leite (2011),

(...) as relações *sujeito-objeto-agente mediador* são, também, marcadas pela afetividade, ou seja, toda experiência *sujeito-objeto* produz repercussões internadas, de natureza afetiva, as quais participam da constituição da subjetividade do próprio sujeito. E mais: a qualidade da mediação desenvolvida determina, em parte, o tipo de relação que se estabelece entre sujeito e objeto; por aí podemos entender como se constituem as histórias de relação sujeito-objeto, que geralmente variam em um contínuo, do amor ao ódio, frutos das histórias de mediação vivenciadas (Leite, 2011, p. 39)

Dessa forma, vai se tornando cada vez mais evidente que a relação de um sujeito com determinados objetos de conhecimento ou práticas culturais envolvem também, e necessariamente, a dimensão afetiva. Defende-se que todo processo de aprendizagem, e a leitura é um deles, prescinde de envolvimento afetivo, cognitivo e motor, todos eles importantes, fazendo-se necessário romper com a supremacia do cognitivo.

Apoiando-se nestes postulados, a partir da base teórica adotada, as pesquisas realizadas pelo Grupo do Afeto sugerem claramente que não basta ter livros em casa, na escola e ter acesso a uma vasta biblioteca, se não significarmos positivamente a nossa relação com eles. A relação do sujeito com a leitura não é simples nem direta, não basta apenas dominar cognitivamente o processo de leitura e escrita: isto não é condição para que o sujeito torne-se leitor autônomo. Compreende-se, também, que livros enfileirados nas prateleiras, sem uso, são meros objetos decorativos, sem função social, emotiva e sem potencial formativo. Nesta direção, Silva (2001), enfatiza que:

A existência de livros disponíveis e de fácil acesso não garante, por si só e necessariamente, o surgimento da leitura enquanto uma experiência de prazer e de conhecimento objetivo da realidade (Silva, 2001, p. 13-14).

Assim, mais que ter acesso aos livros, preconizam-se mediações afetivas, de modo que os sujeitos possam encartar-se com eles, fazê-los “viver” e contagiar outros leitores, para que os livros tenham vida prolongada. Neste processo interativo de aprendizagem e desenvolvimento da leitura, portanto, deve-se sempre considerar que, junto com a apreensão do conhecimento, o sujeito internaliza valores socialmente partilhados, bem como sentimentos em relação à atividade experimentada, que contribuem para a constituição da própria subjetividade que é necessariamente constituída na intersubjetividade. Neste processo, afirma-se que

a linguagem passa a ser considerada o lugar da constituição da subjetividade. É pela linguagem que o homem se constitui enquanto subjetividade, porque abre espaço para as relações intersubjetivas e para o reconhecimento recíproco das consciências (Brandão, 1997, p. 284).

Portanto, se a constituição humana se dá pela linguagem, as interações do sujeito com os outros se tornam fundamentais. Neste sentido, o cuidado com a qualidade da mediação é fundamental quando se preconizam aprendizagens de sucesso. Para Tassoni (2013),

É importante destacar que a afetividade envolve um conjunto amplo de manifestações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis. O que se ressalta no momento é que, em se tratando de situações de ensino e aprendizagem, as experiências que evocam sentimentos agradáveis podem marcar de maneira positiva os objetos culturais (Tassoni, 2013, p. 528).

Neste bojo, verifica-se, portanto, que o discurso do prazer da leitura torna-se proeminente; ler esporadicamente, em resposta a uma solicitação, não basta para consolidar o leitor autônomo! A literatura aponta que escritores e leitores de sucesso, necessariamente, construíram, ao longo de suas vidas, relações afetivas positivas em torno do ato de ler. Assim,

quando a mãe Eliana relata suas experiências com a leitura, mencionando, por exemplo, o prazer que sente ao ler seus romances e ficções, e enfatiza o desejo de proporcionar aos filhos a possibilidade de eles vivenciarem as mesmas emoções sentidas por ela, durante a leitura de um livro, parece dialogar com as ressonâncias desta concepção.

Também as práticas que as famílias realizam para aproximar as crianças e os livros, expressas no primeiro Núcleo Temático, apesar de suas singularidades, estão carregadas de ecos dos discursos que circulam socialmente, revelando crenças e representações em torno das atividades de leitura valorizadas. Isso porque, toda prática é culturalmente organizada e situada. Para Chartier (1999),

(...) as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade. (...) Os membros dessas comunidades, supondo que possamos identificá-los, imitam, pelo fato de terem sido beneficiados por uma aprendizagem, o comportamento da geração precedente, dois pais, ou pais eletivos (Chartier, 1999, p. 91 -93).

Neste sentido, compreende-se que as práticas expressas pelas famílias foram observadas em outros, apreendidas, vividas, replicadas, modificadas e (re)inventadas em circunstâncias específicas. Estes adultos que atuam como mediadores utilizam-se de táticas diversas para inserir e manter o vínculo afetivo das crianças pelo universo da leitura.

A partir dos dados produzidos, compreendeu-se que ler para e com as crianças, escutá-las enquanto lêem ou recontam uma história, conversar sobre o lido e garantir o acesso livre aos livros são as práticas concretas mais comuns que as famílias realizavam no espaço da biblioteca; da mesma forma, relataram acontecer em casa e em outros ambientes, sendo que estes momentos aparecem permeados de afeto.

A leitura compartilhada em voz alta é a prática mais citada entre todas as famílias entrevistadas e, geralmente, os adultos declaram que iniciaram esta atividade com as crianças desde quando elas eram muito pequenas. Algumas mães e avós verbalizaram que liam desde quando a criança estava no carrinho de bebê.

Entretanto, alguns reconheceram que, quando as crianças crescem e começam a ler independentemente, esta leitura realizada pelo adulto diminui de frequência, embora não cesse definitivamente. A mãe Andréia, por exemplo, relatou que ainda gosta de ler para os filhos adolescentes, porque aprecia este momento afetivo que ocorre quando partilham a leitura de uma história. Com isso, ela mantém o vínculo com os filhos, realizando algo que lhe é especial.

Os adultos lêem com frequência para as crianças quando estão na biblioteca, e esta atividade se dá em clima afetivo, sendo que adultos e crianças parecem entregues ao prazer da leitura. Durante as leituras observadas pela pesquisadora, constatou-se que os sujeitos esforçam-se para ler com fluência e “lêem com o corpo todo”. Usam diferentes vozes, arregalam os olhos, falam alto, falam baixinho, acolhem as crianças no meio de suas pernas, carregam as menores no colo... A leitura mobiliza todo o corpo, é uma intensa atividade criativa, cognitiva, afetiva e motora.

A leitura, portanto, não é mera decodificação de letras em palavras, em orações e textos. Para Chartier (2002),

Considerar a leitura como um acto concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática do ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais – chamemos-lhes “tipográficas” no caso dos textos impressos- que são os seus (Chartier, 2002, p. 26).

Portanto, assim como Bakhtin (2003) evidenciou que a palavra só funciona como enunciado na expressão do falante em dada situação concreta, o mesmo é válido para a leitura, uma vez que ela só existe na atividade concreta, no contato direto e mediado de seus leitores. Consequentemente, esta leitura com nuances diversas, atingida no ato de ler e enriquecida de vários elementos exteriores ao texto, parece ser significada subjetivamente pelas crianças, como uma atividade prazerosa, de modo que, mesmo com tantos brinquedos disponíveis, as crianças sempre procuram por um livro e solicitam sua leitura. O prazer de estar na biblioteca também é mensurado pelo desejo que a criança sente de permanecer neste ambiente, não sendo raras as cenas de choro ou birra das crianças no momento da saída.

Nota-se que as práticas da leitura parecem ser significadas positivamente, de modo que, para estes adultos mediadores, ler é importante não apenas para ensinar a leitura, o código escrito, atender uma demanda da escola ou cumprir meramente um ritual estabelecido. Ao contrário, essa prática é percebida como momento importante entre os familiares que também sentem prazer nesta interação. A atividade, que é permeada de afeto, passou a ser sempre solicitada pelas crianças.

A leitura, em diversos momentos, foi associada ao vício. Alguns sujeitos assumiram-se viciados em leitura de livros e adultos revelaram que as crianças parecem seguir a mesma direção, não conseguindo dormir, por exemplo, sem que um adulto leia algo para ela, como no caso da Luana, filha de Lúcia, que, na ausência dos pais, recorre carinhosamente à irmã, pedindo-lhe uma leitura antes de dormir. Dormir sem ler, sem ouvir a voz carinhosa da mãe,

sem a presença de personagens para embalar seu sono, traz um desconforto para o sujeito, que deseja reviver uma situação cognitiva e afetiva que lhe agrada.

De acordo com Petit (2008, 2009), a oralidade tem um papel primordial para a criação do gosto pela leitura, que deriva em grande parte da intersubjetividade dos adultos leitores com as crianças; tal processo é muito determinado pela voz. De acordo com a pesquisadora,

Se nenhuma receita garante que a criança lerá, a capacidade de estabelecer com os livros uma relação afetiva, emotiva e sensorial, e não simplesmente cognitiva, parece ser de fato decisiva, assim como as leituras orais: na França, o número dos grandes leitores é duas vezes maior entre os que se beneficiaram de histórias contadas pelas mães todos os dias do que entre os que não ouviram nenhuma. Antes do encontro com o livro, existe a voz materna, ou em alguns casos, paterna, ou ainda em certos contextos culturais da avó ou de uma outra pessoa que cuida da criança, que lê ou conta histórias (Petit, 2009, p. 58).

Britto (2012) também sustenta a tese de que ler para as crianças é fundamental, pois “Na primeira infância, ler com os ouvidos é mais fundamental que ler com os olhos” (p.108). Para o autor, a criança toma a voz emprestada dos familiares, amigos, da professora e com a voz emprestada ela está lendo com os ouvidos, assim como outros lêem com os olhos ou com as mãos. Portanto, defende-se que muito antes de a criança ter condições de ler com seus próprios olhos, as crianças estejam em contato frequente com a leitura.

Além desta leitura realizada pelo adulto, que pareceu extremamente importante para que as crianças significassem positivamente o livro e o ato de ler, outra prática dos adultos parece contribuir para o processo de constituição destas crianças enquanto leitoras de livros: ouvir a leitura ou o reconto realizado pelas crianças. As crianças gostam de ouvir os adultos, mas também querem ler, demonstrando interesse para contar histórias, em alguns casos, muito antes de dominarem a escrita e a leitura.

Inspirados em Wallon, Tassoni e Leite (2013) afirmam que, desde a tenra idade, a criança sente-se atraída pelos sujeitos que a cercam, mostrando-se sensível aos indícios de disponibilidade do outro em relação à sua pessoa. Assim, por admirar seus leitores, toma-os como modelo, imitando-os. Neste processo, as crianças imitam seus pais, avós, tios, irmãos e professores e é diante deles que assumem o papel de leitor, por perceberem a disponibilidade dos mesmos para compartilhar da situação emergente.

Para a avó Marisa, o estilo que a neta encontrou para socializar a leitura traz as marcas e os gestos de sua professora. Segundo a avó, a menina tem um modo de segurar o livro e mostrar as ilustrações que imita a docente, além da utilização de expressões comuns à sala de aula. A filha de Karen, que aprecia a leitura da mãe, também gosta de ler para os avos, quando vai dormir na casa deles:

K- Então, antes de dormir tem que ler, sempre. (...) Aí lê uma historinha. Aí só que é o seguinte. Uma não é...uma não basta. "Ai você não quer ler a outra?" (imita a filha falando). "Ai pelo amor de Deus. Uma só tá bom!" (imita ela respondendo para a filha) Por quê? Porque senão ela não vai dormir, ela fica mais...Ela tá ali ó, ela tá sintonizada na história, ela quer mais uma história.Ela quer outra. Ela quer mais uma, ela quer mais uma. Entendeu? Então eu falo: Chega! Já basta. Uma só tá bom, outro dia eu conto outra história. Quando ela vai pra casa dos avós dela agora, que ela tá ficando a noite com os avós, tem que levar os livros! Tem que levar os livros porque aí ela quer contar pros avós as histórias.

P- Olha que graça! (Depoimento Karen)

Assim como a neta de Marisa e a filha de Karen, outras crianças, que gostam de ouvir histórias, aprenderam a contar histórias para os familiares e também para suas bonecas e bonecos, durante um faz-de-conta. Costa (2003), uma estudiosa da teoria walloniana, afirma que:

A imitação, indução do ato por um modelo exterior, é uma atividade que relaciona o movimento e a representação. Não é, de início, representação, mas um recurso simbólico que a prepara. Inicialmente afetiva, constitui os primeiros objetivos que orientam a atividade infantil: a criança reproduz os modelos das pessoas que profundamente a atraem ou situações que a agradam. (...) Na participação do modelo a criança encontra os primeiros meios de percebê-lo e imitá-lo. Mas ela não reproduz suas observações de imediato e, sim, após um período de incubação que pode durar duas horas, dias ou semanas. Para construir a imagem, precisa antes conhecer o objeto, manipulá-lo, estabelecer relações com ele (...). Neste sentido, a imitação é, ao mesmo tempo, participação e desdobramento do ato, contradição que anuncia o nascimento da representação e revela sua importância para o desenvolvimento psicológico da criança (Costa, 2003, p. 34).

Em consonância, para Vygotsky (2007), a imitação é importante para a criança, pois o que ela realiza, na brincadeira e no faz-de-conta, contribui para criar Zona de Desenvolvimento Proximal e auxiliar nas operações futuras. Durante o brincar de ler, por exemplo, a criança percebe a importância de alguns procedimentos de leitura que, no cotidiano, não são considerados e percebidos pela criança. Portanto, para Vygotsky, a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento infantil, pois ensina a criança a dirigir seu comportamento e constitui-se no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar (p. 122).

Outro fator relevante para se considerar, em relação a esta atividade de leitura e “pseudoleitura” realizada pelas crianças aos adultos, é o ciclo virtuoso que se instaura, uma vez que as crianças, que admiram os adultos e agem à sua semelhança, passam a ser admiradas pelos adultos, que acham graça em suas leituras e contação de histórias. Assim, o adulto lê para a criança que se inspira e lê para o adulto, que novamente lê e assim sucessivamente. De acordo com Wallon (1995), há, no percurso de desenvolvimento humano, uma fase que se caracteriza como a “idade da graça”. Segundo o autor, neste período “A criança só pode agradar a si mesma se tiver a sensação de que agrada aos outros, não se

admira a si própria se não se julgar admirada” (p. 205). Neste sentido, observa-se a importância do feedback afetivo positivo dos pais em relação a estas atividades das crianças. Ao ler para os familiares, ou a imitar que leem, as crianças estão em processo de desenvolvimento e a proximidade com estes adultos é fundamental para os vínculos afetivos estabelecidos.

Ainda sobre as leituras realizadas pelas crianças, verificou-se, de acordo com os dados, que, quando as crianças começam a frequentar o ensino fundamental e iniciam o processo de alfabetização e letramento, os adultos parecem empenhados em incentivá-las para a leitura autônoma, oferecendo auxílio durante esta atividade. Uma das primeiras preocupações dos familiares neste momento é a seleção das obras consideradas mais adequadas para estes leitores iniciantes. Assim, quando assumem a tarefa de auxiliar as crianças na busca por livros na biblioteca, são cautelosos, como os pais de Estela e Jéssica, que procuram por livros de temáticas que agradam as crianças. Antônio e Lúcia também demonstram cuidado ao buscarem por livros com letras maiúsculas e frases curtas, por considerarem que as crianças conseguirão ler com maior facilidade. Observa-se, portanto, que a escolha das obras é pautada na criança real, considerando-se suas preferências. Este cuidado que os pais têm, tanto no momento de auxílio durante a leitura, quanto, previamente, na seleção das obras, impactam na facilitação e no sucesso da leitura realizada pela criança, contribuindo para a elaboração da sua autoestima. Deste modo, ao conseguir ler, a criança parece sentir-se motivada para ler mais.

Portanto, os dados indicam que as demonstrações de afeto dos adultos durante as práticas de leitura vão desde o contato epidérmico com a criança até a disponibilidade para o outro. Isso é importante, pois, segundo Wallon (1995), durante o processo de desenvolvimento, as crianças vão apresentando exigências afetivas mais refinadas, mais cognitivizadas. De acordo com Dantas (1992), há uma “cognitivização” da afetividade e, assim sendo, se para a criança pequena o afeto está relacionado ao colo, ao abraço, ao aconchego e a outras manifestações epidérmicas e mais concretas, para as mais velhas, o afeto é percebido na disponibilidade, na atenção que o outro destina a si, nos constantes incentivos concedidos pelo adulto enquanto ela lê para o mesmo, por exemplo. Portanto, manifestada de outra maneira, a afetividade percebida nestas práticas continua sendo elementar para auxiliar na composição da subjetividade da criança.

Outra importante prática dos sujeitos da pesquisa refere-se às conversas e trocas sobre os livros lidos. Observou-se que, geralmente, após as leituras e contação de histórias, as crianças e os adultos dialogam sobre o que leram/ouviram e buscam interlocução. Este é um

momento importante para o diálogo entre os sujeitos, a troca, a aproximação e a externalização de sentimentos. Neste momento interativo, surgem dúvidas, medos, curiosidades e posicionamentos em relação às obras e, durante estes eventos dialógicos, algumas famílias aproveitam para socializar suas leituras, fazendo propagandas para que outros sujeitos da casa também tenham interesse em ler o mesmo material. Esta é uma estratégia encontrada por Andréia, que se reúne durante as refeições de final de semana, ora para fazer a leitura compartilhada de um livro, ora para comentar sobre as obras lidas individualmente pelos membros da família. Para Larrosa (2013),

Na leitura da lição não se busca o que o texto sabe, mas o que o texto pensa. Ou seja, o que o texto leva a pensar. Por isso, depois da leitura, o importante não é que nós saibamos do texto o que nós pensamos do texto, mas o que – com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto- nós sejamos capazes de pensar. O que se deve ler na lição não é o que o texto diz, mas aquilo que ele dá a dizer. (...) Por isso, ler é trazer o dito à proximidade do que fica por dizer, trazer o pensado à proximidade do que fica por pensar, trazer o respondido à proximidade do que fica por perguntar (Larrosa, 2013, p.142).

Este diálogo e esta interação que a leitura possibilita são imprescindíveis para que os textos lidos sejam significados pelos sujeitos, bem como subjetivadas estas experiências de leitura. A criança expressa-se, compartilhando suas experiências, porque sente que os adultos lhe dão atenção e valorizam suas iniciativas. Para Galvão (1995), “Atividade eminentemente social, a emoção nutre-se do efeito que causa no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam no ambiente funcionam como uma espécie de combustível para sua manifestação (p. 63). Assim, ao perceberem que seus familiares estão disponíveis para trocas e diálogos, as crianças demonstram-se encorajadas a lerem mais e a compartilharem com os familiares suas experiências de leitura. As famílias, por sua vez, continuam possibilitando e ampliando o acesso aos livros.

Todas as crianças têm acesso aos livros na biblioteca e em casa, de acordo com os depoimentos dados em entrevistas. Nota-se que elas têm autonomia para manusear os livros na biblioteca e para escolher estes materiais, fazendo-o com tranquilidade e intimidade. Em casa, as famílias relatam haver espaços organizados para abrigar os livros, gibis e revistas. Algumas famílias têm acervos modestos, com poucos exemplares, organizando-os em caixotes ou estantes improvisadas; outras, no entanto, uma grande variedade de títulos e suportes, com prateleiras, estantes e cômodos especialmente reservados para abrigarem os materiais.

No geral, as famílias afirmaram que começaram a investir em livros infantis desde quando as crianças eram bebês, adquirindo livros de banho, livros de pano ou livros mais

simples, por compreenderem que, devido à idade, estes materiais poderiam ser rasgados, “comidos” ou rabiscados pelas crianças. Apesar dos riscos, as famílias acreditaram ser importante oferecer os materiais de leitura para as crianças, ensinando-as gradativamente a ter cuidado no manuseio, os modos corretos de folhear e o respeito pelo objeto, para sua preservação. Portanto, as famílias relatam que sempre possuíram livros e que estes foram verdadeiramente acessíveis para as crianças.

Em algumas famílias, os livros também foram opções de presentes, dada sua valorização. Crianças ganharam livros no dia de seu batizado, no dia das crianças, no início das férias escolares, entre outras ocasiões. Segundo José (2007),

Quando você, leitor brasileiro, for a um aniversário de criança com mais de dois anos, repare se entre os presentes estão livros infantis. Se a resposta for sim, você poderá medir o grau de cultura e de sensibilidade da família e dos amigos. Se for não, como possivelmente acontecerá em 99% dos casos, o que poderemos pensar? O mesmo que pensamos ao entrar em uma escola sem biblioteca, em uma cidade sem biblioteca, em um quarto de criança sem livros infantis. Dizer que o livro é caro é pura besteira. Qualquer brinquedinho custa mais do que um livro. Esta questão é cultural, como já dizia, há tanto tempo, o nosso Monteiro Lobato, um dos maiores escritores infantis do mundo” (José, 2007, p. 31).

O compromisso com a aquisição de livros expressa a valorização que os sujeitos têm por este tipo de material. Notou-se que as famílias investigadas priorizaram a aquisição dos livros e quando a compra não foi possível, por razões diversas, o acesso ficou garantido por meio do empréstimo da biblioteca. Assim, as famílias não se valeram de desculpas financeiras, pois estavam cientes de que poderiam recorrer à biblioteca que, em geral, atende suas necessidades de leitura. Além dos livros pessoais e livros da biblioteca, todas as famílias relataram que o acesso a uma variedade de livros também é possibilitado pelas escolas das crianças que estudam.

Assim, ao olhar para estas práticas de leitura dos sujeitos, conclui-se que a afetividade está presente em todo o processo, desde o planejamento, o investimento de tempo, de recursos financeiros e recursos pessoais, que são dedicados às atividades de leitura, até os modos como as leituras são praticadas. Certeau (2009), ao citar Borges, diz que toda leitura modifica o objeto e que “uma leitura difere de outra menos pelo texto que pela maneira como é lida” (p 241). Elucida-se, assim, que os sentidos que se produzem durante a leitura não estão no que o texto diz. Os sentidos se produzem na bricolagem, no jogo de interlocução, na materialidade do texto, nos recursos presentes, no modo de ler, no local onde a leitura é realizada, na entonação de voz, na cadeia sonora, no vínculo afetivo entre o leitor e o ouvinte.

Para Bakhtin (1993),

Nenhum conteúdo poderia ser realizado, nenhuma idéia poderia ser realmente pensada, se não fosse estabelecida uma ligação essencial entre o conteúdo e o seu tom emocional-volitivo, isto é, o seu valor realmente confirmado para o pensador. Experimentar ativamente uma experiência, pensar ativamente a idéia, significa não ser absolutamente indiferente a ela, significa afirmá-la como forma emocional-volitiva. O pensamento real atuante é o pensamento emocional-volitivo, o pensamento entoante, e essa entoação adere de um modo essencial a todos os elementos do conteúdo semântico da idéia no ato performado (do procedimento) e põe-se em relação com a experiência-evento singular. **É precisamente o tom emocional-volitivo que orienta e afirma o semântico na experiência singular** (Bakhtin, 1993, p. 34. Destaques da pesquisadora).

Portanto, o momento concreto em que as práticas de leitura ocorreram foi fundamental, pois foram nestas situações que os sujeitos significaram intersubjetivamente a atividade, para depois apropriarem-se delas. Segundo Oliveira (1992):

“Ao tomar posse do material cultural, o indivíduo o torna seu, passando a utilizá-lo como instrumento pessoal de pensamento e ação no mundo. Neste sentido, o processo de internalização, que corresponde, como vimos, à própria formação da consciência, é também um processo de constituição da subjetividade a partir de situações de intersubjetividade. A passagem do nível interpsicológico para o nível intrapsicológico envolve, assim, relações interpessoais densas, mediadas simbolicamente, e não trocas mecânicas limitadas a um patamar meramente intelectual” (Oliveira, 1992, p.80).

Neste sentido, o entusiasmo manifesto pelas famílias em torno da leitura parece estar contribuindo para que as crianças desenvolvam o interesse pela literatura, o gosto de frequentar a biblioteca, o carinho pelos próprios livros, bem como pelos livros da biblioteca e os que são enviados por seus professores da escola. Sem dúvida, este compromisso que os adultos mediadores têm e seus modos de mediar a relação da criança com este universo parecem ser cruciais para este processo de aproximação e internalização dos pequenos com a leitura.

Ao considerar a importância destes mediadores, a pesquisa buscou conhecê-los para compreender porque razão e de que maneira tornaram-se mediadores de leitura para as crianças. Desejou-se entender como apreenderam estes modos de praticar a leitura com as crianças pequenas.

Inicialmente, ao olhar para estes adultos que lêem para as crianças, que se ajoelham em busca de livros, que sentam no chão para se aproximar dos livros e das crianças, que se mostram à vontade no ambiente da biblioteca e que parecem valorizar a leitura, incentivando lindamente suas crianças a criarem vínculos afetivos com os livros e a biblioteca, acreditou-se que todos eram leitores bastante familiarizados com este universo.

De fato, ao recuperar com os sujeitos suas trajetórias de leitura, 72,7% deles consideraram-se leitores de livros e falaram de seu envolvimento afetivo com a leitura. Neste

caso, descobriu-se que a leitura de livros sempre acompanhou estes sujeitos, que se recordam de leituras afetuosas propiciadas predominantemente pelos familiares ou pelos seus docentes.

Os relatos indicam que as recordações afetivas das leituras infantis e juvenis dos sujeitos estavam marcadas pelos gestos, pelas palavras de encorajamento, pelo carinho de seus mediadores e pelas condições de acesso ao livro que eles ofereciam. Por isso, para estes sujeitos, que desde a infância transitaram com entusiasmo pelas livrarias, bancas de jornal e bibliotecas, inserir a leitura e o contato das crianças com os livros não exigiu esforços, pois já eram práticas comuns que faziam parte de suas rotinas, antes do nascimento dos filhos, netos e sobrinhos.

Para alguns pais e avós, a leitura estava presente na família há gerações e, assim, contagiar as crianças com este entusiasmo pelo mundo dos livros não representou um trabalho à parte, desdobrando-se como uma consequência. Para Petit (2009),

A leitura é uma arte que se transmite, mais do que se ensina, é o que demonstram vários estudos. Estes revelam que a transmissão no seio da família permanece a mais frequente. Na maioria das vezes, tornamo-nos leitores porque vimos nossa mãe ou nosso pai mergulhados nos livros quando éramos pequenos, porque os ouvimos ler histórias ou porque as obras que tínhamos em casa eram tema de conversa (Petit, 2009, p. 22).

Assim, as crianças que tiveram o privilégio de nascer em famílias de leitores cresceram em meio a livros, observando os adultos da casa em momentos diversos de leitura e se aproximaram com naturalidade destes materiais. Os adultos, por sua vez, passaram a adquirir obras adequadas às crianças, que já demonstravam interesse pelos livros, e as inseriram em suas visitas às livrarias e bibliotecas.

Há também os adultos que, atualmente, vão para a biblioteca com as crianças, que tiveram pouco acesso em casa aos materiais de leitura, mas que foram cativados para ler por intermédio de outros sujeitos importantes. É o caso de Luzia, que iniciou o vínculo afetivo com a leitura na adolescência, após vivenciar a mediação de seus professores de escola e, principalmente, a patroa da mãe, como se observa abaixo:

L-Eu também lembro que minha mãe trabalhava aqui no Anhangabaú, na casa de uma professora aposentada e de um advogado também aposentado. Aí eu queria ler muito um livro que na época tava fazendo muito sucesso, que era "Violetas na janela". Que era espiritismo, mas aí todo mundo das minhas amigas comentava, passava muito na televisão.

P- Sim.

L- Aí como que eu sabia que ela é dessa religião, eu pedi pra ela. Aí depois que eu mandei uma cartinha, tudo errado as letras, ela pegou e mandou. Nisso ela mandou mais desses livros assim. Dessa mesma escritora. Depois eu comecei a ler mais. Mas ela foi a mais...a pessoa que no começo pegou e me deu um livro foi ela. Era a dona Dirce. Hoje ela é falecida, mas ela que me deu.

P- Que era a....

L- A professora aposentada e a minha mãe era diarista na casa dela. Aí depois como que eu sabia, eu via minha mãe comentando que ela era professora aposentada, que ela tinha biblioteca em casa e esse livro era muito famoso, mas muito caro. Na época

minha mãe não tinha dinheiro. Aí eu mandei uma cartinha pra ela e ela me deu. Quando eu acabei de ler aí ela perguntou pra minha mãe se eu tinha acabado de ler e eu falei que sim, aí ela mandou uns outros. Ela falou: “Eu tenho outras autoras”. Aí eu comecei a ler. Não sou dessa religião, mas eu gosto de ler.

P- Ahã.

L- Aí foi assim. Ela foi... o livro que eu comecei a ler foi o dela (...) ela já mandou os outros, então eu nem precisei pedir, porque como ela já tava sabendo que eu tava acabando o livro, ela já mandou uns outros pra mim, de outros autores (Luzia).

Observa-se que Luzia quis ler este primeiro livro que a marcou por influência da mídia, devido às propagandas veiculadas na TV, bem como pela curiosidade aguçada por suas amigas, que comentavam sobre a obra. Após este episódio, encontrou na patroa da mãe uma aliada para suas leituras, pois ela passou a incentivá-la, ainda que a distância, para a leitura de obras variadas. Luzia, por sua vez, passou a ter cada vez mais interesse pela leitura, mudando a tradição de sua família de não leitores. Assim, sua casa, que não tinha um livro sequer, passou a ter livros que ela começou a ganhar e colecionar e, atualmente, ao ler, ela é um exemplo de leitora para as sobrinhas que moram com ela, exemplo familiar que nunca teve. Deste modo, a riqueza de fatos, que os sujeitos trazem em seus depoimentos, demonstram que estes adultos leitores foram iniciados na leitura em tempos diversos, em ocasiões diferentes e de modo particular, mas em comum, todos eles carregam as marcas afetivas de seus mediadores.

Todavia, a hipótese de que a totalidade dos adultos que participam desta pesquisa como mediadores de leitura eram leitores assíduos não se confirmou, uma vez que 27,3% dos sujeitos assumiram que não gostam de ler, alguns revelando, sem constrangimento, a hostilidade em relação ao livro e bloqueio para lê-los, como se observou no terceiro núcleo temático.

O primeiro aspecto a se considerar nestes depoimentos é a coragem dos participantes em assumir as suas dificuldades e desafetos com a leitura, levando a pesquisadora a colocar outras questões: qual a representação de leitor que estes sujeitos têm? Estes sujeitos seriam, de fato, não leitores de livros?

De acordo com Abreu (2014), uma concepção elitista de cultura tornou algumas práticas de leituras invisíveis, pois “A delimitação implícita de um certo conjunto de textos e de determinados modos de ler como válidos e o desprezo aos demais nos cega para grande parte das leituras realizadas no cotidiano” (Abreu, 2014). Para a autora, esta desconsideração sobre as práticas e os materiais diversos de leitura, além da excessiva valorização da leitura canônica, resultam no discurso comum de que “brasileiro lê pouco”.

Arruda (2015) realizou uma pesquisa sobre as práticas de leitura de um jornal popular de ampla circulação em Belo Horizonte: seus dados permitiram questionar este discurso recorrente de que “brasileiro lê pouco”. Sua pesquisa de campo possibilitou a constatação de inúmeros leitores em ônibus, metrô, hospitais, estacionamentos, nas bancas de jornais, em diversas ruas da cidade, praças e outros locais públicos. Para a autora:

A magnitude dos dados de estudos de consumo nos permitiu relativizar o discurso de que o brasileiro não lê. O brasileiro lê, o mineiro lê. Mas essa leitura é constituída por materiais não canônicos, como um jornal estigmatizado pela alcunha de “popular”, e por práticas provenientes de grupos comumente desconsiderados por levantamentos que se dedicam a registrar apenas as disposições de leitores bastante escolarizados e inseridos em meios considerados letrados. (Arruda, 2015, p. 155)

Neste contexto, é preciso cautela na interpretação dos dados. Por exemplo, quando os sujeitos desta pesquisa se declaram não leitores de livros, a quais livros estão se referindo? Em geral, quando verbalizaram sobre suas dificuldades para ler, citaram obras que pertencem aos cânones, fizeram referências às obras lidas no percurso de escolarização, necessárias para realização do vestibular, por exemplo. Alguns esboçaram seus desejos e tentativas de ler. Eles relataram que, de tempo em tempo, procuram pegar um livro para ler, mas logo se angustiam por demorar, por não ter concentração e por isso desistem com frequência.

Os sujeitos verbalizaram que não vivenciaram, em sua trajetória de vida, experiências agradáveis com a leitura e que, portanto, até os dias atuais, não gostam de ler livros, apesar de a maioria declarar que lê revistas, receitas, encartes e jornais. Talvez sejam leitores de livros sim, mas livros que, por não pertencerem ao cânone, não consideraram conveniente verbalizar. Observou-se que estes adultos, que declararam abertamente “não gostarem de ler livros”, apresentaram enorme interesse pelos livros de literatura infantil, embora poucos deles verbalizassem isso, talvez por não considerarem este tipo de leitura autorizada. Entretanto, ao se retomarem os dados de observação sobre as práticas das famílias na biblioteca, constatou-se que todos estes adultos sentaram-se no tapete para ler com as crianças, ou liam sozinhos, enquanto as crianças brincavam. Quando compartilhavam a leitura em voz alta, a leitura era fluente, a voz acompanhava os personagens e os sentimentos expressos pelo autor da história. Estes adultos pareciam se realizar nesta atividade de leitura dos livros para as crianças, de modo que fica difícil imaginar a aversão que afirmam ter por outras obras literárias e leituras que consideram legítimas para seu grupo social. De fato, seriam estes sujeitos “não leitores de livros”?

Por demonstrarem uma representação que enaltece a leitura e o leitor, considerando-o como um sujeito de nível cultural mais elevado que um não leitor, eles parecem desejar, com

afinco, que suas crianças se aproximem da leitura, para que possam constituir uma relação de sucesso com a mesma. Haja vista a existência do consenso, identificado em nossa sociedade, de que as pessoas devem ser leitoras. Assim, o desejo de oferecer oportunidades e condições, que eles próprios não tiveram, é muito forte. Por isso, estes adultos assumiram para si a responsabilidade de mediadores e, assim, buscam oferecer os livros para as crianças, o acesso à biblioteca, as leituras compartilhadas, as contações de histórias e procuram dialogar com elas sobre a importância do livro, assim como suas impressões sobre o lido. Dessa maneira, apesar de não terem vivenciado esta relação de prazer com a leitura, buscam inspirar as crianças; mas, não estão sozinhos neste processo, pois foram constantemente amparados pelas escolas, pela biblioteca e por outros leitores, os quais parecem ter contribuído para que estes adultos se dispusessem à mediação da leitura com sucesso.

A escola foi citada por todos os entrevistados como importante instituição promotora da conscientização sobre a importância da leitura para as crianças. Em famílias de não leitores, geralmente é na escola que as crianças experimentam as primeiras práticas de leitura, de modo que as escolas e seus professores figuram entre os principais mediadores, também responsáveis pelo processo de constituição do leitor.

Silva (2012) defende a tese de que a escola, como instituição responsável por transmitir a cultura às novas gerações, deveria ser, por excelência, responsável por promover a leitura, visto que o acesso à cultura se dá, principalmente, por meio da leitura. Assim, pressupõe que a escolarização e a leitura devem ser fenômenos imbricados. Por compreender a importância da escola neste processo, defende-se que, sem dúvida, cabe à escola abraçar o compromisso de constituição do leitor, em parceria com a família, com o objetivo de formar leitores competentes, autônomos e assíduos.

Em relação a esta parceira escola - família, os resultados desta pesquisa indicam que parece haver interesse das escolas neste sentido, pois a grande maioria dos pais citou que as escolas, além de realizarem leituras para as crianças no período de aula, incentivam o empréstimo de livros que devem ser lidos pela família dos alunos. Esta prática de empréstimo de livros, aparentemente simples, é bastante eficaz para as famílias, pois mobiliza toda a família para a realização de leituras compartilhadas, oferecendo repertório variado de leitura, geralmente uma vez por semana. A escola também é importante porque orienta os pais sobre a importância da leitura e indicam modos de ler. Alguns pais relataram que, no momento da reunião entre famílias e educadores, as escolas buscam orientar os modos de ler para as crianças e incentivam a participação dos mesmos em feira de livros, que são promovidas nas

escolas ou outros locais da cidade, bem como motivam a participação na biblioteca pública da cidade, conforme relatou Karen:

Agora ela está na escolinha lá e a escolinha incentiva também. Desde a creche mesmo, quando ela era bem pequeninha eles incentivavam muito: "Ai leva pra ver isso, ver aquilo".

P- E eles convidavam os pais pra participar?

K- Convidavam os pais sim, sim! Na agenda colocavam lá: "Vai ter! Leva seu filho que é muito bom". Então assim, acho que quando eu chegava sempre tinha um monte de criança que era da classe dela. Entendeu? (Karen)

A propósito, 24% das famílias assumem que passaram a frequentar a biblioteca por incentivo da escola, que enviava a programação das atividades da instituição para as crianças levarem para casa. Sem dúvida, o binômio escola-família é um dos mais importantes, quando se pensa no processo inicial da constituição do leitor, conforme se observou no trabalho de Higa (2007).

Além da parceria com as escolas, estes adultos não leitores valeram-se do apoio de outros leitores próximos, os quais foram fundamentais para aproximá-los da leitura, ensinando-os, através do exemplo, a realizar leituras mais entusiásticas para as crianças, propondo a utilização de recursos diversificados, tais como entonação de voz, uso de sucatas e outros objetos. Vizinho, irmã, cunhada, patroa da mãe, amiga de trabalho, bibliotecária, funcionário da biblioteca e contador de histórias, foram algumas das personagens leitoras que incentivaram essas famílias das crianças a buscarem a leitura, estimulando-as a oferecerem os livros de modo significativo. Eles foram modelos que inspiraram adultos e crianças, e, assim como os pequenos, os pais também passaram a imitar e a seguir aqueles que admiravam.

Neste processo, a biblioteca certamente foi outra instituição de extrema relevância para aproximar adultos e crianças deste universo de encantamento, proporcionado pela leitura. Sendo assim, o quarto núcleo temático dedicou-se a olhar para biblioteca, considerando os aspectos que contribuíram para a mediação da leitura e para o processo de constituição dos leitores pesquisados. A partir dos dados apresentados, evidenciou-se que a biblioteca é uma mediadora salutar para as famílias que dela participam, tanto pela presença dos sujeitos agentes mediadores, pessoas que nela trabalham e que dela participam, quanto pela presença dos livros, expositores, impressos e demais materiais, bem como a organização do próprio ambiente, que atuam a todo o momento como elementos mediadores.

Depreende-se que os modos como se organizam os ambientes impactam nas práticas dos sujeitos. Isso porque a leitura é uma atividade complexa, que demanda, aciona e inter-relaciona uma série de fatores. Para Goulart (2009),

A leitura, enquanto prática cultural, requer do leitor um elenco próprio: objeto de leitura, gestos, espaços, pessoas, atitudes, uma predisposição. Lê-se através de uma

junção de sentidos que operam em ressonância: o toque, o cheiro, a posição do corpo, a sonoplastia do ambiente (Goulart, 2009, p.20).

Portanto, todos os elementos que se fazem presentes no momento da leitura contribuem para a significação do ato. Os ambientes que abrigam os leitores e os livros certamente instigam diferentes condutas dos sujeitos praticantes. Se, no passado, as bibliotecas literalmente acorrentavam seus textos, que só podiam ser lidos no local, e por pessoas específicas (Battles, 2003), atualmente, o que se vê na biblioteca municipal de Jundiá é a investida para que os livros sejam livres e desejados pelos leitores. Assim, vale ressaltar o cuidado da instituição com a organização do ambiente, que busca ser acolhedor e dar autonomia ao leitor, além de presentear-lo com sua estética privilegiada. Sem exceção, todos os entrevistados relataram encantamento pela estrutura oferecida pela biblioteca. Eles verbalizaram que se sentem à vontade neste local, bastante propício à leitura, ao estudo, à pesquisa, à interação e às brincadeiras. Os livros estão disponíveis de maneira organizada e são bastante acessíveis, até mesmo para as crianças bem pequenas. Há livros nas prateleiras da biblioteca infantil, que estão organizados por códigos, bem como os livros que ficam nos nichos próximos ao tapete, espalhados aleatoriamente, além dos livros que ficam nos expositores, também colocados casualmente. O acesso é livre em todos os espaços, entretanto, apesar de ser a única a levantar esta questão, a mãe Karen relata que, em uma das visitas à biblioteca, recebeu a orientação de um dos funcionários, pedindo para que as crianças evitassem o manuseio do acervo das prateleiras (dos livros organizados com os códigos), pois eles poderiam ficar desorganizados. Deste modo, a mãe conta que apenas ela passou a manusear e a escolher livros daquele setor, permitindo que a filha visualizasse sozinha apenas os livros dos expositores e dos nichos.

(...) Que nem agora eu tô escolhendo, porque eles (referindo-se aos funcionários da biblioteca) acham que é melhor, porque depois eles têm que organizar e tem que ficar nos códigos. Mas antes era ela que escolhia os livros. Eu deixava ela escolher os livros pra ler. (...) Porque exatamente assim que eu acho que na verdade é mais pelo trabalho deles. Eles não visam muito bem as crianças. Por quê? Porque minha filha adora, ela adorava vim pegava, ela chegava pegar uns livros. Tudo bem que ela não entendia muito bem né, tanto que ela pegava uns que às vezes: "Minha filha, mas esse é em inglês, a mãe não vai saber contar pra você!" (risos). "Primeiro você precisa aprender inglês pra depois você ler esse livro!". "Ah, então tá bom mãe" (Imita o diálogo com a filha). Aí ela colocava (de volta na prateleira) e eu sempre atrás dela. Porque eu sei que também não pode ficar bagunçado. Mas como eles acertam agora numa parte é... dos códigos né, eles não deixam que as crianças mexem mais. Agora é só os adultos que tem que vim, escolher os livros. Mas ela tá amando. Todos os livros que eu levo ela fala: Nossa adorei esse, adorei esse, adorei esse. Então ela gosta, todos que eu levo. (risos). (Depoimento de Karen)

Esta recomendação, que Karen diz ter recebido de algum funcionário, parece não representar uma norma da biblioteca, pois, em diversas situações, a pesquisadora observou crianças manuseando este acervo. Diferentemente desta orientação que Karen recebeu, em outra ocasião, observou-se que uma das funcionárias aproximou-se dos usuários para sugerir como lembrar o local exato para devolver a obra retirada, apenas para rápida visualização. Ela orientou, com muita tranquilidade, que as crianças puxassem o livro situado ao lado do livro retirado, destacando-o, para que, no momento de devolução do livro retirado, ficasse evidenciado o local, conferindo mais agilidade ao processo. Com isso, esta funcionária, ao invés de impedir o manuseio da criança, a fim de evitar a desorganização, optou por orientá-la, ensinando um procedimento simples e eficaz para manuseio e seleção de obras. Portanto, notam-se dois exemplos de mediação vivenciada na biblioteca em relação ao manuseio do acervo, expressando-se a necessidade de formação de seus funcionários, para que todos compreendam a importância de estimular a participação da comunidade dentro da instituição, sem tolher sua liberdade. Assim, fica evidente a importância de orientar os leitores de biblioteca em relação ao uso deste espaço, aos modos de operar com os livros, aos procedimentos de empréstimo e devolução. Logo, observou-se que a disponibilização de variados expositores de livros foi uma percepção importante da biblioteca, que facilitou o contato das obras para as crianças pequenas, que ainda não sabem procurá-las e organizá-las de acordo com as normas, bem como para os sócios adultos mais inexperientes. Estes expositores permitiam o livre manuseio, de modo que todos pareciam bem à vontade para escolha, empréstimo e devolução das obras, encorajando-se, aos poucos, a buscarem outros livros no setor organizado.

Além da organização dos materiais disponíveis na biblioteca, o seu acervo foi bem avaliado pelos entrevistados e parece ter desempenhado um papel importante sobre estes sujeitos. As crianças pequenas sentiram-se atraídas pelos livros coloridos, pelas ilustrações diversificadas das obras, pelos livros com formatos de carrinho, de princesa, entre outros, sem falar nos livros com fantoches e aqueles que magnificamente se abriam e proporcionavam a visão 3D (livros pop-up). Além dos livros, que por si só atraíram as crianças, o ambiente é repleto de brinquedos diversos, compondo um cenário lúdico e extremamente convidativo para a interação entre os sujeitos que ora leem, ora brincam. As crianças utilizavam-se destes recursos sem restrições e, mediadas pelos pais e pelos funcionários da biblioteca, aprenderam a cuidar, a respeitar e a divertir-se com os materiais. Para Silva, Ferreira e Scorsi (2009), a preocupação com o ambiente é fundamental, uma vez que ele também atua como agente no processo de ensino e aprendizagem. Assim,

Concentrar nossa atenção nos ambientes em que se realizam as atividades ligadas à linguagem, especialmente, no que se refere à leitura e escrita, decorre de um modo de pensar que concebe o espaço físico não como mero cenário, onde se passa o ensino, mas como um aliado que interfere no desenvolvimento do conhecimento e na relação de ensino-aprendizagem. Esse aliado, aliás, apresenta propostas a esse processo, interagem com ele e atua como um mediador. Assim como a escrita é uma arte da memória, sendo o papel em branco o depositário das *imagens-conceitos* a serem interiorizadas pelo leitor; o espaço físico e seus componentes, onde ocorre a ação pedagógica, também estabelecem um diálogo intenso com cada participante, propondo imagens e acionando o repertório cultural de quem ali se faz presente (Silva, Ferreira e Scorsi, 2009, p. 57).

De fato, esta organização do espaço não é neutra e produz um efeito sobre os que ali chegam, de modo que os objetos físicos presentes, o mobiliário, os livros e os brinquedos são mediadores por excelência. Durante as sessões de observação, verificou-se que nenhum sujeito passou pela biblioteca infantil sem manusear ao menos um livro, sem tirá-lo da prateleira, do nicho ou do expositor. Infere-se, portanto, que este ambiente planejado, organizado, acolhedor e propício às interações, motiva os sujeitos e interfere nos seus modos de operar. Assim, este ambiente possibilita interações múltiplas que dão condições para a produção de sentidos e de significados ao que é apreendido em relação à leitura. Dialogando com Vygotsky, Jobim e Souza (1997) argumentam:

Por trás de cada pensamento há desejos, necessidades, interesses e emoções, fazendo com que a compreensão do que dizemos dependa substancialmente da interação do nosso ouvinte com essa base afetivo-volitiva. A compreensão é o resultado do nível de interação que os indivíduos conseguem estabelecer entre o verbal e o extraverbal, entre a palavra e o afetivo-emocional que flui na interação entre as pessoas (Jobim e Souza, 1997, p. 136).

Portanto, entende-se que, nestes momentos interativos, vivenciados pelos sujeitos na biblioteca, há intensa constituição de significação sobre as experiências, sendo importante cada elemento que compõe a situação.

As atividades diferenciadas propostas pela biblioteca também foram elencadas como momentos excepcionais de mediação. No decorrer das entrevistas, descobriu-se que 36% dos sujeitos foram para a biblioteca pela primeira vez para participar de uma contação de histórias, de um teatro ou oficina e, ao conhecerem o local, passaram a frequentá-lo assiduamente. Isto sugere que estas atividades promovidas pela biblioteca funcionam como um fator que atrai e possibilita a reunião das famílias, para vivenciarem momentos lúdicos e afetivos em torno dos livros. Como exemplo, cita-se que as pessoas que se dedicam a contar uma história para o público presente expressam-se com entusiasmo e habilidades, contagiando o público.

Muitas vezes são talentosos no uso de recursos como fantoches, tecidos, instrumentos musicais, sucatas, entre outros tantos e, quando não utilizam recursos externos, empregam

com brilhantismo seus recursos corporais. Os olhos dizem mais que as palavras, a voz que se altera, conferindo dramaticidade ao texto, o corpo vibra em cada passagem da história, despertando nos espectadores a curiosidade, elevando a magia, instigando e promovendo o desejo nos sujeitos de, posteriormente, buscar pelas obras que geraram aquela contação.

Os livros lidos ou contados são procurados, apreciados, emprestados e circulam para além daquele momento inicial. O modo de ler e contar também inspira os adultos, que aprendem a importância de ler com entusiasmo, dominar a leitura, utilizar recursos corporais entre outros. O pai Antônio, por exemplo, inspira-se neste modo de ler e, quando ajuda a filha nas lições de casa, age do mesmo modo, intrigando a filha. Assim, além de assumir a função de divertir e encantar as pessoas presentes, estimulando sua participação na biblioteca, os eventos também contribuem para a educação dos leitores, para divulgação de obras, de autores e de gêneros literários. Aguçam o imaginário e os sentimentos em relação à atividade de ler, contar e ouvir histórias, tanto das crianças quanto dos adultos presentes. Estes que, ora mostram-se tímidos e inicialmente sentam-se elegantemente nos puffs, depois acolhem a criança no colo e, muitas vezes, acabam sentados confortavelmente no tapete, junto com os pequenos, que requisitam aconchego entre as pernas do adulto, abraçando-lhe e demonstrando carinho...

Frequentemente, quando se conclui a atividade coletiva, crianças e adultos permanecem no tapete para suas leituras compartilhadas, para as brincadeiras, para a escolha dos livros que serão emprestados. As crianças agitam-se, os livros e os brinquedos começam a cobrir o tapete e, em alguns momentos, despertam a preocupação dos funcionários responsáveis pelo setor, que pedem a colaboração dos adultos para auxiliarem na organização.

Segundo Chartier (1999), ao longo da história da biblioteca, instaurou-se como obrigatoriedade o silêncio, um comportamento regulado e controlado dos leitores neste ambiente. O mesmo para os “clubes de leitura”, que em seu regulamento previa um lugar apartado dos lugares de “divertimento mais mundano” (p.78). À leitura era atribuída grande seriedade, aos livros a autoridade, de modo que, por muito tempo, os sujeitos em situação de leitura eram retratados pelas obras artísticas sempre em locais reservados, com postura corporal ereta, indicando seriedade na prática de ler. Todavia, ao olhar para diversas obras de arte que retratam pinturas de leitores, o autor atenta para o fato de que, a partir do século XVIII, os leitores deixam de ser retratados apenas em seus gabinetes e espaços privados de leitura- geralmente com a mesma postura: sentados e imóveis - e passam a ser representados, ainda que raramente, como leitores que lêem em contato com a natureza, durante um caminhar, deitados na cama e em diversas situações antes jamais retratadas. Assim, para

Chartier (1999), o cinema e a fotografia contribuíram para captar estas práticas de leituras menos controladas, pois os leitores eram surpreendidos pelas lentes, que capturavam os gestos efetivos dos leitores e não apenas o que se considerava legítimo de ser retratado pelos pintores. Para o autor,

“A pintura ou a gravura imobilizam os leitores numa atitude que remete às convenções e códigos atribuídos à leitura legítima. Não se pode daí inferir que todos os leitores lessem forçosamente sentados no interior de um gabinete ou salão. Eles podiam ter práticas de leitura mais livres que não eram consideradas como legitimamente representáveis” (Chartier, 1999, p. 79)

Diferentemente, as lentes da pesquisadora e dos funcionários da biblioteca, captaram cenas reais de leitura e interação entre as famílias. As fotos foram conseguidas em momentos espontâneos, muitas vezes sem que os sujeitos estivessem atentos à presença das câmeras e, portanto, as fotos se deram sem poses para os fotógrafos. O resultado: crianças no colo, crianças deitadas, adultos agachados, criança lendo para adulto, adulto lendo para criança, olhares atentos aos contadores, livros e brinquedos espalhados pelo tapete... Durante as entrevistas audiogravadas ocorridas neste local, pode-se ouvir o burburinho e as trocas intensas entre os sujeitos presentes. Para Freire (1996), “A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta” (Freire, 1996, p. 93).

De fato, estes momentos em que as vozes se exaltavam, que as crianças e adultos brincavam, que as crianças se conheciam e aprendiam a compartilhar os materiais da biblioteca, eram oportunidades ricas de interagir e aprender com o outro. Para Silva, Ferreira e Scorsi (2009),

Uma biblioteca não precisa (e não pode) ser um lugar de excessiva ordenação, normatização ou resguardo. Mas um lugar da variedade, do diverso, do plural, do desigual que, colocando em convivência diferentes autores, materiais, recursos, nacionalidades, se revela, de certa forma, desordenado. Na bonita imagem buscada por Sanches Neto (1995), trata-se de *Um labirinto vivo, palco e cenário de destinos múltiplos*, lugar para as escolhas de cada leitor, para as indicações deste a outro, para conversas em torno de livros. Enfim, um lugar que pode nos auxiliar na difícil tarefa de indicar leituras (Silva, Ferreira e Scorsi, 2009, p. 62).

Este lugar, rico de elementos mediadores e interações, possibilitou vivências diversas e singulares para os sujeitos. Se, no passado, o afeto que uniu as famílias durante a contação ou leitura de histórias, em casa ou proporcionada pelos professores, transformou aqueles acontecimentos em memoráveis, inesquecíveis para os adultos entrevistados, que foram capazes de rememorar detalhes daqueles momentos, talvez, no futuro, para esta nova geração,

estas situações vivenciadas na biblioteca também produzam os mesmo efeitos, pois, possivelmente, as crianças lembrar-se-ão das visitas com seus familiares à biblioteca, do colinho, do aconchego, do carinho recebido, do ambiente de encantamento.

Vale ressaltar que esta mediação afetiva que ocorria na biblioteca não se limitou às relações entre os próprios familiares. Os dados mostram que algumas crianças beneficiaram-se da mediação de outros adultos que desconheciam, pois enquanto alguns pais liam para seus filhos, outras crianças aproveitaram deste momento e, num ato furtivo, paravam para apreciar a mesma leitura, que, a princípio, não lhes era endereçada. Estes adultos desconhecidos também indicaram livros e foram parceiros em suas brincadeiras. Deste modo, as crianças, e também os adultos, que compartilhavam este local, puderam aprender, com estes tantos outros, a postura do leitor de biblioteca. Ao observar o outro, elas aprenderam procedimentos de seleção, de devolução, de leitura compartilhada, de leitura silenciosa, modos de brincar junto, fazendo-se também presente o contágio emocional. Para Wallon (1995a), a emoção tem o poder de suscitar, no outro, reações similares às manifestadas – o que ele caracteriza como o poder de contágio da emoção. Para Galvão (1995),

A vivência, por todos os membros do grupo, de um único movimento rítmico estabelece uma comunhão de sensibilidade, uma sintonia afetiva que mergulha todos na mesma emoção. Os indivíduos se fundem no grupo por suas disposições mais íntimas, mais pessoais. Por esse mecanismo de contágio emocional estabelece-se uma comunhão imediata, um estado de coesão que independe de qualquer relação intelectual (Galvão, 1995, p. 64).

Este contágio foi observado em alguns episódios, como nas ocasiões em que as crianças estavam todas brincando e, bastava uma delas pegar o livro para levar para a mãe ler, que várias outras largavam os brinquedos para escolher um livro também.

Nota-se, assim, que os gestos dentro desta instituição eram vistos e avaliados, de um modo ou de outro, pelos praticantes, possibilitando reflexões e motivações. Para Chartier (1999), até mesmo a leitura individualizada, silenciosa, pode impactar o outro.

A leitura silenciosa, mas feita em um espaço público (a biblioteca, o metrô, o avião), é uma leitura ambígua e mista. Ela é realizada em um espaço coletivo, mas ao mesmo tempo ela é privada, como se o leitor traçasse, em torno de sua relação com o livro, círculo invisível que o isola. O círculo é contudo penetrável e pode haver aí intercâmbio sobre aquilo que é lido, porque há proximidade e porque há convívio. Alguma coisa pode nascer de uma relação, de um vínculo entre indivíduos a partir da leitura, mesmo silenciosa, pelo fato de ser ela praticada em espaço público (Chartier, 1999, p. 143-144).

De fato, todas as ações praticadas em um espaço público engendram possibilidades nos sujeitos próximos e os dados desta pesquisa sugerem essa relação. O livro que o outro pega, manuseia, olha com cuidado e deixa de lado, desperta a curiosidade em um terceiro. O

envolvimento de alguém que lê em silêncio uma revista, um jornal ou livro, instiga a criança e os adultos também! Todos aprendem neste contexto e se afetam.

Assim, pais como o senhor Clóvis, que raramente permanecia com as crianças durante a contação de histórias, pois optava por retirar-se para ler o jornal neste momento, são impactados pela mediação de outros pais e também de funcionários da biblioteca, passando, também, a apreciar a contação em algumas ocasiões. A mãe Andréia, que lê para seus filhos, parece inspirar a mãe de outra criança, que assiste àquela cena. Os sujeitos, dentro da biblioteca, usam de suas “táticas” para se apropriarem do espaço e todos parecem se formar e se transformar neste ambiente rico. Para Certeau (2009),

“A tática não tem por lugar senão o do outro.(...) Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (Certeau, 2009, p. 95)

Assim, com muita astúcia, para estes sujeitos que se utilizam de mil práticas na biblioteca, a instituição deixa de ser apenas a “grande caixa de guardar livros”. Ela é viva, interativa, inspiradora, (trans)formadora... Ela impacta nas subjetividades dos sujeitos. Para Petit (2008),

(...) é sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem, e suas trajetórias podem mudar de rumo depois de algum encontro. Esses encontros, essas interações, às vezes são proporcionados por uma biblioteca, quer seja um encontro com um bibliotecário, com outros usuários ou com um escritor que esteja de passagem. Podem ser também, certamente, encontros com os objetos que ali se encontram. Com algo que se aprende. Ou com a voz de um poeta, com o espanto de um pintor, que podem ser redescobertos e compartilhados de uma maneira muito ampla, mas que nos toca de forma individual (Petit, 2008, p. 53).

Em sua pesquisa com jovens em situação de vulnerabilidade, Petit (2008) também concluiu que a biblioteca foi importante para contribuir para uma mudança de atitude nos sujeitos em relação à leitura. Estes, que buscavam na biblioteca um local para fazer suas lições de casa, procurando por um local edificante e por profissionais que pudessem aconselhá-los, acabavam encontrando outro modo de se relacionar com o conhecimento, resignificando suas relações com a leitura, graças às mediações sutis, calorosas, discretas e sempre presentes.

Análogo ao estudo acima citado, na biblioteca Nelson Foot, os sujeitos também reconheceram a relevância e os impactos afetivos causados pela mediação dos funcionários da

biblioteca. As pessoas que participam com frequência desta instituição estavam atentas e avaliavam o modo como foram recebidas, acolhidas e encorajadas pelos funcionários que nela trabalham, bem como seus modos de portar-se diante do outro.

Para as famílias, os funcionários eram bastante solícitos, ajudando-as na localização e indicação de obras, informando-as sobre os eventos, bem como ao ajudar as crianças na organização do espaço. Para Marta, por exemplo, que reconhece sua dificuldade para leitura, a mediação da funcionária Beatriz, com quem criou vínculos afetivos, foi imprescindível para que selecionasse livros que agradassem os sobrinhos. Segundo a tia, a funcionária indicava textos curtos, com charadas, ou com temáticas que certamente interessariam aos sobrinhos. Desse modo, eles, que a princípio não gostavam de ler, passaram a ter interesse pelos livros, pois se sentiram capazes de ler os textos sugeridos e se envolveram com os mesmos. De acordo com Petit (2008),

Não é apenas para iniciar a leitura, para legitimar ou revelar um desejo de ler, que o papel de um iniciador aos livros se revela primordial. (...) Quando alguém não se sente autorizado a se aventurar nos livros, é preciso insistir: podemos ter adorado as histórias que um bibliotecário nos lia quando éramos pequenos e depois nunca mais abrir um livro. Porque os trajetos dos leitores são descontínuos, marcados por períodos de interrupções breves ou longas. Alguns desses períodos de pausa fazem parte da natureza da atividade de leitura- todos nós sabemos que há momentos da vida em que sentimos, de maneira mais ou menos imperiosa, a necessidade de ler. Não há por que se preocupar com intervalos desse tipo: não se entra na leitura ou na literatura como se abraça uma religião.

Porém, também existem pausas devidas ao fato de que um jovem- ou uma pessoa não tão jovem- não pôde ultrapassar o umbral, não pôde passar a outra coisa porque se sentiu perdido, porque a novidade o assustou, ou porque essa novidade lhe faltou, porque sentiu que já esgotou o tema. E o mediador, o bibliotecário em particular, pode ser precisamente aquele que lhe dá uma oportunidade de alcançar uma nova etapa (Petit, 2008, p. 167).

De fato, a funcionária Beatriz parecia muito atenta aos sócios da biblioteca, atendendo-os com carisma, quando permanecia no setor infanto-juvenil. Ela parecia identificar-se com o público e demonstrava conhecer, se não todo, pelo menos parte considerável do acervo, pois frequentemente indicava obras variadas aos sujeitos.

Evidentemente, é muito importante que os funcionários conheçam o acervo, para que sejam capazes de contemplar a solicitação do usuário, com as obras desejadas, mais ou menos de acordo com cada faixa etária; da mesma forma, devem estar igualmente preparados para propor títulos inusitados, inesperados, pois estes leitores nem sempre sabem escolher autonomamente as obras. Ter condições e repertório para oferecer o diferente é importante também para romper barreiras, pois há os leitores que se acomodam em ler coleções. Para Lajolo (2000),

“(...) a aprendizagem que os catálogos patrocinam vai ainda além. Observa-se, por exemplo, que os livros só em casos raros são anunciados individualmente.

Agrupados em séries e coleções, unificados em último caso pela faixa de escolaridade a que se destinam, os pacotes são emblemas da necessária racionalização do processo de produção. A qualidade de um título responde pela qualidade de outros; a relevância de um tema contagia o tema de outros livros; o interesse por um texto pode deflagrar o interesse por outros; a relevância de um tema contagia o tema dos outros livros; o interesse por outros (...) a produção *em série* é a marca da produção industrializada” (Lajolo, 2000, p. 31).

Assim, por não ter um conhecimento amplo sobre a variedade de obras, e por não aventurar-se no desconhecido, corre-se o risco de manter-se nos cânones. De acordo com Silva, Ferreira e Scorsi (2009),

Essas obras, mais do que responder em sua composição temática ou estética àquilo que podemos interpretar como sendo adequado ao leitor, ao seu momento, à sua condição, ao seu interesse e motivação, ao seu nível de aprendizagem na escrita e na leitura, parecem responder às expectativas que circulam e se disseminam de maneira hegemônica em nosso tempo cultural, aos valores do mercado (Silva, Ferreira e Scorsi, 2009, p. 54).

De fato, selecionar e eleger a leitura de uma obra, entre inúmeras possibilidades, não é uma tarefa simples; por isso, para as pesquisadoras acima citadas, alguns aspectos pertinentes precisam ser destacados. Em primeiro lugar, defende-se que estes mediadores conheçam mais sobre os “leitores de carne e osso”, a quem as obras serão destinadas. Neste sentido, preconiza-se que eles sejam escutados, que suas trajetórias pessoais de vida sejam valorizadas. Ressalta-se também a importância de permitir tempo e condições para que estes leitores percorram as estantes de livros, de modo que se deparem com as obras e suas singularidades.

De igual modo, é importante que os mediadores conheçam uma diversidade de obras e interajam com as mesmas, para que sejam capazes de formular suas próprias convicções sobre as mesmas, sendo, posteriormente, capazes de fazer conexões com outras obras e motivações trazidas pelos leitores. Tendo um amplo repertório, poderão indicar, com mais segurança e tranquilidade, leituras para diversos leitores. Outro procedimento desejado seria a promoção de propaganda dos livros, tornando possível sua apresentação, opiniões de outros leitores sobre a obra, entre outras ações, com o intuito de divulgação.

Sem dúvida, alguns funcionários pareciam conhecer bem as crianças que frequentavam com assiduidade a biblioteca. Conheciam verdadeiramente os gostos e os interesses das crianças que até mesmo superavam e surpreendiam os pais.

A mãe Eliana, por exemplo, relata que foi a funcionária da biblioteca que começou a sugerir outros tipos de livros para sua filha, pois ela acreditava que a filha gostasse apenas de livros infantis, com histórias curtas e ilustradas. Entretanto, a funcionária da biblioteca, ao

perceber que a menina estava com agilidade e fluência na leitura, atentou para as temáticas de interesse da menina e foi sensível ao propor outro tipo de livro. A menina, por sua vez, leu o livro indicado pela funcionária e, por ter gostado do livro, buscou toda a coleção e outros semelhantes.

Esta família, que frequentava a biblioteca semanalmente, era recebida com beijos, abraços e novos livros, que eram selecionados de antemão pela funcionária. As crianças gostavam muito de visitar a biblioteca, emprestar os livros e conversar com a funcionária, por quem demonstravam imenso carinho. Além desta mediação face-a-face entre os funcionários e os leitores, os funcionários impactavam as leituras dos sujeitos ao organizarem os expositores de livros, pois há os sócios tímidos que não perguntam, que não solicitam ajuda, mas que aceitam as sugestões de livros que ficam evidenciados nos expositores. Quando pergunto para a avó Valdete como ela seleciona os livros, ela responde:

P- Legal. E como que a senhora escolhe os livros que vai levar? Ele (neto) ajuda ou?

V- Sim, eu procuro ver assim... mais o que elesabe? Hoje não. Hoje foi eu quem peguei mesmo. Mas eu sempre procuro assim é...Ver o que ele quer.

P- E a senhora pega aqui do expositor ou também vai naquele setor (aponto para o acervo da biblioteca infantil)?

V- Não. Eu dou uma... Olho as sugestões que tem aqui.

P- Sempre ficou satisfeita com a sugestão daqui?

V- Isso, é! Eu tenho certeza que é pessoas que trabalham aqui...que conhecem, indicam aqui os bons livros. Elas que organizam (Depoimento Valdete).

Nota-se, portanto, que a avó não se aventura a olhar os livros que estão enfileirados nas prateleiras do setor infantil; da mesma forma, não solicita a ajuda de terceiros, mas pressupõe que os livros que estão expostos são “os bons livros”. Neste sentido, o cuidado dos funcionários da biblioteca em trocar constantemente os livros que vão para os expositores, além de dar visibilidade a algumas obras, são cuidados de extrema relevância, uma vez que muitos usuários se valem desses recursos para seleção de obras para empréstimos.

É notório o empenho destes funcionários que enfeitam, limpam, sugerem e organizam a biblioteca, dando visibilidade aos seus materiais, tornando-os atrativos. Imprescindível também suas escutas, olhares, diálogos, acolhimento, compromisso, gestos de afeto e disponibilidade para o outro.

Portanto, os resultados desta investigação, em consonância com outras pesquisas (Grotta, 2000; Silva, 2005; Souza, 2005; Petit, 2008; Leite e Higa, 2011; Leite, 2012) indicam que os adultos leitores aproximaram-se da leitura em contextos e por razões diversas, mas em comum, sempre elencam uma história de mediação marcada pela afetividade: nos relatos, identifica-se a presença de um ou mais mediadores cuja intervenção possibilitou que os sujeitos tivessem uma interação positivamente afetiva com a leitura. As trajetórias de como

estes leitores, e também os que não se consideram leitores, se tornaram mediadores de leitura de literatura infanto-juvenil para as crianças também são variadas, evidenciando-se que, com o apoio das escolas, dos professores, das bibliotecas, dos funcionários de biblioteca e outros leitores experientes, um adulto “não leitor” pode tornar-se um bom mediador de leitura. Acredita-se nesta possibilidade ao se detectar que os procedimentos de leitura e de aproximação com o livro, tais como ler em voz alta para a criança, escolher um livro adequado para determinada faixa etária, utilizar entonações de vozes para dar vida a história, garantir livros diversificados para livre manuseio das crianças, não são competências inerentes aos sujeitos mas habilidades apreendidas ao longo de suas aproximações com outros leitores e mediadores mais experientes. Neste sentido, é importante dar visibilidade à mediação das escolas e bibliotecas, que, sem dúvida, situam-se como duas instituições potencialmente mediadoras para inspirar práticas de leitura entre as famílias.

De acordo com Petit (2009),

Se existe um lugar propício aos desvios e aos encontros inesperados, é a biblioteca. [...] Ali, podemos experimentar uma relação com o livro que não se funda somente nas perspectivas utilitaristas da instrução, e nos abandonar a esses tempos de devaneio em que não se deve prestar contas a ninguém, nos quais se forja o sujeito e que, tanto quanto os aprendizados, ajudam a crescer e a viver (Petit, 2009, p. 273).

Efetivamente, a biblioteca pesquisada mostrou-se propícia aos encontros marcados, aos inesperados, possibilitando diversas formas de praticar a leitura e relacionar-se com os pares. Acolhedora, tanto para as famílias leitoras, já acostumadas com o ambiente de biblioteca, quanto para as novas famílias que iniciavam o contato recente, ela possibilitou que estes sujeitos ampliassem seus repertórios de leitura. Além disso, ofereceu um ambiente favorável para o leitor e, com suas atividades diferenciadas, promoveu ainda mais o encantamento pelos livros, atraindo a participação de muitos sujeitos. Estas famílias, por sua vez, apropriaram-se das possibilidades oferecidas pela biblioteca e foram inventivas, em diversas ocasiões, nas maneiras de estar com as crianças neste ambiente.

Considera-se, neste sentido, que a qualidade destas mediações, possibilitadas pelas famílias e pela biblioteca, parece ser um fator fundamental para possibilitar a aproximação afetiva das crianças com a leitura. Ao interagir com os livros e seus mediadores, as crianças não apenas internalizam os conteúdos dos livros e a faceta cognitiva deste processo, mas apropriam-se da dimensão afetiva que engloba esta atividade. Assim, entre as histórias lidas, entre a materialidade dos textos, entre os mediadores, as crianças se constituem como leitoras de livros, significando uma a uma estas práticas, que impactam em suas subjetividades.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

...que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Manoel de Barros

Olhos vidrados que acompanharam as páginas do livro e os movimentos dos adultos que liam. Ouvidos atentos que ouviram as histórias narradas por um leitor experiente ou um ente querido e admirável. Mãos inquietas que tocaram e que desejaram manusear cada livro, como se apenas ver não bastasse. Corpos libertos que ora sentavam, ora deitavam, ora agachavam-se, ora buscavam o corpo do outro, e o conforto no espaço, para ler prazerosamente. Conversas envolventes que questionaram, sanaram curiosidades, expressaram sentimentos sobre o lido. Empréstimos cautelosos de livros, que possibilitaram leituras preciosas no ambiente familiar. Apreciação e participação nos eventos da biblioteca nos diversos sábados e nas férias. Disponibilidade para a leitura, para as crianças e para as relações saudáveis. Enfim, as visitas frequentes à biblioteca, o desejo de não sair dela e de sempre retornar - são todos indicativos da importância que a leitura assumiu na vida das famílias pesquisadas, produzindo encantamento nos sujeitos, todas as vezes que estavam na biblioteca, diante dos livros, compartilhando situações de leitura.

Empenhadas em promover a aproximação afetiva das crianças com o universo da leitura, as famílias dedicaram boa parte de seu tempo diário para ler em casa para elas e levaram-nas à biblioteca, mensal ou quinzenalmente e, em algumas situações, mais de uma vez na semana. Suas práticas estavam permeadas de afeto, que não se demonstrava apenas nos gestos, na fala suave, na leitura inspiradora, no colo que acolhia durante a leitura e no carinho atribuído às crianças naqueles momentos. Os impactos afetivos se faziam presentes no compromisso que estas famílias demonstravam ter com a educação das crianças, na preocupação em atender aos seus desejos de leitura, no planejar a ida da família à biblioteca e livrarias, no respeitar as peculiaridades das crianças, no empenho com as tarefas de leituras escolares e no compromisso constante de alimentar as crianças com diversas histórias, assim como se alimenta o corpo com os nutrientes necessários para sobreviver.

Encantadas com o poder da leitura, as crianças queriam sempre mais e mais histórias; sair da biblioteca causava o choro para alguns; da mesma forma, dormir sem uma história, era algo impensável para outros. Aprender a ler sozinho, para ler o que quiser, quando quiser, quanto quiser e com quem quiser, representava o triunfo para alguns...

Evidentemente, não se pode ter a certeza de que estas crianças, algumas delas ainda tão pequeninas, constituir-se-ão como leitoras de sucesso no futuro. Afinal, compreende-se que a constituição do leitor é um processo complexo, multifacetado, atravessado por muitos acontecimentos, mediado por inúmeras experiências de leitura, marcado pelas trajetórias de vida dos sujeitos e por seus impactos subjetivos. Certamente, elas ainda têm um longo caminho para percorrer, pois estão apenas iniciando o percurso! Entretanto, considerando-se os aspectos em comum que sobressaíram nas trajetórias de leitores reconhecidos por seu intenso envolvimento com a leitura (Grotta, 2000; Silva, 2005; Souza, 2005; José, 2007; Petit, 2008; Leite e Higa, 2011; Leite, 2012; Colasanti, 2012), pode-se afirmar que as crianças desta pesquisa estão experimentando e vivenciando práticas de leitura afetivamente positivas, que vão em direção ao que a literatura vem indicando como favorável para o sucesso no processo de constituição do leitor.

Para Leite (2012), o sucesso na aprendizagem do sujeito não se trata de um conceito abstrato. Para o autor, o ensino de sucesso caracteriza-se por dois fatores: a apropriação do objeto de conhecimento pelo sujeito e, simultaneamente, a relação afetiva que se estabelece entre o sujeito e o respectivo objeto. Ou seja, para que a aprendizagem ocorra; é necessário que o aluno se envolva afetivamente com o conteúdo em questão. Considerando-se esta tese, só há sucesso na constituição de um sujeito leitor se este, além de ler, atribuir sentidos positivos para esta atividade, envolvendo-se afetivamente com práticas diversas de leitura, tendo, assim, seu interesse pela leitura constantemente renovado. Tais condições vão caracterizar o que o autor chama de leitor autônomo.

Pelo exposto, evidencia-se que a constituição do leitor é um processo socialmente construído, não devendo estar associado aos genes, à herança familiar e, tampouco, ao cumprimento obediente de um receituário prescrito. Não há cartilhas e receitas que asseguram o sucesso neste processo, mas há processos de mediação que afastam ou que aproximam os sujeitos das práticas de leituras. Neste sentido, a pesquisa tem uma contribuição inestimável.

Para Silva,

Os livros não têm asas...para chegar às mãos dos leitores, depois de escritos, eles passam por canais específicos, como editoras, livrarias, bibliotecas, escolas, clubes de leitura, entidades públicas e privadas, etc. Esses canais, por sua vez, não são neutros e a sua "elasticidade" é que garante maior ou menor acesso às obras por

parte dos leitores e, muitas vezes, o próprio tipo de leitura a ser realizado nos contextos atingidos pela difusão (Silva, 2001, p. 30)

Assim, se os livros não têm asas e nem pernas para, sozinhos, alcançarem as mãos dos leitores, e se estes não nascem com o desejo incutido para a leitura, observou-se na pesquisa que os pais, as tias e avós que estão muito próximos às crianças, desempenham um papel elementar nesta mediação. Entretanto, eles aproximam as crianças dos livros de acordo com a bagagem cultural que possuem, em muitos casos constituída de raso repertório de leitura. Para Perrotti (1990),

Com um repertório cultural constituído basicamente de referências providas de seu mundo privado, a criança acaba se relacionando com os textos a partir desse repertório reduzido, ou seja, a partir de posições e valores ligados a contextos em que os interesses da *vida* prevalecem sobre os do *mundo*. O resultado de tal situação é uma tendência geral de reforço da uniformidade, de redução das significações aos paradigmas oferecidos pelo repertório privado, seja no plano cognitivo ou motivacional (1990, p. 95).

Neste sentido, vale ressaltar a importância das instituições públicas que podem, e devem, contribuir para superar o confinamento cultural a que se refere Perrotti (1990). Dessa maneira, nota-se que as escolas, sem dúvida, têm sido responsáveis por ampliar, e até mesmo inserir nas famílias, as práticas de leitura que às vezes inexistem. Sua contribuição começa pelo acesso ao livro, os empréstimos e os modelos de leitores que as famílias encontram nos professores, por exemplo. Por isso, repensar os projetos de incentivo à leitura e suas práticas no interior das instituições educacionais é urgente, para que estas cumpram a contento suas atribuições fundamentais no processo de constituição do leitor.

Outro incontestável canal de disseminação do livro, e também importante para este processo de constituição do leitor, é, sem dúvida, a biblioteca pública. Diferentemente da instituição escolar, que atende a um grupo específico e restrito, que um dia vai embora, a biblioteca pública acolhe uma grande diversidade de sujeitos, possibilitando que pessoas de diferentes idades, nível escolar, condição sócio-econômica, crenças e valores resgatem ou apropriem-se de práticas de leitura. Em razão disso, pressupõe-se que a biblioteca pública, enquanto instituição promotora privilegiada da leitura, deva ser reinventada a cada época, de modo a favorecer a comunidade, atraindo-a cada vez mais para seu interior.

Evidencia-se, portanto, que uma biblioteca acolhedora não se caracteriza apenas pela presença de livros e por suas portas abertas. Uma biblioteca, que deseja compor efetivamente a mediação entre os sujeitos e a leitura, assume para si o cuidado com o acervo, oferecendo a diversidade; a preocupação com o ambiente, compondo-o de maneira acolhedora para o leitor, para que este tenha motivação para permanecer no local e sempre retornar; a promoção de atividades que incitam a participação da comunidade e a formação de seus funcionários,

figuras indispensáveis para a concretização destas mediações, que imprimem a qualidade às práticas.

No caso da biblioteca pública municipal de Jundiaí, os dados da pesquisa evidenciam que esta instituição tem sido determinante para que os sujeitos se aproximem de forma positiva deste universo da leitura. Entende-se que esta instituição, querida por várias gerações de usuários, parece ter se constituído e solidificado em virtude das demandas dos cidadãos jundiaenses e do envolvimento das equipes gestoras que assumiram o compromisso de coordenar esta instituição.

De acordo com o material consultado através da hemeroteca, infere-se que, há mais de duas décadas, a biblioteca prioriza projetos que estimulam a participação das crianças e suas famílias na instituição, bem como a parceria com as escolas. Por acreditar no potencial da criança em processo de aquisição da leitura e da escrita, vem buscando abraçar este público, cativando-o.

Inspiradora, a biblioteca contribui verdadeiramente para constituição destes sujeitos leitores e, neste sentido, preconiza-se que seja pensada com seriedade pelo poder público, haja vista sua importância, devido ao seu potencial para favorecer múltiplas vivências, possibilitando a interação afetiva entre seus participantes.

Observa-se que muitos projetos foram lançados e alguns remodelados, ao longo das gestões. Perdas, conquistas e manutenção de projetos aparecem na história da instituição, o que evidencia a importância de regulamentar, instituir e legitimar as práticas meritórias, indispensáveis para promoção de leitura. Neste sentido, a atuação do poder público deve garantir as condições para que não se corra o risco de perder todos os avanços conquistados, risco que pode ocorrer nas mudanças de gestão, lutas políticas partidárias pelo controle da instituição e interesses minoritários ou mesquinhos. Também, de extrema relevância é a formação dos funcionários que atuam na biblioteca, pois, reconhecidamente, são mediadores que necessitam desenvolver com habilidade esta atividade, de modo que todos os sujeitos possam se valer de boas orientações, independente do funcionário que os atende.

Considera-se que constituir-se leitor é um processo muitas vezes lento, que demanda anos de atividade laborativa, cognitiva, afetiva e reflexiva. Neste sentido, atenta-se para a importância de políticas públicas consolidadas para que a formação do leitor seja valorizada no âmbito familiar, escolar e da biblioteca pública, todas inter-relacionadas com políticas continuadas que viabilizem a sua constituição efetiva, que, como sabemos, não ocorre espontaneamente.

Se a leitura é uma prática sócio-cultural, que marca e impacta todos os sujeitos envolvidos, e, se o seu sucesso só pode ser alcançado a partir do envolvimento afetivo, é necessário olhar para a qualidade das mediações presentes nas atividades de leitura. Se os sentidos e significados do ato de ler são constituídos inter e intrapessoalmente, por meio das experiências concretas dos sujeitos, preconiza-se que estes sejam iniciados afetivamente em práticas de leitura e estimulados a manterem-se nela, garantindo-lhes, para isso, um rico acervo, tempo para a leitura, espaço adequado para a realização da atividade, pressupondo-se, igualmente, a presença de sujeitos mediadores de leitura ativos e disponíveis, que lhes sirvam de modelo, sempre capazes de auxiliar, inspirar e conquistar leitores experientes, leitores iniciantes ou potenciais leitores.

À guisa de conclusão, este estudo nos revela a importância da biblioteca pública no processo de aproximação afetiva dos sujeitos com práticas de leitura, bem como a mediação da família. Destaca-se, portanto, o desafio de se construírem políticas públicas que valorizem, respeitem e oportunizem práticas de leitura, tal como a biblioteca Nelson Foot vem buscando promover. Espera-se que a divulgação deste trabalho possibilite que outras bibliotecas possam valer-se das experiências aqui compartilhadas, inspirando-se para, também, criarem e fortalecerem vínculos com sua comunidade, interagindo afetivamente com seus pares. Igualmente, espera-se que instituições modelares, como a aqui apresentada, deixem de ser exceções para se tornarem a regra, em prol da constituição de leitores autônomos, assíduos, criativos e reflexivos. Que cumpram, efetivamente, com sua função social maior: contribuir para a formação de novas gerações de cidadãos melhor preparados, tarefa para a qual a leitura pode dar uma grande contribuição.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler. Práticas de leituras, história e modalidade, **XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Intercom, Campo Grande, 2001. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em: 2 fev. 2014.

AGUIAR, Wanda. M. J; OZELLA, Sérgio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 222-246, 2006.

ALIAGA, Renata. **A biblioteca escolar na produção acadêmica sobre leitura: movimentos, diálogos, aproximações**. 2013. 218 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Almeida, Ana Rita Silva. A emoção na sala de aula. Campinas: Papirus, 1999.

ALVES, Maria de Fátima; RIBEIRO, Roziane Marinho. Formar professores mediadores de leitura na educação básica: É possível vencer este desafio na formação continuada? **Leitura: Teoria & Prática** (Suplemento), n. 58, p. 97-106, jun. 2012.

AMARAL, Aline Martins Franco do. **Dificuldades de aprendizagem**: análise de uma prática pedagógica com sucesso. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2012.

AMARAL, Suely. A constituição da pessoa: dimensão cognitiva. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (orgs.) **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

AMARAL, Suely Aparecida. Estágio Categorical. Em: MAHONEY e ALMEIDA (orgs.). **Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ARENA, Dagoberto Buim. Alunos, professores e bibliotecários: uma rede a ser construída. **Leitura: Teoria & Prática**, ano 29, n. 57, p.10-17, nov. 2011.

ARRUDA, Renata Kelly de. **Super Notícia**: um jornal entre leitores. 2015. 170 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2015.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). A interação verbal (cap. 6). In: BAKHTIN, M. (Volochinov) **Marxismo e filosofia da linguagem- Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Das orientações do pensamento Filosófico-Linguístico (cap. 4). In: BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem- Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Língua, Fala e Enunciação (cap. 5). In: BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem- Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Toward a philosophy of the act. Tradução e notas Vadim Liapunov. Ed. Vadim Liapunov e Michael Holquist. Austin: University of Texas, 1993.

BAPTISTA, Mônica Correia; CÂNDIDO, Flora Gomes e CALIGIORNE, Priscila. A formação do professor como leitor de literatura: A experiência do projeto Tertúlia literária da Faculdade de Educação da UFMG. **Leitura: Teoria & Prática** (Suplemento), n. 58, p. 292-298, jun. 2012.

BARROS, Flavia Regina de. **Alfabetização e letramento na educação de jovens e adultos**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2011.

BASTOS, Alice Beatriz B. Izique e DÉR, Leila Christina Simões. Estágio do Personalismo. In: MAHONEY e ALMEIDA (orgs.). **Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

BATTLES, Matthew. **A conturbada historia das bibliotecas**. São Paulo, SP: Planeta do Brasil, 2003.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1982.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Escrita, Leitura, Dialogicidade. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin Dialogismo e construção de sentido**. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2005.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Subjetividade, argumentação, polifonia**. A propaganda da Petrobrás. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

BRESSON, François. A leitura e suas dificuldades. In: Chartier, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

CAMPOS, Milena Cássia Pinto de; FONTANA, Roseli Aparecida Cação (orient.). **A leitura como experiência: os livros preferidos dos leitores**. Campinas, SP: [s.n.], 2011.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (Do Etnólogo). In: NOVAES, Adauto (Coaut. de). **O olhar**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1988.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Coaut. de). **Historia da leitura no mundo ocidental**. São Paulo, SP: Ática, 1998

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce (ed.). **A invenção do cotidiano: 1 : artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves**. 16. ed., nova ed. , estabelecida e apresentada por Luce Giard. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2.morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre praticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (Coaut. de). **O olhar**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1988.

COLOMBO, Fabiana Aurora. **Aquisição da escrita**: a afetividade nas atividades de ensino desenvolvidas pelo professor. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2007.

COOK-GUMPERZ, Jenny. **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

COSTA, Lúcia Helena F. Mendonça. Estágio Sensório-Motor e Projetivo. In: MAHONEY e ALMEIDA (orgs.). **Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DANTAS, H. A Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor "comum" do século XVIII. In: Chartier, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

DÉR, Leila Christina Simões e FERRARI, Sirley Costa. In: MAHONEY e ALMEIDA (orgs.). **Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DUARTE, Márcia Pires e GULASSA, Maria Lúcia Car Ribeiro. Estágio impulsivo emocional. In: MAHONEY e ALMEIDA (orgs.). **Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie (Coaut. de). **Pesquisa participante**. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1989.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo, SP: Instituto Pró-Livro: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

FAILLA, Zoara. Leituras dos “retratos”- o comportamento leitor do brasileiro. In: **Retratos da leitura no Brasil 3**. Organizadora Zoara Failla. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **Leitura no Brasil: catálogo analítico de dissertações de mestrado e teses de doutorado: 1980-2000**. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **Pesquisa em Leitura: um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995**. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

FIORIN, José Luiz. Leitura e dialogismo. Em: Zilberman, Regina e Rosing, Tania M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

FISCHER, Steven R. **Historia da leitura**. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GAZOLI, Daniela Gobbo Donadon. **Afetividade e condições de ensino na educação de jovens e adultos**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2013.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura na escola. In: Geraldi, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2004.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. **As lições de Meninice: um estudo sobre as representações de livros de leitura inscritas na série graduada de leitura Meninice (1948/1949), de Luiz Gonzaga Fleury**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2014.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. **O livro: objeto de estudo e de memória de leitura**. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2009.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: Chartier, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

GUIMARÃES, Daniela Cavani Falcin. **A afetividade na sala de aula: as atividades de ensino e suas implicações na relação sujeito-objeto**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2008.

GROTTA, Ellen B. **Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: Chartier, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

HELOANI, José Roberto. **Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2003.

HERNANDES, Bárbara Cristina de Oliveira; FONTANA, Roseli Aparecida Cação (orient.). **A constituição do sujeito leitor: acessibilidade, mediação e construção de uma relação dialógica com a leitura**. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

HIGA, Sue Ellen Lorenti; LEITE, Sergio Antonio da Silva (orient.). **A constituição do sujeito leitor: duas histórias de mediação**. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papyrus, 1997.

JOSÉ, Elias. **Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KAGER, Samantha; LEITE, Sergio Antonio da Silva (orient.). **As dimensões afetivas no processo de avaliação**. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. Envolver para desenvolver: por uma política de dinamização da leitura a partir das bibliotecas escolares. **Leitura: Teoria e Prática**. Campinas/SP: Global Editora, ano 29, n. 57, p.18-27, nov. 2011.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. **Leitura e envolvimento: a escola, a biblioteca e o professor na construção das relações entre leitores e livros**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

LARROCCA, Priscila. **Conhecimento psicológico e séries iniciais**: diretrizes para a formação de professores. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 1996.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org.). **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade e o processo de constituição do leitor. **Leitura: Teoria e Prática**, n. 57, p.38-47, nov. 2011.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Alfabetizar para ler. Ler para conquistar a plena cidadania. In: FAILLA, Zorara (org). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva e COLOMBO, Fabiana Aurora. A voz do sujeito como fonte primária na pesquisa qualitativa: a autoscopia e as entrevistas recorrentes. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro e Franco, SANTORO, Maria Amélia (Orgs.). **Pesquisa em Educação – Alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva e FALCIN, Daniela Cavani. O professor inesquecível: a afetividade nas práticas pedagógicas. In: SOUZA, MARIA THEREZA C. COELHO DE e BUSSAD, VERA SILVIA RAAD. **Razão e Emoção: Diálogos em construção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; HIGA, Sue Ellen Lorenti. Aproximação e afastamento na relação entre crianças e as práticas de leitura: o papel da mediação pedagógica do professor.

In: LEME, M. I. S.; OLIVEIRA, P. S. (Orgs.) **Proximidade e Distanciamento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

LIMA, Bárbara Carvalho Marques Toledo; AZEVEDO, Heloísa Helena de Oliveira. Leitura fruição em sala de aula: subsídios para a formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, Ano 5. v.5, n.9, p.66-79, jan-jun. 2011.

LUDKE, Marli. & ANDRÉ, Menga. E. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, Alexander R. Vigotskii. In: VYGOTSKY, Lev Seminovich; LURIA, ALEXANDER ROMANOVICH; LEONTIEV, Aleksei Nicolaievich (Coaut. de). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo, SP: Ícone, 2006.

MACHADO, Ana Maria. Sangue nas veias. In: Retratos da leitura no Brasil 3 In: FAILLA, Zorara (org). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

MACHADO, Elisa C.; JÚNIOR, Alberto C. E. e ACHILLES, Daniele. **A biblioteca pública no espaço público: estratégias de mobilização cultural e atuação sócio-política do bibliotecário**. In: Perspectivas em Ciência da Informação, v. 14, número especial, p. 115-127, out./dez. 2014.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. Introdução. In: MAHONEY e ALMEIDA (orgs.). **Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (orgs.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MANIFESTO DA IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas, 1994. Disponível em: (<http://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/series/147-pt.pdf>). Acesso em: outubro de 2015.

MARCELINO, Fernanda Torresan. **O ler por prazer : a construção de uma forma de entendimento da leitura nos anos 80**. Campinas, SP: [s.n.], 2003.

MARTINS, Renata Pereira. **Estudos introdutórios sobre leitura no Brasil – 1996 a 2000**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

NEWMAN, Fred.; HOLZMAN, Lois (Coaut. de). **Lev Vygotsky: cientista revolucionário**. São Paulo, SP: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O pensamento de Vygotsky como fonte de reflexão sobre a educação. In: **Caderno Cedes: 35** –Campinas : Papyrus 1995, p. 9 – 14

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O problema da afetividade em Vygotsky. In: De La Taille, Y; Oliveira, M.K e Dantas, H. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, Valéria Amorim (org). **Afetividade na escola**. São Paulo: Summus, 2003.

PENIDO, Thaís Nogueira; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (orient.). **Um estudo da leitura como temática nos resumos das teses de doutorado e das dissertações de mestrado no Brasil (2000-2005)**. Campinas, SP: [s.n.], 2010.

PERROTTI, Edmir. Biblioteca não é depósito de livros. **Nova Escola**, São Paulo, 193, junho de 2006.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo, SP: Summus, 1990.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo, SP: Icone Ed., 1986.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda L. Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy P. (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Novos saberes para o século XXI. In: MENDONÇA, R.H.; MARTINS, M. F. (orgs.). **Novos saberes para a Educação**. Rio de Janeiro : ACERP ; Brasília, DF : TV Escola, 2013. p. 9-25 (TV, educação e formação de professores: salto para o futuro 20 anos, 4). Disponível em: HTTP://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/vol_4_salto_para_o_futuro_20_anos.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2015.

PIERUCCINI, Ivete; PERROTTI, Edmir. Biblioteca escolar: da superação do empirismo à Infoeducação. In: **FÓRUM DE PESQUISA EM BIBLIOTECA ESCOLAR**, 1, 2012, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: GEBE – Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar. Escola de Ciência da Informação, UFMG, 2012. p. 9-27. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/BIBLIOTECA%20ESCOLAR_GEBE.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2015.

PETIT, Michèle. **Os Jovens e a Leitura: uma nova perspectiva**. Trad. De Celina Olga de Souza. SP: Ed. 34, 2008.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. SP: Ed. 34, 2009.

PLATZER, Maria Betanea. **Crianças leitoras entre praticas de leitura**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2009.

PRANDINI, Regina C. A. Rego. A constituição da pessoa: integração funcional. In: In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (orgs.) **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo, SP: T. A. Queiroz, 1991.

RATTO, Ivani. Ação política: fator de constituição do letramento do analfabeto adulto. In: Kleiman, Ângela B. **Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

ROCHETTI, Paula Virginia de Almeida. **Leitores de locadora de livros**. Dissertação (mestrado)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2012.

ROLINDO, Adriano Caetano. **O processo de constituição do aluno como produtor de textos**: o papel da mediação pedagógica. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2013.

SAENGER, Paul. A leitura nos séculos finais da Idade Média. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Coaut. de). **Historia da leitura no mundo ocidental**. São Paulo, SP: Ática, 1998

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: Zilberman, Regina e Rosing, Tania M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia. São Paulo: Cortez, 1987.

SILVA, Lilian Lopes Martins da. **Mudar o ensino da língua portuguesa**: uma promessa que não venceu nem se cumpriu mas que merece ser interpretada. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, faculdade de Educação, Campinas, 1994.

SILVA, Lilian. M. **Memórias de leitura: a constituição do leitor escolar**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

SILVA, Lílian L. M.da; FERREIRA, Norma S. de A. e SCORSI, Rosalia de A. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata J. de (org.).

Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação. Campinas. SP: Mercado de Letras, 2009.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação- uma arena de significados. In: Costa, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SMOLKA, A. L. B. A atividade da leitura e o desenvolvimento das crianças. In: SILVA, E. T. & BORDINI, M. G. (Orgs.) **Leitura e desenvolvimento da linguagem.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

SOUZA, J. S. Z. **A mediação da família na constituição do leitor.** Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

TAGLIAFERRO, Ariane Roberta; LEITE, Sergio Antonio da Silva (orient.). **Um professor inesquecível: a construção de uma memória coletiva.** Campinas, [SP: [s.n.], 2003.

TAKAMATSU, Sônia Midori. **A biblioteca César Bierrenbach: o centro de Ciências, Letras e Artes e a utopia do conhecimento.** Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas. Campinas: SP, 2011.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula.** Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2000.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade na aprendizagem da leitura e da escrita: uma análise a partir da realidade escolar. In: **Estudos e Pesquisas em Psicologia.** Rio de Janeiro v. 13 n. 2 p. 524-544, 2013.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A dinâmica interativa na sala de aula: as manifestações afetivas no processo de escolarização.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2008.

TASSONI, Elvira Cristina Martins e LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana.** Porto Alegre, v.36, n.2, p. 262-271, maio/ago.2013.

TOZZI, Juliana Bernardes. **Livro infantil no Brasil (2007-2008)** = marcas em circulação, catálogos de divulgação e infâncias anunciadas. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2011.

VAN DER VEER, René e VALSINER, Jaan. **Vygotsky: uma síntese**. São Paulo: Loyola, 1996.

VON SIMSON, Olga. Memória e Identidade Sócio-Cultural. In: XI th International Oral History Conference - Proceedings vol. 03. Rio de Janeiro: **Centro de Pesquisa e documentação de História Contemporânea do Brasil**: Fundação Getúlio Vargas: FIOCRUZ, Casa de Oswald Cruz, 1998.

VYGOTSKY, Lev Seminovich; LURIA, ALEXANDER ROMANOVICH; LEONTIEV, Aleksei Nicolaievich (Coaut. de). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo, SP: Ícone, 2006.

VYGOTSKY. Lev Seminovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY. Lev Seminovich. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins fortesn 1998.

VYGOTSKY. Lev Seminovich. **Obras Escogidas**. Madri: Visor, 1993, v. 2.

VYGOTSKY. Lev Seminovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1995a

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 2007.

ZAZZO, René. Wallon, Psicólogo da Infância. In: Wallon, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Portugal: Edições 70, 1995.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: Zilberman, Regina e Rosing, Tania M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

9. ANEXOS

Anexo I- Questões norteadoras para entrevista

1. Qual a sua profissão e sua escolaridade?
2. Há quanto tempo você frequenta a biblioteca municipal?
3. Como você conheceu esse espaço?
4. Você se lembra qual foi a primeira vez que veio à biblioteca? Por quê?
5. Por qual motivo você decidiu incentivar a participação de sua criança na biblioteca?
6. Como você se sente nesse ambiente?
7. Quais são as suas recordações da infância e juventude em relação à leitura?
8. Na sua vida alguém incentivou a sua aproximação com a leitura?
9. Você pode me contar alguma experiência sua na infância, adolescência ou até mesmo recente que considera importante para a sua relação com a leitura?
10. Você tem acesso a revistas, jornais e livros em casa?
11. Você lê em casa para seus filhos? Que tipo de material?
12. Você já participou das contações de histórias oferecidas pela biblioteca? Como avalia esse momento e quais os seus impactos?

AnexoII- Termo de Autorização Institucional

Ilustríssimo (a) Senhor (a)

Eu, Sue Ellen Lorenti Higa, estudante de pós-graduação na Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação do professor Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite, venho pelo presente, solicitar vossa autorização para realizar a pesquisa: “Famílias que participam de biblioteca. A importância da mediação afetiva na constituição da criança leitora” na Biblioteca Pública Municipal Prof. Nelson Foot.

Este projeto de pesquisa tem como objetivo identificar quem são as pessoas que participam com frequência do setor infantil da Biblioteca Municipal de Jundiaí, descrevendo e analisando a mediação dos adultos envolvidos no processo de aproximação da criança com o universo da leitura. Busca-se compreender como e porque esses adultos se tornaram mediadores dessas crianças em processo de formação enquanto leitoras de livros e quais são as ações que desenvolvem com a intenção de criar vínculos afetivos positivos entre a criança e os livros, analisando a repercussão dessas práticas nas crianças.

Sua contribuição envolve permitir a filmagem, gravação de áudio, registros fotográficos de momentos que envolvam a participação das famílias na biblioteca Pública Municipal Prof. Nelson Foot e conceder entrevistas que serão áudio- gravadas. As filmagens/imagens serão vistas apenas pelos sujeitos da pesquisa, pela pesquisadora e por seu orientador. Fotos em que não apareçam os rostos dos participantes poderão ser anexadas na dissertação dessa pesquisa. As entrevistas serão gravadas e, posteriormente, transcritas, se assim você permitir. Ressalta-se que as famílias envolvidas na pesquisa também terão ciência dos objetivos da pesquisa e assinarão individualmente um termo de consentimento livre e esclarecido.

A participação nesse estudo é voluntária e se a instituição decidir não participar ou quiser desistir em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Sua recusa ou desistência não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora. Na publicação dos resultados desta pesquisa, a instituição será identificada, mas a identidade dos sujeitos participantes será mantida no mais rigoroso sigilo. O(A) Sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. O benefício relacionado à sua participação será o de contribuir para o aumento do conhecimento científico na área da Constituição do Leitor. Se tiver qualquer dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa, poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (11) 99588-6824/ 4606- 5213, ou pelo e-mail: sueellenhiga@yahoo.com.br. Se desejar obter mais informações a respeito dos aspectos éticos da pesquisa, poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP:

Comitê de Ética em Pesquisa. - Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 – Caixa Postal: 6111 13083-887 Campinas – SP. Fone: (19)3521-8936. E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Autorização Institucional

Eu, _____,

RG: _____ responsável pela instituição “Biblioteca Pública Municipal Prof. Nelson Foot” declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, a qualquer momento poderemos revogar esta autorização. Declaro também, que não recebemos qualquer pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Assinatura e carimbo

Anexo III- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: “Famílias que participam de biblioteca. A importância da mediação afetiva na constituição da criança leitora”

Número do CAAE: 23787113000005404

Pesquisadora: Sue Ellen Lorenti Higa

Faculdade de Educação da UNICAMP- Departamento Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte (DELART)
- Grupo de pesquisa Alfabetização, leitura e escrita (ALLE).

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite

Faculdade de Educação da UNICAMP- Departamento de Psicologia Educacional (DEPE) - Grupo de pesquisa Alfabetização, leitura e escrita (ALLE).

Você está sendo convidado a participar como voluntário de um estudo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos e deveres como participante e é elaborado em duas vias: uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes, ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Justificativa e objetivos:

Vivemos em um país que há décadas enfrenta problemas relacionados à leitura e à formação de leitores. Esse estudo pretende descrever e analisar os modos de participação do (a) senhor (a) e sua criança, bem como de outras famílias que frequentam assiduamente a biblioteca municipal de Jundiá.

Procedimentos:

Para este estudo faremos observações sobre sua participação na biblioteca em vários momentos (quando lê ou empresta livros, quando assiste aos eventos programados, como as contações de histórias), além de uma entrevista de aproximadamente 20 minutos, na qual você explicará como incentiva a participação de seu filho na biblioteca.

Você poderá participar de entrevistas adicionais para esclarecer questões ou aprofundar informações, se for necessário. Essas entrevistas serão marcadas de acordo com a sua disponibilidade, aproveitando os momentos em que você participa da biblioteca, com a finalidade de não lhe causar transtornos.

Queremos deixar claro que a realização deste estudo envolve filmagem, gravação de áudio e registros fotográficos tanto dos momentos que sua família está na biblioteca quanto durante as entrevistas. As filmagens e imagens poderão ser vistas apenas por você e sua família, além dos pesquisadores responsáveis. Como se trata de uma tese de mestrado, fotos em que não apareçam os rostos dos participantes poderão ilustrar a tese, quando for publicada. Para participar deste estudo, você deverá autorizar a utilização destes recursos, ao final deste documento. Quando o estudo for concluído, todo o material gravado será guardado por período de 5 anos.

Desconfortos, riscos e benefícios do estudo:

Essa pesquisa não oferece riscos previsíveis para você ou sua família, mas poderá haver algum desconforto por saberem que estão sendo filmados ou mesmo pelo tempo dedicado ao estudo. Também não haverá benefício direto para vocês. Entretanto, ao participar deste estudo vocês estarão contribuindo para que ampliar o conhecimento científico sobre a formação do leitor e a importância da família nesse processo de constituição.

Ressarcimentos:

Não haverá ressarcimento de despesas, pois as observações e entrevistas serão realizadas no dia em que você for espontaneamente para a biblioteca. A participação nesse estudo é totalmente voluntária e não acarretará em custos extras em seu orçamento.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificar você ou qualquer membro da sua família. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição, quando finalizada. Para saber sobre esses resultados, você poderá entrar em contato um dos pesquisadores.

Contatos:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (11) 99588-6824/ 4606- 5213, ou pelo e-mail: sueellenhiga@yahoo.com.br.

Se desejar obter mais informações a respeito dos aspectos éticos da pesquisa, registrar uma denúncia ou reclamações sobre sua participação no estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp: Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter sido esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar do presente estudo.

Nome e assinatura do(a) participante:

_____ Data: ____/____/____

Aceito que as entrevistas que eu participar sejam gravadas () _____ (rubrica do participante)

Não aceito que as entrevistas sejam gravadas ()

Aceito que eu e minha família sejamos filmados durante atividades na biblioteca e a realização deste estudo ().

Não aceito que eu e minha família sejamos filmados durante atividades na biblioteca e a realização deste estudo ().

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da Resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

(Assinatura do pesquisador e data)

Anexo IV- Modelo de Folder Mensal Impresso

Momentos do lançamento da 11ª Olimpíada de Redação
E ENTREGA DO LIVRO COM OS TEXTOS PREMIADOS AOS AUTORES DA 10ª EDIÇÃO

Prefeito Pedro Bigardi entrega livro para um dos participantes da 10ª Olimpíada.

Participantes da Categoria Mirim contemplada na edição de 2014.

Diretora Leila Casote entrega livro para uma das participantes da 10ª Olimpíada.

Trombone, flautas e clarinetes. Projeto Guri nos prestigiou com música de qualidade na noite de lançamento da Olimpíada.

As inscrições para a 11ª Olimpíada estão abertas. Participe e seja um dos classificados!!!

PROGRAMAÇÃO
Biblioteca Municipal
PROFESSOR NELSON FOOT
Julho de 2015

A Biblioteca conta também com o Programa Acesso Jundiá e rede Wi-Fi Jundiá Digital.
Venha utilizar mais esses recursos!
 CURTA NOSSA PÁGINA NO FACEBOOK:
www.facebook.com/bibliotecamunicipaljundiá

Secretaria de Educação
 Prefeitura de Jundiá

Cuidar da cidade é cuidar das pessoas

FALE CONOSCO

Biblioteca Pública Municipal "Prof. Nelson Foot"
 Centro Educacional ARGOS
 Espaço João Guimarães Rosa (prédio cor de terra)
 Av. Dr. Cavalcanti, 396 – Centro – Jundiá / SP – CEP 13201-003
 Fone: (11) 4527-2110 @ bibliotecajundiá.sp.gov.br
www.jundiá.sp.gov.br/secretarias
www.facebook.com/bibliotecamunicipaljundiá

Secretaria de Educação
 Prefeitura de Jundiá

Cuidar da cidade é cuidar das pessoas

Programação

Julho/2015

01 e 14/07 – às 15h

“Brincadeiras de criança, como é bom...” Antigamente as crianças não tinham tantos brinquedos como às de hoje e, por isso, tinham que usar mais a criatividade para criá-los. Resgatando as brincadeiras antigas, as servidoras da Biblioteca vão interagir com o público infantil trazendo um pouco de suas experiências. Participe!

02 e 30/07 – quintas-feiras – 15h

“Cine-Biblio” - Apresentação de diversos filmes infantis. Não perca a “sessão pipoca”.

De 03 a 30/07

“Olhares” – Exposição de quadros do artista plástico Rafael Genda. Ele emprega em suas obras as mais variadas técnicas e sua palheta de cores, ora quente, ora fria. Procura retratar com lirismo e, porque não dizer, com pitadas de humor, cenas cotidianas. Venham conferir.

03/07 – sexta-feira – 15h

Narração de história: “O caso do bolinho”, com a servidora Elisabete Brito.

04/07 – sábado – 10h

Oficina: “Charadas para você quebrar a cabeça e jogar”, com a servidora Maria Helena Neto.

07/07 – terça-feira – 15h

“Brincadeiras musicais” – Brincadeiras, músicas e muita diversão, com Eliane Lucenti. Tragam seus filhos e participem!

16/07 – quinta-feira – às 15h

Narração de história: “Menina bonita do laço de fita”, com a servidora Roseli Rodrigues Marques.

17/07 – sexta-feira – às 15h

Narração de história: “Rinocerontes não comem painquecas”, com a professora Mirna Campos.

18/07 – sábado – 10h

Palestra: “Como ensinar as crianças a seguir as regras dentro de casa?” – com as psicólogas Raquel Araújo e Sílvia Simões. Apresentação de estratégias básicas de como organizar a rotina dos filhos, promover o respeito e as regras e limites em casa, na vida diária. Uma parceria entre Biblioteca Pública e a InterAnálise.

FIQUE SÓCIO DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL “PROF. NELSON FOOT”

Para emprestar uma obra é necessário ser sócio da biblioteca. Ficar sócio é fácil e rápido, precisa apenas do seu RG e um comprovante de residência atual. Venha associar-se e saber de todos os benefícios.

VISITA MONITORADA COM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

(Pré-agendadas) com as Profas. Joyce Suriane e Débora Plovesan. Público alvo: alunos da rede pública e privada e demais segmentos sociais. Informações pelo telefone (11) 4527-2110.

AOS SÁBADOS

Venham juntar-se ao grupo dos jogadores de xadrez. Sabemos dos benefícios dessa prática, dentre eles, o desenvolvimento do raciocínio matemático; o aumento da disciplina; maior sociabilidade de comunicação, etc ... É a Biblioteca de portas abertas!!

CONHEÇA O ACERVO BRAILLE

A Biblioteca oferece às pessoas com deficiência visual, um espaço com livros em Braille, fonte ampliada e livros falados. Os assuntos abrangem literatura estrangeira e brasileira, história, autoajuda, xadrez, iniciação à informática, dicas culinárias, além de livros infanto-juvenis e juvenis. E tem também a coleção da revista Ponto a Ponto, que traz tema de interesse geral.

Sugestões de leitura

AS VACAS DE STALIN
Soft Oksanen

A HISTÓRIA DE PÉPPA

O PEQUENO LIVRO DO ROCK
Hervé Bourhis

GO
Nick Farewell

COISAS FRÁGEIS
Neil Gaiman

FIQUE COMIGO
Harlan Coben

O CHAMADO DO CÚCO
Robert Galbraith

O BICHO-DA-SEDA
Robert Galbraith

Série CAVALEIROS DO ZODÍACO: EPISÓDIO G
Masami Kurumada

MODEL
Lee-So-Young

Anexo V- Eventos realizados no ano de 2014 (Extraído do site da biblioteca)

ATIVIDADES REALIZADAS DE JANEIRO A DEZEMBRO/2014

NA BIBLIOTECA NELSON FOOT – EVENTOS

APRESENTAÇÃO CINEMATOGRAFICA

Dias 06, 08, 10, 14, 16, 20, 22, 23, 27, 28, 29 e

31/01 – às 10h e às 15h

“Cine Biblioteca”- Apresentação de diversos filmes infantis.

08/05 – quinta-feira – às 18h30

Apresentação do filme “O renascimento do parto”.

Em comemoração ao

“Dia das Mães” debate sobre temas relacionados ao parto e nascimento.

Público alvo: população em geral, a partir de 10 anos de idade.

Dias 11 e 25/07 – às 15h

“Sexta é dia de cine” – Apresentação de filmes infantis.

18/12 – terça – às 15h

“Cine Biblio” – Conto de Natal.

BATE-PAPO COM AUTOR

25/01 – sábado – às 10h

O escritor Márcio Martelli convite para um bate-papo com contação de história.

05/07 – sábado – às 10h

O escritor Márcio Martelli convite para um bate-papo com contação de história.

19/09 – terça-feira – às 9h

“Viagem Literária” – uma das ações da Secretaria de Estado da Cultura de

SP trouxe o escritor Luiz Puntel.

15/10 – quarta-feira – às 17h

“Viagem Literária” – uma das ações da Secretaria de Estado da Cultura de

SP trouxe o escritor Guilherme Fiuza.

24/10 – sexta-feira – às 19h

“Prêmio São Paulo de Literatura” – uma das ações da Secretaria de Estado

da Cultura de SP trouxe os escritores Alberto

Martins, João Anzanello

Carrascoza, Marcelino Freire e Rogério Pereira.

CAMPEONATOS

2

11/01 – sábado – às 9h

14º Torneio Relâmpago de Xadrez de Férias na Biblioteca

Para todas as idades (masculino e feminino)

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

09/01 – quinta-feira – às 15h

“O caso do bolinho” de Tatiana Belinky história contada pela professora Sue

Ellen Lorenti Higa, com auxílio de fantoches.

14/01 – terça-feira – às 15h

Contação de história “A formiguinha e a neve”, com a professora Mirna Campos.

15/01 – quarta-feira – às 15h

Contação de história “O reizinho mandão” de Ruth Rocha, com a professora

Roseli Elisabeth Arlindo Schnell Pizarro.

17/01 – sexta-feira – às 15h

Contação de história “A grande fábrica de palavras” de Agnès de Lestrade, com a professora Joyce Tatiana Surian.

18/01 – sábado – às 10h

Contação de história “Pedro marinheiro”, com a professora Milva Morelli.

24/01 – sexta-feira – às 15h

Contação de história “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado, com a diretora da rede municipal Teresa Raquel Ferracini.

08/02 – sábado – às 10h

Contação da história “Diferentes – pensando conceito e preconceito” de

Liana Leão, com a professora Leila Maria Sá Soares.

08/03 – sábado – às 10h

Contação de história: “O ensinamento dos animais” – conto japonês, com a

colaboradora Luciana Inamura.

29/03 – sábado – às 10h

Contação de história “A borboleta chique”, de Cintia Zullino Yunes,

apresentada pelas servidoras Elisabete Brito, Neusa Silva e Helena Neto.

05/04 – sábado – às 10h

Contação de história: “O menino que aprendeu a ver” – de Ruth Rocha,

apresentada pela colaboradora Luciana Inamura.

31/05 – sábado – às 10h

3

Contação de história: “A sopa de pedra”, apresentada pela professora Elis

Regina Lima Martins.

07/06 – sábado – às 10h

Contação de história: “Qual o sabor da lua”, apresentada pela professora

Débora Piovesan.

02/07 – quarta-feira – às 14h

“Tarde de conto” – histórias contadas por avôs e avós. Apresentação de integrantes do CRIJU – Centro de Referência ao Idoso de Jundiá.

07/07 – segunda-feira – às 15h

Contaçõ de história: “A primavera da lagarta”, apresentada pela professora Roseli Elisabeth Arlindo Schnell Pizarro.

10/07 – segunda-feira – às 15h

Contaçõ de história: “Menina bonita do laço de fita”, apresentada pela professora Roseli Elisabeth Arlindo Schnell Pizarro.

15/07 – terça-feira – às 15h

“A bonequinha” – história cantada, apresentada pelas servidoras da rede Aline Rafaela da Cunha e Adriana da Silva Godoy Reis.

16/07 – quarta-feira – às 15h

Contaçõ de história “As memórias de Emília”, com a escritora Sueli Patelli e a musicista Sabrina Koyama.

02/08 – sábado – às 10h

Contaçõ de história “Macaquinho”, apresentada pela professora Elisabete Brito.

09/08 – sábado – às 10h

Contaçõ de história “A tartaruga e a fruta amarela”, apresentada pelas professoras Joyce Surian e Débora Piovesan.

25/08 – segunda-feira – às 9h30 e 14h30

“Viagem Literária” – uma das ações da Secretaria de Estado da Cultura de SP trouxe a contadora de história Tinha Calazans, em “Grimmiostórias”.

30/08 – sábado – às 10h

“O grúfalo”, história contada pela professora Mariana Silva e sonorizada pela professora Mariana Borges.

4

20/09 – sábado – às 10h

“Roda de histórias divertidas” para crianças de todas as idades, com a Cia. Na Ponta da Língua.

27/09 – sábado – às 10h

Contaçõ de história “Romeu e Julieta” adaptação de Rute Rocha, com as professoras Joyce Surian e Débora Piovesan.

29/11 – sábado – 10h

“O mal do lobo mau”, apresentada pelas professoras Jéssica Gouveia e Daiane Zorzi.

13/12 – sábado – 10h

“O Natal de Baltazar”, história natalina contada pelas professoras Joyce Surian e Débora Piovesan.

CURSOS

Dias 08, 15, 22/02 e 08/03 – às 10h

“Cartoon”- Curso compacto de bases teóricas e práticas em desenho estilo cartoon, com Caroline Battioli.

Dias 15, 22, 29/03 e 05/04 – às 10h

“Cartoon”- Curso compacto de bases teóricas e práticas em desenho estilo cartoon, com Caroline Battioli.

14/06 – sábado – às 9h

“Concurso de desenho” promovido pela Cia. Paulista de Arte para crianças

de 8 a 10 anos.

ESPETÁCULOS

22/02 – sábado – às 10h

“Projeto Cubo Mágico” – oficina com o Circo Alegria – teatro, música e muita diversão. Faixa etária até 13 anos.

Dia 15/03 – sábado – às 10h

“Turma da Jububa” – um show interativo e divertido com muitas músicas e histórias.

De 21 a 24/08

“Encontro Internacional Magdalena 3ª Geração – DNA – Arte e Identidade”

– Encontro internacional de teatro feito por mulheres ligado a rede The Magdalena Project.

5

03/10 – sexta-feira – às 19h

Apresentação teatral: “YOM KIPUR O Dia do Perdão”, com o Grupo Vida em Cena.

EXPOSIÇÕES

De 03 a 14/02

“Releituras de Gustavo Rosa” uma exposição de quadros dos alunos da Escola Infantil Dom Quixote, de Jundiá.

De 06 a 15/03

2ª Exposição de livros de autoras femininas em homenagem ao Dia

Internacional da Mulher. Ficarão expostas também reportagens de destaques femininos do ano de 2013.

De 17 a 28/02

“Casa ou lar?” uma exposição dos trabalhos realizados com os alunos da

Fundação Antônio Antonieta Cintra Gordinho dentro das oficinas educacionais

(comunicação e expressão; ação e movimento, artesanato, jogos e pesquisas, inglês, informática e grafite).

De 17/03 a 11/04

“Observando a natureza, descobrimos que o céu é o limite” – Exposição

de fotografias de Brasil Campos Júnior.

15/04 – terça-feira – às 19h30

Lançamento do livro “Portfólio 2014” dos alunos da Arroyo Curso e In House.

Exposição dos trabalhos - 70 participantes.

Apresentação especial da Banda

Olam Ein Sof.

17/05 – sábado – às 10h
 Inauguração da Gibiteca Gedeone Malagola e abertura da exposição de HQ de Paulo Borges.
 De 02 a 14/06
 “Mostra Fotográfica JJ nos Bairros”, reuniu os melhores fotojornalistas de Jundiá e Região para retratar o município de Jundiá.
 De 18 a 30/06
 “Impressões” – exposição de fotografias dos alunos Arte & Movimento.
 De 07 a 31/07
 “Mais que mil palavras” – exposição de fotos dos alunos do fotógrafo Carlos Magno, acompanhadas de poemas de Geralda Aparecida Dias.
 De 01 a 14/08
 “Paisagismo” – exposição de quadros de Antônio Bocaina (Tito).
 De 18 a 30/08
 “Mulher Árvore” – exposição de xilogravura e cerâmica da artista plástica Renata Andrade.
 6
 De 04 a 13/09
 “Suicídio – epidemia calada, fragmentos de uma obra inacabada.” A mostra é composta por 12 quadros pintados pelo jundiáense Felipe de Stefano Balster Martins.
 26 a 30/09
 “Projeto” - exposição de trabalhos feitos pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos.
 De 04 a 14/10
 “About being a woman” (sobre ser uma mulher) – exposição de fotos de Renata Barboza Carvalho.
 De 08 a 31/10
 “Homenagem aos 75 de Batman” – Curadoria: Ede Galileu.
 De 09 a 31/10
 “Pop Faces” – idealizadas pelo professor Alex Roch.
 11/10 – sábado – às 9h
 Exposição Mega Fauna Brasileira – exibição de documentário Mega Fauna Brasileira, mediação e apresentação de réplicas e painéis e oficina de ilustração.
 De 17 a 31/10
 “Cores poéticas” – exposição de quadros do artista plástico Paulo Gomes.
 De 04 a 13/11
 “Devaneios” – exposição de artes visuais pelos formandos na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
 De 17/11 a 01/12

“Colorindo o ritmo da música!” exposição com obras de arte feitas pelos assistidos da AMARATI.
 De 18 a 29/12
 “Instantes... Lembranças eternas...”, mostra de artes plásticas da pintora Rosemeire Ramos Caodaglio.
 LANÇAMENTO DE LIVROS
 07/03 – sexta-feira – às 19h
 Lançamento de livro “A luz que ilumina o caminho”, de Marcos Roberto Zamana (funcionário da CIJUN). Editora In House.
 7
 15/04 – terça-feira – às 19h30
 Lançamento do livro “Portfólio 2014” dos alunos da Arroyo Curso e In House. Exposição dos trabalhos - 70 participantes. Apresentação especial da Banda Olam Ein Sof.
 10/06 – terça-feira – às 19h
 Lançamento do livro “Versos & Versos” de Liege Esteves. Editora In House.
 Atração musical: Coral Unimed
 11/06 – terça-feira – às 19h
 Lançamento do livro “Morte às vassouras” de Cláudia Canto. Editora Cazuá.
 13/06 – sexta-feira – 19h
 Lançamento do livro “A saga do casal vencedor” de Edson França. Editora Julia Larissa Ltda.
 08/08 – sexta-feira – às 19h
 Lançamento do livro “Tudo é poesia” de Luiz Henrique Filippi, com tradução para o italiano da professora Maria Eugenia Savietto.
 10/10 – sexta-feira – 19h
 Lançamento do livro “No meu tempo de criança”, coordenado por Nelson Manzatto. Editora In House.
 MUSICAIS
 22/03 – sábado – às 9h30
 Canarinhos da Terra Núcleo Jundiá apresenta: “Venha fazer música com a gente!” Manhã cultural com apresentações, jogos e brincadeiras musicais.
 09/05 – sexta-feira – às 19h
 Cantata em homenagem às mães, com o Coral do Projeto Guri de Jundiá.
 12/05 – segunda-feira – às 19h30
 “Cantarolando” - Sarau em homenagem ao Dia das Mães, com o Coral APCEF Jundiá, regência do maestro Carlos Cerqueira e Coral Municipal de Jundiá, regência da maestrina Cláudia Queiroz.
 30/05 – sexta-feira – às 20h
 Apresentações especiais sobre a cantora Elis Regina com os alunos de canto da Associação de Música PIO X, regência professora Francine

Barbosa Honório.

22/09 – segunda-feira – às 9h

8

Apresentação do Projeto Guri – clarinetes – aniversário de 2 anos das novas instalações da biblioteca.

25/10 – sábado – às 10h

“Mostra de Instrumentos” – Apresentação da Orquestra Oficina de Concerto na biblioteca.

30/10 – quinta-feira – às 19h30

II Encontro de Corais Infantis Canarinhos da Terra Núcleo Jundiá – 2014,

sob a direção artística da maestrina Vastí Atique.

18/11 – terça-feira – às 19h

Concerto na Biblioteca Municipal. Grupos da Escola de Música de Jundiá –

Projeto “Música e Cidadania – Academia” – Proac

19/11 – quarta-feira – às 19h

2º Recital do Coral da EE Profa. Benedita Arruda, com as participações especiais dos Grupos Maracatu Jundiá e Coco das Águas Correntes.

28/11 – sexta-feira – às 19h

“Madrigal Vivace convida...” encontro de quatro corais da cidade.

Realização: Madrigal Vivace de Jundiá

OFICINAS

07/01 – terça-feira – às 15h

“Brincadeiras de criança, como é bom...” Resgate de brincadeiras antigas

feitas pelas servidoras da biblioteca.

13/01 – segunda-feira – às 15h

“Brincadeiras cantadas”, com a professora Joyce Tatiana Surian.

21/01 – terça-feira – às 15h

Oficina de Origami, com o colaborador Gabriel dos Santos Apolinário.

01/02 – sábado – às 10h

Oficina “Teia de história, ministrada pelas servidoras Maria Helena Neto e

Elisabete Brito.

15/02 – sábado – às 10h

“Brincadeiras cantadas”, com a professora Joyce Tatiana Surian.

10/03 – segunda-feira – das 10 às 17h

Oficina de Contação de Histórias: O barbante e a rima. Facilitador: César

Obeid.

12/04 – sábado – às 9h30

Oficina de Origami, com o colaborador Gabriel dos Santos Apolinário.

9

12/07 – sábado – às 9h

“Poetizando” – oficina de poesia ministrada pela professora Geralda

Aparecida Dias.

23/07 – quarta-feira – às 15h

“Testando a memória” – confecção artesanal do jogo da memória com

personagens da Copa. Oficina ministrada pelas servidoras Maria Helena Neto e

Neusa Aparecida Silva.

30/07 – quarta-feira – às 15h

Oficina de reutilização de CDs – “Mandalas”, com a professora Débora

Piovesan.

13/12 – terça – 15h

“Oficina natalina” – confecção de enfeites natalinos com utilização de

materiais descartáveis, ministrada pela professora Joyce Surian e equipe da

biblioteca.

19/12 – sexta-feira – das 14 às 17h

“Projeto Ponte Torta” – Oficina da Conservação e do Restauro com Toninho

Sarasá – Gravação de depoimento.

OLIMPÍADA

18/07 – sexta-feira – às 19h30

Lançamento da 10ª Olimpíada de Redação juntamente com a entrega dos

livros dos autores premiados em 2013, na 9ª edição.

31/10 – sexta-feira – às 19h30

Festa de Encerramento da 10ª Olimpíada de Redação, no Parque

Comendador “Antônio Carbonari”.

PALESTRAS

26/04 – sábado – às 9h

Palestra “Saúde, bem estar e qualidade de vida”, com Élen Ferreira.

16/05 – sexta-feira – às 19h

Palestra: “História em quadrinhos e educação”, com o ilustrador,

quadrinista e professor de desenho Ede Galileu.

06/06 – sexta-feira – às 19h30

“Televisão Brasileira: O primeiro beijo e outras curiosidades” – palestra

ministrada pela atriz pioneira da TV, Vida Alves.

09/08 – sábado – às 10h

10

“Estímulo à leitura desde o berço: o desafio que vale a pena”, palestra

ministrada pela psicóloga Eliane Metzger.

13/09 – sábado – às 10h

“Depressão” – palestra ministrada pelo psicólogo clínico Sidinei Rolim.

06/10 – segunda-feira – às 19h

Mesa Redonda “Tecnologia e desenvolvimento humano: confluências”,

promovida pelo Instituto Federal de São Paulo.

17/10 – sexta-feira – às 19h

Palestra com o cartunista Ique sobre diferenças entre caricatura, charge,

cartoon, desenho de humor, histórias em quadrinhos e character concept, visão

tridimensional do desenho, caricatura e pintura digital, escultura e processo de

animatronics.

Dias 21, 22 e 23/10 – das 9 às 11h e das 19 às 21h

1ª Mostra de Engenharia em Jundiaí – Sindicato dos Engenheiros de Jundiaí

08/11 – sábado – às 10h

“O perigo da internet para as crianças” – palestra ministrada pelo psicólogo clínico Sidinei Rolim.

14/11 – sexta-feira – das 19 às 21h

Palestra com Alex Oliver, escultor. Apresentação da carreira do artista e

modelagem de uma figura humana.

19/11 – quarta-feira – 9h

II Seminário da Educação

SEMANA CULTURAL ITALIANA

31/03 – segunda-feira

9h – Abertura da II Settimana di Lingua e Cultura Italiana di Jundiaí

“Brasile X Italia” (Abertura da II Semana da língua e cultura Italiana de

Jundiaí), presentazione Del Gruppo Italia Canta

15h – Lezione “Le parole del calcio”

(Aula “As palavras do futebol) com a Prof.ssa

Maria Eugenia & Prof.ssa Marília

19h – Chiacchiera com gli italiani: Brasile X Italia

(Bate-papo com os italianos: Brasil X Itália)

Luigi Cortinovis (Café Buongiorno)

Fabio Costantini (Trattoria Saporì Romani)

Angela Mela (autrice del libro “Italiano na cozinha”)

Leonardo Bonfanti (Cortile Siciliano)

Giuseppe D’Amato (cantante)

11

01/04 – terça-feira

□ Às 9h (Auditório da Biblioteca) – Cinema “La tigre e la neve” di

Roberto Benigni

*Cinema “O tigre e a neve” de Roberto Benigni

02/04 – quarta-feira

□ Às 9h (Auditório da Biblioteca) – Cinema

“Mediterraneo” di Gabriele

Salvatores

*Cinema “Mediterrâneo” de Gabriele Salvatores

03/04 – quinta-feira

□ Às 19h (Auditório da Biblioteca) – Chiusura –

Presentazione del nuovo

libro di Angela Mela

*Encerramento: Apresentação do novo livro de

Angela Mel

SEMANA DE CULTURA E LÍNGUA

20/10 – segunda-feira – 8h

Abertura solene da Semana de Cultura e Língua.

Apresentação dos Corais

dos alunos dos cursos de Espanhol, Italiano e

Inglês.

WORKSHOP

24/05 – sábado – às 10h

“Workshop de história”, com o ilustrador

profissional Paulo Borges.

06/09 – sábado – às 9h30

“Workshop de desenho”, com o cartunista Trilho.

27/09 – sábado – das 9 às 17h

“Workshop de Libras”

VISITA MONITORADA COM CONTAÇÃO DE

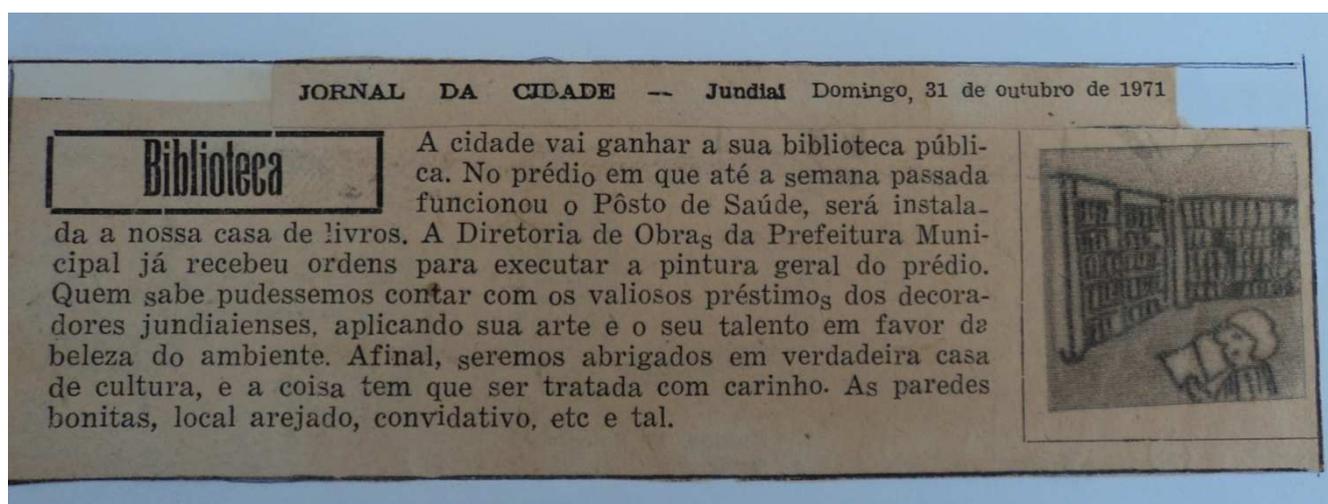
HISTÓRIAS – PROJETO

“TROUXESTE A CHAVE?”

170 visitas

Anexo VI – Amostra de artigos extraídos da Hemeroteca

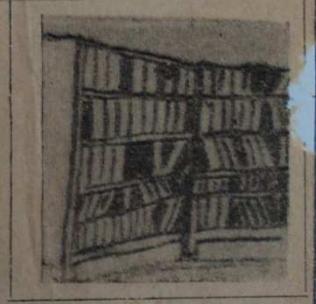
Pasta com projeto arquitetônico das novas instalações da biblioteca e alguns documentos da hemeroteca sobre a Biblioteca Pública Municipal de Jundiáí



Reportagem de 31 de outubro de 1971. Extraída da Hemeroteca.

Biblioteca

Parece que o impasse criado em torno da ocupação do prédio do antigo Centro de Saúde foi solucionado. A Prefeitura está terminando a pintura do local, pensando na instalação imediata da Biblioteca Pública Municipal. Por outro lado, o terreno existente nas imediações da rua Rachel Carderelli está à disposição das autoridades, para o início da construção do prédio onde se instalará a Delegacia Seccional de Polícia. Se a burocracia maçante não quebrar o ritmo do convênio elaborado entre Prefeitura e Estado, em breve os nossos policiais serão adequadamente abrigados.



Reportagem de 14 de novembro de 1971. Extraída da Hemeroteca.


 JORNAL DE JUNDIAÍ — regional Ga. Feira 17.12.1971

Aqui, nossa Biblioteca e Museu



As peças antigas que estavam no Gabinete de Leitura e no Parque Municipal, bem como as repartições da Prefeitura que coordenam o ensino e a cultura agora estão centralizados num único lugar: a Biblioteca e o Museu Municipal inaugurado ontem à tarde, no prédio onde funcionava o Centro de Saúde, na praça dos Andradas.

Na parte térrea está a Diretoria do Ensino. Nos fundos, o Museu, com as peças muito bem divididas nas salas. Além de muitos objetos, como gramofones e baús, lá estão uma lamparina de 1893 e o dormitório que per-

tenceu ao Dr. Luiz Augusto de Queiroz, filho do barão de Anhumas. O dormitório foi comprado para o seu casamento, em 1894.

O setor municipal de Merenda Escolar e três salas para leitura, além de almoxarifado, ocupam a parte superior. Na parte térrea ainda a Biblioteca, sala para leitura e para o Conselho Municipal de Cultura.

As solenidades começaram pelo hasteamento das bandeiras, através do general Oziel de Almeida Costa, prefeito Walmor Martins, e capitão PM Edno Zomignani. Em seguida desataram a fita os patronos do prédio, o general e o prof. Pedro Fornari, diretor-geral das Escolas e Faculdades Anchieta.

Os padrinhos doaram seis bíblias, já que a partir do próximo ano as aulas de religião serão obrigatórias em todos os cursos. Depois do prof. Fornari, falou a diretora de Ensino Lurdes Potenza, que destacou o valor do prédio inaugurado, pelo valor e necessidade que o homem dá à História.

O agrônomo Antonio de Araujo Vieira falou sobre o Plano Rural do município, feito por uma equipe sob sua chefia. O Júnior, filho do prefeito agradeceu em nome da criança jundiáense e ofertou pedras para o museu. Por último, falou o prefeito.

Lá estavam ainda os comandantes do GO e CC, cel. Santa Ritta e major Marsiglia; vereadores Hermenegildo Martinelli e Lázaro de Almeida; o delegado Seccional, João Novaes; o historiador Alceu Pontes; presidente do Conselho Municipal de Cultura, Guilherme Sperry Cezar; supervisora da Merenda Escolar, Mariinha Cintra; vice-prefeito Tarcísio Lemos; diretores do "Anchieta", Aldir Foelkel, Vail Lucato e Santo Puttini; presidentes das comissões municipais de Teatro, Walkiria Lazzarini e de Cinema, Eduardo de Souza Filho; Paulo Sérgio Aquilini, da Divisão Ensino da TV Cultura e convidados.

Na ocasião, foi distribuído o livro "Em Torno da Fundação de Jundiá", de autoria de Nelson Foot e Armando Colaferri, designados pela Prefeitura para esclarecer o assunto. A conclusão gítes é que esta cidade foi fundada por Rafael de Oliveira, o velho, e Petronilha Rodrigues Antunes, em 1615.

Reportagem do Jornal de Jundiá de 17 de dezembro de 1971. Extraído da Hemeroteca.

PREFE



JUNDIAÍ

COORDENADORIA DE CULTURA E TURISMO
BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL "PROF. NELSON FOOT".

CARACTERIZAÇÃO DA BIBLIOTECA

A BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL "PROF. NELSON FOOT", está situada à rua Barão de Jundiaí, 109 - Centro - Jundiaí - São Paulo.

Em 11 de dezembro de 1969, foi aprovada pela Câmara Municipal e convertida em Lei promulgada sob nº 1.656, a criação da Biblioteca Pública.

Contudo, não pode a referida Lei ser logo executada - devido a uma nova, Lei Municipal nº 1.749, de 20 de outubro de 1970, que a modificou, criando a Sala de Leitura para Universitários.

Esta Sala foi instalada em 1971, à rua Barão de Jundiaí, nº 1.033, contendo livros específicos destinados a estudantes das faculdades de Medicina, Direito, Pedagogia, Administração de Empresas, Economia e Escola Técnica de Enfermagem.

Em 18 de dezembro de 1971, devido à grande afluência de estudantes de todos os níveis e de cidadãos de todas as classes sociais, a Sala da Leitura para Universitários tornou-se insuficiente e, foi transformada em Biblioteca Pública Municipal, funcionando junto à Diretoria de Ensino e Assuntos Gerais, na Praça dos Andradas, s/nº. Foi inaugurada pelo Prof. Pedro Fornari e General Ozziel de Almeida Costa.

Em 18 de setembro de 1970, a Prefeitura do Município de Jundiaí firmou convênio com o Instituto Nacional do Livro-INL, sob o registro de nº 12.467, ficando o INL com a incumbência de enviar periodicamente doação de obras a Biblioteca e a Prefeitura Municipal com a obrigação de adquirir dez salários mínimos da região na compra de livros, anualmente.

Com a procura do saber e as pesquisas aumentando gradativamente, os 25 metros quadrados da Biblioteca foram se tornando insuficientes.

A 2 de setembro de 1973, a Biblioteca Municipal foi transferida para o prédio da rua Rangel Pestana, nº 372, adaptado para esta Repartição Municipal.

PREF.



JUNDIAÍ

COORDENADORIA DE CULTURA E TURISMO
BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL "PROF. NELSON FOOT".

- 2 -

A 31 de julho de 1979, a Biblioteca Municipal foi -
transferida para o antigo prédio onde funcionava o Grupo Escolar "Cel. -
Siqueira de Moraes" que se tornou o Centro Jundiáense de Cultura, onde es-
tavam instaladas a Biblioteca Municipal e o Museu Histórico e Cultural.

Em 10 de dezembro de 1983, a Biblioteca Municipal -
passou a ocupar a totalidade das dependências do Centro Jundiáense de -
Cultura, quando da inauguração da Seção Circulante Adulta.

Em 09 de agosto de 1985, foi inaugurada a Seção -
Circulante Infantil e Juvenil pelo então Ministro da Cultura-Aluísio Pimenta,
e do Secretário de Estado da Cultura-Jorge da Cunha Lima.

Através do Decreto nº 7.638, de 16 de novembro de -
1984, a Biblioteca Pública Municipal de Jundiá passou a denominar-se -
Biblioteca Pública Municipal "Prof. Nelson Foot".

Você já foi à Biblioteca Pública Municipal ?

- NÃO ?

- ENTÃO, VÁ.

Ela fica bem ali. Na Praça dos Andradas, no local onde até poucas semanas funcionava o Centro de Saúde. Depois que este passou a funcionar no prédio novo, o antigo edifício foi pintado, arrumado, adaptado e nele se instalou a atual Biblioteca.

Velha aspiração de Jundiaí — que praticamente só contava com uma Biblioteca e assim mesmo de caráter particular — a do Gabinete de Leitura «Rui Barbosa» — a atual Biblioteca Pública Municipal veio atender uma necessidade premente, em nosso campo cultural.

Não se compreendia como uma cidade do tamanho da nossa, com tantas escolas de curso médio e superiores, não contasse com uma biblioteca oficial, capaz de atender não apenas o povo, o leitor comum, mas, sobretudo os universitários, colegiais, estudantes de todos os graus e cursos em funcionamento. No entanto, a falha, compreendida em tempo pelo prefeito Walmor Barbosa Martins, que tinha prometido saná-la, já está acudida. E ela está aí, em pleno funcionamento, sob a direção da Profa. D. Maria de Lourdes Torres Potenza, presidente do Conselho Municipal de Cultura.

O QUE VS. ENCONTRA NA BIBLIOTECA

Embora modesto, o acervo da nossa Biblioteca Pública é satisfatório, para começar. Ali você não encontra apenas livros de literatura em geral, poesia ou prosa, ficção, biografia ou crítica literária, mas também obras de direito, medicina, educação, psicologia geral e especial, sociologia, economia, história, geografia, ciências naturais, matemática, filosofia, religião e arte. Há coleções valiosas de obras de consulta e referência: Enciclopédias e Dicionários (Barsa, Mérito, Delta-Larousse, etc.), inclusive dicionários bilingües e vernáculos.

Segundo declaração da Professora Maria de Lourdes a biblioteca não pretende parar por aí. Há planos para maiores e melhores aquisições, especialmente daquelas obras que, por suas finalidades didáticas, precisam ser adquiridas em duplicatas e triplicatas, por se tratar de obras que são constantemente manuseadas.

OS PROBLEMAS DA BIBLIOTECA

Embora bem instalada, em salas amplas, arejadas, protegidas do ruído excessivo, com mesas cadeiras confortáveis, estantes de aço, modernas e funcionais, a Biblioteca enfrenta alguns problemas iniciais. Por enquanto, ainda superável, mas, a continuar o seu desenvolvimento, pode se encaminhar para alguma situação mais inconveniente, em futuro próximo. Por exemplo, a biblioteca não dispõe de bibliotecária habilitada. Como se sabe, a função de bibliotecária, função específica, exige habilitação de nível universitário nos cursos de biblioteconomia. A Prefeitura não tem nenhuma nomeada, mas terá de fazê-lo, mais cedo ou mais tarde, sob pena de a biblioteca não poder funcionar a contento, com evidentes prejuízos.

Outro problema: — ausência de servente. Não há nenhum em disponibilidade nem nomeado para o novo prédio. Dessa maneira, todo serviço interno de limpeza e atendimento fica por conta das três funcionárias dedicadas — D. Lucy Marcos Pantouja, Teresa Caxan e Odiles Moró. São elas que funcionam como secretárias, recepcionistas e «public-

relations». Desdobram-se em atenções e gentilezas, mas ... e quando a biblioteca dobrar seu acervo daqui a um ou dois anos?

Um outro problema: a falta de guardas. A biblioteca precisaria pelo menos de dois. Isto porque o prédio não oferece lá muita segurança. Mas, que há para roubar numa biblioteca, perguntaria o leitor mal informado?...

É preciso notar que o mesmo prédio que abriga a biblioteca abriga também o Museu, cujas peças e livros e achavam encaixotados no Parque da Festa da Uva desde os tempos do Padre Antonio Maria Stafuzza — ex-diretor do referido Museu, quando o mesmo funcionava em local autônomo.

O Museu possui quadros e peças valiosos, antiguidades em móveis e objetos etnográficos que podem despertar a cobiça. Sem um guarda-noturno, tais objetos de arte e cultura causam apreensão nos responsáveis por sua conservação. Sem contar nos perigos nunca afastados suficientemente: fogo, vandalismo, destruição involuntária por gotearas, acidentes, etc. Um guarda permanente pode acudir em tempo a tudo isso.

A FREQUÊNCIA

Tendo sido inaugurada no dia 16 de dezembro de 1971, tanto a Biblioteca como o Museu ainda não tiveram tempo de entrar nos hábitos do jundiaense. Não tardará a fazê-lo. Sendo época de férias escolares, é natural que a frequência às salas de leitura e visita ao Museu ainda sejam pequenas. Mas sempre há gente lendo, consultando, visitando. Cremos que o Museu pode e deve transformar-se num ponto de atração turística. Mais até: num centro convergente de cultura, fornecendo condições para aulas, cursos, exposições e seminários de estudos, pois oferece material de interesse histórico, folclórico, etnográfico e científico. Há coleções de animais, insetos, peças de etnografia indígena, etc. Esta a função moderna dos museus, que deixaram de ser entidades estáticas, para se transformarem em centro de dinamismo cultural.

Com a Biblioteca, podemos esperar grandes atividades para as duas novas instalações culturais em boa hora efetivadas pela administração municipal.

Biblioteca Pública Municipal Prof. Néson Foot

Recorte n.º	002
Jornal	Jornal de Jundiáí
Data	17 setembro 1982
Caderno	pagina 15

CRÔNICA

AMÉRICO MOTTA

Alguns dos amigos que nos honram com sua amizade e que, justamente por esse fato, se dão ao trabalho de acompanhar nossas crônicas, engrossando assim o número de leitores deste conceituado matutino J.J. Regional, nos fizeram uma observação sobre o quão caro está o livro didático e que a cultura, hoje, é privilégio dos ricos, pois pobre não pode dar estudo aos filhos.

Concordo com o "tudo caro", porém, não posso concordar plenamente com "cultura é privilégio dos ricos", e passo a explicar porque.

Existe aqui, nesta querida terra da uva, um imenso tesouro, reunido a partir de 11-12-1969, quando foi aprovado e que, inaugurado pelo prof. Pedro C. Fornari e pelo general Oziel de Almeida Costa, vem agregando, dia a dia, jóias preciosas, — ouro, prata, platina e pérolas — num crescendo programado e organizado, que nos faz ufanarmos-nos de Jundiáí.

Partindo da estaca zero, possuía já em 1972, quando instalada na Praça dos Andradas, 3.434 volumes, e hoje, após passar pela Rangel Pestana, onde permaneceu aproximadamente por seis anos, acha-se instalada no imponente prédio onde ilustres jundiáenses aprenderam as primeiras letras, o "GRUPO VELHO".

Esse monumento arquitetônico — um dos primeiros dos Grupos Escolares construídos no interior do Estado —, após sua restauração, recebeu provisoriamente o Museu Histórico e Cultural e definitivamente esse tesouro a que me refiro, o "Centro Jundiáense de Cultura", nos traz felizes recordações de nossa infância, pois, entre milhares outros, também ali sentamos nos bancos escolares, as famosas carteiras, e dali é nosso diploma de 4º ano de Grupo Escolar (termo da época, década de 20).

Portanto, nesse Grupo Velho, antigo Grupo Escolar Cel. Siqueira Moraes, hoje Centro Jundiáense de Cultura, se encontra instalado inextinguível manancial de cultura, que, segundo constatei, tem em seu acervo — inteiramente franqueado a toda e qualquer pessoa estudiosa — para mais de vinte e cinco mil volumes. Citarei apenas alguns que já manuseei e que gosta-

ria que todos os pais e mestres indicassem para que sejam também manuseados por todos, desde o 1º ano primário, até aos que frequentam faculdades ou Universidades e, porque não dizer também, para os que já receberam o pregaminho e que não devem se fossilizar, mas aprimorar cada vez mais os seus conhecimentos.

Senão, vejamos: destaque especial para a célebre "Enciclopédia Bíblica", que tanto uso em minhas pesquisas e que tem majestosa pujança entre as demais enciclopédias que lá se encontram e que são todas as que existem em língua pátria, ao lado das "Enciclopédias Britânicas" e "The American Peoples Encyclopedia", onde, em LII volumes, temos OS PENSADORES, e em LIV volumes, os GREAT BOOKS; onde temos um volume para cada um dos grandes nomes universais como Newton; Huygens; Locke; Berkeley; Hume; Swit; Sterne; Montesquieu; Rousseau; Adam Smith; Gibbon; Kant; J. S. Mill; Boswell; Lavoisier; Fourier; Faraday; Hegel; Goethe; Melville; Darwin; Marx; Tolstoy; Dostoevsky; William James; Freud; Platão; Aristóteles; Plutarco; Sto. Agostinho; Sto. Tomás de Aquino; Milton; Pascal e tantos outros.

A Coleção "Museus do Mundo" e "Gênios da Pintura" me encantam sobretudo, ao lado dos livros didáticos Enciclopédia de Direito; Enciclopédia Jurídica; Dicionário da Literatura; Dicionário Médico Biológico; Dicionários Webster; Dicionários Michaelis e do Dictionnaire Quillet, bem como dos Códigos de Processo Penal; Códigos de Processo Civil; Código Tributário; Código Comercial Brasileiro; Código de Contabilidade Moderna e Bancária; Manual Pedagógico para a Escola Moderna; Manuais de Ciências Exatas; Física; Química; Biologia; Botânica; Efermagem; Agricultura e Música, que ali estão para dar subsídios aos estudiosos, que poderão ser sábios ou gênios.

Aos interessados em religião, há uma variação enorme de Bíblias; aos que gostam de teatro, ali estão obras valiosas sobre o teatro brasileiro, teatro inglês, francês, alemão e norte-americano; e os que gostam de romances lá encontrarão uma infinida-

de de preciosidades da literatura inglesa, francesa, italiana, alemã e até soviética. Aos amantes da poesia, há uma esante inteira com obras maravilhosas. Todos os que desejarem pesquisar, desde o Alfabeto até a conquista da Lua, ali é o lugar certo, pois há obras desde o engatinhar nas letras até ao PHD.

E, como citou o professor Adelino Brandão em um seu trabalho, aquele político, candidato ao cargo de alcaide deste município, que está reunindo a Juventude, visando única e exclusivamente à cultura, deverá encarecer aos citados jovens que procurem o caminho que os leva ao enriquecimento cultural e que é esse precioso e inestimável tesouro. E, uma vez de posse desse mapa, com as ferramentas do desejo de aculturação, com boa vontade e persistência, visitem constantemente e abusem das gentilezas daqueles anjos como Thereza Christina Dória, Norma Trippe, Dayse Ap. Gobbo, Nancy Ap. Jesus, Sílvia Bocchino, bem como Leonina E. Machado e José F. Spagiari, que são os integrantes da equipe de "guardiães" desse imenso e bem organizado e administrado "tesouro" de Jundiáí, que é a BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL.

Aí está porque não concordo com os meus amigos que alegam ser a cultura um privilégio dos ricos e lhes afirmo insistentemente que se dialogarmos com nossos filhos e ao lado do carinho lhe ensinarmos o caminho certo, teremos em nossa família jundiáense sábios e gênios, sem depender fortunas, bastando para isso que desenterrem esse tesouro que o Município possui e que está à espera de todos nós, ricos ou pobres.

Sinto-me orgulhoso, como devem sentir todos os que aqui residem, pois a nossa Biblioteca Pública Municipal é uma das melhores e mais bem administradas e possuidora de obras de tão grande valor, que colocam, juntamente com o Museu Histórico e Cultural de Jundiáí e o Museu Ferroviário da Fepasa, a nossa querida Jundiáí entre as mais cultas expressões deste continente.

Assim sendo, já que todos agora estão de posse do mapa do tesouro, vamos procurá-lo?

"Existe coisa melhor?"

A Semana da Biblioteca está sendo comemorada desde o dia 12 até 19 de março. Muitas atividades e trabalhos escolares voltados para ela, foram realizados. O hábito diário, que o Sr. Vicente de Paula

Krettis mantém há algum tempo, de sua avançada idade, não passou despercebido. Conheça sua rotina. Fotos de Aurélio Rodella.

Para encontrar o Sr. Vicente, basta se dirigir qualquer dia da semana, inclusive aos sábados, à Biblioteca Municipal, situada na Rua Rangel Pestana. Todas as manhãs, após ter tomado seu café, Sr. Vicente sai de sua casa na Rua Afonso Henrique 36, Vila Graff, e inicia sua caminhada:

"Para sair não há problema, o caminho é plano, mas quando chego perto da Marechal, diminuo o passo, para descansar um pouco, depois prosigo até a Biblioteca, onde costumo chegar dez ou quinze minutos depois das 8 horas".

Sr. Vicente de Paula Krettis nasceu em Rio Claro, depois veio para Jundiá, começou a trabalhar na Companhia Paulista, atual FEPASA, indo se aposentar em 1951, como Conferente de 1.ª classe.

Revivendo acontecimentos passados, participações em fatos marcantes ou simplesmente contando como fugiu do Seminário de Pirapora, três dias após ter entrado, Sr. Vicente, apesar de já contar com 83 anos de idade (nasceu em 1891), tem uma memória muito boa, não esquecendo de contar os mínimos detalhes e fazendo as devidas observações, que marcam a personalidade de uma pessoa vivida e satisfeita

com o que passou.

"Estou caminhando para os 84 anos em perfeito estado, só me faltam os cabelos e dentes, mas já estou tomando umas providências para acertar isso".

Sentado em uma das mesas da Biblioteca, deixa de lado um dos jornais, que estava lendo, para tomar um cafezinho, especialmente servido para ele.

Sua figura já é conhecida por todos, ninguém mais estranha quando ele chega e diz seu bom dia em alemão. Sr. Vicente é descendente de alemães, seus cabelos, agora totalmente brancos, seus olhos azuis, sua pele clara e o óculos de aro branco formam um todo expressivo e inconfundível, além da aparência, que irradia simpatia.

"Eu não sou daqui, mas o maior presente que a Prefeitura deu aos jundienses foi essa Biblioteca. Considero-a uma jóia de grande valor". Mesmo quando a Biblioteca Municipal estava instalada em outro local, Sr. Vicente já costumava frequentá-la, agora que foi transferida para uma outra bem mais espaçosa, afirma ter melhorado cem por cento.

"Vou dizer uma coisa: por mais ignorante que uma pessoa seja, se passar a frequentar uma bi-



"O pessoal daqui me trata muito bem. Não encontrei lugar nenhum melhor."

blioteca como esta, ela poderá aprender muita coisa em pouco tempo".

Prossegue, afirmando: "Eu sempre convidei meus amigos, para virem aqui, mas eles sempre arranjam uma desculpa e não vêm, preferem ficar conversando ou desocu-

pados. Além de tudo que posso ler e aprender, conto com o carinho, a educação, e o respeito dos funcionários daqui. Existe coisa melhor?"

"Escolhi a liberdade", de Victor Cravchenko, e "Três Marias" de Rachel de Queiroz, foram dois livros citados pelo Sr. Vicente, entre outros.

Casado desde 1912 com Dona Margarida, Sr. Vicente tem cinco filhos, três casados e dois solteiros. Sua esposa não costuma sair de casa.

Os interesses e planos de Sr. Vicente não se limitam aos livros ou jornais, ele ainda pretende conhecer Brasília e o Rio de Janeiro; para Santa Catarina, teve oportunidade de ir o ano passado.

"Devia haver mais gente como eu, a Biblioteca não é lugar somente para crianças e estudantes. O que faço aqui é uma aprendizagem, não é uma diversão ou passatempo, o que não sei, estou aprendendo e conhecendo, além de me atualizar sobre os últimos acontecimentos."



"Posso ficar o tempo que quiser, lendo sossegado".

JDI - BPM
"Prof. Nelson
Foot"

018

A homenagem ao "seu" Vicente

O mais antigo e assíduo "habitue" da Biblioteca Pública Municipal, Sr. VICENTE DE PAULA KRETTLIS, completou no dia de Ação de Graças, exatamente 85 anos de idade. Tão logo foi nossa Biblioteca inaugurada, Vicente passou a frequentá-la todos os dias. É assim que os funcionários que ali trabalham vêem repetir-se, diariamente a mesma cena: pontualmente às oito horas, vindo a pé de sua casa (Vila Graff), chega invariavelmente bem disposto e irradiando entusiasmo; até por volta de meio-dia, quando sai para almoçar, cultiva o salutar hábito da leitura na biblioteca e foi nesse alegre mister que ele conquistou a simpatia das bibliotecárias e de todos os funcionários locais.

No último dia 24, contudo, aquela agradável rotina foi mudada. Quando "seu" Vicente chegou à Biblioteca, co-



mo faz diariamente o ano inteiro, teve uma grande surpresa: Dona Lucy Pantoja, as Srtas. Christina Dória, Maria Emília Bertelle e Ana Maria Santi tinham preparado uma "festinha"

pelo transcurso de seu natalício, à qual não faltou o presente — uma lembrança ofertada pelo EXPOCENTER NORDEVAL. Além da presença de vários amigos, circunstância que muito

sensibilizou o homenageado, compareceram o diretor do Museu Histórico e Cultural de Jundiá, Sr. Geraldo Tomaznik e sua secretária Srta. Rita. Na foto, a homenagem.

Em agosto, inauguração da Biblioteca Infantil.

"Ler é brincar". Esse é o lema da Biblioteca Circulante Infantil, que será inaugurada no dia nove de agosto. A bibliotecária Tereza Cristina Ferreira Dória, destaca a importância da criação desse novo espaço cultural: "A leitura é um hábito que se adquire, nada melhor que despertarmos, desde a infância, o gosto por livros. No entanto, de uma forma diferente, através da recreação, de livros não didáticos, mas muito criativos".

Instalado numa das salas da Biblioteca Municipal, o novo espaço para leituras infantis foi decorado com figuras da turma da Mônica — o elefante Jotalhão, Cebolinha, Cascão, Magali, Anjinho, Bidu — além de ilustrações de temas ecológicos (árvores, flores, nuvens, sol), dando ao ambiente um toque bem agradável e harmônico. "As crianças certamente vão vibrar com os personagens das histórias em quadrinhos e também com os móveis do teto, que acompanham a mesma linha decorativa", comenta Tereza. Ela acha fundamental que a criança se identifique com o local e se descontraia com a decoração.

A Biblioteca funcionará das oito às 18 horas, de segunda a sexta-feira, nesta fase inicial. A idade limite para frequentá-la, segundo Tereza, é de 14 anos; e as crianças deverão estar acompanhadas por um responsável. "Para nesta etapa experimental, estamos ainda planejando o sistema de locação dos livros, que provavelmente será o empréstimo de uma obra por uma semana. Prefiro não fazer muitos planos, esperar a reação do público infantil, e deixar espaços para que a



A Biblioteca Infantil

criancada dê sugestões e participe no funcionamento da biblioteca".

Acervo

Contando com cerca de 3.000 volumes de obras infantis, principalmente de autores nacionais, o acervo da biblioteca infantil possui livros de histórias mais tradicionais, como contos da carochinha, coleção de Monteiro Lobato, até obras recém-lançadas de Marcos Rey, Doc Comparato, Ruth Rocha, Ziraldo, Cecília Meireles e Chico Buarque de Holanda.

"Um livro muito interessante — aponta a bibliotecária — é "A Margarida Friorenta", de Fernanda Lopes de Almeida, onde uma margarida só pára de tremer quando a garotinha Ana Maria lhe dá um beijo. E o mais incrível, é a sensibilidade das crianças, que após lerem o livro comentam que a flor sentia frio

de amor". Tereza também pretende introduzir um teatro de fantoches, mais um entretenimento para o "público miúdo".

"Chapeuzinho Amarelo", de Chico Buarque, segundo Tereza Cristina, é um livro muito criativo e desperta a atenção das crianças. A Chapeuzinho é uma menina medrosa e insegura, e o Lobo representa o alvo de seus medos, no entanto ela começa a enfrentar suas fraquezas e muda de comportamento. Ela conta um trecho do livro: "E de todos os medos que tinha, / o medo mais que medonho / era o medo do tal Lobo / um Lobo que nunca se via, / que morava lá prá longe, / do outro lado da montanha, / num buraco da Alemanha, / cheia de teia de aranha, / numa terra tão estranha, / que vai ver que o tal Lobo nem existia".

EM agosto, inauguração da Biblioteca Infantil. Jornal de Jundiá,

25 jun. 1985: 5.

Bibliotecas vão ganhar mais vida em 1985

Elas terão uma nova e importante função: serão centros de convivência para os frequentadores. Na 3.

Em 85, nova vida para as bibliotecas municipais.

Todas as bibliotecas do Estado passarão a ter uma nova direção, passando a ser verdadeiros centros de convivência, segundo decreto do governador Montoro.

BIBLIOTECAS vão ganhar mais vida em 1985. *Jornal da Cidade*, Jundiá, 23 dez. 1984: 1, 3.

As bibliotecas públicas em todo o Estado	Uma nova biblioteca	Vantagens
<p>de São Paulo — onde está incluída a biblioteca Municipal "Prof. Nelson Foot", de Jundiá — receberão no próximo ano uma transformação profunda em seu funcionamento. É a chegada do programa estadual dos CINC — Centros de Informação e Convivência —, que será implantado visando a popularização do espaço das bibliotecas. As atividades serão acrescidas com cinema, teatro, lanchonetes e áreas de criação, gradativamente, conforme as notícias circulantes nos meios culturais.</p> <p>A nova iniciativa da secretaria de Cultura do Estado foi apresentada oficialmente aos bibliotecários que se reuniram há duas semanas em Cananéia, em um curso de reciclagem que contou também com a participação de representantes de Casas de Cultura e Museus do interior do Estado. A diretora da Biblioteca Municipal "Prof. Nelson Foot", de Jundiá, Teresa Cristina Ferreira Dória, participou desse encontro e acompanhou os primeiros contatos sobre esse assunto.</p> <p>— O governador Franco Montoro criou o sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo em 9 de outubro, com o decreto 22.766. No setor de bibliotecas, mais especificamente, fomos tratar dos CINC, que são os centros de Informação e Convivência. A intenção é alterar a imagem de uma biblioteca séria (no sentido de formalidade) para um centro que realmente difunde cultura e convivência. A proposta é muito boa — afirmou Teresa Cristina.</p> <p>A proposta não é imediata: em setembro o assunto estava encaminhado na Secretaria Estadual de Cultura. A aplicação das sugestões e medidas necessárias começam no dia 4 de janeiro, com uma reunião em São Paulo, mas a efetivação do convênio que irá integrar a biblioteca de Jundiá ao sistema estadual será feito somente em fevereiro. A razão desse prazo de espera é a necessidade de se criar uma comissão municipal de bibliotecas, fato que somente poderá se concretizar com uma lei municipal (a Câmara Municipal somente volta às atividades em fevereiro).</p> <p>— Essa comissão irá cuidar da troca de experiências com outras cidades, além de reunir os esforços culturais na cidade para que tenham na biblioteca um centro de atividades. Além disso ela não estará restrita ao lado cultural, mas funcionará como uma verdadeira prestadora de serviços — à população em geral —. E a comissão deverá ser representativa, reunindo integrantes de vários setores como o delegado de ensino, o professor Adelfino Brancas ou o escritor Douglas Tuffano, entre outros participantes.</p>	<p>As 450 bibliotecas públicas e municipais do interior paulista passam a ser chamadas para um novo papel, uma nova função: ser, de fato, um espaço informativo que atenda à população em suas necessidades de estar bem informada. Com isso daremos um passo em busca da democratização de informação. Por outro lado, esses espaços devem oferecer possibilidades de criação. Com isso, as bibliotecas, mais do que públicas, serão populares (apresentação do secretário extraordinário de Cultura do Estado, Jorge Cunha Lima, no número de apresentação do boletim do CINC).</p> <p>A meta principal do programa do Sistema Estadual de Bibliotecas visa a construção de uma estrutura sólida, geradora de benefícios comuns. Para isso a liberdade de acesso à informação é considerada com uma das condições básicas para o exercício do pensamento criador. Não haverá desenvolvimento artístico e científico sem que os indivíduos possam chegar aos dados registrados.</p> <p>A informação, nesse caso, não é vista apenas como a produção editorial e impressa. Entram também o som, o audiovisual e a informação não-registrada — as conferências, recitais, encenações, exposições e outras. E a figura do bibliotecário passa a ser intermediária entre a informação e o usuário, dentro de um verdadeiro diálogo entre informação e pessoa.</p> <p>Os estudos iniciais do programa incluem a ampliação do espaço para ler e escrever — que muitas vezes é restrito nas bibliotecas — para outros, como para ouvir (audição coletiva), para ver (vídeo ou exibição de filmes) e para fazer. Atualmente, a situação em todo o estado oferece bibliotecas que são na verdade depósitos de livros, utilizados somente para pesquisas de estudantes carentes, sem funcionários especializados ou bibliotecários profissionais.</p> <p>A adequação dos prédios e espaços para a utilização cultural, segundo a justificativa do projeto, é tão importante quanto os prédios imponentes usados pelas caixas econômicas, bancos estatais ou órgãos públicos. As decisões, por esse motivo, devem ser orientadas por um Conselho de Cultura.</p>	<p>A coordenação da rede de bibliotecas do estado, com a centralização das compras em uma sede central, pode oferecer redução de custos, com a escolha de livros pelo Conselho de Cultura, adotando-se o processo para qualquer documento — e com isso serão também estimulados empréstimos de informações, a circulação e intercâmbio de eventos e exposições, a integração com a rede oficial de ensino, desenvolvimento de bandas, coros, grupos teatrais e outros, programas dirigidos da TV Cultura e outros tópicos fazem parte das perspectivas dessa nova rede estadual.</p> <p>Em Jundiá, a alteração das funções restritas da biblioteca municipal foi iniciada com a criação da seção circulante (ainda na gestão do secretário Oswaldo Fernandes) e com a efetivação do programa "Hora do Conto", onde crianças de pré-escolas são levadas para uma tarde na biblioteca "Prof. Nelson Foot" (que funciona no Centro Jundiáense de Cultura, na rua Barão de Jundiá). Com essa promoção, recuperou-se a tradição de contar histórias, substituída pela televisão ou pelos jogos eletrônicos, e com posterior dramatização, pintura ou recriação por parte dos alunos. "Com isso, eles passaram a sentir que a história estava ali, palpável, mesmo sem saber ler o livro. E conheceram a biblioteca, formando uma imagem agradável e estimulante dessa instituição. E, mais importante: com vontade de voltar" — afirma Cristina.</p>

Na Biblioteca, o gosto pela leitura. Brincando.

Uma nova sala na Biblioteca, para crianças.



Tereza Cristina, bibliotecária-chefe.



As crianças aprendem brincando.

Se você não acredita que um brinquedo possa sugerir o gosto pela leitura numa criança, saiba que a Biblioteca Municipal vem obtendo êxito num projeto iniciado em janeiro deste ano, quando as crianças que passaram a frequentar a sala Infanto-Juvenil, ganharam a chance de se divertir com diversos tipos de brinquedos tendo um livro ao seu lado.

A idéia surgiu, de acordo com a bibliotecária da Biblioteca Municipal, Tereza Cristina Ferreira Dória, para cobrir uma lacuna, isto é, "habitua-las não apenas a vir à Biblioteca para os trabalhos de escola, mas também para ganharem o gosto pela leitura, se divertindo". A Biblioteca Municipal conta com um acervo de 3.510 livros infanto-juvenis, e deverá ter, daqui a alguns dias, cerca de 50 brinquedos e jogos para a garotada.

Essa lacuna que Tereza Cristina mencionou, foi percebida no Verão passado, quando nas segundas-feiras, dia em que as piscinas dos clubes estão fechadas, "a sala da Biblioteca ficava lotada de crianças. Percebemos então que aqui seria uma opção para elas", — afirmou. Agora, as crianças podem ir até a Biblioteca emprestar um gibí, levá-lo para casa até; mas o brinquedo não pode sair da sala. "Ensinamos às crianças serem responsáveis, a cuidarem bem do brinquedo, devolvendo-o tal qual o encontraram", lembrou a bibliotecária.

E a iniciativa tem tido certo. São quebra-cabeças, jogos de botão, vareta, dama, xadrez, os brinquedos mais procurados. Nesse conjunto de jogos existem alguns que até

foram doados. Segundo Tereza, as crianças gostaram da idéia — "tanto que, agora, elas vêm aqui brincar e perguntar se não tem algum livro novo para ler". E a criança que quiser participar desta "brincadeira", pode dirigir-se à Biblioteca Municipal, à rua Siqueira de Moraes, no Centro, munida de uma certidão de nascimento e uma conta de luz ou água, recente, como comprovante de endereço. "Não há necessidade de fotografia" nem de pagar nada; a criança, inclusive, pode vir sozinha, para que ela sinta a sua responsabilidade desde já", disse a bibliotecária.

São 650 as crianças inscritas até o momento, vindas de várias partes de Jundiá, bem como de municípios vizinhos. Há até um garoto que trouxe mais seis colegas; e quando comparecem à Biblioteca, ficam todos compenetrados nos jogos e nas leituras. Tereza Cristina comentou que "notamos que o garoto que trouxe os colegas, mora na Várzea; e que às vezes ele tem dificuldades até financeiras para chegar até aqui. Mas ele vem".

Tereza Cristina comentou, também, que em outubro do ano passado, as crianças retiraram 485 livros; em novembro, 1.168; e em dezembro, houve uma queda, com a retirada de 648 livros. Em janeiro, a busca pelos livros infanto-juvenis aumentou para 790, enquanto que em fevereiro, subiu para 1.339; em março, para 1.384; e no mês de abril, para 1.210 retiradas.

Os livros mais procurados, além dos famosos autores Marcos Rei, Ruth Rocha, Ziraldo e Monteiro Lobato (este devido a trabalhos escolares), e Júlio Verne (coleção completa). Além destes, as crianças têm demonstrado profundo gosto pela conquista em livros que falem sobre automóveis, aviões, eletricidade, bichos, arranha-céus, animais pré-históricos, e também de aventura e sobre educação sexual.

JDI, BPM Prof. Nelson Foot nº 4 011

Nestas férias, divirta-se na biblioteca



VALÉRIA NANI

Shows de mágica, peças teatrais, apresentações folclóricas e contos fazem parte do roteiro de férias da biblioteca municipal de Jundiáí.

A passagem para este mundo mágico, que diverte e ensina, educa e dá prazer é gratuita e está à disposição de toda a garotada, entre os dias 14 e 25 desse mês, sempre a partir das 15 horas, na Biblioteca Pública Municipal Professor Nelson Foot. O programa visa atender toda a região de Jundiáí e foi preparado especialmente para os estudantes que não vão viajar nestas férias. São atrações culturais que, além da diversão, proporcionam a integração e incentivam o aprendizado de uma forma lúdica e muito estimulante.

Todo mundo

A meta, segundo a diretora da biblioteca, Maria Eneida Spinelli Salvadori, é atender, diariamente, cerca de 100 estudantes. Todos os espetáculos apresentados de 14 a 18 de julho serão reapresentados de 21 a 25 de julho, para que todo



Espectáculo folclórico retrata a saga do boi-bumbá

DIVULGAÇÃO

de maquiagem. Logo depois, entram em cena personagens interessantes como o Zé Brasil, um papagaio que interage com a garotada e apresenta seus amigos: Tremie-treme, um coelhinho muito tímido; a Cocórica, uma galinha cantadora; e Leco-leco, um macaquinho pra lá de sapeca. Juntos, esses quatro amigos encenam uma peça teatral e contam uma bela história de amizade e lealdade. Mas a apresentação não acaba por aí... Ao término da história, Tio Pan propõe atividades com jogos interativos, que são escolhidos de acordo com a faixa etária participante. Dias 14 e 21 de julho, a partir das 15 horas.

• Cia. Rick & Kelly - Todos poderão participar de um espetáculo folclórico completo, que retrata a saga do boi-bumbá, de personagens que surgiram para complementar o folguedo, além de paneladas, cantigas de roda, cirandas e cordel, entre tantas outras atrações que serão apresentadas pela Cia. Rick & Kelly. A biblioteca ganhará muita cor e alegria ao receber os bonecos gigantes, a nega maluca, o boi-bumbá e um ventríloquo, que

farão um show totalmente musical, voltado exclusivamente à cultura popular. Dias 22 e 24 de julho, a partir das 15 horas.

• Luidijy, o Mágico - Tirar coelhos e pombo de uma cartola parece tarefa exclusiva para mágicos? Se é isso o que você pensa não pode deixar de participar do show que será apresentado por Luidijy que, acompanhado de sua assistente, ensina pequenos truques para a garotada. A brincadeira promete muita diversão e integração. Dias 15 e 17 de julho, a partir das 15 horas.



Tio Pan faz jogos com letras

farão um show totalmente musical, voltado exclusivamente à cultura popular. Dias 22 e 24 de julho, a partir das 15 horas.

SERVIÇO

A biblioteca terá seu expediente normal (das 8h30 às 18 horas) para pesquisas nas férias escolares, inclusive durante os dez dias de evento. Mais informações pelo telefone (0xx11) 4521-1530

Anexo VII- Núcleos e subnúcleos

Os trechos das entrevistas com os sujeitos da pesquisa e algumas anotações de diário de campo compõem este anexo.

Núcleo 1- Práticas para incentivo à leitura

No presente núcleo são apresentados alguns trechos das entrevistas relacionados às práticas de incentivo à leitura que os sujeitos relatam realizar no cotidiano com as crianças, bem como excertos do diário de campo da pesquisadora que descreve as ações concretas, observadas no interior da biblioteca, dos familiares com suas crianças. Os excertos indicam que frequentar ambientes de leitura, ler para e com as crianças, ouvir e conversar sobre os livros e garantir o seu acesso e manuseio são as principais práticas de incentivo à leitura, realizadas pelas famílias.

***1.1- Ler para e com as crianças**

Este subnúcleo reúne trechos das entrevistas e dos relatos de observação que manifestam as práticas de leitura dos adultos para e com as crianças. Segundo os adultos, a leitura para as crianças sempre foi realizada no cotidiano familiar, desde quando elas eram bem pequenas, como se pode observar no relato abaixo.

E como é o momento da leitura, se a senhora pudesse me descrever?

V- Ah eu procuro ficar num lugar calmo, bem iluminado assim, com os cachorros bem longe, porque senão vira uma bagunça (risos). Então eu procuro ficar num lugar calmo, bem assim iluminado. Desligo, se tiver qualquer coisa ligada, eu desligo. E eu procuro assim sabe....como é que eu vou explicar? Trazer ele pra dentro daquilo que eu to lendo. Pra ele imaginar aquilo, aquele cenário. Aquele lugar, aquele sabe... Entrar na história.

P- E como a senhora faz isso?

V- Ai, como que eu faço? Ai vamos supor... Eu estava falando assim de um lugar que existe água, árvores... Ai eu faço assim: Ícaro, imagina um lugar assim, você ouve o barulho da água, você os passarinhos cantando, você está deitado naquela grama. (Imita como se estivesse conversando com o neto, com voz suave). Eu faço assim!

P- E dá certo?

V- Dá. Ele presta muita atenção!

P- E como que é isso pra vocês? O que vocês sentem quando estão juntos lendo uma história?

V- Ai, uma paz! Uma paz, uma coisa muito boa. Uma tranquilidade assim muito grande! Parece que você deixa tudo que esta acontecendo de ruim nesse mundo lá fora. É como aqui ó. Parece que você entra aqui com as crianças, parece que todos os problemas ficou pendurado lá na porta. Lá fora.(...) Ai, eu quero que ele seja um leitor. Então assim, eu procuro sempre tá lendo, conversando com ele, falando assim: Ícaro com os livros você viaja. Você viaja sem você sair do lugar e fora que sua mente ela se abre. Sua mente ela abre, é como um mundo que se abre na sua frente. Eu falei: Incrível, o livro é demais.

P- E ele gosta?

V- Ele adora! (Valdete)

P- E você começou esse trabalho de incentivo a leitura quando?

T- Então, quando ela era pequenininha, eu sempre fui de ler pra ela. Desde pequenininha eu gostava de ler pra ela e eu gosto muito de ler revistinha da Mônica. Então eu lia pra ela quando ela era pequenininha. Ela ganhou bastante livros da minha irmã. A gente tem muito livro em casa. E a minha irmã dá muitos livros pra ela. A minha irmã é professora, então ela empresta os livros dela, pra ela. E fala pra ela: ó, você lê e toma cuidado com os meus livros. Depois devolve!

Então ela deixa separado os da minha irmã, lê e depois devolve. Então, desde pequena ela sempre teve. Eu sempre lia pra ela. (...)

P- E na escola dela também tem o incentivo?

T- Tem. Ela leva também toda semana livro para casa. Essa semana veio um livro que era para ler e veio uma atividade na escola com o livro e depois era pra escrever uma carta para a professora em casa, contando do livro. Como é que foi. Então não era só trazer o livro para casa e ler, mas assim essa semana eu sei que teve essa atividade.

P- E é de sexta-feira que traz o livro?

T- Não, a professora acho que manda de terça e pega na outra terça. Fica uma semana inteira. Geralmente ela quer ler já no dia que ela traz. Ai é onde a gente vai ler a noite. Ela fala: “Ai mãe, hoje eu trouxe livro da escola. Vamos ler!” E ela sempre quer que a gente antes de dormir deite lá com ela pra ler.

P- E esse momento, o que você sente quando vocês duas param para ler?

T- Ai, eu gosto bastante. Porque é um momento que parece meu e dela. A gente... Ela gosta que a gente lê, que eu paro o que estou fazendo para ficar com ela. E sempre foi assim. Tomara que ela continue assim sempre. Porque eu gosto que ela continue assim. Porque meu marido não gosta de ler. Ele lê com ela, mas para ele pegar um livro e ler não. No máximo é jornal, alguma coisa assim. Homem já não é mais assim (Tatiana).

E ela é uma menina que lê muito.

P- Ah, que legal. E desde quando que começou esse gosto dela pela leitura?

V- Assim, a Mariana sempre... Desde bebezinha a gente ia lendo pra ela, comprava livrinhos assim de gibis, aquelas historinhas de... das princesas né. É... Os três porquinhos. Então vinha vindo aí começou na escolinha. Aí na escolinha dela tinha também a biblioteca lá da escolinha, do prezinho. E as tias! Vem das tias, por parte do meu marido, que elas também adora ler. (...)

P- E vocês têm alguma rotina de leitura em casa?

V- Não, rotina não temos. Mas assim é... com o Bruno nem tanto, mas a Mariana ela mesmo por si, ela vai lá, tá sem fazer nada: “Ah mãe, eu vou ler!” (imita a filha). “Tudo bem!”. Ela vai lá, pega o livro dela, senta no sofá ou vai pro quarto ou ainda ela vai num lugar onde não tem ninguém assistindo televisão, onde não tem ninguém ouvindo nada. Ela fica sozinha mesmo e ali ela lê o livro dela, se deixar ela lê um livro em um dia!

P- Nossa!

V- Porque ela gosta mesmo!

P- Ahã.

V- Né, então a gente não tem assim uma rotina dia-a-dia, mas todo dia ela lê.

P- Entendi.

V- Nem que for uma hora, uma hora e meia, mas ela lê. O Bruno ele vai lá, ele pega o gibizinho, aí ele pede pra gente lê, pra tia lê. Tem uma tia que ele adora de paixão, então ele pega aquela tia: “Tia conta pra mim tia, conta pra mim tia?” (Imita a voz do filho). Aí senta com a tia no sofá e a tia tem toda paciência do mundo, aí começa a ler com ele tudinho, aí depois ele: “Ai tia, é verdade? E o lobo? E o porquinho?” né. E vai lendo com ela, mas assim uma rotina que fala assim: Não então hoje vai ser dia de leitura, a gente não tem! Mas todo dia lê um pouquinho.

P- Entendi.

P- E você faz a leitura para as crianças também ou não?

V- Fazia. Pra Mariana eu fazia bastante, né. Ah pro Bruno eu faço também. Eu sento com ele, ele vai lendo né, mas ultimamente quem lê mais com ele é a tia dele mesmo né, que ele gosta né, que ela gosta de lê né. Então ele pega ela lá pelo braço e... E vai ler com ela. (...)

P- E aí como é que você faz, quando vai ler para ele? Contar uma história?

V- É... eu pego o livrinho e começo a ler, eu mesmo começo a ler. Falo: olha aqui tá o... a maça... Olha! Aí eu leio a historinha e ele fala: Olha mãe, o lobo. Eu falo: É, esse é o lobo. Olha esse aqui é os três porquinhos, esse é o Luizinho, esse é o Zezinho esse é o Huguinho. “Ai que legal” (imita o filho no diálogo). Falo: “Oh essa aqui é a Mônica. Ó a Mônica aqui ó, olha o Cebolinha né”. Conforme eu leio a história inteira, aí depois, inteira não, a parte né, aí eu vou falando pra ele: ó os personagens que estão aqui ó, né. Ele mesmo em si vai falando: O “Ceboinha”, o Cascão. (Imita a fala do filho). Aí: “Como chama esse mãe?” Aí eu leio pra ele como é que chama: É o Bidu. Esse é o Bidu! Esse é o cachorrinho, aí eu faço assim com ele.

P- Entendi, e tem algum horário específico?

V- Ele fica na creche o dia inteiro. Então geralmente é à noite. Essas coisas sempre é à noite. Nas horinhas lá que ele pega o livrinho dele, o gibizinho e a gente lê com ele a noite.

P- Entendi.

V- Sempre à noite. Final de semana a gente sai bastante né. Leva no parque, vem pra biblioteca aqui, brinca aqui um pouquinho, daí a gente já não... ele não vê tanto livro, mas é mais durante a semana e sempre, a maioria, a noite. Assim, a noite que eu falo é entre 19:00h/ 19h30m da noite que já 20h30m da noite ele já dorme, ele e ela. Então tem que ser antes né (Vera).

E você, seu esposo, tem o hábito de ler livros pra ela, jornal, revista, gibi?

V- Sim. Desde os quatro aninhos, mais ou menos, a gente colocou uma rotina em casa, né. Que antes de dormir a gente lê um livrinho pra ela, todos os dias.

P- Desde os quatro anos?

V- Desde os quatro anos!

P- Entendi.

V- Aí isso fica que se não tiver... Às vezes é onze horas da noite, a gente tá morrendo de sono, ela não esquece! Tem que ler o livrinho antes de dormir (riso).

P- E ela gosta de qual tipo de livro?

V- Olha ela gosta de tudo. De livro, de gibi. É... ela ama as princesas, né. Então história de princesas é repetida, né (risos). Várias vezes você lê o mesmo livro. Mas assim de tudo um pouco.

P- E esses livros que vocês lêem pra ela são livros de vocês, são livros da biblioteca ou livros que vem da escola?

V- São livros nossos né. (...) Então são livrinhos que a gente tem e acaba até repetindo. São poucos que a gente tem e ela quer todos os dias e repete o mesmo e aí muda. (...)

P- Em que momento que vocês gostam de ler? Em que ambiente da casa?

V- No quarto normalmente. Revistas já assim até mesmo na cozinha, na sala. No dia-a-dia lê uma matéria mostra pro outro, é uma coisa assim mais tranquila. Mas assim, eu imagino um quarto, o melhor ambiente da casa antes de dormir, o melhor horário que todo mundo desliga a televisão e acabou. Ela vai pro quarto dela e aí cada um tá ali com a sua leitura (Viviane).

C- Então a gente gosta de biblioteca. Ah, é um lugar legal, porque ela já é acostumada, ela já gosta, então a gente trouxe ela pra aprender um pouquinho mais.

P- E vocês já fizeram a carteirinha?

C- Eu fiz no nome do meu marido né, porque a gente não precisa fazer um monte (risos).

P- Sim. E aí vocês emprestam o livro e quando chegam em casa como que é?

C- Então, na primeira vez que a gente pegou, a gente pegou o livro, ela ficou lendo em casa, ela quis ler várias vezes que era um livro novo né, nunca tinha visto. Então ela pede pra gente ler. A gente senta com ela e vai lendo. Aí ela quer ler uma parte novamente, ou ela quer ver sozinha então a gente vê do jeito que ela prefere, a gente fica junto e lê.

P- Entendi. E a Estela com dois aninhos já gosta, você disse que ela gosta, de ter livros e de folhear né.

C- Gosta. Gosta.

P- E desde quando começou?

C- Ah, assim... Desde bebezinha que eu leio pra ela né. Colocava ela no carrinho sentadinha e ficava lendo as historinhas para ela. Então ela gosta muito de poesia, (som inaudível) porque tem rima, então ela ficava dando risada, desde neném. Aí depois, quando ela já tinha mais coordenação pra segurar o livrinho, eu fui deixando ela segurar e folhear e falava pra ela que não podia rasgar, que tinha que tomar cuidado e ela foi começando a gostar. Então tudo que é livro que tem em casa, ela pega e gosta de dar uma olhadinha. Aí se ela vê, por exemplo, um gibi, alguma historinha que ela acha legal o desenho, ela pede pra gente ler pra ela e assim vai... (...) E daí então a Estela, desde pequenininha, a gente tem um monte de livrinho em casa, né. Pra criança, aqueles livrinhos de banho, tudo. Então ela, desde pequenininha, ela gosta que a gente lê pra ela. Ela, até pra dormir, ela pega um livrinho e quer ficar lá folheando. Ela não dorme sem ler alguma coisa. É assim já. (risos). Do jeitinho dela (...)

P- E esse momento da leitura, você me descreveria como? Como que marca pra vocês esse momento de estar junto, lendo o livro?

Ca- Ah eu acho que assim... é um vínculo a mais que a gente cria com ela, né. Porque ela vê que a gente gosta e ela participa e ela aprende. Ela vê que tem coisas novas pra ela aprender pelos livros, né. Não só brinquedos e desenhos que ela possa assistir.

P- Sim. E aí como você faz pra escolher os livros que vai ler? Que vai comprar pra ela? Que vai emprestar aqui na biblioteca?

Ca- Então, aqui eu peguei um que tem a ver com o que a gente tá passando agora, "Um novo bebê está chegando", peguei um de "Ficar com raiva" e um de bichinhos né. (Mostra os livros). Bichinho é fácil né, porque ela já é acostumada, eu sempre pego alguma coisa relacionada. Ou então a gente vê, por exemplo, tem alguns brinquedinhos que ela gosta mais, então "Turma da Mônica" e aí a gente pega livros se tem a Turma da Mônica. Tem até um que é uma historinha da Bela Adormecida e tudo, só que com os desenhos da turma da Mônica.

P- Ah eu tenho esse aí.

Ca- E aí ela gosta! Porque já é alguma coisa que ela conhece, então a gente pega assim (Carla).

P- E em casa, pra Vitória? Você faz leitura?

S- Eu faço!

P- Que tipo de leitura?

S- Então. Eu... Ela tem a bíblia também, uma bíblia infantil que eu comprei né, prá tá incentivando também essa parte. E os próprios livros aqui né, porque como ainda ela não sabe ler, né, então eu que faço a leitura dos livros pra ela.

P- Em que momento que acontecem as leituras?

S- Geralmente à tarde. É, a tarde. Ela faz o soninho da tarde, depois que ela acorda, depois eu dou um tempo assim aí eu vou ler uma historinha pra ela.

P- Entendi.

S- Assim... a noite é difícil. Antes de dormir, assim. Porque geralmente fazem a noite né, mas ela dorme cedo, um pouco cedo e mais ou menos naquele horário que eu to fazendo as coisas... assim um jantar, alguma coisa assim. Aí eu procuro fazer a leitura a tarde, que ela tá mais atenta. Logo depois que ela acabou de acordar.

P- E são os livros da biblioteca?

S- Da biblioteca!

(...)

P- E se você tivesse que me descrever, como é em casa, quando você vai ler a história pra ela, como você poderia me contar? Quando você chega e decide que aquele vai ser o momento da leitura?

S- Uhum. Deixa eu pensar como. Quando eu vou começar ler pra ela?

P- Como é esse momento? O que você sente?

S- Olha em primeiro lugar eu sinto... Eu sinto muito feliz porque eu sempre desejei ter uma filha, pra fazer isso, entendeu? E eu assim, eu demorei um pouco pra ter essa filha, né. Então isso pra mim é um momento muito importante, que eu sempre tive essa vontade de tá cuidando, de tá lendo, de tá participando assim da vida dela mesmo, né. Então eu falo, como eu te falei, a tardezinha quando ela tá bem tranquila, que acordou, não ta com sono, porque às vezes você sabe, criança você também tem que ...Você vê e ...respeita o momento deles.

P- Respeitar.

S- É respeitar toda ... Aí eu falo pra ela né, às vezes ela mesmo já pega o livro né, e já pede pra eu contar. Se não eu falo: vamos ler um livrinho, vamos contar uma história? Daí ela fala que sim. Daí eu começo e conto assim, faço vozes né... do personagem (risos). Tento fazer cada um com uma voz diferente né, pra ela tá identificando. E ela senta ao meu lado pra já ir vendo as figuras...

P- Tem algum lugar específico da casa?

S- Olha, eu geralmente faço na sala. Mas eu já peguei também o livro, porque tem um parque é...um parque lá perto de casa né, porque eu moro no Eloy Chaves né, e já fiz isso também. De pegar o livro, levar no parque e a gente sentou lá na grama e eu li os livrinhos pra ela.

P- Que bonito.

S- Foi mais ou menos assim. Mas geralmente eu faço em casa mesmo, na sala (Simone).

P- Isso é legal né. E você comentou que ele não dorme sem uma história né. Que ele sempre pede né.

Su- Não dorme. Tem que ter a história e tem que ser a história lida. Não adianta tentar inventar, que ele não gosta. Às vezes meu marido inventa alguma coisa, né (risos). Mas ele quer o livro.

P- E como vocês fazem para escolher as histórias que vão ler a noite?

Su- Não. Ele que escolhe, dos livros que ele já tem. Ele vai lá e pega e fala que vai ser aquela história (Susana).

Pai, mãe e filha chegaram à biblioteca. Enquanto mãe e filha foram para o tapete, o pai foi à procura de livros no outro setor da biblioteca. Mãe e filha começaram a ver os livros. A menina escolheu um livro e ambas sentaram no tapete. A filha sentou-se entre as pernas da mãe que começou a ler para a pequena. Ela lia calmamente, sua voz era muito suave. Ela mostrava as figuras com o dedo indicador e ressaltava algum detalhe que parecia chamar sua atenção. A filha também interrompia a mãe em alguns momentos: Mãe olha a boca dele! (Parecia apontar para o lobo). Quando o lobo apareceu, a mãe que estava falando com a voz suave, fez uma voz diferenciada, como se quisesse imitar um lobo nervoso. A filha observava atentamente. Ambas pareciam divertir-se naquele momento. Depois que a história terminou, a mãe pediu para que a filha guardasse o livro. Ela olhou mais alguns livros e em seguida começou a explorar os brinquedos. (Notas de diário de campo)

Eu e a mãe conversávamos sobre um evento de que participamos em outro momento aqui na biblioteca; Estela e o pai brincavam sentados no tapete. Entre um brinquedo e outro que Estela pegava, ela decidiu começar a manusear os livros. Pegou alguns e mostrou para o pai. O pai segurou o livro do alfabeto. Em cada folha desse livro tinha uma letra do alfabeto bem grande no meio da página e vários desenhos nas bordas, com imagens de coisas que começavam com a letra anunciada. O pai mostrava as páginas e falava: Olha filha, que letra é essa? E ela respondia: É a letra O! E eles iam juntos apontando para os objetos e dizendo os nomes das coisas: óculos, ovo... Cada vez que ela acertava a letra o pai fazia elogios e eles riam juntos dos desenhos e das situações. Ester e o pai interagiram com esse livro por um longo tempo e a filha demonstrava interesse pelo material. Ela reconhecia várias das letras e, quando não sabia, ele a auxiliava, mostrando os objetos que apareciam, fazendo e reforçando o som das letras iniciais. Quando terminaram, ela disse que queria levar aquele livro para casa e eles o separaram. (Diário de campo)

S- E como que é o momento que você faz o empréstimo? Você escolhe o livro com ela ou você...?

R- Normalmente eu deixo ela escolher. Como ela tem um acervo bem grande em casa, então às vezes eu dou uma orientação... livro repetido, alguma coisa que ela já leu, que a gente já tem em casa. Mas basicamente é livre. Ela escolhe. Às vezes ela até escolhe livro que não é adequado pra faixa etária dela, mas eu não restrinjo. Ela pode pegar. Ela lê as imagens, ela vê as figuras que ela quer, porque ela não é alfabetizada ainda, mas eu oriento a ter os cuidados também com o livro. Mas pra ela...o meu eu tenho uma seleção maior, mas pra ela é livre.

(...)

P- E na sua casa tem algum momento específico para leitura ou ...

R- Tem. Pra mim tem, é um momento que eu to mais tranquila, que eu já deixei meus afazeres e eu me centro nisso. E pra ela também. Antes de dormir tem um espaço (...) Tem um espaço destinado a isso, tem umas prateleirinhas lá, um espaço na altura dela, que ela pega. É livre também, pode pegar quando quiser, mas tem aquele dia que ela não pegou, tem uma atividade mais... um dia mais corrido, aí, antes de dormir, eu pego o livrinho e a gente lê. Quando ela não pega com espontaneidade, mas normalmente ela pega, eu pego e antes de dormir ou eu ou o pai dela conta uma historinha selecionada, ou pela gente ou por ela. A gente conta uma historinha.

P- E como que é esse momento. O clima em que se dá essa contação, se você pudesse me descrever?

R- Muito gratificante (ressalta a palavra muito). O vínculo entre a criança e a mãe é bem bacana, é um momento de prazer e de constante carinho também, porque ou a gente ta deitado na cama, ou ela ta no meu colo e passa uma energia muito boa entre a criança e eu né, e os pais né. Ou eu sozinha com ela, ou o pai, ou os três também. Tem momentos que, depende da situação, eu acho que a leitura não pode ser uma coisa programada, uma receitinha. Tem que tá no clima, tem que tá naquele ambiente de momento. Aproveitar aquele momento e... E usufruir (risos) (Roberta).

(...) Ele era pequenininho, a gente já ia nas, como é que chama, nas livrarias pra comprar e ele ficava lendo. Eu tenho fotografias lindas dele lendo no carrinho (sorriso). (...) Desde pequenininho nós lemos pra ele toda noite. Inventamos muito. E ele tem bastante livros e mesmo assim ele vem buscar aqui (Amélia).

A-Sue Ellen, a leitura entrou no banho. Com os livrinhos de banheira. Eu sempre sou muito curiosa, aonde eu vou eu exploro, eu vou ver o que tem. Eu não lembro de ter ganho, eu comprei os livrinhos! Mas eu me lembro que o André tinha um interesse muito grande pelos livrinhos na banheira, principalmente o André.

Quando a Juliana nasceu, eu já tinha dois bebês, eu também fiz isso, mas daí o irmão que já falava, já ajudava a irmã. E outra coisa: “Ah, presente de criança não é livro!” É engano de adulto! Se você dá um livro pra criança, tanto que hoje os livros viraram brinquedos. A questão do tato... Os livros são maravilhosos. As cores. O material que é usado. É pra chamar mesmo a atenção da criança né. Tem com pelúcia, tem com laminado, tem com tudo. Mas é um paradigma dos adultos, o que eu ouço muito das minhas irmãs, que também são da área: “Não, tem que ser brinquedo”. É lógico que você aprende com os brinquedos, mas os livros são brinquedos (...) participe com sua criança. Não dê o livro, mas sente com ela pra ler. É uma delícia ler com ela, ler para ela. (...) É uma delícia livro infantil e assim... hoje tem uma gama enorme de livros! (...)

P- Que legal. E você me falou várias coisas interessantes, vou voltar...Uma delas que você falou é que não adiantava só dar o livro pra criança, que você tinha que estar junto.

A- (Balança a cabeça afirmando) Participar!

P- Porque você acredita dessa forma?

A- É o seguinte... o livro ta lá.

Por que que eu vou ler o livro se eu posso ir pro quintal, me sujar... o livro é só um papel! As crianças não nascem sabendo que no livro tem o conhecimento. Então se você não sentar... Você tem que fazer daquilo algo prazeroso. Estar junto da criança, porque a criança como você pode ver, como os cães, como os animais eles não querem ficar preso no canil, eles querem ficar junto de você. Se você está no quintal eles ficam, se você está na cozinha eles ficam. Onde tem gente eles vão ficar. Os nossos filhos também. Então quando você senta, essa ligação, esse vínculo afetivo é fortalecido. Ele sabe que a mãe está presente, ele não...naquele momento ele não entende, mas ele internaliza o carinho daquela presença. A emoção que está sendo passada pra ele. Porque é lógico, se ele não conhece o livro, como que ele vai pegar o livro se tem outras coisas pra ele fazer, inclusive mexer. O livro é...Eu falei hoje tem livros que oferecem ... mas se o livro é o papel, ele não tem esse conhecimento que nós temos de ali ter informação. Pra ele é papel e não vai interagir e não é nada. Mas se a mãe está junto, então a voz de quem vai contar a história...não importa se você vai sentar no tapete, no quintal, na

areia, no chão... São momentos como esses que realmente ficam gravados. É... Eu acredito que é a emoção. A gente atinge o outro através das emoções. Você pode ver o ser humano quando cutuca o outro, quer deixar o outro bravo, ele vai falar alguma coisa que... A criança ela é ser humano. Ela só tem menos tempo de vida e menos aprendizado. Eu acredito nesse sentido da leitura, por isso que você tem que incluir a leitura em momentos prazerosos e não: Vá ler! (Fala em tom rude). Inclusive porque ele sempre quer fazer aquilo que é bom e que ele não é mandado. Quando você manda, "porque que eu vou?"(Andréia)

A leitura antes de dormir eu acho assim que é um carinho pra falar a verdade. Parece que é um momento que a gente fica junto mesmo (Viviane).

So- Eu incentivo as crianças a participarem desde a biblioteca até ao teatro desde os seis meses.

P- Ah, legal!

So- Desde seis meses. Mesmo elas bebês de carrinho nós levávamos ao teatro. Sempre levamos!

P- Que legal. E porque desde pequeninhas?

So- Porque eu acredito assim que é uma educação. A gente não educa criança? Tudo é um hábito, é uma educação. Então leitura, cultura, também é uma educação, né. Então eu acho que isso também faz parte, da família, né, oferecer aos filhos. Eu acredito assim que a criança desde pequena tem que tá envolvida nesse contexto, né, pra que ela aprenda, né. Então assim, se elas não vierem, a gente não incentivar, eles não vão ter esse conhecimento. Então eu acredito assim. Eu sou professora também, talvez pela minha formação, né... A gente já sabe um pouquinho né.

P- E a senhora é professora de que faixa etária?

So- Eu sou professora de infantil. Na época que elas eram bebês eu trabalhei em creche, né. Agora eu trabalho no ensino fundamental, né. Mas assim, né... Eu acredito nisso, né, e elas são assim super habituadas. Sempre vêm. Quinzenalmente nós estamos aqui, se não for semanalmente, né. Então já é um hábito. (...).

P- Você estava me falando que a noite vocês tem o hábito...

S- Nós temos o hábito de leitura em casa.

P- E aí cada um pega um livro?

So- Cada um pega o livro, normalmente elas gostam que eu leia para elas né, porque assim, eu acredito que assim, é um momento gostoso da gente ficar junto... Eu participei de um curso esses dias aqui e achei muito bacana que ele falava em termos não só da leitura, da afetividade que esse contato da leitura traz, do pai, da família. A gente faz às vezes isso involuntariamente. A gente não tem esse contexto todo, mas é verdade mesmo. Porque no momento que eu sento na cama pra contar história, elas querem um colo, elas querem ficar perto, elas querem ficar junto. Ou a gente né... Sentar no meio das pernas da gente. Então assim, esse aconchego, esse afeto né, que propicia um encanto. A magia mesmo ali né, do momento da leitura né. Então porque às vezes a gente pensa enquanto professor, a gente pensa só naquele foco pedagógico. Da criança saber ler, de incentivar a ler, então assim, essa afetividade também é muito bacana né, porque cria tudo uma magia ali né, muito bacana né.

P- Sim, é verdade.

So- E que nem assim, meu marido não é da área da educação e normalmente eu estímulo também. Ele lê para as crianças, ele né... Se aproximar das crianças, porque normalmente os pais trabalham mais que as mães né, eles tão muito mais ausentes de casa do que as mães né, então normalmente ele vem junto, é que hoje ele tá trabalhando também e não deu. Mas normalmente ele tá aqui presente. Então assim, ele leva os livros, me ajuda a ler os livros... Então isso é muito bacana, muito gostoso (...) porque assim, chega de final de semana é o momento da família. É o momento da família, de nós estarmos juntos com a família, a família presente, né. E tanto no contexto educacional, na biblioteca, participando de uma atividade pedagógica como teve agora, então você vê que tudo vai se juntando, né.

P- Aha.

So- Eu gosto muito disso, né. Isso é felicidade, né, eu falo! (Sônia)

M- Eu tenho uma gravação, não tá aqui (procura no celular). Não to encontrando. Na gravação os pequeninhos estão no quarto, uma zona: televisão ligada e as outras brincando tudo e ele com um livrinho lendo! Os meninos sentados em cima da cama aqui e ele lendo "O diário de um banana". Então ele tava folheando só o que tinha diálogos. Lindo, lindo, lindo! Essa menininha (mostra a foto no celular) é a minha outra netinha. Ela lê, ela pega um livrinho, ela constitui uma história em cima do livrinho assim... Eu tenho uma gravação bonita dela também. Mas não tá aqui. Ó!

(mostra mais fotos dos netos no celular)

P- Olha. Tô reconhecendo este lugar! Essa foto é na biblioteca!

M- É. Num evento.

P- Ah, então pelo jeito a senhora vem sempre, né?

M- Venho sempre que eu posso! Essa daqui (mostra a foto) eles estavam ... É que quase todas as semanas eles passam um dia comigo e então eu falei: Que eu vou fazer pra essa molecada me dar um sossego? Aí eu falei: Vamos fazer um teatrinho?

Então eles passaram a semana inteira. O meu marido xerocou as... os bichos, então eles ficaram fazendo os fantoches, ficaram pintando, ficaram pintando a caixa pra depois fazer o teatrinho. Ficaram a semana inteira (risos). Só que aí na sexta-feira que a gente ia fazer o ensaio final, essa daqui falou: vovó eu não quero não. Aí falei: então tá, então faz o narrador. Aí os dois pequeninhos: Ah, eu também não quero não. (Risos). A maior, que é da idade dela, a Clarinha, ficou brava, ficou brava! Então eu falei: “Vamos criar um jeito e a gente faz... nós duas”. “Ah, então tá bom!”. Só que depois ela falou: “Então eu também não quero mais vó”. (Risos). No final a trupe se desfez...

(...) P- E quando eles estão com a senhora (avó) tem alguma rotina de leitura quando eles vão pra sua casa?

M- Uma rotina propriamente não. Tem na hora de dormir, a gente lê historinha. Em alguns momentos quando tem uma situação nova, um livro novo, algo que eles gostam muito. Por exemplo, tem alguns que são é... referências. “A maior boca do mundo” sempre tem que ser lido. Às vezes em outros horários eles pedem também. Mas eu ando preocupada porque agora eu to sentindo que o computador tá ganhando mais espaço. Tá... Já me peguei assim: Olha vamos ver esse livrinho? “Ah não vovó, agora estou fazendo isso, assim, assado”. Então... é um concorrente né (risos) (Marisa).

P-E o senhor falou que em casa também é importante né.

C- Em casa também. A gente lê histórias, ou inventa. Ela mesmo gosta de inventar histórias. A minha esposa também ela trabalha mais isso. Eu também trabalho, mas ela trabalha com mais frequência.

P- E o que a sua esposa faz em casa?

C- Ela é professora de idiomas.

P- Ah, mas o que ela faz pra incentivar essa área?

C- Ela lê, ou conta e inventa histórias. Antes de dormir, com a luz apagada, vai inventando histórias. Ou se não, pega um livro e lê, a gente lê e vai interagindo com ela (Clóvis).

P- Entendi. E quando ela era pequeninha, você lia pra ela?

L- Sempre li. Sempre. Tanto que quando ela entrou na escola ela já sabia o alfabeto inteiro, tudo que eu ensinei para ela.

A outra eu também ensinei, só que ela não...ela não ligava muito. Nunca ligou muito assim pra letras, tanto que eu corri atrás, que eu achava estranho né. Toda criança vê uma letrinha e fica tentando né. Olha o L do meu nome. O L que tem no meu nome. E ela nunca assim... Nunca deu aquela vontade, né. Aí agora que ela começou a despertar isso, que ela vê e fala: Olha mãe, eu consigo ler!

Mas antes ela não fazia isso e eu fiquei preocupada, fui atrás de psicólogos pra ver se ela tinha algum problema neurológico, alguma coisa assim, né. Que a gente fica preocupada, né (risos). E aí falaram que ela tinha um pouco de problema na fala, que às vezes ela não entendia a letra por não entender a letra.

P- E ela começou a passar com fono?

L- Passa. Então, ela passa aqui na Argos.

P- Então ela passa com fono aqui no complexo Argos?

L- É. E eu fui atrás, conversei com a professora. A professora que ela pegou o ano passado, a gente não teve muito sucesso com ela (risos). Ela criticava muito, mas eu não via a menina desenvolver. Agora essa desse ano é muito boa. Ela desenvolveu muito bem, ainda tanto que ela falou, foi mostrar a ficha da Luana pra antiga professora. Ainda a professora falava assim: A Luana vive no “mundo da Lua”. Ainda até que eu falei com o psicólogo e o psicólogo falou que era pra falar com a professora, porque isso era pejorativo, né. Deixava a criança meio: Porque o mundo da Lua, né? No caso o mundo da lua né. É que ela não entendia nada. Aí ela: "Ah não, mas eu não falei por mal isso". Eu sei que você não fala isso por maldade né, mas por isso mesmo né. Às vezes você fala sem maldade, mas acaba atrapalhando a criança sem querer. Aí ela parou. Mas assim de modo geral não tive problema mais.

P- Entendi!

P- E vocês têm hábito de leitura em casa?

L- Tenho. Assim... quem não lê muito é o meu marido. Não consegue ler mesmo (sorri). Mas eu e as crianças temos sim.

P- E tem alguma rotina de leitura da família?

L- Assim, de modo geral a Luana (caçula) ou eu leio pra ela uma história todo dia antes dela dormir, ou a Lídia (primogênita), quando eu não estou, que eu chego tarde em casa da faculdade. Então quando eu não estou, a Lídia conta pra ela. Ela já fala: "Lili, conta história pra mim?" (Imita o tom de voz amoroso da filha). E aí a Lili

vai lá e conta uma história e coloca ela pra dormir. Quando eu não tô é sempre ela. E o pai dela, quando nem a Lídia pode, nem eu, ele conta histórias assim. Ele inventa as historinhas e conta pra ela, porque senão ela não dorme. Então ela já criou o hábito de ter alguma coisa, uma historinha.

P- E como que é esse momento quando você conta a história? Se você pudesse me descrever como que é?

L- Ah, ela presta bastante atenção. Aí ela faz algumas perguntas: Mas porque motivo que aconteceu isso ou não? Ela presta bem atenção e ela gosta das histórias. Tanto que ela fala: "Eu não consigo dormir se você não contar história pra mim" (Imita tom choroso da filha e sorri após a fala).

(...) Eu coloco ela na cama, aí conto a história, daí depois a gente ora e daí eu saio do quarto.

P- Entendi.

L- Sempre esse hábito.

P- Ahã

L- Lê. Coloco na cama. É... cubro ela e depois que eu cubro ela, leio a historinha. Procuo lá nos livros, leio a história, ela ora e dorme. Dou um beijo nela e vou embora (Lúcia).

P- E você estava me falando da importância do exemplo né. Eu cheguei e você aqui lendo uma história para eles. Eles já sabem ler sozinhos, mas você aqui contando...

A- Porque é uma delícia! Nenhum ser humano vive sozinho. Ninguém. Ninguém vive em um paraíso sozinho. Ninguém se isola. Todo mundo precisa do outro. E aí o que acontece? Estar com o outro. O outro só nos ensina e nos norteia. Porque o outro é o espelho. Pode ver que a gente não consegue se ver, mas a gente vê o outro. Olha o outro... fulano fez isso. Então, só que o outro tem que ser o nosso espelho. O que acontece: o outro eu não quero pra mim. Então tem que ter essa consciência. Então assim: Quando eu entro aqui, é um tapete. Se eu entrar com meu sapato eu trago... outras crianças vão sentar.

P- Ai! Eu estou aqui com meu sapatinho. (risos) (A mãe e as crianças estavam descalças, sentadas no tapete e eu estava com minhas sapatilhas. Fiquei constrangida. A mãe gentilmente disse na sequência).

A- Não, mas você não tá circulando. Então eles têm que ver: Agora vamos tirar o sapato. Ah, eu vou tirar o meu sapato! Somos nós. Ela pegou um livro. Inclusive as regras de comportamento, convivência. O seu filho imita você! Você fala alto ele fala alto. Você não tira o sapato pra entrar, pra que ele precisa né? O ser humano, quando pequeno, ele aprende por imitação. Ele faz exatamente o que o pai e a mãe dele faz. Se você fala... Alguém liga na tua casa e fala: Fala que eu não tô, ele aprende a mentir bem cedinho. "Mas mãe você não tá? Eu tô, mas eu não quero falar. Então seja sincero: Eu não estou em condições de falar agora, mas quando eu puder eu te ligo. Então ter essa humildade, ter essa transparência.

P- E foi nessa concepção que você começou o trabalho com o incentivo a leitura?

A - Acho que eu to falando até um pouco mais da minha história e fugindo do seu foco.

P- Não, não. Imagina! Está sendo ótimo!

(...) Andréia- É que tudo isso, e que de repente eu até fugi aí do tema da leitura, mas tudo isso é assim um todo. Nada acontece, ninguém pega um livro se não tem tudo isso! Sabe? É uma filosofia de vida né (...)

A-Sue Ellen então eu não sou contra televisão, computador, Ipod, "Igame", tudo... Pelo contrário. A tecnologia é fantástica, faz parte. O que a gente tem que usar é com equilíbrio e acrescentar né... A gente pode ler, você baixa e lê o livro, mas o físico, o tato é muito importante. O Cheiro do livro usado, novo. Então, trabalhar com as sensações, com os sentidos! Então trabalhar com o básico, os 5 sentidos. É muito importante.

P- A materialidade do livro.

A- Quando você lembra alguma coisa, você fala: Pede pra falar alguma coisa da sua história. Tá lá algum momento que você trabalha com as emoções. O bolinho você vai sentir o cheiro do bolinho na casa da sua vó. A voz do seu avô contando uma história da fazenda. São essas coisas! (...)

O pequeno príncipe é maravilhoso! Você pode ler em todos os momentos da sua vida ele. Cada momento você vai interpretando de uma forma. (...) No café da manhã de domingo, eu lia um capítulo. Ou no café ou no almoço, até terminarmos "O pequeno príncipe". Pra mim eu leio, pro meu marido e pras duas crianças.

P- Que legal!

A- No momento do café de domingo (...) (Andréia).

P-Então você veio pra emprestar?

N- Isso, pra emprestar. Ela até já escolheu dois para levar.

P- Ah, ela vai levar esses daqui?

N- Sim.

P- "O ratinho silencioso" e "Não faça isso dragão".

E como que é quando você empresta o livro? Chega em casa, o que que você vai fazer com o livro?

N- Então, geralmente a gente lê antes dela dormir né. Ela tem até uma bíblia das meninas e a gente lê antes de dormir e nesse caso aí também, antes de dormir, cada dia lê uma página, cada dia um pouquinho, até dar o prazo de devolver o livro.

P- Entendi. E aí você vem trocar daqui quanto tempo?

N- Então, nesse caso depende. Agora ela tá começando a ler sozinha, aí eu vou deixar ela ler sozinha. Eu vou estar junto, mas vou deixar ela ler e assim que ela terminar... Pra mim vir aqui tem que ser de sábado. Aí no próximo sábado a gente vem e troca.

P- Então demora uma semana, 15 dias?

N- Isso, quinze dias... Um livro por semana.

P- E agora que ela está começando a ler, você costuma deixar ela ler sozinha?

N- Isso! Eu fico junto, porque tem letrinhas, tipo LH, BR, essas coisinhas assim que ela ainda não pegou direito né, então a gente lê junto pra poder auxiliar mesmo!

P- E quando ela não lia, como que você fazia?

N- A gente lia pra ela, ela do lado e eu vou com o dedo apontando as palavras, pra ela ir sabendo né, onde que tá lendo, que parte que tá a história. (...)

P- E se você pudesse me descrever, como que é o momento da leitura, como vocês se sentem, como você me descreveria?

N- Eu acho que é um momento divertido né, porque eu procuro ler assim... da forma que seria assim... que ela tivesse vendo um desenho. Então com as entonações, com a acentuação... Então ela acaba rindo e a gente se diverte bastante. É bem legal! (Nathália)

Marcos (pai)- Eu vejo que ela pede pra ... às vezes ela pede pra que eu leia pra ela, aí a gente lê. Às vezes a gente faz umas brincadeiras com a voz né.

P- Ah. Legal.

Carla (esposa do Márcio)- Às vezes ela mesma já até faz alguma coisa. O livro é uma história sobre bruxinha né, aí ela já sabe os sons dos bichinhos, então ela acompanha também a história. É bem interessante. Que ela gosta bastante mesmo.

(Entrevista com Carla e Marcos)

P- Entendi. E vocês incentivam a Maria Eugênia a ler, pelo visto né?! Desde os 4 anos trazem à biblioteca! Mas antes já tinha algum trabalho de incentivo à leitura ou não?

A- Ah teve sim ah. A gente gosta muito, ela assim, ela se identificou muito cedo com as histórias da Disney né, então assim ilustrações a gente deixa bastante com ela. Quebra-cabeça, tudo envolvendo um pouquinho esse negócio, mas nada muito de forçar, né. É um livrinho, ela termina. Aí dá um tempo, um outro livrinho. De uma maneira bem tranquila. Nada de: olha eu quero que você desenvolva, leia! Nada. É bem sem intenção nenhuma. É mais realmente a preocupação dela ter um ambiente gostoso e que ela se identifique com alguma historinha e que ela consiga enxergar alguma coisa que seja legal naquela história.

P- Tá... Mas vocês fazem algum tipo de leitura pra ela?

A-A noite eu leio pra ela né, embora aí tenha um choque entre agora eu e a mãe dela, né. Que assim a mãe dela fala que ela tem que ler sozinha.

P- Vocês moram juntos?

An- Não. Separados. Então assim, ela acha que a Maria Eugênia tem que ler. Né. E eu gosto de ler pra ela. Então tem uma diferença aí, mas é... toda noite a gente faz um exercíozinho sim. (...)

P- E como que é esse momento, se pudesse descrever?

An- É vamos dizer assim, é um momento que... bom...Primeiro é um momento dos dois né. Isso é muito legal. Aí a outra coisa é que assim, é um momento de ... meio que assim, meio que se predefiniu ou se disciplinou que aquele momento é antes de dormir, né.

P- Ahã.

An- Nesse momento assim acho que isso é um pouco do perfil da criança né, não existe muita troca ou questionamento, né. Ela ouve, pergunta uma coisa ou outra e dorme. E é bem ... bem específico assim.

P- Entendi. Tem algum tipo de história que atrai mais a Maria Eugênia ou não?

A-Ah tem histórias que atraem ela. Tudo que envolve princesas.

P- Risos. As meninas tem isso, né.

An- Né. E isso já há um bom tempo, eu diria. Dos dois anos assim, tudo que fala de princesas desses períodos dos cinco aos sete é muito intenso né.

P- Entendi.

An- Desde “As princesas soltam pum” até...

P- Ah eu tenho esse.

An- Até a história da Branca de Neve, Cinderela e assim por diante.

Pesquisadora- Entendi. E como que o senhor faz a seleção do livro?

An- Agora, na fase dela, frases curtas né e que eu vejo que tenha algum tipo de mensagem.

P- Entendi.

An- Mas, assim, as frases muito curtas porque agora, antes não tinha tanto, mas agora tenho preocupação que ela leia alguma coisinha também.

P- Ah sim.

An- Então não só eu leio, mas que ela também troque. Então o que eu faço é uma brincadeira do tipo: Eu leio uma frase e você lê outra. E assim a gente vai trabalhando pra que ela consiga chegar ao final do livro e termine a leitura.

P- Sim. Sim.

An- Basicamente é isso que eu faço. (...) A minha filha é um pouco preguiçosa. Então assim, briga, briga, briga, briga aí depois de 20 minutos de briga ela resolve ler né. Então tem um pouco de perfil da criança também é... Pra se soltar, vamos dizer assim né. O engraçado é que depois da briga, depois que se solta, ela fica atraída e termina de ler o livro. Mas tem uma inércia que tem que ser quebrada (Antônio).

P- E em casa, como é que é a questão da leitura?

F- Essa, a mais velha, principalmente adora! Ela lê muito. Como eu gosto, não sei se passou? Eu tenho muitos livros e ela também gosta muito. A pequena ainda tá né...descobrimo. Mas ela já lê bastante (aponta para a filha mais velha).

P- E ela lê sozinha?

F- Sozinha. Tem um monte de livro, pega na biblioteca da escola. Gibis!

P- E vocês vêm com que frequência trocar os livros?

F- Quinze em quinze dias.

P- Quinze em quinze dias!

(...)

P- E como que... quando ela era menor, que você falou que lia muito, como que era esse momento da leitura?

F- Ah, sempre assim um momentinho que ela tava mais tranquilinha, antes de dormir (Um trecho inaudível na gravação). Aí eu acabava lendo pra ela, dava os livrinhos mais grossos pra ela manusear também.

P- E a leitura, como que você fazia? Contava, você lia?

F- Algumas vezes. Depende. Algumas vezes eu contava e outras eu pegava o livro e ia lendo. Historinhas mais curtas né, se não, não presta muita atenção.

P- Usava algum recurso?

F- Não. Só o oral mesmo.

P- E fazia alguma diferenciação de vozes?

F- Sim, aí sim. Só isso. Agora assim com fantoches, eu já não sou tão criativa (risos).

(Fabiana)

Nossa! Então a senhora vem duas vezes por semana!

AM- Venho. Porque dificilmente eu vou ler um livro e ficar duas semanas com o livro.

P- Entendi.

AM- Então eu leio, termino, venho e troco. O que ele já leu eu troco.

P- Entendi. E ele vem sempre junto ou a senhora?

AM- Só quando venho no sábado, porque ele estuda à tarde.

P- Entendi. Aí a senhora vem sempre à tarde e aí de sábado traz ele também... Quando a senhora empresta o livro com ele e chega em casa como é que é?

AM- Teoricamente eu vou chegar em casa e não vou fazer nada com esse livro. De noite nós vamos escolher um deles pra ler.

P-Sim.

AM- Entendeu? Então a gente lê às vezes de tarde mesmo, quando ele quer que a gente lê a tarde.

P- Ahã.

AM- Mas como ele tem uma... ele é amplo na parte de interesse, então ele gosta de ver filme, de ver televisão. Então de noite é a nossa hora do lazer.

(...)Eu sou uma contadora de história nata (risos)

P- Ah, a senhora é uma contadora de história?

AM- Sou. Eu conto não para os outros, mas para os meus netos em geral.

P- A senhora... é a sua profissão ou não?

AM- Não. Eu sou auxiliar de escritório, agora afastada. Então eu costuro, eu sou artesã também.

P- Olha!

AM- Bom vamos contar assim. Como é que começou a minha contação de histórias...

P- Sim.

AM- Eu sou quatro anos mais nova que minha irmã. Mas sempre gostei muito de inventar.

P- Ahã.

AM- Então ela pra poder sem sono dormir, ela fazia eu contar história, pra ela dormir!

P- Olha!

AM- Entendeu? Coisa de seis, sete anos eu já contava história pra ela.

P- Olha só.

(...)

A contação de história que eu tenho é a de vó pra filho, pra neto, pra filho. Mas eu sei que existe uma técnica melhor, você tem que levar o livro, você tem que interpretar mais. (...)

AM- Eu olho, analiso. Vejo o interesse dele. Conheço o quanto ele vai se interessar. Vai sendo por etapas, entendeu? Por exemplo, agora ele está se interessando por xadrez. (Ela começa a procurar na bolsa os livros que havia emprestado no dia de hoje antes da entrevista). Porque nós gostamos de xadrez. Então to pegando uns livros com regra de xadrez. Ó. Esse aqui é do gênero (mostra livros que o gênero havia emprestado e que estava na sacola junto com os demais.)

AM- To levando livro de xadrez pra ele. (Mostra o livro)

AM- É. E estou levando esse pra mim.

P- “A lua fica muito longe”. Que graça.

AM- É. Ele gosta. E eu to pegando esse, ta vendo? Sabe pra você ler de noite?

P- Olha que lindo!

AM- O peixinho eu já li pra ele, do Chalita. Quando o livro é grande a gente lê por trechos. Então esse aqui vai ser lido em uma noite.

P- Que bonitinho!

AM- Esse aqui eu sei que ele gosta. (...)

AM- Então esse daqui já vai ser lido por etapas.

P- Sim, que é mais denso.

AM- Entendeu? Entendeu? (Ela vai folheando os livros e me mostrando). Esse aqui é um capítulo, vai ser por noite. Aí ele fala: Oh vó, já?

P- Risos. Ele quer que leia.

AM- Isso aqui é por noite. (E vai me mostrando as páginas que lerá em cada noite). Você entendeu? Uma ele geralmente ele escolhe a outra eu sei o que ele vai...

Pai- Daí quando eu to lendo eu peço pra ele ler uma linha. Porque ele tá na fase de alfabetização.

P- Que bacana.

Pai- Tá se virando já.

P- Que jóia. Parabéns viu, pela dedicação de vocês viu.

AM- Ah não, isso é vício mesmo. (Risos)

P- (risos) É tão assim bonito, é tão gostoso encontrar pessoas assim... Eu falo que eu tô super feliz fazendo esse trabalho!

AM- E eu acho que nada substitui segurar um livro, o cheiro de livro novo (fala sorrindo)

P- Sim.

AM- É que nem caderno novo né. Uma delícia.

P- risos.

AM- Não adianta. Eu adoro o contato do livro. Já li livro no computador, na época do Harry Potter né.

Pai- Não tinha o livro.

AM- O bicho não vinha né. Então eu li, mas eu tive que comprar, porque eu quero...

P- A materialidade.

AM- A materialidade, o toque. O livro, a coisa... (Amélia).

P- E quando eles não liam ainda? A senhora contava história para eles, tinha alguém que fazia isso ou não?

A- Contava. Uma vez por semana, depois foi aumentando para duas. Deixava aqueles livros que não tem escrita, que só tem imagem. Os que têm escrita também, pra eles manusearem...

P- E agora que eles já estão lendo, a senhora parou com a contação de história, a leitura ou ainda acontece alguma vez?

A- Acontece, mas menos. Às vezes ela vem e pede pra contar, mas diminuiu bem. Não deveria ter diminuído né (risos), porque ainda está na fase. Mas diminuiu bem, porque a gente começa a ver a criança mais independente, com mais autonomia, a gente começa a ficar mais sossegada (Angélica).

C- A Magda tem 7. A Magda ainda é nova então a única coisa assim que eu leio pra ela. Não tem ainda aquele interesse definido, né. Ela lê, qualquer coisa que a gente achar interessante eu leio histórias né, livros de histórias. Coisas de fadas que ela gosta. Então é assim, é uma coisa variada. Hoje ela pegou esses dois que é uma série. Não sei se pra idade dela já dá né, mas ela vai tentar, né.

P- Judy?

C- Judy Moody. Vamos ver se... A gente tenta incentivar, né. Eu não fico assim: “leia isso ou leia isso!”. Eu deixo eles escolherem pra ver né, pra ir experimentando. Pra eles verem o que eles gostam, né. Agora o menino já gosta mais de coisa assim de Dragão é... aquele Rick Riordan, o Ladrão de raios, esses Harry Potter ele leu todos. Coisas assim mais aventura, né.

P- E ele leu todos os Harry Potter?

C- Leu todos os Harry Potter, leu o Senhor dos anéis, inteiro! Ele foi à biblioteca da escola, pegou lá e leu. Daí ele mudou de escola e um dia a gente tava aqui e ele não tinha terminado de ler e ele levou e terminou. Isso aqui ó (simula espessura de um livro grosso com os dedos) ele leu! E eu brigo muito com ele, porque agora ele tava com 7 (nota) no mês passado de Português. Eu falei pra ele: Você não é um aluno que pode ter 7. Pela quantidade de livros que você tem e que você lê, né. Tudo que você tem de vivência, esta não é uma nota pra você. Então a gente briga muito. E os livros eu acho que é uma maneira de incentivar a melhorar nos estudos, mas assim, ele deu uma decaidinha. Mas assim, gosta muito de ler, se deixar só lê. (...)

P- E eu percebi, eu estava ali sentada, e vi que sua filha estava querendo um livro que fosse grosso.

C- É porque ela leu um livro que chamava Girls, lá do outro lado (Referindo-se ao acervo geral, não o infantil). Mas era uma série muito fininha e ela falou: Mas não era esse, o que eu tinha visto do outro lado, era um livro mais grosso. E Ela falou: Não, mas não era desse. Sabe esses livrinhos de maletinha, parecia esses. “Não mãe, era um outro livro que eu vi.” Então ela ficou desapontada, porque ela tinha visto um livro e no dia ela não levou e faz tempo que ela tá querendo. Mas o título era igual, mas o livro não era...

P- E ela não tem dificuldade, por exemplo, quando vê um livro grosso desanima, igual algumas crianças?

C- Ela não é de pegar assim e ler um livro inteiro. Às vezes ela vai levar isso aqui e ela nem vai ler inteiro. Mas ela vai ler um pedacinho. Às vezes eu leio uma parte pra ela, peço pra ela me contar. Mas deixo assim bem natural. Agora livro fininho ela lê. Porque eu também não posso forçar muito, ela ta com 7anos. Ela tá no segundo ano ainda, né. Então eu deixo que pega. Até a moça (referindo-se a Beatriz, funcionária da biblioteca) falou: Esse aqui ela vai ler fácil, porque tem bastante desenho e a letra é grande, daí ela se animou.

P- Ahã.

C- Mas acho que ela vê que eu pego livro grosso então acho que...

P- E ela quer fazer uma leitura parecida com a do irmão também, né.

C- Também, também. Porque o irmão pegou esse daqui ó.

P- Nossa, quantos livros!

C- É que eu pego pra minha mãe também.

P- A sua mãe também gosta de ler?

C- A minha mãe tá com uma depressão assim meio complicada. Então eu venho, pego uns romances bem açucarados e levo pra ela, porque pelo menos dá uma esquecida nos problemas, né.

P- Sim. Eldest- Christopher Paolini (leio o título do livro que está entre os demais para empréstimo).

C- É a ... é o segundo do Eragon! Até falei: Mas você vai ler o volume dois? Aí ele falou: Mas mãe, eu já li o 1. Aí eu falei: Mas como? “É o Eragon”. Falei: Mas você já leu? “Eu já li!”.

E eu nem sabia que ele já tinha lido.

P- Ele pega livros na biblioteca da escola também?

C- Às vezes sim (Carmem).

P- Entendi. E você tem algum hábito de leitura em casa?

C- Nós somos Testemunhas de Jeová. Então ler é fundamental. E aí a gente lê muito a Bíblia e livros relacionados com isso né, com os estudos da Bíblia. Então ler é...é tudo, né.

P- Ahã.

C- A leitura é tudo.

P- Sim.

C- E ele aprende, embora ele não saiba ler direitinho, ele vai soletrando, vai lendo e vai formando as palavras. Ele lê.

P- Entendi. E aí no caso você tem alguma rotina diária de ler pra ele ou não, você deixa mais ele explorando os livros sozinho?

C- Não, eu leio! Eu deixo ele, mas eu tenho a rotina de ler todos os dias pra ele. Pelo menos uma história na Bíblia a gente tem que ler.

P- Entendi. E sempre é a história bíblica ou outros livros de literatura infantil também?

C- Não. Livros de literatura infantil também.

P- Aí são livros do acervo pessoal de vocês?

C- Isso, isso. E tem também os livros que vem da escola. Toda semana vem uma historinha diferente. Então além dos livros que a gente tem, vêm esses livros da escola e eu leio pra ele também.

P- Entendi. E como que é esse momento da leitura? Você poderia me descrever?

C- Geralmente é a noite. E aí depois que: “Vamos dormir?” “Vamos!” Na hora de vir aquele horário pra sentar, senta na cama, lê ou livro dele, ou livro que ele quer uma história na Bíblia, ou o livro que veio da escola. Os livrinhos dele têm... Têm vários livros de palavra cantada. Eu tenho também bastante. Então tem o CD, o DVD que a gente assiste, mas também tem bastante, tem os livros. Então aí ele me pede uma história daquela, aí eu leio. Aí fica a critério dele, o que ele quer.

P- Ahã.

C- E aí fica naquele momento que a gente lê, antes dele dormir. Sempre tem uns livrinhos de música, mas tem de histórias também. É interessante os livros do Palavra Cantada.

P- Entendi.

C- Aí vem, acho que ele tem umas 4 coleções. Acho que ele tem. Daí vem os livrinhos e ele me pede aquele ou às vezes até gibi. Ele pede pra ler gibi e eu leio também. E fica a critério dele, quando ele escolhe alguma coisa eu leio.

P- Entendi. E você tem hábitos de leitura de jornal, revista, gibi também?

C- Não, não. Jornal eu não sou muito fã de ler jornal não. Mas revista eu leio bastante (Cida).

P- E como que é o hábito de leitura da família em casa?

K- Então, meu marido ele não gosta de ler. Ele não tem esse hábito de ler. O negócio dele é futebol mesmo. Entendeu? Acho que se eu comprasse um livro de futebol aí eu acho que ele iria. Porque ele quer aquele do Corinthians lá. Aquele lá ele falou que é o único que ele lia (risos). Então agora o meu hábito tá sendo... agora eu to lendo mesmo por causa da escola mesmo.

P- Da faculdade.

K- É, dá faculdade! Fora isso eu leio o livro pra ela. Então por isso que eu acho que eu to participando um pouco da leitura, né.

P- E em que momento que você lê pra ela?

K- Então, antes de dormir tem que ler, sempre. Às vezes ela pede o mesmo livro. Que nem agora eu to escolhendo, porque eles (referindo-se aos funcionários da biblioteca) acham que é melhor, porque depois eles têm que organizar e tem que ficar nos códigos. Mas antes era ela que escolhia os livros. Eu deixava ela escolher os livros pra ler. Agora sou eu que vejo qual que é o tema mais importante, assim da idade dela pra ela ter mais conhecimento. E então eu escolho o livro. Às vezes ela fala: “Ai mãe eu gostei mais dessa história. “Cê” conta ela?”. Mas eu: “De novo essa história? Você não quer que eu conto outra?” “Ah não mãe, conta essa!” Porque eu acho que cada dia que eu conto é um jeito diferente.

P- Entendi. (...)

K- Antes de dormir, sempre antes de dormir. Aí lê uma historinha. Aí só que é o seguinte. Uma não é...uma não basta. “Ai você não quer ler a outra?” (imita a filha falando). “Ai pelo amor de Deus. Uma só tá bom!” (imita ela respondendo para a filha) Por quê? Porque senão ela não vai dormir, ela fica mais...Ela tá ali ó, ela tá sintonizada na história, ela quer mais uma história. Ela quer outra. Ela quer mais uma, ela quer mais uma. Entendeu? Então eu falo: “Chega! Já basta. Uma só tá bom, outro dia eu conto outra história”. Quando ela vai pra casa dos avós dela agora, que ela tá ficando a noite com os avós, tem que levar os livros! Tem que levar os livros porque aí ela quer contar pra avós as histórias.

P- Olha que graça!

K- Desse jeito. Então eles perceberam também, né. Que ela gosta muito dos livros. Cuidado com os livros. Eu sempre ensinei ela. Eu falo assim que o livro é um amigo. Sempre. Então eu compro os livros pra ela, quando eu comprava os livros pra ela falava assim: “O livro é seu amigo, se você riscar, ou rasgar, você não vai mais ter ele”. Então ela fala sempre isso, quando vai alguém, algum sobrinho em casa ela fala assim: toma cuidado com o meu livro. Não pode rasgar e nem riscar, porque ele é meu amigo. Minha mãe vai ler depois. Então ela percebe isso. Às vezes quando vai alguém em casa, ela nem vê que fez alguma coisa, às vezes deu uma rasgada na folha, alguma coisa, ela fala: Ai mãe, o Caio rasgou o meu livro! (Fala em tom de tristeza). Eu falo: “Eu não acredito!” Aí você vê que ela sente, que nossa! Que não era pra ter feito isso, entendeu? E eu percebo que ela gosta muito do livro. Quando ela crescer eu tenho certeza que... Eu falo assim: Menina você vai ser uma escritora (a mãe ri). (...)

A minha filha gostou muito de um livro que não tinha letras, não tinha falas. Não tinha... Era só desenhos. E aí eu não tinha percebido. Aí quando chegou em casa eu comecei a ver e falei: Mas não tem nada aqui. Não tem história. Aí eu tive que inventar a história pra ela. E ela adorou aquele livro. Ela falou assim: Mãe esse livro é o mais legal de todos. Eu não sei o porquê. Acho que o jeito que eu inventei a história foi um dos dias que eu vi a coisa (aponta para o tapete, referindo-se a contação de história) então eu consegui fazer aquela encenação, aquela história... Nossa, ela amou.

P- Foi um dia que você tinha saído da contação?

K- É porque toda vez que eu venho eu pego um livro pra ela né. Eu pego os livros. São seis, toda vez que eu venho. Aí ela pegou e amou aquele livro (Karen)

P- Eliana faz quanto tempo que você participa da biblioteca?

E- Ai faz muito, porque assim... Desde pequenininha a gente costuma ler historinhas à noite pra criançada, então eu sempre vinha na biblioteca pra pegar os livros emprestado e levava pra casa. Porque a gente faz assim em casa: janta, tudo bonitinho, daí na hora de dormir, um pouquinho antes, daí deita todo mundo e aí eu começo ler historinha.

P- Ai que gostoso.

(...)

Mas assim, a gente sempre preparou isso no momento de dormir, pra ler.

(...)

P- Entendi. E aí você falou que tem uma rotina na sua casa, que depois do jantar vocês se reúnem...

E- É... Um pouquinho antes de dormir a gente tem costume de cada um escolher um livro, que agora eles já sabem. O Lucas agora tá começando a ler, então a gente incentiva ele a ler também. Ele enrosca lá, mas geralmente... Daí pega um livro geralmente fininho, daí pega e lê um livro. A Manuela também lê uma historinha. Quando eles não querem daí eu leio pra eles, mas a gente sempre tem o costume de tá lendo. Mesmo que não seja todos os dias, que às vezes também tá exausto, mas pelo menos a gente tem momentos que a gente lê.

Ou às vezes... meu sobrinho também. Meu sobrinho não tem o hábito de ler. Agora ele tá morando perto da gente. Daí o que a gente faz: a gente desliga a TV, porque senão né, não rola. A gente senta na sala e cada um lê um livro. Outro dia mesmo ele veio com a gente, pegou um livrinho com o nome da Manuela, a gente sentou todo mundo e fez com que o pai dele até se surpreendesse, né. Porque ele chegou, a gente tava todo mundo na sala, as luzes todas acesas, mas todo mundo sentadinho lendo, cada um lendo o seu né. E ele falou: Mas que que é isso Everton? O que que você fez com as crianças? Porque ele não tem costume, né. Na casa dele ele não tem. E assim, agora não. Ele também quer. E às vezes... é que ele estuda de manhã, então ele não pode vir comigo. Às vezes ele fala: Tia se for na Argos “cê” traz um livro pra mim? Ou você me leva?” Só que final de semana pra mim não dá, porque daí tem aquela correria toda, daí não dá. O único dia que eu tenho pra ajeitar minhas coisas, daí acabo não vindo. Mas é gostoso isso. Eu acho importante.

P- Que legal, você incentivando agora até os sobrinhos.

E- Ah é. Porque dá certo, né. Porque dá certo. A verdade é essa: que livro sempre dá certo! Porque tem opção pra tudo, né. Que nem os meninos gostam mais de carro, essas coisas também têm, né. As meninas têm aquela coisa de fada, essas coisas. E eles também gostam. Eles falam que não, porque eles querem ser machões, mas eles também gostam. Quem não gosta do lúdico? Mas é gostoso.

P- E quando eles eram menores, que não sabiam ler, como é que você fazia?

E- Ah eu acho que era a melhor fase, porque daí você conta, né. Aí você cria. Você conta, você lê, mas eu sempre lia pra eles também. Fantasia. Igual livro de João e Maria, Branca de Neve. Levava eles pro teatro, porque Jundiaí é bom que é isso, né. Tem a casa da cultura, tem o Teatro Polytheama, agora nas férias mesmo teve três peças grátis no final de semana, quer dizer, o bom de Jundiaí é isso, que eles realmente investem. Várzea a gente não tem isso. Então sempre tem uma pecinha ou outra pra poder levar eles. E eles gostam. Aí depois tem sempre livros, eu pegava pra eles lerem. É sempre assim. Minhas cunhadas também. As irmãs do meu marido também sempre levam as crianças, é gostoso. Essa geração agora a gente tá tentando por neles um pouquinho mais de ler. Minha cunhada não é muito de ler não (riso). Mas ela entende a importância disso e ela quer deixar pras crianças também.

(...)

A Manuela forma cada redação tão bonitinha. Eu acredito que é justamente por ela ter essa facilidade de ler, que eu acho que ajuda na escola. Ela vai super bem. A Fernanda também, com a Fernanda eu nunca tive problema com a Fernanda na escola, agora o Lucas que já não gosta tanto, eu já vejo toda uma dificuldade.

P- Entendi.

E- Então eu acredito também que a leitura ajuda eles em outras partes, né. Tanto na escola quanto fora. Eu acho (Eliana).

P- Entendi. E elas têm livros em casa?

D- Tem. Tem livros e a gente lê os livros.

P- Você falou que não tem hábito de leitura, mas você lê pra elas?

D- Leio pra elas.

P- E como que funciona isso no dia-a-dia de vocês?

D- Eu leio pra elas, mas não é assim com tanta frequência. Uma vez por semana, até duas vezes por semana eu leio pra elas, mas não é todo dia, antes de dormir lê...

P- E como é que é quando você lê? Elas que pedem? É uma iniciativa sua?

D- Varia. Às vezes elas pedem, às vezes eu tomo a iniciativa.

P- E como você faz essa leitura?

(A filha interrompe dizendo que a irmã não quer brincar com ela... A mãe pede pra que ela brinque com outra criança)

D- Ah, normalmente é no meio da brincadeira mesmo. Elas tão brincando, aí pega o livro: "Aí quero ler, lê pra mim?". Aí pego o livro, leio. É no meio da brincadeira.

P- Entendi. Aí você lê como esse livro?

D- Normalmente elas não prestam muito a atenção se você ler linha por linha. Então às vezes eu dou umas puladas assim, mostro as figuras, porque se ficar linha por linha elas já se dispersam, não prestam a atenção.

P- Entendi. E você usa algum recurso pra ler?

D- Não. Só contando a história mesmo (Daiane).

Então elas (sobrinhas) eram bem pequenininhas e elas lembram (das histórias contadas pela tia). E depois passado um tempo que eu tinha lido, contado a historinha, elas queriam que eu contasse de novo. Mas sabe quando você vai inventando, inventando?! E elas: Ai tia, conta aquela historinha de novo! E eu: Ai, mas eu não lembro mais. Aí eu inventava outra.

P- Você inventava? Você era a tia que contava histórias!

M- Isso, mas elas queriam aquela. Sabe aquele dia que você coloca elas pra deitar, fica aquele escuro e aí eu acho que eu fui contando, a imaginação delas ia lá longe (Marta).

R- Então, toda noite eles sobem pra dormir às nove. Então das nove às nove e meia os dois ficam lá lendo.

P- E eles ficam sozinho ou pedem pra você contar uma história?

R- Não, eles ficam sozinhos, né. Então eu fico no outro quarto, ele fica lendo no quarto dele e o pequeno fica vendo as figuras no quarto dele. Ele chama às vezes quando ele quer tirar alguma dúvida. Por exemplo: aquelas expressões é...de risada, de sono. Ele quer entender porque que tem um monte de Z.

P- Risos

R- Ele não sabe por que que tem um monte de Z, né. Então como ele não entende, ele pergunta. Mas só essas expressões. Porque ele já sabe escrever algumas coisas.

P- Entendi.

R- Mas como é bem diferente, por exemplo, um monte de Z, o que significa um monte de Z? Então isso ele pergunta.

P- Entendi.

R- Mas ele fica sozinho mesmo. Ele gosta de ficar lá vendo as coisas, as figuras.

P- E quando eles não sabiam ler, que nem o Gil agora já sabe ler sozinho né.

R- Já.

P- Mas quando não sabia ler, você contava história pra eles, como que era?

R- Isso. Pro Gil eu contava história. Mas o Fernando é um pouco temperamental, então ele não gosta muito que a gente leia. Mas que nem uma vez por semana meu marido lê pra ele, esses livros que a gente pega, então ele aceita. Ele gosta de rotina. Então por exemplo: toda sexta-feira ele lê uma parte. Então na sexta-feira se meu marido ainda não chegou eu tenho que ler, porque pra ele já é uma rotina.

P- Entendi.

R- Ele é bem metódico né. Então quando a gente cria essa rotina pra ele, ele aceita. Mas normalmente ele não gosta que a gente leia pra ele, fora da rotina. Mas ele gosta que a gente leia no dia certo (risos).

P- Certo.

R- Mas o Gil era pequeno, eu também lia pra ele algumas histórias, né. O que a gente conta aquelas historinhas infantis mesmo né. Nada de muito fora disso: Chapeuzinho Vermelho, Os três porquinhos, são o que a gente mais tinha em casa (Rafaela).

***1.2 – Ouvir a leitura ou o reconto realizado pela criança**

Neste subnúcleo os relatos indicam que, além de ler para e com as crianças, os familiares disponibilizam-se para ouvir as crianças que estão aprendendo a ler, ou até mesmo as pequeninas que ainda não estão alfabetizadas, mas que gostam de fazer o reconto das histórias lidas.

S- E ela assim... também, né, pelas imagens, pela figura, aí ela sabe contar né, da maneira dela, toda história (sorri). Porque como te falei, ela não sabe ler ainda né, não tem... não é alfabetizada, mas ela já conta toda a historinha.

P- Que graça. Parabéns pelo trabalho (Simone).

P- E você falou que em casa você tem livrinhos. Você faz a leitura? Como é que é esse momento em casa?

D- Ah, elas sentam, elas deixam eu ler uma vez e depois cada uma pega o livro e conta a história do jeito delas. Aí depois elas ficam com o livro, elas contam. Sentam todas as bonecas assim em volta e conta para as bonecas e fica lá olhando um monte de vez o livro. (risos). (...) Elas sempre querem contar a história para mim do jeitinho delas e elas brincam muito com os livros entre elas (Débora).

E ele, mesmo sendo pequenininho, não sabe ler, mas ele adora! E ele conta a historinha do Lobo Mau pra gente, do jeitinho dele né. Mas ele conta a historinha do Lobo Mau, João e Maria. (...) E ele também, porque como ele gosta, ele procura do jeitinho dele falar o que ele entende. Que nem nas historinhas a gente acha até engraçadinho, porque ele começa contar: tem três “poquinhos” (imita a fala do filho e sorri). Aí ele vai falando né, do jeitinho dele. A gente percebe como ele gosta dos livros e a gente vai ouvindo, prestando atenção. É... vai incentivando (Vera).

F- (...) A princípio eu lia bastante. Agora como ela lê, ela lê pra gente e ela gosta de ler... Deixo todos os livros ao alcance dela e ela vai naturalmente. Ela gosta muito. Ela vai pegando, lendo... Ela lê pra pequena, ela lê pra mim. Ela fica com a irmã lendo e lendo. Elas gostam demais das histórias, dos livros. E eu fico junto, ajudo em alguma coisa quando é preciso (Fabiana).

A-Elas gostam mesmo! Então eu procuro sempre tá alimentando esse...essa leitura delas aí.

P- Entendi.

A- Eu leio pra de dez, quando ela vai dormir, antes dela dormir eu leio uma história. Ela gosta de ouvir e eu leio mais pra incentivar elas mesmo. Ela também lê pra mim. Ela gosta muito de ler e a mais velha lê pra ela. Elas têm isso, sabe. (...) E eu acho bonito isso nelas, então eu incentivo mesmo (...) Em casa ela fala: “Mãe escuta aqui ó. Deixa eu ler pra você”. Aí ela lê as partes que ela achou mais interessante do livro, ela conta o que ela está lendo pra me mostrar. E eu tenho que prestar atenção, pra ela ver que eu estou me importando né. Ou ela pede: “Mãe conta uma história pra eu dormir?” Aí eu leio alguma coisa. Eu acho que isso é importante, pra elas verem que eu também estou com elas, que essa hora é nossa e a gente curte junto (Ana Luiza).

Neste sábado, a biblioteca oferecerá uma contação de história: “O menino que aprendeu a ver” (Ruth Rocha). Várias das famílias que já entrevistei estão novamente aqui. Como de costume, algumas crianças estão brincando antes do horário da contação e têm outras que estão vendo os livros. Alguns adultos permanecem juntos das crianças no tapete, estão brincando com as crianças e manuseando os livros. Outros adultos deixaram as crianças livres no tapete e foram escolher os livros para empréstimo nas prateleiras da biblioteca infantil. Há ainda os que estão sentados no sofá de frente ao grande tapete. Esses estão lendo revistas e jornais, na sua maioria. A Viviane estava lendo a nova programação impressa da biblioteca, que pegou na entrada enquanto a filha brincava. A menina pegou em uma das prateleiras o livro da Branca de Neve. É um livro cartonado, com folhas bem grossas e o seu formato representa o rosto da princesa. Ela saiu do tapete, onde estava sentada, e sentou-se no puff ao lado da mãe. Disse-lhe que iria ler aquele livro para ela. A mãe guardou o folder que estava lendo na bolsa e se voltou para a filha que começou a ler. A leitura era pausada. Algumas palavras eram lidas com dificuldade e depois repetidas com fluência. (Por exemplo: A ma-dras-ta. A madrasta). A mãe ajudava a ler as palavras que ela demonstrava dificuldade de leitura, mas também não antecipava todas as palavras. Demonstrava paciência para ouvi-la. A mãe auxiliava relendo alguns trechos, tornando mais compreensível a leitura. Elas estavam envolvidas nessa atividade. A filha comentava as ilustrações. Juntas leram o livro todo.

(Diário de campo)

AM- Leitura sempre! E você fazer que nem eu falo pra ele. Ele cria também as histórias dele.

P- Ahã.

AM- Você conta a história e depois você pede a história.

P- É verdade.

AM- Aí ele vai te dar... Eu fazia isso já com meu neto mais velho. Eu contava pra ele aí eu falava: agora você conta a história pra mim. Aí ele contava... Isso é importante.

P- Com certeza. Dar voz pra criança, a vez...

AM- Ele tinha que inventar a maneira dele, como ele tinha absorvido e interagido com ela. Isso é importante!

P- Com certeza. Nossa, a senhora é de uma sabedoria incrível (Amélia).

K - E ela sempre gostou, mesmo não sabendo ler. Ela não sabe ler ainda, ela...a vontade dela é ler pra contar história, porque ela conta história da forma dela né.

Que nem eu pego, eu conto história pra ela, mas aí ela fala: Mãe, agora é a minha vez de contar a história. Aí ela conta da forma dela a história (Karen).

P- Mas a senhora acredita que (o gosto pela leitura) já vem com a criança?

M- Não. Eu acho que algumas já têm uma predisposição, mas o incentivo e a participação são importantes... Por exemplo, essa menina, a Belinha, ela estuda na prefeitura lá de Sorocaba e a gente percebe, na prefeitura não, ela está numa escola particular. A Ana Laura que está na prefeitura. Mas você percebe que o trabalho da professora está presente em todas as falas dela, na forma dela se conduzir. Ela adora contar historinha quando a gente tá junto. O Alexandre também! Ele gosta dele contar, ler. E as outras duas já preferem ouvir. A Belinha ela pega um livrinho, ela fala, ela constrói a história. Ela tem uma organização, uma fluência na oralidade fantástica! E ela pega o livrinho e mostra pra você os personagens. Isso é do professor né. Eu acho que ainda, já avançou bastante, mas ainda falta muito para as escolas essa questão da leitura. Eu acho (Marisa).

***1.3- Conversar sobre os livros e suas histórias após a leitura**

Este subnúcleo aponta os relatos nos quais os sujeitos mencionam destinar tempo e situações para promover conversas com as crianças sobre os livros. Esse momento é considerado importante, pois permite a troca do conhecimento apreendido, o compartilhar das emoções sentidas com a leitura dos livros e auxilia na divulgação das obras, incentivando futuras leituras.

A-Ele lê e depois vem contar para mim.

P- E o que vocês sentem nesse momento?

A- Ah, eu gosto muito. Ele conta o livro, ele dá detalhes. Eu gosto do jeito que ele conta. Quando ele termina de ler o livro ele já quer vir, sei lá, dividir comigo o que ele leu, é gosto isso. Parece que a gente se sente mais unido. A gente conversa e é gostoso. Sempre ele ta com um livro e outro e ele sempre ta me contando das histórias. (...) Tem livro que ele gosta muito, aí ele fala: Mãe, que legal. Como que tiveram essa idéia e tal. Tem livro que ele já não gosta muito, daí ele fala, que não gostou daquele livro, que ia falar pra professora dele que não gostou. Mas aí eu falo que não é todo livro que a gente lê que vai gostar né. (...) Essas conversas acontecem assim durante o dia. Não tem hora certa, mas quando ele começa a falar dos livros dele, eu paro e presto atenção sim. Eu vou conversando com ele mesmo que eu estou fazendo alguma outra coisa (Alice).

P- Como é que você sabe das histórias também? (lidas pelos filhos)

And- Então, porque assim, muitas vezes a gente faz no café da manhã a leitura e nós já fizemos assim, em casa mesmo, várias oficinas. Cada um tem o seu livro e cada um tem que contar sobre o seu livro. Então do livro do pai, porque meu marido também. Cada um tem que ler um livro, se juntar e contar.

P- Nossa, que legal.

And- Eu me interessou. Eu adoro ler livro infantil e principalmente a Juliana vem e ela é uma contadora de histórias excelente.

P- Sério?

And- Ela tem uma habilidade social muito boa e essa parte verbal também. O André, como menino, é mais tímido. Então é lógico que ele se fecha muito mais no mundo eletrônico. Mas você tem que fazer um trabalho pra essa timidez. (...) Então cada um tinha que ler e contar. E às vezes contavam metade do livro, largava pela metade. Eu falava: que delícia! Então eu pego o livro e depois eu vou ler o livro também. Então eu me interessou!

P- Que legal. E acontece também de você contar do seu livro e eles quererem ir atrás?

And- Geralmente os livros que eu coloquei, que eu leio, para eles a idade ainda não permite. Esse do Bert Hellinger sobre psicoterapia...

P- Mas aí você socializa também ou não? A socialização é mais entre eles?

And- Não, é todo mundo da casa. Tanto que esse, do Walcyr Carrasco, é... A Juliana foi ao shopping com a tia, a tia deu o livro de presente e falou: vamos escolher um pra mamãe. E ela escolheu este. Porque vem um cachorro. Ela adora cachorro.

P- Então esse livro na verdade não foi você que comprou?

And- Não. Ela que me deu. E depois eu não sabia se a tia tinha dado pra mim ou pra ela, mas eu me apropriei, li e aí no café da manhã eu passei a história para eles.

P- Que legal! (Adriana)

Marta disse também que sempre tentava levar dois livros iguais, um para cada sobrinho, para que eles pudessem ler e conversar entre eles posteriormente. Ela me perguntou se o que ela fazia estava correto. Eu disse para ela que achava importante sim eles poderem conversar sobre o livro em comum, que era um caminho bacana a socialização e discussão sobre os livros (Nota registrada em Diário de Campo).

***1.4- Possibilitar o acesso aos livros e o seu manuseio**

Possibilitar o acesso aos livros e o seu livre manuseio foram as práticas destacadas por todos os sujeitos, como crucial para incentivar a criança a gostar de ler. As famílias relataram possibilitar o acesso aos livros tanto em casa, bem como ao frequentar, com as crianças, a biblioteca, a livraria, o supermercado e as feiras de livros. Além do acesso, nota-se, neste subnúcleo, que as famílias possibilitaram o livre manuseio dos materiais desde quando as crianças eram pequenas.

P- E você falou que tem bastante livros em casa.

T- Tem bastante.

P- E esses livros ficam onde?

T- Fica, fica na estante ali e ela pode pegar, pode brincar...

P- E desde quando que ela começou a ter livrinhos?

T- Ah, desde o aniversário de um aninho que ela começou a ganhar. Ganhou aquele livrinho de banho, que você pode levar na banheira que não molha. Então desde pequeninha ela sempre teve livros.

P- E você não tinha preocupação de rasgar?

T- Não, eu deixava com ela e ela nunca foi de rasgar. Tanto é que ela falou que esse livro foi o primo dela que rasgou. Que ela sempre tomou cuidado. Mesmo agora ela não rasga, não risca. Tem criança que começa a rasgar, rabiscar. Ela não. Ela nunca rasgou livro, sempre tomou cuidado. A minha irmã até deu um desses livrinhos de clássicos, que tem vários: Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho. Esses que são fininhos e falou pra deixar com ela, porque se rasgar é baratinho. Mas nem esses ela não rasgou não. Ela toma bastante cuidado. E os da biblioteca ela deixa todos separados. Que tem que devolver. Geralmente ela leva 6 livros e deixa separadinho: Mãe esses são da biblioteca, depois que a gente lê, a gente devolve. (...)

T- Ah, eu acho que é esse incentivo mesmo. De eu estar sempre lendo pra ela, de eu tá trazendo ela e acho que não só na biblioteca. Mesmo fora, quando você sai. No shopping ela adora ir no shopping e ir na Leitura. Em qualquer um dos dois shoppings que tem a livraria, ela gosta. Ela vai lá, porque pode pegar o livro e ler. É onde... Se for no shopping tem que passar na livraria porque ela gosta!

P- Até uma mãe falou que isso era um problema, porque vinha na biblioteca e levava os livros para casa e ia na livraria e queria levar todos os livros para casa.

T- Risos. A Isadora também. No começo ela queria. E quando dá eu compro um livrinho pra ela. Ela gosta muito de livro de pintar, de livro de atividades então quando dá eu compro um livrinho pra ela. Mas os de ler mesmo, ela fala que ela gosta de pegar na biblioteca. Então ela não tem essa coisa de querer comprar o livro pra ela. A não ser que seja esses livros de adesivos, de pintura, que tenha alguma coisinha diferente. Porque daí ela quer... Os mais caros, é desses que ela quer (risos). Mas os de ler, ela já acostumou tanto vir na biblioteca que ela já acostumou (Tatiana).

P- E vocês têm livros em casa também ou não?

S- Então, tenho também. Eu tenho alguns assim que eu comprei, geralmente aqueles livrinhos... É... os contos, né. Os contos da Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, toda aquela história eu tenho. Esses daí eu tenho. Esses daí eu tinha comprado pra ela. E tenho alguns também que, é... teve uma feira no Parque da Cidade aqui e eles estavam doando livros, e eu tenho alguns também. Aí eu peguei pra ela também alguns livrinhos (Simone).

P- E desde quando começou esse trabalho de vocês para incentivar a leitura?

Su- Desde quando ele nasceu. Ele sempre ganhou livros. Presente desde quando ele nasceu, aniversários foi indo. Batizado. Sempre ganhou e eu sempre dei para ele e ele nunca rasgou. Revista o que fosse ele nunca rasgou, ele sempre folheava, mesmo não entendendo, não sabendo o que era aquilo, mas ele sempre folheou sem estragar. Com a orientação da gente: "Vamos devagar!" E de tudo né, então sempre teve livros. Do lado da cama dele tem um espacinho lá cheio de livros. Dentro do guarda-roupa também tem né e ele pega quando ele quiser. Tem o livro também que vem toda semana da escola. Então ele tem uma história por noite que ele faz a gente ler né. (...)

Su- Outro dia eu fui numa feira lá no shopping, no shopping novo e tinha uma feira de livros lá baratinhos. E eu comprei um daqueles que você viu ali eu folheando, né.

P- Sei.

Su- Que era uma coleção, mas eu comprei só um né. E ele queria um de dinossauro, aí ele mesmo procurou. É um livro deste tamanho assim (Indica a dimensão com as mãos),

P- Ah, que legal!

Su- Gigante, né, e preto e branco. É pra pintar.

P- Ai, que legal!

Su- O livro tá intacto. Ele não quis pintar. Eu acho que pra ele, ele acha que ele tá estragando o livro. Ele fica folheando, ele já decorou o nome daqueles dinossauros lá, que é bem difícil. Ele já sabe.

Às vezes se ele esquece ele pede pra gente ler o nome daquele dinossauro, então ele folheia, folheia, folheia, não quis pintar o livro. É deste tamanho o livro.

P- Risos

Su- Com tanto livro colorido, ele quis aquele preto e branco, né. E os pernã dos bichos é deste tamanho.

P- Acho que ele...

Su- Chamou a atenção dele aquilo (Susana).

P- E você tem livros em casa além da Bíblia que você falou?

N- Tem. A gente assina uma revista para ela, revista de princesas. Chega uma vez por mês e nela tem as atividades e tem as historinhas e então a gente já vai lendo também esse que ela assina.

P- Entendi. E, fora essas revistas? Tem algum outro material de leitura em casa?

N- Tem, tem livros também que ela ganhou. Tem livros que é um quebra-cabeça que ela tem, já faz uns... ela tem desde os 3 aninhos... Ela tem acho que uns quinze livros em casa (Nathália).

Igual desde pequenininho, de bebê, eu comprava livrinho, sabe essas historinhas sabe? Chapeuzinho Vermelho, essas coisas...

P- Sei,

M- E minha cunhada não gostava que ela achava que ele rasga sabe. "Ah, você vai ficar comprando? Ele vai rasgar!". Mas criança é isso, né?! E outra esses livrinhos é baratinho. Eu falei: "Não tem problema!" E eu percebia que ela... Ela falava: "Ai, cê vai ficar gastando"... tipo "gastando dinheiro a toa". Então ela não gostava e eu parei. Porque eu levava pra ele, pras outras sobrinhas. Direto eu tava comprando. Então eu não sei se ela não gostava muito. Sei lá, ela falava: "tudo que você traz eles rasga!" Mas eu já levava sabendo que ia acontecer isso, né. Aí eu parei um tempo e agora, que ele começou a fazer o curso, aí eu falei: agora é a hora porque ele já tá grandinho e não vai rasgar né e então ela não vai falar nada, né (Marta).

P- E porque que você acha que ela tão pequenininha já gosta tanto de livros, desse ambiente de biblioteca? De leitura?

M- Ah, faço idéia né (risos). A mãe não gosta, imagina!

Não! É que eu amo livro, eu tenho muitos livros em casa, sempre incentivei, sempre dei livros na mão dela. Ela tem livros de banho! Quando ela foi pro penico, ela tinha uma cestinha de livros do lado, porque você fazer uma criança ficar sentada no penico, tem que ter uma técnica. Então eu tinha livrinhos.

Eu sentava junto com ela e ela sentava no peniquinho e ficava vendo livrinho até ela terminar as necessidades. Então até isso a gente tinha. Até nesse sentido já tinha o hábito. Eu tirei ela da fralda com dois anos! Então é muito antigo. E eu tenho essa prática, até por ver o desenvolvimento do meu irmão, porque meu irmão tem 9 anos de diferença. Quando ele tinha 6 anos eu comecei a levar ele comigo na biblioteca. Hoje ele é politizado, ele é engajado. Está em São Paulo, é músico profissional, lê muito! Acho que ele já leu muito mais do que eu, de filosofia e de política, tudo que eu gostaria de ter lido ele já leu.

P- Olha!

M- Então ver como ele conseguiu se engajar na leitura, eu não sei se foi exatamente por causa disso, mas tenho certeza que ajudou! Eu levei ele comigo ele tinha 6 anos. A primeira vez que ele pisou na biblioteca!(...)

Elas têm livros em casa. A Helen tem uma bibliotequinha de mais de cem livros. As nenéns já têm os seus livros, são livros de plástico, livros de pano, tem alguns de papel, porque estou ensinando elas a não comer. Mas isso demora um tempinho.

P- E desde quando você começou a adquirir esses livros para as meninas?

M- A Helen tem livros desde antes dela nascer. E assim, os livros mais velhos da Helen de papel estão com as nenéns, que eles já são livros rasgados, então pra treinar delas não rasgarem, não comerem, eles são ideais. Tem alguns livros assim, de papel, que eu comprei para as nenéns, mas são livros que tem sons, barulhos, são livros mais atrativos e baratos, porque se elas destruírem não é um...

P- Não tem tanto problema...

M- Dá pra substituir. (...)

M- Os livros ficam ao alcance. Agora, com as bebês, eu tirei os livros que têm as páginas mais delicadas da estante da sala e fiz uma prateleira em cima da cama dela (apontando para a filha mais velha).

De fora a fora da cama. Na parte de cima, na parede, tem uma prateleira. Ali ficam os livros mais cheios de "frufu". (risos)

Aqueles livros ela manuseia a hora que ela quiser em cima da cama dela, sabendo que não pode deixar na beirada porque a bebê puxa. Então ela tem acesso livre (Marcela).

P- E eles lêem em casa? Como é que é? Esses livros que eles pegam na escola?

A- Lêem.

P- Os dois já conseguem ler sozinhos?

A- É. Lê! A menina gosta de livro e de gibi também! Se deixar ela vem até no carro lendo. Aí tem horas que eu peço pra parar, com medo de ficar com tontura, porque é muito tempo lendo. Mas ela lê muito!

P- E desde quando que eles têm esse interesse pela leitura?

A-Ah, eu acho que é o ambiente que facilita né. Porque a gente sempre deixou disponível os livros ali, o menino a gente incentivava mais, agora ela não, ela sempre gostou. Acho que por ela ser mais nova e observar ele, então ela já ia lá pegar. Então o ambiente da casa favorece né.

Pesquisadora- Mas como que é o ambiente que a senhora está me falando, que incentivou principalmente ele, que foi o primeiro? Em que sentido? A senhora tinha livros?

Angélica- Sim. Tenho! Bastante livrinhos aí eles lêem quando eles querem. Então eu ia disponibilizando uma caixinha com os livrinhos para eles, e aí eu deixava à vontade.

P- E essa caixinha fica guardada?

A- Fica na sala. Fica na sala. Agora eu montei uma mais bonitinha, feita com aqueles de viveiro de madeira, que você segura pela alça e eles levam onde eles quiserem. Aí vira e mexe eu vejo eles mexendo...(som inaudível) Os colegas vêm também. (...)

E ainda tem a avó que é professora, tem bastante livro! Tem tio. Então de acesso assim na família eles estão bem! Tem bastante. E eu deixo eles manusearem os livros, sempre deixei (...) (Angélica).

P- E faz tempo que você participa da biblioteca?

K- Da biblioteca não. Porque na verdade assim...Eu sempre comprei livros pra ela em casa. Então eu montei um...no quarto dela tem um, tipo uma bibliotequinha assim né, cheio de livros. Eu sempre comprei. Só que depois que eu fiquei desempregada, eu não sei se... Mas aí eu conversando com uma amiga aqui, uma aqui, eu comecei vir na contação de histórias que tem de sábado aqui, quase todo sábado tem. Aí eu peguei a programação da biblioteca e comecei a trazer ela. Aí eu me informei, fiquei sabendo que era gratuito, que eu poderia fazer a carteirinha e já fiz. Cada um podia pegar dois livros né. Então eu fiz pra mim, fiz pra ela e fiz pro meu marido. (...)Então assim, quando a gente vai num mercado assim, que nem o Extra supermercado a gente vai na parte de livro eu já falo: Ai meu Deus! Se não tem dinheiro: Vamos passar rápido! Porque ela quer todos os livros. Ela quer levar todos, ela quer tudo. "Nossa esse é muito legal mãe!" (Imita voz entusiasmada da filha) (Karen).

V-(...) A gente fez uma estante de caixote, então ali tem todos os livros, tem gibis. Tudo separadinho assim. Aí eles pegam, vão pro banheiro.

P- Em que lugar da casa fica?

V- Sempre na sala... a gente tem uma sala que ... que só tem guarda-roupa. Então ali a gente colocou.

P- Então ali ficam das crianças e dos adultos juntos?

V- É. Juntos com os guarda-roupas (Vera).

E eu tenho muitos livros em casa, porque a gente pode estar adquirindo pra gente. É lógico que eu tô falando pra você...O meu marido além de médico veterinário, ele é advogado. E ele fez o direito quando as crianças eram pequenas. Elas também viram o pai lendo. No direito se lê muito. Então eu tenho uma biblioteca de Direito, porque no Direito você tem que ter em casa: Direito penal, Direito civil, criminal... trocentos livros, então nós valorizamos isso. E na parte da medicina veterinária são mais os cursos, especialização de aperfeiçoamento. E na minha área da psicologia eu tenho que ter também. Então a gente pode adquirir os livros, é lógico que não todos, porque ... Então eu tenho a minha biblioteca, mas é tudo junto. A de direito, de medicina veterinária, de psicologia e das crianças. Então a gente coloca pra eles: Olha, nós vamos comprar, porque são escolhas, nós não vamos comprar esse brinquedo. Nós vamos comprar todos os livros que foram pedidos na escola. Então a gente adquire (Andréia).

A gente costuma comprar bastante gibizinho, que a gente frequenta uma banca pra comprar jornal e acaba trazendo gibizinho pra ela. Às vezes até no mercado acaba... Interessante até que a gente vai no mercado com ela, de vez de ela escolher um doce, escolher uma guloseima, ela escolhe um gibi, um livrinho (Viviane).

É engraçado porque quando vamos no shopping elas querem entrar na livraria, aí tem aquele espaço lá e elas ficam vendo tudo, abrindo tudo. Elas acham que é igual aqui na biblioteca. Achei engraçado. Agora tenho que explicar, falar que lá é só pra comprar, que é diferente daqui (Débora).

Mas eu sou apaixonada por livro infantil, então entrar em uma livraria... A gente vai direto pra seção infantil e eu não sei quem que aproveita mais. (risos). Se é ela, ou se sou eu. Diversas vezes a gente passeou pelo shopping e a Helen, agora um pouco menos, mas um pouquinho mais nova, ao invés dela pedir para ir ao parquinho, que é do lado da Leitura, Livraria Leitura, ela queria ir na livraria primeiro.

P- Nossa!

M- Eu achava isso um barato!

P- Que legal!

M- Eu me realizava, porque lá você tem né o espaço pra eles manipularem os livros (Marcela).

P- E a senhora deixa os livros ao alcance?

F-Ao alcance. É... Ficam todos em uma estante baixa, elas manuseiam. A pequena conta do jeitinho dela e ela (aponta para a mais velha) lê. Eu não sei se por eu gostar de ler acabou passando.

P- Entendi

F- Ou se porque tá fácil ali né.

P- Ahã. E você trabalha muito com os livros né.

F- É, faz parte da minha área. Então acho que acabou ... Ela vê que como a gente gosta, acabou gostando (Fabiana).

Am- E o Douglas (neto de Amélia) ele já vinha aqui (na biblioteca) grávido (risos). Ele tem bastante livros.

P- É?

Am- Tem. A mãe comprava.

(...) Ele era pequenininho a gente já ia nas, como é que chama, nas livrarias pra comprar e ele ficava lendo. Eu tenho fotografias lindas dele lendo no carrinho (sorriso).

P- Entendi.

Am- Muito bom! (...)

Am- Quando ele gosta muito do livro a gente compra.

P- Ah entendi. Então primeiro empresta aqui e se ele gosta muito...

Am- Muito. Ele gostou muito daquele do Chalita, do Peixinho azul. Eu vou comprar o do Chalita pra ele.

P- Entendi.

Am- Se não, não tem lugar né.

P- É. (Risos.)

Am- Tem que doar mais (Amélia).

P- E você falou que sempre incentivou? Como?

A-Desde quando ele era pequeno. Nós sempre tivemos muitos livrinhos em casa. Meu marido lê muito. Nós sempre deixamos livros disponíveis para ele. E ele vai para a escola desde os 6 meses, então as escolas também ajudaram. A escola também pede para ler um livro, para depois fazer uma atividade, tem provinha (Alice).

P- E quanto tempo a senhora participa aqui da biblioteca?

A- Ah... olha faz uns 6 anos.

S- E com as crianças, ou a senhora antes participava sozinha?

A- Ah, ó... Poucas vezes eu vinha, uma vez ou outra acho que dava umas três vezes no ano.

P- Ahã

A- Aí quando tava por aqui dava uma passadinha pra ver. Aí depois que as crianças nasceram, pegou um tamaninho que dava pra trazer e eu comecei a trazê-los. O menino tinha uns dois anos (Angélica).

C-(...) E também tem uma...Um projeto do Itaú que eles sempre doam livros, então eu sempre participo e sempre peço, né. Então veio aqueles livrinhos pra ela também (Carla).

P- E você vem com que frequência, mais ou menos, na biblioteca?

C- Eu venho a cada quinze dias, mais ou menos.

P- E você faz algum curso aqui?

C- Eu venho fazer capacitação na Argos. Os professores da rede municipal, eu sou de Inglês, a gente sempre tem capacitação aqui, né. Então eu venho, já aproveito e já passo aqui!

P- Legal. E você sempre vem com as crianças ou não?

C- Não é sempre. Não é sempre porque assim, temporada de aula não é sempre que dá pra eles lerem né. Então é mais assim... Que nem agora estamos numa semana mais tranquila, hoje eles já pegaram um pouco de livro né, daí vai... Essa semana dá pra ler um pouquinho, né. Ai nas férias sempre a gente vem, né. Toda semana. E eu compro muito livros pra eles também. Então às vezes não dá pra vir, mas tem livro em casa, né. (...)

P- E você lembra a primeira vez que veio pra biblioteca? Consegue recordar?

C- Ai eu nem lembro. Que não era nem aqui. Era um prédio antigo, vinha eu e minhas amigas e eu nem lembro que eram tantas vezes que pra mim era uma coisa muito comum né.

P- E com as crianças, você lembra a primeira vez que veio com eles?

C- Também não. É assim uma coisa tão comum pra gente, assim... que faz parte já da rotina, então não é uma coisa assim que eu me lembro. Mas eles gostam de vir. Hoje eu nem ia vir pra cá, mas eu tinha uma consulta e falei: ah, eu preciso ir devolver um livro, vocês querem ir na biblioteca? "Ai eu quero!" "Então vamos, vamos". É bom né, porque daí pelo menos eles já pegaram livro ai. Mas é assim uma coisa bem rotineira né.

(...)

P- E a quem você atribui o fato dele (filho) gostar de ler?

C- Ah, eu acho que estímulo mesmo né, desde cedo! Sempre comprei muito livro em casa, eles vê a gente lendo né, então eu acho que isso tudo vai fazendo com que eles gostem, né (Carmem).

P- Entendi. E deixa eu perguntar... Em casa vocês têm livros?

C- Tem. Muitos.

P- Bastante livros...

C- Tem.

P- Livros de que tipo? Pra adulto? Infantil?

C- Tem os livros dele e eu gosto de ler.

P- Entendi.

C- A gente tem livros de adulto, mas ele não tem acesso aos livros de adulto, só os livros dele (Cida).

P- E sua filha mais velha você falou que ela é viciada em leitura.

L- Em leitura. Ela leu, nossa esse ano ela já leu muito!

P- Desde quando começou isso?

L- Assim desde quando ela começou a aprender a ler, ela sempre tem livros em casa. Então ela tem muito livro e até ela passou um monte de livro pra irmã dela. E agora ela... Foi uma vez que ela foi tentar pegar o livro do Harry Potter, que ela tentou ler e não tava entendendo né. Aí eu falei assim: Lídia, vê primeiro o filme, você nunca tinha visto o filme né. Porque os outros falavam muitas coisas. Ah, que é de bruxaria, que é isso, que é aquilo. E ela ficava com medo de ler. Aí eu falei: Vê o filme primeiro, porque aí você pelo menos pega a essência do livro né. Aí ela leu, ela viu o filme, aí se apaixonou pelo livro... pelo filme, aí ela foi ler o livro. Aí ela gostou muito mais do livro. Aí ela já leu toda a coleção do Harry Potter. Ela já leu e agora foi pro Percy Jackson. Percy Jackson ela leu a coleção inteira. Acho que são oito livros do Percy Jackson. E qual é outro que ela gosta?... Esqueci. Só sei que agora ela disse que vai ler o... Ela gosta assim dessas coisas que tem um atrás do outro. Como é que fala.... Uma coletânea de livro da mesma pessoa.

P- Do mesmo autor né?

L- É. Ela gosta desses livros (Lúcia).

P- Bom... então você é uma pessoa que... to vendo que esta aí com livros, revistas pra ler, pra levar emprestado né. Você é uma pessoa que parece que tá sempre lendo.

E- É, eu gosto.

P- E por essa razão tá incentivando seus filhos, né?

E- Ah sim, até porque é prazeroso né.

P- Entendi. E qual é a forma que você tem feito mesmo, para incentivar?

E- Ah eu acho que é isso: é trazer eles aqui, quando a gente vai ao shopping a gente passa na biblioteca, naquela livraria...

P- Sei!

E- Daí eles vão lá no fundo, tem aqueles livrinhos novos, com aquelas coisas de apertar, de fazer barulhinho, sabe? E é isso. Todo programa que a gente vai, que a gente faz, são programas mais assim... E eles pedem

também né. Que eles gostam e aos poucos vai aprendendo né. Até o Lucas mesmo. Que tem algumas coisas de dinossauro lá, aqueles livros que você abre é 3D. Que lá tem essas coisas. Você abre aqueles livros, sabe?

É um pouquinho caro, eu nunca comprei não. Mas lá tem, eles tem a oportunidade de ver. Aí sai aqueles barulhos, aquelas coisas bem feitinha mesmo né, bem próximo do real. Então acho que isso é um incentivo pra eles e eles gostam.

P- Entendi.

E- A Manuela mesmo pediu. O Lucas pediu uma Bíblia. A Manuela quer um livrinho mais ilustrado que ela falou ...de bichinhos também, sabe? É gostoso. Porque a prova de que eles gostam é isso, porque eles pedem pra eles. Na escola tem feira de livro, sempre tem. Todo ano tem duas, três vezes tem. Aí a gente incentiva. A gente dá um dinheirinho, eles mesmo escolhem.

P- Eles estudam em Jundiá ou em Várzea?

E- Em Jundiá. Lá no Maria Francisca. E também é uma gracinha a escola.

P- E os dois estudam lá?

E- Os dois, o mesmo horário.

P- E lá eles sempre têm essas ferinhas. As professoras também mandam os livros pra casa, pra eles ler né, final de semana. Tudo livro fininho, mas sabe... Agora mesmo a Manuela, eles tão fazendo um trabalho na escola que eles lêem o livro que é pra deixar lá na escola. Daí se você gosta do livro põe três estrelas. Se é bom ou regular... Se ele é ruim você põe uma... sabe assim?

Até pra quando os próximos virem, né Má? (Pergunta pra filha que acaba de se sentar no sofá com os livros que havia escolhido para empréstimo)

Aí eles vêem a quantidade de estrelinha que o livro tem pra saber se é legal, se não é... sabe?

Que é legal. Então a escola também faz todo um trabalho voltado nesse sentido (Eliana).

C- Livro pra ela eu não tenho pego, porque ela tem muitos livros em casa e ela não está na fase é... tá na fase de alfabetização e então ainda não lê. Ela vê as imagens, conta história, mas acabo não pegando livros por enquanto, porque ela tem vários livros em casa e por enquanto, ela mesmo não pede. (...) (Clóvis).

P- E você na sua infância, na sua juventude, teve incentivo pra leitura ou não?

D- Nessa idade delas não, acho que quando já comecei a ler ai minha mãe já ... na época era gibi né, então ela sempre tinha gibi em casa pra gente ler bastante (risos). Mas também eu tinha coleção de livros de história lá. Chapeuzinho vermelho, princesas, tal. Tinha várias coleções. Algumas elas (filhas) já até já usaram, já viram, já tá até meio feinho, mas... Elas até vêem os livros hoje (Débora).

E aí começou a ter o curso de informática e eu coloquei o meu sobrinho então eu to vindo toda sexta-feira. E toda sexta-feira a gente vem aqui na biblioteca.

P- Toda sexta em que horário?

M- A gente vem na parte da manhã, umas nove horas, porque o curso começa 9:30h.

P- Entendi.

M- Aí eu passo e como eu venho mais cedo, aí eu vejo um livrinho mais assim, porque como eles não gostam de ler, se você pega um livro com... sabe aquelas letrinhas pequeninhas ou mais grosso. Sabe, a primeira coisa que eles olham é isso. Então eu fico vendo historinhas que acho que vai ser interessante pra eles, aí fico tentando procurar essas coisas assim.

P- Você tenta selecionar primeiro antes pra depois apresentar.

M- Isso! Porque eu sei que se eu levar um mais grossinho ou um que eles olhem aquelas letrinhas sabe, que eles sabem que vai demorar pra ler, eles não lê. (...)

M- Igual eu tava conversando com a Beatriz (funcionária da biblioteca) acho que você deve saber né

P- Sei.

M- Ela é um amor! Nossa eu adoro conversar com ela! Aí eu tava conversando com ela ontem é que.. Igual... Eu não tenho condição de dar presente caro, essas coisas. O que eu posso dar é trazer eles (sobrinhos) prá ver livro né, pra tentar... Porque eu acho que vai ser bom pro futuro deles também, né.

P- Com certeza (Marisa).

Núcleo 2- Histórias de como os adultos se tornaram leitores e mediadores de leitura

Este núcleo reúne relatos dos sujeitos que se consideram leitores de livros, apresentando excertos dos depoimentos sobre as histórias de como se envolveram com a leitura e como se tornaram mediadores ao longo de

suas vidas. Durante as entrevistas eles relembram os livros marcantes, as práticas que envolviam a leitura na infância e adolescência e mencionam as pessoas que consideram relevantes em suas trajetórias de aproximação com a leitura.

A qualidade da mediação que tiveram foi percebida como importante para os vínculos afetivos que estabeleceram com os livros, inspirando-os na mediação que realizam com as suas crianças. Para eles, ser um mediador de leituras para as crianças pequenas é considerado um processo “natural”, visto que não lhes exigiu esforços, uma vez que já haviam desenvolvido o hábito e o gosto para a leitura, já adquiriam livros e frequentavam ambientes como bibliotecas, antes do nascimento das crianças. Nos depoimentos, é possível identificar que a família e os professores são os mediadores que mais marcaram a trajetória de leitura dos adultos.

***2.1 Mediação da família**

Neste subnúcleo concentram-se os relatos dos sujeitos que dão ênfase à importância da família em sua história de constituição enquanto leitores de livros. Emergem as memórias das práticas de leitura na infância e o envolvimento afetivo com os familiares e os livros. Os adultos demonstram uma relação afetiva em relação ao ato de ler, desde a infância e a adolescência, que se mantém na vida adulta, estendendo-se também para as suas crianças.

R- E eu sempre gostei de ler, desde pequena, porque a minha família é de professor. São professores.

P- Que legal.

R- E a minha mãe sempre incentivou também, minhas tias. Minha sogra.

P- Nossa!

R- Então nunca parei de ler por causa desse incentivo e foi tão importante pro meu crescimento que eu gostaria muito que eles também lessem, tanto quanto eu li na minha vida né (risos).

(...)

P- E você falou que você gosta, leu bastante em toda sua vida né...

R- Muito.

P- E porque você foi...

R- Porque como minha mãe é professora é... eu ia pra escola meio período, no outro meio período ela dava aula. Então muitas vezes ela me deixava na biblioteca da escola. Então eu não tinha opção. Mesmo que eu não quisesse ler, eu tinha que ler. Só que eu gostava. Então...(risos)

P- Não foi nada traumático ficar lá?

R- Não foi. Era muito legal. E até aprender a respeitar as pessoas, porque numa biblioteca você tem que fazer silêncio, você tem que tomar cuidado com os livros, então eu aprendi não só a ler, mas o convívio com as pessoas. A ter respeito pelas coisas das outras pessoas, pelas pessoas mesmo que estão lendo, pra gente ficar em silêncio. Então aprendi muita coisa na biblioteca que eu frequentei muito tempo.

P- E você lembra de algum livro ou de alguém na sua vida que te marcou? Alguma situação que te marcou relacionada à leitura?

R- Sim. Porque na biblioteca eu gostava daqueles livros que chegava uma parte e eu tinha que optar. "Se você quer que ele entre na casa vá para a pg 50".

G - Ah, eu tenho um desse!

R- É. "Se você quer que ele saia da casa, vá pra pg. 25". Eu adorava aqueles que eu podia escolher o final né. E... então esses livro pra mim, quando eu olho, eu tenho vontade de comprar só pra...mesmo que seja historinha assim boba, mas só pra eu lembrar daquela época que muitas e muitas vezes eu lia livros daquele tipo que é muito difícil de ver agora. Eu não encontro fácil, mas na biblioteca que eu ia, tinha muitos assim. E era o que eu mais gostava. Era esse que dava pra gente escolher o final.

P- Entendi.

R- Achava legal.

P- E sua mãe, ela tinha habito de ler pra vocês? Se ela fazia a leitura como era esse momento?

R- Então. Não. Ela não tinha o hábito, até por causa do tempo. Mas ela disponibilizava pra gente vários livros. Então em casa, eu lembro que tinha uma prateleira com vários livrinhos assim, esse estilo do Gil assim (mostra o livro que o filho está na mão).

P- Ahã.

R- Então ele até pegou um que eu li muito, quando eu era pequena, que era "Na mira do vampiro" que a minha mãe tinha em casa. Então ela não tinha tempo de ler, mas ela deixava lá pra gente escolher, né. Então ela sempre trazia novos, então é uma coisa normal em casa ter livros. Então não tinha esse habito de ler pra gente, mas deixava pra gente ler.

P- E você via sua mãe lendo em casa?

R- Sim. O tempo inteiro. Porque ela é professora de Português!

P- Ah.

R- Então o tempo inteiro ela lia. Ela gostava muito também (Rafaela).

P- E você falou que gosta muito de ler gibizinho...

T- Gosto (risos)

P- E foi por aí que você começou esse vínculo com a leitura?

T- Aliás eu desde pequena sempre gostei de ler. Livros, gibis, eu sempre estou lendo. E ela (filha) já... acho que segue né (risos). Revistinha é uma coisa que ela já não gosta muito, ela gosta mais de livros. Mas ela já... desde pequena. Acho que assim... quando eu aprendi a ler, uns sete, oito anos eu já gostava de ler.

P- E você tinha isso na infância também?

T- Tinha mais revistinha. Acho que livro não era tanto assim. (...)

P- E como que você começou a gostar de ler? Porque você acha que começou a gostar?

T- Ah eu acho que eu era muito curiosa, desde pequena. Queria assim... parece que ver o que os adultos faziam e fazer também. (risos). Eu acho. Eu acho que eu queria imitar os adultos. O meu pai era de ler o jornal, minhas tias de ler revistinha. Então eu achava que queria ser como os grandes. A gente era criado bastante com adultos.

P- Ah, você comentou na semana passada que tinha uma tia que lia muito

T- Tem, tem minhas tias. Elas ainda assinam revistinha da turma da Mônica. Elas têm 50 anos e lêem a revistinha da turma da Mônica.

P- E você se lembra? Você falou que queria imitar os adultos.

T- Eu acho que era isso. Elas sempre liam e eu estava sempre pegando a revistinha para ler com elas.

P- Vocês moravam juntos?

T- Eu morava no fundo da casa da minha avó e tinha essas duas tias minhas, três tias minhas que eram solteiras e moravam lá. E elas estavam sempre com os livros, gibis. Iam comer e ficavam com a revistinha lá, comendo. Eu agora parei, mas quando era mais nova eu fazia isso também! Ia almoçar e ficava com a revistinha lendo. Elas faziam isso também. Acho que foi mais isso que incentivou bastante.

P- Entendi. E você comentou que até hoje elas assinam, né.

T- Assinam. Tem a assinatura da revistinha. Então eu passo lá na minha avó, chega a revistinha nova e eu pego, levo pra minha casa, leio e depois a gente devolve. E depois passa para as outras. Tem as outras tias minhas que gostam e também sempre pegam, lêem e devolvem. Então a casa da minha avó é a Central das Revistinhas (risos).

P- Então você acha que as tias ...

T- Pra mim foi bem importante. Eu tenho uma irmã mais velha, essa que é professora, na época ela não gostava de ler. Ela não gostava de ler, ela não ia bem na escola e com ela eu não tive tanto incentivo. Foi mais com as tias mesmo.

P- E com seus pais, teve?

T- Não, não muito. Meu pai era mais revista... Jornal. Meu pai também assinava jornal então a gente acabava lendo jornal todos os dias. E aí quando era pequena eu não tinha muito interesse por jornal, mas aí quando você está maior você quer ver, quer ler.

P- E livros? Você tem interesse por livros ou é mais basicamente revistinhas?

T- Livros eu gosto também. Eu leio bastante.

P- E tem algum livro que você leu e você fala: Poxa vida, esse eu adorei...

T- Deixa eu ver. E agora? São tantos. É difícil! Mas eu gosto bastante dos livros do Nicholas Sparks, os romances. Eu já li vários deles e um que eu gostei bastante foi "A última música". Tem vários do Nicholas Sparks.

P- E você começou a ler esses livros por iniciativa própria?

T- Na realidade esses eu comecei, porque quando eu vinha na biblioteca eu via, às vezes, lá expostos. Aí eu comecei a ler, li um, li outro e aí comecei a pegar vários livros dele.

P- Legal. Então dos livros expostos.

T- É importante os livros que ficam expostos, porque geralmente você não sabe. Eu pelo menos. Às vezes alguém me fala de alguns livros, mas geralmente são os livros mais novos e você vem na biblioteca e não tem. Agora mesmo eu estou lendo "A culpa é das estrelas", mas foi uma moça que me emprestou, que é professora lá da escola, porque é mais difícil ter aqui.

P- É um livro mais novo.

T- É um livro mais novo que aqui na biblioteca você vem e está sempre emprestado. Alguém pegou e fica mais difícil de ler.

P- Entendi. Esse que você está lendo alguém recomendou?

T- Foi a professora lá da escola que me emprestou.

P- E você estava falando que na escola que você trabalha também tem um incentivo à leitura, né.

T- Tem, tem sim. Tem bastante. Estavam aí as professoras, as coordenadoras. Elas são todas lá da escola. E eu gosto, porque elas chamam, já me chamaram para ler nas classes para elas. Tem sempre pais que vão ler e lá tem bastante! Eu gosto bastante (Tatiana).

S-Ah, eu acho muito importante ser mediador. Porque assim é... Eu vejo assim, eu cresci numa família muito humilde. Minha família (inaudível), sempre muito humilde. Eu logo com 10 anos cuidava da casa, meus pais trabalhavam fora e assim, algumas coisas não foram feitas por nós pela falta de conhecimento. Porque eu vejo a minha mãe muito guerreira, minha mãe muito queria fazer as coisas. Então eu vejo assim, eu acho, a mãe, você vai ver quando você for mãe assim, eu acho assim que a mãe sempre quer o melhor pro filho. Ela sempre quer o melhor pro filho e às vezes eu acho que elas não fazem, não porque elas não querem. Porque elas não sabem que isso é importante. Falta conhecimento, falta cultura. Eu falo assim que toda mulher, pra ser mãe, deveria fazer pedagogia (risos). Eu falo assim Pedagogia, porque assim, a gente tem uma visão muito diferente. Uma visão muito diferente do que é a educação, e isso faz uma diferença muito grande nas crianças. (...)

P- E Você comentou que teve uma infância humilde né..

S- Sim.

P- E sua mãe não tinha este hábito de leitura em casa? Você tinha acesso?

S- Nós não tínhamos, nós não tínhamos assinatura de jornal, essas coisas assim não. Mas a minha mãe assim, quando eu me lembro que era natal... Minha mãe era costureira, fazia costura, fazia pão pra fora. E minha mãe sempre comprava livros. Sempre comprava. Sabe aquela livraria Paris? Papelaria Paris.

P- Sei, ali na subida.

S- Não era ali. Era na esquina. No mesmo lugar ali, só que era na esquina ali embaixo. Então, quando às vezes a gente ia na cidade, eu me lembro assim, que nós falávamos: “Vamos de a pé!” Então a gente economizava o passe, de ida e de volta e às vezes com este dinheiro, dava pra comprar uma revistinha, um livrinho. Minha mãe falava: “É deste!” Assim, não comprava um livro de trinta. Era um livrinho acho que nem agora, acho que vende de 2 reais.

P- Isso, aqueles simplesinhos.

S- Isso, de R\$2,00. Então, mas era aquele que a gente tinha e nós não dávamos conta.

P- E ela comprava porque vocês pediam ou era exigência da escola?

S- Não, ela que incentivava!

(...) A minha mãe, sempre aquela coisa assim. Mas hoje eu vejo as mulheres, as mães, nossa... São diferentes. As crianças não têm uma meia, um livro, mas elas estão com o salto da moda, na chapinha, com o creme da Natura, que até a gente acha caro pra comprar. Sabe assim? Se inverteu os valores. Você entendeu? Não se dá mais valor, de repente da ética e da moral (Sônia).

C- Então, é... Eu gosto muito de ler né. (...) Meu pai sempre leu muito e eu gostava muito que ele contava história pra mim. E eu comecei a ler também porque meu pai sempre lia. Então, desde pequena, quando eu estava na escola, eu ia na biblioteca da escola. Eu pegava uns sete livros, mais ou menos, e aí eu pegava e ia com meu pai e a gente ia trocando os livros e lia em uma semana, duas semanas os sete livros.

Pesquisadora- Nossa!

C- Nós dois líamos. A gente trocava. “Ai eu li esse, agora lê esse!” Aí depois a gente comentava um pouco sobre cada um.

Pesquisadora- Que legal.

C- A gente sempre leu muito. (...) Meu pai estudou até a sexta-série só. E muita coisa que ele aprendeu, que ele faz, ele aprendeu lendo. Ele foi um autoconhecimento. Ele é autodidata. (...) Ele pegava muitos livros né, na época... muito tempo atrás do Círculo Viajante....

(...) E daí então a Estela (filha), desde pequenininha, a gente tem um monte de livrinho em casa né. Pra criança, aqueles livrinhos de banho, tudo. Então ela, desde pequenininha, ela gosta que a gente lê pra ela. Ela, até pra dormir, ela pega um livrinho e quer ficar lá folheando. Ela não dorme sem ler alguma coisa. É assim já. (risos). Do jeitinho dela. Então eu leio à noite, antes de dormir. A gente escolhe um livro e eu conto a história e depois a gente dorme. (...)

P- E o que você gosta de ler?

C- Ah eu leio de tudo. Mas eu gosto muito de livros policiais. Mas eu tenho de tudo. Ultimamente eu estou lendo os livros da Laura Ingalls, que é um conto sobre a vida dela. São 10 livros né. Eu to louquinha (risos). Gosto muito de ler, sempre gostei. (...)

P- Entendi. E quais são os seus preferidos?

C- Bom meu preferido mesmo é “Meu Pé de Laranja Lima”. Aí também tem “Meu pequeno príncipe” e esses que eu estou lendo agora. Li alguns há muito tempo atrás e estou lendo os outros, agora comecei ler todos que são da Laura Ingalls, que é a coleção “Uma casa da Pradaria”. Esses são os preferidos atualmente (risos). Até que eu leia alguma coisa mais legal! (Carla)

Pesquisadora - E a senhora sempre gostou de ler?

Am- É. É uma questão de exemplo. Como eu falei pra ela, meu pai lia bem. Minha mãe também lia. Então a minha irmã lê bastante. Então é uma questão de exemplo. Eu acho que leitura é uma questão de exemplo!

P- Ah sei.

Am- Você vê seus pais lendo, se você tem uma família que lê, você automaticamente ...você acaba lendo. Os meus netos mais velhos lêem, meu filho também lê bastante.

P- Entendi. Então a senhora acha que isso foi passando de geração em geração?

Am- Vai. Através do exemplo (...) A Elis Regina diz muito na música dela. A gente faz exatamente o que os nossos pais faziam. Você pode até brigar, mas você volta pro teu... Pra aquela tua direttriz. A menos que você tenha tanta raiva que você vá ao contrário.

P- É, é verdade!

Am- Mas quando você tem um lar, que a pessoa lê... e a pessoa curte. Como te falei: a minha primeira lembrança foi nós três (irmãos), com meu pai desenhando em uma lousa de ardósia. Contando história e fazendo bichinho. E desenhava. Ele desenhava muito bem. Então a gente tinha toda uma vivência que aí partimos pra ler.

(...) Coisa que mais eu lembro também: o primeiro livro que eu tive na mão! A gente foi no circo do Piolim e eles estavam dando livrinhos. Nossa eu tinha loucura por aquele livro.

P- Foi o primeiro livro?

Am- Foi meu primeiro livro! Nossa! A minha irmã ganhou um, eu ganhei outro. Eu lia ele direto. Foi aí que eu aprendi a ler pra puxar aquilo que eu queria ler o livro, não queria escutar o livro.

P- Ahã. Que lindo!

Am- Devia ter uns quatro, cinco anos que eu ganhei esse livro. Foi uma campanha que eles deram livrinhos de história. Eram bem articulados, coloridos. Nossa! Se eu puxar eu sou capaz de lembrar da história!

P- risos.

Am- É muito bom! Tem que ser o exemplo. Tem que ser! (...)

Am- Meu pai me incentivou muito em criança comprando bons livros, na época quando era criança. Eu tenho 68 anos. Meu pai comprava as Edições Maravilhosas que era uma coisa linda. Todos os grandes clássicos desenhado a bico de pena.

P- Ah!

Am- Eu tenho muita pena de ter sumido. Foi com umidade...

P- Nossa, que pena. E seus pais tinham condições financeiras na época?

Am- Meu pai era chofer de praça, minha mãe era do lar. Mas todos gostavam de ler. Meu pai era filho de português que também gostava de ler. Uma família de portugueses, então a gente já vem com a leitura...

P- E ele comprava esses livros ou ganhava?

Am- Não. Meu pai comprava. Meu pai comprava não muitos livros, mas comprava essa, essas edições que eram muito caras.

P- Entendi.

Am- Elas eram muito caras, eram maravilhosas. Pena que não sobrou nenhuma.

P- Ai...

Am- Eu tenho um livro em casa que eu quero ver se eu trago pra vocês que é um livro bem antigo que minha filha ganhou de poesia. É um livro bem antigo, então eu quero ver se eu acho ele e trago pra vocês.

P- Entendi.

Am- Esse é daqueles poetas antigos de Santos.

P- Ai que lindo.

Am- Ela ganhou de uma professora de Português dela.

P- Nossa.

Am- Ah é gostoso isso

A pequenina, Pinduca... Quando eu era pequena a gente juntava os primos todos uma vez por semana na varanda da minha tia. A gente comprava bastante revista tudo e lia sem restrição. Eu lia desde X9, que era uma coisa de adulto, de crime, até... Todos os livros. Marvel... Então é um vício. (...) Tirando pornografia eu leio tudo (risos).

P- (Risos)

Am- É verdade. Gosto muito de biografia. Gosto de temas épicos. Já li toda coleção de Monteiro Lobato, tinha e doe já. Já li todo Machado de Assis. Li... olha... li coleções... Eu tinha Graciliano Ramos e li a coleção inteira (...) E esses livros a senhora leu por incentivo de alguém?

Am- Não eu comprava, ou eu pegava emprestado. Eu com treze anos eu li. A minha vizinha tinha livros, que a gente era assim, a gente absorvia sabe. A vizinha tem livros (Faz gesto de quem corre pra buscar)

P- Ia lá e emprestava?

Am- Isso, corria e emprestava. Então li o inferno de Dante com 15 anos.

P- Olha!

Am- A coleção completa... Foucault eu li a coleção completa.

P- Nossa.

Am- Que minha irmã tinha comprado a Foucault, Casa Nova. Ela tem a coleção completa e eu também li. Nossa, nossa eu tenho...

P- Que maravilha!

Am- Ler por prazer.

P- Ahã.

Am- Douglas tem isso. Ler por prazer.

P- Que lindo. Nossa fico até arrepiada.

Am- Então você vê, eu não consigo ficar sem ler. Eu prefiro um livro à televisão. Eu sou aquela... Quando eu tava fazendo artesanato eu ficava fazendo crochê, lendo um livro e vendo televisão.

P- Risos. Olha só que habilidade.

Am- Eu diria que leitura é vício. Pra mim é vício. Acabei de ler os três da Boudica, fiquei louca da vida. Porque eu não gosto de trilogia. Tirando o "Senhor dos Anéis" que eu sou tarada por esse.

P- (Risos)

Am- Gosto. Você vê: eu leio Rick Riordan, eu leio, eu leio todos os do... os livros do Harry Potter, os filmes. Gosto de tudo. Fui ler a tal da trilogia da Boudica e fiquei louca porque o final foi...A pesquisa foi ótima, nos três livros, mas quando chega no final o cara simplesmente parou onde ele começou a pesquisa dele. Não amarrou. Eu to acostumada de um começo, meio e fim.

P- Ahã.

AM- Não. Ele simplesmente parou: "Olha, eu comecei a fazer essa pesquisa porque uma mulher foi açoitada e as filhas estupradas".

P- Ah.

Am- Acabou nisso.

P- Nossa!

Am- Dá vontade de jogar o livro. (risos). Não gosto dessas trilologias modernas. Não gosto. Gosto de Agatha Crist, eu gosto de todas as outras literaturas, mas essas populescas não faz o meu gênero!

P- Entendi.

Am- Não faz. O cara escreve apenas por... A mídia.

P- Ahã.

Am- Sabe então... Sou espírita. Então eu leio muito livro espírita. Trabalhei 5 anos numa livraria espírita. Lê tudo que tinha lá pra poder indicar.

P- Oh que bonito.

Am- Como é que você pode indicar o livro se você não sabe do livro?

P- É verdade.

(...)

Am- Olha quando eu me lembro, a coisa mais antiga que eu me lembro do meu pai...

P- Ahã.

Am- É nós três irmãos, quer dizer, meu irmão desencarnou quando eu tinha três anos.

P- Ahã.

Am- Ele tinha cinco, a minha irmã sete. Meu pai pegava uma lousa de ardósia, ele punha em cima da barriga dele e ele ficava rabiscando e a gente tinha que adivinhar o que ele tava rabiscando.

P- Olha.

Am- Entendeu? Essa é a primeira lembrança que eu tenho na minha vida de... Então ele começava o rabisco e a gente tinha que adivinhar. E depois ele contava. Como ele foi também marítimo, ele contava história de golfinho que ia no fundo do mar. De lagartixa, que tinha historinhas que tinha uma cidade de lagartixas. Então ele inventava.

P- Ahã.

Am- Então era muito gostoso. Não podia ser outra coisa.

P- Nossa, que legal!

Am- Não podia. É o que eu falo pra você. O exemplo é tudo!

P- Ahã. Por isso que vocês tão trazendo o Douglas, vocês tão preocupados com isso?

Am- Faz parte! Não é nem por isso! Faz parte! (É enfática ao dizer essas palavras). Entendeu? Eu ensino ele também a... Ensinei minha filha, ensino ele, porque eu aprendi pintura, pintura clássica, pintura de estamparia, pintura de tudo. Então eu fico orientando ele quando ele tá desenhando, ele tá pintando. Então eu fico dando a técnica. Mas não impondo. Então eu sempre dou uma... Mas faz parte. Meu pai também desenhava e pintava. Então por isso que eu falo: tudo faz parte (Amélia).

P- E na sua infância, você tem alguma recordação é...de leitura?

C- A minha mãe fazia a mesma coisa que eu faço com ele. Ela faz comigo, ela fazia comigo. Tanto comigo como com meu irmão, né. Então aí acho que já vem de...de...de sempre, né. Ela fazia isso, mesmo pra poder

ensinar a gente. Porque ela não tem tanta leitura. Então nos livros era mais fácil, nos gibis, nas historinhas era mais fácil pra ela ensinar pra nós ler. Nos livros infantis era melhor pra ela ensinar, né. E era mais fácil, né. A leitura é mais fácil no livro infantil.

P- Ahã.

C- Então aí com isso ela foi adquirindo isso. Vontade de tá sempre lendo, lendo, lendo.

P- Entendi.

C- E aí agora eu passo pra ele, né.

P- O que ela fazia com você?

C- É o que ela fazia...

P- E você se recorda em que momento que ela lia, como era? Você consegue ter alguma recordação desse momento com mais...?

C- Era sempre no finalzinho da tarde. Deitava, daí ela lia. É... a gente brincava. Assim às vezes do que tinha do livro, a historinha do livro. A gente brincava e fazia teatrinho ou então fazia as coisas que tava no livro. Tudo que tava no livro: "Ah vamos fazer igual o que tá no livro, pra gente não esquecer da historinha". Daí brincava ali, era de...ou então brincava quando não era um livro que não dava pra fazer alguma coisa assim, brincava de ... é... soletrar as palavras que tava no livro. Ela falava a palavra e a gente soletrava. Então era interessante. Era bem gostoso.

P- Era você e a sua mãe ou tinha mais alguém?

C- E o meu irmão. Embora o meu irmão era mais novo, e aí quando chegou a época dele é...a começar a aprender ler também, então ela me colocava também no meio: Agora a gente vai ensinar ele a ler, ele aprender a gostar dos livros igual a gente gosta. Aí também ensinou ele, envolveu ele. E agora eu faço com meu filho.

P- Aha. Entendi. E porque que você acha que é importante todo esse incentivo a leitura?

C- Porque eu acho que aprender não ocupa espaço. E toda vez que você lê um livro, lê alguma coisa você tá aprendendo. Então é importante pra vida da gente, ler. Quem lê aprende mais, eu acho que fica mais... é... receptivo a outras aprendizagens. Ler é... ler é tudo, né. Ler é...faz ... Acho que 100% da vida da gente é a leitura. Faz parte (Cida).

Você falou que gosta muito de ler, né? Desde quando começou isso?

F- Desde pequena também!

P- E você teve incentivo de alguém?

F- Minha mãe. Minha mãe também gostava muito de ler, ela comprava! Antigamente era mais difícil, mas ela comprava alguns livrinhos. A biblioteca também não era tão acessível que nem é hoje. E.. mas ela tava sempre comprando ...

P- E a sua mãe lia? E ela lia pra ela ou pra você?

F- Pra ela. Você vê e acaba copiando (risos).

P- Mas ela fazia leitura pra você, como você faz pras meninas ou não?

F- Não. Não. Só se for quanto eu era muito pequena, mas que eu me lembre não.

P- Não lembra?

F- Só lembro de vê-la mesmo com os livros.

P- Entendi (Fabiana).

***2.2- Mediação dos professores**

Este subnúcleo desvela as contribuições da mediação dos professores para a aproximação afetiva dos familiares com a leitura. Segundo os sujeitos desta categoria, os professores foram os seus principais mediadores de leitura, responsáveis por garantir experiências significativas de leitura nas escolas.

V- Ai eu gosto muito de ler.

P- Gosta muito de ler? O que a senhora gosta de ler?

V- Ai olha, eu gosto de ler tudo. De tudo mesmo. Tudo assim, até literatura infantil eu gosto bastante. (...)

P- E a senhora começou a ler por quê?

V- Assim, porque eu assim sempre gostei. Não tive incentivo assim de pai, de mãe. Não tive!

P- Professor?

V- Professor sim!

P- Lembra de algum que tenha incentivado?

V- Nossa, muito! Minha professora de primário! Terceiro ano! Nossa, nunca esqueci!

P- Professora de primeiro ano do...

V- Não, terceiro.

P- Do ensino fundamental?

V- Isso!

P- Ela incentivava?

V- Nossa, muito. Muito mesmo!

P- E o que ela fazia?

V- Ai ela mostrava os livros, ela lia sempre alguma coisa pra gente. Uma coisa que ela falou que eu nunca esqueci. Ela falou assim: Um livro, por mais velho e antigo que ele seja, ele sempre tem alguma coisa pra ensinar pra gente. Isso aí eu gravei, isso! Então assim, até hoje, eu não consigo jogar um livro fora! Não consigo! Ou eu sempre dêo para alguém, ou sabe... Não consigo. Isso que essa professora falou que ficou na memória.

P- E essa professora lia para vocês em sala de aula?

V- Ela lia. Ela falava dos personagens assim conhecidos. Nossa era incrível essa professora! Era uma professora de Bragança Paulista. Nossa ela era incrível. Ela tocava piano. Maravilhosa!

P- E a senhora aprendeu coisas com ela sobre a leitura?

V- Isso, o gosto né. De... pela leitura. Que eu não tive com os meus pais.

P- E ela foi importante?

V- Foi. Muito importante. Nunca esqueci (Valdete).

P- E você na sua infância teve isso também? Seus pais liam pra você? Teve incentivo?

R- Menos. Bem pouco. Bem pouco mesmo. Não muito não, pra falar a verdade. Eu sempre tive acesso a livros, a gente sempre teve condições de ter o livro, mas de ter esse momento de incentivo junto não. A minha mãe sempre comprava os livros e me dava e aí partiu do gosto pessoal né, foi desenvolvendo, né. A escola também incentivou muito e depois com a minha formação que deslanchou aí o gosto por isso. Mas na minha infância foi bem menos, eu sempre tive acesso, mas eu não sabia como lidar com esse material, com o objeto livro, né. Com esse momento também!

Lia bastante na escola por obrigação, os textos mais de vestibular, pra fazer a provinha do livro, sempre tive isso na minha, na minha vida escolar. Sempre li por isso também, mas esse lado mais prazeroso, mais lúdico da leitura eu não tive.

P- E você teve, em algum momento da vida, com alguém, esse incentivo da leitura prazerosa ou não?

R- Na escola. Na escola. Na verdade foi uma professora do magistério, que eu fiz magistério! Ela que me incentivou e me mostrou o prazer da leitura. Não só a obrigação, mas o prazer na leitura.

P- E você se lembra quais eram as práticas dessa professora? Como que ela fazia?

R- Era o jeito que ela contava. E era uma professora já de matéria técnica, não era de literatura. Era professora de História, História da educação, História do Brasil e a maneira como ela contava, acho que ela tinha muito prazer e muito conhecimento daquilo que ela falava e muito prazer em ensinar e transmitiu isso pra mim, aí eu fiquei encantada. A gente ficou bastante amiga e ela foi me orientando.

P- Ai que bacana.

R- E foi ai que eu descobri. Mas eu já era adolescente já, quase entrando na vida adulta, 16/17 anos.

P- Entendi. Então você sentia que ela tinha um prazer?

R- Sim. Sim. Não só: “tem que ler pra fazer a provinha, tem que ler porque vai cair na prova, tem que ler porque vai cair no vestibular” (Fala com uma voz que remete a uma situação enfadonha). Foi mais ou menos por esse lado (riso).

P- E o que ela fazia na sala que você se lembra?

R- Não fazia muita coisa não! Era o jeito dela! A maneira de contar, as palavras que ela usava, a emoção que ela transmitia pra gente! Não tinha nada muito diferente não. Não tinha objeto, não tinha teatro, não tinha... não tinha nada. Era a maneira que ela contava.

P- Isso marcou?

R- Sim (sorri). Demais! Foi a partir daí que...Eu sempre tive acesso, a gente tinha uma condição razoável de comprar. A gente sempre teve livro de banca, esses livrinhos, essas coleções que antigamente tinha de banca, de conhecimento, Barsa. A gente sempre teve acesso a isso, mas a gente lia, folheava e guardava. Sabe? Pegava pra... pra pesquisar alguma coisa da escola que não tinha internet assim. Pesquisava e guardava, mas só. Então nem lia, brincava um pouquinho e guardava, arquivava. Mas lê mesmo foi a partir dessa professora que me marcou um pouquinho! (risos)

P- Que legal (Roberta).

T-Aí eu lembro que quando começou na escola às vezes assim tinha alguma atividade valendo nota, às vezes tinha professora que fazia assim... Se você tivesse nota boa sempre, você ganhava um livro. Então eu tenho acho que uns três livros em casa. Ainda quando a gente estava arrumando a estante que tinha lá na casa do meu pai eu levei pra casa e tinha uns três livros que eu ganhei na escola, na época do primeiro, segundo ano.

P- E você guarda até hoje?

T- Tenho, tenho sim.

(...)

P- Legal. E você falou professora. E na sua história? Teve algum professor que te marcou para a leitura de forma positiva?

T- Do primeiro ano e do segundo. Foram as duas professoras que sempre faziam assim: Olha, quem tirar 3 notas 10 de algum trabalho, de alguma coisa, vai ganhar um livro. Então a gente tinha aquela disputa de ganhar um livro. A professora do primeiro e do segundo ano.

P- E elas contavam histórias também? Como era?

T- Contavam. Eu lembro que contavam. E... elas tinham um momento da história. Elas liam. Eu estudava no Sesi ali na Rio Branco. Então a gente descia no pátio, sentava no chão. Sempre contavam histórias. Eu lembro. Mesmo que faz bastante tempo (risos). Marca. Foi legal.

P- E depois?

T- Então, depois aí já não teve muito. Já não era muito... A gente começava a pegar livro na biblioteca da escola.

P- Então você sempre foi de frequentar a biblioteca?

T- É, na escola eu li bastante. Quando eu estudava no Sesi tinha muitos livros que eram obrigados a ler. Tinha muitos clássicos que a gente tinha que ler, então eu acho que foi isso que incentivou. Eu gostava. Por mais que era obrigado, tinha trabalhos né, acabava lendo.

P- E não te incomodava, por ser obrigatório?

T- Não. Não. Eu gostava!(Tatiana)

M- A minha mãe sempre gostou de ler, mas não foi a principal incentivadora. Acredito que ela foi a facilitadora. A incentivadora foi a minha professora de língua portuguesa, ah... eu não lembro agora o sobrenome dela, mas era a dona Dulcília, uma pessoa FA..BU..LO...SA. Fabulosa (fala com ênfase a palavra fabulosa e repetindo-a em seguida). Muito eficiente como professora e como orientadora, porque ela não foi só uma professora, ela deu aula pra mim durante 3 anos e foi uma orientadora pra vida. Até hoje eu lembro de coisas dela. No meu mestrado, a poesia que eu coloquei na contracapa do meu mestrado era uma poesia que ela escreveu no caderninho pra mim. Eu não lembrava nem o autor, fui pesquisar no google, então até hoje eu trago os ensinamentos da dona Dulcília.

P- Que legal!

M- Ela foi sim super incentivadora!

P- E o que que ela fazia, você se lembra? Pra incentivar? Quais eram as práticas dela?

M- Ela trazia muita coisa diferente pra sala de aula. Ela não ficava nos autores mais famosos...Ela trazia esses e outros. Eu lembro até de uma entrevista com Stela Karr, do livro "Eu, detetive". Ela obrigou, entre aspas, a gente a ler o livro e ela chamou a autora na escola, pra gente entrevistá-la. Isso é uma das práticas né, não vou saber te dizer em detalhes, mas eu lembro dessa, que foi muito marcante. E ela incentivava, falava que a gente tinha que ir na biblioteca, que a gente tinha que ler os livros. Eu quando estava na sétima série, cansada de ver os livros da escola estocado no porão, reuni as minhas amigas que imagina, meninas de 13 anos que na época não faziam nada... estudando de dia. A gente estudava a tarde e a gente de manhã organizou toda a biblioteca, fez todo o levantamento dos livros e duas vezes por semana a gente montou uma escala pra ir abrir pros pequenos poderem pegar livros também.

P- Que legal.

M- Isso na escola que hoje é o EMEB Napoleão Maia.

P- Ah. Então desde pequeninha, adolescente, você está engajada.

M- Sempre. Mas isso é... sempre foi também o estímulo da Dona Dulcília. O fato da gente precisar pegar livros, eu pensava: Tá, mas como que as crianças vão até a biblioteca? Nem todo mundo tem uma irmã mais velha. Então a gente organizou a biblioteca da escola e abria a biblioteca de manhã, duas vezes por semana. Geralmente dia que a gente tinha educação física né. Ficava um tempo na educação física e outro na biblioteca. Abria pros pequenos, depois ia embora, tomava banho, almoçava e depois voltava pra escola (risos) (Marcela).

P- Em casa a gente também não tinha muita condição de ter e meus pais também não eram de ler.

S- Nem os meus.

P- Mas aí a professora incentivava nas reuniões, falava aquilo tudo e minha mãe quis começar a comprar.

S- Você vê como é importante o papel do professor na família. Você vê como é importante, porque aí...Eu falo, a gente vai na reunião de pais, eu brigo bastante assim. As pessoas vão só pra informar, ó se o aluno tá bem, se a nota tá boa. É só comportamento e conteúdo, comportamento e conteúdo. Pára com esta reunião! Pára! É formar pais. É formar pais. "Olha, vocês viram, levam o folder da biblioteca!" Leva, mostra qual o caminho pro pai. "Olha, leva pra passear, olha leva isso, agenda cultural!" Sabe a agenda das crianças?

(...)

P- E você teve algum mediador assim, marcante...?

S- Professor!

P- ...na sua vida?

S- Ah, os professores, né. Os dos terceiro, do quarto ano. Do quarto ano, principalmente, a Alzira. Ela...Nós tínhamos biblioteca na sala de aula. Nós tínhamos biblioteca na sala de aula.

P- Era prateleira assim? Ou era baú?

S- Era... Era que nem assim. Se aqui fosse a sala de aula, tem aquela metade, embaixo não é aquele armário da professora e depois em cima não é a janela (Gesticula com as mãos).

P- Sei.

S- Então era uma parte era só livros, e nós levávamos para casa, toda sexta-feira, segunda. Era uma vez por semana, a gente levava os livrinhos pra casa, pra ler. Nós levávamos.

P- Ahã.

S- A professora já tinha esta preocupação. Nós tínhamos livros (Sônia).

P- E você me falou que na infância você não teve isso né...

E- Ah tá, é porque a época era outra né. Minha mãe também aquela preocupação de trabalhar, trabalhar e só trabalhar. E o pai também sempre pagando aluguel, então não dá também, né.

Então não foi uma coisa que ela teve oportunidade e não tem como ela passar pra gente, né. Agora eu não. A gente vai pra escola, os professores... Na minha época, os professores se preocupavam muito com os alunos, queriam que a gente aprendesse né. Então teve aquela coisa de incentivo de professor e é uma coisa que eu sempre gostei de Português, né. Eu sempre gostei, então acabei tomando gosto mesmo e eu sempre quis passar para os meus filhos, que eu acho importante, né. Que é uma forma deles descobrirem mundos diferentes, né.

Pesquisadora- Entendi. Então se você tivesse que analisar na sua história de vida quem foram as pessoas que incentivaram você pra ler, quem você...

E- Ah, os meus professores.

P- Seus professores?

E- Eu tinha uma professora de Português que era muito boa, de História. E eu sempre gostei de História também. História da Grécia, História Romana. Então, até fui presenteada por alguns professores com livros que eu até tenho. Apartheid mesmo é um livro que eu mais gosto e que eu tenho desde quando tava na quinta série... faz tempo hein. Mas é muito gostoso. Eu acho legal. (...) Eu tinha a professora Sueli. A gente tinha, a gente lia História e eu gostava muito dessas coisas de Apartheid, Revolução Francesa. Então o livro didático só, em si, não traz muita coisa assim né. Então, pra você saber mais detalhe, você tem que ler o livro, né. Aí foi quando ela me deu esse livro do Apartheid, Nelson Mandela, assunto que eu gostei da História. Daí que eu comecei a ir mesmo à biblioteca, comecei a saber sobre Martin Luther King que também é muito, muito importante e auxilia você também a se entender, porque...porque são histórias que aconteceu com eles lá atrás que muitas das vezes cabe prá nos no dia-a-dia de hoje, né. (...)

P- E você gosta de ler que tipo de livro, de material? Jornal, revista?

E- Ah eu gosto de ler revistas, mas eu gosto de ler assim Augusto Cury, porque com três filhos você também precisa de uma ajuda né (sorri). E livro de auto-ajuda eu gosto. Eu gosto de ler romance também. Daniele Still que são os mais... Nora Roberts, esse Poh Young também eu gosto (mostra o livro que está em suas mãos).

P- Ah, "A travessia"

E- Esse eu não li ainda, vou ler agora. Dele eu li "A cabana". Sabe, eu gosto. Sempre eu pego um romance e um de auto-ajuda. Algum que sabe... Porque eu gosto de Romance, mas assim eu acho que tem momentos que você precisa de alguma coisa assim que... que vai te ajudar no dia-a-dia. "Casamento Blindado" eu também não sei o autor, mas eu achei muito bom. São livros assim que vai me ajudar em casa no dia-a-dia com ele, né. Então agora eu tenho uma filha de 17 anos. Mas agora vai começar a namorar, sabe essas coisas... Então a gente precisa, né (Eliana).

P- Você lembra qual foi a primeira vez que você veio? Porque que você veio até a biblioteca?

N- A biblioteca era lá em cima ainda, era em outro prédio. Eu vinha porque eu estudava no Conde e a professora deu um trabalho e eu fui lá fazer um trabalho e me interessei e fiquei. Aí eu comecei a ler os livros do Pedro Bandeira, aí eu li a coleção toda praticamente dele (risos). Depois do Júlio Emílio Braz também que é bem legal e aí eu fui pegando o gosto pela leitura e fui lendo bastante.

P- Entendi. Então essas leituras que você fez, a primeira foi indicação de professor?

N- Foi.

P- E os outros livros você foi pegando por indicação de alguém?

N- Não. Foi pelo autor mesmo, porque o primeiro livro que eu li foi do Pedro Bandeira, aí eu gostei e fui pegando os outros e fui gostando. Aí fui lendo a coleção toda.

P- Entendi.

N- Aí depois do Júlio Emílio Braz também, que ele aborda vários temas e aí fui lendo também, por causa disso. E depois o que eu mais gosto foi o do Luís Fernando Veríssimo. São crônicas, né. Então eu me interessei também e leio todos eles.

P- Ah, legal.

N- Então eu vou mais pelo autor. Se eu gosto do autor eu vou lendo todos.

(...)

E na sua infância, juventude, alguém lia pra você?

N- Não. Em casa a gente não tinha esse hábito.

P- Não se lembra da sua mãe contando história, quando você era pequena?

N- Não. Até por isso que a gente faz isso pra ela hoje, porque se tivesse começado mais cedo né, de repente eu teria lido mais cedo (Nathália).

P- Que legal. Você ganhou esse livro de um professor?

E- De um professor. E a gente se sentia estimulado...Gostava sabe... Daí eu... sabe... Eu queria que meus filhos sentissem a mesma emoção que eu, né. Porque se você lê o livro, depende da forma como ele tá escrito... Você entra realmente na história, como se você tivesse lá, vivenciando cada momento, né. Quando você realmente consegue encontrar um autor que consegue te levar ao mundo do livro é muito gostoso. E eu quero que eles também tenham esse amor, né. Ter cuidado também, né (Eliana).

Pra você ter uma idéia, com ela (professora que ministrou o curso) eu vivi dois momentos assim que me marcaram muito. Primeiro essa questão da poesia. Como eu falei, eu não tinha sensibilidade pra sentir poesia e pra trabalhar com poesia e com ela as coisas se abriram de uma forma!

Pra você ter uma idéia de como ela agia: a cada módulo a gente tinha que apresentar um trabalho de conclusão dos módulos. Daí na dela eu fiquei pensando... tinha uns parâmetros que você tinha que analisar, uma poesia dentro das situações que ela tinha discutido e aí eu falei: Ai, o que que eu vou fazer meu Deus? Estava ouvindo lá: “Olá, como vai? Eu vou indo, e você tudo bem?” Aí eu falei: Puxa, tá aí! Arrisquei e fiz tudo que eu senti em relação à poesia dessa música, entendeu? Eu tirei A com ela e com observações do lado, a lápis: Gostei muito! Interrogação, tipo: O que você quis dizer?...

Olha está nos meus arquivos que é uma coisa assim... demais!

Outra coisa: ela dava aula assim e de repente ela falava “Sabe gente, eu lembrei de uma coisa. Tem um livro assim, assim, assim”...acabou que aquilo chamava nossa atenção...Eu lembro que um dia ela falou assim: “Sabe Incidente em Antares, olha é um livro que me chamou tanta atenção sabe! Aqueles defuntos eles não morreram, quer dizer, eles estavam mortos, eles não ressuscitaram. E a cena que me marcou deles descendo daquela ladeira para reivindicar seus direitos” (fala imitando a professora)... isso é uma coisa que eu não esqueço nunca. Daí sai correndo e fui pegar o livro e devorei o livro assim, com aquela sede, aquela coisa. Demais, demais. Fantástico!

(...) Outra coisa. Vidas Secas. Eu tinha lido na faculdade, achava horroroso. Que coisa... Eu era professora de literatura e eu não tinha paixão pelas obras, nossas obras. Eu não conseguia! Com ela... e antes um pouco eu já tinha mudado meu perfil sobre isso, mas com ela, ela falou...

Pesquisadora- Com a Suzi? (está se referindo a Suzi Frankl Sperber, professora do IEL UNICAMP)

M- Com a Suzi, ela falou: Vocês vão ler o Vidas Secas e ver o que vocês sentiram. Então eu fui lendo e falei: Gente, o que que é isso? Que é isso? Eu me arrepiava a cada, a cada movimento do livro. E o que me chamava a atenção é que eu tinha vontade de falar: Fabiano, fala homem! Desengasga!

Eu sentia reações na garganta, de vontade de falar pro Fabiano: Fala! A segura que eles passam, claro, contagia! Mas pra mim isso marcou, marcou. Então aí fomos fazer a discussão do livro e ela foi questionando e as pessoas foram colocando o que chamava a atenção e todo mundo: a segura e isso e aquilo e eu lá quietinha. Aí eu também levantei a mão, daí eu falei: “Olha tudo bem. A segura pegou bastante, mas eu não consegui. Eu tive vontade de bater nas costas do Fabiano pra ele falar, fazer ele falar!”

Ela abriu um sorriso deste tamanho e falou: Pra mim também! (risos). (Ela faz a expressão que a professora teria feito no episódio narrado)

Sabe, assim...

Nossa, são momentos tão raros! Falando em leitura, quando eu comecei, quando eu vim pra cá em 86, 86. Eu trabalhava e comecei a trabalhar naquele modo super tradicional, aquele livro didático, aquele tal de PAI. Ai como eu odiava aquele PAI. Era um livro amarrado e você tinha que fazer a coisa. Quando eu fiz o primeiro curso com Wanderley Gerald, poxa em uma manhã, aquilo abriu assim. Poxa! Embora não sabendo, o caminho é esse né. Daí comecei a trabalhar nas salas de leitura e salas de aula. Montar biblioteca. Olha é cada coisa. Eu já tô naquela fase de velha, de você ficar lembrando assim. Que gostoso, que bom ter essas coisas pra lembrar (Marisa).

P- Entendi. E na sua vida você se lembra na infância, juventude ou até recentemente, alguma experiência agradável com a leitura que você teve ou desagradável?

L- Uhum... Nossa... Relacionada à leitura, no caso?

P- Isso.

L- Eu lembro assim que quando eu era criança eu nunca tive muito incentivo na leitura, né. E assim, eu sempre pegava os livros e sempre deixava pela metade. Eu nunca conseguia finalizar o livro. Então...eu tinha uma professora de Português que ela falou que a gente tinha que ler o livro e explicar. E contá-lo lá na frente... E tinha que ser um livro grosso, né. E ...

P- Em que série mais ou menos?

L- Acho que eu tava na quinta série. Tinha uns 10, 11 anos.

L- E eu ficava preocupada que eu não conseguia ler. Só que aí, eu tinha me interessado por um único livro que eu tinha lido inteiro. Eu não lembro o nome do autor, mas o nome dele é "O filho do caminhoneiro" (Autor: Aristides Fraga Filho). Esse livro eu li do começo ao fim. E aí, sabe, a professora toda semana ela chamava 4/ 5 pra explicar e eu ia ficando com vergonha, né, porque ia tirar nota baixa. Porque não tinha leitura. Aí foi que eu li, tinha lido esse livro, mas esse livro ficou na minha cabeça. Aí ela falou que tinha que ser recente. Eu: ô, meu Deus, eu não consigo pegar um livro, não conseguia ler. Não me interessava. E esse livro me interessou muito. E eu li do começo ao fim. Foi o primeiro livro que eu li do começo ao fim que seria um livro grosso. Aí foi... Aí eu falei assim: Ai professora, eu não lembro o nome do autor, mas eu vou contar a história do "O filho do caminhoneiro". Aí acho que ela não tinha muita... Também quantos alunos que ela tinha né...Pra ela saber se era recente ou não...Aí foi que ela falou o nome do autor, aí eu fui, expliquei. Eu lembro que todo mundo ficou apaixonado pelo livro depois que eu contei a história, contei todos os detalhes. Aí eu tirei nota boa e um monte de gente foi atrás pra ler esse livro.

P- E esse livro você foi ler por quê? Você lembra se alguém indicou?

L- Não. A professora ela levava. Tinha um dia na semana que ela entregava livros.

P- Ah...

L- E eu peguei esse por coincidência. Peguei e comecei a ler e me interessei com a história, né. Que é uma história de um acidente de uma família onde morre a família inteira e uma criança sobrevive no meio do desastre. E o caminhoneiro que socorre essa criança.

P- Ah entendi.

L- É muito interessante essa história.

P- Foi um livro que te marcou então?

L- É. Foi o que marcou porque foi o primeiro que eu consegui ler do começo ao fim.

P- Entendi. E na sua casa, na infância, vocês tinham contato com livros, seus pais eles liam pra você?

L- Ah assim. Minha mãe tem de primeira até a quarta série. Então assim, ela não lia muito não. Livros a gente sempre teve, que minha mãe sempre comprou pra gente, mas livros de pesquisa. Não livros assim de leituras normais.

P- Ahã.

L- Tanto que a Lídia utiliza eles até hoje. Tem livros lá de quando eu era criança que eu utilizava e que eu achava interessante e quando eu vim pra cá, pra Jundiá, eu peguei eles e trouxe junto.

P- Ahã.

L- E eu também comprei livros né. Coleção! Mas só livro de pesquisa.

P- Entendi.

L- Aí, assim, nessa época eu tinha muito livro de pesquisa.

P- Mas esse momento de leitura, seus pais realizando leituras, você não lembra?

L- Não. Uma porque meu pai é separado da minha mãe. Então a gente não tinha contato. E minha mãe coitada, não tinha muito tempo mesmo, né. O negócio dela era trabalhar pra sustentar a família. Quatro filhos pra sustentar não era fácil!

P- Com certeza. E... e hoje você faz diferente do que você teve na infância?

L- É porque Eu faço porque eu vejo. Porque um dos meus irmãos... todos nós somos 4 irmãos. Só um que não se interessou e não terminou os estudos, né. O que a gente acha meio preocupante. E eu ficava com medo das minhas filhas não quererem terminar os estudos, né. Não ter interesse, porque ele nunca teve. Ele é o único que não tem. (Lúcia)

L- Eu lia! Eu lia bastante, porque eu falava muito errado. Aí eu lembro uma vez que uma professora minha falou assim, falou pra mim: "começa a ler!" Eu não lembro muito bem o nome da professora. Falou assim: "começa a ler Lu".

Eu falava muito errado, mas não porque eu queria, porque em casa todo mundo já falava errado. Então de tanto ouvir falando errado eu também costumava falar errado. E também comecei a ler pra mim poder fazer o ENEM. Eu tinha vontade de fazer o ENEM e eu não sabia fazer muito bem redação. Aí eu começava a ler, gostava muito de ler poesia. Amava, amava poesia. Amava poesia. Aí depois eu peguei um pouco de interesse. Aí depois por causa do curso de inglês eu comecei a caçar mais outros livros assim, mas nossa eu comecei a ler mesmo porque eu falava errado.

P- Entendi.

L- Trocava muito o D pro T. O R tirava. Até a Bruna também parece que tem uma coisa, tem o mesmo defeito (sorri).

P- Risos.

L- Ela troca.

P- E em casa é... vocês tem livros em casa?

L- Agora tem. Depois que eu peguei eu comecei a ler. Depois eu comecei assim, as minhas irmãs mesmo viram que eu gostava de ler, já começou trazer pra mim. A minha irmã mais velha, que é casada, começou a trazer. Aí depois que eu peguei e fiz uma cirurgia, eu peguei e fiz é...alongamento ósseo. Aí eu fiquei um ano e quatro meses, então eu não fazia nada. Aí minhas irmãs, os amigos começaram a trazer livros pra mim, porque sabendo que eu gostava: "Ai quer que eu trago pra você?" "Ah traz um livro".

P- Porque você não poderia se locomover nesse período?

L- Não. Eu fiquei um ano e quatro meses é... bem dizer em cima de uma cama mesmo. Porque a minha casa é bem pequena, mas pequena mesmo, sabe assim? Só cabe a cama, a televisão lá. Então pra mim poder andar lá, nem a cadeira de roda tinha como andar. Então eu evitava andar o mínimo.

P- E você mora sozinha?

L- Não. Mora eu, minha mãe, minha outra irmã que é a mãe delas e as duas (referindo-se as sobrinhas que brincavam no tapete enquanto conversávamos). E a casa é super pequena. Então aí depois, as meninas, as minhas amigas, começaram a trazer livros pra mim. Hoje acha já livro dentro de casa, mas antes não tinha.

P- Entendi. São livros que você ganhou dos amigos?

L- Isso. Hoje tem mais livros que ganhei dos amigos ou parente.

P- Entendi. E você gosta de ler o que?

L- Nossa, eu gosto de ler tudo. É romance, poesia, é... gibi... deixa eu ver... é...deixa eu ver... livro de inglês que educa. Aí hoje, agora em casa mesmo, acha livro de criança. Mas hoje eu to lendo mais romance. Hoje a maioria...

P- Qual romance que você leu ultimamente e que você gostou da história?

L- Ai meu Deus do céu, como que chama ele? É... "Pra sempre eu vou te amar", deixa eu ver..."A saga do crepúsculo", deixa eu ver mais...Esses são mais que eu to lendo.

P- O que você leu recentemente...

L- Ai meu Deus do céu. É... pessoas....Agora eu to acabando ele. É "Pessoas que vale a pena conhecer". Eu só não vou lembrar o nome da autora.

P- Não, não, não. Não precisa. E você... porque que você lê? Como você se sente lendo?

L- Ai é como se fosse... eu me desligasse assim. Você se desliga. Você se...

P- Se desligar?

L- É. Eu pego um livro assim, não tem nada pra fazer, não vou pra rua. Aí eu começo a ler e aí eu me desligo. Você vê essas benção (aponta para as sobrinhas) parece um amor, mas tem horas que dá...a gente perde a paciência. Aí fala: Ai vai ler. Aí eu já pego um livro, fico num canto lendo e começo a me desligar mesmo. Desligo desse mundo e aí vem um outro. Eu gosto.

P- Risos. Vem outro mundo?

L- É. Parece assim um outro mundo. Você se desliga desse e vai num outro agora. Você já entra dentro da história.

Esquece assim que tem problema, seu estresse. O que vai acontecer... Aí você... eu pego um livro e vou ler. (...)

E na sua infância, você se recorda de alguém contando história pra você?

L- Nossa. (Fica calada pensativa)

P- Alguém incentivando a leitura ou não? Você tem alguma recordação da infância ou da juventude?

L- Olha eu ... quando eu tava assim na escola. ..que a professora falou.

Eu também lembro que minha mãe trabalhava aqui no Anhangabaú, na casa de uma professora aposentada e de um advogado também aposentado. Aí eu queria ler muito um livro que na época tava fazendo muito sucesso, que era "Violetas na janela". Que era espiritismo, mas aí todo mundo das minhas amigas comentava, passava muito na televisão.

P- Sim.

L- Aí como que eu sabia que ela é dessa religião, eu pedi pra ela. Aí depois que eu mandei uma cartinha, tudo errado as letras, ela pegou e mandou. Nisso ela mandou mais desses livros assim. Dessa mesma escritora. Depois eu comecei a ler mais. Mas ela foi a mais...a pessoa que no começo pegou e me deu um livro foi ela. Era a dona Dirce. Hoje ela é falecida, mas ela que me deu.

P- Que era a....

L- A professora aposentada e a minha mãe era diarista na casa dela. Aí depois como que eu sabia, eu via minha mãe comentando que ela era professora aposentada, que ela tinha biblioteca em casa e esse livro era muito famoso, mas muito caro. Na época minha mãe não tinha dinheiro. Aí eu mandei uma cartinha pra ela e ela me deu. Quando eu acabei de ler aí ela perguntou pra minha mãe se eu tinha acabado de ler e eu falei que sim, aí ela

mandou uns outros. Ela falou: “Eu tenho outras autoras”. Aí eu comecei a ler. Não sou dessa religião, mas eu gosto de ler.

P- Ahã.

L- Aí foi assim. Ela foi... o livro que eu comecei a ler foi o dela.

P- Você lembra quantos anos tinha na época?

L- Nossa meu Deus do Céu. “Péra” um pouquinho, deixa eu ver... Se na época eu nem namorava...Olha moça eu acho que eu tinha 13 pra 14 anos. Eu to com 28!

P- 13 pra 14?

L- Isso, porque era o lançamento da “Violeta da Janela”. O lançamento!

P- E você quis ler esse livro por quê?

L- Porque os outros comentava! E eu ouvia muito...

P- As pessoas da escola?

L- Isso, uns comentava porque falava de outra religião. Tinha amigo evangélico que falava: “ai porque não sei o que”... tá falando, fala né. E eu via, eu assistia muito e passava muito comercial. Então passava em comercial, eu ouvia no rádio, eu ouvia um comentando. Eu via e pensava "nossa, será que é tão bom assim?"

P- E aí depois que você leu esse livro você quis ler outros?

L- Então, eu gostei, eu gostei de ler assim essa... da... do espiritismo. Eu gostaria de ler. Só que como que eu tava acabando, ela já mandou os outros, então eu nem precisei pedir, porque como ela já tava sabendo que eu tava acabando o livro, ela já mandou uns outros pra mim, de outros autores (Luzia).

P- Essa concepção que você tem desse despertar? Você vivenciou isso na sua infância, juventude?

A- Não. Não. Não. Os meus pais tiveram...Olha nós somos em três irmãs. Nós somos em quatro filhas. As quatro fizeram magistério. Porque na época pro meu pai o que uma mulher podia o máximo fazer era o magistério, ficar meia hora fora de casa pra depois voltar pra passar, lavar, enfim... Depois as coisas foram mudando, a gente vai trilhando outros caminhos. Não tive. Os meus pais, inclusive, porque eles também não tinham esse conhecimento. E cada um oferece aquilo que tem pra oferecer.

P- Então você na infância não se lembra de seus pais lendo pra você, como você faz com seus filhos?

A- Não. Não. Esse é um exercício. Foi a opção que eu fiz pra mim.

P- E você acha que veio da onde, esse seu modo de lidar com a leitura?

A- Então Sue Ellen. Eu tive oportunidade de adquirir informação, conhecimento. Então eu tenho esse compromisso! (...)

Ad- Olha, na infância eu sempre vi meu pai lendo jornal. Meu pai sempre leu jornal regional. Jornal de Jundiá. A minha mãe na minha adolescência ela sempre leu aqueles livrinhos de banca. Romances. Então era Júlia, Sabrina. Tinha uns nomes assim.

P- Pollyanna...

A- Isso. Então minha mãe gostava desses livrinhos, mas também nunca colocou pra nós, a disposição para ler. Eu via meu pai lendo jornal e minha mãe nos livros. Mas é mais essa questão da informação. Eu quero passar pros meus filhos, eu quero mostrar que a leitura, esse conhecimento ele é um todo...

P- E na escola, você tinha alguma professora que incentivava?

A- Então... As professoras de Português de uma forma geral... E eu to falando da década de 80, mais de 35 anos atrás. Então toda professora de Português... Tinha até o jornalzinho escolar. Até esses dias um amigo meu que é professor de natação dos meus filhos, há 35 anos atrás, olha só... E ele trouxe o jornalzinho daquela época pra me mostrar.

P- Olha que legal. Ele tinha arquivado.

A- É. Datilografava ainda e xerocava. Também interessante eu tinha uma professora que adorava e que dava de quinta até oitavo ano. Era até oitavo não era nono. A Marli, hoje diretora de escola. Mas os livros eram obrigatórios: Você tem de ler Pollyanna. Você tem de ler Pollyanna moça. Tanto que eu acho maravilhoso hoje poder ler pros meus filhos, eu resgatar. Eu leio de uma forma diferente. Eu tenho uma visão de uma forma diferente. Então quando eles acham que é chato, eu pego pra ler junto. Então eu leio a Pollyana que eu li lá em 80 e agora eu li agora com a minha filha no colégio. Porque é um clássico. São os clássicos da literatura, né. Mas daí a gente já engata Pollyanna Moça. Então vamos ler outros livros.

(...)

Mas como eu tenho o hábito, até falei que meu pai lia jornal, eu amo jornal, leio todos os dias. Eu tenho que ler o jornal que me falta alguma coisa se eu não leio. Pelo menos pra saber o que está acontecendo dentro da minha cidade. Leio a Veja semanalmente que é tudo muito rápido e a gente hoje quer saber a questão da informação. A Veja precisa pra saber durante a semana o que está acontecendo no Brasil. Os telejornais na televisão. Mas eu falo que a gente tem que começar com o que está próximo. O jornal regional! A programação da biblioteca está no nosso jornal regional. Não importa qual você pode. Um dia você compra na banca....ou... Eu tenho assinatura de jornal, mas é lógico que eu deixo outras coisas... Eu podia fazer coisas no cabelo... mas eu prefiro ter o jornal, porque pra mim é importante ler. Então eu vou ta sabendo dessa programação (Andréia).

Núcleo 3- Histórias de adultos que se tornaram mediadores de leitura para as crianças, apesar de assumirem o distanciamento com os livros.

Este núcleo traz relatos dos sujeitos que revelam os motivos pelos quais se tornaram mediadores de leitura para as crianças, incentivando-as a se aproximarem das práticas de leituras de forma afetiva e positiva. Todavia, diferentemente do Núcleo anterior, os sujeitos que compõem esse grupo não se consideram leitores de livros e declaram não terem desenvolvido o interesse pela leitura de livros no seu dia-a-dia. Vale ressaltar, no entanto, que estes sujeitos consideram-se leitores de outros suportes de textos como revistas, jornais, gibis e outros materiais.

Apesar de não terem desenvolvido, em suas histórias de vida, uma aproximação positiva com os livros, eles passaram a mediar afetivamente a relação das crianças com o universo da leitura. Segundo os depoimentos dos sujeitos, eles decidiram incentivar a leitura de livros principalmente com o objetivo de que tal prática seja um diferencial na vida das crianças, proporcionando experiências que não tiveram em suas vidas. Além do desejo de oferecer esse diferencial, o incentivo das escolas das crianças e a interação com o outro foram determinantes para que os adultos se constituíssem enquanto mediadores de leitura.

***3.1- Fazer a diferença**

Este subnúcleo reúne depoimentos dos familiares que relatam não terem tido na infância/adolescência experiências significativas envolvendo a leitura. São pessoas que não se recordam de leituras no ambiente familiar, bem como de leituras marcantes na vida escolar. Os sujeitos deste subnúcleo relatam que raramente lêem livros e, em alguns casos, confessam odiar ler livros. Entretanto, eles relatam gostar de ler os livros para as crianças e frequentam a biblioteca com assiduidade, para empréstimo dos materiais. Indagados pela pesquisadora sobre como começou a relação de incentivo à leitura com as crianças, os sujeitos foram unânimes ao verbalizar sobre o desejo de oferecer para a criança uma experiência de vida diferenciada da sua. Evidenciou-se que, para estes adultos, frequentar a biblioteca com as crianças, incentivar o empréstimo de livros e a participação na contação de histórias é fundamental para oferecer o que eles próprios não tiveram; sentem que isto poderia ter mudado suas histórias em relação à leitura.

P- E como que você percebeu que seria importante começar esse incentivo, desde pequenininho?

Su- Porque eu não gosto de ler! Meu marido gosta. Eu não, nunca gostei. Eu estudei muito tempo pra concurso, eu fiz muitas provas! Anos e anos e eu entrei em um estresse assim que você não imagina. Então eu não consigo mais ler. Eu tenho um bloqueio assim que eu não consigo mais ler, nem bula de remédio eu consigo mais ler.

P- Verdade?

Su- É. Agora estou tentando voltar assim. Pego um livro, tento. Mas ...

P- E você teve alguma experiência da infância, na adolescência, que te traumatizou de repente assim?

Su- Não, só que na minha época era mais difícil, né. Você... Ah era na fase de decorar, né. Tinha que ficar decorando, decorando. As professoras obrigavam, né. Você tinha que decorar, decorar igual a tabuada, né. Minha mãe colocava lá e falava: Estuda! Tinha chamada oral, era nossa...Era terrível. Às vezes você não tinha estudado direito e nossa, se dava mal. Então esse tipo de coisa eu nunca gostei. Hoje em dia não tem mais nada disso.

P- E na sua infância, havia alguma preocupação de seus pais também, de algum familiar ou até mesmo de professor para fazer esse incentivo?

Su- A minha mãe sempre comprou livro. Tinha aquelas pessoas que passavam na rua vendendo, era assim né. Quase não tinha livraria, né. E minha mãe sempre comprou e eu tenho até hoje esses livros, que nem eu e nem minha irmã a gente nunca foi de destruir, né. Usava, guardava e tanto para brinquedo, quanto para livro. Então o Pietro tem vários livros lá que eram meus. E ele sabe que eram meus e ele gosta. Ele folheia e tem bastante coisinha bonitinha, né. E ele gosta, né.

P- E além de comprar, ela lia para vocês?

Su- Lia também. Minha mãe estudou até a segunda série, mas ela escreve muito bem e lê muito bem, coisa que hoje em dia né... A criança às vezes está no quinto ano e escreve mal. E ela sempre leu para nós, sempre comprou. Tinha livrinhos lá que era do meu pai. Família né, que sempre conservou, nunca destruiu nada, né. Então tinha coisa que era do meu pai e está lá, guardado até hoje. Nós não tivemos coragem de desfazer, jogar, né. Então tem bastante coisa assim.

P- Então na infância, com esses livros, você gostava de ler ou não?

Su- Nossa, gostava. Tinha história que lia todo dia a mesma história. Criança gosta disso, né! Sempre a mesma história, né. (...)

P- E o que será que aconteceu nesse meio do caminho?

Su- Então, de tanto estudar. Estudei muito pra fazer provas, provas. Passei em alguns concursos aí e não fui chamada. Então pra mim foi uma decepção muito grande e é muito difícil passar e quando você passa não é

chamada... Então aquilo me decepcionou... E eu fiz faculdades 3 anos, eu fiz faculdade de Artes. E eu ia todo dia, não faltava um dia. Três anos seguido e no último ano tive aula todo sábado e quando estava na escala rotativa, contava meus pontos e tudo. Mas aí eles mudaram toda a lei e tem gente que faz faculdade aí que vai uma vez por mês, né. E eu vejo muito professor aí que não tem capacidade nenhuma e está aí dando aula, né. Tudo o que contava não conta mais. Chegou uma época aí que eles pararam de contar os pontos, né. Então eu fiz uma faculdade presencial, não perdia nada e... Nossa, foi muito decepcionante. Porque eu passei no concurso e não fui chamada. Aí eles caducam, arrecadam mais dinheiro... E eu fui desanimando e não quis mais prestar mais nada e resolvi cuidar do meu filho (Susana).

K- Eu mesmo sou uma negação na leitura, mas eu sempre incentivei ela. Não sei por que eu incentivei ela! Assim, as coisas que eu não gosto de fazer (ri), eu gosto que ela faça. (...) Pra mim pegar um livro hoje, livro grande pra ler, ahh você pode ter certeza que vai demorar um ano inteiro pra mim ler. Eu tô lendo um livro, que agora eu voltei a estudar: “O monge e o executivo”. Eu tô na página 50 ainda, mas já faz uma semana que eu tô lendo ele. Imagina, 50! (risos). Até eu terminar de ler pra fazer um trabalho ainda, é complicado. (...) Então assim, como eu vi que seria importante, eu vi que ela sempre gostou, primeiro livro dela foi com um ano e meio. E ela sempre... Até hoje ela tem aquele livro. (...) E ela sempre gostou, mesmo não sabendo ler. (...) Então assim eu gosto muito, é muito cativante assim e eu vejo que ela tem desenvolvido muito nessa parte assim. Na escola mesmo, nossa! Ela adora livros. A professora sempre falou: Nossa, Karen, sua filha ama livro! (...) Mas a minha mãe ela não incentivava, acho que porque na época também... Eu já tenho 31 anos né. Minha mãe teve 7 filhos. Então assim, teve uma... a gente não morava na cidade né... era mais distante né. Tipo roça, assim, né. E a gente não tinha essa... esse incentivo. Nossa brincadeira era mais mesmo no mato, nas árvores. Essa era a brincadeira nossa. Agora minha filha, como a gente já... ela nasceu praticamente na cidade né, na cultura, então isso fica mais fácil pra ela (Karen).

P- Entendi. E na sua infância, na sua juventude ou até recentemente, quais são as suas lembranças relacionadas à leitura?

S- Uhm... Poucas.

P- Poucas?

S- É...eu já não... Eu não me lembro assim dos meus pais assim tá incentivando, eu não me lembro não.

P- Entendi.

S- É... agora que eu to também... Que eu to começando a ler assim, um pouquinho. Mas quando criança, nada!

P- Não lia?

S- Não. Não me lembro assim da minha mãe tá pegando um livro, tá me dando. Não.

P- Simone você tem hábito de ler em casa? Jornal, revista...?

S- Assim, eu gosto de ler é... Como eu te disse, livros eu sou um pouco ansiosa, então eu não tenho muito aquela coisa... Não leio muito. O livro não pode ser muito grosso, assim um livro muito grande. Agora eu gosto de ler qualquer trecho, qualquer notícia assim, eu gosto de tá lendo sim.

P- Entendi.

S- Qualquer coisa, qualquer notícia. Qualquer pedacinho, uma revista. Eu gosto de ler. (...)

P- E porque que você acha importante trazê-la agora com essa frequência para a biblioteca?

S- Eu acredito que, eu... eu acho que como eu não tive essa experiência, que eu acho que assim, desde pequena, desde criança eu acho que você já tem que estar incentivando a leitura, é... a arte, a esportes. Eu acho que tudo quando criança eu acho que... porque eles tem uma inteligência, eles aprendem muito mais, já desde pequeno. Então acho que já, desde pequeno, se for já... como se fala, plantando, né, é o que você vai colher depois. Isso que eu acho assim, né.

P- Ahã.

S- Então você tem que plantar já logo de criança mesmo né, pra depois você colher, né.

P- Com certeza.

S- Então por isso que eu acho que tem que ser já desde criança. Desde pequeno (Simone).

P- E a senhora teve na infância ou juventude esse incentivo que dá para seu filho?

A- Não. Nenhum. Meus pais não incentivavam nada. Minha mãe é praticamente semi-analfabeta. Eles não tinham isso. E é verdade aquele ditado que diz que o que a gente não teve a gente quer dar pro filho da gente, por isso eu incentivo mesmo. Ele fala: “mãe vamos na biblioteca amanhã?”. Vamos! Eu venho cedinho com ele, ele não acha ruim. Ele adora. Semana passada nós também viemos cedinho, podia estar dormindo uma hora dessas, né. Mas eu incentivo muito a questão da leitura, do esporte, da religião. Ele agora faz catequese. E eu não era muito de igreja, mas vai chegando uma idade que acho importante. (Alice)

P- E na sua história, na sua infância, na sua juventude, você lembra é... desse contato com a leitura?

V- Não. Não tive. Não tive porque meus pais nunca me incentivou assim. O incentivo era na escola, prá escola, prá estudar tudo, mas prá ler não. Eu não tive. Isso eu falo que eu não tive mesmo. Eu acho que é por isso que eu não tenho e eu procuro fazer pros meus filhos, porque como eu não tive na minha infância eu procuro fazer o que eu queria prá mim na infância, eu procuro fazer pra eles agora (Vera).

Marta- Ai eu venho na biblioteca já faz tempinho, mas eu sou aquela pessoa que não tenho o hábito de ler. Sabe quando você quer se forçar a ler. Então eu tô sempre pegando um livro, pego um outro. Sempre tô renovando. (...) eu não tenho condição de dar presente caro, essas coisas. O que eu posso dar é trazer eles (sobrinhos) prá ver livro né, pra tentar... Porque eu acho que vai ser bom pro futuro deles também, né.

Pesquisadora- Com certeza.

M- Porque eu sei né, porque igual à gente na minha casa, minha mãe super simples. Minha mãe não sabia ler nem escrever. Meu pai também não. Então a gente não teve esse hábito de ler e eu sei da dificuldade de hoje, né. Porque aí você não sabe conversar direito, você não sabe escrever direito. Na escola você não vai tão bem né. E o meu sobrinho mais velho, de 12 anos, ele é super tímido, então eu tento emprestar... sabe tem uns livrinhos que eu achei super interessante que é de... como que fala... De terapia sabe?! Prá ajudar na timidez, essas coisas.

Então eu tento procurar alguma coisa, fazer ele ler coisa assim, porque ele é super tímido. Então se ele não melhorar o intelectual dele, né, pra ele vai ser difícil depois quando ele ... Porque eu sei prá gente, né... Pra mim, pros meus irmãos... Prá trabalho, prá tudo né. Então é por isso que eu fico tentando sabe, incentivar eles a lerem. Aí o menorzinho gosta sabe, ele lê rapidinho. O outro já não tem...

Mas aí eu falo: Ó Mário, lê esse que é legal. Aí ele lê, mas sempre eu tô vigiando se ele leu ou não né. Mas eu sempre tô atrás.

P- Você reconhece a importância... Mesmo não tendo o hábito...

M- Isso, exatamente! Mas eu tenho...é engraçado. Sabe quando você quer ter aquele hábito de pegar um livro e ler. Eu não consigo, mas eu sempre tô com um livro. Se você olhar lá meu nome, tem uns “trocentos”. Mas eu sempre leio, só que eu não consigo ler o livro inteiro. Mas eu sempre fico pensando: com o tempo, quem sabe aquilo vai se tornar, pra mim né... No caso, acho que pra eles vai ser mais fácil né, mas pra mim de repente pegar um livro e ler inteiro, achar interessante. Porque eu não tenho esse hábito sabe?! (Marta)

P- Entendi. E o senhor tem hábitos de leitura?

An- Então o meu hábito de leitura é uma leitura profissional, né. Eu leio jornais né, não gosto de ler, né.... Mas assim, toda vez que eu posso, domingo de manhã, eu pego e abro um jornal. Mas assim a minha leitura ela é de trabalho. Papers, alguma coisa que aparece e que tem que ler e pra achar alguma solução pra alguma coisa.

P- Qual que é a profissão do senhor?

An-Eu sou engenheiro.

P- Então lê mais assuntos relacionados...?

An- Com a área técnica. E aí final de semana pra saber um pouquinho o que acontece com o mundo.

P- Ahã.

An- Agora o Romance... sempre foi mais difícil. Eu não tenho esse hábito de pegar um Romance pra ler é assim...Eu diria uma vez a cada cinco anos e olha lá (sorri).

P- Risos. Entendi.

An- Mas ela, talvez um pouco dessa falta que eu tenho, que eu não desenvolvi quando criança, aí assim todo dia ela tá aqui. (Ele interrompe para avisar a filha onde está, avisando que estava conversando comigo).

P- O senhor estava falando que não desenvolveu isso na infância.

An- Não, não, não. Não desenvolvi. Não por insistência dos meus pais, mas porque eu era um garoto que gostava muito da rua, né, e... não conseguia ficar sentado, quietinho num canto pra fazer uma leitura.

P- Mas seus pais liam pra você?

An-Não

P-Traziam à biblioteca?

An-Não, não. Minha mãe assim ela teve uma formação bem pobre, né. Então era no antigo Mobral, o antigo. Não sei qual é o termo que se usa hoje, mas ela se formou, fez a sua formação na idade adulta.

P- Ahã.

An-O meu pai fez até a quarta-série. Embora muito esclarecido, mas até a quarta - serie. Então não teve essa preocupação, ou podia até ter tido, mas não conseguiu implementar essa idéia da leitura.

P- Entendi.

An-Tanto que pra faculdade, pra universidade, ler os livros de Machado de Assis ... pra mim era um martírio.

P- Entendi. (risos.)

An-Acho que o único livro que eu gostei de ler foi “Capitães da Areia”. Foi o único. O restante foi tudo tipo...

P- Esse livro o senhor leu por incentivo de alguém?

An-Uma professora da...uma professora do nível médio. Tipo: Lê que é muito legal! E falou falou falou e esse livro eu consegui ler com prazer.

P- Entendi.

An-Mas foi muito difícil.

P- Entendi.

An- Agora difícil falar, Machado de Assis sei que é um grande escritor né, mas assim... era um martírio (Antônio).

***3.2- Impactos da escola**

Além do desejo de tentar fazer a diferença na vida das crianças em relação à leitura, os sujeitos deste Núcleo Temático destacaram a escola como grande impulsionadora que contribuíram para que se tornassem mediadores de leitura. Assim, o presente subnúcleo demonstra como a escola foi importante para introduzir, na vida das famílias, as práticas de leituras e incentivar a aproximação com os livros.

Pesquisadora- E porque que você começou a frequentar a biblioteca aqui?

Karen- Porque que eu comecei? Então, por causa disso aí. (Referindo-se a querer incentivar que a filha goste de ler, por perceber a importância da leitura). Além do incentivo da escola, da creche, que falava assim: "Ai leva o filho né!". Eles sempre incentivam mesmo né, bastante. Aí desde... Ela entrou a creche com um ano e meio.

P- É municipal?

K- Municipal! Muito boa! (...) Agora ela está na escolinha lá e a escolinha incentiva também. Desde a creche mesmo, quando ela era bem pequeninha eles incentivavam muito: "Ai leva pra ver isso, ver aquilo". E a gente achava bonitinho também, né. Porque a historinha, as professoras contando é muito bonitinho. Você também faz esse tipo de contação?

P- Sim.

K- Nossa é muito legal, é muito divertido ver.

P- E eles convidavam os pais pra participar?

K- Convidavam os pais sim, sim! Na agenda colocavam lá: "Vai ter! Leva seu filho que é muito bom". Então assim, acho que quando eu chegava sempre tinha um monte de criança que era da classe dela. Entendeu? (Karen)

P- E aqui vocês não levam emprestado, mas tem os da escola, né?

Su- É, tem os da escola que vem, né, toda sexta-feira, e que é ele que escolhe também. Então vem a pasta de leitura né, com músicas, poesias, receitas. Vem uma pasta cheia de coisas! Números, alfabeto. Vem todo final de semana a pasta e o livro que é ele que escolhe lá. Às vezes vem umas três, quatro semanas o mesmo livro. Aí a gente fala: Pietro, pega outro livro! "Ah, mas eu gosto desse!". Então, né, a gente deixa.

P- E ele tem preferência por qual história específica?

Su- É... ele trazia sempre, andou trazendo várias semanas, o Cachinho Dourados, mas é porque teve um teatrinho dele lá. Então chamou a atenção, né. Agora ele trouxe Peter Pan. Ah o Bambi também. Toda semana era o Bambi, Bambi, Bambi! E ele queria o DVD do Bambi. E a gente falava: Pietro pega esse livro. E ele falava: Mas eu gosto desse! Aí teve o teatro e ele começou a trazer do Cacinho Dourados. Agora essa semana ele já trouxe Peter Pan. Ele traz o que ele assiste às vezes. Ele gosta né.

P- E esse teatro que teve na escola vocês puderam participar?

Su- Não, foi só pra eles. Só que era a professora que fez. Ela era a personagem, os amiguinhos os personagens. Então ele veio contando, né... Como que tinha acontecido, igual a história mesmo né. Aí ele quis o livro né. (Susana)

Então eu acho que a Mariana e os meus filhos a gente pegou né, esse costume e vem vindo, vem vindo e eu leio para eles. Ele (aponta para o filho de dois anos) também vai na creche. Na creche tem dia de leitura, tem a biblioteca que eles vão lá, eles pegam os livrinhos, as professoras faz é... todo mês tem os dias de leitura. Então ela vai pro parque com eles, onde é assim tudo gramado...árvores... Aí eles ficam lá debaixo, escolhe o livro que eles querem. Eles ficam folheando. Os pais que querem ir lá pra ajudar eles a ler, ler pros filhos, podem.

Pesquisadora- Olha!

Vera- Então é tudo incentivo, né. (...) Hoje em dia, que nem antigamente não tinha, mas hoje em dia até a escola dá um livro por semana pra criança ler, quando vai pra casa. Que nem a Mariana, todo mês, toda segunda-feira ela pega um livro diferente pra trazer pra casa né. Na minha época já não tinha isso.

P- E o que você acha dessa prática da escola?

V- Ai eu acho muito boa, eu acho muito boa porque eles incentivam mesmo e eu acho que é por aí. Desde a creche. Da creche até a escola. Eu acho que tem que incentivar mesmo! (Vera)

*** 3.3- A importância do outro**

A colaboração de familiares, amigos e outros sujeitos para a aproximação dos adultos e suas crianças com o universo da leitura é abordada neste subnúcleo. De acordo com os sujeitos que compõem esta categoria,

peessoas próximas, consideradas leitores de sucesso, contribuíram para o reconhecimento sobre a importância de mediar a leitura para as crianças pequenas.

P- Mas teve alguém na sua vida, que você se lembra, tentando fazer esse incentivo à leitura?

S- Olha, na minha vida... (sorri) Eu acho que há pouco tempo assim, no meu trabalho, uma amiga minha. Minha companheira ali de, de mesa ali. Que eu sou recepcionista então ela que eu tava vendo que ela sempre lê, lê, ela gosta muito de ler! Então foi assim que eu... É porque eu acho, eu acho lindo isso, eu acho super interessante. Foi assim o que me...

P- Você acha lindo o que?

S- De ver uma pessoa pegar um livro e ler deste jeito. Porque assim, como eu te falei, eu acho que eu sou muito ansiosa eu não consigo me concentrar. E essas pessoas não. Elas tão ali. É como se tivesse vendo um filme mesmo, né. Eu acho super interessante. Mas do que eu era, eu até que leio bem mais. Já li alguns livros também. (risos) (Simone).

Vera- Meu marido gosta de ler. Eu não! Falo que por mim mesmo eu leio mais assim... jornal, revista. Ler livro eu já não leio. Mas revista, jornal essas coisas eu leio. Mas é... a leitura já vem da parte delas mesmo (referindo-se às cunhadas), que elas gostam muito de ler (...) Depois de agora, de casada, que a gente mora com minhas cunhadas juntos né. A gente somos em 8 em casa, então elas lêem, elas até fala pra mim: “Esse livro é muito bom!” Eu até tento lê, só que com ele pequeno, ele suga a gente. E quando eu vou ler é geralmente à noite.

Pesquisadora- Entendi. (...) E a primeira vez que você veio pra biblioteca, você lembra por que você veio, decidiu fazer a sua carteirinha?

V- A primeira vez eu vim com a minha cunhada. Que ela veio aqui pra... A Mariana queria um livro, daí ela falou: Ó vamos na biblioteca que a gente faz uma carteirinha. Aí eu lembro até hoje. Acho que veio eu, a Mariana, veio ela e meu sobrinho. Veio os quatro, não tinha o Bruno ainda (...)

P- E você vendo ela contar história para ele, desse jeito, usando algum objeto e tal, isso fez com que você também mudasse o seu jeito de contar história?

Vera- Ah, muda né. Porque daí a gente vê que é o jeito que eles gostam, né. Com objetos, né, com desenhos, né. Contando a história. Até nas partes quando ele vai fazer as necessidades dele eu tenho que estar lá no banheiro e ele fala: “mãe conta a história do João e Maria. Mãe conta a historinha do João”. Ele gosta até que eu invente a história. Aí eu sento lá e fico contando pra ele “Ah era uma vez o Joãozinho...” (Vera).

“Ana- Eu mesmo não tenho o hábito de pegar um livro e ler. Só se for por escola mesmo. (...) Mas a minha filha, nossa! Ela lê livros bem grossos assim sabe? (mostra a espessura com os dedos da mão, indicando um livro de muitas páginas). Esquece dela! Ela entra no quarto dela lá e assim fica lá lendo, lendo. Você vai procurar ela e ela tá lá. Nossa eu acho que a Ana Carolina até dormiu e tá nada. Tá lá.

Pesquisadora- E desde quando que ela tem esse interesse?

A- Ela desde pequena. Desde pequena. Ela gosta mesmo de ler. Aí acho que a Ana Carla (filha mais nova) via né, ela com a cara nos livros, aí a Ana Carla também pegou esse gosto.

P- Olha!

A- E eu fico contente porque eu e o pai dela já não é pra leitura. Mas a minha irmã é assim: igualzinha à minha menina de 15. Ela é advogada então ela assim... ela lê muito, muito, muito.

P- Entendi. E ela tem proximidade com essa tia?

A- Vixi. Todos os dias elas se falam por telefone, quando ela não vai lá. É madrinha dela! E ela sempre via a madrinha dela lendo. Final de semana a gente tá sempre junto e então ela via sempre a minha irmã estudando pra se formar né.

P- Ahã

A- E a minha irmã também no dia-a-dia lendo os livros, agora daqueles de Vampiros, como é que é? Crepúsculo...

P- Sei.

A-Aí ela também se interessou e (...) A Ana Carolina ela ... Ela falava. A Ana Carolina sempre foi gostoso de contar história. Ai ela falava pra mim: Mãe a minha amiga foi na biblioteca, você me leva? Você me leva? Aí eu falei: Ai qualquer dia a gente vai. Aí entrou as férias, ai eu peguei e trouxe ela. E ela ficou por ai, lendo um livro, lendo outro e ela foi pegando gosto. Aí a outra foi crescendo também, foi gostando também (Ana Luíza).

Pesquisadora - E como você ficou conhecendo a biblioteca?

Alice- Na verdade o Vitor queria ir à biblioteca e ficou me pedindo. Falou que tinha uns amigos que tinha vindo, falou que era super legal e ele ficou pedindo. Nós então fomos no prédio antigo, onde ficava a biblioteca no

tempo que eu frequentava. Era lá em cima, em frente à Câmara. Aí o moço falou para mim que fazia sete anos que a biblioteca tinha mudado de lugar!!! Eu não sabia, porque fazia muito tempo que eu não ia para a biblioteca. (...) Ele que pediu e eu procuro fazer de tudo que ele me pede e que eu acho que vai ser bom para ele. Essa questão do esporte, da leitura. Eu sempre incentivei. E ele estuda em escola particular, tem biblioteca na escola dele, mas ele falou que não queria aqueles livros. Ele queria alguma coisa diferente, pediu para conhecer a biblioteca e então nós viemos, porque aqui tem muitos livros e ele gosta muito de ler e não tem como ficar sempre comprando, comprando. Então aqui ele vem, pega, devolve, troca. É ótimo (Alice).

(Notas do diário de Campo)

Eu havia perguntado para Marta em uma conversa após a primeira entrevista se ela recorda-se da primeira vez que foi para a biblioteca. Ela relembrou que tinha um ex-namorado que lia muito. Era um rapaz que era viciado em ler e que sempre visitava a biblioteca, no horário do almoço. Como ele gostava muito de ler, tentava incentivá-la também. Então ela esforçava-se para ler os livros que ele emprestava-lhe, mas nunca conseguia concluir as leituras, pois não gostava. Lembra-se que uma vez ele levou para ela o livro da história da Coca-Cola, dizendo que ela poderia gostar, mas que nem assim ela se interessou.

Assim, suas primeiras idas à biblioteca aconteceram no horário de almoço, quando a biblioteca ficava no centro da cidade, local próximo do seu trabalho. A princípio ela apenas acompanhava este namorado e dizia não se sentir a vontade naquela biblioteca. Marta admirava este namorado, que para ela era muito inteligente provavelmente devido seu amplo interesse pela leitura. Ele versava em vários assuntos, e segundo ela, na loja onde trabalhava todos queriam que ele participasse do “Show do Milhão”, um programa do apresentador Silvio Santos com perguntas e respostas, pois todos consideravam o rapaz muito inteligente. Por isso, Marta admirava muito esta “devoção” do rapaz pela leitura e explica que isso deveria ser a causa da sua “inteligência”, de seu amplo conhecimento. Conversando comigo ela se dá conta de que ele foi então a pessoa que a incentivou a começar a frequentar biblioteca e tentar inserir em sua vida gosto pela leitura. Diz que a partir de então sempre tentou pegar livros para ler e tentou fazer isso com os sobrinhos, desde quando eles eram bem pequenos. A seguir um trecho de nossa primeira entrevista:

P- Quais são os livros que você tem pego ultimamente?

M- Eu sou muito assim...não tem aquele tipo de criança, tem lá também exposto (aponta para o expositor de livros). Lá na parte dos adultos também tem desses que indicam os livros.

P- Sei.

M- Aí eu vou muito nisso. Aí eu olho, bato o olho, vejo e é muito assim.

P- Ah! Os indicados.

M- Isso, exatamente.

P- Você sempre vai procurar pela lista de indicação da biblioteca.

M- Isso!

P- Sugestão.

M- Porque eu sou igual eles (sobrinhos) também. Eu olho ali, aí eu abro o livro. Se eu vejo que a historinha é legal, eu leio um pedacinho, aí se eu acho que vai me interessar, aí eu pego. Se não sabe, se for muito grosso também sou igual eles, eu já não pego porque eu sei que não vou ler. Então fico tentando sabe, eu também fico em cima de mim mesma, tentando pegar o hábito, ver se consigo.

P- Mas além do livro, você tem dificuldade pra ler outros tipos de materiais? Revistas, jornal, gibi...?

M- Não. Revista, jornal eu gosto de ler.

P- Você assina algum?

M- Não.

P- Tem hábito de comprar na banca?

M- Não. É que na... onde eu trabalho, que eu cuido de duas crianças, e lá no prédio eles dão jornal todo dia sabe?

Jornal de...jornal da cidade. Então todo dia eu pego, mas assim, não leio ele inteiro, só leio os pedacinhos assim. Mas eu pego todo dia.

Também na segunda conversa que tive com Marta, registrada em diário de campo, fica evidente a importância de presenciar a mediação de sua patroa com as crianças nos momentos da leitura, fazendo com que ela quisesse agir de forma semelhante com os sobrinhos, já que não teve filhos.

Anotações em diário de campo:

Durante a conversa Marta me falou do seu trabalho como babá, na casa de uma bióloga e um engenheiro, que são os pais das duas crianças de quem ela é baba. O mais novo é o João e tem 4 anos e o mais velho tem 7 anos. Ela conta que estas crianças gostam muito de ler e que tem muitos livros em casa. Segundo ela a avó das crianças presentearam-nas com a assinatura da revista Recreio, revista que eles gostam muito de ler. Ela lê para o mais novo, de 4 anos, e o mais velho já sabe ler sozinho.

Diz que a avó também comprou a coleção de livros do jornal Folha e que eles ganham livros todas as semanas e constantemente separam livros para doação.

Diz que eles gostam de ler até na hora da refeição e que eles pedem que ela leia, enquanto comem. Marta acha bonito este gosto que as crianças têm pela leitura e diz que tenta incentivar e fazer tudo que a patroa faz para os filhos, para seus sobrinhos. Disse que ao ver a Revista Recreio, há dois anos e meio atrás, desde quando começou a trabalhar na casa, logo pensou em assinar para os sobrinhos. No entanto, ao pesquisar viu que a assinatura seria mais de 500 reais e ficou impossibilitada de assinar. Ela conta que a sua patroa é uma leitora assídua e uma super mãe. Ressalta várias vezes que a mãe é muito afetiva com os filhos, lê muito para eles e que ao chegar em casa lê e brinca com as crianças, sendo muito participativa da vida das crianças. Marta fica admirada com o vocabulário das crianças, que falam como “adultos”, conjugando corretamente os verbos, falando corretamente o plural das palavras e reconhece que ela mesma fala errado e é corrigida, às vezes, pelas crianças. Marta contou-me que às sextas-feiras passa roupa na casa de outra família do condomínio e que nota a diferença entre as crianças. Conta que na casa desta outra família as crianças que tem praticamente a mesma idade nunca lêem, conversam pouco e parecem ter uma fala mais infantilizada. Diz que apesar da instrução dos pais (a mãe é médica e o pai psiquiatra), eles parecem dar pouca atenção para as crianças, diferente da outra família. A casa também é muito diferente. Na casa onde ela trabalha como babá, as crianças têm brinquedos e livros espalhados e tudo está em constante movimento, percebendo-se claramente a presença de crianças na casa. Na casa dos médicos, no entanto, tudo é organizado, com uma decoração sofisticada e impecável e não se percebe o movimento das crianças, que brincam mais com os tablets. Assim, Marta diz que é muito clara a diferença entre as crianças, e para ela o convívio com os pais e a presença dos livros é fundamental para explicar a diferença nas crianças. Ao tocar neste assunto da importância da mediação dos pais, ela relembra de uma situação da infância. Conta que quando o irmão dela tinha uns 9/10 anos ele trazia alguns livros da escola para casa e mesmo já sabendo ler, pedia para que a mãe lesse as histórias. Entretanto, a mãe era analfabeta, mas mesmo assim o irmão pedia que a mãe “lesse” e diz que ela olhava as figuras dos livros e inventava histórias. Disse que a mãe dizia mais ou menos assim: “Não sei porque ele fica inventando isso. Eu não sei ler, porque fica trazendo livros para eu ler?”. Mas para Marta, na realidade o irmão queria o carinho da mãe dele, assim como das outras mães que liam para os filhos, como os amiguinhos de escola. Então, Marta diz que se tivesse tido um filho faria tudo isso que a patroa faz para os filhos dela, porque ela vê que isso faz diferença na vida das pessoas. Ela diz que infelizmente não teve o incentivo para a leitura em casa e que a escola também nunca fez nada para contribuir, mas lembra que quando estava na terceira série teve sim uma história interpretada pela professora que marcou, mas que foi uma única vez, uma história bem “bobinha” que ficou na memória.

Diz ainda que tentou fazer com os sobrinhos, mas que eles eram preguiçosos e que foi desistindo, porque a família em si não colaborava. Ela fala novamente da importância da Beatriz, funcionária da biblioteca, que a auxiliava na escolha dos livros. Diz que o livro que os meninos mais gostaram de ler foi “Capitão cueca”, indicado por ela e que os meninos gostaram pois eles liam e no final escolhiam o desfecho. Se queriam o final A, pulavam para a página X. Se queriam o final B, pulavam para a página Y(...) (Entrevista com Marta e trechos de diário de campo)

Núcleo 4- Importância da biblioteca para as famílias

Este núcleo reúne as verbalizações sobre a importância da biblioteca para as famílias. Os enunciados revelam as razões iniciais que fizeram com que as famílias iniciassem uma relação positiva com a biblioteca, bem como os motivos pelos quais consideraram importante manter a frequência ao longo do tempo. Para elas, a biblioteca contribui para constituição dos adultos e das crianças como leitores, oferece ampliação de repertório de leitura e possibilita vivências afetivas ao oferecerem atividades diversificadas para as famílias, além de ser um espaço confortável e aconchegante para a leitura, como se observa nos subnúcleos a seguir.

***4.1 Ampliação do repertório de leitura**

Este subnúcleo traz enunciados dos sujeitos que indicam a importância de participar da biblioteca para ter acesso a um diversificado acervo de leitura. Os sujeitos frequentadores da biblioteca demonstram-se encantados com a variedade de livros apresentados ao público adulto e infantil, além dos gibis, revistas e jornais.

Para muitos deles, é difícil a aquisição constante de livros, por motivos econômicos e, por isso, a frequência à biblioteca é fundamental para proporcionar às crianças materiais diversificados.

L- Assim. A minha filha mais velha ela é viciada em livro. Viciada em tudo que é livro. Então (risos) acabou é... ela desde pequeninha ela aprendeu a ler muito rápido. E ela gosta de ler! Ler é a paixão dela. Então ela ama. E... assim, ficar comprando sempre não dá. Compra e depois fica lá. Compra fica lá. Não dá. Então falei assim: Ah Lídia, vamos procurar uma biblioteca. Como tô lá perto todo dia, a gente vê e procura pra Luana alguma coisa também pra ela. E foi assim que a gente começou a vir né. Como eu tava aqui toda semana.

P- Você faz curso né?

L- Isso. E minha filha também. Como eu faço curso, vamos aproveitar que tá aqui do lado.

P- O seu é curso de informática?

L- Inglês! O da minha filha que é de informática.

P- Você vem aqui toda segunda-feira? Eu já te vi várias vezes aqui!

L- Eu venho, nossa! Eu venho na segunda e na quarta. Venho fazer o curso de inglês e venho na terça também trazer ela pra... pro Núcleo de Apoio à Aprendizagem. Que ela já teve um pouco mais de dificuldade né. Apesar de não se comparar filho com filho... Mas a outra aprendeu a ler com cinco anos. Com cinco anos ela já lia. E ela aí, agora que tá começando a ter interesse, de tanto vir aqui (Lúcia).

Porque aqui tem livros que eu não posso comprar, né. Então aqui tem muito livro que eu não posso comprar, então aqui ela tem muito mais variedade, né. Pra ela escolher o livro que ela quer ler (Vera).

K- Em janeiro que fiz a carteirinha porque não tinha antes. Eu comprava livro como eu falei pra você. E eu gosto de comprar livro, só que como também a prateleira tá cheia também, é bom dar um tempo! Porque depois tem que comprar mais prateleira (risos). E o quarto também não vai suportar né. E agora recentemente eu descobri que ela tá com alergia, ela tem alergia de poeira, então além de colocar os livros, eu tenho que tá sempre limpando, então melhor reduzir um pouco a quantidade. (...)toda vez que eu venho eu pego um livro pra ela né. Eu pego os livros. São seis, toda vez que eu venho. Todos os livros que eu levo ela fala: Nossa adorei esse, adorei esse, adorei esse. Então ela gosta, todos que eu levo (Karen).

P- E aí você me falou que a Helen tem vários livros em casa...

M- Muitos.

P- E mesmo assim, porque que você acha importante trazê-las pra biblioteca?

M- Socialização. Aqui ela tá tendo contato com crianças que ela nunca viu antes, então, por exemplo: o livro, o brinquedo, na oficina, o material da oficina. Existe um acordo: um pouquinho pra mim, um pouquinho pra você né, que ela não tem sempre com alguém estranho. Então eu acho que é importante.

Como eu falei, eu quero começar a introduzir o hábito de frequentar a biblioteca. Ela já tem 5 anos, em novembro ela faz seis, aí a gente vai começar os empréstimos. Antes disso, vamos apresentando o ambiente né. E aqui ela tem acesso a livros que ela não tem em casa. Eu tenho muitos, mas os daqui são diferentes! (...) Criança tem muito apego, né, elas querem sempre a mesma história. Então às vezes eu compro um livro diferente pra ela se interessar por uma história diferente. Então é esse também o intuito de vir aqui. Como tem muitos livros diferentes, ela vai variar um pouco de histórias. Não ficar sempre nas mesmas. E em casa, ela tem muitos livros das princesas da Disney que ela adora, então toda vez que vai na livraria ela quer um, aí a tia traz, o tio traz. Aqui você pode olhar nas prateleiras (aponta para o espaço em volta), acho que não tem nenhum da Disney. Então tirar um pouco, descolar dessa... Ela tem outros livros que não são da Disney, mas ela tem a preferência, que é uma coisa da idade, pelas princesas.

P- Aha.

M- Aqui não tem! Tenho certeza de que na biblioteca deve ter, mas o que está exposto não é da Disney. Então apresentar pra ela um universo que vai muito além do que ela conhece, do que vem mastigado pela mídia! Vamos combinar que a Discovery Kids, a Discovery nem tanto, mas a Disney Jr. é o tempo inteiro as princesas, as princesas, as princesas. Cansa né. Ela acha que ela é a princesa, ela acha que a gente vai mudar para um castelo (risos). Tudo bem, fantasia é bom, mas vamos por a realidade também no mesmo pé né.

P- Sim. E os livros aqui são bem variados, importante ter...

M- Eu até falei pra ela ontem, ela estava desenhando uma galinha e ela falou: Mãe eu vou fazer uma galinha quadrada. Aí eu falei: Ai que legal. Então faça uma galinha quadrada que amanhã eu vou te mostrar a galinha roxa e quadrada. Ela olhou pra mim e falou: como assim mamãe?

Aí eu falei: tem um artista, aqui em Jundiá, que ele criou um livrinho que a principal personagem é a galinha roxa e quadrada. Além de quadrada ela é roxa. Ela disse: Não acredito que isso existe mamãe! (fala com voz de espanto!)

Agora estava procurando, ver se eu acho. Pedir pras moças, pra mostrar pra ela (Marcela).

C- É. Ele veio na biblioteca com a escola. Daí ele amou. Ele falou: Mãe a gente tem que ir lá, eu tenho que te mostrar tudo que tem lá. Falei: Qualquer dia a gente passa. Aí hoje eu levei ele na Ateal (Instituição que atende crianças com deficiência auditiva) e quando eu voltei ele falou: "Aí mãe, vamos entrar na biblioteca pra eu mostrar pra você!". Aí entrei, elas falaram: "Vamos fazer a carteirinha então, que você pode pegar livro aqui! Vem sempre com ele!" Como ele gosta, ele sempre gostou de ler, aí fiz.

P- E faz tempo que ele veio com a escola?

C- Não. Semana passada ele veio com a escola.

P- Ah, e olha que interessante. A senhora já se disponibilizou a vir com ele.

C- É... É.

P- Interessante. E por que que a senhora achou importante vir com ele pra biblioteca?

C- Porque a leitura é importante né. Quando você lê mais, você descobre mais, você aprende mais. Então. E a gente em casa não tem tanta disponibilidade de livros né. Na biblioteca tem uma infinidade. Então é bem melhor. E é um espaço prazeroso também né. (...)

P- Com certeza. E você tá gostando então desse espaço que você não conhecia?

C- To. Muito bom. Não conhecia. Que a gente não é de Jundiá. Nós somos de Santos. Faz pouco tempo que eu moro aqui, então nem tudo de Jundiá eu conheço. E eu nem fazia idéia que a biblioteca ficava aqui. E ele que veio com a escola e falou: “Não mãe, vamos lá que é muito, tem muito livro, muito livro!”. Então vamos lá ver!

P- Risos. Nossa eu fiquei surpresa porque esse dia chuvoso né, imaginei que eu não fosse encontrar ninguém aqui na biblioteca. Fiquei feliz de encontrá-la.

C- Ah, mas é gostoso dia de chuva. Chovendo é uma delícia ficar na biblioteca (Cida).

Eu não tive isso né, então eu acho que é importante. Eu gosto de ler né. Eu lembro que na minha época a gente comprava livro nessas banquinhas que era Sabrina, Júlia. A gente não tinha essa facilidade que a gente tem hoje. Hoje você baixa o livro até pela internet, o que pra mim já não é a mesma coisa também, porque eu gosto de folhear. Mas quando não tem opção eu faço. Se eu to num lugar isolado, se eu viajo...

(...) Então eu não tenho essa facilidade de tá comprando um livro assim. Então na biblioteca eu vinha, emprestava, tinha mais opção. Por isso que passei a frequentar. Então minha filha tem 17 anos e a gente sempre fez isso, desde os 3 aninhos. No começo era assim... aqueles livros mais assim... de sentir mesmo né, que não dá pra contar uma historinha legal, mas só aquela coisa mesmo de pegar. Então acho que já fazem uns 12 anos que eu venho...Que a Fernanda tem 17. Acho que de frequência mesmo acho que sim. Porque desde quando era na rua do Polytheama. Faz muito tempo. E de lá passou pra cá, pra casa da cultura, e agora veio pra cá. O espaço mais gostoso é esse (...)

P- Entendi. E aí você vem aqui nessa biblioteca com qual frequência, pegar livros emprestados?

E- Duas vezes por semana. Se a Manuela termina de ler o livro dela antes a gente vem antes. Se não a gente espera...Ela vem, folheia outros ...

Agora mesmo ela acabou de entregar um que ela leu em três dias. Aquele “O mundo de Judy”. Ela gostou muito! Daí ela veio pegar a sequência. Mas a gente sempre tá vindo. Mesmo que não vai levar nada. Vem, dá uma folheadinha. Sempre tem uma revistinha. Eles gostam de jogar xadrez também, que tem ali no fundo né, nas mesinhas. Então eles gostam (Eliana).

P- E depois que vocês passaram a frequentar a biblioteca você sentiu alguma diferença na Kelly? No relacionamento de vocês?

K- Sim. Ela nossa, ela adora. Na verdade ela...Como ela gosta sempre de ler muito livro ela: Mãe, lê o livro! Quase toda hora ela quer ver o livro. E a gente não tem esse tempo no dia-a-dia. "Não Kelly, é só a noite, antes de dormir!" (imita como se estivesse conversando com a filha). "Ah mãe, mas lê esse livro aqui. Eu quero ver essa história!" (Imita a filha). (...) O jeito de falar também acho que muda um pouco né. Escuta a gente lendo, falando, ela fala melhor entendeu?Então acredito que tem a ver com: a leitura né (risos). Não é verdade?! (Karen).

***4.2 Ambiente favorável para a constituição do leitor**

Neste subnúcleo os sujeitos mencionam a importância de estar com as crianças na biblioteca que, segundo eles, oferece um ambiente favorável para os leitores, por ser aconchegante para a leitura e estimulante para a familiarização das crianças com os livros. Além de valorizar os espaços destinados aos leitores e aos livros, revistas, jornais e gibis, frequentar a biblioteca tornou-se importante para as famílias devido à interação das suas crianças com as demais crianças, leitores e funcionários da instituição.

Em todos os depoimentos, as famílias foram unânimes ao definirem a biblioteca como um espaço atraente e confortável para o leitor.

P- E porque você passou a frequentar a biblioteca?

S- Em primeiro lugar é... por tá dando valor mesmo ao estudo, à leitura. E também pelo espaço aqui. Eu acho ótimo, ela gosta. A Vitória gosta muito de tá vindo aqui, de participar. Que aqui tem os brinquedos, estes livros diferentes, então eu acho que isso também, esse espaço já é um incentivo. Eu acho assim, no meu modo de ver.

P- Sim.

S- E pra ela tá tendo esse gosto mesmo pela leitura, né. Que é importante, né.

P- Com certeza. E vocês lembra como que foi a primeira vez que você veio com ela, qual foi a reação dela?

S- Então, ela já gostou, como eu te disse, aqui do espaço. E daí ela queria pegar todos os livros. Ela queria ver todos e no momento eu já li vários livrinhos pra ela, aqui mesmo, né.

P- Ahã.

S- E...aí ela falou: Vamos levar esse mãe. Vamos levar esse, né. E foi bem legal assim. Foi interessante (Simone).

P- Com certeza né. E como é que você se sente aqui, nesse espaço?

E- Ah, é muito gostoso. Eu falo pra minha filha. Ela tem dezessete e agora já não vem mais, com tanta frequência como vinha antes né. Ela compra mais, trabalha e também estuda né. Final de ano com as provas todas aí. Já não vem tanto, mas ela lê. Eu falo: Você ta perdendo, porque não reserva uma horinha, lá é tão gostoso. Porque aqui é um espaço tão confortável, né. Tão gostoso, você se sente bem. É bem confortável. Não tem como descrever assim, a sensação de estar aqui, folhear um livro. Em casa não, você pára pra atender o telefone, pára pra fazer um serviço. Aqui não, é um momento que você tira pra você, né (Eliana).

P- E você frequenta a biblioteca ou é a primeira vez?

M- Desde sempre. Acho que desde os doze anos, quando minha mãe começou a deixar eu pegar ônibus sozinha.

P- Entendi.

M- Eu frequentava a biblioteca no prédio antigo, com muita assiduidade, depois dos 14 anos. Aí quando eu entrei na Unicamp eu parei de frequentar essa biblioteca de Jundiaí, porque não se compara à biblioteca, às bibliotecas da UNICAMP.

P- Sim.

M- E agora que eu não estou mais indo pra Campinas eu voltei a frequentar aqui.

P- Entendi.

M- Até por conta das crianças.

P- Você veio pra pegar livros pra você ou já foi mais específico mesmo pro setor infantil?

M- Hoje eu vim por causa do setor infantil e por causa da contação de histórias. Que a Helen agora está com 5 anos, é a fase de alfabetização. Então eu acho que é importante nesse momento introduzir a biblioteca, a frequência da biblioteca na vida dela! (...) É um espaço maravilhoso. Amplo, iluminado, ele é muito confortável. Não vou dizer que ele é acolhedor, porque ele tem essa amplitude e a amplitude e o acolhimento eles brigam um pouco, mas é um espaço confortável. Um espaço confortável principalmente pras crianças. Esse nicho que eles fizeram aqui ficou muito agradável (Marcela).

P- E o que você achou desse espaço da biblioteca?

Débora- Bem legal. Pelo menos eu venho de uma outra cidade e a biblioteca lá era completamente diferente da daqui. (risos)

P- Como? Em que sentido?

D- Aquela coisa mais tradicional né. As prateleiras com livros, umas mesas e só, né... Não tinha nada de brinquedo, coisa assim pra incentivá-los a ter o hábito. Aqui elas vêm, elas pegam o livro, elas brincam quando cansam dos livros. Aí volta e pega os livros de novo. É muito gostoso (Débora).

Eu acho importante pra ela conhecer o espaço, pra ela se sociabilizar, porque tem outras crianças aqui também, tem jogos! Pra ela conhecer mesmo os livros e pra ela pegar gosto pela leitura, que eu acho que é fundamental! (Nathália)

Eu acho esse ambiente muito gostoso e acaba estimulando né. Ela vê os outros lendo, ela vê a quantidade de livros e é gostoso né (Fabiana).

E o que você está achando desse espaço?

Z- Ah, eu tô gostando. É bem interessante, o espaço é bem interessante pras crianças. Tem atividade né. Eu vi que de sábado tem atividade, tem histórias contadas né, pras crianças.

P- Isso.

Z- Quando eu vinha, eu já via que tinha também, né. Tinha sempre uma turminha com umas crianças e um...uma pessoa fazendo teatro pras crianças.

P- Ahã.

Z- Sempre queria trazer ele. Tava esperando ele pegar uma fase que entendesse um pouquinho mais e agora ele já tá com seis anos.

P- Sim.

Z- Agora é a melhor fase. Daqui pra frente, né. Colocar isso, porque hoje em dia é poucas crianças que se interessam (Zilma).

Eu acredito assim que a criança desde pequena tem que tá envolvida nesse contexto, né, pra que ela aprenda, né. Então assim, se elas não vierem, a gente não incentivar, eles não vão ter esse conhecimento. Então eu acredito assim. (...) Porque eu acredito assim que é uma educação. A gente não educa criança? Tudo é um hábito, é uma educação. Então leitura, cultura, também é uma educação, né. Então eu acho que isso também faz parte, da família, né, oferecer aos filhos.(...) Eu acredito nisso, né, e elas são assim super habituadas. Sempre vêm. Quinzenalmente nós estamos aqui, se não for semanalmente, né. Então já é um hábito... (Sônia)

P- E o que a senhora acha da biblioteca, desse espaço?

M- Fantástico, fantástico. Eu acho que é muito importante, muito mesmo. Está bem organizada, bem estruturada. Muito, muito bom mesmo! (...)

P-E eles tem acesso a material escrito em casa? Livros, gibis, revistas?

M- Tem, tem sim.

P- E porque que a senhora acha importante trazê-los aqui? De sábado? Hoje no dia das crianças?

M- Por que eu acredito que além da leitura, a questão do contato, da sociabilidade, a interação com as outras crianças. Você percebe, por exemplo: a Ana estava bem tímida e agora já se enturmou com as duas pra brincar. Então acho que é um ambiente muito sadio, quanto mais a possibilidade da frequência, melhor!

P- E pra selecionar os livros quando eles vão escolher livros pra levar pra casa, a senhora já pediu ajuda pra algum funcionário da biblioteca ou não? Eles escolhem?

M- Não. Eles escolhem por eles mesmos. Eles... Normalmente essa daqui (a mais velha) dá umas dicas. Mas eles têm autonomia pra escolher sim! (Marisa).

Aí eu vim aqui na biblioteca pra estudar. Pegava um livro, pegava outro, aí depois quando veio a internet, eu vinha pra usar a internet. Eu não sabia muito bem. Aí depois quando a Mara nasceu, que eu já sabia mais ou menos, aí eu comecei a trazer ela sempre.

P- Entendi.

L- Pra poder tá usando, vendo os livros, usando mais brinquedos. Porque não tem em casa né, pelo menos ela brinca aqui com os que é mais difícil de achar.

P- Ahã.

L- Aí eu sempre trago ela.

P- Entendi. E elas têm interesse de vir aqui?

L- Tem! No começo assim quando eu falava elas não entendiam. Depois que ela foi vendo o espaço dela, os livros assim que elas quer escolher, aí deixo escolher. Os brinquedos por causa que é novo, que é novidade. Aí agora quando eu falo de vir elas não reclamam não. Elas até me chamam agora.

P- Risos

L- Elas gostam.

P- Entendi. E como que você se sente aqui nesse ambiente?

L- Ai eu gosto. É um... um lugar que eu acho que eu procuro e me desligo assim, sabe?!

Eu vou ler um jornal, tem vez que eu trago ela, assim... não tenho nada em vista, mas eu acho uma revista que tá falando de um assunto que me interessa. Então quando eu não tenho nada pra fazer eu falo: Ah não tenho nada pra fazer, deixa eu ir pra lá pra Argos. É assim. Eu já não gosto de ficar em casa (Luzia).

P- Como você conheceu esse espaço?

D- Foi através da minha mãe. Ela tem o costume de vir aqui pra locar os livros. Daí ela falou que tinha agora um espaço legal pra criança e perguntou se eu não queria vir. Aí eu achei que elas iam gostar e elas quiseram vir.

P- Entendi. Então foi por incentivo da sua mãe?

D- Foi. Ela tem o hábito da leitura, gosta de ler!

P- E você, tem esse hábito também?

D- Não. Eu não tenho, estou tentando resgatar, mas ainda não tenho.

Vamos ver se nós três juntas vamos começar a ter! (risos)

P- Legal, legal. E você veio a primeira vez para uma contação de história também ou foi...

D- Foi. Foi para uma contação de história também!

P- E o que que você está achando de participar da biblioteca e desse momento?

D- Eu to achando importante, porque primeiro que elas interagem com outras crianças, de outras pessoas e eu acho que assim elas vão pegar o gosto mesmo. Tanto de sair de casa para uma atividade mais cultural, quanto pelos livros, pelas histórias também.

P- Entendi.

D- Porque hoje em dia é muito em cima da televisão, televisão, televisão e elas são viciadas em televisão, então eu queria ver se elas se interessam por outras histórias que não seja da televisão (Daiane).

P- Faz quanto tempo que vocês frequentam a biblioteca aqui?

An-É... basicamente finais de semana desde os 4 anos de idade dela.

P- Olha que legal. E vocês têm a carteirinha?

A-A Maria Eugênia tem a carteirinha, mas fica com a mãe dela.

P- Entendi. Mas ela empresta livros desde esses 4 anos ou não?

A- Não emprestar livro não! O que eu faço é ler com ela aqui né. Levar para casa não é um hábito meu.

P- Entendi.

A vida é meia corrida, sabe?! Assim, quando eu dedico pra vim pra biblioteca é pra ler um livrinho, pra ela ter uma interação com as crianças.

P- Entendi.

An- Pra escutar a contação de história que tem final de semana aqui.

P- Sim.

An- Então é assim: o momento da biblioteca!

P- Entendi.

An- Agora a escola estimula também ela a pegar livrinhos e tal aí ela encara mais como uma lição né. Aqui não. Aqui é uma brincadeira.

P- Entendi. A escola pede alguma atividade então referente à...

An- Pede toda semana ela pede que ela leia um livrinho, da idade dela, pouca coisa assim.

P- Sim. E aí pede uma tarefa ou não, é só a leitura?

An- Então, esse ano começou assim: ela lê e é sorteada alguma pessoa na sala de aula pra contar o que leu. Começou agora só né. Antes não tinha isso.

(...) Pra mim assim, ela tem que identificar o local que ela se sinta bem pra ler, brincar. Isso de uma maneira mais calma né. E que ela saiba que tenha livros, que ela possa ter o momento dela de uma maneira diferente. Sem ser aquela coisa, aquela agitação né. Com crianças e tudo o mais. Então eu trago ela sábado de manhã, né. E aí no sábado de manhã ela vem, desenha, pinta, conversa com os amiguinhos. Eu pego um livrinho, leio pra ela, bem simplesinho, né, nada que force. E aí eu pego e vou com ela pra algum outro canto (...)

P- E como se o senhor se sente nesse espaço aqui?

A- Eu me sinto bem porque assim, enquanto ela brinca, eu posso ler o meu jornal, né. Eu também tenho o meu "tempo" entre aspas né.

P- Entendi.

A-Eu sei que é um lugar que não tem perigo. Uma coisa segura. Me sinto tranquilo aqui pra poder também ler um pouquinho né.(...) O espaço é muito gostoso, né! Embora desde a outra, mas aqui ficou muito agradável (Antônio).

E como que você se sente aqui na biblioteca?

V- Ai, aqui eu acho muito bom, porque é muito calmo, tem uma paz assim... grande. Então acho que é tranquilidade, dá pra gente procurar as coisas com tranquilidade, sem pressa né. Eu gosto de trazer eles aqui. Até pra... pra eles se acalmarem também né. Pra lidar com outras crianças né, se misturar um pouquinho, pra não ficar só no mundinho deles também né.

P- Aha. E o que que fez você começar a vir pra biblioteca com essa frequência?

V- A Mariana! Por causa dos livros que ela gosta de ler. Então é... através dela, ela... a gente vem sempre mesmo pra... Quando meu marido não vem, eu venho de ônibus né, e trago ela. Ela escolhe os livros e lê. E ela gosta de xadrez, ela senta ali com o pai dela, brinca de xadrez.

P- Que graça. Que bom!

V- Então é através dela mesmo. Acho que ela é o incentivo maior né. (...)

V- Então é uma coisa que eles gostam. Não é um... uma tortura, obrigação... É uma coisa que eu falo: "Ai eles não gostam de ler!". Não! Eles gostam mesmo de ler! Eles gostam mesmo! A Mariana, ele... Então eu fico muito feliz em saber que eles gostam disso né. E é pro futuro deles mesmo, não é pra mim.

P- Sim

V- É pro futuro deles. Então eu procuro trazer mesmo pra biblioteca, na escola e com frequência (Vera).

E é gostoso, porque daí tem as pessoas que te ajudam. Às vezes você quer ler alguma coisa, mas não sabe nem o que é. Mas de repente você comenta com a bibliotecária e ela vem te ajudar: “Olha a gente tem esse”. Porque elas sabem, né. Às vezes a gente vê só aqueles volumes, né, que são muitos. Mas como é o trabalho delas, elas já conhecem mais ou menos. E é até bom que a gente tá sempre aqui, então ela já sabe mais ou menos a leitura que a gente gosta mais, indicam uma coisa ou outra. Isso é importante também, né. (...)

P- Que legal. Bom... E pra você porque que é importante trazer as crianças aqui pra esse espaço da biblioteca? Qual que é o significado que você vê?

E- Eu acho que hoje a criançada tá muito perdida. Esse negócio de hoje internet, jogo... A criança quer sentar no computador eles não que entrar num site educativo. Meu filho mesmo tem dificuldade de aprendizagem. Eu deixo ele jogar, não vou dizer que não deixo. Só que assim, ele tem que reservar um tempo dele pra ele entrar naqueles sites onde ele vai aprender a montar as palavrinhas, sabe?! Vai brincar de forca, sabe? Que vai estimular ele a aprender. Porque ele tem um pouquinho mais de dificuldade e hoje em dia a gente não vê isso. As crianças vão em casa pra brincar e elas não querem brincar de carrinho de rolimã, bolinha... Elas querem sentar no computador e um só lá, revezando aquilo. Então eu acredito que a criança perde muito da infância. E eu não tinha isso. E a gente era tão gostoso. A gente brincava com coisas diferentes. E eram simples assim. Nos tempos de hoje são coisas simples e até bobas, mas que marca e faz a diferença e eu acredito que ajuda a gente a construir assim uma cabecinha legal deles né. Dar valor a dividir o brinquedo com o amigo, emprestar sabe. Dar a oportunidade pro outro. Ensinar uma brincadeira diferente. Igual hoje em dia a escola tá resgatando isso. Jundiaí tá até com um projeto agora onde as crianças brincam de pé na lata, sabe? Aquelas pernas de pau. Aquelas brincadeiras de antigamente. Acho legal, porque eles têm oportunidade de ver o novo, mas também tem a opção de ver o velho, que é aquelas brincadeiras que fazem realmente falta até para interagir né. Eu acho importante

P- Entendi, e aqui na biblioteca você acha que tá resgatando isso?

E- Ah, com certeza, porque aqui eles vêm. A Manuela e ele se divertem. Aprendem...

Tem essa bibliotecária que é uma gracinha!

Pesquisadora- A Beatriz?

E- Isso. Ela que tá sempre... Ela que mostrou pra Manuela um livro...Que a Manuela já passou daquela fase de ver quadrinho. E eu não tinha percebido isso, né. Porque eu como mãe me falta algumas coisas que outras pessoas, que tão próxima, tem que me ajudar também, né (risos). Tem não, né, é que às vezes tenho sorte e me ajudam.

Aí ela já mostrou para a Manuela um livro diferente. Ele já não tem mais tanto quadrinho, já é mais sabe ... aquela história. E eu não tinha percebido que a Manuela tem essa facilidade sabe, de guardar, de montar as coisas. Que pra mim ela é criança, né. Só que não, ela já tá naquela fase que ela gosta de um livro um pouco maior, de umas histórias mais inteiras, sem ter... a fantasia né

P- Sem ter tantas ilustrações...

E- Isso. Eu achei legal. Essa foi a primeira vez que ela leu e ela já quer ler a sequência. E as bibliotecárias elas se preocupam em falar: olha, tem gente olhando os espaços da biblioteca. Agora vai servir o lanche pras outras escolas. Quer dizer... são coisas assim que ajudam a gente, né. Elas falam: Oh, tem que ficar quietinho porque senão vai atrapalhar o amigo. São coisas que não é só a gente como mãe que tá cobrando. O brinquedinho lá no espaço. Porque tem dia que eles não querem ler. Querem mesmo aproveitar o espaço. Daí vão lá, brincam. Aí ela fala: Olha tem que arrumar. Eu falo: Igual em casa. Brinca, mas depois tem que ajeitar tudo no lugar. São coisas que é legal. Que eles também têm que aprender a se organizar, né. Eu acho importante. (...)

P- Entendi. E você falou que a Beatriz é uma graça, né. Por que você...

E- Porque assim, eu acho que é diferente quando você faz uma coisa que você gosta. Você se entrega realmente. E ela se preocupa. Porque quando eu venho só ela fala: “Cadê minha amiguinha?” Sabe?!.

Eu falo pra Manuela e a Manuela fica toda toda. “Ai mãe eu vou semana que vem”.

Aí ela vem, ela atende a Manuela bem, com carinho. A Manuela chega e a primeira coisa que ela faz é ir abraçar ela, dar um beijinho nela. “E aí, você separou alguma coisa pra mim?”

Daí geralmente ela já tem alguma coisa em mente. Daí ela já oferece um livro. Igual agora ela já tá separando a sequência. Tá vendo! (mostra os livros que a funcionária havia acabado de separar e entregar durante a entrevista).

P- Que legal. Entendi.

E- Então ela tá sempre se antecipando, né. E quem não gosta de se sentir querido, né? A Manuela fala: “Poxa mãe, ela pensou em mim né mãe”, porque ela separou o livrinho pra mim. Então ela já faz toda uma diferença, né.

Porque eu gosto que ela leia, mas tem que ser prazeroso, né. Eu vejo isso nela hoje. Que ela realmente tem prazer em vir, escolher um livro. Ai ela comenta com a professora. A professora às vezes dá idéia pra ela. (...)

P- Entendi. Então você acha que ela é bem atenciosa aqui.

E- Muito (Enfatiza a palavra durante a pronuncia). Muito. Até meu filho que é danado ele fala: A amiguinha da Má ela também “me gosta”. Ele fala! Só tem sete aninhos. “Ela também me gosta. Ela separou esse!”(imitando o

filho). Tá vendo. E é importante, porque assim, antes era só eu, porque o pai dele não tem esse hábito de ler. (...) Agora quando tem outra pessoa, fica mais gostoso também, né. Porque é um trabalho. Eu acredito. E é importante. (...)

(Durante a entrevista, a funcionária da biblioteca deixa alguns jornais – Suplemento do Jornal de Jundiaí para as crianças “Jotinha” - com atividades diversificadas).

E- Tá vendo, olha o cuidado! Ela semana passada separou todas essas coisas pra gente. A Manuela foi, deu pros amiguinhos, deu pra professora!

P- Que legal.

E- É gostoso. É gostoso você se sentir também acolhido. Tudo fica mais prazeroso. Que se é um lugar que as pessoas tão carrancudo, aí bravo, você já... ixi não dá nem vontade né. Teve épocas que era assim, não vou dizer que não.

Mas se o negócio flui com mais facilidade, se sente melhor, tudo é mais gostoso né. Agora parar de ler é difícil. Eu gosto (Eliana).

P- E a senhora falou agora da Beatriz, né. Como se sente aqui na biblioteca quando vem, encontra com a Beatriz?

M- Nossa, eu adoro! Nossa ela é um amor, porque ela dá bastante dica de livrinho. Que teve uns livrinhos que ela mostrou que eles adoraram! Eu levei pra eles, nossa eles adoraram! (...) Mas nossa eu adoro a Beatriz. Porque ela é...Ai sei lá. Ela tem um jeito assim sabe?... Acho que você vai conversando com ela, ela fala: Ah não, você tem que incentivar mesmo, pega uns livrinhos de piadinha, umas coisas pequenininhas que aí ele vai gostando e nisso ele vai aumentando, né. É isso que eu vou fazendo. Mas eu adoro vir aqui, nossa! (...)

P- Você se sente como, estando aqui na biblioteca?

M- Ai, não sei te explicar, mas nossa eu adoro! Nossa e eu gostava...Antes eu vinha sozinha e vinha lá naquela parte. (Indica o setor dos adultos). Mas eu tô gostando tanto, não sei se por causa da Beatriz também, né, faz a diferença, né. Ela vem, conversa, você fica tão à vontade que nossa, parece que você se sente em casa e quer vir. Aí você acaba querendo ler livro só infantil né, você não quer nem ir mais lá na outra parte. Nossa, mas eu adoro.

P- Que bom.

M- Eu acho que faz bem a diferença também a pessoa que conversa, explica, né. Ainda mais que ela é professora, ela sabe mais do que eu, né. Então ela fala: Ah não, você pega tal livro, ah pega esse. Aí ela deu umas dicas bem legal, porque eles adoraram (Marta).

P-E o que você está achando do espaço?

A- Fantástico! Estou adorando (...) (Alice).

P- E porque que o senhor acha importante vir pra biblioteca e trazê-la, aos sábados?

C- Bom, é pra já se acostumar com esse ambiente né. Saber que é um ambiente onde ela vai encontrar livros e essa biblioteca já é uma biblioteca moderna que já tem o espaço para eventos né. Fazer outras formas de transmitir conhecimentos, de cativar as crianças pro ambiente da biblioteca. Então acho que é importante, porque na época do meu Ginásio, eu frequentava biblioteca municipal né, em São Paulo. Eu ouvia sinfônica, desde o ginásio, então isso estimula né, você a ter gosto. No caso aqui, pela leitura né. Você precisa aproximar a criança desse ambiente e em casa também né, é claro. Você precisa trabalhar isso em casa, porque isso é importante para um processo de crescimento da criança né, como cidadã.

P- Entendi. Então o senhor acredita que trazendo vai fazer com que ela... é... tenha gosto.

C- Ah sim, porque a biblioteca promove essas atividades e tem os livros que ela folheia. Quando ela vem aqui pega um livro, você lê, brinca aqui, então ela vai sentindo aqui um ambiente prazeroso né, que é a biblioteca! E isso que é importante! (Clóvis)

P- E depois que vocês começaram a participar da biblioteca, você sentiu alguma diferença?

L- Ela animou mais. A Luana que tem mais dificuldades, né. A Lídia sempre tá mudando de livros, né. Então ela vem cá, pega uns livros bem grossos e lê tudo. É tranquilo. Com a Lídia eu não tenho problema com leitura, mas a Luana agora ela despertou mais. Porque aí ela vê que tem...Principalmente as moças daqui da biblioteca ela fala assim: Mãe eu tenho um monte de amiga adulta. Que aí ela chega aqui, já conversa com as moças aqui, e elas já vão indicando. Elas que indicam os livros melhores pra ela né, como ela está aprendendo a ler e ela não conhece muito bem a letra, só gosta ... É conhece mais a letra de fôrma né, a maiúscula.

P- Sim.

L- Inteira maiúscula. Então aí a moça vai, procura um livro que...Nossa ela ama. Tanto que primeiro foi “A casa sonolenta”. Ela amou.

- P- Ah, eu conheço esse livro. É lindo.
 L- É. Ela amou o livro. Aí ela foi, levou e aí foi fácil de aprender a ler, porque repete bastante, então quando repete muito as palavras eles fixam mais na cabeça né.
 P- Ahã.
 L- Aí ela gostou.
 P- E esse livro foi uma indicação?
 L- Foi indicação das moças aqui. Então sempre, ela já chega aqui, já conversa com elas.
 P- Entendi.
 L- Já conversa com elas e já pede. Aí elas vem cá, procura.
 P- Que legal. Muito bom isso. E como é que você se sente aqui nesse ambiente da biblioteca?
 L- Aqui é muito bom. Confortável é... eu acho que tem... é tranquilo né. Não tem muito barulho. É muito bom. Ela fica ali brincando, depois pega um livro, tenta ler (risos). E depois devolve vai pegando. Mas assim, é bem confortável aqui. Muito bom.
 P- E como você? Você já precisou de ajuda é... pra localizar algum livro?
 L- Ah, as meninas atendem muito bem aqui. Chegar, perguntar, elas já vem, já acha rapidinho (Lúcia).
-

***4.3 Atividades diferenciadas**

Neste subnúcleo os sujeitos mencionam a importância de frequentar a biblioteca para ser ter acesso às atividades diferenciadas que ela oferece, tais como as contações de história, os lançamentos de livros e as oficinas que são destinadas às crianças e aos adultos acompanhantes. São momentos que, segundo os sujeitos, além de proporcionar lazer para os adultos e às crianças, contribuem como espaço de formação, incentivando uma relação diferenciada com os livros e os modos de ler e contar histórias de forma mais atrativa.

Muitos dos sujeitos, que atualmente são frequentadores da biblioteca, relatam ter conhecido a instituição porque procuravam um teatro ou outra forma de entretenimento para a família e, ao serem informados das contações, vieram para prestigiar a atividade. No entanto, ao conhecerem a instituição, encantaram-se e decidiram se associar, passando a visitar o local não apenas para os eventos, mas também para realizar empréstimo dos livros.

A primeira vez que vim pra biblioteca eu me lembro que foi um convite para um teatrinho. O que eles fazem com uma certa frequência, teatros. Fazia mais no outro prédio. Mas aí vinha um grupo cantar, ou fazer alguma encenação e era os momentos que eu colocava a Maria Eugênia dentro da biblioteca também (...) Aí encontramos um livrinho que ela se interessou, pediu pra ler e eu li pra ela. E aí daí com essa frequência de pelo menos a cada 15 dias eu tô aqui, né, e dando esse espaço pra ela. (...)

- P- E o senhor falou que participa das contações de história né. Que que o senhor acha desse momento?
 A-Ah eu acho muito legal. Acho uma coisa assim que estimula elas a...Eu acho assim que uma outra pessoa contando uma história, ou chamando a atenção, dando uma sequência ou colocando um drama, uma pessoa que tem esse dom é... eu acho que é legal porque incentiva elas a quererem ah...chegar ao fim de uma história, a entender melhor, a fazer uma interação.
 P-Ahã.
 An-Isso é legal (Antônio).
-

- P- E porque você acha importante trazê-la, desde tão pequenininha?
 R- Pra incentivar né, o hábito da leitura! Pra ampliar os conhecimentos dela em relação ao mundo. Nessa faixa etária o lúdico dela também precisa ser bem desenvolvido, a imaginação. É por isso.
 P- E o que você acha desse momento de contação de história?
 R- Eu acho extremamente importante e bem agradável para as famílias, pra criança também um momento de interação, de conhecer outras crianças. A gente...outros pais conhecerem outros pais e estar inteirado com a leitura (Roberta).
-

- P- E como que você ficou sabendo das contações e dessa biblioteca que faz três meses que você participa?
 V- Pela internet. É... eu procuro os teatrinhos que tem no Polytheama, né (Teatro Municipal da cidade), então através dessas programações eu vi contação de história e a primeira vez que eu vim na biblioteca foi procurando uma contação de história e eu nem sabia que tinha todo esse espaço aqui. Quando eu conheci, a gente amou e acabou frequentando. (...) A cada quinze dias, que é a data do vencimento do livrinho eu venho. Aí eu trago ela e acabo vindo também pra participar das contações de história.
 P- E o que você tá achando desse momento de contação de história?
 V- Nossa, excelente. Ele acabou virando o passeio da família.

Meu marido vem junto, e a gente se programa: Ah esse fim de semana a gente vai pra biblioteca. (...) Ah é muito gostoso. Eu acho que eu como mãe fico mais observando a carinha dela. Quando ela participa, quando ela responde alguma coisa que a contadora faz e eu fico feliz com isso, que ela se interessa, que ela tá participando. Eu trago mesmo pensando nela (...)

Eu acho que o diferencial da minha contação de história pra minha filha e de trazer ela aqui, é que aqui envolve música, tem um algo mais na contação, né. Tão sempre preparando alguma coisa diferente, uma musiquinha, uma dobradura, um fantoche. Tem outros recursos. Acho que o diferencial são os recursos que as pessoas utilizam aqui pra deixar a história mais viva, mais atraente (Viviane).

M- Olha eu acho que trazer pra biblioteca, pra oficina de leitura é uma forma muito importante pra estimular o filho, porque se essa pessoa que está trazendo ela não tem o hábito, mas a pessoa que está contando certamente tem o hábito de leitura, sempre teve. Então se há uma diferença entre as duas, a criança vai sair ganhando.

P- E acho que a oficina enriquece muito.

M- Você aprende com o corpo, de novo a linguagem corporal como meio, não de... É um meio de apreensão. Que todo aprendizado passa pelo corpo. Se você quiser, dá uma buscada lá que você vai achar. A gente estudava muito um teórico chamado John Dewey e ele fala da arte como experiência e que a mediação vai se tornar significativa quando ela sai do nível do cotidiano e ela passa pro nível extraordinário na sua experiência. Ali você tá tendo uma experiência e aquela experiência é que você vai levar pro resto da vida, que vai ficar gravado na memória. É algo que vai, te tira do seu cotidiano. Geralmente o que te tira do seu cotidiano é o que passa pelos seus sentidos, pela sua expressão corporal. Então eu acho o máximo a monitora, depois... Bom primeiro que durante a historinha mexeu com música. Todos os gestos que elas faziam, pedir pras crianças cantarem durante a música e até o encerramento que ela fez, que acho que era uma atividade mais pra descontrair as crianças, mas funciona como esse link com o corpo, com a expressão corporal que ajuda a memorizar, a trazer essa experiência da história, de novo, trazer esse momento da história como uma experiência, daí sim essa experiência gravada na memória.

P- Aha. Faz todo o sentido pra criança né.

M- Eu acho que sim. E a idade das crianças varia muito. Então a maneira como você usa esse envolvimento dos outros sentidos ele é muito significativo, principalmente para as crianças mais novas. Elas não têm a memória como a gente tem: linear, cronológica, embora a nossa memória não seja tão linear assim, mas a memória delas é muito movimentada, então eu acho muito importante para fixar (Marcela)

P- E porque a senhora passou a frequentar a biblioteca com eles?

Ang- Então, é porque aqui eles montaram esse espaço que é mais lúdico, né, então acaba tendo o atrativo, porque a criança... Só o livro a gente já tem em casa, tem bastante, né. Na escola eles também têm acesso. Então esse espaço mais lúdico pra criança já estimula bem pra criatividade, pra oralidade. (...)

P- Então a senhora vem mais para participar dos eventos ou também faz empréstimo de livros?

A- Não, mais para os eventos!

P- Só os eventos? Livros você já chegou a emprestar ou não?

A- Faz muito tempo. Pra mim! Porque na escola deles tem uma biblioteca boa e eles têm empréstimo de livros.

P- Eles estudam em qual escola?

A- Pela prefeitura mesmo.

P- Que bom que tem uma biblioteca legal!

A- Mas pra faixa etária deles ainda, o interesse deles mesmo é ver a história, a prática. Então que nem hoje tá tendo o teatro! Tem histórias que eles vêem aqui e já tão acostumados a ler, eles vêem na prática. Ano passado teve uma história muito legal aí que eles já conheciam a história inteirinha e quando viu aqui, dá outra qualidade pra história!

P- A senhora lembra qual história que era?

(A filha sai do tapete de contação e vai mostrar para a mãe a peruca que colocou durante a contação, interrompendo-nos)

P- Olha, que linda!

A- Tá vendo ó. Participa né.

P- Que linda Micaela! Tá legal a história lá?

M- Tá! (E sai correndo).

A- Era da "Maria vai com as outras", que era uma ovelhinha.

P- Sei! "Maria vai com as outras".

A- Foi muito legal. Ela tinha visto aquela semana. Ela sempre pegava aquele livro na escola, porque ela gostava. E naquela semana a professora tinha trabalhado aquele livro então quando ela chegou aqui, ela já viu na prática né. Chegou no final da história, que aquela ovelhinha ela não pulou. Todas elas se deram mal e ela já sabia, mas precisa ver que interessante pra eles. Estar dentro da história!

P- Eles se sentem então ali, participando de uma história que eles viram no livro?

A- É.

P- Então é por essa razão que a senhora costuma trazê-los?

A- É, e eu acredito que eles crescendo mais, esse interesse pelo lúdico diminui. Daí ó... que nem o meu menino, eu já vi olha. Ele tava lá ouvindo a história, cada pouco ele já vem pro xadrez. É a segunda vez já que eu vejo ele sair e vir para o xadrez. E o objetivo é isso mesmo né. Vai crescendo e vai aparecendo os outros interesses. Já tem um ambiente que propicia né. Mesmo o xadrez, a oficina de desenho, então conforme eles vão crescendo, aqui mesmo eles vão percebendo outras possibilidades. Vai tendo interesse por outras coisas (Angélica).

P- E vocês vêm para participar das contações e dos eventos, como hoje, ou apenas para emprestar livros também?

So- Pelos dois momentos. Pelos dois momentos, porque assim... Eu acredito assim que a criança tem que fazer não só a leitura assim do suporte, do livro em si. Isso é bacana, é muito bom, mas assim que nem a ponte que ela fez de contar uma história (aponta para as contadoras que estão no tapete), isso favorece a criança a ter curiosidade em fazer uma leitura, né. Então eu acho assim muito bacana esse incentivo. Que nem assim, alguns pais talvez tragam mais pelo movimento aí acabam levando os livros, mas acho que uma coisa completa a outra, né (Sônia).

P- E observando as contadoras de história, mudou alguma coisa na sua forma de contar história pra sua filha?

An- Ah sim. A entonação, o jeito. Ah você se identifica com algumas, né. E sem dúvida você traz isso pro teu jeito de falar. Inclusive a Maria Eugênia essa semana fez uma... um questionamento que eu achei muito engraçado, porque eu tava, nós estávamos estudando geografia juntos essa semana e eu tava falando, estudando como se fosse falando uma historinha. Aí ela falou: Pai isso aqui não é uma história! Isso aqui é geografia, né. (...) Eu acho que assim não é só a entonação, mas tem todo um contexto, né. (Antônio).

P- Mas o que você acha desse momento da contação?

K- Super interessante! (Fala enfatizando a palavra super)

Nossa! Muitas crianças ficam assim sabe (ela arregala os olhos, como se estivesse representando uma criança atenta durante a contação de história). Assim eu acho que aí vai da professora também, né, porque as crianças, você tem que domar as crianças, né, porque tem criança bagunceira, aquelas crianças que você tem que pegar a atenção delas né. Tem que pegar a atenção delas. Então eu via às vezes que tinha professora que pegava, conseguia pegar a atenção. Fazendo alguma coisa assim diferente, trazendo a criança pra participar da história. (...) Eu não sei se era pelo tom de voz dela, porque acho que ela tem que fazer né: "Aí criança, então era uma vez" (Ela fala com uma voz mais animada, empolgante e ri depois). Mas eu gostei. Todas histórias que eu venho assistir eu fico, eu fico mais vidrada que a minha filha. Minha filha fica assim, fica assim prestando atenção (imita a filha com olhos vidrados e ri). E eu fico assim: Nossa que lindo! (Demonstra empolgação e ri).

P- Fica maravilhada!

K- Muito mais criança do que ela (a mãe ri novamente).

P- E participar das contações mudou alguma coisa pra você na sua forma de contar história?

K- Sim, sim. Quando eu vi a professora contando a história eu falei: "Aí quero contar desse jeito!" Eu quero fazer igualzinho! (A mãe ri) Tanto que eu participo de cuidar das crianças na igreja, né, quando eu vou contar história eu quero fazer da mesma forma! E eu percebendo que eles ficam prestando atenção em mim. Eu falo: "Gente, agora eu vou contar uma história!" (Imita o tom de voz que ela usa com as crianças, falando baixo, como se fosse contar um segredo, para aguçar a curiosidade). E as crianças faz assim ó (arregala os olhos). Eles olham pra minha cara e falam: nossa! Eles não me chamam de louca, isso que é engraçado (a mãe ri) (Karen).

P- E a senhora vendo essas contações, muda alguma coisa no jeito da senhora contar história também?

AM- Muda. Muda. A gente vai absorvendo as técnicas, entendeu? Embora eu já... Como eu trabalhei também com criança em creche, eu era voluntária, então você já vai pegando naturalmente o jeito (Amélia).

P- E você começou a vir por quê?

T- Porque eu vi, por trabalhar na escola, né, eu comecei a ver, receber a programação da biblioteca. Via que tinha contação de história, tinha teatro, aí comecei a levar ela (Tatiana).

(A avó mostrava fotos que estavam em seu celular de momentos que os netos liam)

P- E as contações, a senhora participa, né? Pelo que eu vi nas fotos...

M- Ahã.

P- O que acha desse momento?

M- Nossa. É... é o que há. É fazer com que a criança viva né, a realidade. Você está gravando né? (risos).

(Quando ela pergunta se estou gravando não sei se está tímida para falar, ou se apenas quer confirmar se já liguei o gravador para não perder a informação).

É muito, muito né. Leitura é tudo né. As crianças que convivem com esse universo tem outro, tem alguma coisa que parece de além de as escolas terem responsabilidade de ensinarem, incentivarem e as famílias também. Parece que tem alguma coisa, em algumas crianças, que já é meio que inata. Por exemplo: essa pequenininha aqui, ela ama! (Marisa)

D- Não. Eu nunca peguei livro da biblioteca e levei ainda. Essa parte ainda não. Só vim pra trazer pra contação, leio os livros enquanto to aqui e depois vamos. Nunca levei não (Débora).

P-Fabiana então eu te encontrei a primeira vez no lançamento de livros né?

F- Foi

P- Você estava participando com as meninas, né. E hoje aqui na contação de histórias. Então você tem vindo com bastante frequência?

F- Não tanto quanto eu gostaria (risos). Mas sempre quando tem uma atividade a gente tenta sempre vir. (...)

P- E você vem para a biblioteca por qual razão?

F- Além de incentivar elas a ler né, todos nós somos sócios. Então elas pegam os livrinhos delas, mas pra participar das atividades também né, das opções. Jundiaí tem tão pouco, quando aparece a gente corre (risos).

P- E o que você acha desse momento aqui?

F- Ah, é maravilhoso. Elas adoram e estimula né. Você lê uma historinha, pega um livro... (Fabiana).
